







INDICE

Assumpto	Pags.
Introducção	7 a 20
Numeros indices dos principaes artigos de alimentação no Brasil — (Quadro relativo ao triennio 1921-1923)	12
Graphico mostrando os numeros indices e augmentos no triennio por artigos	17
Graphico mostrando os numeros indices e augmentos médios no triennio por mercados.	18
Augmento médio annual dos preços por artigos e por mercados de 1911 a 1921 e até 1923.	19
Organização do estudo sobre a circulação dos productos agricolas e custo da vida em relação aos artigos de alimentação	19
Estado do Amazonas.	21 a 38
Circulação dos productos agricolas	23
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	31
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	34
Estado do Pará	39 a 64
Circulação dos productos agricolas	41
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	55
Relação das principaes casas-exportadoras do Estado	60
Estado do Maranhão	69 a 88
Circulação dos productos agricolas	71
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	83
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	85
Estado do Piauhy.	89 a 106
Circulação dos productos agricolas	91
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	103
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	106
Estado do Ceará	107 a 121
Circulação dos productos agricolas	109
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	119
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	121
Estado do Rio Grande do Norte	123 a 143
Circulação dos productos agricolas	125
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	141
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	143

Assumpto	Pags.
Estado da Parahyba do Norte	145 a 163
Circulação dos productos agricolas	147
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	161
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	163
Estado de Pernambuco	165 a 188
Circulação dos productos agricolas	167
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	183
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	186
Estado de Alagôas.	189 a 204
Circulação dos productos agricolas	191
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	199
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	202
Estado de Sergipe.	205 a 222
Circulação dos productos agricolas	207
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	217
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	220
Estado da Bahia	223 a 238
Circulação dos productos agricolas	225
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	233
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	237
Estado do Espirito Santo	239 a 261
Circulação dos productos agricolas	241
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	249
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	251
Estado do Rio de Janeiro	263 a 277
Circulação dos productos agricolas	265
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	275
Districto Federal	279 a 291
Subsidios para o estudo da circulação dos productos agricolas.	281
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	283
Estado de S. Paulo	293 a 340
Circulação dos productos agricolas	295
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	327
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	329
Estado do Paraná.	341 a 360
Circulação dos productos agricolas	343
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	355
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	357
Estado de Santa Catharina	361 a 378
Circulação dos productos agricolas	363
Custo da vida em relação aos artigos de alimentação	373
Relação das principaes casas exportadoras do Estado	375





INTRODUÇÃO

Até hoje, o estudo da nossa vida economica, sob seus multiplos aspectos, não tem merecido o devido cuidado, de modo a se acompanhar a lei das fluctuações rythmicas.

As observações de ordem economica não se revestem ainda de forma precisa, principalmente quando ferem interesses de natureza privada, faltando documentos ou cifras com que combater concepções muitas vezes perigosas para a economia do paiz.

Foi attendendo a isso, com a necessidade de nos familiarisarmos com esses estudos, que tomei a deliberação de divulgar o uso dos *numeros-indices*, conforme trabalho dado á publicidade pelo Serviço em 1922, completado agora por um exame mais detido da circulação dos productos agricolas, em todos os nossos Estados, apreciando a vida economica de cada um delles e do Territorio do Acre, como o progresso alcançado e os embaraços creados a uma maior expansão do paiz.

De muitos dados precisamos para conhecer o rythmo da nossa vida economica tal qual ella se nos desenrola deante dos olhos.

E que esses estudos se fazem necessarios, não pode haver mais duvida alguma; e é justamente por não possuil-os que queremos muitas vezes applicar ao nosso meio theorias e principios de economia politica feitos para outros povos, em condições—sociaes e economicas—muito differentes das nossas.

Outra situação desfructuramos se estivessemos aptos a guiar os elementos que influem sobre a producção, principalmente quanto aos mercados para venda dos productos, alcançando-se preços médios para a producção.

Bastará reflectir-se sobre o que acontece com a circulação dos nossos productos agricolas nos diversos Estados, para ter-se uma noção dos embaraços que cercam o desenvolvimento da nossa agricultura.

De longa data os economistas vêm notando que um movimento constante agita os phenomenos economicos. Mas, simultaneamente, com as fortes oscillações dos preços das mercadorias e suas consequencias sobre os centros de maior densidade de população, foi-se levado a conhecer as causas susceptiveis de concorrer para semelhante phenomeno.

Chamam os economistas a essas fluctuações de cyclos, que procuram estudar cuidadosamente pela importancia que possam ter na vida pratica e, tambem, por observação scientifica.

De outro modo, como será justo convir, as crises appareceriam de improviso; com proposições de verdadeiro cataclysmo, cujas penosas consequencias podem attingir toda a economia de um paiz.

A determinação do rythmo economico, com character de aproximação, qualquer que elle seja, exige conhecimentos especiaes, bem assim o préparo de tabellas e graphicos para estabelecer-se as oscillações periodicas, trabalho esse, sem duvida complexo, que de todo actualmente nos escapa. Entretanto, na nossa vida economica, uma serie de phenomenos existe cujas variações essenciaes poderiam ser conhecidas; e, dessa forma, chegar-se a estabelecer os traços dos cyclos economicos, isto é, os caracteristicos principaes de suas fluctuações.

É assim que existe o rythmo dos preços, do custo da producção, dos salarios, das rendas, etc.

Em virtude das bruscas oscillações verificadas no poder acquisitivo da moéda, tanto de ouro, como de papel, muito accentuadas depois da guerra européa, pensou-se em encontrar uma unidade constante de valor que podesse melhor traduzir essas oscillações.

Surgiu desse modo a instituição dos *numeros-indices* (indice-numbers), que permitem apreciar-se da capacidade acquisitiva da moéda em relação ao custo da vida, dos salarios, etc.

A formula usada é a seguinte :

$$I = 100 \frac{P'}{P}$$

P é o preço do anno tomado por base e P' o do anno que se compara.

Sem que estudemos o conjunto das circumstancias capazes de facilitar o trabalho do homem, garantindo-lhe remuneração regular e segura e prevenindo as crises, não será possivel a marcha ascencional, regular, da nossa produção agricola.

*

* *

O preço é, sem duvida alguma, o phenomeno central da vida economica.

Aliás dentro do seu programma de trabalho, propoz-se este Serviço fazer o estudo do *numero-indice*, a varejo, dos principaes artigos de alimentação do paiz, em 1921, confrontando com a cotação em vigor nos annos de 1911-1914, aproveitando-se dos dados approvados pelo Serviço de Inspeção e Defesa Agricolas.

Ramificado como é o Serviço, com suas inspectorias em cada Estado e no Territorio do Acre, nenhuma difficuldade teve para a obtenção dos preços correntes nas capitães e algumas das cidades principaes do interior do paiz, por serem registados e mensalmente enviados á directoria, pelas suas inspectorias. Os preços no Districto Federal têm sido gentilmente fornecidos pela Superintendencia do Abastecimento, — tanto os que se referem ás feiras livres como os do commercio retalhista desta Capital.

E com taes elementos, obtidos *in loco* por órgãos autorizados, é que o Serviço, — sem a menor contradicta das partes mais directamente interessadas —, vem elaborando o trabalho e assim contribuindo, com esforço e dedicação, para o estudo do custo da vida no Brasil. Tomando a seu cargo a parte referente aos principaes artigos de alimentação, tem feito incidir suas apreciações sómente sobre os *preços da unidade no varejo*, e, não ainda tambem, — á mingua de observações seguras e só excepcionalmente bem succedidas e acceptaveis —, *aos dispendios da alimentação dos individuos*, isoladamente ou em familia, considerando os habitos e recursos das classes sociaes a que pertencem.

Num trabalho dessa natureza seria do maior alcance para o estudo do custo de vida em relação á alimentação, não só o indice dos preços de cada genero de per si como dos dispendios para o alimento do individuo ou da familia. Mas, variando os costumes e preferencias de maneira accentuada dentro de um mesmo Estado, num mesmo mercado e em cada classe social, avultam as difficuldades para a execução desse commettimento. Entretanto, os *numeros-indices* obtidos, e, que se mostram no quadro seguinte organizado com os preços médios, — considerados os *minimos* e *maximos* registados em cada annò —, mostram

de um modo claro as oscillações verificadas nos preços alcançados pelos generos apreciados, — separados e em conjuncto —, nos Estados e no Districto Federal como, em medias, no paiz.

O -exame dos numeros indices referidos, — comparativos dos preços no varejo, durante os annos de 1921 e 1923 —, revela avultado augmento nos preços dos principaes generos alimenticios, chegando ao *consumidor* (media geral) por preços superiores aos correntes em 1921 em cerca de 29%. Considerados, porém, isoladamente, os augmentos verificados no triennio, por producto, esse augmento assume, ás vezes, proporções inquietadoras, — tornando-se alguns generos de consumo generalizados por todas as classes sociaes de difficil aquisição e outros, — até então tambem debicados pelos menos abastados —, sómente accessiveis aos de maior fortuna.

O café, — bebida apreciada em todos os lares —, alcançou 75% de augmento, registando altas de 102, 04% a 140%, nos mercados goyanos, espirito-santenses, paulistas, fluminenses e carioca; — de 60, 76% a 99, 90% nos principaes centros pernambucanos, matto-grossenses, piauihyenses, mineiros, sergipenses, cearenses, parahybanos, amazonenses, catharinenses e maranhenses: e 16, 88% a 37, 90% nos demais mercados.

O assucar, em segundo logar, teve os seus preços augmentados de 63 % regulando as percentagens de altas de 101,95 % a 135,48 % para os Estados de Sergipe, Pernambuco e Alagoas; 50,32 % a 88,28 % nos mercados desta Capital, Rio G. do Norte, Santa Catharina, Ceará, Minas, Bahia, Piauihy, Matto Grosso, Espirito Santo, Pará e Rio Grande do Sul; 29,28% a 45,82 %, — Rio de Janeiro, Paraná, Amazonas, Maranhão, Parahyba e S. Paulo, — fazendo Goyaz excepção, apresentando alta de 1 %, para o assucar de sua producção.

Numeros indices dos principaes

(em 53 mercados (cidades) de todos os Estados,

1921-

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	NUMERO DE MERCADOS	PREÇOS MÉDIOS — (Índice)		AUGMENTO NO TRIENNIO %	INDICE DOS PREÇOS					
			1921	1923		Piauty	Pernambuco	Alagoas	Rio Grande do Norte	Maranhão	S. Paulo
			53			1	4	3	1	2	6
1	Café	53	100	175,00	75,00	184,21	199,90	128,74	119,35	160,76	218,75
2	Assucar.....	53	100	163,00	63,00	165,00	207,07	201,95	182,50	137,57	129,28
3	Farinha de mandioca.....	53	100	143,00	48,00	153,92	166,31	204,86	175,00	131,47	142,89
4	Queijo.....	51	100	138,00	38,00	166,66	144,03	160,00	164,12	—	125,00
5	Batatinha.....	49	100	137,00	37,00	—	175,00	179,41	176,47	119,64	180,00
6	Milho	53	100	133,00	33,00	200,00	162,50	180,55	200,00	141,07	100,00
7	Arroz	53	100	130,00	30,00	211,11	119,50	139,42	126,25	171,75	116,66
8	Manteiga.....	41	100	128,50	28,50	106,25	133,18	—	144,21	152,64	126,76
9	Diversos.....	29	100	127,50	27,50	—	—	106,17	137,56	—	145,27
10	Leite	31	100	126,50	26,50	146,50	—	125,50	125,00	135,10	150,00
11	Feijão.....	53	100	125,50	25,50	200,00	141,35	144,54	135,37	137,40	100,00
12	Ovos.....	43	100	125,00	25,00	—	168,87	120,17	111,42	165,31	200,00
13	Peixes.....	15	100	124,50	24,50	—	—	—	108,10	105,00	—
14	Toucinho.....	52	100	124,50	24,50	114,70	131,88	132,58	116,00	149,48	123,88
15	Banha.....	44	100	121,00	21,00	108,00	138,88	—	140,90	172,57	131,81
16	Farinha e feculas diversas..	48	100	118,50	18,50	100,00	107,31	141,23	128,77	124,22	99,04
17	Oleos alimentares.....	40	100	109,00	9,00	—	145,00	135,41	102,33	95,00	100,00
18	Carnes verdes.....	53	100	108,00	8,00	112,80	127,91	116,32	121,16	127,32	125,25
19	Carnes seccas e em conser- vas.....	53	100	107,00	7,00	80,60	88,97	99,16	127,97	108,72	125,97
20	Bacalhão.....	50	100	104,50	4,50	—	100,50	112,96	118,51	100,00	106,66
	Média.....	—	100	129,00	29,00	146,72	144,59	142,85	133,04	135,28	134,59

artigos de alimentação no Brasil

inclusive as capitães e o Districto Federal)

1923

CORRENTES, A VAREJO, DURANTE O ANNO DE 1923 EM RELAÇÃO AO DE 1921

Santa Catharina	Goyaz	Districto Federal	Parahyba	Sergipe	Espirito Santo	Rio Grande do Sul	Minas Geraes	Ceará	Rio de Janeiro	Bahia	Amazonas	Paraná	Matto Grosso	Pará
1	1	1	1	2	2	1	5	3	5	5	1	4	1	3
165,38	240,00	202,04	172,11	178,40	233,63	134,61	180,16	178,36	216,74	116,88	186,95	123,44	196,59	137,90
179,85	101,00	183,28	132,85	235,48	154,68	150,32	174,46	179,30	145,82	165,30	139,00	140,00	156,78	151,84
218,57	87,50	164,17	188,14	72,36	153,57	220,29	123,51	113,88	136,81	129,00	127,27	146,66	62,22	184,71
123,33	175,00	122,32	151,11	125,00	154,00	145,42	136,25	121,42	134,32	135,99	121,15	133,33	108,42	104,84
128,14	87,50	110,41	127,33	121,42	126,78	145,67	137,52	—	123,98	128,75	100,00	148,57	138,28	110,00
181,05	125,00	115,00	130,00	100,00	128,63	140,84	111,02	135,89	112,83	117,00	116,66	108,69	64,64	119,60
177,88	192,30	125,50	120,22	129,79	115,07	116,66	125,54	124,74	115,58	118,76	94,73	106,25	92,50	80,98
100,00	175,00	131,73	107,24	94,74	130,88	143,87	132,02	—	135,02	—	125,00	132,56	—	108,02
101,39	110,32	170,00	107,24	120,00	—	—	—	150,00	—	125,50	137,77	—	112,00	130,00
115,38	—	129,86	100,00	135,55	146,47	—	—	120,00	—	—	—	120,00	117,29	100,00
106,65	155,00	135,00	127,25	100,00	85,41	193,45	126,07	113,33	117,21	119,18	112,72	105,00	90,05	89,64
112,08	80,00	124,66	—	123,33	130,55	122,04	113,29	—	142,72	—	100,00	103,57	103,67	97,02
—	143,11	130,00	150,00	—	—	—	—	—	—	106,66	133,00	—	—	120,00
—	82,00	105,00	195,40	216,19	127,92	107,82	101,64	125,00	113,54	109,79	94,33	111,42	91,80	134,87
115,90	—	107,84	155,83	129,11	108,25	111,94	107,39	100,00	115,60	—	108,33	125,00	115,09	79,08
102,45	131,31	143,92	121,66	134,69	101,66	122,63	114,66	147,77	103,96	—	115,98	114,73	129,44	78,80
—	130,00	102,26	87,50	96,87	—	88,37	109,84	—	109,14	—	132,69	113,33	—	80,00
95,35	83,33	107,14	113,66	121,75	114,06	80,25	111,51	100,28	99,26	113,27	109,27	93,37	85,46	103,87
87,68	125,00	105,00	92,68	115,00	81,80	80,00	111,15	80,00	101,30	117,03	106,00	100,00	124,53	84,07
—	—	90,50	100,00	118,18	104,24	85,21	104,62	100,00	99,49	113,01	105,50	118,33	93,33	96,55
131,93	130,78	130,53	130,52	129,88	129,27	128,78	126,52	125,99	124,90	122,58	119,28	119,12	110,71	109,58

A farinha de mandioca,—base da alimentação dos nordestinos—, e, género de grande consumo nos principaes centros commerciaes do paiz, apresenta-se em terceiro lugar, não obstante haver baixado em Matto Grosso, Goyaz e Sergipe, com a alta de 48% sobre 1921, assignando os maiores augmentos, —104,86% a 120,29% os mercados sul-riograndenses, catharinenses e alagoanos; 53,57% a 88,14% os mercados parahybanos, paraenses, norte-riograndenses, pernambucanos, da Capital Federal, piauihyenses e espirito-santenses e 13,88% a 46,66% os mercados paranaenses, paulistas, fluminenses, maranhenses, bahianos, amazonenses, mineiros e cearenses.

As farinhas e feculas diversas, entre as quaes arrolamos a do trigo, augmentaram de 18,50% em média para todos os mercados, exceptuados os da Bahia, regulando altas até 47,77% na maioria dos mercados e pequenas baixas nos mercados do Pará e S. Paulo.

Em seguida figura o queijo com um accrescimento de 38% que, como genero de limitado consumo, não interessa tanto quanto o leite. Este, embóra em decimo lugar entre os generos apreciados, alcançou em 1923 um augmento médio de 26,50% sobre o preço do litro em 1921, não éntrodo no computo os mercados do Amazonas, Pernambuco, Bahia, E. do Rio de Janeiro, Santa Catharina, Minas e Goyaz que, provavelmente, elevariam a média a um outro plano talvez superior ao attingido pelas percentagens attribuidas ao queijo e á manteiga (esta com 28,50%), como se verifica nesta Capital.

A batatinha, genero cujo consumo parece augmentar,—insinuando-se sob multiplas fórmas na nossa alimentação—, com a sua cultura que é feita em maior escala nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Minas, Rio e ultimamente, tambem, nos do nordeste, sobretudo Pernambuco e Parahyba, neste, especialmente, que hoje com as batatas de Esperança abastece mercados

visinhos, entre os quaes avultam os do Rio Grande do Norte, teve seus preços elevados de 37% no triennio, attingindo os augmentos de 75 a 80% nos mercados paulistas, alagoanos, norte-riograndenses e pernambucanos; 21,42% a 48% nos principaes centros consumidores do Paraná, Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Minas, Bahia, Santa Catharina, Parahyba, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Sergipe; 10 a 19,64% nos mercados maranhenses, carioca e paraenses. No Amazonas foram mantidos os preços correntes em 1921 e em Goyaz, onde o consumo é pequeno, houve baixa de 12,50%. Piauhy e Ceará não foram contemplados nessas apreciações.

Vejamos agora as alterações apresentadas nos preços do milho e do feijão, — artigos de tal importancia na alimentação do nacional, que dispensam qualquer citação. O primeiro, em natureza ou transformado, prestando-se ao preparo de iguarias aprimoradas, é consumido em todo o paiz, — mais nos Estados centraes e do Sul que nos do Norte —, e, o segundo, em maior escala ainda, — alimento do pobre e que figura nas mesas abastadas —, é objecto do maior consumo. O milho, com um augmento de 33%, teve suas maiores altas, — 100% no Piauhy e Rio Grande do Norte; 62,50% a 81,05% nos mercados de Santa Catharina, Alagoas e Pernambuco; 11,02% a 41,07% nos mercados do Maranhão, Rio Grande do Sul, Ceará, Parahyba, Espirito Santo, Goyaz, Pará, Bahia, Amazonas, Districto Federal, Rio de Janeiro, Minas e Paraná. Nos mercados sergipenses e paulistas não houve alterações apreciaveis e nos de Matto Grosso, em consequencia da má circulação da producção, foi registada uma baixa de cerca de 35% no triennio. O feijão, com a alta média de 25,50% nos 53 mercados estudados, registou altas de 100% no Piauhy, 93,45% no Rio Grande do Sul e 55% em Goyaz; 5 a 44,54% nos mercados alagoanos, pernambucanos, maranhenses, norte-riograndenses, carioca, para-

hybanos, mineiros, bahianos, fluminenses, cearenses, amazonenses, catharinenses e paranaenses. Não experimentou alterações apreciáveis nos mercados de Sergipe e S. Paulo e, sob influencia de factores indeterminados, baixou de 9,95% a 14,59% nos Estados do Espirito Santo, Pará e Matto Grosso.

Os ovos, cujos preços oscillam desordenadamente durante um anno, foram augmentados de 25%, em média.

Os peixes frescos e seccos, máo grado as difficuldades offerecidas ao exacto registo de seus preços, — vendidos, como são, mais das vezes “a olho”, foram tambem augmentados em cerca de 24,50%, — nos mercados da Parahyba, Goyaz, Amazonas, Districto Federal, Pará, Rio Grande do Norte, Espirito Santo e Maranhão.

O toucinho e a banha, consumidos em todo o paiz, — mais n'uns que em outros Estados, de accôrdo com os habitos e necessidades locais —, experimentaram, respectivamente, altas médias de 24,50% e 21%, sendo as maiores elevações nos preços do toucinho, — 116,19% e 95,40% nos mercados de Sergipe e Parahyba e baixas de 5,67% a 18% nos de Goyaz, Matto Grosso e Pará. Nos demais mercados oscillaram os augmentos entre 1,64% e 49,48%. A banha, não computados os mercados de Alagôas, Bahia e Goyaz, manteve o mesmo preço no Ceará, baixou no Pará e subiu de 7,39% a 72,57% nos demais.

Examinados os preços das carnes verdes, consumidas em todo o paiz, nota-se um augmento médio de 8% no triennio, registando-se baixas nos mercados fluminenses, paraenses, catharinenses, goyanos e matto-grossenses e altas nos demais, variando estas entre 0,28% no Ceará e 27,91% em Pernambuco.

Nesse grupo, — carnes verdes, — notando-se certa uniformidade nas oscillações, estão arroladas as carnes de vacca, porco, carneiro e caprino, esta ultima apenas em alguns mercados nordestinos. As carnes seccas e em conservas

tambem largamente consumidas, foram agravadas em 7 %, notando-se baixa nos mercados do Pará, Piauhý, Ceará Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Espirito Santo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul e alta nos demais, a excepção do Paraná onde os preços foram mantidos.

Esses productos e sobretudo o *xarque* e a *carne de sol*, — companheiros habituaes do feijão ou da farofia — em muitos lares menos abastados estão de ha muito arrolados entre os artigos de difficil aquisição.

O bacalhão, do mesmo modo, de alguns annos a esta parte, objecto de elevado custo, subiu pouco, — 4,50 % sobre 1921, — parecendo, mesmo assim, que, pouco a pouco, será reduzido o seu consumo a medida do desenvolvimento e organização da industria do *peixe secco*, já preferido em alguns mercados.

Os oleos alimentares, entre os quaes o azeite doce estrangeiro e o nacional, este de amendoim, algodão, etc., o azeite de dendê e outros já de consideravel consumo em alguns mercados, tiveram seus preços elevados de 9 %, em média no triennio, — excluidos na apreciação os mercados do Piauhý, Ceará, Bahia, Espirito Santo e Matto Grosso por escassez de informações.

Finalmente, sob o título — *diversos* — reunimos no quadro junto alguns artigos, predominando os *condimentos* sobre os *dôces* e alguns *fructos*, que alcançaram augmentos de 70 % no Districto Federal, 50 % no Ceará e 1,39 a 45,27 % nos mercados paulistas, amazonenses, norte-riograndenses, paraenses, bahianos, sergipenses, matto-grossenses, goyanos, parahybanos, alagoanos e catharinenses, — equivalentes á média de 27,50 % nesses centros de consumo.

* * *

Dispostos os *indices* obtidos por productos, temos os seguintes augmentos medios no paiz: — café, 75 %; as-

sucar, 63%; farinha de mandioca, 48%; queijo 38%; batatinha, 37%; milho, 33%; arroz 30%; manteiga 28,5%; leite, 26,5%; feijão, 25,5%; ovos 25%; peixes frescos e seccos, 24,5%; toucinho, 24,5%; banha, 21%; farinhas e feculas diversas, 18,5%; oleos alimentares, 9%; carnes verdes, 8%; carnes seccas e em conservas, 7%; bacalhão, 4,5%; e diversos, 27,50%, — no triennio de 1921-1923.

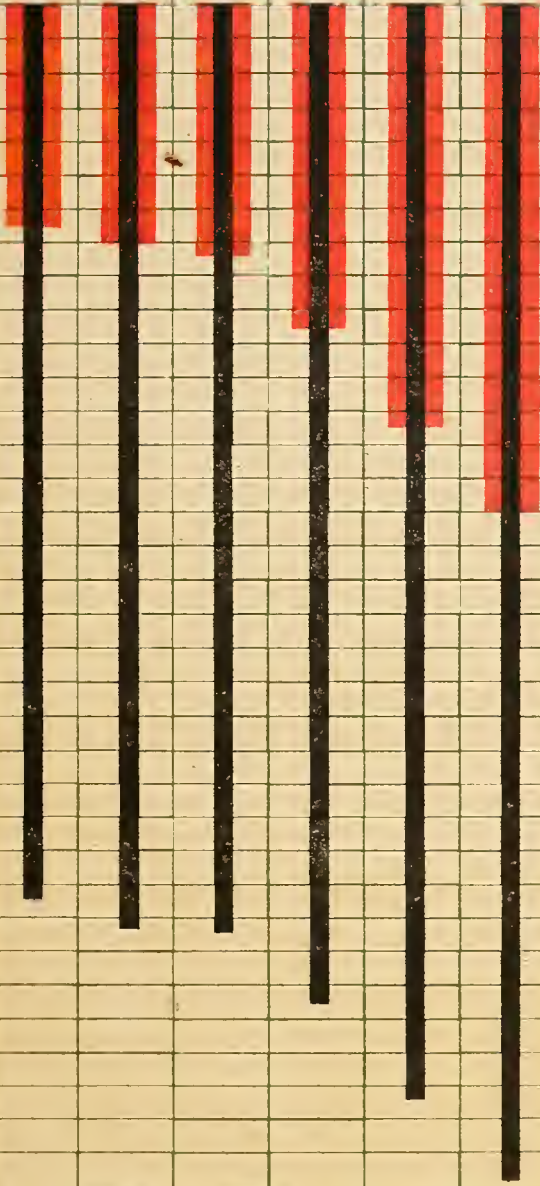
Os augmentos que, durante o mesmo periodo, foram verificados por mercados são os seguintes:— Piauhy, 46,74%; Pernambuco, 44,59%; Alagôas, 42,85%; Rio Grande do Norte, 38,04%; Maranhão, 35,78%; S. Paulo, 34,59%; Santa Catharina, 31,93%; Goyaz, 30,78%; Districto Federal, 30,53%; Parahyba, 30,52%; Sergipe, 29,88%; Espirito Santo, 29,27%; Rio Grande do Sul, 28,78%; Minas, 26,52%; Ceará, 25,99%; Rio de Janeiro, 24,90%; Bahia, 22,58%; Amazonas, 19,28%, Paraná, 19,12%; Mattô Grosso, 10,71%; e Pará, 9,58%.

* * *

Convem notar que estes augmentos datam de annos atraz,—bastando recordar que de 1911—14 a. 1921, registou esse Serviço os seguintes:—manteiga, 123%; feijão e milho, 84%; assucar, 82%; carnes, 78%; ovos, 77%; toucinho e banha, 74%; arroz, 64%; e farinha de mandioca, 43%.

E, em relação aos mercados, os abaixo:— Districto Federal, 110,80%; Rio Grande do Sul, 109,91%; S. Paulo, 103,58%; Santa Catharina, 100,95%; Rio de Janeiro, 97,40%; Pernambuco, 92,84%; Minas Geraes 89,53%; Paraná, 83,04%; Goyaz, 81,27%; Espirito Santo, 75,92%; Rio Grande do Norte, 66,12%; Alagôas e Mattô Grosso, 58,40%; Ceará, 58,29%; Bahia, 57,90%; Parahyba,

Café Assucar FarMandioca Queijo Batatinha Milho



Nº DE MERCADOS

53 53 53 51 49 53

N.º DE MERCADOS

53

53

53

51

49

53

53

41

29

31

53

43

15

52

44

46

40

53

53

50

175

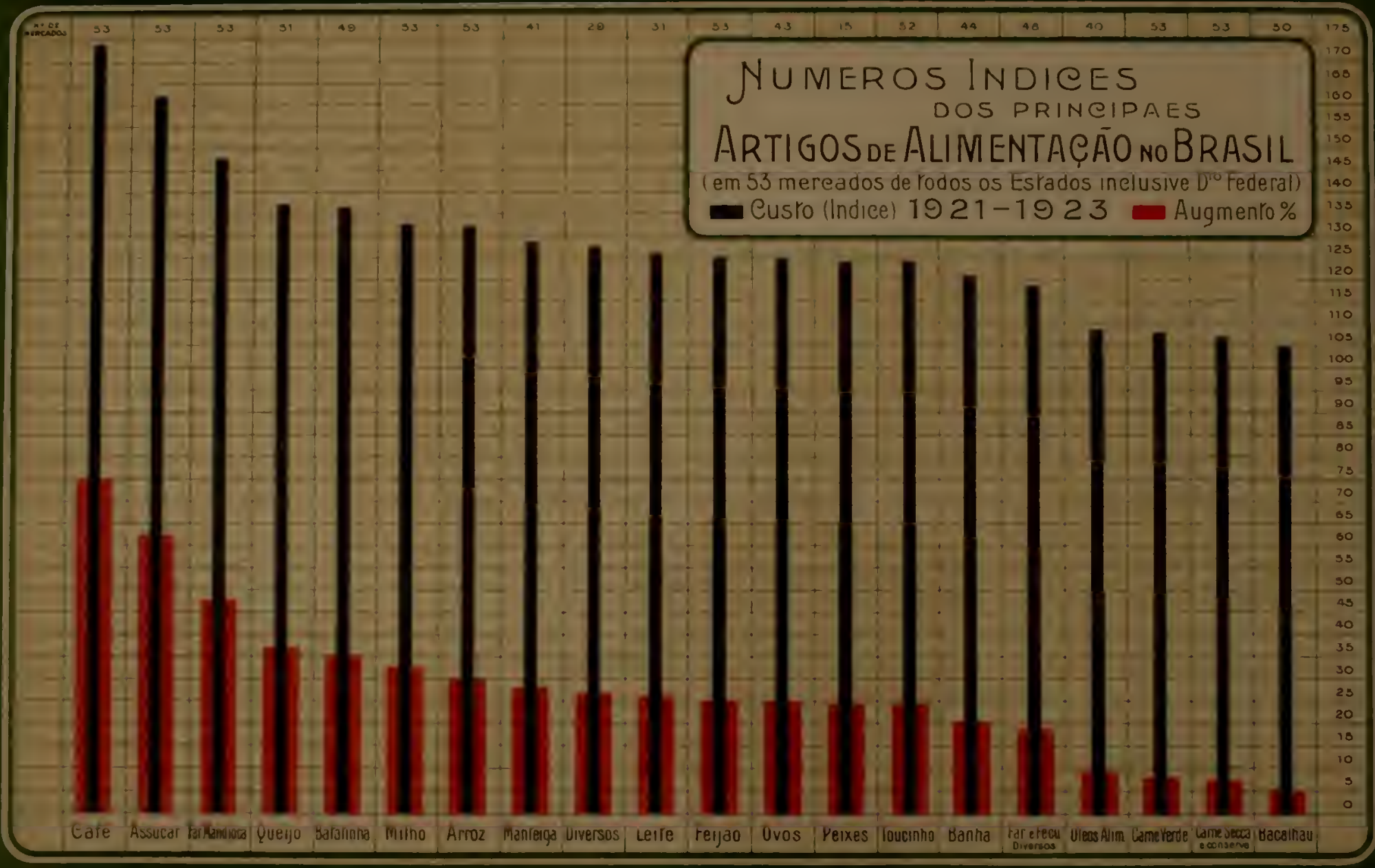
NUMEROS INDICES DOS PRINCIPAES ARTIGOS DE ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

(em 53 mercados de todos os Estados inclusive D.º Federal)

■ Custo (Índice) 1921-1923 ■ Aumento %

170
168
160
155
150
145
140
135
130
125
120
115
110
105
100
95
90
85
80
75
70
65
60
55
50
45
40
35
30
25
20
15
10
5
0

Cafe Assucar Far Amidoada Queijo Bafalioha Milho Arroz Manfeqa Diversos Leite Feijao Ovos Peixes Ioucinho Banha Far e feca Diversos Oleos Alm. Carne Verde Carne Seca e conserve Bacalhau

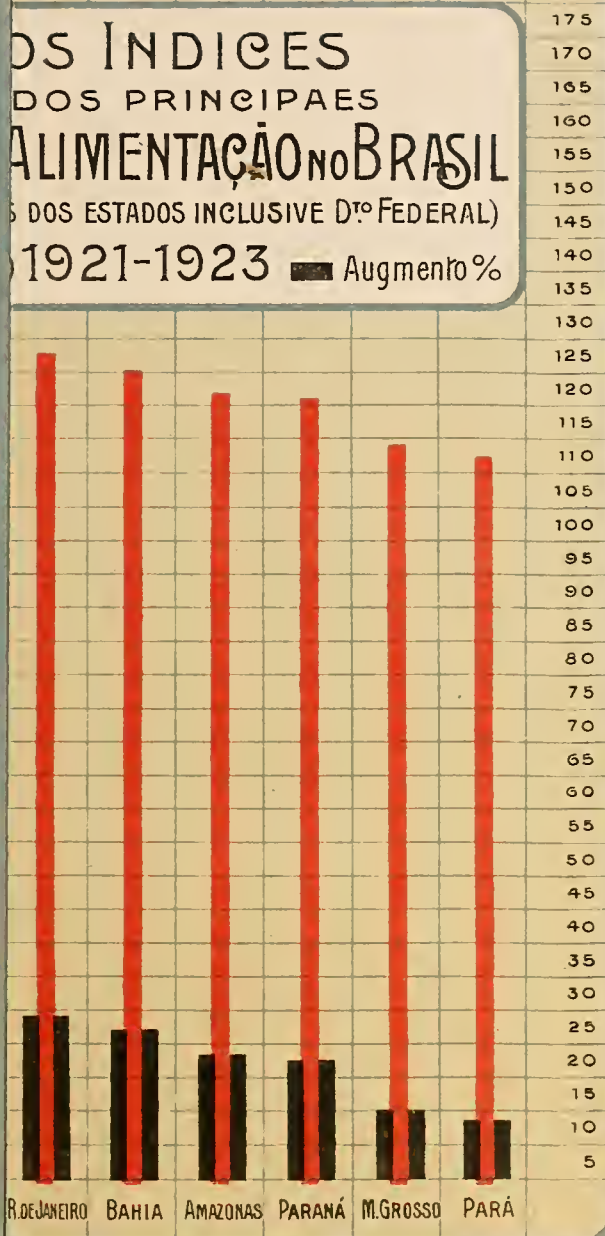


5 5 1 4 1 3

OS INDICES DOS PRINCIPAES ALIMENTAÇÃO NO BRASIL

(DOS ESTADOS INCLUSIVE D^{to} FEDERAL)

1921-1923 ■ Augmento %



Nº DE MERCADOS

1 4 5 1 2 6 1 1 1 1 2 1 1 3 5 3 1 4 1 3

NUMEROS INDICES
 DOS PRINCIPAES
 ARTIGOS DE ALIMENTAÇÃO NO BRASIL
 (EM 53 MERCADOS DOS ESTADOS INCLUSIVE D^o FEDERAL)

■ Custo (Indice) 1921-1923 ■ Aumento %



53,69%; Sergipe, 47,56%; Piauí, 46,69%; Maranhão, 31,48%; Pará, 10,87%; e Amazonas, 1,82%; equivalendo essas percentagens a 68,40% de augmento no decennio.

* * *

Assim, o *augmento médio annual do paiz*, que, de 1911-14 a 1921, era de 6,84%, elevou-se a 7,67% até 1923, notando-se então, a partir de 1911-14 até 1923, o *augmento médio annual*, por mercado, seguinte: — Districto Federal, 14,13% (1914-23); Rio Grande do Sul, 10,65%; S. Paulo, 10,62%; Pernambuco, 10,57; Santa Catharina, 10,22%; E. do Rio de Janeiro, 9,86%; Minas Geraes, 8,92%; Goyaz, 8,62%; Espirito Santo, 8,09%; Rio Grande do Norte, 8,01%; Paraná, 7,85%; Alagoas, 7,78%; Piauí, 7,18%; Ceará, 6,48%; Parahyba, 6,47; % Bahia, 6,19%; Sergipe, 5,95%; Matto Grosso, 5,31%; Amazonas, 1,62% e Pará, 1,57%.

* * *

E como complemento dos *numeros-indices*, vencendo não pequenas difficuldades, realizou o Serviço um inquerito contendo o estudo particularizado da circulação dos productos agrícolas em cada Estado de per si, formando um repositório cheio de ensinamentos uteis para julgar-se dos embaraços que entorpecem a livre expansão da economia agrícola brasileira.

Foram baixadas, com esse fim, instrucções bem minuciosas ás Inspectorias Agrícolas — nos Estados e no Territorio do Acre — cujas respostas, uma vez recebidas, ainda ficaram sujeitas á revisão na 1ª Secção Technica da Directoria, de modo que, completadas e modificadas, permittiram fosse organizado o presente trabalho.

* * *

Devo salientar ainda a colaboração prestada nesta publicação, com muita operosidade e intelligencia, pelo agronomo Antonio de ARRUDA CAMARA, em serviço na Directoria, dando assim mais uma prova de bom desempenho aos encargos que lhe são confiados.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1924.

ARTHUR TORRES FILHO,

Director.

ESTADO DO AMAZONAS

I — Circulação dos productos agricolas.

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos e da fertilidade do solo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transportes e fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

No mercado de Manáos e em outras cidades e centros povoados do Estado o genero de maior consumo é a farinha de mandioca — “secca” ou “d’agua” — de accôrdo com os hábitos e preferencias da população. A farinha d’agua é sempre mais preferida pelo natural — já acostumado ao gosto de iguarias indigenas — que a considerada «insipida e fria», no entanto excellente, farinha secca e fina do apreciado typo Suruhy. Asseguram mesmo que o forasteiro depressa se lhe affeição, seja pelo sabor mais agradável ao paladar ou porque melhor lhe sabe em combinação com alguns alimentos typicos da região, sobretudo com a carne de tartaruga e as peixadas dos pescados d’agua doce.

Occupando destacada collocação entre os generos alimenticios regionaes ou não, apparece o *pirarucú*, peixe que, fazendo apreciavel concorrência ao *bacalhão*, logrou a melhor acceitação, maximé entre os extractores da borracha e da balata e os encarregados das colheitas de castanhas que, nem sempre podendo empregar tempo em pescarias ou caçadas, o preferem, salgado e secco ao sol, como alimentação certa e duradoura, sobretudo durante os mezes de maiores estiagens, quando mais intensa é a actividade nessas explorações.

Além da farinha de mandioca, da carne e ovos de tartaruga e dos peixes frescos ou seccos, são consumidos em maior ou menor escala, pelos pobres ou somente pelos abastados, alguns na Capital e nas cidades a ella ou a Belém directamente ligadas e em todos os centros povoados do Estado, — feijão, arroz, assucar, carnes do animaes domesticos e de caças, aves, ovos, leite, queijo, manteiga, toucinho, banha, azeite dôce e outros oleos alimentares de producção local, fructas, legumes e hortaliças, doces, café, chá da India, matte, chocolate, etc.

O milho que é a base da alimentação do pobre, em natureza ou transformado, que sob multiplos aspectos se insinúa nas mesas abastadas de Estados do Sul, e tambem desempenha papel de relêvo no preparo de delicados acepipes muito do gosto das populações nordes-tinas, tem pequeno consumo no Amazonas. E' preferido verde, assado, cozido ou em "cangica".

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

O Amazonas, embora produzindo grande parte dos generos de seu consumo, não pôde, pelo incipiente desenvolvimento de sua lavoura e criação, pela natureza das fontes de sua economia, — toda repousando na exploração de industrias extractivas, — prescindir de abastecer os seus mercados com artigos de alimentação e consumo procedentes de outras praças do paiz e do estrangeiro.

O desenvolvimento da lavoura e da criação, entravado sob a acção de multiplos e variados factores, entre os quaes avulta a pequena densidade da população, é maior quando, por effeito da depreciação da borracha, especialmente, ou de outro producto de suas industrias extractivas, os braços dellas se desviam para, nas pequenas culturas e industrias ruraes, buscarem os meios de sustento.

Os mercados de Manaós e das sédes dos municipios de Moura, Barcellos e S. Gabriel, situados na *zona do Rio Negro*, afamada pela excellencia de suas terras planas e ferteis, pelas favoraveis condições do meio á prosperidade das culturas de maior interesse para as necessidades de seus abastecimentos, são em parte alimentados pelos productos de suas limitadas lavouras de mandioca, feijão, milho, arroz, canna e o coqueiro.

Itacoatiára, Silves, Urucará, Urucurituba, Parintins, Barreirinha e Maués, da *zona do Baixo Amazonas*, do mesmo modo, resentem-se em suas sédes do abastecimento local de certos productos, limitadas as colheitas de arroz, milho, feijão e farinhas ás necessidades dos productores. Borba, Manicoré, Humaytá e Porto Velho, municipios da *zona do Rio Madeira*, têm suas producções extremamente limitadas, cultivando nos proprios seringaes. Fazem exploração agricola, tambem reduzida, nos terrenos marginaes dos rios e alguns do centro, na *zona*

do Solimões, os municípios de Manacapuru, Codajás, Coary, Tefé, Fonte Boa, S. Paulo de Olivença e Benjamin Constant. O mesmo se pode dizer em relação aos municípios de Canutaúva, Lábrea e Floriano Peixoto, da *zona do Rio Purús* e Xibauá e S. Felipe na *do Rio Juruá*. Cultivando mais para o consumo dos proprios agricultores, dados antes aos trabalhos pastoris, está o município de Boa Vista do Rio Branco, na *zona do Rio Branco*, afamada pelo notavel desenvolvimento de sua industria pastoril que, possuindo em 1906 em 142 fazendas, 93.835 vaccuns, 3.161 equinos e 2.132 lanigeros, permittio recensear-se em 1920 nada menos de 177.528 bovinos, 13.998 equinos, 188 asininos, e muares, 4.605 ovinos, 912 caprinos e 2.266 suinos existentes em seus 315 estabelecimentos ruraes pertencentes a 277 brasileiros, 33 estrangeiros, quatro de nacionalidade indeterminada e um, com cerca de 100.000 hectares aos poderes publicos, sem duvida, a fazenda nacional de S. Marcos.

Segundo o que apurou o recenseamento de 1920, depois de Boa Vista do Rio Branco, o maior criador de bovinos é Parintins com 19.349 cabeças, seguindo-se Manáos com 12.725 e Itacoatiára com 9.526, possuindo rebanhos de menos de 2.000 cabeças os demais. O maior criador de suinos é o município de Manáos, apparecendo em segundo plano, com mais de 3.000 porcos, Floriano Peixoto, Humaytá, Parintins e S. Felipe e em terceiro, com mais de 1.000, Boa Vista do Rio Branco, Itacoatiára, Lábrea e Manicoré.

O maior numero de estabelecimentos ruraes recenseados foi 1.148 no município de Manáos e 817 no de Parintins.

Nessas condições de incipiente cultivo da terra, embora fecunda e dadivosa, o abastecimento das populações urbanas, muitas vezes accrescidas de forasteiros e adventícios de multiplas procedencias, é natural ser em sua maior parte feito pelos centros de produção agricola desenvolvida.

A farinha de mandioca é, em parte, importada de outros centros productores e nesse caso, mesmo si de outra procedencia, é conhecida pela designação de "farinha do Pará". O assucar em quasi totalidade procede de Pernambuco e o café dos mercados do Rio de Janeiro e de Santos, no Estado de S. Paulo. O Estado do Maranhão, outr'ora o maior celleiro de farinha de mandioca, arroz e até assucar da praça de Manáos, cedeu o seu lugar de primazia ao Pará, Pernambuco e outras praças

do Sul. Do estrangeiro, via Belem, recebe o Estado directamente ou por intermedio daquelle praça, além do azeite doce, bacalháo e vinhos, outras mercadorias, entre as quaes figura a batatinha, para sua alimentação.

Oscillações dos preços

Em mercados de tal modo alimentados — procedendo as utilidades de seu consumo de pontos differentes e de condições diversas — não é facil enquadrar-se as oscillações dos preços no ambito da influencia de factores determinados ou predominantes. Entretanto, correndo as estações dentro dos limites habituaes, os preços se elevam nas épocas dos aviamentos para os trabalhos nos seringaes, balataes e castanhaes, quando maior é a procura dos generos de primeira necessidade que, são levados aos centros dessas explorações. Surgindo, porém, enchentes que, não raro, assumem proporções de verdadeira calamidade — quer destruindo culturas, quer matando o gado ou dizimando os rebanhos — os preços se alteram consideravelmente, passando os generos da producção local e que concorriam para o abastecimento dos mercados — satisfazendo as necessidades dos proprios productores — a ser então objecto exclusivo de importação.

As primeiras colheitas seguintes são então vendidas a maiores preços, sob a influencia reflexiva das cotações anteriores.

Influencia dos factores climatericos e da fertilidade do solo sobre a variação dos preços

Não pode ainda o Amazonas, sob a influencia da proclamada e incontestada fertilidade de suas terras e mesmo do seu clima, encarado quasi sempre sob aspectos de exagerados limites, experimentar a influencia desses factores como decisivos na formação de seus preços.

A terra é fertil, virgem e dispensa, para produzir abundantemente, o concurso das adubações, mas a agricultura, como accentuámos linhas atraz, é limitada, á excepção dos arredores da capital, ás necessidades dos proprios productores. O clima, ora dito de excepcional salubridade e ora exageradamente apoucado, inflúe antes sobre as explorações das industrias extractivas, em maior ou menor escala, segundo a salubridade, mas tambem a facilidade de navegação dos rios que servem de escoadouros aos productos dessas mesmas industrias.

A maior influencia sobre a variação dos preços dos generos alimenticios, aproveitando sobretudo aos mercados-celleiros da Amazonia, é a do preço da borracha e, em segundo plano, da castanha e da balata que, quando em alta, desviam para suas explorações todas as energias, augmentam a população de elementos adventicios que de outros Estados vêm fascinados pelas possibilidades de tentadoras fortunas, reduzindo a producção, já de si escassa, provoca a importação de todas as utilidades alimenticias — exceptuados, é claro, os productos da caça e da pesca — provoca o augmento de preços, elevando-os, tambem por influencia de especulações, extraordinariamente.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento médio annual da população amazonense de 1872 a 1890 era de 0,0338, mantido esse numero até 1900, descendo até 1920 a 0,0192 e da cidade de Manãos nesses dois ultimos decennios foi de 0,0109. De 1872 a 1920 o crescimento médio annual da população do Estado, — 0,0394, foi, entretanto, superior ao alcançado em todo o paiz e por todos os Estados, Territorio do Acre e Districto Federal, ficando mesmo assim a densidade de sua população, — 0,0192, somente acima da registada para o Estado de Matto Grosso.

A influencia desse factor na formação e variação dos preços, encarada sob outros aspectos, linhas atraz, é manifesta quando é mais accentuado o movimento migratorio em consequencia da alta ou baixa cotação da borracha.

Crises agricolas e commerciaes

O rythmo das crises que tem assoberbado a Amazonia pode ser apreciado pelo exame da situação do mercado da borracha, constatada, como está, a influencia da animação ou do esmorecimento do commercio desse producto sobre a actividade nos trabalhos da industria extractiva e da exploração agricola no Estado. Irmanadas as crises commerciaes e as da industria extractiva, ellas se apresentam em épocas oppostas ás da escassez de braços na lavoura que, pelo limitado desenvolvimento dessa exploração, não inflúe sobre a economia do Estado.

As crises agrícolas propriamente chamadas passam despercebidas e, ou são devidas ao desvio das actividades para as indústrias extractivas, quando valorizados seus productos, ou ás enchentes, retardando e destruindo as plantações ribeirinhas. Entretanto, as crises geraes, — commerciaes e industriaes, — temidas pelos seus effeitos, desorganizando a vida economica do Estado e sacrificando fortunas, são sentidas em toda plenitude e têm suas causas subordinadas á acção de factores complexos, entre os quaes não são extranhos nem as oscillações cambiaes e nem outros elementos de ordem politica e economica.

As crises interessando ao Estado do Amazonas são simultaneas e semelhantes em seus traços geraes ás do Acre e do Pará, podendo-se assim, quanto á periodicidade, descrevel-as do mesmo modo que o faremos paginas adiante, quando tratarmos das crises paraenses.

Exame e mecanismo dos mercados

Os preços correntes no mercado varejista da capital não differem de muito mais de 15 % dos communs em outras cidades e villas amazonenses; entretanto, nos “barracões” — fornecedores aos seringueiros, balateiros, etc. — não raro, se elevam de 200 % e até mais sobre os do mercado de Manáos.

As differenças entre os preços correntes nas casas atacadistas e varejistas não podem seguramente ser expressas em percentagens, variando estas de accôrdo com a situação do commercio a varejo em relação aos centros povoados e distancia de Manáos, que é o centro de distribuição das mercadorias no Estado.

Os methodos de venda, outr’ora a troco e a praso mais das vezes indeterminados, estão hoje mudados. O negociante aquebrantado pela grande crise, sem grandes *stocks*, vende fiado, mas a custo e pelo menor praso.

Os agricultores vendem directamente seus productos nos mercados, procurando esquivar-se dos *atravessadores*, sempre indirectamente amparados pelos “*quarteiros*” ou negociantes internos dos *mercados publicos*, não havendo assim contractos de compras e vendas na *folha* ou das *colheitas pendentes*.

Nenhuma medida foi tomada para garantir á producção melhoria de venda e, por outro lado, o amparo e estímulo ao seu augmento não

tem logrado posição de maior destaque, sem duvida pela falta das primeiras, que são subordinadas a factores de maior complexidade, em face da pequena densidade da população do Estado.

A acção de instituições cooperativas, visando a producção e o commercio dos generos de consumo, não pode ser apreciada pela falta desses estabelecimentos.

Classificação commercial dos productos agricolas

Mercado importador, desde as primeiras phases de seu progresso e desenvolvimento, tem a sua população habituada ao consumo de generos de boa qualidade nos centros de maiores recursos e sujeita ás imposições do momento naquelles de menor. As exigencias, exceptuados os generos basicos da alimentação indigena, se manifestam no ambito dos de importação e de accôrdo com as classificações adoptadas nos mercados de origem.

Os artigos de exportação obedecem, entretanto, á classificação adoptada, sendo a da borracha a unica regular e uniformizada em quatro typos, — *fina*, *entrefina*, *sernamby* e *caúcho*.

A *fina* é a mais cara e apreciada e a *sernamby*, cheia de impurezas, é a peor cotada nos mercados.

Transportes e fretes

As condições de transporte, embora seja o Amazonas dotado de inegualavel rêde fluvial, são ainda precarias. Os fretes, pelo encarecimento das utillidades exigidas para a navegação, são elevados, delles se queixando a maioria, senão totalidade dos productores.

No Estado existe apenas uma Estrada de Ferro, a *Madeira-Mamoré*, ligando o alto ao baixo Madeira e abrindo communições entre a Bolivia e o valle amazonico. Está essa estrada desde fins de 1910 em trafego mutuo com "The Amazon River Steam Navigation", uma das empresas de navegação que faz viagens no rio Amazonas e seus tributarios. Manáo é visitado pelos vapores dessa empreza e de outras fluviaes ou de longo curso, com regularidade. Pequenas embarcações pertencentes ás empresas de navegação ou a particulares sulcam as aguas

da bacia Amazonica que pela abundancia e navegabilidade de seus rios, é um dos pontos do globo mais propicios ao commercio, excedendo mesmo á do Mississipe, do Ganges, do Danubio e do Rheno.

A extensão navegavel dos rios da bacia Amazonica, interessando ao Pará, Amazonas e Acre, por ella abrangidos, e parte dos Estados de Goyaz e Matto Grosso, é de mais de 13.600 kilometros em aguas brasileiras.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Os impostos que incidem sobre os generos de producção e consumo são federaes, estaduaes e municipaes. O Estado cobra sobre qualquer producto agricola 10% *ad-valorem*. Os productos são taxados com impostos de importação e exportação.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Em trabalho já divulgado, — comparativo dos preços correntes no mercado varejista da Capital em 1911-1921, escrevemos o seguinte: “No mercado de Manáos o índice do preço dos generos alimenticios em 1921 foi de 101,82 em relação ao anno de 1911, observando-se que a carne de porco, de carneiro, toucinho, ovos e gallinhas, tiveram seus preços diminuidos, respectivamente, de 20,00 %/, 42,72 %/, 24,93 %/, 66,67 %/, 20,00 %/, que a carne de vacca e o queijo mantiveram-se no nivel de 1911 e os demais generos abrangidos soffreram alta de 33,33 %/, a 166,66 %/, marcando o arroz a menor e o feijão a maior elevação durante o decennio”.

Agora, mostra o quadro abaixo, — comparativo dos preços correntes em 1921 e 1923 — que o índice médio obtido no mercado da Capital foi de 119,28 no triennio para maior numero de generos. Esse índice que corresponde ao augmento de 19,28 %/ no periodo, pouco modificou o augmento médio annual registado de 1911 a 1921 que de 1,82 %/ baixou até 1923 a 1,62 %/ annualmente. Entretanto, em dezenove generos, — quinze tiveram seus preços elevados no triennio, de 5,50 %/ a 86,95 %/; dois mantiveram-se inalteraveis e dois, — o arroz e o toucinho, — baixaram de 5,27 %/ e 5,67 %/ respectivamente.

Índice dos preços dos principaes generos alimentícios no mercado varejista de Manaus 1921-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Café.	100	186,95	86,95	—
2	Assucar.	100	139,00	39,00	—
3	Diversos	100	137,77	37,77	—
4	Peixes	100	133,00	33,00	—
5	Oleos alimentares	100	132,69	32,69	—
6	Farinha de mandioca	100	127,27	27,27	—
7	Manteiga	100	125,00	25,00	—
8	Queijo	100	121,15	21,15	—
9	Milho	100	116,66	16,66	—
10	Farinhas e feculas diversas	100	115,98	15,98	—
11	Feijão	100	112,72	12,72	—
12	Carnes verdes	100	109,27	9,27	—
13	Banha	100	108,33	8,33	—
14	Carnes seccas.	100	106,00	6,00	—
15	Bacalhão	100	105,50	5,50	—
16	Batatinha	100	100,00	—	—
17	Ovos	100	100,00	—	—
18	Arroz	100	94,73	—	5,27
19	Toucinho	100	94,33	—	5,67
	Média total.	100	119,28	19,28	—

III — RELAÇÃO DAS PRINCIPAES CASAS EXPORTADORAS DO ESTADO
DO AMAZONAS

III --- Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Amazonas

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS		
		MUNICIPIO	Caixa Postal	LOCAL
Balata	General Rubber & C ^o . of Brasil.	Manáos	—	Rua Marechal Deodoro, 53.
»	B. Levy & Comp.	»	—	Rua Guilherme Moreira, 16.
»	J. G. Araujo	»	—	Rua Marechal Deodoro, 32.
»	Semper & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 36.
Borracha.	General Rubber & C ^o . of Brasil.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 53.
»	Beringer, Chliger & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 17.
»	Vianna, Lyra & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 24.
»	Higson, Jones & Comp.	»	—	Rua 7 de Setembro, 42.
»	B. Levy & Comp.	»	—	Rua Guilherme Moreira, 16.
»	J. G. Araujo.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 32.
»	Semper & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 36.
»	Suter Baumann & Comp.	»	—	Rua Monteiro de Souza, 3.
»	Adelbert H. Alden Limited	»	—	Rua Tenreiro Aranha, 8.
»	Hermínio de Carvalho.	»	—	Rua Guilherme Moreira, 18.
»	Isaac Peres & Comp.	Itacoatiara	17	
»	Oscar Ramos.	»	60	
»	J. Adonias & Comp.	»	67	
Cacão	General Rubber & C ^o . of Brasil.	Manáos	—	Rua Marechal Deodoro, 53.
»	Beringer, Chliger & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 17.
»	Higson, Jones & Comp.	»	—	Rua Sete de Setembro, 42.
»	B. Levy & Comp.	»	—	Rua Guilherme Moreira, 16.

»	J. G. Araujo.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 32.
»	Semper & Comp.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 36.
»	Suter Baumann & Comp.	»	»	»	—	Rua Monteiro de Souza, 3.
»	Adelbert H. Alden Limited	»	»	»	—	Rua Tenreiro Aranha, 8.
»	Isaac Peres & Comp.	»	»	Itacatiara	17	
»	Oscar Ramos	»	»	»	60	
»	J. Adonias & Comp.	»	»	»	67	
»	Brandão & Irmão	»	»	Parintins.	—	
»	Lourival Albuquerque	»	»	»	—	
»	Abraham Assayag	»	»	»	—	
»	José Assayag.	»	»	»	—	
»	Abraham Serrulha	»	»	»	—	
»	Esperidião Campos.	»	»	»	—	
»	Salomão Mendes	»	»	»	—	
»	General Rubber & C ^o . of Brazil.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 53.
»	Beringer, Chliger & Comp.	»	»	Mañãos	—	Rua Marechal Deodoro, 17.
»	Vianna, Lyra & Comp.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 24.
»	Higson, Jones & Comp.	»	»	»	—	Rua 7 de Setembro, 42.
»	Wilson Holgate & Comp.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 37.
»	B. Levy & Comp.	»	»	»	—	Rua Guilherme Moreira, 16.
»	J. G. Araujo.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 32.
»	Semper & Comp.	»	»	»	—	Rua Marechal Deodoro, 36.
»	Suter Baumann & Comp.	»	»	»	—	Rua Monteiro de Souza, 3.
»	Adelbert H. Alden Limited.	»	»	»	—	Rua Tenreiro Aranha, 8.
»	Hermínio de Carvalho.	»	»	»	—	Rua Guilherme Moreira, 18.
»	Isaac Peres & Comp.	»	»	Itacatiara	17	
»	Oscar Ramos.	»	»	»	60	
»	J. Adonias & Comp.	»	»	»	67	
»	Brandão & Irmão	»	»	Parintins.	—	
»	Lourival Albuquerque	»	»	»	—	
»	Abraham Assayag	»	»	»	—	
»	José Assayag.	»	»	»	—	
»	Abraham Serrulha	»	»	»	—	
»	Esperidião Campos.	»	»	»	—	
»	Salomão Mendes	»	»	»	—	
»	Hermínio de Carvalho.	»	»	Mañãos	—	
»	Chilres	»	»	»	—	Rua Guilherme Moreira, 18.

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS		
		MUNICIPIO	Caixa Postal	LCCAL
Couro	Beringer, Chliger & Comp.	Manãos	—	Rua Marechal Deodoro, 17.
»	Higson, Jones & Comp.	»	—	Rua 7 de Setembro, 42.
»	J. G. Araujo.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 32.
»	Suter Baumann & Comp.	Parintins.	—	Rua Monteiro de Souza, 3.
»	Brandão & Irmão	»	—	
»	Lourival Albuquerque.	»	—	
»	Abraham Assayag	»	—	
»	José Assayag.	»	—	
»	Abraham Scrrulha	»	—	
»	Espiridião Campos.	»	—	
»	Salomão Mendes	»	—	
»	Oscar Ramos.	Itacoatiara	17	
»	Isaac Peres & Comp.	»	60	
»	J. Adonias & Comp.	»	67	
»	Marques Paraguay & Comp.	Manãos	—	Rua dos Earés, 31.
»	Semper & Comp.	»	—	Rua Marechal Deodoro, 36.
»	J. Belmont	»	—	Rua Taqueirinha, s/n.
Ipecacuanha.	Isaac Peres & Comp	»	—	
Madeira beneficiada	Oscar Ramos & Comp.	Itacoatiara	17	
»	J. Adonias & Comp.	»	60	
»	Isaac Peres & Comp.	»	67	
Madeira em bruto.	Oscar Ramos.	»	17	
»	J. Adonias & Comp.	»	60	
»	General Rubber & C ^o . of Brasil.	»	67	
»	Beringer Chliger & Comp.	Manãos	—	Rua Marechal Deodoro, 53.
»		»	—	Rua Marechal Deodoro, 17.

Madeira em bruto.	Vianna, Lyra & Comp.	Rua Marechal Deodoro, 24.
»	Herminio de Carvalho	Rua Guilherme Moreira, 18.
»	J. G. Araujo.	Rua Marechal Deodoro, 32.
Metaes velhos.	Herminio de Carvalho.	Rua Guilherme Moreira, 18.
Oleo de copahyba e outros	Brandão & Irmão	
»	Lourival Albuquerque.	Parintins.	
»	Abraham Assayag	
»	José Assayag.	
»	Abraham Serrulha	
»	Espiridião Campos.	
»	Salomão Mendes	
»	Isaac Peres & Comp.	Itacoatiara	17
»	Oscar Ramos & Comp.	60
»	J. Adonias & Comp.	67
»	Beringer, Chliger & Comp.	Manáos.	
»	Higson, Jones & Comp.	
»	Herminio de Carvalho.	
»	Semper & Comp.	
»	Herminio de Carvalho.	
Ossos.	»	
Pelless.	»	
Pelless de vacado	Isaac Peres & Comp.	Itacoatiara	17
»	Oscar Ramos & Comp.	60
»	J. Adonias & Comp.	67
Piassava.	Beringer Chliger & Comp.	Manáos	
»	Higson, Jones & Comp.	
»	J. G. Araujo.	
»	Herminio de Carvalho.	
Pirarucú	J. Adonias & Comp.	Itacoatiara	67
»	Oscar Ramos & Comp.	60
»	Isaac Peres & Comp.	17
»	Brandão & Irmão	Parintins.	
»	Lourival Albuquerque.	
»	Abraham Assayag	
»	José Assayag	
»	Abraham Serrulha.	
»	Espiridião Campos.	

Rua Marechal Deodoro, 17.
Rua 7 de Setembro, 42.
Rua Guilherme Moreira, 18.
Rua Marechal Deodoro, 36.
Rua Guilherme Moreira, 18.
Rua Guilherme Moreira, 18.

Rua Marechal Deodoro, 17.
Rua 7 de Setembro, 42.
Rua Marechal Deodoro, 32.
Rua Guilherme Moreira, 18.

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS		
		MUNICIPIO	Caixa Postal	LOCAL
Pirarucú.	Salomão Mendes	Parintins.	—	
Productos medicinaes	Herminio de Carvalho.	Manãos	—	
Raizes medicinaes.	Isaac Peres & Comp.	Itacoatiara	17	Rua Guilherme Moreira, 18.
»	Oscar Ramos & Comp.	»	60	
»	J. Adonias & Comp.	»	67	

ESTADO DO PARÁ

I — Circulação dos productos agricolas

- Generos alimenticios de maior consumo.
- Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.
- Oscillações dos preços.
- Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.
- Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.
- Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.
- Crises agricolas e commerciaes.
- Exame e mecanismo dos mercados.
- Classificação commercial dos productos agricolas.
- Transporte dos productos agricolas. Fretes.
- Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos alimentação

- Carestia e custo da vida.
- Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.



I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

São generos alimenticios de consumo maior ou menor no Pará: carne de bovinos, suínos, ovinos e caprinos; gallinhas; hortaliças (alface, couve, repolho, agrião, jambú, salsa, coentro, rabanete, nabos, alfavaca, chicorea, hortelã grande e miuda, vinagreira, pepino, beringela, tomate, maxixe, quiabo, vagem verde e feijão commum e do *Dolichos serpedalis*, feijão lima verde, pimentão, gerimú, abobora, batata doce, macaxeira, cará, ariá, cenoura, couve-flor); fructas (bananas, mamão, uvas, maçãs, amendoas, nozes, castanha exotica, ameixa, passa, figos, tamaras, laranja, lima, limão, tangerina, ananaz, abricó, abio, abacate, sapotilha, melão, melancia, graviola, biribá, côco, bacury, jaca, manga, taperebá grande); farinha de mandioca, banana e macaxeira em polvilho, farinha de trigo, milho branco e fubá de milho, aveia em grão, matte, chá da Índia, café, chocolate, assucar de canna, mendoby, goiabada, marmellada, fructas em conserva, queijos, leite fresco, pasteurizado e condensado, manteiga fresca e em latas, banha, toucinho, oleos comestiveis (de "oliva", pataua, bacaba, assahy, burity), vinhos, ovos, salames, presunto, salchichas, cevadinhas, xarque, arroz e feijão.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

Os generos de maior consumo procedentes dos municipios do Estado são: carne, aves, ovos, tomates, batata doce, cará, ariá, banana, laranja, limão, lima, tangerina, ananaz, abricó, abacate, melão, melancia, bacury, côco, manga, farinha de mandioca, assucar de canna, requeijão e oleos comestiveis.

Importados do paiz, consome o paráense repolho, couve-flor, côco, farinha de suruhy, xarque, matte, café, assucar de canna, mendoby, goiabada, marmellada, queijos de Minas, leite condensado, manteiga em latas, chocolate, banha e toucinho.

Procedentes do estrangeiro recebem : uvas, maçãs, nozes, passas, figos, tamaras, ameixas, queijos, vinhos, fructas seccas e em calda, leite pasteurizado e condensado, manteiga, oleo de "oliva", toucinho, salame, presunto, colorau, chocolate, chá da India, cenoura e nabos.

Podiam ser economicamente produzidos nas proximidades do mercado: côcos, farinha de suruhy, xarque, assucar de canna, mendoby, goiabada, queijos, leite pasteurizado e condensado, manteiga, banha, toucinho, chocolate, presunto, salchichas, colorau e salames, porém, pouca porção ainda: uvas, repolhos, cenoura, nabo, etc.

Para desenvolvimento dessas possiveis explorações é de necessidade, primeiramente, attenuação ou suppressão de impostos de consumo e de industria e profissão, tarifas modicas de transporte, isenção ou redução de taxas aduaneiras para material de industria (machinismo, accessorios, emballagens, etc.), modificação das taxas do porto, credito bancario e taxas modicas.

Já produzem em pequena escala: uvas e pinhas em Santarém e outros pontos do Baixo Amazonas; repolhos em Belém e Marajó; figos, nabos, cenouras, em Belém: côcos seccos em Marajó, região bragantina e Salgado; assucar de canna em diversos logares do Estado, goiabada em Soure e Belem; requeijão em Soure e em outros pontos de Marajó e Almeirim; banha e toucinho em Belém, zona da E. F. de Bragança e noutros pontos do Estado; presuntos e salchichas, colorau e chocolate em Belem; mendoby na zona terminal de E. F. de Bragança.

Para conquistarem mercados e enfrentarem concorrência, precisam producção ampla, aperfeiçoada e regular; que os impostos municipaes, estaduaes e federaes se attenuem; que as tarifas de frete internas e externas se tornem mais modicas; que o ensino profissional se adapte á extensão territorial e ás condições de disseminação do povoamento; credito mais accessivel e mais generoso.

Oscillações dos preços

É muito difficil, si não impossivel, á mingua de observações e estatisticas, dizer das épocas de maiores oscillações nos preços dos generos de producção local e de importação.

Em regra, fóra das épocas de safras ha augmento de cotações para os productos agricolas; queimas dos roçados mal effectuadas por qualquer circumstancia e invasão de pragas não combatidas provocam defficiencias da safra e assim valorização dos generos. Nas safras normaes, os preços esmorecem, á medida que ellas se intensificam.

Os preços dos productos de procedencias bem reputadas influem sobre os de outras procedencias sem prestigio industrial.

Tratando-se de generos alimenticios, não ha documentação estatistica por onde se possa constatar si alta ou baixa cotação do genero de maior utilidade e consumo influirá sobre os demais. Todavia, si tomarmos como exemplo carne e farinha, parece não existir correlação nas altas ou deprimencias respectivas e oppostas.

Os preços dos productos de exportação nos mercados importadores se reflectem benefica ou maleficamente sobre as cotações dos outros generos agricolas de consumo interno; haja vista para os casos da *borracha*, do *cacáo* e da *castanha*, cujos preços favoraveis acarretam mais resultados monetarios, maiores recursos pecuniarios animando os gastos, multiplicando outras transacções, a procura excedendo então a offerta momentanea e os preços dos generos de maior utilidade e consumo crescendo. E', entretanto, difficil responder, sem a observação de estatisticas completas e regulares, sobre que productos essa influencia mais accentuada se manifesta.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Os factores climatericos influem sobre a variação dos preços dos generos agricolas; chuvas excessivas no tempo do desbravamento, como durante a vegetação e producção da cultura, impedem o trabalho desenvolvido e perfeito das roças, produzem destruição de colheitas (particularmente isto, nas regiões onde são usadas as chamadas "plan-

tações das vasantes”, que não podem ser colhidas antes das enchentes dos rios e do alagamento das praias). Verões anormaes em época e duração também produzem perda ou impossibilidade de plantação.

Influencia da fertilidade do solo sobre a variação dos preços

Quanto á fertilidade do solo, a não ser nas regiões de população radicada, onde as terras já são escassas e cansadas, como em Curuçá e São Caetano de Odivellas, os roceiros escolhem criteriosamente os bons padrões e terras para sustentar suas culturas, não parecendo, apesar de tudo, que ella influa nas variações dos preços dos generos agricolas.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

Já o mesmo não succede com a variação de densidade da população agricola, provocando accumulou ou deficiencia de producção; a extracção da castanha e da borracha, a safra do cacáo, quando animadas por boas cotações, provocam exodo de lavradores e escassez de producção agricola. A baixa da borracha permittio maior lavoura, que os preços do tempo da guerra sustentaram e animaram. No principio do seculo XX o tabaco e a mandioca eram as duas unicas lavouras do Pará; por esse tempo de grande animação do trabalho dos seringaes o alqueire (36 litros) da farinha chegou a custar 60\$, sendo o seu preço normal, tres e cinco mil réis.

O crescimento médio annual da população paraense (1872 a 1920) foi de 0,0271, notando-se que de 0,0099 (1872-1890) se elevou a 0,0309 (1890-1900), para attingir a 0,0441 desse anno ao de 1920. Esse crecimento é superior ao médio do paiz e somente inferior ao alcançado pelo Amazonas, Districto Federal, Espirito Santo, Matto Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catharina e S. Paulo. O crescimento annual da população de Belem desceu de 0,0679 (1890 a 1900) a 0,0181 desse anno ao de 1920. A densidade da população é de 0,855 de habitantes por kilometro quadrado, ficando o Pará, neste particular, em decimo setimo lugar em relação aos demais Estados.

Crises agricolas e commerciaes

A baixa do cambio e a alta dos preços das utilidades exportadas são a causa fundamental das crises agricolas do Pará, que se manifestam pelo esmorecimento dos preços com abundancia de colheitas e altas dos mesmos com a escassez dellas.

As crises agricolas parece não se reflectirem nos preços dos generos de importação; entretanto, não deixam de provocar restricções na aquisição destes, quando a ellas se juntam, ou a baixa do cambio, ou a desvalorização dos principaes productos de exportação.

E' mais provavel as crises commerciaes, por esquivança de mercados, provocarem as crises agricolas, do que estas produzirem crises commerciaes. A não ser a borracha ou a castanha, nas regiões de sua predominancia extractiva, só nas de producção exclusiva da farinha, do cacáo, do gado, existem essas reacções das crises agricolas sobre o desequilibrio entre a producção e o consumo e crise do commercio dessas utilidades. Nestas circumstancias o commercio faz *stocks* que, apesar de adquiridos a infimos preços, têm difficuldade de ser escoados.

A insufficiencia de trafego, especialmente da E. F. de Bragança, tem occasionado esmorecimento da producção agricola, deteriorada e perdida, por demora de transporte. Felizmente o trafego fluvial e maritimo têm bastado ao escoamento da producção agricola do interior.

As crises agricolas e commerciaes, suas causas e periodicidade são assim relatadas pelo notavel economista patricio Luiz Cordeiro, fazendeiro e corretor, no seu valioso opusculo — *O Estado do Pará, seu commercio e industrias, de 1719 a 1920* — “a historia commercial e industrial desta região está inçada de duas cousas; crises successivas e successivas revoluções”.

Tivemos uma crise em 1774

outra	»	»	1777.....	3	annos
»	»	»	1785.....	8	»
»	»	»	1788.....	3	»
»	»	»	1796.....	8	»
»	»	»	1799.....	3	»

Tivemos outra crise em 1801.....	2	anos
» » » 1808.....	7	»
» » » 1811.....	3	»
» » » 1815-16.....	4	»

E dahi em diante se succedem entre tres e cinco, e cinco e sete annos, notando-se as crises continuas de 1806 a 1819 e a grande crise de 1900 até 1903 — 1903-1909 — 1911-1913, que ainda perdura.

Exame e mecanismo dos mercados

No Pará existem dois unicos verdadeiros grandes centros commerciaes, originados pela navegação directa entre elles e o interior do Estado: Belém e Santarém. Este ultimo centraliza uma grande parte da producção de municipios vizinhos e circumvizinhos sob a esphera de attracção tambem da capital, assim como Santarém mesmo. Na falta de documentação estatistica conveniente, é impossivel dizer outra cousa a respeito.

Não existindo estatisticas commerciaes das transacções por grosso e a varejo é impossivel conscienciosamente dizer das relações e das differenças de porcentagens nas cotações respectivas.

As vendas só em casos especiaes são a prazo de 60 a 90 dias ; fóra disso, realizam-se á vista ou com muita restricção do credito e dos negocios. São quasi sempre a troco de generos e mercadorias.

No Pará não ha grande lavrador ; ha grande criador de gado. O médio e o pequeno lavrador estão dependentes do commerciante pelos adiantamentos que recebem, si considerados, e na avaliação de suas colheitas. O commerciante é quem usufrue a maior parte dos lucros da producção.

Mesmo os lavradores dispendo de facilidades, permittindo-lhes frequentar os centros commerciaes maiores, poucas ou nenhumaes relações mantêm com o consumidor. Na capital, a urgencia de vender os productos das suas lavouras e a relativa esquivança e saciedade do commercio retalhista suscita o apparecimento de uma classe de intermediarios, chamados “atravessadores”, que, nos caes de desembarque ou a bordo de canôas suas, fazem o commercio a retalho dos generos de que o lavrador alienou. O lavrador nada ou pouco vende ao consumidor. Só os pequenos lavradores dos suburbios da capital fazem

o commercio a retalho nas ruas ou nas feiras, em praças publicas. No interior é que as transacções de generos da lavoura são com o commerciante.

A pequena colonia agricola do Outeiro, visinha do Patronato Manoel Barata, nesse Estado, proxima da capital e constituida por lavradores italianos e hespanhoes, utiliza commissarios para transporte e entrega dos productos destinados á clientela commerciante, nos mercados publicos e quitandas.

O methodo de venda commum no interior é a troca de generos e utilidades; só muito raramente a dinheiro, mas por preços muito menores do que sendo o pagamento em mercadorias.

Não ha ainda a warrantagem systematica; só a borracha, a castanha, o cacão e o pirarucú estão sujeitos a uma especie de warrantagem. Os productos da lavoura não gozam dessa vantagem.

Compra e venda na "folha", nas phases de maior procura de certos generos agricolas, costumam se realizar; o mesmo se pode dizer das colheitas pendentes. Os fazendeiros importantes vendem antecipadamente boiadas a entregar no tempo mais proprio.

Nos tempos de grande procura dos productos agricolas os agentes commerciacs viajam visitando as lavouras e fazendo offertas com ou sem "signal". Ha muito negocio desfeito, por acção da concurrencia dos outros agentes. Na época das colheitas cada agente repassa visitando os roceiros e effectuando o pagamento e o recebimento dos generos, nos pontos de embarque. Noutras circumstancias o commerciante adianta mercadorias ao lavrador, pagando esse com as colheitas no devido tempo.

Nenhuma providencia administrativa foi opposta ao agravamento da elevação dos preços e carestia da vida. Tão pouco foram creadas bolsas de mercadorias, feiras livres, cooperativas, ligas de consumidores e nem medidas garantindo boa venda á produção. A este ultimo respeito a lei de fiscalização dos generos de exportação foi falseada, permittindo-se a sahida de grandes partidas de crueiras e de milho, avariadas, que serviram para desacreditar a praça e diminuir si não estancar, a exportação desses generos.

O productor, quando lê jornaes e tem correspondentes, sabe apenas dos preços no mercado da capital; são preços regionaes, muito inferiores aos dos mercados definitivos.

Para assegurar a effectiva informação do productor quanto aos preços dos mercados exteriores, precisaria um entendimento official com os commerciantes e industriaes, por meio das Camaras de Commercio ou dos Conselhos de Technicos adiante referidos, estabelecendo-se a classificação dos typos nos mercados consumidores; as pautas fiscaes dariam a cotação semanal e as taxações differenciaes na razão inversa do valor intrinseco do producto. Por outro lado, ampliaria as attribuições dos corretores publicos autorizando-os á collocação dos generos do lavrador nos mercados, permittindo assim a existencia das bolsas de mercadorias e a libertação do productor dessa tutela mal propicia em que ora vive asphyxiado e prisioneiro. Além disto, viação mais livre, correios e telegraphos mais disseminados.

É muito difficil julgar da situação dos centros productores relativamente aos consumidores, sinão que por culpa do intermediario, alheio ás conveniencias do grande intercambio, o productor paráense permanece em desaccordo com as exigencias superiores dos consumidores externos, particularmente.

Para desenvolvimento deste intercambio necessita-se protecção fiscal á exportação, aperfeiçoamento e adaptação dos typos exportaveis, ao nivel das conveniencias do consumidor, e favores á producção exportada.

Classificação commercial dos productos agricolas

O consumidor mostra preferencia quanto á natureza, beneficio e preparo, especialmente da farinha de mesa. O tabaco tambem está sujeito ás exigencias do consumidor, quanto ás qualidades essenciaes.

Ha productores que procuram satisfazer as exigencias da sua clientela especial, em relação á farinha de mesa de preferencia e depois á farinha de tapioca; os fazendeiros se preocupam de vender o gado gordo.

As preferencias do consumidor se manifestam relativamente aos seguintes aspectos: carne gorda e sã; farinha regularmente granulada, bom aroma, boa côr, amarello ouro, ou branca, sabor agradavel, tenra. Tabaco forte ou fraco, muito cheiroso, rico ou mediano em nicotina, bem fermentado. A castanha do Pará graúda, limpa, bom estado na “quebra”, mais leitosa que oleosa.

Só a borracha e os couros obedecem a classificação commercial judiciosa. O caçáo tem uma classificação illogica e incaracteristica. O arroz é classificado nominalmente apenas e assim o milho e o feijão. Não ha na praça typos definidos e organisados de classificação commercial dos generos. Lèopoldo Teixeira, o habil inspirador do plano da reunião do Conselho de Technicos, Industriaes e Comerciantes do Algodão no Pará, em 1922, nas deliberações dessa interessante assembléa, propoz um modelo transitorio e inicial de classificação commercial do algodão, accessivel á experiencia ainda precaria dos productores e commerciantes e uzineiros, o qual foi approved, mas não adoptado, por falta de collaboração dos governos estadual e municipaes, com as suas pautas fiscaes, lisonjeiras para o bom producto e menos generosas para o mau. Com relação aos outros generos, aquelle mesmo professional escreveu num dos jornaes da terra, por aquelle tempo, uma serie de artigos tendenciosos a esse melhoramento essencial.

Transporte dos productos agricolas.

Frete

Os meios de transporte interno, comquanto regulares, são ainda caros. Não ha escassez de trafego ou de celeridade dos vapores e embarcações menores; mas, excesso de tarifas dos fretes, por encarecimento das utilidades exigidas para a navegação. No serviço da viação ferrea, ha escassez e falta de garantia e os fretes são caros.

No caso particular desse Estado, as deficiencias do serviço de viação de cada centro productor precisavam da abertura, mutiplicação e conservação regular das estradas de rodagem em pontos convenientes. Medidas de maior alcance seriam o desenvolvimento ferroviario, conclusão e trafego da estrada de ferro de Alcobaça á Praia da Rainha, no Tocantins; construcção da estrada de ferro do Xingú, entre Victoria e Altamira; a estrada de ferro desde Santarém a Cuyabá e desobstrucção dos trechos encachoeirados praticaveis para a navegação. Favores aduaneiros para as utilidades necessarias á navegação e á viação rodante. Procuran lo supprir com materia prima local economicamente aproveitavel as utilidades ain la importadas exigidas pelo trafego e susceptiveis de producção *in-loco*.

Quanto á natureza do producto agricola a transportar, além das outras facilidades do trafego, attender aos onus realmente supportaveis

por especie de mercadorias, repartindo as exigencias das tarifas de fretes proporcionalmente ao effectivo do seu valor venal, ás participações do fisco e ás do intermediario e ás conveniencias do consumidor.

O custo de fretes dos productos por unidade e distancia maxima para os mercados consumidores é como segue :

Na Estrada de Ferro de Bragança: arroz \$211, por 10 kilos; assucar \$558, por dez kilos; farinha \$211, por 10 kilos; algodão \$558, por 10 kilos; feijão \$211, por 10 kilos; milho \$211, por 10 kilos; cacáo \$211, por 10 kilos; borracha \$558, por 10 kilos; cachaça \$744, por 10 kilos; madeiras 16\$740, por tonelada; gado vaccum, unidade 10\$; cavallar, unidade 10\$; lanigero, unidade 3\$; caprino, unidade 3\$ e suino unidade 3\$000.

Nos vapores fluviaes: arroz, tonelada 14\$; assucar, tonelada 14\$; farinha, alqueire \$430; algodão, tonelada 25\$; feijão, tonelada 14\$; milho, tonelada 14\$; cacáo, tonelada 31\$; borracha, tonelada 38\$; caúcho, tonelada 38\$; castanha, hectolitro 1\$; madeiras, metro cubico 18\$; cachaça, frasqueira 1\$350; gado vaccum, unidade 13\$810; cavallar, unidade 30\$940; lanigero e caprino, unidade 2\$760 e suino, unidade 6\$380.

Em sua maioria são elevados esses fretes, para as actuaes circumstancias dos mercados, importando na attenuação consideravel dos lucros do productur.

Mais atrophiam do que estimulam o desenvolvimento da producção quando combinamos a instabilidade cambial e dos preços dos generos, particularmente da exportação.

Os transportes dos generos alimenticios, de producção agricola, na E. F. de Bragança e seus ramaes, fazem de despesas para Belém o seguinte :

Bragança — Distancia de Belém 234 kilometros: frete por 60 kilos, 1\$266; direitos de sahida ao municipio, \$600. Conducção das colonias agricolas, sendo no trem do ramal de Benjamin Constant, \$500 e em animaes conforme a distancia, 1\$ a 1\$500.

Quatipurú — Distancia de Belém 208 kilometros: frete por 60 kilos, 1\$188; direitos de sahida do municipio de Bragança, \$600. Conducção das colonias, conforme as distancias, 1\$ a 1\$500.

Capanema — Distancia de Belém 180 kilometros: frete por 60 kilos, 1\$104; direitos de sahida ao municipio de Quatipurú \$250. Conducção das colonias, conforme a distancia, 1\$ a 1\$500.

Peixe-Boi — Distancia de Belém 163 kilometros: frete por 60 kilos, 1\$050; direitos de sahida ao municipio de Igarapé-Assú, \$250. Conducção das colonias, conforme a distancia, 1\$ a 1\$500.

Igarapé-Assú — Distancia de Belém 117 kilometros: frete por 60 kilos, \$780; direitos de sahida ao municipio, \$250. Conducção das colonias, conforme a distancia, 1\$ a 1\$500.

O arroz em casca, vindo de qualquer das procedencias acima, tem o augmento de 30%, nos fretes.

Todos os generos, quando seja necessario serem transportados com maior urgencia, ficam sujeitos ao augmento de 30% nos fretes do preço das tarifas, sendo este considerado como frete de preferencia, inclusive o proprio arroz em casca que, não obstante já ter augmento de 30%, fica sujeito a mais 30%.

Estes generos quando tenham de ser depositados dentro de Belém, para serem reembarcados, pagam direitos de entrada e sahida ao municipio, assim como no acto da exportação, ao Estado, como abaixo se especifica, sendo, porém, isentos de direitos alfandegarios, pagando apenas 50 réis por volume de 60 kilos, cobrados pela Associação Commercial, para ser pela mesma fornecido o certificado de qualidade, serviço esse feito por dois verificadores mantidos pelo Governo Federal:

Milho — paga ao municipio de Belém: entrada \$010 e 3%, sahida \$005 e 3%, ao Estado, de sahida \$015 e 3% additionaes; *feijão* — paga ao municipio de Belém: entrada \$010 e 3%, sahida \$005 e 3% e ao Estado, de sahida, \$015 e 3% additionaes; *arroz pilado* — paga ao municipio, de Belém: entrada \$010 e 3%, sahida \$005 e 3% e ao Estado, de sahida, \$015 e 3% additionaes; *em casca*, ao municipio, entrada \$005 e 3%, sahida \$030 e 3% e ao Estado, de sahida \$035 e 3% additionaes; *farinha de mandioca* e *crueira* pagam: ao municipio de Belém por 60 kilos, entrada \$300 e 3%, sahida, por kilo, \$012 e 3%, e ao Estado, por kilo, entrada \$010 e 3% additionaes.

Algodão em caroço :

Paga, por 15 kilos, de Bragança :

Frete	\$837
Direitos	\$150
Conducção da colonia.	\$200 a \$300

Paga, por 15 kilos, de Quatipurú:

Frete	\$780
Direitos.	\$150
Conducção da colonia.	\$200 a \$300

Paga, por 15 kilos, de Capanema:

Frete	\$716
Direitos.	\$250
Conducção da colonia	\$200 a \$300

Paga, por 15 kilos, de S. Luiz:

Frete	\$612
Direitos	\$250
Conducção das colonias	\$200 a \$300

Paga, por 15 kilos, de Ig. Assú:

Frete	\$495
Direitos	\$250
Conducção das colonias	\$200 a \$300

Entrando no municipio de Belém, paga \$002 por kilo, e de sahida para o paiz \$005 e fóra do paiz \$008 e mais 10 % ao Estado no acto da exportação sobre a pauta. Sendo já em pluma, paga ao Estado sómente 5 %.

Todos os generos no acto do embarque pagam de capatazias a «Port of Pará» por volume até 50 kilos 200 réis e mais 100 réis por 10 kilos ou fracção, de augmento, e \$003 de taxas por kilo, sendo o embarque em horas outras e em dias feriados ou á noite estas taxas dobram para \$006 réis.

Os fretes de generos para os portos de Nordeste e Sul do Paiz são cobrados pela Companhia Nacional de Navegação Costeira pela seguinte tabella, por 1.000 kilos:

Para Maranhão	44\$000
» Ceará	54\$000
» Mossoró	55\$000
» Natal	62\$000
» Cabedello	65\$000
» Recife	72\$000

Para Maceió	76\$000
» Bahia	77\$000
» Rio de Janeiro	100\$000
» Santos.	107\$000
» Rio Grande	137\$000
» Pelotas	142\$000
» Porto Alegre	142\$000

A companhia dá aos compradores bonus que variam de 15 % a 45 %, de accôrdo com as mercadorias embarcadas.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Os impostos directos e indirectos incidindo sobre os principaes generos agricolas, industriaes e pastoris, destinados ao consumo, não são uniformes, podendo-se, entretanto, estabelecer a seguinte média para os impostos de exportação nos municipios: algodão em rama, arroba \$600; em caroço, arroba \$200; alcool, frasqueira 1\$500; abacate, cento \$300; arroz beneficiado, arroba \$100; em casca, sacca de 60 kilos \$250; banba de porco, kilo \$050; bananas, cacbo \$050; bebidas alcoolicas, litro \$050; burity em rama ou torcido, kilo \$300; breu vegetal, kilo \$100; cocos, cento 1\$000; cocos babassú, kilo \$020; couro de boi, um 1\$000, de veado e outros, kilo \$150; carne salgada ou secca, arroba 1\$000; camarão, arroba 1\$000; cumarú, kilo \$100; crueira, sacca de 60 kilos, \$250; caroço de algodão, arroba \$050; espadana (paina), kilo \$100; estacas de qualquer madeira, cento 1\$000; esteios, até 25 palmos, um \$500; de mais de 25 palmos, 1\$000; fructas, barrica 1\$000; feijão, sacca de 60 kilos \$600; alqueire de 30 kilos \$300; farinha de mandioca, sacca de 60 kilos \$250; alqueire de 30 kilos, \$150; frechaes até 25 palmos, \$500; de mais de 25 palmos, 1\$000; farello de qualquer especie, sacca de 60 kilos \$100; grude de peixe, kilo \$300; gergelim, kilo \$010; gerimú, cento 1\$000; galinha, uma \$200; gado vaccum, cabeça 7\$000; cavallar ou muar, 7\$000; lanigero ou caprino, cabeça 1\$000; suino, cabeça 2\$000; laranja, cento \$300; milho debulhado, sacca de 60 kilos \$250; alqueire de 30 kilos \$150; em espiga (mão) \$020; ovos, duzia \$200; peixe secco, arroba 1\$500; de salmoura, arroba, 1\$500; pranchas e pranchões e pernas mancas, até 25 palmos \$500; de mais de 25 palmos 1\$000;

ripas, duzia \$200 ; rapaduras, cento \$200 ; sola, kilo \$050 ; sebo, kilo \$050 ; sabão, kilo \$050 ; sal, « coufo » ou alqueire, \$200 ; sal de sernamby, medida de 50 litros \$400 ; toucinho, kilo \$050 ; tapioca, lata \$300 ; tangerina, cento \$300 ; taboas, duzia 1\$200 ; toros de madeira até 25 palmos, 1\$200 ; de mais de 25 palmos, 2\$000 ; tabaco em folha, arroba 1\$000 ; em molho, arroba 1\$500 ; vigas e vigotas de qualquer especie, até 25 palmos, \$500 ; de mais de 25 palmos 1\$000.

Além destes, quando ha exportação para fóra do Estado, este cobra os seguintes impostos: alcool, litro \$150 ; arroz em casca kilo \$030 ; beneficiado, kilo \$010 ; caroço de algodão, kilo \$010 ; farinha de mandioca, kilo \$005 ; fumo, kilo \$100 ; madeiras, kilo \$005 ; milho, kilo \$010 ; feijão, kilo \$010.

Os impostos hoje são exorbitantes, em regra, provocando o encarecimento da vida sobre tudo e a impossibilidade das industrias noutras circumstancias viaveis e nascentes.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Os meios em pratica para manutenção dos preços em alta, difíceis de perceber num ambiente commercial e economicista bem complicado e na ausencia de documentos permitindo a comprehensão dos factores em jogo, especialmente quanto á producção agricola cuja estatistica se pó-lé considerar imperfeitissima, bem como a do intercambio externo e interno. A procura permanente e animada e a deficiencia de producção constituem os factores mais naturaes e evidentes da alta dos preços.

Não se pode ainda attribuir a organizações capitalisticas em suas multiplas fórmas, a syndicatos, sociedades anonymas, aos *trusts* e *cartels*, essa elevação dos preços por faltarem ainda na organização social e economicista paraense.

A escassez da producção, por desvio de mão de obra rural ou por vicissitudes meteorologicas ou biologicas, são causas inequivocas de elevação dos preços dos generos agricolas. Si ha outras causas economicas, demographicas, politicas, não foram apreciadas por falta de documentação e estudos convenientes. Felizmente, epidemias de cholera e de variola como em 1852 assolaram, e os motins politicos e revoltas como a da cabanagem em 1835, que suspendeu as actividades ruraes quasi por completo, não mais são hoje de temer num meio como o Pará, ardentemente desejoso de paz e prosperidade para a grandeza da exploração de sua dadivosa terra.

Esse Serviço num primeiro ensaio de estudo do custo da alimentação no Pará, comparando os preços correntes de onze generos em tres mercados, nos annos de 1911 e 1921, obteve e divulgou o seguinte resultado:

MERCADOS	INDICE	AUGMENTO % NO DECENNIO	AUGMENTO MÉDIO ANNUAL
Belém	119,47	19,47	1,94
Santarém.	112,34	12,34	1,23
Abaeté.	100,82	0,82	0,08
Média total.	110,87	10,87	1,08

Esse augmento, apenas superior ao do Amazonas, insignificante á primeira vista, comparando-o ao obtido para os demais Estados, foi de relativa importancia, levando-se em consideração a crise consequente da desvalorisação da borracha, só em parte attenuada pela maior exploração agro-pecuaria, — estimulada com a depreciação dos salarios.

O quadro abaixo, comparativo dos preços nos mesmos mercados entre 1921 e 1922, abrangendo maior numero de generos, mostra um augmento médio de 2,24 %, notando-se que em Belém, principal mercado do Estado, houve decrescimo de 3,47 e augmentos de 0,53 % em Abaeté e 9,68 % em Santarém. Baixaram, no primeiro desses mercados, — toucinho, carne de porco, farinha de mandioca, arroz, bacalhau, xarque, farinha de trigo e oleos alimentares; mantiveram os preços do anno anterior, — leite, queijo, banha, ovos, carne de vacca e de carneiro e subiram — milho, batatinha, feijão, café, manteiga e assucar. Em Abaeté apresentaram diminuição de preços o assucar, queijo, leite, banha, carne de vacca, xarque, farinha de trigo e oleos alimentares; mantiveram-se estaveis a manteiga, farinha de mandioca, ovos e carne de carneiro e experimentaram altas o milho, toucinho, batatinha, carne de porco, feijão, café, arroz e bacalhau. E em Santarém, segundo mercado do Estado, baixaram o assucar, carne de carneiro, de vacca, xarque, farinha de trigo e oleos alimentares; conservaram os preços de 1921 apenas o leite e o arroz, augmentados os preços das demais utilidades apreciadas, — milho, toucinho, batatinha, carne de porco, feijão, café, manteiga, farinha de mandioca, queijo, leite, banha e bacalhau.

**Índice dos preços dos generos alimenticios nos mercados varejistas de Belém,
Abaeté e Santarém — 1921 — 1922**

N DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS					OSCILAÇÕES	
		921	Belém	Abaeté	Santarém	1922	+ %	- %
1	Milho	100	133,33	125,00	157,14	138,49	38,49	—
2	Toucinho	100	92,85	122,23	150,00	121,69	21,69	—
3	Batatinha	100	120,00	120,00	112,50	117,50	17,50	—
4	Carne de porco	100	93,33	122,23	127,17	114,44	14,44	—
5	Feijão	100	103,52	114,73	120,00	112,75	12,75	—
6	Café	100	115,00	105,37	110,86	110,74	10,74	—
7	Manteiga	100	116,66	100,00	113,33	109,99	9,99	—
8	Farinha de mandioca	100	66,66	100,00	137,50	101,38	1,38	—
9	Assucar	100	107,75	97,44	95,54	100,16	0,16	—
10	Queijo	100	100,00	93,10	107,14	100,08	0,08	—
11	Leite	100	100,00	93,00	102,00	100,00	—	—
12	Ovos	100	100,00	100,00	100,00	100,00	—	—
13	Banha	100	100,00	90,90	105,38	99,09	—	0,91
14	Carne de carneiro	100	100,00	100,00	94,28	98,09	—	1,91
15	Arroz	100	87,50	102,56	100,00	95,68	—	3,32
16	Bacalhau	100	71,42	101,25	104,00	92,22	—	7,78
17	Carne de vacca	100	100,00	84,61	88,00	90,87	—	9,13
18	Xarque	100	80,00	88,70	90,62	86,44	—	13,56
19	Farinha de trigo	100	75,00	81,57	86,84	81,13	—	18,87
20	Oleos alimentares	100	67,69	61,99	90,39	73,35	—	26,75
	Média total.	100	96,53	100,53	109,68	102,24	2,24	—

Comparando-se agora nos mesmos mercados os preços correntes em julho de 1922 e 1923, nota-se maior aggravação, — 4,43 % em média, apresentando Belém a maior elevação 18,73 %, seguindo-se Abaeté com 0,87 %, enquanto Santarém experimentou uma baixa média de 6,26 % no mesmo periodo.

A se julgar por esses mercados, como mostra o quadro abaixo, os generos em tendencia de alta são: — farinha de mandioca, assucar, café, toucinho, carne de carneiro, farinha de trigo, queijo e bacalhau; estaveis o leite e a carne de vacca e baixando os seguintes: — carne de porco, manteiga, xarque, ovos, batatinha, arroz, oleos alimentares, milho, banha e feijão.

Índice dos preços dos generos alimenticios nos mercados varejistas de Belém, Abaeté a Santarém — julho de 1922 - 1923

N. DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS					OSCILAÇÕES	
		1922	Belém	Abaeté	Santarém	1923	+ %.	- %.
1	Farinha de mandioca . . .	100	250,00	200,00	100,00	183,33	83,33	—
2	Assucar . . .	100	160,00	144,05	150,00	151,68	51,68	—
3	Café . . .	100	130,43	128,00	123,07	127,16	27,16	—
4	Toucinho . . .	100	153,84	100,00	85,71	113,18	13,18	—
5	Carne de carneiro . . .	100	100,00	106,66	120,00	108,88	8,88	—
6	Farinha de trigo.	100	116,66	100,00	100,00	105,55	5,55	—
7	Queijo. . . .	100	100,00	114,28	100,00	104,76	4,76	—
8	Bacalhau . . .	100	128,00	95,00	90,00	104,33	4 33	—
9	Leite	100	100,00	100,00	100,00	100,00	—	—
10	Carne de vacca.	100	100,00	100,00	100,00	100,00	—	—
11	Carne de porco .	100	107,14	90,90	100,00	99,34	—	0,66
12	Manteiga . . .	100	100,00	100,00	94,11	98,03	—	1,97
13	Xarque. . . .	100	100,00	100,00	92,89	97,63	—	2,37
14	Ovos	100	91,07	100,00	100,00	97,02	—	2,98
15	Batatinha. . .	100	100,00	90,00	87,50	92,50	—	7,50
16	Arroz	100	114,28	65,00	73,68	84,32	—	15,68
17	Oleos alimentares	100	76,41	83,33	86,85	82,82	—	17,18
18	Milho	100	150,00	60,00	33,33	81,11	—	18,89
19	Banha	100	113,63	64,00	66,66	80,09	—	19,91
20	Feijão	100	83,33	76,31	71,05	76,89	—	23,11
	Média total. .	100	118,73	100,87	93,74	104,44	4,44	—

Assim sendo, o aumento médio annual dos preços nesses mercados, — 1,08 % de 1911 a 1921, subiu a 1,09 % em 1922 para attingir em 1923 a 1,35 %.

Relação das principaes casas exportadoras do Estado
do Pará

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Pará

PRODUCTOS		FIRMAS		ENDEREÇOS	
				Município	Local
Aguas gazosas.	• • • • •	Fabrica de Cerveja Paraense	• • • • •	Belém	Rua Conselheiro João Alfredo, 41.
»	• • • • •	Oliveira Simões & Comp.	• • • • •	»	» 13 de Maio, 22.
»	• • • • •	M. Valente & Comp.	• • • • •	»	» da Industria, 56.
Algodão.	• • • • •	Antonlo d'Albuquerque	• • • • •	»	» » » 38.
»	• • • • •	Teixeira & Comp.	• • • • •	»	» » » 27.
»	• • • • •	Reggie L. Moss & Comp. Ltd.	• • • • •	»	Travessa Campos Salles, 9.
»	• • • • •	Berringer, Ohliger & Comp.	• • • • •	»	Boulevard da Republica, 36.
»	• • • • •	Proença, Irmãos & Comp.	• • • • •	»	Travessa Marquez de Pombal, 10.
»	• • • • •	Higson, Brooks & Comp.	• • • • •	»	Rua Visconde do Rio Branco, 18.
»	• • • • •	A Mourão & Comp.	• • • • •	»	» 15 de Novembro, 57
»	• • • • •	M. E. Serfaty	• • • • •	»	Travessa S. Mathews, 44.
»	• • • • •	S. Marques & Comp.	• • • • •	»	» Sete de Setembro, 4.
»	• • • • •	Jos. Origet & Comp.	• • • • •	»	Boulevard da Republica, 44
»	• • • • •	Proença, Irmãos & Comp.	• • • • •	»	Travessa Marquez de Pombal, 10.
Algodão em carozo	• • • • •	Berringer, Ohliger & Comp.	• • • • •	»	Boulevard da Republica, 36.
»	• • • • •	Jos. Origet & Comp.	• • • • •	»	» » » 44.
»	• • • • •	S. Bitar, Irmãos.	• • • • •	»	» » » 26.
»	• • • • •	S. Marques & Comp.	• • • • •	»	Travessa Sete de Setembro, 4.
»	• • • • •	Higson Brooks & Comp.	• • • • •	»	Rua Visconde do Rio Branco, 18.
»	• • • • •	J. Adonias & Comp.	• • • • •	»	Boulevard da Republica, 47.
»	• • • • •	Ferreira Costa & Comp.	• • • • •	»	Rua 15 de Novembro, 54.
Arroz.	• • • • •	Pires Guerreiro & Comp.	• • • • •	»	» » » 14.
»	• • • • •	A. Rodrigues & Comp.	• • • • •	»	» » » 30.
»	• • • • •	J. Carvalho & Comp.	• • • • •	»	» Angelo Custodio, 9 A.

Arroz.	Cezarlo Felipe & Comp.	Belém	Rua João Diogo, 30
»	»	Companhia Pastoral Paraense	»	»	» da Industria, 29.
»	»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	»	Boulevard da Republica, 30.
»	»	M. F. Gomes	»	»	Rua Manoel Barata, 36.
»	»	Quim Higgins & Comp.	»	»	» da Industria, 30.
»	»	Antonio Joaquim Ribeiro	»	»	Largo de S. Antonio, 1 A.
»	»	Augusto Marzioni & Comp.	»	»	Travessa Sete de Setembro, 42.
Azeite de azeitona e outros.	»	Higson Brooks & Comp.	»	»	Rua Visconde do Rio Branco, 18.
»	»	C. Rebello & Comp.	»	»	» da Municipalidade, 7
»	»	Mattos Cardoso & Comp.	»	»	» Conselheiro João Alfredo, 30.
»	»	Gonçalves Pereira & Comp.	»	»	Travessa Occidental do Mercado, 4.
»	»	Proença, Irmãos & Comp.	»	»	» Marquez de Pombal, 10.
»	»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	»	Boulevard da Republica, 36.
»	»	Suter, Hannmann & Comp.	»	»	» » » 30.
»	»	M. E. Serfaty	»	»	Travessa S. Mathieus, 44.
Anigem.	»	Martins Jorge & Comp.	»	»	» Quinino Bocayuva, 4.
Biscoitos	»	Jorge Correia & Comp.	»	»	Rua Paes de Carvalho, 6
»	»	Santos Cardoso & Comp.	»	»	Travessa Sete de Setembro, 56.
Borracha.	»	General Rubber C. of Brasil.	»	»	Boulevard da Republica, 45.
»	»	Adelbert H. Alden, Ltd.	»	»	» » » 32.
»	»	F. Chamlié	»	»	» » » 29.
»	»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	»	» » » 35.
»	»	Suter, Baumann & Comp.	»	»	» » » 30.
»	»	S. Bitar & Irmãos	»	»	» » » 26.
»	»	Ranniger & Comp.	»	»	» » » 45.
»	»	Jos. Origet & Comp.	»	»	» » » 44.
»	»	Ferreira Costa & Comp.	»	»	Rua 15 de Novembro, 56
»	»	Hugson Brooks & Comp.	»	»	» Visconde do Rio Branco, 18.
»	»	Suarez Filho & Comp.	»	»	» da Industria, 86.
»	»	João Jorge Corrêa & Comp.	»	»	Avenida S. Braz, 91.
»	»	Jos. Origet & Comp.	»	»	Boulevard da Republica, 44.
Botões de Jarina	»	S. Marques & Comp.	»	»	Travessa Sete de Setembro, 4.
Cacão	»	Higson Brooks & Comp.	»	»	» Visconde do Rio Branco, 18.
»	»	Adelbert H. Alden, Ltd.	»	»	Boulevard da Republica, 32.
»	»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	»	» » » 36.
»	»	F. Chamlié	»	»	» » » 29.

PRODUCTOS	FIRMAS	Município	Local
Cacáo	S. Bitar, Irmãos.	Belém	Boulevard da Republica, 26.
»	Teixeira & Comp.	»	Rua da Industria, 27.
»	M. F. Serfaty	»	Travessa S. Mathews, 44.
Castanhas	Suter, Baumann & Comp.	»	Boulevard da Republica, 30.
»	Adelbert H. Alden, Ltd.	»	»
»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	»
»	Wilson, Holgate & Comp., Ltd.	»	Rua da Industria, 43 (1º andar).
»	Reggie L. Moss & Comp., Ltd.	»	Travessa Campos Salles, 9.
»	Higson Brooks & Comp.	»	» Visconde do Rio Branco, 18.
»	Hanniger & Comp.	»	Boulevard da Republica, 45.
»	General Rubber Co. of Brasil.	»	»
»	Benchimol & Irmãos	»	»
»	Suter, Baumann & Comp.	»	Rua 15 de Novembro, 83.
»	S. Bitar, Irmãos.	»	Boulevard da Republica, 30.
»	A. Pinheiro Filho & Comp.	»	»
Chapeus de palha.	Augusto Mazioni & Comp.	»	Travessa Quintino Bocayuva, 45.
Cereaes	Cezario Felipe & Comp.	»	» Sete de Setembro, 42.
»	Pires Guerreiro & Comp.	»	Rua João Diogo, 30.
»	Ferreira Costa & Comp.	»	» 15 de Novembro, 14.
»	Sá Ribeiro & Comp.	»	»
»	M. F. Gomes	»	»
»	A. Rodrigues & Comp.	»	»
»	J. Carvalho & Comp.	»	Rua Manoel Barata, 25.
»	Companhia Pastoral Paraense	»	Avenida 16 de Novembro, 30.
»	Quinn Higgins & Comp.	»	Rua Angelo Custodio, 9 A.
»	Berringer, Ohliger & Comp.	»	» da Industria, 29.
»		»	»
»		»	» 30 (1º andar).
»		»	Boulevard da Republica, 36.

Cereaes	Antonlo Joaquim Ribeiro
Cerveja	Figueiredo & Comp.
Conservas de fructas	Fabrica de Cerveja Paraense
»	Miranda Corrêa & Comp.
»	João Jorge Corrêa
»	M. Santos
»	Martins Jorge & Comp.
»	Saunders & Davids.
»	Jorge Hemicid & Irmãos
»	Mourão Ferreira & Comp.
»	Lobato & Comp.
Couro de boi	Antonio d'Albuquerque
»	S. Marques & Comp.
»	Mattos Cardoso & Comp.
»	Amoedo & Comp.
»	Simão J. Benjô & Comp.
»	S. Marques & Comp.
»	Berringer, Ohliger & Comp.
»	Rudolf W. H. Hoffmann
»	M. E. Serfaty
»	Jos. Origet & Comp.
Fibras vegetaes	Berringer, Ohliger & Comp.
»	Higson Brooks & Comp.
»	Reggie L. Moss & Comp., Ltd.
Fumo	Nicolau da Costa & Comp.
»	Martins Irmãos & Comp.
»	Y. Serfaty & Comp.
»	Amadeu Barbedo
»	Santiago & Comp.
»	Adelino G. Bastos.
Grude de peixe	Adelbert H. Aiden, Ltd.
»	Berringer, Ohliger & Comp.
»	Jos. Origet & Comp.
»	Ranninger & Comp.
»	Mattos Cardoso & Comp.
»	Higson Brooks & Comp.

Belém

Largo de Santo Antonio, 1.	Rua 13 de Maio, 60.
» Conselheiro João Alfredo, 41.	» da Industria, 34.
» Travessa 28 de Setembro, 13.	Rua 1'aes de Carvalho, 146.
» Travessa Quintino Bocayuva, 4.	Rua 13 de Maio, 19 A.
» 28 de Setembro, 164.	Largo do Palacio, 3.
» Travessa Dr. Fructuoso Guimarães, 35.	Rua da Industria, 38.
» Travessa Sete de Setembro, 4.	Rua Conselheiro João Alfredo, 30.
» 15 de Novembro, 12.	» 13 de Maio, 15.
» Travessa Sete de Setembro, 4.	Boulevard da Republica, 36.
» Travessa S. Matheus, 25 (1º andar).	» 44.
» Boulevard da Republica, 44.	» 36.
» Travessa Visconde do Rio Branco, 18.	» Campos Salles, 9.
» Boulevard da Republica, 27.	» 80.
» Rua Conselheiro João Alfredo, 16.	» Travessa Padre Prudencio, 17.
» Rua 28 de Setembro, 129.	» Travessa Occidental do Mercado, 80.
» Boulevard da Republica, 32.	» 36.
» 41.	» 45.
» Conselheiro João Alfredo, 30.	» Travessa Visconde do Rio Branco, 18.

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS	
		Município	Local
Grude de peixe	Reggie L. Moss & Comp. Ltd.	Belém	Travessa Campos Salles, 9.
»	S. Marques & Comp.	»	Sete de Setembro, 4.
»	M. E. Serfaty	»	S. Mathews, 44.
»	Amoedo & Comp.	»	Rua 15 de Novembro, 12.
Guaraná.	Ferreira Costa & Comp.	»	» » 56.
»	Simão J. Benjô & Comp.	»	Rua 13 de Maio, 15.
»	Ranniger & Comp.	»	Boulevard da Republica, 45.
»	Ferreira d'Oliveira & Sobrinho	»	Rua Conselheiro João Alfredo, 13.
»	Higson, Brooks & Comp.	»	Praça Visconde do Rio Branco, 18.
»	Oliveira Simões & Comp.	»	Rua 13 de Maio, 22.
»	Fabrica de Cerveja Paraense	»	» Conselheiro João Alfredo, 41.
»	M. E. Serfaty	»	Travessa S. Mathews, 44.
»	S. Bitar, Irmãos	»	Boulevard da Republica, 26.
Jarina	Ferreira Costa & Comp.	»	Rua 15 de Novembro, 54.
»	A. Mourão & Comp.	»	» » 57.
»	S. Marques & Comp.	»	Travessa Sete de Setembro, 4.
»	Higson, Brooks & Comp.	»	Praça Visconde do Rio Branco, 18.
»	Berringer, Ohiger & Comp.	»	Boulevard da Republica, 36.
Jurahycica	Sá Ribeiro & Comp.	»	Rua 15 de Novembro, 18.
»	Gonçalves Pereira & Comp.	»	Travessa Occidental do Mercado, 4.
Madeiras diversas.	Manoel Pedro & Comp.	»	Rua de Bragança, 3.
»	Marques Reis & Comp.	»	» » 6.
»	Baptista Lopes & Comp.	»	» 28 de Setembro, 73.
»	Ferreira Gomes & Comp.	»	» » 153.
»	J. S. de Freitas & Comp.	»	Travessa Benjamin Constant, 27.
»	Serraria Claudio Limited.	»	Rua da Industria, 89.

Madeirasas	Oliveira & Machado	Rua da Industria, 5.
»	Tavares Barbosa & Irmãos	» 15 de Novembro, 20.
»	Fonseca Diniz & Comp.	» 28 de Setembro, 258.
Mandioca(sensu productos)	Ferreira Costa & Comp.	» 15 de Novembro, 14.
»	Pires Guerreiro & Comp.	» » » 20.
»	Tavares Barbosa & Irmãos	» » » 18.
»	Sá Ribeiro & Comp.	» » » 25.
»	Maia & Comp.	» 19 de Maio, 60.
»	Figueiredo & Comp.	Boulevard da Republica, 24.
»	Nicolau da Costa & Comp.	Rua João Diogo, 30.
»	Cezario Felipe & Comp.	» Travessa Sete de Setembro, 42.
»	Augusto Marzioni & Comp.	» Avenida 16 de Novembro, 30.
»	A. Rodrigues & Comp.	Rua Manoel Barata, 36.
»	M. F. Gomes.	» Paes de Carvalho, 6.
Massas alimenticias	Jorge Corrêa & Comp.	» Travessa Sete de Setembro, 55.
»	Santos Cardoso & Comp.	» » » 42.
Milho	Augusto Marzioni & Comp.	Rua João Diogo, 30.
»	Cezario Felipe & Comp.	» 15 de Novembro, 14.
»	Pires Guerreiro & Comp.	» » » 54.
»	Ferreira Costa & Comp.	» » » 18.
»	Sá Ribeiro & Comp.	» Manoel Barata, 36.
»	M. F. Gomes.	» 13 de Maio, 25.
»	Maia & Comp.	» » » 60.
»	Figueiredo & Comp.	Boulevard da Republica, 36.
Muruputama.	Berringer, Ohliger & Comp.	» Praça Visconde do Rio Branco, 18.
Óleo de eopahyba.	Higson Brooks & Comp.	Boulevard da Republica, 36.
»	Berringer, Ohliger & Comp.	» » » 26.
»	S. Bitar, Irmãos.	» » » 30.
»	Suter, Baumann & Comp.	» » » 29.
»	F. Chamié	» Travessa Sete de Setembro, 42.
»	Augusto Marzioni & Comp.	Rua Conselheiro João Alfredo, 30.
»	Mattos Cardoso & Comp.	» Travessa S. Mathews, 25 (1º andar).
»	Rudolf W. H. Hofmann	» Praça Visconde do Rio Branco, 18.
Óleos vegetaes (outros).	Higson Brooks & Comp.	Rua da Municipalidade, 7.
»	C. Rebello & Comp.	» Conselheiro João Alfredo, 30.
»	Mattos Cardoso & Comp.	

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS
		Município Local
Oleos vegetaes (outros)	Goncalves Pereira & Comp.	Travessa Occidental do Mercado, 4.
»	Proença, Irmãos & Comp.	» Marquez de Pombal, 10.
»	Berringer, Ohliger & Comp.	Boulevard da Republica, 36.
»	Suter, Baumann & Comp.	» » » 30.
»	M. E. Serfaty	Travessa S. Matheus, 44.
»	Claudio Romariz	» D. Pedro, 1.
Pelões de veado e outras.	Berringer, Ohliger & Comp.	Boulevard da Republica, 36.
»	Adebert H. Alden, Ltd.	» » » 32.
»	Suter, Baumann & Comp.	» » » 30.
»	F. Chamie	» » » 29.
»	Ranniger & Comp.	» » » 43.
»	Jos. Origet & Comp.	» » » 44.
»	Ferreira Costa & Comp.	Rua 15 de Novembro, 54.
»	Abithol & Aguiar	» » » 71.
»	A. Marques & Comp.	Travessa Sete de Setembro, 4.
»	General Rubber Company of Brasil.	Praça Visconde do Rio Branco, 18.
»	Higson Brooks & Comp.	» » » 18
»	M. E. Serfaty	Travessa S. Matheus, 44.
»	Mattos Cardoso & Comp.	Rua Conselheiro João Alfredo, 30.
»	Antonio d'Albuquerque	» da Industria, 38.
»	Benchimol & Comp.	» Conselheiro João Alfredo, 76.
»	Leon Cahen & Comp.	» 13 de Maio, 67.
»	S. Marques & Comp.	Travessa Sete de Setembro, 4.
»	Reggie L. Moss & Comp. Ltd.	» Campos Salles, 9.
»	Abithol & Comp.	Rua 15 de Novembro, 71.
»	Ferreira Gomes & Comp.	» 28 » 131.

ESTADO DO MARANHÃO

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transportes dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

II — Relação das principaes casas exportadoras do Estado

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

No Estado do Maranhão têm maior consumo os seguintes generos alimenticios: farinhas de mandioca — “secca”, nas zonas “Central” e “Sertaneja” e a “d’agua”, na zona “littoranea”; *carne* de gado bovino, verde ou secca, em todo o Estado, mas especialmente na zona “Sertaneja”; *peixe* de mar e *camarão*, frescos ou seccos, na zona “littoranea”; *peixe* d’agua doce, nas zonas “Sertaneja” e principalmente na “Central”; *arroz*, *café* e *assucar*, no Estado todo; e embora em menor escala, mas tambem de grande consumo no Estado, são os *gallinaceos*, *carne de suinos*, *feijão* e *batatas*; nas sédes dos municipios principaes tem muito consumo a *farinha de trigo*. Nas localidades de menor população ou nas mais distantes dos portos, substituem o pão de trigo pelos bôlos de tapiôca de mandiôca ou pelos bôlos de milho (cuscús etc.)

As substancias condimentacs de maior consumo são o sal, manteiga, banha, vinagre, azeite de olivas, de gergelin e de babassú, cuminho, pimentas, tomate, cebola e alho.

E as frutas tambem de maior consumo no Estado são as bananas, laranjas, limas, tangerinas, abacates, abricós, jacas, mangas, atas, abacaxis, goiabas e as *silvestres*, principalmente o bacury, piquis, burity e jussára.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

Todos os generos até aqui referidos são produzidos no Estado, á excepção da farinha de trigo, importada do sul do paiz e dos Estados Unidos; manteiga, que se importa tambem do sul do paiz e, em menor escala, da Europa; azeite de olivas, cuminho, pimenta do

reino, cebola e alho, que são importados, igualmente, ainda do sul do paiz, da Europa e dos Estados Unidos, assim como a batata “ingleza”; e, finalmente, o café, que é importado de S. Paulo (Santos), do Espirito Santo e da Capital Federal.

E embora sejam os demais productos alimenticios de maior consumo no Estado, produzidos, como já dissemos, nelle proprio, ainda assim são importados em quantidades consideraveis assucar de Pernambuco, carne secca do Rio Grande do Sul e feijão, banha e vinagre, tambem do sul.

Á excepção dos municipios da capital, Paço do Lumiar e S. José de Ribamar, que se acham na Ilha de S. Luiz e cuja producção agricola é ainda insignificante, todos os demais municipios consomem, em geral, os generos alimenticios de sua producção.

Como é natural, entretanto, aquelles de maior producção pecuaria abastecem os de maior lavoura das carnes seccas, banha, etc. e estes fornecem áquelles os seus productos (farinhas, assucar, feijão, arroz, etc.). A zona “littoranea” abastece as demais de sal, camarão e peixe secco e nos annos que, por qualquer motivo, a producção de farinhas de mandioca é nas outras pequena tambem esse producto é quasi sempre fornecido pelos municipios do littoral.

A zona “Central” fornece carne secca á zona “littoranea”.

Muito raramente, porém, essas trocas se effectuam directamente de um municipio do interior com outro, mas quasi sempre por intermedio do seu principal mercado — a praça da Capital.

Somos de parecer que todos os generos alimenticios de maior consumo no Estado e que são ainda importados poderiam ser economicamente produzidos no proprio Estado e em quantidade sufficiente, exceptuando-se oleo de olivas, substituivel entretanto por outros oleos de plantas nossas, e a farinha de trigo, que em parte poderia ser pela de mandioca substituida. Mesmo o café e a batata, pensa o inspector agricola que poderiam ser em algumas zonas do Estado cultivados com successo.

E para que essas novas explorações tivessem desenvolvimento, bastaria, ao par de uma propaganda intensa e conscienciosa, que se effectivassem medidas no sentido de melhorar os meios de *transporte*, impondo-se ainda para tal desenvolvimento uma providencia efficaz para a instituição do *credito agricola*.

Não nos parece aconselhavel a substituição destes productos por outros similares, senão daquelles aos quaes já nos referimos nesse sentido.

Para substituir, entretanto, a batatinha, ha duas variedades de batata doce — a «Rainha» e a «Coquinho», que poderiam ser adquiridas como sementes nos Estados do Nordeste, essencialmente no Ceará, para distribuição aos lavradores; talvez, assim, produzindo estas em larga escala e com alguma propaganda, se conseguisse a substituição da *solanum tuberosum* pela *ipomoea batatas*, por ser esta de muito mais facil cultivo no Estado

Oscillações dos preços

Para os generos de producção e consumo locais os preços baixam, como é natural, nas épocas das safras.

Os generos de importação oscillam de preço, nem só de accôrdo com as oscillações nos mercados fornecedores, como com a falta ou abundancia no mercado da Capital, que é o unico importador e o abastecedor do interior do Estado de taes productos.

E os artigos do producção do Estado, de consumo local e exportação, obedecem na oscillação de preços, nem só ao que dissemos acima, relativamente á baixa nas épocas das safras, como «aos ffeitos da ganancia dos especuladores pouco escrupulosos e monopolizadores», mas tambem e principalmente á imperiosa lei da offerta e da procura dos mercados importadores.

Assim, pois, a farinha de mandioca, arroz, feijão e milho sobem de preço sempre durante a estação chuvosa, mas principalmente nos mezes de fevereiro a maio; quando as safras, porém, são pequenas ou quando ha exportação consideravel desses productos, as suas cotações augmentam em geral desde dezembro e só começam a cahir com o inicio da nova safra, isto é, de maio a junho.

O preço do assucar, quasi sempre, diminúe na estação secca, mais ou menos de agosto a dezembro, havendo ás vezes, depois dessa época, uma diuinuição ainda maior do preço, em janeiro e fevereiro, quando os *stocks* são grandes, devido ao receio de se estragar o producto pela humidade; mas dada vazão ao excesso do *stock*, o preço começa novamente a subir, para baixar então, como já dissemos, com o inicio

da nova safra. Tanto a abundancia ou escassez da safra do assucar em Pernambuco como a sua cotação alli, influem sensivelmente na baixa ou alta do preço desse artigo, devido ser aquelle Estado fornecedor de mais talvez de 30 % da quantidade que se consome no Maranhão.

O peixe e camarão diminuem grandemente de preço nas localidades da pesca, durante a estação chuvosa, nem só pela maior abundancia nessa época, como porque quasi nenhuma producção ha de peixe e camarão seccos para a exportação, devido á falta do calor solar e impossibilidade portanto da sécca; por conseguinte, na época das chuvas, sobem consideravelmente os preços do peixe e do camarão seccos, ao passo que decresce o do peixe fresco, chegando, não raro, em fevereiro e março, em alguns municipios da zona littoranea como Cururupú, a ser vendido por menos de \$100 o kilo de excellentes qualidades.

O preço do sal diminue sempre nas épocas das safras, de agosto a novembro ou dezembro.

Referencias, nestas informações, ao peixe, camarão e sal, se justificam porque, embora não sejam productos propriamente da agricultura, constituem, entretanto, uma exploração rural e até mesmo de muitos que exercem no Estado tambem a profissão de trabalhador agricola ou de pequeno lavrador.

O preço da carne secca tambem augmenta pela estação chuvosa.

Os preços das carnes verdes não soffrem accentuadamente a influencia das estações; elles, porém, vêm augmentando sempre sensivelmente nestes tres ultimos lustros, obedecendo esse facto a varias causas sociaes economicas, que têm mundialmente contribuido para a carestia da vida em geral.

Não parece que a cotação das farinhas de mandioca, genero da maior utilidade e de consumo mais generalizado no Estado, exerça influencia apreciavel nos preços dos demais productos.

O contrario, porém, se verifica relativamente aos productos da industria extractiva local quando de exportação, notadamente o *babassú*, que, desviando braços da lavoura para a sua exploração, contribue assim, para a diminuição da producção propriamente agricola.

A cotação nos mercados importadores dos productos maranhenses, de exportação, influe muito accentuada e directamente na baixa e alta desses generos, nos mercados internos.

Os preços dos demais generos alimenticios, de produção local, especialmente das fructas, variam principalmente com a escassez ou abundancia da produção, isto é, augmentam quando a colheita é escassa e diminuem quando ella é farta. Quasi sempre depois de uma colheita abundante se succede outra pequena, pois não se praticam, nem as podas e nem as adubações nas arvores fructíferas.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços /

Os factores climatericos exercem tambem sua influencia na variação dos preços dos generos alimenticios de produção local. Assim é que a estação chuvosa sendo regular, ha sempre, como é natural, colheitas abundantes e consequentemente os productos variam normalmente de preços, conforme já foi indicado; quando, porém, as estações marcham irregularmente, ou pela abundancia ou escassez de chuvas ou pelo retardamento ou antecipação do inicio desses periodos, ha diminuição da produção e por conseguinte os preços augmentam.

E apesar de não sentir os effeitos directos das famosas seccas do nordéste, ellas se reflectem pela exportação que se opera para os Estados assolados, especialmente de farinha de mandiôca, arroz e milho, dos quaes, não havendo quasi nunca superprodução, se verifica então alta na cotação, tanto na praça da Capital como nos mercados do interior.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A fertilidade do sólo augmentando a produção e tornando-a mais barata, influe possivelmente para o abaixamento dos preços dos generos de produção local, nas zonas mais fertéis. Entretanto, não nos parece que seja sensivel a influencia desse factor, aliás importante, nas variações dos preços daquelles productos no Maranhão.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A' excepção dos municipios da ilha de S. Luiz, inclusive o da Capital, onde a população, embora sendo mais densa, pouco se entrega aos mistêres agricolas, toda a demais população do Estado, nos seus outros

63 municípios, exceptuando-se naturalmente a que vive exclusivamente nas cidades e villas e a que trabalha nas officinas artifices, toda ella vive em geral das industrias ruraes (da quebra do babassú, da lavoura, da criação ou da pesca), mas principalmente da lavoura, á qual mais das vezes se entregam tambem os que trabalham na extracção do babassú e os pequenos criadores, muito embora para cultivarem áreas ridiculamente diminutas. Entretanto, onde nesse Estado a população é mais densa, é tambem quasi sempre maior a producção e comquanto seja tambem maior o consumo, são ainda assim menores os preços dos generos alimenticios ahi produzidos.

Crises agricolas e commerciaes

Não tem o Maranhão, como alguns outros Estados do paiz, a infelicidade de soffrer *periodicamente* crises agricolas causadas pelas seccas. Entretanto, tem elle passado por fortes crises sob influencias diversas, — reflectindo ellas naturalmente na baixa dos generos de producção local, quando se manifestam pela falta de exportação e abundancia dos productos, mas causando a alta dos preços, quando a exportação é relativamente consideravel e as colheitas escassas ou quando é este facto somente que se verifica e isto mesmo sendo bastante accentuado.

Os preços dos generos de importação parecem não soffrer a influencia directa das crises agricolas.

Quasi sempre o commercio sente os effeitos das crises agricolas, muito principalmente quando ellas se manifestam pela falta de exportação ou pela grande escassez da producção, parecendo, entretanto, que as crises commerciaes se têm verificado, menos pelos effeitos das crises agricolas do que pela imprevidencia dos commerciantes ou causas outras.

O Maranhão, outr'ora muito florescente, grandê productor e exportador de algodão e assucar, era tambem o cellheiro do Pará, Amazonas e Ceará, principalmente daquelles, de farinhas de mandioca e arroz, que exportava ainda para outros Estados do Brasil e para a Europa; possuia grande numero de engenhos e innumerous estabelecimentos agricolas de grande producção e valor. Mas após a quêda da escravatura lhe sobreviera uma formidavel crise agricola, economica e talvez até social.

Dessa quèda pavorosa e brusca, ainda hoje se sentem os effeitos deruidores, e nunca mais a agricultura maranhense conquistou o logar de então. O commercio, que soffreu muito menos com aquelle golpe, logo se equilibrou. E a agricultura, que já ia melhorando, pois que o Estado continuava, e com maior intensidade ainda, a ser o celleiro da portentosa Amazonia, de farinhas, arroz e milho, principalmente de farinhas, que passara a ser o seu principal producto, soffrera outra grande crise, embora muito menor que a primeira, com a baixa inesperada da famosa *hevea*, éra em que o Maranhão, já produzia quasi exclusivamente cereaes e farinha de mandioca para abastecer a Amazonia. Passou então a agricultura do Estado por cerca de tres lustros em pequena actividade, mas em um periodo de nova rehabilitação, até que, com a grande guerra mundial, ella assomara relativamente grande proporção e desde então, com uma pequena interrupção após o termino daquella contenda, tem augmentado sempre, embora continue rotineira.

Exame e mecanismo dos mercados

Os dois maiores centros commerciaes do Estado, são a Capital e a cidade de Caxias — o grande empório commercial da zona Sertaneja; são esses dois maiores mercados que abastecem em geral as demais praças maranhenses, supprindo-se por sua vez a praça de Caxias na de S. Luiz. Entretanto, ha ainda em outros muuicipios, taes como Pinheiro, Vianna, Pedreiras, Coroatá (fadado a ser o segundo centro commercial do Estado, com o desenvolvimento da via ferrea), Codó e Grajahú onde já existe em accentuado desenvolvimento o commercio a grosso, que se abastece principalmente na Capital, mas que tambem, como Caxias, já effectua directamente suas transacções nos mercados do Pará, Pernambuco, Bahia, Capital Federal, S. Paulo, Rio Grande do Sul, etc.

O commercio a varejo, então, é supprido directamente pelo mercado da Capital ou pelo commercio a grosso dos mercados meiores do interior do Estado, das localidades onde já este existe.

O commercio vende geralmente em boas condições, raramente a dinheiro, mas, mais das vezes, em contas correntes ou prazos de 30 e até 120 dias, variando o seu lucro bruto de 10 a 25 por cento para os generos alimenticios e de 10 a 10 por cento para os demais artigos.

O commercio a varejo vende tambem 'a dinheiro, em conta corrente ou a prazo, que varia de um a 12 mezes, ou até mais, em algumas circumstancias, oscillando o seu lucro bruto (em compensação, talvez, ás vendas a longos prazos), de 25 a 60 por cento e em varios casos até a mais de 100 por cento.

Só muito raramente o productor vende directamente ao consumidor.

O pequeno agricultor vende quasi sempre o seu producto directamente ao varejista que lhê suppre durante o anno e não muito raro este varejista é o proprietario das terras onde aquelle cultiva.

O médio agricultor vende tambem directamente ao varejista, como faz o pequeno; porém mais frequentemente elle vende os seus productos tambem ao commerciante a grosso da sua localidade ou no mercado da Capital, sendo, neste caso, por intermedio de pseudos commissarios (porque quasi sempre são tambem commerciantes), mediante porcentagens de .2, 5 a 5 %.

E o grande productor, que é quasi sempre tambem commerciante, vende os seus productos, tanto aos consumidores pela sua casa commercial de varejo, como na praça da Capital, directamente ás casas com quem mantem conta corrente, ou ainda por intermedio dos commissarios.

Não se pratica ainda, nesse Estado, a warrantagem e nem qualquer outra operação com fim identico.

Não ha tambem bolsas de mercadorias, feiras livres e nem instituições cooperativas de especie alguma.

Apenas nesse sentido tem havido algumas tentativas, especialmente por parte da Inspectoria Agricola, sem, porém, um resultado satisfactorio, nem só devido ao atrazo crasso do meio, nestes assumptos, como tambem pela preponderancia do commerciante sobre a grande maioria dos agricultores e ainda pela minguaidez dos recursos financeiros, pois quasi sempre, ao terminarem suas colheitas, já as devem totalmente ou mais ainda aos negociantes que os supprem.

Póde-se dizer de um modo geral que o consumidor não tem preferencias relativamente á natureza, beneficiamento e preparo dos productos e talvez por essa razão, não havendo estimulo, não cuidam os productores, senão raramente, de aperfeiçoar a sua industria.

Classificação commercial dos productos agricolas

Sobre a classificação dos productos alimenticios no mercado principal do Estado, a praça da Capital, tentara o Governo transacto do preclaro e já fallecido dr. Urbano Santos, organizar um serviço, que logo fracassou, delle apenas ficando uma ligeira e muito falha classificação dos generos a se exportarem, feita muito a esmo, sem apparatus nem regras satisfactorias.

Não foi ainda instituida no Estado, pelo Governo ou particulares, medida alguma no sentido de combater a carestia da vida e nem tão pouco providencias de amparo á producção agricola, proporcionando-lhe meios directos ou indirectos para uma venda vantajosa.

Em beneficio da producção agricola e pela libertação e desenvolvimento da lavoura e da criação, nesse Estado, nenhuma outra medida se impõe tanto quanto a instituição do credito agricola. E se não dispomos para isso de capitaes ou bancos ruraes e se a Carteira Agricola hypothecaria do Banco do Brasil não pôde funcionar no Estado pela falta de demarcações das terras e de outras exigencias regulamentares, criemos as cooperativas de credito, ás quaes, pelas garantias que offerecem, poderia então essa carteira do Banco do Brasil fornecer os capitaes necessarios.

Tambem um outro serviço tem actualmente nesse Estado a importancia da instituição do credito agricola, impondo-se, como elle, imperiosamente ao impulsionamento da industria rural : é o que diz respeito ao desenvolvimento e melhoramento dos meios de transporte, do que agóra nos vamos occupar.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

São os mais rudimentares e os mais imperfeitos os meios de que dispõe a agricultura maranhense para o transporte dos seus productos. Barras perigosissimas, cheias de bancos volumosos e crescentes, move-diços ás vezes ; rios e igarapés tortuosos e sujos, entupidos dos entulhos de suas margens, que as enxurradas collossaes carregam ; caminhos estreitos e tortuosos, ora interrompidos pelos riachos caudalosos da estação invernosa, quasi sempre desprovidos de pontes, e que

assim só podem ser atravessados depois que passa a enchente, ora atravessando por terrenos lamacentos, ora em terrenos que, pela impermeabilidade do sub-sólo, enche-se de varios lagos periodicos; e veredas sinuosas atravez das chapadas entrecortadas pelos riachos periodicos de inverno, óra interceptados por grotas e grotões perigosos, ou atravez dos campos baixos argillòsos, que poeiram pelo verão, mas que são navegaveis por canôas na estação invernosa ; são assim, em geral, as vias de escoamento dos productos agricolas no Maranhão.

O transporte maritimo é feito em barcos a véla, de pequena cabotagem, frequentemente de construcção albardeira ; a viação fluvial é feita pelas originaes embarcações provisórias denominadas *balsas*, pelas *igaritês*, quasi ainda indigenas e em menor escala, por batelões ás mais das vezes mal construidos ; e o transporte terrestre se faz pelo primitivo systema, em costas de muares e de bovinos, ou ainda nos antiquados e pesadões carros de boi ; são em geral esses òs meios de transporte do Maranhão, os quaes não satisfazem absolutamente ás necessidades da sua producção, nem tão pouco condizem com as suas possibilidades agricolas.

Para a navegação costeira ha actualmente apenas um pequeno vapor, que agora iniciou por conta da Companhia de Navegação viagens entre Belém e Natal, fazendo escala pelos principaes portos da costa maranhense.

A viação fluvial dispõe de alguns vapores que rebocam barcaças para o transporte de cargas, mas pertencendo essas unidades, que são tambem ainda em numero muito reduzido, a duas empresas (hoje aliadas) de grandes commerciantes exportadores da praça da Capital e quasi exclusivamente por elles constituidas, não servem senão ao transporte dos generos que compram por intermedio dos seus agentes da navegação, que são tambem quasi sempre seus agentes commerciaes; e mesmo que assim não fosse, tão reduzido é o numero das suas embarcações que não poderiam servir satisfactoriamente á producção, dando-lhe conveniente escoamento; ainda existem no rio Parnahyba algumas embarcações daquellas especies, mas em numero tão pequeno que está ainda muito longe de satisfazer as necessidades das localidades, tanto maranhenses como piauhenses, por onde passam ; tambem ha no alto Itapicurú, no alto Mearim, no Grajahú e em outros rios do Estado, lanchas que conduzem batelões para os transportes de cargas ; tudo isto, porém, é ainda

em numero tão insignificante, que está longe de satisfazer ás necessidades geraes e então servem sómente aos proprietarios, quasi sempre commerciantes, e que, sendo assim, fazem monopolio do serviço.

A viação terrestre dispõe apenas de uma linha ferrea ligando S. Luiz a Therezina, mas que pouca carga ainda transporta por não estarem concluidas a ponte “Benedicto Leite” sobre o canal dos Mosquitos, ligando a Ilha de S. Luiz ao continente e a ponte que sobre o rio Parnahyba ligará Flôres á Capital piauhyense; não existe em todo o Estado senão uma unica e imperfeitissima estrada de rodagem que atrayessa a ilha, ligando a Capital aos municipios de Passo do Lumiar e S. José de Ribamãr; ha poucos caminhos vicinaes em boas condições e raros são os municipios que cuidam bem da conservação dos seus, cumprido-nos neste sentindo louvar o de Cururupú, onde, tanto a municipalidade como os particulares, dedicam bons esforços para tal serviço.

Sendo assim a viação maranhense, não ha propriamente tarifas regulares de fretes; elles são em geral carissimos, dadas as difficuldades apontadas, variando muito duma localidade para outra, conforme a natureza do transporte e de accôrdo com a baixa ou alta dos productos.

Parece, pois, inutil referencias ao assumpto.

Para resolver este grande problema, necessario se tornaria a acção conjuncta dos governos da União, dos Estados e dos municipios, assim como dos particulares e interessados, no sentido de mutiplicarem as construcções dos caminhos que vão das propriedades aos portos e centros commerciaes; melhorar em as condições dos já existentes; construir bons caminhos vicinaes e, tanto quanto possivel, promoverem ainda a construcção de estradas, quando não de rodagem, ao menos carroçaveis, ligando os centros mais productores aos mais commerciaes; e ainda no sentido de promoverem a construcção da grande via ferrea de penetração á zona sertaneja, ligando-a á estação de Coroatá, da E. de Ferro de S. Luiz a Therezina. Quanto ás navegações fluvial e maritima, suggere o inspector agricola, a União e o Estado fomentarem-n’as com garantias de juros e compensadoras subvenções, tanto ás empresas de vapores e lanchas, como mesmo ás de barcos a vela e a motores e de construcção segura. Ainda outra providencia que se faz sentir para o melhoramento dos meios de transporte fluviaes é a limpeza dos rios e dos igarapés.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Incidem directamente sobre os generos de consumo, incluidos nestas notas, o imposto dito de «producção e consumo», sendo as taxas *ad-valorem* para quasi todos os artigos de producção local e *fixas* para os importados, á excepção da farinha de trigo.

Ainda tambem incide sobre os generos alimenticios de producção local, quando exportados, o imposto de «exportação», cujas taxas são *ad-valorem*.

Embora não sejam esses impostos pequenos, não parece que contribuam accentuadamente para o atrophiamiento da producção agricola.

Entretanto, incidindo elles, tanto o de consumo como o de exportação, sobre o custo de producção, que augmenta naturalmente porque é o productor que os paga, o primeiro, directamente ao fisco, e o segundo, indirectamente ao exportador, reflectem elles de algum modo no consumo, que se torna mais dispendioso, e na producção, que se torna mais cara tambem, em prejuizo patente do agricultor.

O quadro seguinte indica as taxas dos impostos referidos, relativamente aos principaes generos alimenticios do consumo local :

Generos de producção local	Producção e consumo	Exportação
Farinha de mandioca.	3 % <i>ad valorem</i>	4 % <i>ad valorem</i>
Arroz	4 % » »	3 % » »
Assucar	5 % » »	
Feijão.	3 % » »	4 % » »
Péixe secco, por kilo		\$100
Carne secca, por kilo.		\$110
Sal, por kilo.		\$006

Gêneros importados

Café	\$040
Batatas	\$040
Farinha de trigo.	3 % <i>ad valorem</i>
Cebola	\$060 o kilo
Alho	\$010 o kilo

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

A alta dos preços dos generos alimenticios de producção local no Maranhão parece ser causada nem só pela escassez ultimamente da producção, consequentemente em parte do desvio do braço para a exploração do babassú e ainda pela falta de sementes, mas tambem essa elevação de preços para os generos de exportação é causada não sómente pela escassez do producto, porém pela procura dos mercados importadores e pela baixa do cambio que se reflecte grandemente nas cotações dos artigos exportaveis, cuja producção augmentando, provoca a diminuição das dos demais.

E assim, em accentuada alta, vêm os principaes generos destinados á alimentação augmentando de preço, a despeito de oscillações ás vezes tendentes á baixa, tanto que em trabalho anterior escreviamos :

«No mercado de S. Luiz o indice do preço dos generos alimenticios em 1921 foi de 131,48 em relação ao anno de 1911, observando-se que a farinha d'agua e o toucinho baixaram de cotação, respectivamente, 10,00% e 10,72% e que os demais generos comparados conservaram-se com alta de 7,50% a 62,50%, marcando a farinha de mandioca a menor e o assucar a maior elevação durante o decennio, figurando a farinha e outros sub-productos de mandioca entre os generos de exportação e o assucar entre os de importação.»

Agora, mostra o quadro abaixo — comparativo dos preços entre os annos de 1921 e 1923 — o indice médio de 135,28 nos mercados de Caxias e S. Luiz, notando-se que sómente as tapiocas «do Para» e «de bolo» e os oleos alimentares registaram baixas de 1,08% a 5,00% no triennio, emquanto os demais 20 artigos apreciados subiram de 5 a 100% durante o mesmo periodo, dando margem a que o augmento médio annual de 3,14% de 1911 a 1921 se elevasse em 1923 a 5,13%.

**Índice dos preços dos principaes generos alimenticios nos mercados varejistas de
Caxias e S. Luiz em 1921 - 1923**

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS				OSCILAÇÕES	
		1921	Caxias	S. Luiz	1923	+ %	- %
1	Polvilho.	100	—	200,00	200,00	100,00	—
2	Banha	100	203,00	137,14	172,57	72,57	—
3	Arroz	100	193,18	155,17	171,75	71,75	—
4	Ovos	100	190,00	140,62	165,31	65,31	—
5	Café	100	163,63	157,86	160,76	60,76	—
6	Manteiga	100	163,63	141,66	152,64	52,64	—
7	Toucinho	100	131,57	168,00	149,48	49,48	—
8	Carne de porco	100	183,33	111,11	147,22	47,22	—
9	Milho	100	150,00	132,15	141,07	41,07	—
10	Assucar	100	152,03	123,07	137,57	37,57	—
11	Feijão	100	148,14	126,66	137,40	37,40	—
12	Farinha d'agua.	100	113,20	155,55	134,37	34,37	—
13	Carne de vacca.	100	162,50	96,00	129,25	29,25	—
14	Farinha secca	100	—	128,57	128,57	28,57	—
15	Batatinha	100	125,00	114,23	119,64	19,64	—
16	Farinha de trigo	100	125,00	106,66	115,83	15,83	—
17	Carne secca.	100	122,22	95,23	108,72	8,72	—
18	Carne de carneiro.	100	105,26	105,76	105,51	5,51	—
19	Peixe.	100	—	105,00	105,00	5,00	—
20	Bacalhão.	100	102,00	98,00	100,00	—	—
21	Tapiocas	100	63,21	134,63	93,92	—	1.08
22	Oleos alimentares.	100	—	95,00	95,00	—	5.00
	Média total	100	144,54	128,55	135,28	35,23	—

III — Relação das principaes casas exportadoras
do Estado do Maranhão

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Maranhão

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIO OU CIDADÊ	CAIXA POSTAL	LOCAL	ENDEREÇO TELEGRAPHICO
Algodão	Carvalho Coutinho & Comp.	S. Luiz	7	Rua 28 de Julho, 15.	Rubi.
	C. S. de Oliveira Neves & Comp.	»	89	» C. Mendes, 10.	Neves.
	Alves Junior & Comp.	»	—	» 28 de Julho, 25.	Alvior.
	Azevedo Almeida & Comp.	»	—	» Portugal, 51.	—
	Jorge & Santos	»	18	» » 31.	Jorge.
	Cunha & Comp.	»	100	» » 33.	Videnses.
	Azevedo Almeida & Comp.	»	—	» » 51.	—
	Costa & Comp.	»	50	» C. Mendes, 42.	Cecy.
	Martins Irmãos & Comp.	»	—	» Portugal, 24.	Martins.
	Bessa & Comp.	»	15	Avenida Maranhense, 2.	Bessa.
Algodão em plumão	Cunha & Comp.	»	100	Rua Portugal, 33.	Videnses.
	Costa & Comp.	»	50	» C. Mendes, 42.	Cecy.
	Eduardo Burnett & Comp.	»	39	» » 8.	Bifero.
	Martins Irmãos & Comp.	»	—	» Portugal, 24.	Martins.
	C. de F. T. de Canhamo.	»	49	» Panteão, 226.	Canhamo.
	Cunha & Comp.	»	100	» Portugal, 33.	Videnses.
	Alves Junior & Comp.	»	—	» 28 de Julho, 25.	Alvior.
	Jorge & Santos	»	18	» Portugal, 31.	Jorge.
	Cunha Santos & Comp.	»	5	» » 26.	Athenas.
	Alves Nogueira & Comp.	»	—	» C. Mendes, 22.	Nogueira.
Borracha	Eduardo Burnett & Comp.	»	39	» » 8.	Bifero.
	Candido Ribeiro & Comp.	»	102	Avenida Maranhense, 15.	Kermesse.
	C. de F. T. de Canhamo	»	49	Rua Panteão, 226.	Canhamo.
	Cunha & Comp.	»	100	» Portugal, 33.	Videnses.
	Bessa & Comp.	»	15	Avenida Maranhense, 28.	Bessa.
	Eduardo Burnett & Comp.	»	39	Rua C. Mendes, 8.	Bifero.

Cercaes	Azevedo Almeida & Comp.	100	Portugal, 51.	Videnscs.
Cóco babassú	Cunha & Comp.	50	C. Mendes, 42.	Cecy.
	Costa & Comp.	7	28 de Julho, 15.	Rubi.
	Carvalho Coutinho & Comp.	89	C. Mendes, 10.	Neves.
	C. S. de Oliveira Neves & Comp.	—	28 de Julho, 25.	Alvior.
	Alves Junior & Comp.	39	C. Mendes, 8.	Bifero.
	Eduardo Burnett & Comp.	18	Portugal, 31.	Jorgc.
	Jorge & Santos	5	» 26.	Athenas.
Couro de Boi	Cunha Santos & Comp.	100	» 33.	Videnscs.
	Cunha & Comp.	50	C. Mendes, 42.	Cecy.
	Costa & Comp.	15	Avenida Maranhense, 28	Bessa.
	Bessa & Comp.	39	Rua C. Mendes, 8	Bifero.
	Eduardo Burnett & Comp.	5	Portugal, 25.	Athenas.
	Cunha Santos & Comp.	89	C. Mendes, 10	Neves.
Couros (diversos)	C. S. de Oliveira Neves & Comp.	100	Portugal, 33.	Videnscs.
Farinha de mandioca	Cunha & Comp.	—	28 de Julho, 25.	Alvior.
	Alves Junior & Comp.	18	Portugal, 31.	Jorge.
	Jorge & Santos	5	» 26.	Athenas.
Juta (tecidos de)	Cunha Santos & Comp.	49	Pantaleão, 26.	Canhamo.
Mamona	Comp. de F. T. de Canhamo.	—	28 de Julho, 25.	Alvior.
	Alves Junior & Comp.	15	Avenida Maranhense, 28	Bessa.
	Bessa & Comp.	18	Rua Portugal, 31.	Jorgc.
	Jorge & Santos	18	» 31.	»
Milho.	Jorge & Santos	5	» 26.	Athenas.
	Cunha Santos & Comp.	15	Avenida Maranhense, 28	Bessa.
Óleo de copahyba	Bessa & Comp.	15	» 28.	»
Pelles de cobra.	Bessa & Comp.	15	Rua Portugal, 33.	Videnscs.
Pelles de veado.	Cunha & Comp.	100	C. Mende, 42.	Cecy.
	Costa & Comp.	15	Avenida Maranhense, 28	Bessa.
	Bessa & Comp.	102	» 15	Kermesse.
Riscados (tecidos).	Candido Ribeiro & Comp.	15	Rua Portugal, 31.	Jorgc.
Tecidos de algodão	Jorge & Santos	18	—	União.
	Ca. União Caxiense.	—	—	Guimarães.
	José F. Guimarães Junior	»	»	»

ESTADO DO PIAUHY

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Crises agricolas e commerciaes.

Transportes dos productos agricolas. Fretes.

Imposíto sobre os generos de produção e consumo.

Amparo á produção.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação .

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes gneros alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

Procedencia

Arroz, milho, feijão, farinha de mandioca e rapaduras são os generos de producção agricola de maior circulação no Estado e tambem de maior consumo. Todos são de producção local, isto é, quasi todos os municipios do Piauhy os produzem sufficientemente para o seu consumo ; raramente são importados de outros Estados e nunca do estrangeiro. De grande consumo tambem se podem considerar a manteiga, o café, o assucar e a farinha de trigo, sem comtudo attingir a todas as classes sociaes. Á excepção da farinha de trigo, que commummente é importada da America do Norte, todos os outros são de producção do paiz. A manteiga procede de Minas, o café do Ceará e S. Paulo e o assucar de duas fontes — produzido no Estado e de Pernambuco.

Abastecimento dos mercados

Não se sabe se o trigo prosperará bem no clima piauhyense ; não parece seja perfeitamente adaptavel ao meio climatologico.

A manteiga, o café e o assucar podem perfeitamente ser produzidos no Estado, não só para as suas necessidades, mas tambem para exportação. Para isto nada mais precisa que os lavradores e criadores entrem no conhecimento dos processos modernos de exploração do sólo e do gado, que lhes sejam facilitados creditos e transportes e, finalmente, que o indolente e incapaz braço, existente actualmente, seja auxiliado pelas machinas.

Já existem quatro usinas no Estado produzindo bom assucar.

A cultura do café está sendo feita com exito em diversos municipios. Quanto á manteiga, já se produziu de excellente qualidade numa fabrica de propriedade do Governo Federal, fundada numa das fazendas nacionaes existentes no Estado.

Ha alguns annos foi suspensa sua fabricação, sem duvida por motivos de ordem economica, originados das faltas de transporte, capitães, difficuldade de obtenção da materia prima, etc.

Oscillações dos preços

E' nas épocas do plantio e da colheita que os generos de maior consumo soffrem maior oscillação nos preços.

No plantio, ficam mais caros e, na colheita, mais barato. E' a regra geral. As variações dentro de um mesmo anno, obedecendo a causas multiplas e indeterminadas, são muito desordenadas, e mais accentuadas em uns annos que em outros.

A differença entre o maior e o menor preço de um periodo, obtida por semestre a partir de 1921, foi a seguinte em média por producto: farinha de mandioca 76 %/, rapadura 46 %/, linguiça 38 %/, assucar 37 %/, banha 31 %/, peixe 25 %/, toucinho 23 %/, tapioca 23 %/, café 22 %/, carne fresca de vacca 20 %/, carne secca de porco 19 %/, arroz 18 %/, carne de porco 14 %/, carne de ovino e caprino 8 %/ e carne secca de sol, 7 %/. Os demais generos apreciados e que foram farinha d'agua, de trigo, azeite doce, bacalháo e outros não apresentaram nos respectivos periodos oscillações apreciaveis.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Durante as crises agricolas, occasionadas pela seccas, tambem encarecem muito e é então que vem a necessidade de importação de outros Estados. Em 1919 o Piauhý importou do Pará grande quantidade de farinha de mandioca e feijão, para soccorrò dos flagellados pela secca que teve logar naquelle anno. Convem notar que a situação, nos annos de calamidade, mais se aggrava quando (o que sempre acontece) o territorio piauihyense é invadido pelos cearenses. O Piauhý, apesar de ser tambem batido pelas seccas, todavia é mais favorecido pela natureza que o Ceará, razão porque é procurado nos momentos difficeis da vida. Não faltam as fructas naturaes, o mel de abelha e, sobretudo isto, o côco babassú, ou antes, a palmeira do côco babassú, que por si só constitue o celleiro da classe proletaria, nos

annos de fome. Da dita palmeira tudo se aproveita : a haste, para confecção de cochos ; as folhas, para cobertura de casas ; as raizes, para tratamento de algumas molestias ; a parte lenhosa do côco, para combustivel ; a nervura principal das folhas, para cerca ; e, finalmente, a amendoa e o mesocarpo do fructo, para alimentação, sendo tambem muito apreciado para este mistér o palmito.

Assim, difficilmente se morrerá de fome no Piahy. E', por outro lado, esta circumstancia um mal, pois o operario e lavrador ao mesmo tempo, confiado nos recursos do Estado, pouco se preoccupa com o dia de amanhã, não se sujeitando á disciplina do trabalho. A queixa da falta de braços não é, em absoluto, pela sua falta propriamente dita e sim pela má qualidade deste.

Falla-nos Euclides da Cunha, em sua obra "Os Sertões", das seccas do norte, isto é, de sua periodicidade, admittindo, depois de uma serie de considerações, a irrupção das mesmas, nos seculos XVIII e XIX, com uma cadencia de 9 a 12 annos de intervallo. "Parece que esta periodicidade não abrangeu todo o seculo XIX, pois, das observações e estudos que tenho feito, — diz o inspector agricola Evandro Rocha —, cheguei á conclusão de que os periodos das seccas nos 50 annos ultimos se têm reduzido para seis a sete annos.

Não sei precisamente qual a causa primordial dessa redução, o que posso affirmar, sem receio de errar, é que a devastação das mattas muito concorre para esse estado de cousas".

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

Não havendo secca a vida do Estado corre normalmente, pois o seu clima e sólo offerecem meio favoravel para a manutenção dos preços dos generos nos seus devidos limites.

A fertilidade das terras não é ainda um factor preponderante nas variações dos preços, isto porque os entraves aos transportes rapidos e baratos retardam o desenvolvimento das culturas e melhoria dos processos de exploração do sólo. O custo de producção, por isso mesmo, não é objecto de grandes preoccupações dos productores.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O accrescimento da população do Estado pouca influencia tem exercido na vida economica piauihyense. O crescimento annual médio da população, 0,0131 de 1872 a 1890, passou a 0,0225 desse anno ao de 1900 e attingiu a 0,0310 de 1900 a 1920, equivalente a 0,0224 de 1872 a 1920, média inferior á do paiz e superior á de Alagóas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas, Parahyba do Norte, Pernambuco, Estado do Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe e Territorio do Acre. A densidade da população — 2,018 de habitantes por kilometro quadrado, é, entretanto, além de inferior á do paiz, sómente superior á do Amazonas, Goyaz, Maranhão, Matto Grosso, Pará e Territorio do Acre.

O crescimento médio annual da população da capital, menor que o da do Estado, foi de 0,0210 de 1872 a 1890, 0,0370 de 1890 a 1900 e de 0,0122 dahi até 1920, estando Therezina neste anno logo acima de Manáos e em vigessimo logar em relação ás demais capitaes, inclusive a Federal.

A emigração é a cearense, nos annos de secca ; não tendo ainda os governos cogitado de immigração. Ha um outro elemento que se tem introduzido no Piauihy e que em nada concorre para o seu progresso : é o Syrio. E' bem grande a colonia Syria, vinda voluntariamente para o meio e ahi vivendo exclusivamente do commercio. Raras vezes fixa residencia definitiva no Estado. A regra é estabelecer-se commercialmente e, logo que adquire capital, voltar ao seu paiz.

Exame e mecanismo dos mercados

Os principaes centros commerciaes do Estado são as cidades de Therezina, Parnahyba e Floriano. Para ellas converge a maior producção dos generos do Estado. E' nellas que mais frequentemente é feita a venda em grosso dos productos agricolas. Devido á quasi absoluta falta de transporte que impera no Piauihy, são mui dispares os preços dos generos de um logar para outro. No municipio de Santa Philomena, em época de colheita, vende-se, por exemplo, uma quarta (72 litros) de arroz por mil e quinhentos réis, emquanto na capital

paga-se por 50 litros desse cereal, na mesma época, cinco mil réis, isto é, cerca de 333% do preço daquelle municipio. Esse exame é feito entre dois municipios que estão separados por uma distancia de 200 leguas, portanto não devendo causar admiração a divergencia de preços. Si, porém, for feito o mesmo paralelo entre o preço do arroz no municipio de S. Pedro e no de Therezina, separados apenas por trinta leguas, encontra-se tambem, na colheita, o arroz em S. Pedro a dois mil réis a quarta de 50 litros e em Therezina a cinco mil réis, isto é, 250% do preço de S. Pedro. Basta só isto para dar perfeita idéa do desequilibrio commercial do Piahy. O que ficou dito com relação ao arroz observa-se tambem nos outros generos. Até os tecidos, comquanto não seja tão exagerada a differença, divergem extraordinariamente de um logar para outro.

A pratica mais corrente é a venda directa dos productos agricolas pelos productores. Em verdade, não ha no Piahy senão pequenos lavradores. Estes levam e vendem suas colheitas nos mercados de maior consumo, quando não as vendem no proprio local da producção. E' de uso tambem o commerciante adeantar dinheiro e mercadoria ao lavrador, para receber productos agricolas, na colheita. Nunca os lavradores vendem seus productos por intermedio de commissarios.

Classificação commercial dos productos agricolas

O commercio Piahyense é pouco exigente no que diz respeito ao beneficiamento dos productos da agricultura. A não ser o algodão, que constitue genero de exportação e, por isso mesmo, deve preencher uns certos requisitos para fazer face á concurrencia dos mercados, todos os outros productos da lavoura do Estado são vendidos sem classificação de typos, quer dizer, sem preocupação de melhor servir ao consumidor.

Crises agricolas e commerciaes

A lavoura do Piahy, desde a queda do braço servil, jaz em estado marasmatico. Os governos locaes muito pouco têm contribuido para o seu desenvolvimento, indifferente que são ás difficuldades que experimentam as classe productoras. Nenhuma medida foi adop-

tada para fomento da producção ou para o combate á carestia da vida. E' o Governo Federal o unico que vem propugnando pelo soerguimento das forças productivas de Estado, o unico que tem serviço organizado para esse fim.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

O que urge se faça para melhorar a situação da lavoura piauihyense é o meio facil para escoamento dos seus productos, construindo-se linhas ferreas ligando os principaes centros productores aos mercados consumidores. Só depois disso a lavoura do Piauihy tomará incremento mais apreciavel, pois haverá mais facilidade de contacto entre as diversas classes sociais e, consequentemente, o lavrador terá campo largo para a escolha de mercados e aquisição de conhecimentos uteis á sua nobre profissão.

Actualmente o lavrador piauihyense conta com dois meios de transporte: a *costa do burro* e a *navegação fluvial*. Ambos são relativamente caros. O transporte por tropas é feito á razão de quinhentos réis, por legua e por carga de cem kilos. A tarifa fluvial imposta pelo Governo Federal a uma unica empresa por elle subvencionada, para fazer o serviço de transporte do alto Parnauihyba, isto é, entre Floriano, Santo Antonio de Balsa, no Estado do Maranhão, e Victoria, no alto Parnauihyba, é a seguinte, por tonelada e por kilometro:

DISTANCIAS (KILOMETROS)	GENEROS ALIMENTICIOS	ALGODÃO	FUMO
1 a 100.	\$070	\$100	\$090
101 a 300.	\$068	\$095	\$080
301 a 500.	\$065	\$090	\$075
501 a 1.000.	\$053	\$085	\$070
1.001 a 2.000	\$040	\$080	\$065

Ha outras tabellas de empresas particulares, sendo os fretes, na realidade, cobrados discrecionariamente.

As tarifas adoptadas pela maioria dessas empresas são fixadas por leguas percorridas, sendo assim estabelecidas as distancias:

De Parnahyba a Porto Alegre	30 leguas
De > > Repartição.	45 >
De > > Miguel Alves	60 >
De > > União.	74 >
De > > Therezina.	90 >
De > > Amarante.	130 >
De > > Floriano	150 >

Os portos intermediarios ficam sujeitos aos fretes marcados para logares acima indicados, isto é, para Barra de Longá, entre Porto Alegre e Parnahyba, distante apenas sete leguas desta ultima cidade, cobram-se os mesmos fretes que para Porto Alegre; para Marruás e Miguel Alves o primeiro a 51 leguas de Parnahyba e o segundo a 60 leguas da mesma cidade, cobram-se os mesmos fretes e assim por diante.

Além disso, de Therezina a Floriano, cobram os mesmos fretes que de Parnahyba a Therezina; de Therezina a Amarante, os mesmos que de Parnahyba a União; de Amarante a Floriano, os mesmos que de Parnahyba a Porto Alegre; finalmente, de Parnahyba a Tutoya, os mesmos que de Parnahyba a Porto Alegre.

É esta tabella para os productos agricolas:

ESPECIE	UNIDADE	PORTOS						
		Porto Alegre	Repartição	M Alves	União	Therezina	Amarante	Floriano
Rapaduras . . .	Kilo. . .	\$030	\$035	\$040	\$045	\$050	\$060	\$070
Fructas	> . . .	\$030	\$035	\$040	\$045	\$050	\$060	\$070
Arroz, farinha, mandioca, milho e feijão. . .	50 Litros	\$600	\$800	1\$000	1\$200	1\$500	1\$700	2\$000
Oleos, alcool e aguardente . . .	Quartola	10\$000	15\$000	19\$500	20\$000	25\$000	30\$000	35\$000
Fumo	Kilo. . .	\$030	\$040	\$050	\$070	\$080	\$100	\$120
Café, assucar, farinha de trigo, pimenta, herva doce, cominho e alfazema. . .	> . . .	\$025	\$030	\$040	\$050	\$060	\$070	\$090

Os lavradores acham excessivos estes fretes. Os estabelecidos pelo Governo Federal para a empresa subvencionada não são tão pesados á lavoura, porém os das empresas particulares, que são cobrados á discreção, muito concorrem para o atropiamento da producção.

Por enquanto é o Rio Parnahyba a unica via de escoamento dos centros productivos para os de consumo. Ora, quando os centros de producção ficam á margem desse rio, os transportes dos seus productos ficam onerados apenas com os fretes fluviaes, porém não se dá o mesmo com o fructo da producção agricola do interior do Estado, pois, além dos fretes fluviaes, supportam ainda os de transportes feitos por tropas, de maneira que, quando chegam ao mercado, pequenissimo ou nenhum lucro deixam ao productor. É este o caso mais frequente. E é mesmo a razão por que o lavrador do interior do Estado, limita-se a produzir para o seu proprio consumo e, quando ha sobras, vende no proprio local da producção. Aguarda-se, entretanto, um futuro mais lisongeiro, pois o Governo Federal tem em construcção no Estado algumas linhas ferreas que veem melhorar a situação da lavoura.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

São excessivos os impostos cobrados pelo Estado sobre productos da agricultura e sobre a criação, tanto mais quanto o Governo Estadual não dá um passo no sentido do desenvolvimento dessas fontes de renda. A reclamação da carestia de impostos é geral.

Sobre os productos da lavoura incidem impostos directos e indirectos

São directos e cobrados proporcionalmente *ad-valorem* os que assim são taxados para *exportação*: algodão; 9% a 12%, alcool, 5%; aguardente, 5%, arroz 4%, caroço de algodão; 8%, café, 6%, feijão 4%, favas 4%, fumo em rolo, mólho ou folhas 8%, farinha de mandioca, 4%; gomma de mandioca, 4%; milho, 4%; rapaduras, 4%; sementes diversas, 8%.

A *producção e consumo* paga: aguardente de canna ou de mandioca, litro \$150; alcool não desnaturado, litro \$300; assucar de qualquer qualidade, sobre o valor, 2%; algodão em caroço, kilo \$016; algodão em pluma, kilo \$060; araruta, sobre o valor, 3%; arroz em casca ou pilado, 4%; bebidas alcoolicas ou fermentadas, excluida a cerveja, 10%; café, kilo \$020; milho, 3%; polvilho ou tapioca de

qualquer qualidade excepto borra, 3°/o; rapaduras, 2°/o; caroço de algodão, 4°/o; caroço de mamona, 4°/o; cebolas, kilo \$060; chá 3°/o; fumo em folhas, kilo \$150; fumo em molho ou corda, kilo \$200; fumo desfiado ou picado, kilo \$250; farinha d'agua, lavada, secca ou de qualquer outra especie, 3°/o; farinha de trigo, 3°/o; feijão ou favas, 3°/o e trigo em grão, kilo \$050.

Industria e producção

	Capital, Parnahyba e Floriano	Cidades	Villas e povoados
Deposito de assucar de produ- cção do Estado	60\$000	40\$000	20\$000
idem de outro Estado.	100\$000	45\$000	20\$000
Deposito de generos de expor- tação e importação:			
1ª classe	800\$000	400\$000	200\$000
2ª classe	400\$000	200\$000	100\$000
3ª classe	200\$000	120\$000	70\$000
4ª classe	150\$000	80\$000	50\$000
Fumo, venda a grosso	50\$000	25\$000	20\$000
Venda a retalho:			
Em loja	20\$000	15\$000	10\$000.
Em quitanda	15\$000	10\$000	5\$000
Machina a vapor de descarocar algodão, pilar arroz, debu- lhar milho etc.	100\$000	50\$000	30\$000
Machinas para os mesmos mis- teres, não a vapor	30\$000	25\$000	20\$000
Casas commerciaes, depositos ou armazens que venderem em grosso, aguardente ou outras bebidas nacionaes semelhantes, que tenham, approximadamente, o mes- mo grão, quaesquer que sejam suas dimensões não incluindo as fabricas	1:000\$000	1:000\$000	1:000\$000
Mercador de aguardente ambu- lante	50\$000	50\$000	50\$000
Idem localizado á margem de estradas, no interior do municipio e fora dos po- voados.	20\$000	20\$000	20\$000

	Capital, Parnahyba e Floriano	Cidades	Villas e povoados
Quitanda em que se vendem aguardente ou outras bebi- das nacionaes semelhantes que tenham approximada- mente o mesmo gráo, quaes- quer que sejam suas deno- minações, além de outras taxas:			
1ª classe	200\$000	180\$000	150\$000
2ª classe	150\$000	130\$000	100\$000
3ª classe	100\$000	80\$000	50\$000

Sobre a criação e seus productos tambem incidem impostos directos e indirectos, estando entre os primeiros os seguintes de exportação: gado vaccum do sexo masculino, cabeça 5\$; cavallar, cabeça 8\$; ovino, cabeça \$500; caprino, cabeça \$500; muar, cabeça 10\$; asinino, cabeça 4\$, vaccas, garrotes, novilhotes e novilhotas, unidade, 7\$; vaccas paridas, unidade 9\$; suino, unidade 2\$; gallinhas, unidade \$200; perús, unidade \$500; outras aves, unidade \$200; crinas, kilo \$150; carne secca ou salgada kilo \$100; couro de gado, um 1\$250; pelles de cabra e veado, uma \$400; pelles de ovelha, uma \$250; banha de porco, sobre o valor, 4 0/0; ovos, idem 6 0/0 e unhas de animaes 8 0/0 *ad valorem*.

Produção e consumo: banha de porco, kilo \$050; carne secca ou salgada, kilo \$050; carne de porco, 15 kilos \$500; gado caprino ou lanigero, um \$500; gado suino, um 3\$; gado vaccum, um 4\$; presuntos, salames ou semelhantes, kilo \$300 e queijo ou requeijão, kilo \$100.

SÃO IMPOSTOS INDIRECTOS

Industria e profissão

	Capital, Parnahyba e Floriano	Cidades	Villa e povoados
Couros e pelles miudas; armazem para salga e envenenamento, onde não houver das muni- cipalidades	20\$000	10\$000	5\$000
Onde houver das munici- palidades	500\$000	200\$000	100\$000
Mercador de leite que não tenha vaccaria no pe- rimetro do logar	15\$000	10\$000	5\$000
Vaccarias:			
De 10 vaccas	40\$000	20\$000	10\$000

	Capital, Parnahyba e Floriano	Cidades	Villas e povoados
Mais de 10 vaccas. . .	50\$000	25\$000	15\$000
Menos de 10 vaccas.	20\$000	10\$000	5\$000
Vaccas de leite no peri- metro da decima ur- bana, cada uma . . .	3\$000	1\$500	1\$000

Sobre o valor dos impostos de exportação, produção e consumo e industrias e profissão o Estado ainda cobra um adicional de 10 %.

Como imposto indirecto ha ainda o territorial que é cobrado á taxa de 2% sobre o valor venal das terras, arbitrado pelos encarregados das estações arrecadadoras, excluidas as bemfeitorias, não podendo o imposto ser menos de 2\$000.

Na categoria dos impostos directos está o de dizimo. Este imposto é cobrado na razão de 10% sobre o valor total da produção do gado vaccum, cavallar e muar, sendo approved annualmente pela Secretaria da Fazenda os lançamentos feitos pelas collectorias nos quaes são estabelecidos os preços officiaes do gado, no local da produção, servindo de base para arrecadação do dito imposto.

Estes dois ultimos impostos dão azo a grandes injustiças, pois não tem uma base precisa, fixa, sobre a qual recaia a taxa. Os seus valores são de arbitramento.

As municipalidades tambem cobram tributo da lavoura e da criação.

Amparo á produção

A lavoura e a criação do Piahy estão, relativamente ao descaso que lhe votam, muito sobrecarregadas de impostos e, para supportarem-nos sem vexação, os remedios seriam : uma boa colonização, para melhorar o braço ; a instrucção professional agricola, devendo ser feito obrigatoriamente o ensino rudimentar de agricultura nas escolas primarias ; a multiplicação dos meios de transporte (isto é essencial) ; a instituição do credito agricola ; a repressão da vagabundagem ; e finalmente a substituição, tanto quanto possivel, do braço do homem pelas machinas e animaes de trabalho. São estes, aliás, os remedios que tem curado males identicos ao do Piahy em outros Estados da Federação e no estrangeiro. São remedios conhecidos e experimentados.

Si o Governo Federal levar a effeito o plano de viação ferrea traçado para o Piahy, só com isso o Estado experimentará sensiveis melhoras em suas fontes de produção.



II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Piauí não escapou á aggravação do custo da vida, manifestando-se a carestia, pode-se dizer, em todas as utilidades. Na parte abrangida na esphera de suas observações, a alimentação, mostrou esse Serviço em trabalho já divulgado que de 1911 a 1921 os generos alimenticios subiram annualmente de 4,66 %, fazendo notar que apenas a farinha de mandioca havia fugido ao encarecimento. O augmento médio do decennio correspondente ao indice 146,69 foi então de 46,69 %.

Agora, o exame do quadro abaixo mostra que em 1922 a situação era menos favoravel ao consumidor, alcançando os generos de avultado consumo as maiores altas. Em vinte generos, onze subiram de 3,57 % a 99,99 %, cinco (dos quaes tres de importação) conservaram os preços de 1921 e apenas quatro baixaram de 6,69 % a 26,25 %, attingindo o augmento médio a 16,96 % correspondente ao indice de 116,96.

Índice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista de Therezina

SETEMBRO A DEZEMBRO 1921-1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILAÇÕES	
		1921	1922	+%	-%
1	Arroz.	100	199.99	99.99	—
2	Feijão	100	194.44	94.44	—
3	Milho	100	150.00	50.00	—
4	Café.	100	133.75	33.75	—
5	Carne fresca de vacca.	100	131.03	31.03	—
6	Rapadura	100	125.00	25.00	—
7	Assucar.	100	115.00	15.00	—
8	Manteiga	100	114.28	14.28	—
9	Peixe	100	112.50	12.50	—
10	Farinha de mandioca	100	111.11	11.11	—
11	Carne de porco	100	133.57	3.57	—
12	Farinha d'agua	100	100.00	—	—
13	Tapioca.	100	100.00	—	—
14	Banha	100	100.00	—	—
15	Azeite doce	100	100.00	—	—
16	Bacalhau	100	100.00	—	—
17	Toucinho	100	93.01	—	6.99
18	Carne de "bode".	100	90.90	—	9.10
19	Carne de "ovelha".	100	90.90	—	9.10
20	Xarque	100	73.75	—	26.25
	Média total	100	116.96	16.96	—

Mas o quadro seguinte, comparativo dos preços entre 1921 e 1923, mostra ainda maior tendencia de alta, tanto assim que o indice 139,57 ou o augmento de 39,57% indica ter havido entre 1922 e 1923 um augmento de 22,61%. O crescimento médio annual dos preços de 4,66% até 1921 e a partir de 1911 elevou-se em 1922 a 5,30% para attingir em 1923 a 6,66%, notando-se predominar aendencia de alta nos generos de maior e indispensavel consumo.

Índice dos preços dos generos alimentícios no mercado varejista de Theresina

JANEIRO A AGOSTO — 1921-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Arroz	100	211,11	111,11	—
2	Feijão	100	200,00	100,00	—
3	Milho	100	200,00	100,00	—
4	Café.	100	184,21	84,21	—
5	Queijo	100	166,66	66,66	—
6	Assucar.	100	165,00	65,00	—
7	Farinha de mandioca	100	158,92	58,92	—
8	Tapioca	100	133,33	33,33	—
9	Carne de vacca	100	133,33	33,33	—
10	Toucinho	100	114,70	14,70	—
11	Carne de porco	100	109,84	9,84	—
12	Banha	100	108,00	8,00	—
13	Manteiga	100	106,25	6,25	—
14	Carne de carneiro	100	95,23	—	4,77
15	Xarque	100	80,00	—	20,00
16	Farinha de trigo	100	66,66	—	33,34
	Média total	100	139,57	39,57	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Piauhy

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIO OU CIDADE	LOCAL
Algodão.	Moraes, Santos & Comp. James Frederick. Clark & Comp. Franklin Veras & Comp. Marc Jacob.	Parnahyba	Rua Grande
Cêra de Carnauba	Moraes, Santos & Comp. James Frederick. Clark & Comp. Franklin Veras & Comp. Marc Jacob. J. Narciso & Comp. Madeira Veiga & Comp. Assis & Comp. Salles, Ignacio Canás.		
Côco Babassú.	Moraes, Santos & Comp. James Frederick. Clark & Comp. Marc Jacob. J. Narciso & Comp. Madeira Veiga & Comp. Assis & Comp.		
Couros.	Moraes, Santos & Comp. James Frederick. Clark & Comp. Franklin Veras & Comp. Marc Jacob. J. Narciso & Comp. Madeira Veiga & Comp. Assis & Comp. Salles, Ignacio Canás.		
Crinas	Franklin Veras & Comp. Marc Jacob.		
Fibras	Marc Jacob.		
Folhas de Jaborandy	James Frederick. Clark & Comp. Marc Jacob.		
Oleos vegetaes	Marc Jacob.		
Pelles	James Frederick. Clarck & Comp. Franklin Veras & Comp. Marc Jacob. J. Narciso & Comp. Madeira Veiga & Comp. Assis & Comp. Salles, Ignacio Canás.		
Pennas de ^a Ema	James Frederick. Clark & Comp. Marc Jacob.		
Resina de Jatobá.	Marc Jacob.		
Xifres	Marc Jacob.		

ESTADO DO CEARÁ

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Crises.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação :

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado :



I — Circulação dos productos agrícolas

Generos alimenticios de maior consumo

Os generos alimenticios que constituem a base da alimentação publica cearense, os consumidos no mercado de Fortaleza e em todo o Estado, não são todos de uso generalizado, gozando alguns de preferencia sobre outros, de accordo com as classes sociaes, os seus habitos, os seus recursos e o preço mais ou menos accessivel de cada genero. Farinha de mandioca, feijão, carne de vacca, de carneiro e de porco, toucinho, arroz, milho, pão, manteiga, leite, café, queijo, farinha de trigo, batatinha, xarque, bacalhau, peixe fresco e secco, assucar, rapadura, cebolas, fructas, doces, etc., são generos consumidos no Ceará.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

São importados em sua totalidade do estrangeiro a farinha de trigo e o bacalhau. A manteiga, arroz, assucar, café, xarque, cebolas, batatinha e doces são em parte de produção cearense e importados de outros Estados, sobretudo do sul do paiz.

Nos annos anormaes, flagellados pelas seccas, todos os generos alimenticios são objecto de importação. Nesses annos ou ha quasi absoluta falta de produção ou as safras são sensivelmente minguadas.

Examinemos, em rapida analyse, si alguns generos de importação commum poderiam deixar de o ser.

Não se pode expender juizo fundamentado sobre a possibilidade economica da cultura de trigo no Estado, correspondendo sua zona climatologica ás serras frescas, dessas sómente a de Ibiapaba dispõe de areas que permittiriam uma exploração em maior escala caso verificasse a adaptação, aos seus terrenos, desse precioso cereal. A mandioca, fornecendo farinha para o pão mixto, o uso de carás, macacheira, etc., em maior escala na alimentação, é que poderiam restringir a importação da farinha de trigo.

A expansão da cultura do arroz depende da melhor utilização das terras irrigáveis e da diffusão de machinismos de beneficiamento desse cereal.

O café está limitado ás serras frescas, sem possibilidade de grande augmento de sua área cultural.

A escassez de pastagens que garantam durante todo o anno uma regular producção de leite, o regimen da criação, etc., desaconselham maior exploração, com installações adequadas, da industria de lacticínios. A manteiga produzida seria sempre, como é, insufficiente para o consumo. A «manteiga da terra» é «apurada», — extrahida a quente da nata do leite, é o oleo do leite.

O bacalhão pode ser vantajosamente substituido pelo camoropim, abundante em determinada estação do anno em certas costas do littoral do Estado. A batatinha e a cebola podem ser economicamente cultivadas para as necessidades do consumo.

E o xarque está a exigir o desenvolvimento de sua industria.

O necessario, indispensavel mesmo, é o despertar da iniciativa particular, cabendo aos poderes publicos demonstrar, praticamente, as possibilidades economicas das novas explorações agricolas e industriaes, proporcionando ao homem de amanhã os conhecimentos de que precisa para melhor explorar as riquezas de sua terra.

Oscillações dos preços .

Nos annos normaes ha duas épocas notoriamente caracteristicas de variações nos preços, — a da colheita e o restante do anno.

Os menores preços, especialmente dos generos produzidos no Estado são registados a partir do inicio das safras. A época desse inicio e sua duração é variavel para cada producto, correspondendo os mezes de julho a setembro ao arroz, milho e feijão; julho a outubro á canna de assucar; agosto a dezembro á mandioca, agosto a novembro ao café, etc. O leite e o queijo são abundantes no correr da estação chuvosa.

A differença entre o menor e o maior preço do anno nos diversos productos é muito variavel e sempre mais accentuada nos generos de producção local que nos de importação, notando-se que, estes oscillam menos durante o anno nos mercados mal situados em relação aos meios de transporte.

Em 1921, no mercado de Fortaleza, as variações foram as seguintes: — queijo 45 %, farinha de mandioca 43 %, arroz 42 %, rapadura 40 %, feijões 35 %, assucar 35 %, batatinha 33 %, café 33 %, ovos 33 %, polvilho 33 %, milho 25 %, toucinho 25 %, manteiga da terra 25 %, importada 23 %, bacalhão 20 %, pirarucú 20 %, azeite de dendê 20 %, banha 17 %, carne de vacca 13 %, de porco 12 %, de carneiro 11 %, azeite doce 8 % e xarque 6 %. No de Sobral, cidade ligada á Fortaleza e outras praças do Estado por estrada de Ferro, registaram-se nesse anno as seguintes oscillações: — queijo 73 %, manteiga da terra 50 %, polvilho 40 %, feijão 39 %, rapadura 33 %, carne fresca 33 %, batatinha 30 %, carne de carneiro 17 %, milho 17 %, ovos 17 %, manteiga importada 17 %, toucinho 11 %, arroz 10 %, banha 10 %, carne de porco 10 %. O azeite doce, o bacalhão, o assucar e o xarque não soffreram durante o anno oscillações em seus preços. Emquanto isso, no mercado de Joazeiro, desprovido de meios de transportes, as diferenças de preços só foram verificadas para os generos de producção local, não apresentando os de importação, no correr do anno, variações apreciaveis.

Geralmente os preços obtidos pelos generos no correr de suas safras apresentam-se mais tarde accrescidos de 20, 50, 100 % e mais, fóra dessas épocas.

A procedencia de alguns productos, até certo limite, inflúe sobre os preços, gozando de melhor cotação nos mercados o algodão de Uburetama e do valle do Jaguaribe, a rapadura do «taboleiro», ou littoral, e a aguardente de Acarape.

A elevação ou baixa dos preços de um ou mais generos de maior consumo e utilidade local não acarreta influencia sensivel sobre a cotação dos demais, mesmo em relação aos de exportação.

A valorização do algodão, borracha de maniçoba, cêra de carnaúba, couros, etc., nos mercados importadores, só excepcionalmente e de modo reflexivo inflúe na formação dos preços dos generos alimenticios.

Influencia dos factores climaterieos sobre a variação dos preços.

Crises

O flagello das seccas, cuja periodicidade procura a historia em vão determinar, surprehendendo sempre as populações e os governos, desorganizando a vida economica do Estado, exerce preponderante

influencia no preço dos generos alimenticios. Os rebanhos numerosos e prosperos e as colheitas abundantes que facultam bem estar geral nos annos normaes, são dizimados de 20 a 80 %, segundo a intensidade e a generalização calamitosa do phenomeno. Os generos duplicam, triplicam e as vezes decuplicam de preços. A farinha de mandioca, o feijão, cereaes, etc., permittindo sobras para a exportação, passam, em sua quasi totalidade, a ser productos de importação. Não sómente as cotações mais elevadas de taes productos nos mercados fornecedores a embalagem e fretes, como tambem a ganancia dos especuladores que surgem, como por encanto, nessas épocas, elevam as utilidades alimenticias a preços absurdos, inacessiveis, maximé nas localidades do interior, precariamente servidas de meios de transporte.

Assim, um litro de farinha de mandioca que, em épocas normaes, é vendido a razão de \$080 a \$200, attinge nos annos flagellados a \$600 e até 1\$000.

A exportação em 1922 teve sobre a importação um excesso de 5.661:000\$000 e apesar das oscillações verificadas na balança commercial do Estado, observa-se um relativo equilibrio ou vantagens sobre a importação, esta, nos períodos calamitosos, desvia da economia cearense importancias consideraveis.

Em 1900 foram importados pelos portos de Fortaleza e Camocim 15.861:392\$000 de farinha de mandioca, arroz, milho e feijão e em 1919 a importação desses generos pelos portos de Aracaty e Fortaleza teve o valor official de 11.320:658\$000.

A estimativa da producção desses generos em annos normaes, entretanto, dá para o Estado a seguinte producção : — farinha de mandioca 65.000.000 a 82.000.000 de kilos, feijão 26.000.000 a 40.000.000 de kilos, milho 50.000.000 a 85.000.000 de kilos e arroz em casca, 17.000.000 a 21.000.000 de kilos. Mas, não é somente a perda material que soffre o Ceará com as seccas : — a emigração em massa para outros Estados attinge a cifras consideraveis. Referindo-se á secca de 1889, o dr. Thomaz Pompeu S. Brasil, diz em seu trabalho — *O Ceará no Seculo XX* — “ o desfalque na população pela emigração, levado em conta sómente o registo imperfeito das sahidas por via maritima, excedeu a 30.000 pessoas. A morte e a emigração terrestre deverão ter subtrahido outras 30.000, resultando o prejuizo de 50.000 a 60.000 habitantes no povoamento da provincia.”

Na secca de 1900 a emigração foi calculada em 40.000 pessoas.

A mortandade em consequencia de epidemias desenvolvidas nas aglomerações de indigentes nos arrabaldes de Fortaleza ceifa muitas vidas. A prostituição e a devassidão corrompem a moral das populações famintas nessas crises climatericas.

A manifestação do flagello não está ainda determinada. “Além de periodo cyclico de 100 annos, ha outro de menor praso. Uma phaso decennial, com ligeiras variantes para mais ou menos, attrae particularmente a attenção”.

As ultimas seccas foram as de 1900, 1915 e 1919.

Um outro factor climaterico, de effeitos damnosos, é as innundações nos annos de grandes “invernos”. Destróem as culturas localizadas nas terras baixas. Essas crises foram registadas nos annos de 1728, 1732, 1741, 1743, 1748, 1776, 1788, 1789, 1798, 1803, 1819, 1826, 1832, 1839, 1842, 1866, 1872, 1873, 1874, 1876, 1886, 1890, 1894, 1895, 1896, 1897 e 1899 (*O Ceará no Começo do Seculo*).

Os effeitos das crises climaticas perduram, posto que attenuados, por alguns annos, até a restauração dos rebanhos e a normalisação da producção agricola com a volta das populações emigradas.

O dr. Thomaz G. de Souza Pinto estimou os damnos causados nos rebanhos cearenses pelas seccas de 1915 e 1919 em 141.265:705\$000, organizando para o “Anuario do Ceará de 1921” os seguintes quadros:

1913

ESPECIE	QUANTIDADE	PREÇO	
		médio unidade	Total
Bovinos	1.086.595	80\$000	86.927:600\$000
Equinos	450.755	60\$000	27.046:500\$000
Asininos	295.982	90\$000	26.647:380\$000
Caprinos	1.184.810	4\$000	4.739:240\$000
Ovinos	993.680	3\$000	2.981:040\$000
Suinos	469.232	20\$000	9.384:640\$000

1920

ESPECIE	QUANTIDADE	PREÇO	
		médio unidade	Total
Bovinos	60.000	150\$000	9.000:000\$000
Equinos	20.000	110\$000	2.200:000\$000
Asininos.	10.000	100\$000	1.000:000\$000
Caprinos.	80.000	28\$000	2.240:000\$000
Ovinos.	50.000	22\$000	1.100:000\$000
Suinos.	40.000	23\$000	920:000\$000

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A fertilidade das terras não influencia directámente os preços. Embora numerosas analyses chímicas evidenciem pobreza em phosphoro e cal em muitas das terras de culturas do Estado, essas são beneficiadas pelo pousio na estação secca annual. A falta de humidade nessa época impede mesmo a vegetação herbacea espontanea.

As enchentes são factores naturaes de fertilização em alguns pontos, depositando nos terrenos ribeirinhos os detritos organicos e mineraes trazidos em suspensão.

Ha tempos o empobrecimento das terras em cafezaes da serra do Baturité diminuiu sobremodo a producção dessa rubiacea, mas, com a arborização leguminosa, — o plantio da ingazeira para o sombreamento dos cafezaes, — foi apreciavelmente melhorada a situação da producção e consequentemente, em parte, restituida a fertilidade então diminuida.

A exploração menos adiantada das terras, contribuindo para redução ou estabilidade da producção por unidade, relativamente pequena, é que, encarecendo o custo de producção, exerce, não ha duvida, influencia reflexiva, senão directá, na formação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A densidade da população, crescendo de 1872 a 1920, annualmente, de 0,0127 e attingindo por kilometro quadrado a 12,654 de habitantes,— collocando o Ceará em setimo lugar em relação aos demais Estados, se, por um lado, concorre com um maior coeffericiente activo para a produção, por outro, apresenta maior numero de boccas para o consumo. O augmento médio annual da população da capital que de 1890 a 1900 era de 0,0169, foi, de 1900 a 1920, elevado a 0,0250, collocando Fortaleza neste particular em decimo lugar em relação ás demais capitães, inclusive a Federal.

Faltam elementos permittindo se ajuizar sobre a produção *per capita* na lavoura, entretanto, não tendo essa sido influenciada por methodos culturacs mais economicos, é natural que o augmento da população, especialmente das urbanas, tenha de alguma sorte influido tambem para a majoração dos preços — mesmo se houver sido paralelo o desenvolvimento da produção e da população. O Estado tem a a sua população bem distribuida e toda laboriosa, desse modo minorando, até certo limite, o disequilibrio de produção e consumo, nos periodos anormacs. O espirito especulativo do nordestino, estimulado pelas feiras em todos os centros povoados, leva-os a vencer grandes distancias com suas mercadorias para esses mercados.

Exame e mecanismo dos mercados

A relação entre os maiores e menores centros commerciaes do Estado como entre o commercio em grosso e a varejo não pôde senão ligeiramente ser apreciada, contribuindo para isso a disseminação das feiras onde os productores levam directamente os seus productos aos consumidores. Nellas é feito o abastecimento da população local e tambem dos compradores e exportadores para os maiores centros. A differença de preços em *grosso* e no *varejo* é muito variavel e ao que parece mais accentuada no interior e sobretudo nas zonas precariamente servidas de meios de transporte. Quando na capital, em abril de 1923, os preços dos atacadista eram, por sacco de 60 kilos, de 16\$ para o milho, 40\$ arroz, 14\$ a farinha de man lioca, 35\$ gomma de mandioca, 90\$ e 60\$ assucar de 1ª e mulatinho, 26\$000 feijão e

158\$ para o café, os mesmos productos eram vendidos nos retalhistas a \$240, litro de milho, \$800, de arroz, \$200 a farinha de mandioca, \$400 a gomma de mandioca e 1\$800 o kilo de assucar de 1^a, 1\$200 de assucar mulatinho, \$700 de feijão e 3\$ de café. Um kilo de queijo era vendido por 4\$500 e 15 kilos por 60\$.

O livre commercio das feiras é ás vezes viciado pelos nefastos «atravessadores» adquirentes dos productos destinados a esses mercados em suas proximidades. Algumas municipalidades combatem o «atravessamento» punindo com multas as contravenções.

Predominam os pequenos sobre medios agricultores, não havendo grandes productores. Pelo numero, os primeiros, levando cada um ao mercado pequena quantidade de generos, abarrotam-no e verifica-se então, de repente, um movimento baixista, chegando os productos a serem cotados a preços infimos.

Não se faz, desconhecem mesmo, operações de warrantagem sobre a producção agricola e só excepcionalmente sobre o algodão e o café são feitas transacções de compra e venda «na folha» ou das colheitas pendentes. O commerciante vende a credito (1) ao lavrador de suas relações, esperando até a colheita, não constituindo norma a forma de pagamento.

Classificação commercial dos productos agricolas

Os generos de producção agricola não se impõem pela qualidade, concorrendo para isso, é certo, a falta de classificação commercial dos productos, de exigencias do consumidor e do commerciante, como de maiores cuidados por parte dos productores. A maioria dos agricultores, homens de pouco cultivo e pequenos recursos, desconhecem das vantagens que poderiam alcançar dos cuidados preliminares de escolha de boas sementes para o plantio, separando as variedades cultivadas e prevenindo desse modo cruzamento e hybridações, e ainda, do melhor beneficiamento e limpeza dos productos. Se o cultivo consorciado de

(1) O credito agricola tem sido objecto de attenção, contando, actualmente, o Estado tres bancos populares — systema Luzzatti : o *Credito Popular S. José*, fundado em 1920, na Capital; o *Banco do Cairy*, fundado em 1921 na cidade de Crato e o *Banco do Credito Agricola*, de Sobral, tambem de 1921.

plantas de especies differentes apresenta alguns inconvenientes, e não pôde ser evitado, o de variedades de uma mesma especie é sobremodo prejudicial, pois a falta de uniformidade e o máo aspecto do genero mesclado deprecia-o aos olhos do consumidor exigente, collocando-o em plano inferior nos mercados importadores.

Confirmando o exposto está o facto de haverem sido consideradas *escolha e falsificações*, partidas de feijão, farinha de mandioca, etc., exportadas para a Europa e lá postas á disposição de seus exportadores.

Assim, dentre as medidas a serem tomadas em proveito da producção agricola, facilitando o commercio externo do Estado, impõe-se a da classificação dos productos em typos ou padrões uniformes. O algodão, este sobre todos, o millio, e o feijão, a farinha de mandioca, etc., estão a exigir essa medida, para obterem melhores e mais compensadoras cotações nos mercados importadores do paiz e especialmente do estrangeiro.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

Continuam os generos agricolas, apesar do grande numero de estradas de rodagem e caminhos carroçaveis de que hoje dispõe o Ceará, senlo transportados em cargueiro, — no dorso do animal, — como antes. A finalidade dessas estradas, construidas em sua maioria pelo Governo Federal, é facilitar o transporte de mercadorias; entretanto, até agora, servem sómente ao transito de automoveis de passageiros e não ainda de productos agricolas.

Ha falta de vehiculos permitindo á lavoura os beneficios directos dessas utilissimas construcções e não seria exaggero, mas obra de grande alcance, medidas favoraveis á importação e construcção de vehiculos a esse fim destinados.

Não ha queixas contra os fretes cobrados pelas duas vias ferreas do Estado e sim contra a morosidade e difficuldades outras de obterem os interessados o transporte de suas mercadorias. A de Baturité, actualmente, é muito sobrecarregada com o transporte do material destinado ás grandes barragens em construcção e a de Sobral, exigindo conservação, motiva, por isso mesmo, serios transtornos ao commercio da zona a que serve.

Impostos sobre os generos de consumo

Não ha queixas apreciaveis em relação aos impostos que incidem directa ou indirectamente sobre os generos de consumo. As municipalidades cobram do \$100 a \$200 por volume ou cargas, entrados nos mercados ou nas feiras publicas.

As licenças estaduaes e municipaes para o funcionamento de fabricas de assucar, aguardente, etc., são de 30\$ a 100\$, conforme a producção. O Estado cobra “dizimos” sobre productos da lavoura e da criação, como tambem 5% a 10% *ad-valorem* sobre a exportação.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

A vida tem sido sensivelmente influenciada pelos factores da carestia, não só em relação á alimentação como demais utilidades, divergindo as opiniões sobre as causas determinantes — multiplas como são. Pôde-se dizer não haver propriamente organizações capitalisticas com meios em pratica para a manutenção dos preços em alta e, se os ha, attingem á capital e sobre um pequeno numero de artigos.

A' carestia da vida não foram oppostas medidas e nem registadas tentativas officiaes ou particulares nesse sentido, o mesmo se podendo dizer em referencia ao fomento da producção, no sentido de garantir aos generos agricolas boas condições de venda.

Examinando-se, porém, os entraves offerecidos ao desenvolvimento da producção, encontram-se causas economicas, demographicas e politicas bastantes para influir sobre o decrescimo e escassez da producção, aggravando os preços, podendo se, entre outras, citar *os factores climatericos, o desvio de braços da lavoura para as obras contra as seccas, falta de instrucção professional agricola, etc.*

Influíram os factores referidos, — economicos, demographicos e politicos, — para a carestia da vida, que o seu custo, em relação aos artigos de alimentação, vem sendo annualmente aggravado.

Esse aggravamento é variavel de anno para anno, mais accentuado nos flagellados e attenuado nos de abundantes colheitas e tem sido, em média, de 6,26% annualmente, a partir de 1911. Até 1921 era essa média um pouco inferior e igual a 5,82%.

O indice dos preços no varejo entre 1911 e 1921 foi, como esse Serviço já teve occasião de divulgar, de 158,29, obtendo-se agora, de junho de 1921 a junho de 1923, um indice mais elevado — 123,17, o que indica, sem duvida, tendencia de maior aggravamento. Assim, o augmento que até 1921 era de 58,29%, elevou-se, em 1923, a 81,46%.

O quadro seguinte mostra que, de 16 artigos, apenas dois, a carne de vacca e o xarque, baixaram de preços e que dois, banha e bacalhão, mantiveram os mesmos preços nestes dois ultimos annos. O mesmo quadro mostra terem os indices sido mais accentuados no interior do Estado, a se julgar pelos mercados de Sobral e Joazeiro, que na capital, mesmo sendo naquelles centros os generos agricolas cotados por menores preços, provavelmente devido á escassez de producção, em consequencia do desvio de braços para as obras em construcção ser mais accentuado nas zonas afastadas do littoral.

Indice dos preços de generos alimenticios nos mercados de Fortaleza, Sobral e Joazeiro — 1921 e 1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS			MÉDIA PARCIAL	OSCILLAÇÕES		
		Junho de 1921	Junho de 1923			+	%	
			Fortaleza	Sobral				Joazeiro
1	Rapadura.	100	180,00	300,00	200,00	226,66	126,66	—
2	Café.	100	166,66	168,42	200,00	178,36	78,36	—
3	Milho.	100	100,00	153,84	153,84	135,89	35,89	—
4	Assucar.	100	133,33	150,00	112,50	131,94	31,94	—
5	Polvilho.	100	116,66	133,33	133,33	127,77	27,77	—
6	Toucinho.	100	125,00	—	—	125,00	25,00	—
7	Arroz pilado.	100	90,90	133,33	150,00	124,74	24,74	—
8	Farinha.	100	75,00	133,33	133,33	113,88	13,88	—
9	Feijão.	100	100,00	80,00	160,00	113,33	13,33	—
10	Queijo.	100	114,28	120,00	100,00	111,42	11,42	—
11	Carne de carneiro.	100	100,00	100,00	120,00	106,66	6,66	—
12	Carne de porco.	100	114,21	100,00	100,00	104,73	4,73	—
13	Banha.	100	100,00	—	—	100,00	—	—
14	Bacalhão.	100	100,00	—	—	100,00	—	—
15	Carne de vacca.	100	100,00	100,00	71,42	90,47	—	9,53
16	Xarque.	100	—	—	—	80,00	—	20,00
	Média total	—	—	—	—	123,17	23,17	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Ceará

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	LOCAL
Algodão	Boris Frères & Comp.	Fortaleza	Rua Boris.
	Camillo & Comp.	>	Rua da Alfandega, 37.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jona & Comp.	>	Rua da Alfandega, 19.
	J. Lopes & Comp.	>	Praça do Ferreira, 50.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Solon & Valente.	>	Rua M. Facundo, 51.
Algodão em caroço	Salgado Filho & Comp	>	Rua da Praia, 1.
	Ulysses Borges	>	Rua da Praia, 39.
Algodão em pluma	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
Borracha.	A. D. Siqueira & Comp.	>	Boulevard Duque de Ca- xias.
Cêra de Carnaúba	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Camillo & Comp.	>	Rua da Alfandega, 37.
	Jona & Comp.	>	Rua da Alfandega, 19.
Couro salgado e espi- chado	J. Lopes & Comp.	>	Praça do Ferreira, 50.
	Solon & Valente.	>	Rua M. Facundo, 51.
	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	Camillo & Comp.	>	Rua da Alfandega, 37.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jona & Comp.	>	Rua da Alfandega, 19.
Fariuha de mandioca.	J. Lopes & Comp.	>	Praça do Ferreira, 50.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Salgado, Filho & Comp.	>	Rua da Praia, 1.
	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
Gomma	Ulysses Borges	>	Rua da Praia, 39.
	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
Milho.	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Ulysses Borges	>	Rua da Praia, 39.
	Boris Frères & Comp.	>	Rua Boris.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
Pelles.	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Camillo & Comp.	>	Rua da Alfandega, 37.
	G. Gradvol & Filhos	>	Rua da Praia.
	Jona & Comp.	>	Rua da Alfandega, 19.
	Jeremias Arruda.	>	Rua da Alfandega, 41.
	Salgado Filho & Comp.	>	Rua da Praia, 1.
Sementes oleaginosas.	Ulysses Borges	>	Rua da Praia, 39.

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Trânsporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

Carestia e custo da vida.

Índice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados

A alimentação da população norte-riograndense, variando, embora, as preferencias e o coeﬃciente de consumo dos productos segundo os habitos e haveres das classes sociaes e facilidades de abastecimento dos mercados, é constituida em sua maior parte dos recursos de sua propria produção. Os generos importados supprem a escassez da produção local ou são especialidades de outras procedencias que não podem vir a ser economicamente produzidos no meio ou substituidos vantajosamente.

A *farinha de mandioca*, genero de maior e mais vulgarizado consumo, diariamente presente na mesa de todos os lares — pobres ou abastados — é de produção local e sómente importada nos periodos de maiores crises. O polvilho ou gomma de mandioca é, como a farinha, objecto de industria. A mandioca é cultivada em grande escala na maioria dos municipios e em todos plantada, não só para o preparo desses productos, como as variedades mansas ou macacheira (*aipim*) para mesa. A redução da importação da farinha de trigo encontra na cultura da preciosa *euphorbiacea* o melhor recurso, com o emprego da farinha convenientemente preparada, no preparo do pão mixto. A culinaria nordestina aproveita a farinha, a gomma e a massa da mandioca num sem numero de preparos appetecidos.

O *milho*, os *feijões* e a *fava* são tambem muito cultivados e de grande consumo no Estado. Entretanto, esses productos, como aliás succede á farinha de mandioca, estão sujeitos a multiplas vicissitudes em seu commercio. A carestia dos transportes e diﬃculdades oppostas á regular conservação desses productos dá logar em alguns annos a excesso de produção e grandes baixas nos preços e em outros de estiagens ou seccas prolongadas a escassez nos mercados e altos preços

dos generos então importados. Demais, os *feijões de corda a moita* e as *favas* não encontrariam fóra das regiões nordestinas mercados apreciáveis, considerando-se a preferencia pelos feijões anões ou de arrancar, pouco cultivados no Estado e em condições favoráveis de concurrencia exportados para o Nordeste e Norte do paiz pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catharina e S. Paulo.

O arroz é cultivado em menor escala e em parte importado. É uma cultura que, com o desenvolvimento da açudagem, — permittindo a irrigação — nas zonas seccas e o aproveitamento dos terrenos inundáveis e férteis dos afamados valles existentes no Estado, encontra as melhores condições de prosperidade.

O assucar já occupou, mais de uma vez, o primeiro logar na producção agricola do Rio Grande do Norte e, não obstante a crise que de ha muito vem assoberbando a lavoura da canna, é ainda o segundo producto agricola do Estado e a base economica de toda a região chuvosa da zona do littoral-agreste. No sertão o cultivo da canna é feito em pequena escala para o fabrico de rapaduras destinadas ao consumo local.

A industria assucareira, no Rio Grande do Norte, precisa para o seu florescimento não só de credito e braços, mas da drenagem e saneamento dos valles do Ceará-Mirim, Curimataú e outros sujeitos a inundações. Só então a cultura da canna tomará o logar que lhe compete, sob a influencia dos modernos processos de cultivo e fabricação.

O consumo de fructas é relativamente pequeno e limitado ao côco verde, melão, melancia, banana, laranja, abacaxi, manga, sapota, cajú, umbú e mangaba. O cultivo dos melões e melancias é de “roçados” e vasantes. O da banana e laranja, em parte importadas dos brejos parahybanos, está se desenvolvendo nas margens da Estrada de Ferro Central do Rio Grande Norte e Great Western, respectivamente. O abacaxi tem augmentado o seu cultivo no municipio de Ceará-Mirim. Cajú, umbú e mangaba são fructos abundantes e muito apreciados. O cocô, como fructo, é consumido verde em grande escala na capital. O seu cultivo, que já attinge a cerca de 132.000 pés, pôde ser ainda muito desenvolvido não só no municipio do Natal como em outros do littoral norte-riograndense, tornando-se objecto de vultosa exportação em fructos, coprah e oleo. O côco secco, quer para o preparo de oleo, quer para multiplos empregos culinarios, é objecto de apreciavel commercio no Estado.

Os legumes verdes e as hortaliças, de um modo geral, são consumidos em maior ou em menor escala no Estado e de accôrdo com as exigencias dos habitos locais. Algumas hortaliças até ha pouco quasi desconhecidas no Estado, a se julgar pela procura das sementes na Inspectoria Agricola, gozam de boa acceitação.

Os oleos alimentares de fabricação local, alguns delles usados como succedaneos do de oliva, que é importado, são objecto de industria domestica. A industria de oleos desenvolvida é a do caroço de algodão.

Em relação ao abastecimento dos mercados com os productos de origem animal vamos fazer algumas considerações ligeiras, mas que julgamos opportunas.

O Estado importa do sul do paiz, especialmente de Minas, queijo e manteiga e do Rio Grande do Sul, xarque. Entretanto é afaniada a sua industria de queijo, — artigo conhecido e procurado não só nas praças de Manáos, Belém, Recife e outras, como na do Rio de Janeiro —, e de carne de sol. O queijo e manteiga procedentes do sul são vendidos a elevados preços e nem sempre se recommendam pela qualidade. A manteiga, sobretudo, é, ás vezes, não só a de tempero como a de mesa, de inferior qualidade. A banha de porco é pouco consumida.

O xarque foi industria florescente e objecto de importante commercio no seculo XVIII, sendo até hoje conhecidos pela denominação de “Officinas”, em Mossoró e Assú, os logares de sua fabricação.

A respeito escreveu o dr. Tavares de Lyra :

«Prohibido o seu preparo no Rio Grande do Norte, taes carnes ficaram vindo apenas das officinas de Aracaty para o Norte, isto é, da Capitania do Ceará, donde o facto de ser o xarque conhecido em todo o Norte sob o nome de *carne do Ceará*.»

«A extincção da industria de carnes seccas (1), que tinha chegado a um alto grão de prosperidade, não fez, porém, decahir a da criação; as feiras da Parahyba e Pernambuco continuaram a ser e ainda são bons mercados para lucrativas transacções.»

Hoje a industria das carnes está limitada ao preparo da *carne de sol* (salgada e secca ao sol e ao vento) que, muito apreciada, é dispu-

(1) “O capitão-general, governador de Pernambuco, em officio de 11 de maio de 1789, mantinha a prohibição recommendada, ainda exceptuando *as officinas que iam do Aracaty para o Norte*.”

tada nas feiras e, pôde-se dizer, não corresponde ás exigencias dos consumidores, — expostas á venda incompletamente curadas — e nem satisfaz ás necessidades do consumo.

As carnes verdes consumidas são de vacca, de porco, de carneiro e de caprinos.

O queijo é o principal producto da incipiente industria de lacticinios norte-riograndense e pela qualidade é o “de manteiga” muito conhecido sob o nome de *queijos do Seridó*. É fabricado com o “de coalho”, em maior ou menor escala em todos os municipios criadores. O queijo “de coalho” é tambem feito com leite de cabra ou de ovelha. É objecto de vultoso commercio interno e já apreciavel exportação. A manteiga que, como vimos, é tambem importada em parte, é fabricada no Estado em pequena escala como industria caseira subsidiaria da do queijo, consistindo sua fabricação no aproveitamento da nata em suspensão na coalhada que é levada ao fogo e, assim “apurada”, exposta á venda, em estado liquido, engarrafada.

As medidas suggeridas para o desenvolvimento da industria de lacticinios no Rio Grande do Norte, pelo ajudante de inspector agricola Ormino Rodrigues Vidigal, recommendando a installação de pequenas fabricas aparelhadas e estabelecimento de pastagens artificiaes, cercadas, para a manutenção do gado leiteiro, durante mezes de abundante lactação, e outras, merecem a attenção dos criadores do Estado.

O peixe é abundante em todo o littoral, estando as cooperativas de pescadores prestando apreciaveis serviços ao abastecimento dos mercados. É vendido fresco nos mercados littoraneos e seccos, almocrevidos de feira em feira, no interior do Estado.

O mel de abelhas presente nos mercados é indigena e abundante nas épocas das floradas.

O sal é, como se sabe, todo elle procedente das salinas locaes.

Oscillações dos preços

Os preços principiam a baixar, primeiro o da farinha de mandioca e depois o milho, feijão, etc., á medida que o “inverno” se firma, culminando a baixa no periodo das safras.

Havendo signaes de secca e não apparecendo as chuvas até o dia de S. José (19 de março), começa o periodo de apprehensões, — nem sempre fundadas, felizmente —, e então os que dispõem de recursos,

— lavradores e negociantes —, adquirem, quanto podem, generos alimenticios, sobretudo de farinha de mandioca, para se supprirem no periodo da crise em expectativa.

Assim, durante o mez de março, accentúa-se a alta se ha expectativa de crise ou pronuncia-se a tendencia de baixa se as chuvas são regulares.

Os productos da pecuaria principiam a baixar, — apparecendo em maior abundancia nos mercados —, depois de iniciado o “inverno” com a fartura de pastagens.

A alta ou baixa dos generos de maior consumo influe até certo ponto sobre os demais e a cotação dos artigos de exportação nos mercados importadores tem influencia reflexiva, maior ou menor, sobre os mercados locais.

A farinha de mandioca, o milho e o feijão, entretanto, são os generos sujeitos ás maiores oscillações. O assucar, a rapadura, as carnes e o queijo, do mesmo modo, soffrem durante um anno, oscillações accentuadas e muitas vezes bruscas.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

Indirectamente a fertilidade das terras, pela sua capacidade productora, — influindo sobre o custo da producção em muito dependente da acção de outros e não menos importantes factores, — concorre para a formação dos preços e suas variações. Entretanto, a influencia desse factor, — consideradas as differenças dos valores da terra segundo a situação não só em relação aos meios de transporte como e especialmente á escassez ou abundancia de aguas para os fins agricolas e... domesticos, não é apreciavel senão nos annos seccos ou de grandes inundações em que a producção agricola, no primeiro caso, é toda ella dos valles frescos do littoral agreste e das vazantes dos açudes, dos paúes e das corôas dos rios sertanejos e, no segundo, sobretudo dos terrenos não alcançados pelo excesso das aguas devastadoras.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento medio annual da população do Estado, — 0,0176 de 1872 a 1920 foi até 1890 de 0,0076, baixando em 1900 a 0,0022 para attingir em 1920 a 0,0348 — collocou o Rio Grande do Norte

em 1920 e a partir de 1872 em condições superiores aos Estados do Ceará e Sergipe e de 1900 a 1920 sómente inferiores, neste particular, aos Estados do Espirito Santo, Goyaz, Matto Grosso, Pará, Paraná, Santa Catharina e S. Paulo.

O crescimento medio annual da população da Capital, de 0,0158 de 1.872 a 1900 e 0,0335 deste anno ao de 1920, — sómente inferior ao alcançado pelas cidades de Bello Horizonte, Maceió, Porto Alegre, Recife e S. Paulo —, foi no primeiro periodo citado superior em 0,0136 annualmente ao alcançado pelo Estado e no segundo um pouco menor, — 0,0013 por anno. Faltam elementos para se julgar do crescimento da população das demais cidades em detrimento das zonas ruraes e tambem a producção *per capita* dos centros productores. Entretanto, considerada a extensão das costas mais ou menos povoadas e de producção agricola reduzida e a tendencia das populações ruraes se desviarem para os centros populosos, a influencia da densidade da população, — que é superior a do paiz e do Amazonas, Bahia, Goyaz, Maranhão, Matto Grosso, Pará, Paraná, Piauhy, Rio Grande do Sul e Acre, — 9,344 de habitantes por kilometro quadrado —, sobre a variação dos preços é, provavelmente, aggravante.

Nas populações ruraes ha a considerar não só em relação ao Rio Grande do Norte como aos Estados visinhos os quebrantados, certo que em pequeno numero, pelos revezes das seccas passadas e os de pequena capacidade productora nas zonas menos salubres do littoral outr'ora prosperas e hoje decadentes como o valle de Maxaranguape que foi importante centro assucareiro.

Influencia dos factores elimatericos sobre variação dos preços

No Rio Grande do Norte e em todo Nordéste brasileiro a influencia dos factores climaticos sobre os preços é decisiva. Nos annos calamitosos, de seccas ou chuvas excessivas, os preços se elevam e attingem sobretudo no primeiro caso a limites prohibitivos. Nos annos normaes, entretanto, restabelece-se o equilibrio e se ha excesso de producção — consequencia da difficuldade de exportação pela carestia dos transportes — baixam a niveis de ridicula inferioridade, — não têm preços.

Basta considerar que em terrenos inferiores e sem adubação, nos ariscos e taboleiros, havendo chuvas regulares, a mandioca, batata doce, milho e feijão dão colheitas apreciaveis. Espaçados que sejam

os intervallos das chuvas perdem-se as lavouras e só escapa a «roça» — mandioca —, que desse modo prova sua resistencia demonstrando a possibilidade do incremento de sua cultura nesses terrenos.

No sertão a resistencia das plantas é maior, e, se o tempo corresse bem, em todas as terras enxutas do Rio Grande do Norte, as colheitas seriam remuneradoras.

Na zona do littoral-agreste, onde, no dizer do dr. Philippe Guerra, “nunca ha rigorosa secca”, ha extensas áreas alagadas pela obstrucção dos rios que convenientemente drenadas e depois cultivadas seriam o celloiro do Estado nos annos seccos. E pela proximidade dos portos de embarque, reduzidos os fretes e melhoradas as condições dos transportes, facil seria a exportação do excesso produzido para outros pontos do paiz e até do estrangeiro.

Crises agricolas e commerciaes

As crises que affectam a vida economica norte-riograndense se estendem e são sentidas em sua plenitude pelos visinhos Estados do Ceará e Parahyba quando originarias das vicissitudes climatologicas.

O rythmo das crises provocadas pelas seccas é conhecido, sendo sempre lembrados pelos seus terrores os annos de 1845, 1870, 1876, 1891, 1898, 1900, 1903, 1907, 1908, 1915 e 1919. O anno secco e o seguinte é sempre de crise e exodo. São crises geraes e de effeito duradouro. Ha tambem as crises pelo excesso de chuvas provocando transbordamentos e inundações, tambem periodicas, e de effeitos os mais calamitosos. Domingos de Barros dá uma idéa desse flagello nas linhas abaixo :

“As chuvas sertanejas são diluvianas e as aguas correm sobre o sólo impenetravel, impetuosas e corrosivas, abrindo sulcos profundos nos flancos das serras e acarretando detritos de toda sorte.”

“Em baixo, o rio, demasiado opulento, excede o leito, transvasa e dilata-se pelas margens, cobrindo as planicies lateraes e tomando, ás vezes, uma legua de largura. É a cheia, um mar toldado e barrento, acarretando de roldão os troncos arrancados e não raro grandes arvores frondosas.”

É a cheia que, destruindo as culturas, ceifando vidas e submergindo povoados, provoca crises como a que no momento experimentam o Rio Grande do Norte, a Parahyba, o Ceará, etc. em suas melhores zonas productoras.

As crises agricolas se succedem crises commérciaes aggravadas umas e outras pela carestia dos fretes. Os preços baixos nos mercados compradores de assucar e de algodão provocam crises que se refletem sobre a lavoura e o desvio de braços para outros mystères, sobretudo para os centros povoados, concorre poderosamente em detrimento da producção agricola.

Exame e mecanismo dos mercados

Os pequenos lavradores, “foreiros” ou não das terras que cultivam, vendem geralmente sua safra de algodão ou de canna aos proprietarios e os cercaes, farinha, etc., directamente na feira visinha. Os médios, pequenos proprietarios ou arrendatarios de maiores recursos, negociam com os compradores locais vendendo os cereaes, feijão, etc., directamente na feira visinha, ao commerciante local, ou na porta aos “matutos” que almocrevam de feira em feira. O grande lavrador, entretanto, mais das vezes comprador de assucar ou do algodão, vende esses productos directamente aos commerciantes-exportadores, estabelecidos nas maiores praças do Estado.

O mecanismo das transacções como as fórmulas dos pagamentos variam consideravelmente. Entre os maiores lavradores consiste muitas vezes no compromisso verbal, sempre respeitado, da entrega de determinada quantidade de algodão ou assucar, a prazo e preços estipulados no momento do contracto, mediante o adeantamento de parte da importancia do contracto. Outras vezes essas vendas são feitas também por antecedencia e sem nenhum adeantamento sobre o valor do contracto, — sujeitando-se as partes aos prejuizos ou lucros que dessas operações resultem. — Os pequenos proprietarios, não raramente, para o custeio de suas lavouras, fazem emprestimos a juros exorbitantes — 5 % a 10 % ao mez — pagos depois das colheitas então vendidas a dinheiro á vista. Os “moradores” — pequenos arrendatarios ou “foreiros” —, mantêm os seus “roçados” com pequenos adeantamentos dos proprietarios ou negociantes pagos depois com os productos colhidos ou serviços prestados. Geralmente nada ou quasi nada lhes sobra das colheitas vendidas pelos menores preços.

Não ha credito agricola no Estado e a respeito escreveu o dr. A. Tavares de Lyra:

“Ha no Estado absoluta carencia de capitaes; quaesquer emprestimos são realizados, em regra, a juros elevadissimos, quando não mediante

vexatorias exigencias, sendo os agricultores os mais directamente expostos á usura dos prestamistas. Para provar-o basta considerar que o pobre lavrador que planta algodão, moirejando dia e noite em seu *roçado*, vê-se, muitas vezes, obrigado a *vendê-lo na pulha*, recebendo uma ninharia a troco de uma sacca ou de uma carga de lan ao effectuar a colheita, é o *senhor de engenho* — representante da antiga fidalguia territorial de Norte do Brasil —, que cultiva a canna de assucar, está, de muito, na dependencia das imposições dos *correspondentes* (commissario) que fornecem minguidos adeantamentos a juros de 18% ao anno, capitalizaveis de seis em seis mezes.”

Dependendo a expansão agricola e industrial de recursos que só a organização do credito pode proporcionar, urge a solução do problema. E no meio dos proprios interessados, com a applicação dos seus proprios esforços e recursos, — amparados pelos poderes publicos com leis e favores especiaes —, está a primeira solução na organização de caixas que se fundarem nos moldes das já existentes — *systema Raiffeisen* — no paiz, podendo servir de exemplo não só as de afamada prosperidade nos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, como as de Bananeiras e Guarabira no visinho Estado da Parahyba, — organizadas pela Inspectoria Agricola do 7º Districto.

Os pequenos lavradores que cultivam canna, em terras proprias, mas não dispõem de engenho, dão *a canna a meias ao senhor de engenho* mais proximo, recebendo metade do assucar produzido. O mel, até ha pouco, tambem recebido pela metade, é hoje exigido pelo fabricante.

Os arrendamentos de terras, na zona do littoral, para o plantio de mandioca, e, em consorciação, milho, feijão, etc., regula 10\$ a 15\$ por *mil covas* (3.025 metros quadrados) da instalação da cultura a colheita.

As differenças entre os preços em grosso e a varejo regulam 3% a 15% para os generos alimenticios e outros, e 10% a 20% para fazendas, ferragens e miudezas. Esses limites são muitas vezes alterados não só pelas oscillações cambiaes como tambem por factores a que não são estranhos o custo dos transportes e especulações diversas.

Classificação commercial dos productos agricolas

Os gêneros alimenticios expostos á venda nas feiras e casas commerciaes são classificados nominalmente e, pela pouca exigencia dos consumidores, são quasi sempre, mesmo em desigualdade de condições,

cotados pelo mesmo preço. Faz excepção o assucar, que, embora não esteja sujeito a uma classificação commercial judiciousa, é cotado, segundo sua qualidade, por preços diversos. Para exportação é esse producto classificado em typos como nos vizinhos mercados do sul e de accôrdo com os fabricados nos centros productores do Estado. O consumidor prefere o artigo de melhor aspecto e que satisfaça seus habitos. A farinha de mandioca preferida é a melhor torrada e que tenha mais “gomma”, não havendo exigencias em relação aos typos *grossa* ou *finá*. A carne de sol mais procurada é a de boa apparencia e cheiro, porém bem enxuta. O queijo procedente de Seridó goza de melhor acceitação. As falsificações, mais ou menos communs, são punidas pelos conhecedores com a preferencia ao producto puro e de qualidades apreciaveis de boa conservação.

Alguns consumidores preferem sempre os melhores productos, porém outros, talvez em maioria, dão maior importancia ao preço que á qualidade do producto.

Entretanto, a boa classificação dos productos, expostos á venda, é um estímulo ao melhoramento da produção e em se tratando dos artigos destinados a exportação, a melhor garantia de successo e conquista dos mercados.

Felizmente, neste particular, sobretudo em relação ao algodão, a iniciativa particular secundada pelo empenho dos poderes publicos, muito tem feito, visando o estabelecimento de uma classificação racional e uniforme e promovendo o beneficio e conveniente acondicionamento do producto.

A firma Wharton, Pedroza & Cia. adoptou ha tempos, a seguinte classificação para exportação: — *Seridó especial*, fibra de 40 a 45 mm; — *Seridó branco - crème*, 38 a 40 mm; *Sertão especial*, 31 a 35 mm; *Matta* — typo Upland, 20 a 25 mm. e *Typo Matta*, 20 a 25 mm.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

A questão dos transportes é capital e merece algumas considerações. banhado a Norte e a Leste pelo Atlantico e dispondo, em relação ao seu territorio, de grande extensão littoranea, — cerca de duzentas milhas de costas —, o Rio Grande do Norte, pela sua excepcional posição de productor do melhor e mais afamado sal nacional e

ainda pela relativa proximidade de todos os seus municipios, mesmo os mais centraes, dos seus principaes portos, reune condições inegua-laveis para o commercio de seus productos pela navegação maritima.

Em relação a proximidade das sédes dos municipios do interior aos portos de embarque, estão a mais de 300 kilometros do de Natal os de Apody, Augusto Severo, Caicó, Caraúbas, Luiz Gomes, Martins, Mossoró, Patú, Pau dos Ferros, Port'Alegre, Sant'Anna do Mattos, S. Miguel e Serra Negra, que se encontram, a excepção de Serra Negra, a menor distancia dos portos de Areia Branca uns e de Macau outros.

Os portos de Natal, Macau e Areia Branca, de maior importancia commercial, são visitados pelos navios do Lloyd Brasileiro, da Companhia Nacional de Navegação Costeira, da Commercio e Navegação e da Navegação a Vapor do Maranhão em viagens regulares ou extraordinarias que, não fôra o considerado exaggero dos fretes, mais estimulavam o desenvolvimento do commercio nesses portos, especialmente no de Natal, pelas communições estabelecidas com os principaes mercados do paiz e mesmo do estrangeiro. Carregados de petroleo, farinha de trigo, etc., aportam em Natal, não raramente, navios americanos e de outras nacionalidades abrindo caminho directo ao commercio exterior.

Os portos secundarios, em maior numero, são frequentados e ligados aos principaes por pequenas embarcações á vela e a vapor, devendo ser mencionados, entre outros, os seguintes: — da *Bahia Formosa*, no municipio de Canguaretama, exporta sal e alguns productos agricolas e recebe mercadorias diversas, procedentes de Natal e Recife; das enseadas do *Pirangy*, no municipio de Papary; de *Gennipabú*, *Pitunguy*, *Jacuman*, *Porto Mirim* e *Muriú*, no municipio de Ceará Mirim; de *Mixaranguape*, *Pititinga*, *Rio do Fogo*, *Touros* e *Cuiçara*, no municipio de Touros, além de outros, nesse municipio e no de Macáo igualmente demandadas por menores embarcações e que dão escoamento ao sal e outros productos e favorecem a importação das mercadorias necessarias ao consumo local.

O transporte maritimo, entretanto, sobretudo em relação á navegação costeira de longo curso, «deixa muito a desejar, maximé pelo exaggero das tabellas de fretes, as quaes, já sendo muito pesadas antes da guerra européa, foram aggravadas em excesso durante as hostilidades e assim permanecerão, provavelmente, ainda por muito tempo.»

O fluvial é limitado, em embarcações de pequeno calado, a cerca de 150 kilometros em todo o Estado, nos seguintes rios: — Apody ou Mossoró, até Santo Antonio; Piranhas ou Assú, até Officinas; Potengy e Jundiahy, até Macahyba; e Cunhaú e Pitú Assú, até Cangua-retama. O custo da tonelada-kilometro é estimado de \$100 a \$300. No Potengy custa \$600 o transporte de um volume de qualquer genero da producção agricola.

Os transportes terrestres — *em carros de bois, dorso de animaes, automoveis e estradas de ferro* — feitos mais das vezes em condições precarias e dispendiosas, têm merecido nestes ultimos annos justificada attenção dos poderes publicos — estadual e federal —, deste especialmente que, como é do dominio publico, já realizou obras de grande vulto e inconteste utilidade.

O transporte em dorso de animaes ainda é o preferido no interior onde, até não ha muito tempo, era talvez o unico possivel. Avaliam, em épocas normaes, a média de \$500 para o preço de transporte por tonelada-kilometro. Esse preço, entretanto, é muito variavel de accôrdo com as diversas circumstancias que para isso concorrem, safras maiores ou menores, carregamentos para o retorno e outros factores locaes como existencia de aguadas, facilidade “de rancho”, de alimentação de animaes, etc., além dos primordiaes que são as crises climaticas.

O peso das cargas, variando segundo as distancias a vencer e a natureza das mercadorias a transportar, alcançam a 100, 120 e até 150 kilos em alguns casos.

O papel das primeiras estradas, simples caminhos estreitos, nem sempre permitindo livre passagem aos comboios, embora algumas considerada carroçaveis — é relevante na vida e historia economica do Estado. Entre ellas, são afamadas as *estradas de boiadas* que atravessando os municipios de Caicó e Jardim de Seridó e ligando esses sertões ao Piauhy e a Pernambuco, no dizer do dr. Manoel Dantas, nellas “transitavam as mercadorias e as boiadas compradas no Piauhy, refeitas nos campos de criação do Ceará, Parahyba e no Rio Grande do Norte, e exportadas para os mercados consumidores da Parahyba e Pernambuco”.

Estabelecendo as communicações com o littoral gozam de renome: a *estrada do Fio*, que partindo de Macahyba vae ao alto sertão, atravessando os municipios de Lages, Angicos e Sant’ Anna do Mattos e a que subindo o rio Ceará Mirim encontra a precedente e bifurca-se

em ramaes para Mossoró e Flores, até encontrar a *das boiadas*; a *estrada do Seridó*, ligando os valles do Potengy e Trahiry aos sertões norte-rio-grandenses e brejos parahybanos, com diversos ramaes; e, finalmente, a grande estrada *de comboios* que, partindo de Mossoró, demanda municipios sertanejos do Rio Grande do Norte e Parahyba e o baixo Jaguaribe, no Ceará, pelas suas ramificações.

Com a intensificação das obras contra as seccas, — num systema rodoviario que consulta aos interesses economicos do Estado —, foram construidas e atacadas a construcção de varias estradas de rodagem, permittindo, todas ellas, o trafego de automoveis e já prestando alguns apreciaveis senão relevantes serviços ao progresso potyguar.

Os fretes são, como vimos, muito variaveis nos transportes em dorso de animaes, pagando uma carga de algodão:

Acary a Macahyba.....	25\$000 a 27\$000
Curraes Novos a Macahyba.....	22\$000 a 23\$000
Santa Cruz a Macahyba.....	15\$000 a 20\$000

Nessas e em maiores distancias, pelo elevado dos fretes, raramente são transportados milho, feijão, etc. para exportação. São cargas de retorno, productos almocrevidos de feira em feira ou então transportados em animaes do proprio productor.

Entretanto, em menores distancias, — 12 kilometros mais ou menos — cobram 1\$500 em média pelo transporte de uma carga de milho, feijão, farinha de mandioca, etc., pesando no maximo 150 kilos.

Os transportes em carros de bois são mais communs nos serviços internos das maiores propriedades agricolas, realizados entretanto, em maiores distancias quando se trata de cargas mais pesadas.

Algodão e outros productos já são transportados em automoveis dos centros productores servidos pelas novas estradas construidas, — em sua maior parte pelo Serviço de Obras contra as Seccas — para as estações ferroviarias e pòrtos de embarque, — concorrendo os proprios auto-caminhões desse Serviço para o descongestionamento dos armazens do interior, — fazendo em viagem de retorno, mediante condições equitativas, o transporte desses productos para os mercados compradores. Em auto-caminhões, a média do custo de transporte é, segundo informes autorizados, de mais ou menos \$350 a \$400 para os generos de exportação e \$400 para os de importação.

Os transportes ferroviarios são feitos pela “*Great Western*”, *Central do Rio Grande do Norte* e *E. F. Mossoró*, em condições mais ou menos precarias.

A “*Great Western*”, ligando o Estado aos de Parahyba, Pernambuco e Alagóas, tem cerca de 122 kilometros em territorio norte riograndense e atravessa os municipios de Natal, S. José de Mipibú, Papary, Arez, Goyaninha, Canguaretama, Pedro Velho (Villa Nova) e Nova Cruz, servindo tambem ao municipio de Santo Antonio que por ella faz o seu movimento de exportação e importação.

A Central do Rio Grande do Norte, de penetração, tem 177 kilometros em trafego e serve actualmente aos municipios de Natal, S. Gonçalo, Ceará Mirim, Taipú, Lages e Angicos.

E a de Mossoró liga o municipio de Areia Branca ao de Mossoró.

O Estado tem em trafego apenas 336 kilometros de linhas ferreas:

Na “*Great Western*” um sacco de 60 kilos de assucar paga de Goyaninha a Natal, 1\$042; 60 kilos de farinha, de Villa Nova a Natal, 1\$498 e, de Nova Cruz a Natal, — 60 kilos de algodão 4\$604; rapaduras 50 kilos, 1\$639; de arroz, 60 kilos 1\$567 e de carne de sol, 60 kilos, 1\$567.

Na Central, de Lages a Natal, — 149 kilometros — paga-se: — 60 kilos de feijão, 1\$300; milho 60 kilos, 1\$300; farinha 60 kilos, 1\$300; rapaduras e assucar bruto, 50 a 60 kilos, 1\$800; assucar refinado, 60 kilos, 2\$600 e carne de sol, 90 kilos, 3\$200.

Impostos sobre os generos de produccão e consumo

Os impostos que incidem directa ou indirectamente sobre os generos de produccão e consumo são federaes, estadoaes e municipaes.

Os impostos municipaes recahem alguns, directamente sobre a produccão, — incidindo sobre as áreas cultivadas e estabelecimentos destinados ao beneficiamento dos productos agricolas —, e outros, indirectamente, sobre os generos de produccão local e de importação, expostos á venda nas feiras.

Os impostos que recahem sobre as áreas cultivadas, 1 \$000 a 3\$000 por *mil covas* — medida que corresponde á área de 3.025 metros quadrados — cobrados em alguns municipios, embora acceitos sem maiores queixas, concorrem, naturalmente, para a reduccão das áreas cultivadas em detrimento da produccão agricola e, nem ao menós fa-

cilitam, como á primeira vista pode parecer, a estatística agricola. Os lançamentos feitos, á falta de elementos seguros, por estimativa dos funcionarios municipaes ou por declarações dos lavradores, serão, em qualquer dos casos, imperfeitos e prejudiciaes. Os impostos pagos pelo commercio, — licenças — incidem sobre os consumidores. A industria pastoril é tambem directamente contemplada nas taxações municipaes com os impostos sobre os *curræes e registo de marcas*.

Não ha imposto territorial no Estado. Os impostos estadoaes que interessam a lavoura e industrias norte riograndenses incidem sobre a exportação.

A tendencia da redução dos impostos de exportação foi accentuada no governo do dr. Antonio de Souza, que não só restabeleceu o regimen da igualdade na arrecadação dos impostos, — decreto n. 110, de 9 de março de 1920 —, como reduziu de 8% para 5% sobre o algodão limpo e despachado directamente para o estrangeiro e de 50% sobre o sal.

Os impostos federaes sobre a aguardente são considerados, pelos productores, pesados. Os sobre lacticinios, interessando ao fabrico do queijo que, como vimos, é floresente e característico, impressionaram mal aos vaqueiros.



II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O Rio Grande do Norte não faz excepção. A vida nesses ultimos annos, considerado o custo das utilidades, encareceu sensivelmente. E a se julgar pelas alterações constatadas nos preços dos principaes generos alimenticios abrangidos em nossas observações, só neste particular — desprezadas as oscillações para mais ou para menos em cada anno — o augmento médio annual de 1911 a 1923 nos preços destas utilidades de maior consumo na alimentação local referentes ao mercado de Natal, principal do Estado, foi de 8,01%, notando-se que até 1921, inclusive, esse augmento era de 6,12% annualmente.

Em publicação anterior escrevemos, de accôrdo com os resultados da comparação dos preços correntes, a varejo, em 1911 e 1921:

"No mercado de Natal, o indice dos preços dos generos alimenticios em 1921 foi de 166,12 em relação ao de 1911, variando as oscillações indicatoras entre 120,00 e 242,85 ou 20,00% e 142,85% durante o decennio."

Os generos contemplados até então foram o arroz, milho e feijão, farinha de mandioca, assucar, carne de vacca, de porco e de carneiro, queijo, gallinha e ovos.

Agora comparando os preços de maior numero de generos e agrupando os oleos alimentares (azeite doce, de baty e outros), as carnes verdes (de vacca, carneiro, porco e bode), as farinhas e feculas diversas, excepção feita da farinha de mandioca (gomma de araruta, de mandioca, farinha de trigo e de milho) e sob a rubrica *diversos* varios condimentos, aves, etc., — mostra o quadro abaixo que o indice obtido no triennio 1921-1923 foi de 138,04 que equivale ao augmento 38,04% no periodo, — sómente inferior no paiz aos alcançados pelos Estados do Piauhy, Pernambuco e Alagoas. Entretanto, considerado o augmento médio annual a partir de 1911, cabe ao Rio Grande do Norte o 10º lugar,

alcançando menor augmento que os mercados do Districto Federal, Rio Grande do Sul, S. Paulo, Pernambuco, Santa Catharina, Goyaz e Espirito Santo, onde as causas determinantes do augmento dos preços se fizeram sentir com maior intensidade, sobretudo a partir de 1914.

Indice dos preços dos principaes generos alimenticios no mercado Varegista de Natal

1921 - 1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Milho	100	200,00	100,00	—
2	Assucar.	100	182,50	82,50	—
3	Batatinha	100	176,47	76,47	—
4	Farinha de mandioca.	100	175,00	75,00	—
5	Queijo	100	164,12	64,12	—
6	Manteiga	100	144,21	44,21	—
7	Banha	100	140,90	40,90	—
8	Diversos.	100	137,56	37,56	—
9	Feijão	100	135,37	35,37	—
10	Farinha e feculas diversas	100	128,77	28,77	—
11	Carnes seccas.	100	127,97	27,97	—
12	Arroz.	100	126,25	26,25	—
13	Leite.	100	125,00	25,00	—
14	Carnes verdes.	100	121,16	21,16	—
15	Café.	100	119,35	19,35	—
16	Bacalhau	100	118,51	18,51	—
17	Toucinho	100	116,00	16,00	—
18	Ovos.	100	111,42	11,42	—
19	Peixes	100	108,10	8,10	—
20	Oleos alimentares	100	102,33	2,33	—
	Média total	100	138,04	38,04	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Rio Grande do Norte

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO — (ENDEREÇO)
Aguardente.	F. Cascudo.	Natal.
Alcool	F. Cascudo.	»
	P. Bezerra.	»
Algodão.	S. A. Warton Pedroza & Comp.	»
»	Julius von Söhsten & Comp.	»
»	Gurgel & Lucke	»
»	P. Bezerra	»
»	Joaquim Etelvino	»
»	Minervino Wanderley	»
»	S. A. Industrias Reunidas Norte-Rio-grandenses	»
»	Epaminondas Brandão	»
»	Gonçalo Gomes	»
»	Miguel Faustino do Monte	Mossoró.
»	Cestaliano Fernandes & Comp.	»
»	Fernandes & Comp.	»
»	Vicente Motta & Comp.	»
»	Martins Porto	»
»	J. Soares Figueira Sobrinho	Assu.
»	Gorgonio Ambrozio da Nobrega.	Caicó.
»	J. Ariston	»
»	Manoel da Cunha.	»
Assucar.	P. Bezerra	Natal.
»	Gurgel & Lucke	»
»	Gonçalo Gomes	»
Borracha de maniçoba.	Epaminondas Brandão	»
»	J. Soares Figueira Sobrinho	Assu.
Cera de carnaúba	Fernandes & Comp.	Mossoró.
»	J. Soares Figueira Sobrinho	Assu.
Cereaes	Joaquim Etelvino	Natal.
»	Minervino Wanderley.	»
»	Gonçalo Gomes	»
»	Vicente Motta & Comp.	Mossoró.
»	Martins Porto	»
Couros e pelles	P. Bezerra	Natal.
»	F. Cascudo.	»
»	Joaquim Etelvino	»
»	Minervino Wanderley	»
»	Epaminondas Brandão	»
»	Gonçalo Gomes	»
»	Miguel Faustino do Monte.	Mossoró.
»	Cestaliano Fernandes & Comp.	»
»	Fernandes & Comp.	»
»	Vicente Motta & Comp.	»
»	Martins Porto	»
»	J. Soares Figueira Sobrinho	Assu.
»	Gorgonio Ambrozio da Nobrega.	Caicó.
Oleos e outros sub-productos algodão	S. A. Warton Pedroza & Comp.	Natal.
Oleos e outros sub-productos algodão	S.A. Industrias Reunidas Norte-Rio-grandenses	»
Sal (*)	Pereira Carneiro & Comp. Limitada	Macáu.
»	Miguel Faustino do Monte.	Mossoró.
»	Cestaliano Fernandes & Comp.	»
»	Martins Porto	»
Tecidos de algodão.	S. A. Industrias Reunidas Norte-Rio-grandenses.	Natal.

(*) Incompleta.



ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Transporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

Amparo á producção.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.



I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

Os generos alimenticios de maior e principal consumo, no mercado da Capital que é o principal da Parahyba do Norte, são a farinha de mandioca, o feijão, o café, o assucar, o leite, a carne, a manteiga, a banha e a farinha de trigo.

Aliás sendo esses generos de primeira necessidade e uso commum na alimentação diaria da população, a sua procura é intensa pela mesma fórma nos mercados do interior do Estado.

Por tal motivo as informações prestadas quanto ao municipio da Capital, são, com pequenas modificações, accitaveis para os demais municipios.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

O commercio a varejo da Capital e o do interior abastecem-se na praça da propria Capital e no Recife; o do alto sertão, porém, o faz, de preferencia, em Mossoró, praça do Rio Grande do Norte, e por ultimo, da mesma sorte, no Ceará, após a ligação ferroviaria pela cidade de Souza.

O municipio da Parahyba, si bem que não bastando para supprir por completo o respectivo mercado da Capital, produz farinha, feijão, etc., recebendo dos visinhos café, assucar e sub-productos da pecuaria.

A farinha de trigo, não produzindo trigo o Estado, é importada dos mercados sulistas.

O mesmo acontece com o café que apesar de constar do quadro de exportação do Estado, é produzido em quantidade inferior ás necessidades do consumo interno, importando-se do sul o excesso do consumo.

O proprio municipio poderia produzir economicamente o necessario á completa satisfação de seu mercado, quanto aos seguintes generos: farinha de mandioca, feijões e assucar, desde que se levasse a effeito

a desobstrucção dos rios Jaguaribe e Gramame; tal serviço permitiria povoar a região ribeirinha hoje abandonada como pernicioso foco de malcitas que é.

As varzeas desses rios permitem o cultivo de canna e cereaes, e os ariscos (terras silico-argilosas), que as contactam, são terras apropriadas á exploração da mandioca, araruta, batata, abacaxi, etc.

Economicamente é a zona imprópria á cultura cafeeira.

Comquanto muito invadidas por carrapatos as terras nessa região, poder-se-á com o uso de banheiros carrapaticidas e cuidadosa installação de prados artificiaes, promover a criação de gado vaccum e de suinos para o fornecimento de carne, leite, banha e manteiga.

O pão, de fabrico exclusivo de farinha de trigo, poderia, pelo menos na alimentação das classes menos abastadas, ser com vantagem substituído pelo de farinha mixta de mandioca.

O chamado pão de milho (cuscús), a fructa pão, os biscoitos de araruta, a batata doce, o inhame, o cará, e a macacheira (aipim) seriam outros tantos alimentos auxiliares na diminuição de importação da farinha de trigo.

Entre elles é de justiça destacar a fructa pão e o inhame pelo seu poder alimenticio e avultada producção.

Producto de combate á farinha de trigo sómente o poderemos encontrar na farinha de mandioca, convenientemente triturada, com fabricação esmerada, afim de se garantir perfeita conservação.

Esse combate, entretanto, não significa exclusão do mercado, mas apenas diminuição no consumo pela possibilidade de panificar a de mandioca pelo addicionamento de conveniente percentagem daquella.

Oscillações dos preços

Quando entra a estação invernosa baixa de preço a farinha de mandioca porque ha certa superproducção desse genero. Não só ha pressa em vender o *stock* armazenado, o qual se estragará com a humidade, favoravel ao desenvolvimento de bolôres, como tambem em se colher a mandioca velha para «desmanchas» em farinha, evitando o apodrecimento das tuberaes.

Mais ou menos um mez e meio após a chegada das chuvas cae o preço dos feijões. A oscillação de preços do café, assucar, trigo, manteiga e banha depende de factores externos e complexos e é o reflexo da procura e offerta de outros mercados.

Não se pode precisar, portanto, os mezes dessa oscillação.

Entretanto, em 1922, verificou-se que as diferenças entre o menor e o maior preço do anno foram mais accentuadas para os generos produzidos no Estado e as seguintes por producto: — batatinha 67 ‰, farinha de mandioca 61 ‰, laranjas 57 ‰, feijão 55 ‰, toucinho 53 ‰, queijo 48 ‰, banha 46 ‰, milho 40 ‰, batata doce 40 ‰, café 32 ‰, xarque 27 ‰, inhame 20 ‰, favas, 20 ‰, carne verde, de sol e de porco 19 ‰, arroz 18 ‰, sal 17 ‰, assucar 15 ‰, cebola 15 ‰, bolacha 10 ‰, banana 10 ‰, bacalhau 8 ‰, peixe 6 ‰ e manteiga 3 ‰. Os demais generos apreciados e que foram pão, leite, azeite doce, vinagre, chá e herva matte, não soffreram oscillações dignas de apreço durante o anno.

A farinha de mandioca é o genero de maior utilidade e de consumo local mais generalizado, não se observando que a sua alta ou baixa influisse apreciavelmente sobre o preço dos demais generos.

No tocante, entretanto, aos principaes productos de exportação, a procura dos mercados importadores reflecte-se favoravelmente nos mercados locais internos e é assim que se formam as cotações ás vezes ainda elevadas pelo jogo dos monopolisadores que adiam a venda para provocarem ou apenas aguardarem preço maior.

Essa influencia é mais accentuada no mercado de algodão, o qual, conforme os recursos do commerciante, aguarda alta durante dois, tres e mais annos.

Quanto ao assucar é genero que não inspira confiança para tal jogo, não só por ser de difficil conservação como porque não ha que confiar na instabilidade de seu preço commercial.

Essas considerações são de character geral, não entendendo com a Capital, que apenas exporta côcos e isso mesmo em pequena escala.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

No que diz respeito á fertilidade do sólo, sómente de modo indirecto pôde ella influir sobre a variação de preços dos productos agricolas; isso se dá quando influindo no abaixamento do custo de produção permite serem vendidos a preços mais modicos.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Os factores climatericos, esses é que têm, sob influencia decisiva e immediata, o preço dos generos alimenticios.

Assim é que a anarchia meteorologica do nordeste occasiona, com as seccas periodicas, crises agricolas e economicas, acarretando verdadeiros desastres financeiros e sociaes, com especialidade em certos municipios.

Esse estado de coisas reflecte-se vigorosamente no mercado da Capital e nos dos municipios da zona brejeira, que só parcialmente são attingidos pelo flagello, cujas populações se accrescem de adventicios “retirantes” dos municipios mais assolados.

A Capital e a zona assucareira, do brejo e do littoral, passam a constituir a Chanaan, o celleiro da região assolada pela secca.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A densidade da população permittindo maior coëfficiente de braços á lavoura por um lado, offerece por outro consumidores em maior escala.

Para se julgar da capacidade de producção de cada individuo era mister a percentagem de agricultores da população de cada municipio.

Pelo recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920, o crescimento annual da população (1872-1820) foi de 0,0129 igual ao de Pernambuco; attingindo a densidade de 12,861 de habitantes por kilometro quadrado. Parahyba no tocante á densidade de sua população está collôcada em relação aos demais Estados em sexto lugar e ao crescimento medio annual em decimo terceiro. A população da Capital que de 1890 a 1900 cresceu annualmente de 0,0444 teve, de 1900 a 1920, esse coëfficiente reduzido a 0,0315, — collocando-a em setimo lugar no confronto com as demais, inclusive a Federal.

Em geral a população urbana consome mais do que produz, procedendo do maior consumo a intensidade da procura e desta a variação de preço, para alguns artigos, ainda dependente do custo de importação.

Crises agricolas e commerciaes

As crises agricolas manifestas, sob acção, principalmente das seccas periodicas, claro que se reflectem sobre os preços dos generos de producção local ou mesmo de importação, os primeiros porque são insufficientes para o consumo, e os ultimos, porque, si em baixa no mercado de origem soffrem do mesmo modo a influencia da procura ou se valorisam ao penetrar ás fronteiras do Estado.

O commercio da Capital intimamente ligado ás grandes e pequenas praças do interior, soffre extraordinariamente os effeitos das crises que as trabalham.

Não é apenas o pequeno agricultor, do mesmo modo o trabalhador rural faz a maioria de suas transacções a *credito*, credito tanto mais amplo quanto mais extenso fôr sua area de culturas, especialmente de algodão.

É evidente que, si porventura falham as colheitas por quaesquer que sejam os motivos, abala-se a economia do devedor e com ella a solvabilidade do commerciante credor, de sorte que, sommando-se parceladamente todas essas pequenas ruinas economicas locaes, resultam mais das vezes, desastres financeiros nas praças do interior, que não raro carreiam com ellas as fallencias na Capital.

Ha tambem um factor importante a estudar no desequilibrio do preço dos generos de primeira necessidade: é a difficuldade de transporte que, addicionada á relativa superprodução local, desvalorisa por tal arte os productos, que o agricultor loucamente, ás vezes, os incinera, por não haver margem no momento para lucro.

É o mercado de cereaes, sobretudo, onde mais fortes são os prejuizos; como a rotina e o conservantismo do lavrador não permitem o expurgo dos cereaes, esses passam a pasto dos carunchos, e dahi para a fogueira ha um salto.

Não lhes occorre, no desespero em que se encontram, aproveitá-los melhor na alimentação dos animaes da fazenda.

As crises agricolas e commerciaes são periodicamente parallelas ás seccas e estiadas nordestinas.

Ninguem melhor do que Antonio da Silva Neves abordou o assumpto, tentando uma systematisação das seccas do Nordeste Brasileiro.

O caracter dessas estiadas é a trinalidade, diz elle:

“São as seccas de cada anno, durante as quaes todos os arbustos fenecem, as arvores despem-se inteiramente de sua folhagem, esses estios trimensaes, que, em cada doze mezes, antecedem á primavera, seguindo-se ao outomno; são as seccas menores ou médias, as crises de anno, nos triennados que se seguem ás éras de fartura; são as seccas maiores, as crises de sobre-anno após a mundicia e os aguacciros torrentosos, no final dos decennios; são ainda as seccas maiorissimas, dos cyclos trintennarios, depois das grandissimas eras diluviaes... são

todas essas estiadas, pequenas, médias, maiores e máximas, numa trinalidade suggestiva, — de tres em tres trimestres, de triennio em triennio, de tres em tres triennados, de tres e tres novennios, . . . da trimensal á tricterica, — indefectíveis, etc., etc., etc.,”

De facto são estiosos os annos terminados em tres e seccos em geral os em nove; foi secco 1903 e secco tambem 1909; 1913 foi igualmente secco e foi secco 1919. O corrente anno de 1923 está sendo parcialmente secco, está escasso notadamente para cereaes, as pastagens estão ruins e a molestia está grassando nos rebanhos.

Exame e mecanismo dos mercados

Dada a grande concorrência entre as diversas praças, o commercio em grosso vende em boas condições de preço e de prazo, variando entre 30 e 60 dias em estivas e 60 a 90 dias em fazendas, ferragens e miudezas.

A média de percentagens ou lucros brutos em estivas varia de 3 a 10%, conforme a mercadoria; nos outros ramos a média é de 10 a 15%.

Actualmente as vendas realizam-se em c/ corrente, algumas a saques e a notas promissórias.

Nas revendas os retalhistas augmentam aquellas percentagens até attingirem os máximos referidos.

A situação actual da lavoura, carecente de instituições de credito que a amparem, estreita e amiuda as transacções entre ella e o commercio.

Acontece, assim, que o pequeno e o grande agricultor, vão no commercio levantar o capital de que necessitam, especialmente os cultivadores de canna de assucar e de algodão.

Na pequena lavoura, de cereaes propriamente, o agricultor vende directamente ao consumidor os seus productos, nas feiras e nos depositos.

Somente em casos excepçionaes o productor vende ao commerciante servindo-se de intermediarios.

Infelizmente o espirito de associação ainda não despertou entre os lavradores, de sorte que, não é viavel entre elles qualquer entendimento que diga com a fundação de syndicatos profissionaes agricolas, cooperativas e outros orgãos de defesa de seus interesses.

É bem de ver que alguma iniciativa para levantar capital, collocar safra no mercado das cidades mais importantes só pode partir do grande ou do médio productor.

Ao pequeno faltam todos os recursos, desde o seu humilde anonymato até as condições de sua pobreza, — tudo o impede de procurar o commercio.

A sua situação resolve-se facilmente pela procura das feiras semanaes, que se realisam nas cidades, villas e povoados de todos os municipios e o consumidor com elle transige directamente.

A's vezes, com a pequena importancia que consegue apurar, vae se abastecer de outros generos que não produz ou indemnizar, em prestações, o commerciante local a quem compra a credito as vestimentas da familia.

Nem mesmo pode, frequentemente, aguardar a alta da mercadoria, objecto de sua producção; ha compromissos que se vencem, em os quaes está empenhada a sua honra de lavrador, e não tem elle a quem recorrer.

Desconhece a vantagem e até mesmo a existencia da warrantagem que não se realisa nas cidades do interior; falta-lhe o credito agricola e só lhe resta curvar a cabeça á sua sorte.

Quando no local *o soccorrem*, mediante uma nota promissoria garantidora ou um *penhor agricola*, ou melhor *uma penhora de bens*, podem antegosar a situação afflictiva em que ficará collocada a victima.

A situação do pequeno productor é insustentavel economicamente e sel-o-á por algum tempo ainda até que o Governo resolva solucionar o problema do credito agricola. (1)

(1) Por iniciativa do dr. Diogenes Caldas, inspector agricola desse Serviço, no Estado, e esforçado propagandista do credito agricola pelo systema Raiffeisen, foram fundadas duas caixas na Parahyba em 1923, — a primeira a 10 de fevereiro, no municipio de Bananeiras e a segunda a 15 de novembro, no de Guarabira.

O Governo do Estado, patrocinando a propaganda iniciada pela Inspectoria Agricola, sancionou a seguinte.

LEI N. 593, DE 30 DE OUTUBRO de 1923.

Art. 1º O governo do Estado é auctorizado a conceder auxilio pecuniario ás caixas ruraes, typo Raiffeisen, que se fundarem no Estado, segundo o que estatue o decreto federal n. 1.637, de 5 de janeiro de 1907.

§ 1º. Esse auxilio consistirá em fazer depositar, a prazo fixo de quatro annos, a importancia de dez contos de réis (10:000\$000) sem juros, em cada uma dessas caixas ruraes.

§ 2º. Sómente gosará desse favor a primeira caixa que se fundar em cada municipio.

Art. 2º. Se decorrer o prazo constante do artigo anterior e a caixa houver feito emprestimo a agricultores, em um total minimo de cem contos de réis

Esse é o *pivot* em torno do qual gira o soerguimento agrícola do Estado; sem elle não é possível senão muito vagarosamente augmentar a producção, tornando mais vultosa a exportação.

Existem, com séde na Capital, armazens geraes, fazendo transacções de warrantagem com os agricultores e commerciantes. Esses, porém, somente aproveitam aos interessados proximos á Capital ou a ella ligados pela estrada de ferro.

São, por isso, mais communs para a maioria dos lavradores os contractos de compra e venda *na folha* ou de *safras pendentes*, os quaes se effectuam principalmente em relação ás culturas de canna, café, algodão e fumo.

São recursos de que lançam elles mão em falta de credito agrícola que lhes forneça o capital necessario a fomentar as suas industrias e fugindo á agiotagem asphixiante dos onzenarios.

Essas operações occasionam frequentemente prejuizos avultados conforme se verifica, no corrente anno, com a elevação inesperada do preço do assucar, logo após a realização de alguns ajustes dessa natureza.

Essas transacções feitas ao preço de 16\$ para tonelada de canna foram seguidas da cotação dupla, dando margem a prejuizos de 50 % aos productores.

A fórma de pagamento dessas transacções é a entrega da lavoura, para o trato cultural do comprador, ás vezes do proprio vendedor, conforme o ajuste, em troca do numerario estipulado.

Classificação commercial dos productos agricolas

Em relação ás exigencias dos consumidores são elles pouco exigentes ou antes de forçada indifferença, quer dizer a falta de concorrência

(100:000\$000), esse deposito reverterá como fundo de reserva da referida caixa.

Paragrapho unico. Na hypothese de não ser preenchida essa condição, o Governo poderá levantar o deposito ou convertel-o em emprestimos aos juros que convencionar.

Art. 3^o. As caixas ficarão isentas do pagamento do imposto de industria e profissão, e demais impostos estaduaes, inclusive sello adhesivo.

Paragrapho unico. Ficarão isentas de quaesquer impostos as transacções em que sejam partes as caixas ruraes, como sejam hypotheca, penhor agrícola e mercantil ou qualquer outra modalidade do emprestimo.

Art. 4^o. O Estado fornecerá gratuitamente, ás caixas que se fundarem, os livros e papeis indispensaveis á sua installação legal.

Art. 5^o. Para obtenção dos favores constantes da presente lei, é necessario que a caixa se submeta, por dispositivo de seus estatutos ou deliberação da assemblêa de seus associados, á fiscaliação do Governo.

Art. 6^o. Revogam-se as disposições em contrario.

crêa para os productores uma situação de privilegio que lhes permite até mesmo impôr preços excessivos em generos de qualidade inferior.

Isso se observa especialmente no mercado de fructas que são expostas á venda imperfeitamente sazonadas.

Não ha assim typo ou classificação commercial dos productos a não ser no mercado de algodão, assucar e café.

Com a organização da Bolsa de Algodão foram adoptadas as seguintes bases para classificação :

1ª. classe — Matta (fibra curta) de 21 m/m a 30 m/m :

- Typo 1 (superior)
- Typo 3 (bom)
- Typo 5 (commum ou typo base)
- Typo 7 (soffrivel)
- Typo 9 (ordinario)

2ª. classe — Sertão (fibra média) de 31 m/m a 36 m/m :

- Typo 1 (superior)
- Typo 3 (bom)
- Typo 5 (commum ou typo base)
- Typo 7 (soffrivel)
- Typo 9 (ordinario)

3ª. classe — Seridó (fibra longa) de 37 m/m em diante :

- Typo 1 (superior)
- Typo 3 (bom)
- Typo 5 (commum ou typo base)
- Typo 7 (soffrivel)
- Typo 9 (ordinario)

No mercado de assucar a classificação commercial é a seguinte : *usina de 1ª, usina de 2ª, erystal, demerara, braneo, somenos, bruto secco, bruto mellado, mascavo, retames*, da Bolsa do Recife e adoptada no Estado.

No mercado de café existe a seguinte classificação : PRIMEIRA SORTE, *especial e primeira*, SEGUNDA SORTE, *primeira e regular* e, finalmente, TERCEIRA SORTE *inferior* que não é official e, sim, a mais ou menos observada nas transacções realisadas na zona cafeeira da Parahyba.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

Estudemos agora, mesmo por alto, a situação dos centros productores em relação aos mercados consumidores.

O centro productor de assucar comprehende duas regiões bem distinctas a que correspondem productos e mercados tambem differentes : — a zona assucareira da varzea do littoral, onde se encontram as usinas ; e a zona assucareira da região serrana do Estado, onde se produz principalmente a rapadura.

Na primeira zona produz-se assucar de exportação de sorte que a maioria dos consumidores se acha além das fronteiras do Estado.

Na ultima, outro tanto não acontece ; a maioria da produção tem immediato consumo nos municipios do interior, *caatinga e sertão*, além de ser exportada para os Estados vizinhos.

No littoral o transporte de cannas para as usinas é realizado ou por suas proprias vias ferreas ou, precariamente, pela Great Western of Brasil Railway, tal é o estado de deficiencia e má conservação de seu material rodante.

Na segunda zona assucareira faltam as estradas carroçaveis de acesso aos engenhos, situados como são estes em região montanhosa onde os caminhos vicinaes se tornam em perigosos tremedacs nas estações de chuvas copiosas.

É ao nosso ver a região do Estado em que, com maiores difficuldades technicas e economicas, poderá ser solucionado o capital problema dos transportes. As estradas de rodagem nessa zona devem ser macadamizadas, sem o que não é possivel conservação economica.

Como dissemos, enquanto o mercado consumidor de assucar crystal concentra-se na Capital do proprio e dos Estados vizinhos, donde parte retorna refinado, o mercado consumidor de rapadura está disperso nas diversas feiras dos municipios e nos proprios engenhos productores aonde vão ter os “comboios” (tropas) que desceram do sertão conduzindo algodão ou pelles e alli vão retornar carregados de rapaduras e aguardente.

Si volvermos a vista, agora, para o mercado productor de farinha de mandioca, principalmente ainda situado ao lado do de rapadura ; si considerarmos que esse producto é essencialmente de primeira necessidade e o primeiro a escassear nos annos caramitosos, que justamente,

em anno assim, pelas estradas não podem marchar as tropas, porquanto faltam forragem e de beber : é que não encontramos outra solução para o problema do transporte que não seja a construcção de uma estrada de ferro de penetração.

Essa construida, naturalmente, surgirão as estradas de rodagem e carroçaveis com a importancia proporcional á riqueza da região que ellas tenham de drenar.

Na região em que os fretes dependem de costas de animaes, o seu custo é mais ou menos o mesmo por carga de 120 kilos ou por tonelada.

“Os almocreves” cobram 10\$, 20\$, 35\$ e 50\$ respectivamente para transportar para Campina Grande uma carga de algodão dos municipios de Picuhy, Pates, Pombal e Cajazeiras.

O algodão de Cajazeiras e municipios vizinhos escoar-se por Mossoró, pois o frete para alli é de apenas 30\$000.

Impostos sobre os generos de cónsumo

No tocante a impostos incidindo sobre generos de primeira necessidade são elles incontaveis.

O agricultor paga imposto porque plantou uma area de terra com cereaes, ou porque cultiva tantos pés de café ou de côco ; paga porque expõe nas feiras para vender a rapadura que produziu ou o milho, o feijão e o arroz ; paga porque pussue carros de bois para seu transporte ; paga si montar um aviamento para fabricar farinha ; paga si criar gado de qualquer natureza ; paga imposto se cercar o terreno para criar ; paga multa si não cercar ; paga imposto de corda si conservar o animal amarrado ; paga imposto de chão nas feiras onde expuzer á venda os generos ; e paga impostos si exportar para outros Estados.

Quando esses impostos incidem sobre as areas cultivadas são relativamente modicos e toleraveis ; os agricultores reclamam contra aquelles que se applicam sobre numero de pés de plantas, numero de de arvores, por os considerarem muito onerosos.

Os plantadores de coqueiros allegam ser exhaustivo o imposto de \$030 por pé nos grandes plantios, especialmente considerando que os prejuizos ocasionados annualmente pela lagarta não deixam margem a qualquer lucro.

Amparo á producção

Apesar dessa pleiade de taxações, não são, entretanto, os impostos os responsaveis principaes pela alta dos generos de primeira necessidade ; o factor preponderante dessa alta vamos encontral-o na irregularidade das estações no Estado.

Com excepção do assucar e do café, mais influenciados por factores externos, nota-se que, nos annos de inverno normal, cahem os preços dos cereaes e farinha de mandioca com a relativa superproducção verificada, relativa, porque é á falta de transporte barato que se congestionam os mercados locaes. A ignorância dos meios de conservação das colheitas tem como resultado a sua deterioração e o desequillibrio entre a procura e a offerta, occasionando altas temporarias.

Os productores ainda não se agrupam em syndicatos e outras organizações societarias para, na defesa de seus interesses, provocarem a alta dos productos ou pelo menos evitarem as exageradas depreciações.

Insulados pelo egoismo, trabalhados pela falta de solidariedade, não podem fugir ás surpresas do mercado local, onde se reflectem aggravadas as necessidades exteriores das praças visinhas.

O desvio do braço rural para as industrias e trabalhos extranhos á sua profissão tem anarchisado de certo modo a vida agricola do Estado.

Faltam trabalhadores nas propriedades de canna de assucar, como nas culturas de algodão ; os preços excepçionaes, ao lado de uma disciplina frouxa no trabalho, attrahiram milhares de operarios para as grandes obras do nordeste, barragens, estradas de ferro e de rodagem, açudes, etc. etc.

Essa retirada de uns municipios para outro, essa dispersão do operario agricola, reflectiu-se dentro de cada fazenda, tornando mais alto o custo de producção e esta mais diminuida, o que não pode deixar de ter influido na alta dos preços dos generos de primeira necessidade.

Isto é tanto mais verdade quanto sabemos que ao pequeno agricultor, ao trabalhador rural, é que cabe no Estado a tarefa de produzir cereaes ao lado da *cincoenta* de algodão que cada um cultiva.

Não constam outras medidas contra o aggravamento da elevação de preços de generos de primeira necessidade, nesse Estado, alem da

instalação de feiras livres na Capital e em Areia, por iniciativa aliás da Inspectoria Agricola que para isso entrou em entendimento com as respectivas Prefeituras e conseguiu o apoio franco de S. Ex. dr. Solon de Lucena, Presidente do Estado.

Essa repartição, visando combater ainda a usura dos agiotas, ora desenvolve seria propaganda das Caixas Ruraes, tendo sido installada a primeira no municipio de Bananeiras, onde está prestando relevantes serviços aos pequenos agricultores, plantadores de fumo.

Findamahi as medidas de amparo e estímulo ao augmento de produção porque nem sempre a superprodução resultante corresponde a segura collocação da safra nos mercados, já pela falta de transporte rapido e economico, já pela sua frequente desvalorisação.

Entre as medidas de defesa da produção impõe-se, como de urgente necessidade e resultado seguro, a propaganda por todos os meios e em todas opportunidades, nas feiras e nas praças publicas, do expurgo de cereaes por meio do bisulfureto de carbono, droga hoje bastante conhecida e espalhada pelo Serviço Estadual do Algodão.

Falando em conservação de cereaes vem a pello aqui consignarmos a bella iniciativa do Exmo. Sr. dr. Solon de Lucena, Presidente do Estado, mandando construir, em pontos diversos do nosso *interland*, silos em cimento armado, como demonstração da possibilidade de armazenamento conveniente de cereaes e grãos leguminosos, comprados nos momentos de desvalorisação para aguardar a alta de preços.

Do feliz resultado de semelhante resolução, diz a acceitação que hoje estão elles tendo por parte dos particulares.



II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Em trabalho já divulgado teve o Serviço oportunidade de mostrar que o índice dos preços dos generos alimenticios e da aguardente, de 1911 a 1921, foi de 153,69, equivalente ao augmento de 53,69% no decennio.

Comparando-se agora os preços correntes no varejo entre 1921 e 1922 obteve-se o índice de 96,62 equivalente a uma baixa média de 3,38% mostrando o quadro seguinte, que somente o café, a carne de porco, a manteiga, o queijo e a carne de vacca conservaram-se em alta de 5% a 42,85% enquanto o arroz, feijão, banha, toucinho, assucar, azeite doce, batatinha, farinha de mandioca, cebola, vinagre, xarque e bacalháu baixaram de 2% a 25% durante o anno.

Índice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista da capital da Parahyba do Norte em 1921 — 1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1922	+ %	- %
1	Café.	100	142,85	42,85	—
2	Carne de porco.	100	126,24	26,24	—
3	Manteiga	100	112,07	12,07	—
4	Queijo	100	110,00	10,00	—
5	Carne de vacca.	100	105,00	5,00	—
6	Arroz.	100	98,00	—	2,00
7	Fcijão.	100	97,25	—	2,75
8	Banha.	100	95,83	—	4,17
9	Toucinho.	100	95,40	—	4,60
10	Assucar.	100	91,74	—	8,26
11	Azeite doce.	100	87,50	—	12,50
12	Batatinha	100	84,00	—	16,00
13	Farinha de mandioca.	100	81,48	—	18,52
14	Cebola	100	81,33	—	18,67
15	Vinagre.	100	80,00	—	20,00
16	Xarque.	100	78,93	—	22,07
17	Bacalháu.	100	75,00	—	25,00
	Média total.	100	96,62	—	3,38

Houve assim em 1922 uma relativa melhoria de situação para os consumidores, mas essa foi passageira, pois mostra o quadro seguinte que em 1923 a situação se agravou, soffrendo as principaes utilidades alimenticias um augmento médio, para trinta artigos, de 23,14 % entre os preços correntes em junho de 1922 e 1923.

O mesmo quadro prova a tendencia de aggravação nos preços das principaes utilidades alimenticias, mostrando que em 30 artigos, 20 soffreram altas de 10,00 % a 106,66 %; seis não oscillaram e apenas quatro (xarque, manteiga, laranja e carne de porco) baixaram de 4,77 % a 18,19 %, notando-se que os generos tidos como de maior consumo foram em quasi totalidade sensivelmente augmentados em seus preços.

Indice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista da capital do Estado da Parahyba do Norte em 1922-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILLAÇÕES	
		Junho 1922	Junho 1923	+ %	- %
1	Farinha de mandioca	100	206,66	106,66	—
2	Toucinho	100	200,00	100,00	—
3	Banha	100	160,00	60,00	—
4	Peixe	100	150,00	50,00	—
5	Favas	100	150,00	50,00	—
6	Assucar.	100	141,11	41,11	—
7	Queijos.	100	136,84	36,84	—
8	Pão	100	133,33	33,33	—
9	Cebola	100	133,33	33,33	—
10	Batatinha	100	133,33	33,33	—
11	Chá	100	131,03	31,03	—
12	Café.	100	129,26	29,26	—
13	Bacalhau	100	125,00	25,00	—
14	Sal	100	125,00	25,00	—
15	Arroz	100	122,22	22,22	—
16	Carne verde	100	114,28	14,28	—
17	Carne de sol	100	112,50	12,50	—
18	Bananas	100	112,50	12,50	—
19	Bolachas	100	110,00	10,00	—
20	Feijão	100	110,00	10,00	—
21	Batata doce	100	100,00	—	—
22	Azeite doce	100	100,00	—	—
23	Vinagre.	100	100,00	—	—
24	Milho	100	100,00	—	—
25	Leite	100	100,00	—	—
26	Matte	100	100,00	—	—
27	Xarque	100	95,23	—	4,07
28	Manteiga	100	95,17	—	4,83
29	Laranjas	100	85,61	—	14,39
30	Carne de porco	100	81,81	—	18,19
	Média total	100	123,14	23,14	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado da Parahyba do Norte

GENEROS	FIRMAS	CIDADE	LOCAL	CAIXA POSTAL
Algodão	Kroncke & Comp.	Parahyba	—	9
	Caldas de Gusmão & Comp.		—	36
	S. A. Wardo Pedrosa.		—	49
	J. Limeira.		Rua Barão da Passagem.	3
Assucar	Vellozo & Comp.		Rua Barão da Passagem.	60
	F. H. Vergara & Comp.		—	31
	Orestes Brito.		—	78
	Braulio Gonçalves & Comp.		—	28
	Nicoláu Costa.		Rua Barão da Passagem.	48
Couros	Jona & Comp.		—	7
	J. Clemente Levy.	—	2	
Oleo	Kroncke & Comp.	—	9	
Pasta	Kroncke & Comp.	—	9	
Pelles.	Jona & Comp.	—	7	
	J. Clemente Levy.	—	2	
Vaquetas.	M. C Gusmão.	—	35	



ESTADO DE PERNAMBUCO

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Exame e mecanismo dos mercados.

Crises agricolas e commerciaes.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

Amparo á produção.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação :

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado :



I -- Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados

Os generos alimenticios de maior consumo nos mercados da Capital e do interior do Estado são os seguintes: farinha de mandioca, feijão, assucar, xarque, bacalhau, carne de vacca, de porco, de carneiro, de bóde, batata ingleza, farinha de trigo, peixe, verduras, lacticinios, aves, etc.

De produção local e proximidades recebe o mercado de Recife, além das fructas e verduras, em menor escala, farinha de mandioca, milho, feijão, arroz e aves, abastecendo-se em outros municipios, limítrophes ou não, de alguns desses productos e especialmente de carne de vacca, de porco, de bóde, de carneiro, batata ingleza, lacticinios, etc. O assucar consumido no mercado da Capital é parte de produção local e parte importado de outros municipios. De outros Estados recebe batata ingleza, xarque, peixe secco, bacalhau e tambem farinha, feijão, milho, leite condensado, manteiga, queijo, arroz, conservas alimenticias, etc. Do estrangeiro importa bacalhau, farinha de trigo, manteiga, batatas, etc.

Os mercados dos demais municipios do interior são abastecidos pela produção local, ás vezes deficiente, importando dos centros productores mais proximos da Capital os artigos necessarios para attender ás exigencias dos seus consumidores.

Em relação ao mercado de Recife podemos dizer que não podem ser economicamente produzidos o xarque, o leite condensado, a manteiga, o trigo, o bacalhau, o queijo, etc. Quanto a outros productos importados, como sejam os cereaes, os grãos leguminosos, tuberculos, verduras etc., podem ser produzidos vantajosamente, senão todos, uma grande parte dos necessarios ao consumo. A falta de propaganda no seio das classes productoras e do credito, deste sobretudo, é que tem concorrido para que seja tão pequena a produção do municipio da Capital.

Quanto aos mercados de Victoria e de outros municipios, certos productos importados poderiam ser vantajosamente produzidos se os agricultores encontrassem, com juros modicos, o capital de que necessitam para a intensificação das suas culturas, e se os fretes ferroviarios, sobretudo, não fossem tão elevados, absorvendo os lucros das explorações agricolas locais. Para reduzir a importação de certos productos poder-se-ia aconselhar a substituição por similares já explorados em pequena escala no local ou proximidades, mas, para outros, isto parece impossivel não só pela situação economica que deveria regular sua produção como também pelas exigencias dos consumidores. Os productos que se propõem substituir os similares importados de outros Estados ou do estrangeiro para que alcancem esse *desideratum*, necessitam de qualidades nunca inferiores ás dos importados e que não sejam produzidos e vendidos por preços mais elevados do que é cotado o producto importado. Em geral a grande maioria dos generos alimenticios importada pelos mercados do Estado não pôde ser economicamente produzida no local ou suas proximidades sem facilidade de credito aos agricultores, melhoria e barateamento dos meios de transporte, redução de certos impostos, etc.

Oscillações dos preços

Difficil se nos torna dizer, em relação ao mercado da Capital, as épocas do anno em que os generos de produção local e de importação soffrem, nos seus preços, maiores oscillações. Em primeiro lugar a produção do municipio não exerce nenhuma influencia sobre a alta ou baixa, por ser muito reduzida.

Quanto aos generos importados também não se pode assegurar que em determinadas épocas do anno o preço dos mesmos esteja mais alto ou mais baixo. Entretanto, poder-se-á ter uma ideia sobre a sua variação durante um anno, mas isto não pode servir de base porque se formos examinar a variação em tres, quatro ou mais annos, veremos que não ha uma data mais ou menos fixa para a sua alta ou baixa. Nos centros agricolas o preço dos generos alimenticios de produção local sobe de cotação durante a época das culturas e baixa por ocasião das colheitas. Também os annos de bons invernos e os de seccas prolongadas exercem grande influencia sobre a cotação dos generos agricolas nesses mercados do Estado.

No mercado da Capital a alta ou baixa dos productos alimenticios depende do stock existente na praça, das entradas dos mesmos, seja por via maritima ou terrestre. Os principaes productos explorados no Estado, como sejam o assucar e o algodão, exercem influencia sobre a cotação dos demais productos de producção interna. Estes soffrem tambem variações em suas cotações, muitas vezes sem que se possa explicar a causa.

No que diz respeito aos generos alimenticios, importados, consumidos no mercado da Capital e no dos demais municipios pernambucanos, o preço de venda é regulado pela cotação nos mercados de origem. Outro factor que tambem exerce influencia sobre a cotação dos generos alimenticios são os pedidos de compra dos mercados do sul do paiz ou do estrangeiro por que não só offerecem preços mais elevados do que os da praça como tambem por que muitas vezes o mercado fica desfalcado ou com um stock reduzido do producto que se vae exportar. Estas altas, porém, são de pouca duração quando chega uma grande remessa dos centros agricolas do interior, se ahí existem grandes stocks.

O unico producto, que directa e poderosamente exerce apreciavel influencia sobre a cotação dos generos de maior utilidade e consumo local, é o assucar. É elle o thermometro que regularisa toda a vida economica do Estado.

O preço de compra e venda dos principaes productos de exportação (assucar, algodão, café, etc.) soffre a influencia da cotação nos mercados importadores, bem como os preços destes productos, no interior, são regulados pela cotação na Capital, excluidas as especulações commerciaes.

Os productos em que as oscillações de preços affectam mais a economia do Estado são o assucar e o algodão que constituem cerca de 90% da sua exportação.

Influencia dos factores climaterieos sobre a variação dos preços

Os phenomenos meteorologicos concorrem para a elevação dos preços, — tanto as seccas como as inundações. Durante as longas estiagens as lavouras pouco se desenvolvem e grandes reduções se verificam nas colheitas. Em certas zonas, nos annos de seccas, a

extinção das culturas é quasi total. Nos annos de invernos rigorosos, de chuvas abundantes e continuas, as inundações resultantes perturbam o regimen normal das boas colheitas nos terrenos de varzeas. Quando acontece succeder a um anno de chuvas copiosas um anno de secca, então ha maior falta de generos alimenticios, tornando-se os poucos que apparecem carissimos. Foi o que se constatou no interior do Estado nos annos de 75, 76 e 77. Tambem as chuvas extemporaneas podem prejudicar, de dois modos, por fortes inundações, nas varzeas, quando as plantações não estão em condições de receberem agua cahida em tempo da colheita ou quando a pastagem está madura e secca, resultando um decrescimo na producção e penuria de alimento para o gado. Agora mesmo pelo facto de não terem cahido, com regularidade, as chuvas ou, melhor, devido a uma demora de verão, a lavoura de canna soffreu uma redução, calculada pelos competentes, em mais de 20 % e a dos cereaes em 50%. A do algodoeiro tambem soffreu não pequena redução na sua safra. Isto naturalmente influenciará para a valorisação dos productos, elevando os preços nos mercados locais e talvez tambem nos mercados importadores.

Felizmente as lavouras desse Estado não são victimadas pelas chuvas de pedra ou pelas geadas.

Influencia da fertilidade do solo sobre a variação dos preços

Os terrenos de grande poder productivo, quando cultivados, concorrem para o barateamento do custo de producção e para a melhoria do producto. Assim, muitas vezes, as colheitas embora vendidas por preços mais baixos dão maiores lucros aos agricultores porque o rendimento cultural é muito maior.

O trabalho agricola mecanico não obteve ainda o desejado incremento e, pode-se dizer, a não ser no cultivo da canna e excepcionalmente em algumas lavouras algodoeiras isoladas, a machina não entra como factor da redução do custo da producção.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

Pelo recenseamento de 1 de setembro de 1920, o crescimento medio annual da população pernambucana (1872-1920) foi de 0,0199 igual ao da Parahyba e superior ao dos Estados da Bahia, Ceará, Ma-

ranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Sergipe, attingindo a densidade de sua população a 16,783 de habitantes por kilometro quadrado, — somente inferior à do Estado do Rio de Janeiro.

A população da Capital que de 1890 a 1900 teve o crescimento de 0,0014 annualmente alcançou de 1900 a 1920 o de 0,0387 collocando Recife em quarto lugar em relação ás demais capitães, inclusive a Federal.

Nos centros de população mais densa, sendo maior o consumo dos generos alimenticios, estes, quasi sempre, conseguem obter nos mercados uma cotação superior do que quando vendidos nos centros de escassa população e de pouco commercio.

As pragas (besouro da canna, lagarta rosada, etc.) têm concorrido, em certos annos, devido aos grande estragos que causam nas plantações, para a redução das colheitas e, por conseguinte (talvez de um modo pouco sensivel), para a valorização dos productos prejudicados.

Exame e mecanismo dos mercados

Os methodos de venda empregados, entre os grandes, medios e pequenos productores e commerciantes, são diversos.

Nos negocios do assucar, principalmente, o fabricante remette o producto ao commissario que o vende na praça ou fóra, cobrando uma commissão de 3% em regra, nota-se tendencia das grandes fabricas (uzinas) para se libertarem dos correspondentes ou commissarios de vendas. Das 60 usinas existentes no Estado, 29 já vendem os seus productos (assucar e alcool) directamente no mercado da Capital ou do interior ou por intermedio de casas commerciaes ou dos proprietarios. A maior venda de assucar foi feita por intermedio do Banco do Brasil (450.000 saccos). As usinas Cucau, Ribeirão, Tiúma e Estrelliana, vendem directamente. Em regra a venda é feita por intermediarios (armazenarios de assucar) que compram ao productor para revenderem dentro ou fóra do paiz.

O algodão é vendido pelo productor nos mercados mais proximos aos centros de producção (esta lavoura acha-se entregue ao pequeno lavrador) aos negociantes ou proprietarios de machinas descaroçadoras nos centros productores, aos agentes de casas commerciaes de Recife, ás usinas de algodão, etc. O café é vendido pelo proprio productor aos armazenistas das cidades nos municipios productores ou a inter-

mediarios de casas compradoras da Capital. Os cereaes, grãos leguminosos e outros productos agricolas alimenticios são vendidos nos centros productores pelos agricultores, seja nas feiras ou em casas commerciaes ou armazenistas que, por sua vez, os remette ao mercado da Capital. Os contractos de compra e venda, entre os mercados de Recife e os das cidades do interior, raramente, são firmados com a entrega do producto em épocas determinadas por causa da falta de transporte nos logares não servidos pela Great Western e, nos servidos por esta estrada, devido á deficiencia do seu material rodante.

A canna de assucar é vendida aos usineiros mediante uma tabella de pagamento que varia muito. Pode-se admittir em regra geral esta base : — estando o assucar crystal, na praça, a 3\$ por 15 kilos, a canna é paga a 6\$ por 1.000 kilos, subindo ou descendo 250 reis em tonelada por 160 reis que o assucar subir ou descer, no mercado da Capital.

Em certos logares o pequeno productor de canna ou de algodão ao envez de vender no mercado a materia prima, vende aos “fabricantes” ou proprietarios de machinas beneficiadoras, ou melhor, faz com estes uma especie de contracto ficando com parte do producto beneficiado. Assim, em lugar de venderem nos mercados a materia prima, vendem o producto já beneficiado obtendo quasi sempre lucros mais compensadores. Ha no mercado de Recife muitos commissarios e correspondentes criteriosos mas não faltam os poucos escrupulosos que em recebendo dos agricultores do interior suas producções, muitas vezes, as vendem por bons preços dando depois aos interessados ou productores outras contas de venda não exprimindo a verdade das transacções ; d’ahi a necessidade de se livrar os pequenos agricultores dos intermediarios como estão fazendo, com vantagem, os grandes e médios productores de assucar.

Não ha operações de warrantagens sobre a producção agricola. Fundaram-se armazens geraes que visavam instituir a warrantagen sobre a producção do Estado, nada fazendo neste sentido até hoje.

Raras vezes são effectuadas compras e vendas de colheitas pendentes isto mesmo pelos senhores de usinas. Esse systema é tambem usado entre os pequenos cultivadores de algodão na zona central do Estado.

As usinas de assucar adiantam dinheiro aos agricultores para fundação de safra com garantia da safra pendente ao corte. Cobram juros de 10 a 12% e pagam os productos das colheitas pelos preços correntes. Sómente com grande difficuldade e empenho é que alguns agricultores obteem dinheiro para explorar outra cultura, que não seja a canna de assucar.

Crises agricolas e commerciaes

As crises agricolas tem sido provocadas pelos effeitos das seccas, das inundações, por falta de mercados compradores, por medidas de character prohibitivo, pela concurrencia de productos similares nacionaes e estrangeiros, pela acção perniciosa das pragas, por falta de transporte, por falta de braços, de credito agricola etc.

As crises agricolas não deixam de ter certa influencia sobre o commercio e as industrias, mas o thermometro que directamente exerce influencia sobre a vida economica do Estado é o assucar.

Nas cidades do interior a baixa cotação do algodão concorre poderosamente para baixa da cotação de outros productos ahi produzidos.

Classificação commercial dos productos agricolas

As preferencias do consumidor externo em relação á natureza, beneficiamento e preparo dos productos, o mercado de Recife tem verificado que em certos centros importadores e mercados de consumo, se manifestam de modo positivo para certos productos.

O Rio Grande do Sul, importa de preferencia, assucar do typo usina e doce de goiaba em latinhas de 250 grammas.

O assucar destinado ao consumo estrangeiro tem sido de todos os typos inclusive o refinado. A maior exportação foi de demerara 884.757 saccos, vindo em seguida o crystal com 454.504 saccos. No que diz respeito ao algodão nota-se preferencia dos mercados estrangeiros para os algodões de fibra longa ao passo que os mercados do sul do paiz importam mais os algodões de fibra curta. Os productos de exportação preferidos pelos Estados do Norte são — café, tecidos e sabão e pelos Estados do Sul — milho, tecido, oleos e farinha de mandioca.

O unico producto que no mercado local possui classificação por typos é o assucar, assim especificados : *usina, crystal, demerara, branco, somenos, mascavado, bruto secco, retame e refinado*.

Está em organização a BOLSA DE MERCADORIA que regulará a questão de typos ou padrões officiaes. O governo do Estado acaba de criar um serviço para classificação do algodão em typos.

Está assentada a seguinte classificação :

1^a. classe — Matta, — fibra curta de 21 a 30 ^m/_m, — typo 1 — superior ; typo 3, bom ; typo 5, commum ou base ; typo 7, soffrivel e typo 9, ordinario.

2^a. classe — Fibra média, sertão, de 30 a 36 ^m/_m — typo 1, superior ; 3 bom ; typo 5, commum ou base ; typo 7, soffrivel e typo 9, ordinario.

3^a. classe — Fibra longa (Seridó) de 31 ^m/_m em diante — typo 1, superior ; typo 3, bom ; typo 5, commum ; typo 7, soffrivel ; typo 9, ordinario.

Esta classificação poderá ser modificada com as exigencias do commercio manifestadas no correr das transacções na Bolsa.

Para os demais productos não ha nenhuma classificação official. Alguns commissarios ou armazenistas adoptam uma classificação entre elles e os intermediarios — resumida, mais ou menos, no seguinte : *Typo novo, velho, sul, sertão, bichado, barrento, etc.*

Na opinião dos classificadores inglezes concorre para a desclassificação do algodão na Bolsa de Liverpool a sua má qualidade. Esse pròducto, recebido em varios mercados consumidores, ás vezes, com reservas e censuras por ser sujo, conter impurezas e adulterações, varias qualidades no mesmo fardo, ser mal descarçado, mal enfiado, etc., poderia ser preferido por estar provado ser a fibra de alguns dos nossos algodões de excellente qualidade.

Precisamos, pois, se desejamos que os nossos productos se imponham nos centros consumidores, desafiando a concorrência dos similares estrangeiros, cuidar, quanto antes, da sua classificação commercial, rigorosamente feita, obedecendo a padrões uniformes adoptados em os mais importantes mercados do mundo.

Felizmente a praça de Recife já dispõe, em relação ao algodão, de prensas de alta tenção com classificadores peritos da Bolsa de Liverpool de modo que as classificações por elles aqui feitas serão acceitas alli e assim evitar-se-ão, futuramente, muitas duvidas e prejuizos.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

A situação dos centros productores, em relação aos mercados de consumo, sobretudo o de Recife, não é das mais favoraveis, encontrando os agricultores difficuldades vultosas para conduzirem suas colheitas aos mercados consumidores ou feiras por escassez de transportes, obrigando a uma grande parte de agricultores venderem ao primeiro comprador e, muitas vezes, por preços pouco compensadores. O systema ferroviario é incompleto e deficiente e as estradas de rodagem são escassas e mal conservadas, concorrendo para que muitos centros productores não tenham intensificadas as çulturas e assim para o encarecimento progressivo de certos productos.

O burro vagaroso, em alguns municipios e o carro de boi, em outros, são ainda os meios á disposição dos agricultores para o transporte das colheitas aos mercados.

A The Great Western of Brasil Railway Company, Limited, com material rondante deficiente, elevadas tarifas, não anima e nem estimula a producção que assim não corresponde aos pedidos dos mercados.

O productor não pôde firmar nenhum negocio, nenhum contracto, porque a falta de material rodante dessa via ferrea a isto o impossibilita.

E' commum chegarem ao mercado de Recife grandes partidas de cereaes, grãos leguminosos, etc., vindos do interior completamente estragados pelo gorgulho devido ao facto de ficarem retidos os productos nas estações expeditoras, ás vezes, mezes.

Os fretes cobrados pela Great Western para os transportes não somente dos generos alimenticios como outros diversos são considerados excessivamente altos e regulam :

TRANSPORTE DE ENCOMMENDAS

Tarifa n. 3 A — Encommendas ou mercadorias transportadas pelos trens de passageiros ou mixtos :

	Por 10 kilos e por kilometro
Até 100 kilometros.	9,9 réis
De 101 a 200 kilometros.	8,91 réis
De 201 a 300 kilometros.	7,92 réis
De 301 a 400 kilometros.	6,93 réis
De 401 em diante.	5,94 réis

Tarifa n. 3 B — Os generos seguintes do paiz serão transportados por esta tarifa : ovos, fructas, leite, pão, gelo, legumes frescos, hortaliças, miudezas alimenticias e outros generos de facil deterioração. Carne fresca, ostras, carangueijos, lagostas, mariscos, camarões e peixe fresco. Pequenos animaes, aves domesticas ou silvestres em gaiolas, garajaus ou engradados. Animaes de tarifa n. 13 quando convenientemente acondicionados em engradados:

	Por 10 kilos e por kilo- metro
Até 100 kilometros.	2,64 réis
De 101 a 200 kilometros.	1,98 réis
De 201 a 300 kilometros.	1,32 réis
De 301 em diante.	0,66 réis

Frete minimo 300 réis, quando transportados nos trens mixtos, esta base fica reduzida em 50 %.

TRANSPORTE DE MERCADORIAS

Tarifa n. 4 — Mobílias de luxo, obras de arte, porcellanas, espelhos, crystaes, inflammaveis não denominados explosivos, drogas venenosas, chapelaria, perfumarias, objectos de luxo não denominados, generos de cuidado em geral, etc.

Tarifa n. 5 — Fazendas em geral, preparados de fumo, generos de importação em geral não classificados, vinhos, licores e espiritos. Mercadorias, louça estrangeira, pelles de cabra verdes e seccas, borracha, café, cacáu, drogas, miudezas, quinquilharias, etc.

Tarifa n. 6 — Algodão, couros seccos e salgados, kerozene, louça de barro do paiz, fumo, obras de folha de Flandres, etc.

Tarifa n. 7 — Alcool, aguardente, bacalhão em geral; carne secca, sal estrangeiro, etc.

Tarifa n. 7 A — Assucar de usinas ou banguês produzidos nos Estados, etc.

Tarifa n. 7 B — Machinas em geral para a lavoura e industria, ferro fundido ou moldado, azulejos, farinha de trigo, etc.

Tarifa n. 8 — Sementes de mamona, madeira em casca, falquejada ou serrada; cereaes em geral para exportação, carvão de pedra, sal, etc.

Tarifa n. 9 — Productos de pequena lavoura, etc.

Tarifa n. 10 — Cannas de assucar.

BASES DAS TARIFAS PARA O TRANSPORTE DE MERCADORIAS

As taxas são por toneladas e kilometros, sendo cobradas por fracções de 10 kilogrammas, excepto nos casos em que a classificação ou as condições regulamentares marcarem outro peso minimo.

TARIFA	Até 50 kilometros	De 51 a 100 kilometros	De 101 a 200 kilometros	Além de 200 kilometros	Frete minimo	Peso minimo
	Réis	Réis	Réis	Réis	Réis	Ks.
N. 4	871,2	871,2	633,4	326,7	1000	10
N. 5	479,16	479,16	326,7	217,8	1000	10
N. 6	326,7	326,7	271,524	217,8	1000	10
N. 7	271,524	196,02	130,68	87,12	1000	10
N. 7 A	271,524	271,524	196,02	130,68	1000	10
N. 7 B	174,24	174,24	121,968	69,696	1000	10
N. 8	123,552	123,552	79,2	31,68	1000	10
N. 9	79,2	79,2	63,36	39,6	1000	10
N. 10	51,48	51,48	51,48	51,48	1000	10

TRANSPORTE DE ANIMAES

Tarifa n. 11 — Animaes de montaria.

	Por cabeça e por kilometro
Até 100 kilometros	87,12 réis
De 101 a 200 kilometros	52,272 >
De 201 em diante	23,76 >

FRETE MINIMO 18000

Tarifa n. 12 — Bois, vaccas e bezerras :

Até 100 kilometros	55,44 réis
De 101 a 200 kilometros	19,008 >
De 201 em diante	9,504 >

FRETE MINIMO 1\$000

Tarifa n. 13 — Carneiros, cabritos, cães, porcos e semelhantes :

Até 100 kilometros.	19,008 réis
De 101 a 200 kilometros	9,504 .
De 201 em diante	4,752 >

FRETE MINIMO \$500

Nas estradas de rodagem e nas vias maritimas ou fluviaes (barcaças) os fretes são equitativos, o mesmo não se observando, na opinião dos interessados, em relação ás companhias de navegação pelo-porto de Recife.

Damos aqui como exemplo o frete cobrado pela Great Western de uma tonelada de milho do mercado de Victoria ao da Capital, de accôrdo com as tarifas acima, approvadas por portaria de 22 de dezembro de 1919 do Sr. ministro da Viação, accrescido de uma taxa para carga e descarga, de outra para inscripção, sendo o total augmentado de mais de 1, 5 %.

Sobre esta somma augmenta-se mais 1\$ para viação e 100 réis para caridade. Quanto paga uma tonelada de milho de Victoria a Recife :

De accôrdo com a tabella 8 das tarifas.	6\$302
Inscripção.	\$100
Carga e descarga.	2\$000
Augmento de 1 1/2 % sobre o total.	\$200
Viação	1\$000
Caridade	\$100
Total.	9\$702

Como vimos em vez de pagar o frete de 6\$302 de accôrdo com as tarifas esse se elevará a 9\$702 ou mesmo 10\$000.

A média dos fretes cobrados do porto de Goyaua ao de Recife por via maritima em barcaças, etc., é a seguinte : arroz, feijão, milho, farinha, 600 réis por sacco ; farinha de trigo 500 réis por sacco ; batatas 500 réis por caixa ; manteiga 800 réis, por caixa ; xarque 800 réis, por fardo; farinha de trigo, barrica 1\$; cocos 1\$ o cento. Qualquer outro volume de quatro arrobas a mais pagará por arroba 200 réis. Fretes mais ou menos identicos são cobrados nos portos de Ipojuca, Rio Formoso, Serinhaem e Barreiros, cujo commercio é feito por mar devido as altas tarifas da Great Western e as difficuldades de outros meios de transportes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Os impostos incidindo sobre os principaes generos de consumo, sobretudo alimenticios, de producção agricola e pastoril, nem sempre são equitativos, concorrendo alguns para o atrophiamiento da producção. O governo do Estado houve por bem executar em junho deste anno, uma medida altamente patriotica reduzindo os direitos de exportação do assucar para o estrangeiro de 8% para 2% até o limite de 300.000 saccos.

Pelo exame das leis orçamentarias municipaes, do orçamento da prefeitura da Capital e da lei da receita do Estado, facilmente chegamos a evidencia de que os impostos cobrados são de facto pesados para certos productos.

Amparo á producção

Nenhuma iniciativa ou medida foi tomada no sentido de valorizar a producção agricola, facilitando sua boa collocação nos mercados, verificando-se que algumas municipalidades sobrecarregam os generos de primeira necessidade com pesadissimos impostos.

Este Serviço, por intermedio de suas Inspectorias, distribue sementes para o plantio e fornece pelo preço do custo aos agricultores inscritos no Registro de Lavradores, Criadores e Profissionais de Industrias Connexas, machinas e instrumentos agricolas, adubos, insecticidas, etc., na medida de seus recursos. Além disso, desenvolvendo a instrucção agricola, instituiu os campos de cooperação com os lavradores, facilitando a pratica de trabalhos agricolas mais economicos.

Sobre o agravamento da elevação dos preços das principaes utilidades, sobretudo alimenticias, nenhuma medida foi opposta.

Particularmente tem os productores de canna feito alguma cousa, existindo na Capital uma instituição que, embora nova, vem prestando bons serviços aos seus associados. É o Centro dos Fornecedores de Canna, sendo um dos seus fins defender os associados contra explorações de alguns industriaes e intermediarios.

Em relação ao algodão o Estado vem de organizar "O Serviço Estadual do Algodão" para intensificar, nos centros mais apropriados, á cultura racional dessa malvacea, defendel-a contra as pragas e outros agentes damninhos, distribuir sementes seleccionadas e desinfectadas, melhorar o seu beneficiamento, enfardamento, etc.

No municipio de Recife como nos demais não se encontram instituições de cooperativas que exerçam influencia sobre a baixa ou sobre a alta dos mercados. A “Bolsa de Mercadorias” está ainda em regulamentação.

Nenhuma liga de consumidor existe. Ha duas “feiras livres” na Capital funcionando aos domingos e nas quaes encontram-se não sómente generos alimenticios como tambem outros productos de uso domestico. N’um dos suburbios ha no logar denominado *Bacuráu* uma feira livre de verdura, isto é, os productos ahi expostos, podem ser vendidos independente de pagamento de impostos, das 4 horas da madrugada ás 6 da manhã, ficando, os mesmos, desta hora em diante, sujeitos aos impostos municipaes e estaduaes.

No sentido de ser intensificada a producção as medidas tomadas pelos poderes publicos e associações particulares teem sido pouco efficientes, por não proporcionarem ás classes productoras justamente aquillo de que mais carecem, — credito e meios faceis e baratos de transporte.

Ha annos passados foram criados em alguns municipios syndicatos agricolas, caixas ruraes e cooperativas, mas quasi todas desapareceram sem apreciaveis beneficios.

No sentido de intensificar os modernos conhecimentos agronomicos, no seio dos interessados, o governo do Estado, subvenciona duas Escolas de Agronomia que têm preparado muitos moços, theorica e praticamente, no cultivo racional do sólo.

Tambem concorrem para intensificar a cultura do algodoeiro no Estado, além dos serviços federal e estadual do algodão, as Sociedades Algodoeiras do Nordeste Brasileiro, Companhia Industrial de Algodões e Oleo, todas ellas dispondo de importantes usinas e mantendo, annexo a estes estabelecimentos, campos de demonstrações onde deve ser cultivado racionalmente o algodoeiro. Ainda como meio de valorizar o producto existem na Capital importantissimas prensas — “Boxwell” “Forwreet Preston”, 1888, de alta densidade, produzindo 30 fardos por hora com peso de 180 kilos. Os Srs. J. Vasconcellos & Cia. possuem a mais importante prensa do Estado do mesmo fabricante acima, porém ultimo modelo. Fabrica 30 fardos por hora com peso de 180 kilos e volume de 1,20 X 0,40 X 0,45. A empresa tem um classificador inglez, official, da Bolsa de Liverpool, mediante 1.000 libras annuaes.

A Estação Experimental de Eçada, hoje de Barreiros, muito poderá concorrer para melhorar a cultura da canna no Estado.

Na Capital funciona um Gabinete official de exame de polarisação do assucar.

Quanto aos productos agricolas alimenticios pouco têm feito no sentido de amparar a producção ou melhor, de estimular as suas culturas.

As fructas e plantas hortícolas tambem não mereceram até agora nenhum auxilio o que é de lamentar por estar provado serem as zonas do littoral e da matta, importantes centros productores de fructas e hortaliças.

A producção cafeeira nenhum estimulo, ultimamente, tem recebido. Entretanto esse producto é directamente influenciado pela cotação dos Estados productores do Sul, e, ás vezes, gosa de melhores preços por ser de melhor qualidade que o procedente dos Estados já referidos.

A cotação diaria dos principaes mercados compradores em relação não sómente ao assucar mas tambem ao algodão, cereaes, grãos leguminosos, etc. é publicada pela Associação Commercial, nos jornaes diarios e, transmittida telegraphicamente ou por cartas, a diversos municipios de mercados mais importantes, sociedades agricolas ou commerciaes, etc. por intermedio das quaes os negociantes, e commissarios intermediarios, ficam, mais ou menos, orientados em relação ao preço de venda dos productos com que negociam.



II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

A título de um primeiro ensaio teve este Serviço oportunidade de divulgar que, de 1911 a 1921, o índice dos preços de alguns generos alimenticios no mercado de Recife, — o mais importante centro commercial do nordeste brasileiro —, foi de 192,84, — correspondendo ao augmento de 92,84 % nos preços dessas utilidades no referido decennio.

Agora, mostra o quadro comparativo dos preços correntes no varejo desse mercado e nos de Limoeiro, Garanhuns e Pesqueira, durante os annos de 1921 e 1923 que o índice médio obtido foi de 143,62 equivalente ao augmento de 43,62 % no triennio, notando-se pelos numeros seguintes que nesse periodo a maior aggravação se deu no mercado de Garanhuns e a menor no de Recife, dos quatro apreciados. Limoeiro e Pesqueira tiveram altas approximadas.

MERCADOS	NUMERO DE GENEROS COMPARADOS	INDICE — (1921-23)	AUGUMENTO EM 1923 SOBRE 1921
Recife	17	137,92	37,92
Limoeiro	14	141,87	41,87
Pesqueira.	16	142,03	42,03
Garanhuns	18	152,66	52,66

Apesar do menor augmento ter se verificado no mercado da Capital, os generos da produção pernambucana são ali mais caros que nos demais. Ao que parece a aggravação registada nos tres mercados do interior é relativamente recente e por isso se mostra mais accentuada que no de Recife, onde a elevação média annual dos preços, de 1911 a 1921, foi de 9,28 e alcançou em 1923 a 10,89 % annualmente.

O quadro abaixo mostra as percentagens de aumentos obtidos no triennio pelos diferentes productos em cada um dos mercados estudados.

GENEROS	MERCADOS			
	Recife %	Limoeiro %	Garanhuns %	Pesqueira %
Assucar	108,33	146,15	66,66	107,14
Café	94,11	128,57	126,92	50,00
Batatinha	75,00	—	150,00	—
Ovos	15,33	31,25	88,88	140,00
Farinha de mandioca.	100,00	7,14	8,10	150,00
Milho.	100,00	—	70,00	80,00
Queijo	26,19	22,85	84,61	42,50
Carne de porco. . . .	15,88	26,92	88,00	45,00
Feijão	12,50	77,77	50,15	25,00
Banha	38,88	—	—	—
Manteiga	28,00	66,66	5,08	30,00
Toucinho	5,26	35,00	60,00	27,27
Carne de carneiro. . .	5,00	—	70,00	—
Arroz.	11,11	17,64	39,28	10,00
Carne de vacca. . . .	13,33	30,43	15,38	—
Polvilho	—	—	9,28	—
Farinha de trigo . . .	3,22	—	20,00	—
Bacalhau.	—	—	8,16	—

Foram mantidos os preços correntes em 1921 no mercado de Limoeiro pelo milho e carne de carneiro e no de Pesqueira pela batatinha e carne de vacca.

Os generos em baixa constam do quadro infra, mostrando as percentagens da reduçãõ dos preços no triennio.

GENEROS	MERCADOS			
	Recife	Limoeiro	Garanhuns	Pesqueira
Farinha de trigo . . .	—	—	—	7,15 %
Bacalhão,	—	—	—	7,15 %
Xarque	7,41 %	4,17 %	2,52 %	20,00 %

NUMERO DE ORDEM	GENÉROS	PREÇOS MÉDIOS						OSCIL. ÇÕES	
		1921		1923				+	%
		Recife	Limoeiro	Garanhuns	Pesqueira	1923			
1	Assucar	100	208,33	246,15	166,66	207,14	107,07	—	
2	Café	100	194,11	228,57	226,92	150,00	199,90	99,90	
3	Batatinh	100	175,00	—	250,00	100,00	175,00	75,00	
4	Jvos	100	115,38	131,25	188,88	240,00	168,87	68,87	
5	Farinha de mandioca	100	200,00	107,14	108,10	250,00	166,31	66,31	
6	Milho	100	200,00	100,00	170,00	180,00	162,50	62,50	
7	Queijo	100	126,19	122,85	184,61	142,50	144,03	44,03	
8	Carne de porco	100	115,88	126,92	188,00	145,00	143,95	43,95	
9	Feijão	100	112,50	177,77	150,15	125,00	141,35	41,35	
10	Banha	100	138,88	—	—	—	138,88	38,88	
11	Manteiga	100	128,00	166,66	105,08	130,00	133,18	33,18	
12	Toucinho	100	105,26	135,00	160,00	127,27	131,88	31,88	
13	Carne de carneiro	100	105,00	100,00	170,00	—	125,00	25,00	
14	Arroz	100	111,11	117,64	139,28	110,00	119,50	19,50	
15	Carne de vacca	100	113,33	130,43	115,38	100,00	114,78	14,78	
16	Polvilho (goma)	100	—	—	103,28	—	109,28	9,28	
17	Farinha de trigo	100	103,22	—	120,00	92,85	105,35	5,35	
18	Bacalhão	100	—	—	108,16	92,85	100,50	0,50	
19	Xarque	100	92,59	95,83	87,48	80,00	88,97	11,03	
	Média total	100	137,92	141,87	152,66	142,03	143,62	43,62	

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado de Pernambuco

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIO OU CIDADE	ENDEREÇO
Alcool e aguardente.	Pereira Pinto & Comp. Pinto Lapa & Comp. Medeiros & Comp. Pinto Ferreira & Comp. Benssousan & Canetti. Gomes & Oliveira. Leão & Comp. Oscar Vieira & Comp. Antonio do Rego Lima.		Rua Barão Triumpho, 445 » Oitenta e Nove, 384. » Nova da Praia, 52. » Padre Muniz, 307. » do Amorim, 67. Av. Lima Castro, 2.256. Rua Barão Triumpho, 452. Praça Tiradentes, 137. Rua da Moeda, 19.
Algodão	Bowell & Comp. Mendes Lima & Comp. Pinto Alves & Comp. Leonidas Barbosa & Comp. José T. de Moura Annibal Gouveia José Vasconcellos & Comp. Loureiro Barbosa & Compp. Ltd. Sion & Com. Arthur Vieira. Soares Caldas & Comp. Pereira Carneiro & Comp. Manoel Pedro da Cunha Braulio Gonçalves. Rosback Brasil Comp. Ltd. Sociedade Algodoeira Nordeste Brasileiro Eduardo Amorim Durães Cardoso & Comp. Martins e Albuquerque. Renda Briori. Loyo & Comp. Godofredo Pessôa & Comp. A. C. da Costa Alecrim. Eugenio Cardoso & Comp. M. da Nova & Comp. Cardoso Rio & Comp. Martins e Castro. Braulio Gonçalves Julius von Söhsten. Pinto Alves & Comp. José Rufino & Comp. Mendes Lima & Comp. Comp. Cansação do Sinimbú. Leão & Comp.	Recife	dos Guararapes, 389. Av. Marq. de Olinda, 303. Rua Visc. Itaparica, 247. Av. Rio Branco, 59. Rua Barão Triumpho, 4 3. Av. Rio Branco, 66. Rua Marquez Herval, 244. Travessa do Amorim 75. Rua Bom Jesus, 226. » Barão Triumpho, 275. Av. Marq. de Olinda, 222. Av. Rio Branco, 59. Rua Tobias Barreto, 341. » Barão Triumpho, 281. » » » 485. » do Apollo, 247. » Dr. J. Mariano, 368. » das Florentinas, 213. Av. Lima Castro, 476. Rua do Mercado, 123. » do Apollo, 121. » do Apollo, 59. » Barão Triumpho, 289 » » » 145. » Vigario Tenorio, 113. » do Apollo, 202. » Barão Triumpho, 41. » » » 281. Praça Arthur Oscar, 234. » » » 237. Rua do Brum, 77. Av. Marq. de Olinda, 303. Rua Barão Triumpho, 393. » » » 77.
Assucar.			

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIO OU CIDADE	ENDEREÇO
Assucar.	Companhia Geral de Melhoramentos . . F. Matarazo & Comp. A. Jovino da Fouseca & Comp. Silva Guimarães & Comp. Alves Fernandes & Irmão Zenóbio & Comp. . . . Pinto Cardoso & Comp. Moreira Lins & Comp. Loureiro Barbosa & Comp. J. Mello Filho & Comp. Williams & Comp. . . Oscar & Comp. Arthur Vieira & Comp. C. Lyra & Comp. H. da Silva Loyo & Comp. Candido Ferreira Cas- cão Nova e Abreu M. Vaz Coutinho. . . Soares Caldas & Comp. A. R. Cintra.		Rua Barão Triumpho, 303. » do Imperador, 107. » Barão Triumpho, 51. » do Apollo, 248. Praça Arthur Oscar, 217. Rua do Apollo, 153. » Barão Triumpho, 145. » Apollo, 143. Travessa do Amorim, 75. Av. Marquez Olinda, 85. Rua Bom Jesus, 144. » do Brum, 115. » Padre Muniz, 275. » » » 101. » do Apollo, 161. » Barão Triumpho, 222 » dos Guararapes, 207. Av. Marquez Olinda, 122. » » » 222. » dos Guararapes, 37.
Biscoitos e bolachas.	Luiz da Fonseca Oli- veira & Comp.	Recife	» do Pilar, 84.
Café.	Gomes & Comp. Arthur Vieira & Comp. Braulto Gonçalves . . . Eduardo Amorim . . . Durães Cardoso & Comp. Martins & Albuquerque Renda Priori.		» Floriano Peixoto, 163. » Barão Triumpho, 275. » » » 281. » Dr. J. Mariano, 368. » das Florentinas, 213. Av. Lima Castro, 476. Praça do Mercado, 123.
Chapéus de palha e feltro.	Fabrica Mercurio . . . Ventura Penna & Comp. Augusto Fernandes & Comp. A. J. Guimarães & Comp. Correia & Vieira . . .		Parnameirim. Rua Barão de Lucena, 284 » Sigismundo Gonçal- ves, 118. Rua Visc. Inhauma, s/n. » Duque de Caxias, 281.
Cervejas e outras be- bidas.	Fratelli Vita Companhia Cervejaria Pernambucana Andrade & Comp. . . Amblard & Comp. . .		Largo da Soledade, 1.132. Rua Viscoude Rio Branco, 1.111. Rua da Detenção, 56. Avenida Lima Castro, 716.
Farinha de mandioca	Oliveira Filho & Comp.		Praça Barão de Lucena, 306.

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIO OU CIDADE	ENDEREÇO
Farinha de mandioca.	Loureiro Barbosa & Comp.		Travessa do Amorim, 75.
Fructas.	Hardman & Comp.		Rua da Imperatriz.
Fumos	Moreira & Comp.		» 1º de Março, 64.
	Azevedo & Comp.		» Sigismundo Gonçalves, 68.
	Estevão Barreto Baptista		Rua Barão da Victoria, 359
	S. A. Grandes Moinhos do Brasil		Avenida Alfredo Lisboa, s/n.
Mamona	Rosback Brasil & Comp Ltd		Rua Barão Triumpho, 242.
	J Clemente Levy & Comp.		Rua Padre Muniz, 209.
	Pinto Alves & Comp.		» Visconde Itaparica, 234.
Milho	A. Bezerra Leite		Rua da Praia, s/n.
	Arthur Vieira.		» Barão Triumpho, 275
	Loureiro Barbosa & Comp.		Travessa do Amorim, 75.
Oleo de copahyba.	Schenkers Rodrigues.		Rua 15 de Novembro, 263.
Productos químicos	Carlo Cidri & Comp.		Avenida Marquez de Olinda, 67.
	Dalvino Sobral & Comp.	Recife	Avenida Marquez de Olinda, 302.
	Montenegro Simões & Comp.		Rua Barão da Victoria, 36.
	Farias Irmãos & Comp.		Avenida Marquez de Olinda, 214.
	H. Rouynayrol e Filho.		Rua Bom Jesus, 171.
Tecidos.	Companhia Fabrica de Tecidos Paulista.		» do Imperador, s/n.
	Companhia de Fiação de Tecidos de Pernambuco		» 15 de Novembro, 463.
	Societé Cottonière Belge-Bresiliense.		Travessa da Concordia, s/n.
	Companhia Industrial Pernambucana		Camaragibe.
	Companhia de Fiação e Tecidos de Goyanna.		Goyanna (Municipio de). Apipucos.
	Braz Silva & Comp.		Rua do Livramento, 8.
	Loureiro Maia & Comp.		» » » s/n.
	Alves de Brito.		» do Imperador, s/n.
	Othon Mendes & Comp.		» Duque de Caxias, 284.
Vellas de Cêra.	Casemiro Fernandes & Comp.		» Mathias Albuquerque, 55.
	M. Souza Lima & Comp.		

ESTADO DE ALAGOAS

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação :

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado :



I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimentícios de maior consumo

Considerando, como é natural, o Estado de Alagôas um dos pertencentes á região do nordeste do Brasil, é bem de ver que os habitos de sua população e as necessidades de consumo e preferencias na escolha dos generos alimentícios não devem divergir accentuadamente dos demais Estados limitrophes.

Alagôas, como os demais Estados nordestinos, consome em larga escala o arroz, a farinha, o milho, o xarque, o bacalhau, a carne verde, os peixes, etc.

Ha, porém, no que concerne aos alimentos mais accessiveis ás classes pobres de Alagôas uma observação a fazer.

O tradicional *sururú*, alimento profusamente consumido e ao alcance de todas as bolsas, objecto de quotidianas pescas nas costas e lagôas do Norte e Mangaba, caracteriza, de certo, a culinaria alagoana, constituindo mesmo um dos mais cubiçados pratos, na mesa do rico ou na alimentação do pobre.

O consumo do *sururú* em tempos passados attingiu a um auge tamanho que o governo de Clodoaldo da Fonseca, temendo a extincção da especie, prohibiu as pescarias do apreciado marisco, restringindo o consumo aos contraventores.

Os municipios do interior privam, com as retrições que lhes obrigam as proprias condições de meio, do mesmo consumo observado para a capital.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

O Estado do Rio Grande do Sul, á semelhança do que ocorre para outros logares, abastece as praças de Alagôas, por intermedio da de Maciô, de grandes partidas de xarque, banha, etc. O feijão consumido é, em parte, importado de Santos e do Rio de Janeiro, porquanto a producção do Estado não dá ensanchas a um abastecimento sufficiente.

A batatinha, quasi toda, é tambem importada do Rio.

A razão mais plausivel dessa insufficiencia de producção no tocante a artigos como o feijão e batatinha prende-se ao facto de ser a canna de assucar a cultura principal do Estado, convergindo para ella, que está situada na melhor zona agricola de Alagôas, todas as atenções dos agricultores, o que acarreta o abandono das demais, principalmente se o assucar está em alta.

O arroz em grande escala é proveniente das culturas realisadas no S. Francisco, vindo outra parte do sul do paiz.

Quanto á farinha de trigo é toda ella importada das praças externas, porque o Estado não cultiva trigo e nem está apto ao beneficiamento desse producto.

O café está nas mesmas condições dos demais generos importados.

Alagôas poderia se emancipar dessa situação de nucleo importador; poderia pelo menos alliviar essa escravatura economica ampliando uma producção compativel com as necessidades de consumo regional.

Não o permitiram ainda certas e determinadas circumstancias, agravadas pela politica da monocultura.

A canna de assucar, a principal cultura do Estado, leva de vencida todas as demais.

Tanto maior é a alta do assucar no commercio local quanto maior é o abandono votado ás demais culturas na zona assucareira.

Assim, apezar das possibilidades de desdobramento das áreas de plantio de feijão, de batatinha, etc., este não é adoptado porque as atenções do lavrador se encaminham para a cultura da canna.

O periodo de valorização do assucar coincide com o periodo de descuido pelas demais plantações.

Ao lado do assucar concorre tambem para desviar os cuidados dos habitantes, principalmente da zona littoranea, levando-os a não plantar em escala regular o feijão, o milho e a batatinha, a facilidade da pesca que satisfaz as maiores exigencias locais.

O que se passa nos Estados de Pernambuco e Parahyba do Norte com o habito da população em se alimentando de inhame, cará, batata doce, fructa pão, aipim, observa-se tambem no Estado de Alagôas, onde a culinaria engendra uma multiplicidade de pratos preparados com aquelles productos.

Oscillações dos preços

Como em todos os mercados o preço não obedece a uma posição duradoura de estabilidade. Elle está sujeito a variações e oscillações que têm causa principal em factores nem sempre distinctos.

A alta assucareira, por exemplo, é um dós moveis de oscillação no preço dos demais productos.

A influencia dos factores climatericos, da fertilidade do sólo e da densidade da população, com quanto não demonstre, á primeira vista, interferencia nas oscillações dos preços, são entretanto responsaveis em maior ou menor vulto, pela variação alludida.

O paludismo, por exemplo, dizimando a saúde das populações menos abastadas e mal alimentadas, desvia qualquer iniciativa, maximé havendo facilidade de alimentação para estomagos pouco exigentes.

O influxo da densidade da população teria um papel mais preponderante no caso, se menores fossem aquelles recursos e maiores se apresentassem as exigencias dos consumidores.

A oscillação dos preços correntes accentua-se em alta apreciavel, nos mezes de janeiro a maio, periodo de grande actividade agricola. Os preços são baixos após as colheitas para os productos agricolas e durante a época das melhores pastagens para os originarios da pecuaria.

Dos generos de primeira necessidade orientando a balança commercial e contribuindo para a ascensão ou quéda dos preços, o assucar é incontestavelmente o unico ao qual se pode attribuir essa qualidade.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

Indirectamente a fertilidade do sólo concorre para a variação dos preços. Em regiões onde o homem promove o augmento d'essa fertilidade, recorrendo aos meios actualmente em voga e aconselhados pela agronomia, certo que a producção é maior e, assim, maior será o *stock* da mercadoria posta á disposição da bolsa do consumidor.

Diminuido o custo de producção, é claro que o productor poderá vender por preços inferiores.

E assim fica explicado o modo indirecto como a fertilidade do sólo intervem na variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

As causas decisivas provocadas pelos factores climatericos na oscillação dos preços são de muita importancia e destaque. A despeito de não ser Alagôas grandemente flagellada pelos rigores da secca, qualquer irregularidade na distribuição das precipitações atmosfericas,— influyendo na época de plantio ou das colheitas —, determinando augmento ou diminuição de safra, concorre para as variações referidas.

A capital recebe, como é natural, o effeito dessa influencia.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento médio annual da população alagoana, de 0,0219 de 1872 a 1920, inferior ao médio da do paiz correspondente ao mesmo periodo, e maior que o accusado pelas populações da Bahia, Ceará, Maranhão, Minas, Parahyba, Pernambuco, E. do Rio, Rio Grande do Norte e Sergipe, foi de 0,0216 de 1872 a 1890, mais accentuado desse anno ao de 1900 com 0,0242 e menos intenso nos dois ultimos decennios (1900 a 1920), que baixou a 0,0211. Esse decrescimo, embora pequeno, não pode ser levado á conta de condições desfavoraveis do meio, pois a densidade da população é de 16,733 de habitantes por kilometro quadrado, percentagem sómente ultrapassada no Brasil pelo Districto Federal, E. do Rio de Janeiro e Pernambuco. Considerando, porém, que o augmento de habitantes no centro mais populoso do Estado, a Capital, embora elevado nos quattros lustros proximos passados a um nível só excedido por Bello Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Recife, — 0,0368 annualmente —, foi 0,0024 a menos em relação ao Estado em cerca de meio seculo (1872-1920), não ha como aceitar a influencia dessa população sobre a producção e consumo, embora aggravado esse com o desvio de braços da lavoura para os trabalhos nas indústrias fabris já bastante desenvolvidas em Alagôas.

A pequena propriedade rural no Estado representa cerca de 13,9% da área total dos estabelecimentos ruraes recenseados, localizadas as 4.430 existentes com a área de até 40 hectares, — correspondendo a mais de 50% do total nos municipios de Maragogy e Porto de Pedras com a média de seis hectares; Agua Branca e Alagôas, 11 hectares; Piasabussú e Victoria, 12 hectares; Maceió, Paulo Affonso e

Sant'Anna do Ipanema, 13 hectares; Santa Luzia do Norte, 16 hectares; e, finalmente, Palmeiras dos Indios e Viçosa, 19 hectares. Os municipios de Anadia, Cururipe, Limociro, Pão de Assucar, Piranhas, S. José da Lage e Triumpho, têm mais de 25 % de suas propriedades com menos de 41 hectares; Atalaia, Bello Monte, Camaragibe, Junqueiro, Leopoldina, Parahyba, Penedo, Pilar, Porto Calvo, Porto Real do Collegio, S. Braz, S. Luiz do Quitunde, S. Miguel de Campos e Traipit apresentam menores percentagens enquanto os de Muricy e União, directamente ligados á Capital por estrada de ferro, não contam entre suas propriedades uma só nessa categoria.

O maior estabelecimento rural do Estado pelo mesmo recenseamento tem 18.630 hectares no municipio de Piranhas, figurando em segundo logar, com 7.496 hectares em Pão de Assucar e como a primeira na zona sertaneja das margens do S. Francisco; a terceira no municipio de Leopoldina, descança ao Norte do Estado, com 6.000 hectares; achando-se a quarta e a quinta com mais de 5.000 hectares em União e Anadia, respectivamente.

Crises agricolas e commerciaes

O rythmo das crises que têm assoberbado a lavoura alagoana, escapando, embora, ao nosso registo, pôde, entretanto, ser determinado pelo exame dos preços do assucar, — certo como é ser esse o producto de maior valor commercial do Estado. Em segundo plano figura o algodão que, embora interessando a um maior numero de municipios, não traz, pela natureza do proprio producto, apprehensões do vulto das determinadas pelas crises que affectam á lavoura da canna e commercio do assucar. Demais, influindo esse producto, reflexivamente, sobre os mercados de outros, mais que o algodão, cultura que para sua exploração não exige como a da canna immobilização de maiores capitaes, é natural seja sua produção e commercio o index das phases de maior prosperidade e das mais vultosas crises que interfiram na vida economica do Estado. Crises menores podem ser provocadas numa e noutra das culturas referidas pela acção de factores climaticos e biologicos, como pela falta de braços, estas sobretudo frequentes nas baixas dos productos que ás vezes não permitem pagamento dos salarios correspondentes ás necessidades ou exigencias dos trabalhadores mais das vezes pouco assiduos mesmo em épocas normaes. As crises pastoris

são de menor effeito e se fazem sentir, em consequencia da escassez de pastagens ou de algum surto epidemico (aphtosa, etc.), nos centros de maior criação, como para a especie bovina os municipios de Palmeira dos Indios, Viçosa e Sant'Anna do Ipanema; equinos, Viçosa, Palmeira dos Indios e Muricy; asininos e muares, os de Agua Branca, Atalaia e Palmeira; ovinos e caprinos, Palmeira, Limoeiro, e Sant'Anna; e, suinos, Viçosa, Limoeiro e Muricy, que possuem os maiores rebanhos.

Às crises agricolas se succedem crises commerciaes, sempre aggravadas pela questão dos transportes.

Exame e mecanismo dos mereados

O commercio da Capital e de praças como Penedo e Viçosa, é feito por atacado e a varejo, abastecendo-se essas duas ultimas cidades em Maceió, a primeira tambem na Bahia e a segunda como quasi todas as demais, tambem em Recife.

Maceió transige directamente em operações vultosas com as praças do Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul e outras do norte, além da de Recife.

O negociante atacadista vende a 30,60 e 90 dias a saque ao retalhista e com um lucro superior a 30 %/o, indo até 50 %/o ou mais, conforme a occasião.

O productor negocia os seus generos directamente nas feiras locaes, dispensando o intermediario salvo tratando-se do assucar e, ás vezes do algodão, que são vendidos por intermedio dos corretores ou agentes commerciaes.

As feiras locaes approximam o pequeno productor do consumidor, ás vezes revendedores.

Não ha operações de warrantagem e são raros os contractos de compra e venda das colheitas pendentes.

Os negocios entre o productor e o consumidor são feitos a vista.

Ao aggravamento dos preços não têm sido oppostas medidas e nem se registam tentativas officiaes ou particulares nesse sentido, de modo que não se póde apreciar os effeitos das cooperativas, ligas de consumidores, feiras livres, por falta dessas instituições.

As alterações havidas nos mercados de generos muitas vezes aggravadas pela alta dos preço, não têm suscitado medidas de opposição nem de combate a esse estado de coisas.

Da parte relacionada com a iniciativa publica ou particular nenhuma reacção tem apparecido.

A difficuldade com que se dá o escoamento dos generos dos centros productores para os consumidores, tanto pelas vias maritimas ou fluviaes como pelas vias terrestres, é um facto digno de observação.

O credito agricola, nas suas modalidades varias, evitaria em uma boa parte esse entrave asphyxiando a lavoura.

Emfim, o mecanismo dos mercados alagoanos é similar ao mecanismo dos mercados do Estado de Pernambuco.

Para a cultura da canna ha, vezes frequentes, a compra e venda mediante os chamados «contractos».

Classificação commercial dos productos agricolas

Apesar da grande necessidade de uma methodica e racional classificação no commercio dos productos, pouco se tem feito nesse particular.

A classificação do assucar é orientada pela classificação que Pernambuco vem adoptando.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

As tarifas da Great Western of Brasil Railway - a via ferrea que serve aos Estados do Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagôas - são elevadas e entram a circulação dos productos, sobretudo pela demora nos desembarques. Elevam os preços das mercadorias e não abonam a palavra de quem se atrever a uma promessa formal de uma entrega de assucar ou de algodão em dia prefixado.

As cargas transportadas em animaes regulam \$400 a \$600 de frete por legua.

Um sacco de feijão, milho ou farinha de mandioca, transportado de Anadia, que é o celleiro do Estado, á estação de Viçosa, vem a custar 3\$000.

De Viçosa a Macció, no transporte feito pela «Great Western», cada sacco paga de frete \$800, de mo lo que de Anadia á capital um sacco de milho paga de frete 3\$800.

O transporte em barcaça, tambem usado em Alagôas, obedece aos seguintes preços por sacco de assucar até o porto de Jaraguá:

Porto Calvo	1\$800
Camaraçibe	1\$300
S. Luiz do Quitunde.	1\$000
Porto de Pedras	1\$500
S. Miguel de Campos	1\$000
Penedo.	1\$500

Além do custo do sacco e o frete da barcaça, temos que considerar a condução do local da produção para o do embarque.

A atrophia da produção agricola é provocada tambem em grande parte pela alta descommunal dos fretes cada vez mais asphyxiantes.

O governo do Estado levou a effeito diversas construcções de estradas de rodagem. Por ora, não ha exploração de transportes com aproveitamento das vantagens dessas estradas e serventia directa aos interesses dos agricultores.

A produção do assucar, proveniente de usinas e engenhos, é carregada, segundo as zonas onde se localizam os estabelecimentos, em barcaças, costado de animacs e trens da Great Western.

Impostos sobre os generos de consumo

Como sóe acontecer nos demais Estados os gravames decorrentes dos impostos sobre os generos de consumo são innumerous.

Não só o Estado como os seus municipios cobram taxas ora maiores ora menores sobre os productos, — além das federaes.

O côco exportado, por exemplo, paga 20 % sobre o valor da pauta semanal, \$100 por volume, \$100 para a Associação Commercial e mais um imposto adicional de 7 %.

A recebedoria Estadual cobra sobre alambiques um imposto fixo, annual de 100\$000. Sobre a farinha de mandioca 7 %, o algodão 6 % e cereaes cobra, respectivamente 7 %, 6 % e 7 % como imposto de exportação de um Estado para o outro.

Os impostos municipaes, variando de municipio a municipio, tambem incidem sobre os generos de produção e consumo.



II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

No mercado de Macció, escreviamos em trabalho anterior, o índice dos preços dos principaes generos alimenticios, em 1921, foi de 158,40 em relação ao anno de 1911, com um augmento médio de 58,40 % no deceunio.

Agora pelo exame dos quadros abaixo, comparativos dos preços correntes em 1921-1922 e 1921-1923, nota-se, pelo primeiro, que nos mercados de Macció, Viçosa e União o augmento médio de preços para 15 artigos foi de 25,93 % até 1922 e que alcançaram maiores altas médias a farinha de mandioca, batatinha, milho, assucar, café, farinhas e faculas diversas com 25 % a 81,94 % e menores, 2,42 % a 24,03 % o arroz, oleos alimentares, ovos, queijo, carnes verdes, toucinho e feijão. Apresentavam-se em baixa de 8,34 % a 10,42 %, o bacalhau e o xarque.

Obtiveram maiores augmentos relativos nas cidades de Viçosa e União que na capital os seguintes generos: feijão, assucar, farinha de mandioca e diversos, milho, batatinha, café, ovos e carnes, em 1922, e até 1923 apresentavam maiores altas relativas, na capital, a farinha de mandioca, batatinha, oleos alimentares, fubá de milho, leite, queijo, toucinho e aves.

O augmento médio annual dos preços no Estado que de 1911 a 1921 era de 5,84 % elevou-se até 1923 a 7,78 %.

Índice dos preços dos principaes generos alimenticios nos mercados varejistas de Maceió, Viçosa e União (Alagôas)

1921 - 1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS				OSCILLAÇÕES	
		1921	Maceió	Viçosa e União	1922	+ %	- %
1	Farinha de mandioca . . .	100	155,55	208,33	181,94	81,94	—
2	Batatinha	100	150,00	180,00	165,00	65,00	—
3	Milho	100	122,22	166,66	144,44	44,44	—
4	Café.	100	100,00	166,66	133,33	33,33	—
5	Assucar.	100	94,11	183,33	138,72	38,72	—
6	Farinha de trigo	100	87,50	166,66	127,08	27,08	—
7	Arroz	100	125,00	123,07	124,03	24,03	—
8	Oleos alimentares	100	125,00	120,00	122,50	22,50	—
9	Ovos	100	97,50	142,73	120,11	20,11	—
10	Queijo	100	120,00	—	120,00	20,00	—
11	Carnes verdes:						
	de porco.	100	104,76	150,00			
	de carneiro	100	104,76	145,45	114,55	14,55	—
	de vacca.	100	82,35	100,00			
12	Toucinho	100	122,22	105,26	113,74	13,74	—
13	Feijão	100	86,66	113,18	102,42	2,42	—
14	Bacalhau	100	90,74	92,59	91,65	—	8,34
15	Carne secca (xarque)	100	82,75	95,42	89,58	—	10,42
	Média total	100	110,43	142,26	125,93	25,93	—

Índice dos preços dos principaes generos alimenticios nos mercados varejistas
de Maceió, Viçosa e União (Alagoas)

(1921-1923)

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS				OSCILLAÇÕES	
		1921	Maceió	Viçosa- União	1923	+ %	- %
1	Farinha de mandioca . . .	100	222,22	187,50	204,86	104,86	—
2	Assucar.	100	170,58	233,33	201,95	101,95	—
3	Milho	100	138,88	222,22	180,55	80,55	—
4	Batatinha	100	187,50	173,33	179,41	79,41	—
5	Queijo	100	160,00	—	160,00	60,00	—
6	Fcijão	100	120,00	169,09	144,54	44,54	—
7	Farinhas:						
	fubá de milho	100	150,00	144,44	141,23	41,23	—
	farinha de trigo	100	87,50	182,91			
8	Arroz	100	125,00	153,84	139,42	39,42	—
9	Oleos alimentares	100	137,50	133,33	135,41	35,41	—
10	Toucinho	100	138,88	126,31	132,58	32,58	—
11	Café.	100	104,16	153,33	128,74	28,74	—
12	Leite	100	125,00	120,00	122,50	22,50	—
13	Ovos	100	97,50	142,85	120,17	20,17	—
14	Carnes verdes:						
	de carneiro.	100	109,52	145,45			
	de porco.	100	104,76	125,00	116,32	16,32	—
	de vacca.	100	88,23	125,00			
15	Bacalhau	100	111,11	114,81	112,96	12,96	—
16	Cebolas.	100	84,21	133,33	108,77	8,77	—
17	Aves	100	107,14	100,00	103,57	3,57	—
18	Carné secca	100	95,55	101,78	99,16	—	0,84
	Média total.	100	130,32	150,62	142,85	42,85	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado de Alagoas

PRODUCTO	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	CAIXA POSTAL	ENDEREÇO
Aguardente.	A. Pereira Pinto & Comp.	Maceió.	—	Rua Sá e Albuquerque, 21.
»	Mario Guimarães & Comp.	»	—	Rua do Commercio, 71.
»	Sampaio Costa & Comp.	»	—	Rua Barão de Jaraguá, 3.
»	Rosa Borges & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 75.
Alcool	Leão & Comp.	»	—	Rua Commendador Leão, 2.
»	Carlos Lyra & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 12.
»	A. Pereira Pinto & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 21.
Algodão	Sampaio Costa & Comp.	»	—	Rua Barão Jaraguá, 3.
»	Peixoto & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 83.
»	Vianna & Gomes	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 105.
»	Borstelmann & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque.
»	Pedro Bomfim	»	7	Rua Sá e Albuquerque, 141.
»	Felix Vandesmet	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 99.
»	Loureiro Barbosa & Comp. Ltd.	»	7	Rua Sá e Albuquerque, 81.
»	Fausto Leite.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 139.
»	Goulart & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque.
»	Williams & Comp.	»	9	Rua Commendador Leão, 2.
»	Leão & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque.
»	F. P. de Carvalho	»	—	Rua do Commercio, 24.
»	Duque de Amorim & Comp.	»	—	Rua do Commercio, 71.
»	Mario Guimarães & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 139.
Assucar	Goulart & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 125.
»	P. C. Villela & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque.
»	Williams & Comp.	»	9	Rua Commendador Leão, 2.
»	Leão & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 12.
»	Carlos Lyra & Comp.	»	—	Rua Sá e Albuquerque, 12.

Assucar	Julius von Söhsten & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 61.
»	Vasconcellos & Vasconcellos.	»	»	»	»	Rua Conselheiro Saraiva, 15.
»	Nobre & Iraião	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 39.
»	Brasileiro & Galvão	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 17.
»	Mara Gomes & Comp.	»	»	»	»	Rua Barão do Jaraguá, 33.
»	Peixoto & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 83.
»	Viana & Gomes	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 105.
»	Borstelmann & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 141.
»	Pedro Bomfim	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque.
»	Felix Vandesmet	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 21.
»	A. Pereira Pinto & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 81.
»	Fontes & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque.
»	F. P. de Carvalho	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 125.
»	Amercio Mello	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 99.
»	Loureiro Barbosa & Comp. Ltd.	»	»	»	»	Rua S. Francisco, 61.
»	Calheiros Junior & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 131.
»	Gastão Silva	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 12.
Café	Carlos Lyra & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 125.
Chilres	Luiz Ramos	»	»	»	»	Rua S. Francisco, 61.
Cócos.	P. C. Villela & Comp.	»	»	»	»	Rua Conselheiro Saraiva, 17.
Couros	Calheiros Junior & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 141.
»	Yona & Co.op.	»	»	»	»	Rua do Commercio, 24.
»	Luiz Ramos	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 139.
Farinha de mandioca .	Pedro Bomfim	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 125.
»	Duque de Amorim	»	»	»	»	Rua Commendador Leão, 2.
Mamonas	Goulart & Comp.	»	»	»	»	Rua Boa Vista, 26.
»	Williams & Comp.	»	»	»	»	Rua do Commercio, 24.
»	Leão & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 5.
»	F. P. de Carvalho	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque.
Meias.	Seraphim Costa & Comp.	»	»	»	»	Rua S. Francisco, 61.
Milho.	Duque de Amorim & Comp.	»	»	»	»	Rua Conselheiro Saraiva, 17.
Óleos.	Mario Guimarães & Comp.	»	»	»	»	Rua Commendador Leão, 2.
Pelles	Cotrim & Comp.	»	»	»	»	Rua Boa Vista, 26.
»	F. P. de Carvalho	»	»	»	»	Rua do Commercio, 24.
»	Yona & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque, 5.
Se nentes oleaginosas	Leão & Comp.	»	»	»	»	Rua Sá e Albuquerque.
»	»	»	»	»	»	Rua Conselheiro Saraiva, 17.
»	»	»	»	»	»	Rua Commendador Leão, 2.

PRODUCTO	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	CAIXA POSTAL	ENDEREÇO
Sementes oleaginosas	Julius von Söhsten & Comp.	Maceió .	—	Rua Sá e Albuquerque, 61.
Tecidos	Companhia Alagôana Fiação e Tecidos	» .	—	Rua do Commercio, 67.
»	Companhia Progresso Alagôano.	» .	—	Rua do Commercio.
»	Companhia Fiação e Tecidos S. Miguel	» .	—	Rua do Commercio, 136.
»	Companhia Pilaense Fiação e Tecidos	» .	—	Rua Sá e Albuquerque, 83.
»	Companhia União Mercantil.	» .	—	Rua do Commercio, 168.
»	Companhia Agro Fabril Mercantil .	» .	—	Rua Conselheiro Saraiva, 17.
»	L. Vasconcellos & Comp.	» .	—	Rua Conselheiro Saraiva, 23.
»	M. Lobo & Comp.	» .	—	Rua Conselheiro da Graça, 28.
»	Leuzinger Dictiker & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 22.
»	Rodrigues Cardoso & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 33.
»	A. Florencio Junior	» .	—	Rua do Commercio, 54.
»	Tertuliano Santos & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 134.
»	Lima Silva & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 84.
»	Teixeira Bastos & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 69.
»	Maurício & Comp.	» .	—	Rua Barão de Anadia, 8.
»	Almeida Marques & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 89.
»	Oliveira Lima & Comp.	» .	—	Rua Barão de Anadia, 35.
»	Cavalcanti & Comp.	» .	—	Rua do Commercio, 61.
»	Ramos & Comp.	Pilar.	—	
Tecidos bordados.	Teixeira Santos & Comp.	Maceió .	—	Rua do Commercio, 58.
»	Leite, Pereira & Comp.	» .	—	Rua Sá e Albuquerque, 99.
»	Seraphim Costa & Comp.	» .	—	Rua Boa Vista, 26.

ESTADO DE SERGIPE

I — Circulação dos productos agricolas:

- Generos alimenticios de maior consumo.
- Procedencia dos gencros de consumo e abastecimento dos mercados.
- Oscillações dos preços.
- Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.
- Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.
- Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.
- Crises agricolas e commerciaes.
- Exame e mecanismo dos mercados.
- Classificação commercial dos productos agricolas.
- Transporte dos productos agricolas. Fretes.
- Impostos sobre os gencros de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação:

- Carestia e custo da vida.
- Indice dos preços, a varejo, dos principaes gencros alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadores do Estado:



I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

Os generos principaes de consumo, oriundos do município da Capital e de alguns outros, são : farinha de mandioca, milho, feijão, arroz, assucar, macaxeira, inhame, batata doce, batata americana (batatinha), café, carne verde, carne do sol, toucinho, banha, ovos, leite ; importando do sul, batatinha, café, carne secca ou xarque, banha, manteiga e farinha de trigo, o que constitue os indispensaveis generos de provisão de bocca .

Quer no mercado da Capital, quer nos do interior, é intenso o consumo e procura desses generos alimenticios de uso diario em qualquer habitação, seja esta do trabalhador rural ou de quaesquer outras classes, de accôrdo com a maior ou menor facilidade de aquisição .

As referencias feitas ao município de Aracajú, tambem se prestam aos do interior, com pequenas alterações .

Procedencia dos generos de consumo e abastecimentos dos mercados

A lavoura extensiva do sólo sergipense, prodazindo, em todos os municípios, variedades de productos agricolas, fornece a maioria dos generos de primeira e maior necessidade e grande consumo em qualquer local, nas villas e cidades e em Aracajú, principal mercado do Estado .

O município da Capital não produz o quanto é necessario à sua população, o que poderia fazer de alguns generos agricolas, como farinha de mandioca, milho, macaxeira, batatas e inhame ; no entanto, importa de outros municípios e do sul, os artigos já indicados ; referente à hortaliças, o mercado de Aracajú é supprido tambem pelos municípios de Soccorro e Santo Amaro, que concorrem ainda à venda de leite à domicilios .

O município de Annapolis, outrora Simão Dias, exporta café para a Capital, em pequena quantidade, importando o Estado a preciosa rubiacca das praças sulistas .

Sergipe poderia produzir economicamente o café para o respectivo consumo, na totalidade das terras de seus municipios centraes.

A polycultura, como a criação, é realizada nas propriedades ruraes do municipio da capital, ainda sem grande desenvolvimento, razão da importação dos productos agricolas que buscam o principal mercado do Estado, por ser tambem o de maior população, havendo muitas energias brâças desviadas para varios serviços reclamados na labuta diaria da cidade.

A industria extractiva do sal, no municipio de Aracajú, Socorro e outros, retira tambem braços sadios da lavoura, o que motiva a producção agricola ser insufficiente ; no entanto, a pomicultura, nos suburbios da cidade, já é bem apreciavel, havendo exportação de mangas de qualidades finas para o mercado carioca, além de avultada exportação de côços da «praia», cuja cultura se vae augmentando.

Vale assignalar que a farinha de trigo, importada para o fabrico diario de pão e outras massas, tem capital concorrente no cuscús de milho, principalmente, e de arroz, em pequena escala, beijú da mandioca, fructa-pão, batata doce, macaxeira e inhame.

O pão de milho e farinha de trigo, partes iguaes, já é fabricado em pequena escala por algumas padarias de Aracajú, merecendo geral acceitação.

O cuscús é a base do almoço e ceia da população do Estado, segundo os habitos e costumes de sua frugal alimentação, embora ao lado d'elle figure o pão, como o beijú, a batata, como o inhame e a macaxeira.

A farinha de trigo, para panificação, poderia ainda ser importada em menor escala, mesmo com os concorrentes indicados, nas refeições habituaes se a farinha de mandioca fosse preparada convenientemente para ser associada á de trigo, no pão mixto brasileiro.

Oscillações dos preços

Na estação hibernosa, os preços dos generos tendem a subir um pouco mais da sua cotação a varejo. O milho, feijão, arroz, etc., que, além do consumo diarios, são procurados e adquiridos para sementes, obtêm maior preço, por isso que o inverno, normalmente, começa em março, no dia 19, dia de S. José, quando são feitas as primeiras plantações, se houver precipitação athmospherica regular.

Outros productos tambem augmentam seus preços e assim é com a farinha de mandioca, o mais familiar e generalizado producto de todos os lares, com o milho em espigas para cuscùs e o assucar, etc.

Depois de feitas as colheitas, já no verão, todos os mercados são abastecidos por novos productos da safra, diminuindo por isso os preços respectivos.

As oscillações ou differenças entre o maior e menor preço do anno foram, em 1922, as seguintes por producto :

Arroz 14^o%, assucar 14^o%, bacalhau 10^o%, banha 8^o%, café 12^o%, feijão 30^o%, manteiga 10^o%, milho 12^o%, azeite doce 29^o%, azeite de caroço de algodão 23^o%, polvilho 20^o%, queijo do Estado 20^o%, toucinho 12^o% e carne de porco 12^o%.

Os demais generos não tiveram elevação apreciavel em suas oscillações de preços.

A farinha de mandioca, genero de maior producção e consumo em todo o Estado, não concorre com seu preço, baixo ou alto, para a elevação ou baixa dos outros productos agricolas.

O sal, producto extractivo do verão, soffre elevação de preço durante o inverno, nos mercados internos.

Como elle é um dos productos de exportação regional, os mercados externos, conforme a procura, concorrem para a alta ou baixa dos preços.

O assucar sendo a principal industria agricola, sua exportação obtem cotações baixas ou altas, segundo a procura dos mercados importadores externos, reflectindo-se seus effectos maleficos ou beneficos sobre os mercados locais do interior sergipense.

O algodão é o segundo producto agricola, estando sua cotação sob a influencia dos mercados importadores ; e, embora existam oito fabricas de tecidos nesse Estado, consumindo 73^o% de sua producção, ainda se exportam 23^o%.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A fertilidade do sólo, relativamente á variação de preços dos productos agricolas, só tem influencia decisiva, quando o custo de producção é baixo e regulares as chuvas.

O barateamento do custo da producção, objecto de constantes esforços e preoccupações dos que se propõem a melhorar a situação do

productor, está dependendo do desenvolvimento da instrução agrícola, — na escola e no campo —, e, do uso generalizado da mecânica agrícola como poderoso factor que é do barateamento dos trabalhos de preparo do sólo, tratos culturaes, etc., e do beneficiamento das colheitas.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

A estação invernosa, correndo bem, é um factor constante das boas safras, succedendo o contrario quando a escassez de chuvas se manifesta, trazendo um inverno secco, prejudicando e diminuindo a produção agrícola.

Effectivamente, a baixa de preços dos generos da lavoura se verifica com a abundancia de produção, elevando-se os preços quando a estação chuvosa é irregular.

Não tem sentido, o Estado, os rigores demasiados das seccas asseccadoras do territorio nordestino.

Os invernos copiosos, mesmo em outros Estados de regimen de aguas, cujas caudaes tambem banhem o territorio sergipense, têm feito transbordar o magestoso São Francisco, inundando e arrasando tudo com as cheias desproporcionaes, verificadas em annos passados.

Phenomenos eguaes, menores e occasionaes, se verificam nos rios interiores do Estado, quando as trombas d'agua fazem elevar o nivel das correntes, espriando-se as aguas e destruindo culturas, habitações, etc.

Os flagellos das inundações têm sido mais prejudiciaes aos interesses vitas da collectividade que as seccas mais ou menos communs no sertão do Estado.

São esses factores climaticos os determinantes da depressão ou alta dos preços de todas as utilidades.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento médio annual da população de Sergipe, de 1872 a 1890, foi de 0,0158, baixando deste anno ao de 1900 ao coefficiente 0,0137 que dahi a 1920 se elevou a 0,0150, notando-se na Capital maior crescimento, tanto que no primeiro periodo foi 0,0302, no se-

gundo 0,0261 e, finalmente, de 1900 a 1920 subiu a 0,0293, collocando Aracajú em nono lugar em relação ao desenvolvimento médio annual das populações das demais capitaes, inclusive a Federal.

A densidade territorial da população sergipense, 12,204 de habitantes por kilometro quadrado, dando ao Estado neste particular o oitavo lugar confrontado com os demais, seria factor de avultada importancia na producção e consumo se não fossem as retiradas de trabalhadores da lavoura local para outros Estados, especialmente sul da Bahia, em busca de maiores salarios na cultura do cacauceiro; o desvio para outros trabalhos nas cidades, etc. dentro do proprio Estado e, até certo limite, a inconstancia dos trabalhadores.

No municipio de Aracajú, por exemplo, o numero de braços empregados no trabalho da terra está em grande inferioridade, desviados como são para outros misteres, resultando maior consumo e procura dos generos de outras praças e influindo desfavoravelmente sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes

Apparecem as crises agricolas quando a estação das aguas é irregular na distribuição das chuvas, diminuindo as colheitas, motivando isso, como tambem as inundações bruscas, a elevação de preços dos generos agricolas e de outras utilidades.

Sendo o commercio de Aracajú abastecedor das praças do interior, muito se resente das causas anormaes que as prejudicam.

Os lavradores de canna, algodão e arroz, levantam dinheiro para effectuar o plantio, no devido tempo.

Os usineiros de assucar, como os fornecedores de canna ás usinas, realizam emprestimos parciaes ou não, mais avultados, segundo as areas a serem cultivadas e a marcha do desenvolvimento da canna.

As taxas cobradas são de 1, 1 1/2 e 2% ao mez, com ou sem garantias, fazendo esses adeantamentos as firmas do interior e de Aracajú.

O cultivador de canna, para as usinas, é pessoa que dispõe de terras; o trabalhador rural dispense energia braçal a troco do jornal ou empreitada diaria, por *conta* (medida de superficie).

Os plantadores de algodão, como é cultura generalizada no Estado, são proprietarios ou rendeiros, havendo muitos que plantam em terras cedidas gratuitamente.

A totalidade desses roceiros da preciosa malvacea é gente pobre ; cada plantador faz a cultura consorciada ao milho, feijão e mandioca.

Os de recursos, segundo a area das roças, semeiam algodão sómente.

Os plantadores de arroz, municipios do rio S. Francisco, são proprietarios e rendeiros de terras alagadiças, nas respectivas lagoas.

A tarefa de terra (3.025 m².) é a area sobre a qual o rendeiro plantando, conforme as tarefas que lhe distribuem, obtem credito e realiza emprestimo, no commercio local, sem outras garantias a não ser firmar promissorias, quando não é quantia pequena.

Todos esses adeantamentos são pagos nas respectivas safras ; succedendo, porém, que alguns dos factores climaticos tenham acção nefasta, o prejuizo é certo, a reclamação é geral.

O lavrador, por ter tido pequena ou nulla safra, não pode satisfazer o pagamento ; dahi a ruina dos lavradores com o desprestigio de seus credits, e o commercio local no desembolso das transacções, cujo insuccesso, por falta de safra, é fatal aos seus vitaes interesses.

As culturas; em geral, não dão colheitas que atestem super-produção.

Os transportes internos dos productos agricolas, embora realizados com alguma morosidade, são considerados normaes e não determinam crise ; por essa razão não é um factor de desequilibrio e depressão de cotações.

Quando surtem as crises agricolas, causadas pelos factores alludidos e tambem por baixa cotação nos mercados importadores, consequentemente provocam as crises commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados

O commercio a varejo de Aracajú e do interior se suppre nessa praça e nas de Recife e S. Salvador da Bahia.

A praxe estabelecida pelo alto commercio, para as condições de preço e prazo, varia entre 30 e 90 dias.

Geralmente as médias de percentagem ou lucros attingem de 4 a 15%, conforme a mercadoria.

A vendagem é á vista ou a prazo, consoante a obrigatoriedade das contas assignadas.

Os varejistas retalham os generos com percentagens de 10 a 20% sobre o preço de custo.

Em Aracajú está funcionando, graças aos esforços de S. Ex. o dr. Graccho Cardoso, presidente do Estado, o Banco Estadual de Sergipe, desde 8 de agosto do anno findo, propondo-se emprestar á lavoura, a juros modicos e sobre hypothecas resgataveis dentre 15 annos, e 9 % sobre as demais operações agricolas.

As vendas das colheitas da pequena lavoura, o caracteristico da agricultura local, são realizadas directamente, nos depositos e nas feiras semanaes, aos consumidores.

Nas vendas feitas pelo productor aos commerciantes não são utilizados terceiros senão por excepção.

Para a defesa dos interesses da classe rural, o espirito de associação ainda se não arregimentou fundando instituições que lhe sirvam de orientação, amparo e garantia, por isso que não existem cooperativas, caixas ruraes, etc.

Os proprietarios de usinas de assucar e descaroçadores de algodão vendem directamente seus productos ao commerciante.

Referente á utilidade de warrantagem, é desconhecida do grande e pequeno lavrador, por não ter existencia nessa praça.

A situação do pequeno productor, será melhorada quando o credito agricola for uma realidade, na pratica.

As relações de venda, entre o fornecedor e o usineiro, são reguladas pela cotação estabelecida na praça, para o assucar, como para os outros productos.

Os generos, nas feiras, não estão sujeitos a exigencias de consumidores.

Por falta de grande concorrência de productores, estes impõem os preços dos seus generos.

Classificação commercial dos productos agricolas

Convencionalmente, ha apenas em uso, a classificação commercial, para o assucar, algodão e o sal, sendo esses os typos: *assucar crystal 1^a.*, *assucar crystal 2^a.* e *assucar crystal 3^a.*; *algodão 1^o typo, superior*, *algodão 2^o typo, bom* e *algodão 3^o typo, soffrivel*; *sal de espuma*, *sál de primeira* e *sal de segunda*.

Na safra a entrar, vai ser observada para o algodão a classificação official.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

Duas são as zonas produtoras de assucar: Norte e Sul, ambas concorrendo com a sua industria em usinas e engenhos banguês para o abastecimento do Estado e exportação para os mercados do Sul do Paiz.

O transporte de cannas para as usinas é feito em carros de bois, geralmente.

A usina «Castello», na zona Sul, tem tambem auto caminhão, como o «Engenho Central», na zona Norte, tem 26 kilometros de via-ferrea, bitola de um metro.

O assucar fabricado no Estado tem o seu transporte em costa de animaes, carro de bois, vias fluvial e ferrea até Aracajú e Estancia, dois dos portos que servem de escoadouros para a exportação dos generos agricolas.

Em todo o territorio do Estado se faz o transporte pelos meios indicados, mesmo com as estradas ordinarias, por isso que agora é que se têm pequenos trechos de estradas de rodagem, ultimamente construidos, estando outros em boa marcha de construcção e alguns proximos a serem dado trafego livre.

Cobram os tropeiros, por carga de oito arrobas ou duas caixas eguaes, 5\$, por dia de viagem.

Não ha queixas vultosas contra os transportes e tarifas ferroviarias o mesmo se dando em relação ao serviço de navegação fluvial que, não obstante multiplos entraves e deficiencias na sua execução, é poderoso factor da prosperidade de alguns municipios.

Impostos sobre os generos de consumo

As propriedades de usinas e criação pagam impostos de industria e profissão, além do territorial, tudo ao Estado, como paga ao municipio 30 % sobre o que é pago ao Estado, do imposto de industria e profissão, e mais \$100 a \$150 por sacco de assucar de exportação (sahida do municipio).

Cada pé de coqueiro, nesse Estado, paga o imposto de \$100.

O algodão em lâ paga aos municipios \$300 por sacca de 75 a 100 kilos, é o imposto de exportação (sahida do municipio).

Nas feiras semanaes de todas as localidades o respectivo municipio cobra imposto por producto exposto á venda.

As municipalidades taxam cada carro de seis bois que faça transportes a frete com 20\$ e por animal para almocevar 12\$, tudo por anno.

O imposto para vender qualquer quantidade de leite, nos municipios, é 23\$ por anno; na capital esse imposto é de 103\$, nada pagando os estabulos urbanos e suburbanos.

Embora todos se queixem das taxações impostas, não são ellas as maiores responsaveis pela elevação de preços e entaves á producção dos generos de primeira necessidade. A alta dos preços é originada pelo mau inverno ou inundações e tambem maior procura dos mercados importadores.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O custo da alimentação, agravado pela acção de multiplos e variados factores, não experimentando ainda os beneficios de um custo de producção reduzido, tem sido de alguns annos a esta parte gradativamente encarecido. E, embora não tenham nossas observações abrangido as demais utilidades — habitação, vestuario, etc., sabe-se estarem da mesma fôrma, em uns municipios mais que em outros, sensivelmente augmentados os obstaculos á acquisição e uso das maiores como das mais modestas dessas utilidades.

O accrescimo das populações urbanas em detrimento das ruraes e as “retiradas” de trabalhadores agricolas para centros productores de outros Estados que lhes acenam com promessas de melhores salarios e, talvez, maior conforto, são factores que ao lado de outros de ordem geral contribuem poderosamente para a carestia da vida.

Já houve ensejo desse Serviço divulgar, em publicação que despertou apreciavel interesse, o indice dos preços dos generos alimenticios e da aguardente, de 1911 a 1921, no total de 147,56, equivalente ao augmento de 47,56 % no decennio, fazendo notar terem os generos de alimentação oscillado de 10,75 % durante o anno de 1921 e mais que os productos agricolas, mau grado o augmento de impostos na feira de Aracajú, tiveram no periodo seus preços elevados de 11,11 % a 100 % e os da pecuaria de 26,31 % a 80 %, accentuando que a farinha de mandioca e a carne de vacca, productos de avultado e corrente consumo, marcaram em suas classes os menores augmentos.

Agora, a comparação de preços correntes no mercado varejista de Aracajú, traduzidos em numeros indices no quadro abaixo, mostra ter havido entre os annos de 1921 e 1922 tendencia de baixa no custo da alimentação.

Indice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista de Aracajú em 1921 — 1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1922	+ %	- %
1	Café	100	150,00	50,00	—
2	Assucar	100	138,72	38,72	—
3	Toucinho	100	138,41	38,41	—
4	Arroz beneficiado	100	127,44	27,44	—
5	Leite	100	105,00	5,00	—
6	Carne de vacca	100	100,00	—	—
7	Carne de porco	100	100,00	—	—
8	Farinha de mandioca	100	100,00	—	—
9	Ovos	100	70,00	—	30,00
10	Feijão	100	52,50	—	47,50
11	Queijo	100	50,00	—	50,00
12	Milho	100	34,00	—	66,00
	MEDIA TOTAL.	100	97,17	—	2,83

Esse quadro mostra ter havido baixa de 2,83% nos preços correntes em 1921 e 1922 em Aracajú, e, que, de doze generos largamente consumidos, cinco experimentaram altas de 5 a 50%, tres conservaram os preços do anno anterior e quatro desceram de 30 a 66% no mesmo periodo. Entretanto, o indice obtido de agosto de 1922 ao mesmo mez de 1923 revela ter sido passageira a melhoria da situação dos consumidores. Os preços se elevaram de 19% no mercado de Aracajú e de 30% no de Propriá, mostrando o quadro seguinte que os preços medios nesses mercados, principaes do Estado, foram augmentados de 24%, percentagem correspondente ao indice 124 entre os extremos do periodo citado, observando-se que dos vinte e oito generos nelle apreciados apenas um conservou o preço anterior e quatro experimentaram baixas de 5,26% a 27,64% enquanto os vinte e tres restantes subiram de 2,71% a 130,55%. Dessa forma, o augmento medio annual verificado nos preços dos generos alimenticios em Sergipe que de 1911 a 1921 era de 5,84 desceu no anno seguinte a 5,05 para se elevar em 1923 a 6,53.

Índice dos preços dos generos alimenticios nos mercados varejistas de Aracajú
e Propriá

Agosto de 1922 — 1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS CORRENTES NO V REJO				O. CIL L ÇÕES	
		1922	Aracajú	Propriá	Média — 1923	+ %	- %
1	Leite	100	100,00	361,11	230,55	130,55	—
2	Assucar	100	200,00	193,52	196,76	96,76	—
3	Toucinho	100	177,78	—	177,78	77,78	—
4	Ovos	100	140,00	166,66	153,33	53,33	—
5	Carne de porco.	100	144,44	150,00	147,22	47,22	—
6	Polvilho	100	160,00	133,33	146,66	46,66	—
7	Sal.	100	100,00	190,00	145,00	45,00	—
8	Milho	100	127,50	135,58	131,54	31,54	—
9	Banha	100	115,38	142,85	129,11	29,11	—
10	Café	100	136,36	120,45	128,40	28,40	—
11	Carne de sol.	100	125,00	—	125,00	25,00	—
12	Farinha de trigo.	100	122,72	—	122,72	22,72	—
13	Batatinha.	100	100,00	142,85	121,42	21,42	—
14	Bacalhau	100	100,00	136,36	118,18	18,18	—
15	Carne de vacca	100	116,66	116,66	116,66	16,66	—
16	Feijão	100	123,52	104,05	113,78	13,78	—
17	Aves	100	—	106,31	103,31	6,31	—
18	Xarque	100	100,00	110,00	105,00	5,00	—
19	Azeite d. dendê.	100	100,00	107,69	103,84	3,84	—
20	Favas	100	—	102,71	102,71	2,71	—
21	Arroz	100	115,38	88,33	102,35	2,35	—
22	Carne de carneiro	100	111,11	91,67	101,38	1,38	—
23	Azeite doce	100	108,54	91,67	100,10	0,10	—
24	Batata doce	100	—	100,00	100,00	—	—
25	Manteiga	100	94,74	—	94,74	—	5,26
26	Oleo de algodão.	100	—	86,67	86,67	—	13,33
27	Queijo.	100	125,00	25,00	75,00	—	25,00
28	Farinha de mandioca	100	19,99	124,81	72,36	—	27,64
	Média total.	100	119,33	130,14	124,00	24,00	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado de Sergipe

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIOS	ENDEREÇO TELEGRAPHICO
Aguardente	Sabino Ribeiro & Comp.	Aracajú.	Aureliano.
»	Cruz & Irmão	Maroim.	Cruz.
»	Domingos Alves Ribeiro.	Estancia	Ribeiro.
Alcool	Antonio do Prado Franco	Riachuelo	Engenho Central.
»	Sabino Ribeiro & Comp.	Aracajú.	Aureliano.
»	Cruz & Irmão	»	Cruz.
»	H. Dantas & Comp.	»	Siltas.
»	Silva Mattos	»	Da Silva.
»	Wilh Schevell	»	Schevell.
»	Looeser & Freire	»	Fre.re.
»	Jardelino Porto.	»	Jardo.
»	Miguel Archanjo de Oliveira.	»	Archanjo.
Arroz	Gonçalves & Comp.	Propriá.	Minho.
»	Manoel Cesario Doria	»	Codorniz.
»	Antonio Thomaz	»	Solimões.
»	Cravo & Comp.	Villa Nova.	Usina.
»	P e i x o t o Gonçalves & Comp.	» »	Brasiluso.
»	Claudio Ribeiro & Comp.	Propriá.	Laurita.
Assucar.	Sabino Ribeiro & Comp.	Aracajú.	Aureliano.
»	Cruz & Irmão	»	Cruz.
»	Silva Mattos	»	Da Silva.
»	H. Dantas & Comp.	»	Siltas.
»	Looeser & Freire	»	Freire.
»	João Fontes de Menezes.	Santa Luzia	Usina Priapú.
»	Alipio Menezes	» »	Santo Antonio.
»	João aptista da Costa	» »	S. José.
»	Alipio Epiphanyo Lima.	» »	Cedro.
»	Cantidiano Vieira	»	Castello.
»	Paulo Vieira & Irmão.	»	S. Felix.
»	Costa Carvalho & Irmão.	» »	Antas.
»	Wilh Schevell	Aracajú.	Schevell.
»	Jardelino Porto.	»	Jardo.
»	Manoel Eugenio do Nascimento.	Boquim.	Dilecto.
»	Josaphat Macedo	»	Josaphat.
»	Robustiano Irmãos & Comp.	Itabaiianinha	Robustiano.
»	João de Lima Valverde.	»	Valverde.
»	Pedro Simões de Mattos.	»	Pedro Simões.
»	Cyrillo Soares do Nascimento.	»	Cyrillo.
»	Manoel Emilio de Carvalho.	Lagarto.	—
»	Paulo Nicolau de Almeida	»	—
»	R o s e n d o Barretto Machado.	»	—
»	Zacharias da Silva Junior	»	—
»	José Alves Vianna.	»	—
»	Victor José de Almeida	»	—
»	Thomé Dantas da Costa.	Campos	Thomé.
»	F Prata & Comp.	Annapolis	Prata
»	José Barretto & Comp.	»	Zebarreto.
»	Agrippino Prata	»	—

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIOS	ENDEREÇO TELEGRAPHICO
Assucar. . .	Antonio Alexandrino Filho.	Annapolis . .	—
Batatas. . .	José Cardoso . . .	Aracajú. . .	Miramar.
Cafê. . .	Antonio Alexandrino Filho	Annapolis . .	—
» . . .	Agrippino Prata . . .	» . . .	—
Caroço de algodão . .	Wilh Schevell . . .	Aracajú. . .	Schevell.
Cerâmica . .	José Teixeira Guimarães.	» . . .	Ceramica.
Cereaes. . .	H. Dantas & Comp. . .	» . . .	Siltas.
» . . .	Silva Mattos . . .	» . . .	Da Silva.
» . . .	Jardelino Porto. . .	» . . .	Jardo.
» . . .	Sabino Ribeiro & Comp.	» . . .	Aureliano.
» . . .	Manoel Eugenio do Nascimento.	Boquim . . .	Dilecto.
» . . .	Josaphat Macedo . . .	» . . .	Josaphat.
» . . .	Robustiano Irmãos & Comp.	Itabaianinha	Robustiano.
» . . .	João de Lima Valverde . .	» . . .	Valverde.
» . . .	Pedro Simões de Mattos.	» . . .	Pedro Simões.
Charutos . .	Leopoldo de Araujo Souza.	Estancia . .	Lasousa.
Cortume . .	Brito Filhos & Comp. . .	Propriá. . .	Canindé.
Couros . .	Figueiredo & Comp. . .	» . . .	Figueiredo.
» . . .	Miguel Archanjo de Oliveira.	Aracajú. . .	Archanjo.
» . . .	Josaphat Macedo . . .	Boquim. . .	Josaphat.
Farinha de mandioca .	H. Dantas & Comp. . .	Aracajú. . .	Siltas.
Idem . . .	Silva Mattos . . .	» . . .	Da Silva.
» . . .	Manoel Eugenio do Nascimento.	Boquim. . .	Dilecto.
» . . .	Josaphat Macedo . . .	» . . .	Josaphat.
» . . .	Robustiano Irmãos & Comp.	Itabaianinha	Robustiano.
» . . .	João de Lima Valverde. . .	» . . .	Valverde.
» . . .	Pedro Simões de Mattos. . .	» . . .	Pedro Simões.
Fructas. . .	José Cardoso . . .	Aracajú. . .	Miramar.
Fumo . . .	Manoel Emilio de Carvalho.	Lagarto. . .	—
» . . .	Paulo Nicolau de Almeida . .	» . . .	—
» . . .	Victor José de Almeida . .	» . . .	—
» . . .	Agrippino Prata . . .	Annapolis . .	—
» . . .	Antonio Alexandrino Filho.	» . . .	—
Madeiras . .	Macedo & Comp. . .	Boquim. . .	Docema.
» . . .	João Paulo Dantas. . .	» . . .	João Paulo.
Manganez . .	Hamilton Pinto de Oliveira.	Dôres . . .	Hamilton.
Mosaicos . .	Anthuso José Vieira . .	Aracajú. . .	Anthuso.
Oleo de côco . .	» . . .	» . . .	» . . .
» . . .	E. Porto & Andrade . . .	» . . .	Alliança.
» . . .	José Alcides Leite. . .	» . . .	Alcides.
» . . .	Jardelino Porto. . .	» . . .	Jardo.
Tecidos de algodão . .	Comp. Industrial de Estancia.	Estancia . .	Tecidos.

PRODUCTOS	FIRMAS	MUNICIPIOS	ENDEREÇO TELEGRAPHICO
Tecidos de algodão . .	Empreza Industria Estanciana.	Estancia . .	Alegrete.
Idem . . .	Ribeiro, Chaves & Comp.	Aracajú. . .	Confiança.
» . . .	Brittos, Menezes & Comp.	Propriá. . .	Progresso.
» . . .	A. Antunes & Comp. .	Villa Nova. .	Textil.
» . . .	Peixoto Gonçalves & Comp.	» » . .	Brasiluso.
» . . .	Azevedo, Amado & Comp.	S. Christovam.	Fabril.
» . . .	Cruz Ferraz & Comp. .	Aracajú. . .	Industrial.

ESTADO DA BAHIA

— Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas.— Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado



I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

A alimentação da população bahiana, de afamado requinte no preparo de iguarias proprias, variada e abundante, tem a sua composição modificada segundo os habitos e recursos das classes sociaes e a maior ou menor facilidade de aquisição dos productos *in loco*.

Entre os generos de maior consumo na capital e no interior do Estado, se pode citar, entre outros, os seguintes: assucar, arroz, aves, batatas, bacalhão, carne de vacca fresca e de sol, carne de porco, de carneiro e de cabra, café, cebolas, feijão, favas, farinha de mandioca, fructas, leite, manteiga, milho, oleos alimentares de dendê e de oliva, ovos, peixes, queijo, rapadura, toucinho, xarque, etc.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

Todos esses artigos são produzidos no Estado, com a excepção apenas do bacalhão, do azeite dôce e do xarque.

As batatas e as cebolas, tambem importadas, podiam ser cultivadas em larga escala nas regiões do S. Francisco, em Itiúba e outros pontos da Bahia, onde produzem extraordinariamente.

Para a fabricação do xarque, já foram inauguradas duas xarqueadas, una no municipio de Maragogipe e a outra nos arredores da cidade de Cachoeira, cujos productos são considerados de boa qualidade.

A cultura do trigo, ensaiada, com segurança de exito, desde os tempos coloniaes, nos municipios de Jacobina, Ituassú, Minas do Rio de Contas e Villa Velha, podia constituir fonte de riqueza publica, evitando a saída de alguns milhares de contos de réis para importação de sua farinha.

Felizmente, a propaganda para o desenvolvimento dessa cultura vae produzindo, embora lentamente, os effeitos almejados.

Oscillações dos preços

As épocas do anno em que os generos de producção local soffrem em seus preços maiores oscillações, reflectindo-se ás vezes sobre os de importação, — mais influenciados, sem duvida, por factores agindo nos mercados de origem —, dependendo de causas diversas, complexas e imprevistas, estão ligadas ás das respectivas colheitas e de outras phases dos trabalhos agricolas.

A escassez ou abundancia dos productos nos mercados, embora relacionadas e dependentes da questão dos transportes, é uma consequencia das boas ou más colheitas e assim, após a realização dessas, recrudescendo a remessa dos productos aos mercados, verifica-se depressão nos preços. Nos centros productores accentua-se a baixa quando, o que é commum, encontram difficuldades de exportação e attinge á desvalorização quando a deficiencia de meios de transporte dá logar á superproducção.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

O correr das estações influindo sobre a producção é factor de variação nos preços. As seccas mais ou menos frequentes no sertão, as estiagens prejudiciaes nessa zona e na do reoncavo e raramente excesso de chuvas na zona do Sul e inundações maiores ou menores nos rios do Estado, damnificando culturas e pastagens, — contribuem para alteração da producção nos respectivos locais e dos preços em maior ou menor escala, de um modo geral.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A escassez ou abundancia das colheitas, embora dependendo da fertilidade das terras cultivadas, estão de tal modo ligadas aos factores climatericos e á superproducção — registada em alguns pontos — aos entraves á boa circulação dos productos, que a influencia maior sobre a variação dos preços a elles deve ser creditada.

Não são poucos os lavradores que, — dispondo de boas terras e alguns recursos —, dizem plantar pouco com receio de produzir muito, isso por causa da insufficiencia dos meios de transporte. Entretanto, nada obstante essa providencia ser de bom aviso em um grande numero

de municípios bahianos, outros ha onde mais favoraveis esses meios á conquista dos mercados que, a par da fertilidade do solo seriam da maior vantagem e esforços no sentido não só de augmentar a producção como de reduzir o seu custo ao lavrador, podendo então fazer face á concorrência, e ser negociada com maiores lucros e, certamente, a menores preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento medio annual da população, 0,127 de 1872 a 1920, ainda inferior ao dos demais Estados, está, entretanto, máo grado o movimento de «retiradas» para outros pontos do paiz, em ascenção, — obtendo no correr dos dois ultimos decennios maior desenvolvimento que o medio de Alagóas, Amazonas, Districto Federal, Espirito Santo, Maranhão, Minas, Pará, Paraná, Piauhy, Rio Grande do Sul, S. Paulo e Sergipe —, notando-se que de 1872 a 1890 o crescimento da familia bahiana foi de 0,0185, de 1890 a 1900 de 0,099 e desse anno ao de 1920 alcançou a 0,0233 annualmente. Já o mesmo não succedeu ao crescimento annual da população da Capital que durante os mesmos periodos baixou de 0,0169 a 0,0167 e dahi a 0,0164 de 1900 a 1920, deixando S. Salvador nesse particular em decimo oitavo logar em relação ás demais capitães, inclusive a Federal.

A densidade territorial da população do Estado, 7,820 habitantes por kilometro quadrado, maior que a do paiz e do Amazonas. Goyaz, Maranhão, Pará, Paraná, Piauhy e Territorio do Acre, em ascenção animadora especialmente a partir de 1900, é, mesmo não se apurando a producção e consumo *per capita* na lavoura, factor de maior importancia na vida economica e commercial da Bahia. População laboriosa e intelligente, não fosse a influencia de causas outras e os entraves á boa circulação dos productos, seria detentora não só de sua grande cultura como e principalmente de invejavel situação economica.

Crises agricolas e commerciaes

A Bahia, sob a influencia de factores que affectam ao desenvolvimento de sua producção e commercio, tem atravessado crises maiores ou menores que, felizmente, pela variedade de suas explo-

rações e condições peculiares a cada uma de suas zonas de produção, são geralmente parciaes quando provocadas por condições atmosphéricas desfavoraveis.

As seccas periodicas, menos calamitosas que nos Estados do Nordeste, são responsaveis pelas maiores crises agricolas do Estado, mas incidem, de preferencia, sobre os municipios da zona sertaneja em detrimento de sua vida agricola. As demais zonas, — littoral e reconcavo e a do sul ou da matta —, esta especialmente, não são sujeitas á acção desse flagello. Mesmo assim, considerados os entraves á boa circulação dos productos, generos de grande consumo, como a farinha de mandioca, escasseiando nos centros productores em virtude da grande procura para o abastecimento da região flagellada, soffrem grandes alterações nos preços, como se verificou nas seccas de 1860 e 1900 em que de \$100 a \$200 por litro se elevou a 1\$000 e até mais pela mesma unidade.

O rythmo dessas crises originarias de prolongadas estiagens ou maiores seccas, embora objecto de controversias, dizem decennial, sendo as mais rigorosas observadas em cyclos de 20 a 30 annos. Entretanto, ha regiões no Nordeste do Estado onde as pequenas seccas se repetem mais frequentemente, — “em periodos triennaes” — e por isso mesmo são ellas menos cultivadas.

O excesso de chuvas com inundações de grande vulto em alguns dos principaes rios do Estado é tambem causa de crises na agricultura bahiana.

Os embarços á circulação dos productos dos centros productores para os mercados e, por outro lado, a baixa dos preços dos generos de exportação nos mercados externos, — reflectida sempre sobre os dos internos —, provocam crises que se aggravam á medida da desvalorisação dos productos em detrimento da lavoura e da vida economica do Estado.

O desvio de braços dos trabalhos agricolas locaes para outros Estados e entre elles os do Espirito Santo, S. Paulo e Minas Geraes; para as construcções ferroviarias e outras obras publicas; o movimento de trabalhadores dentro do proprio Estado, á procura de melhores e muitas vezes enganosos salarios, e, ainda, a tendencia das populações ruraes de alguns municipios se desviarem para os centros populosos, é, no momento, como outr’ora a emigração para o extremo Norte, motivo de desorganisação e insuperavel difficuldade da lavoura nos centros attingidos.

Exame e mecanismo dos mercados

Os grandes e médios agricultores vendem os seus productos directamente aos commerciantes que são os intermediarios entre o productor e o consumidor; os pequenos agricultores vão vendel-os directamente nos mercados e nas feiras das cidades, villas e povoações do interior.

Não ha cooperativas de consumo. A incipiente instrucção das populações ruraes, não permite ainda o estabelecimento das cooperativas agricolas, que só podem medrar em um meio propicio, apesar da propaganda intensa que se vem fazendo sentir, mostrando a necessidade inadiavel de suas installações por toda parte.

A ausencia do credito agricola servindo a todas as classes productoras, tem concorrido indubitavelmente para a situação que atravessa no momento a agricultura local, urgindo a fundação de caixas ruraes das quaes o typo Raiffeisen, merece preferencia, — experimentado como está no Estado do Rio —, como um passo seguro para a criação do credito agricola accessivel aos pequenos e médios productores.

Ha na Bahia um estabelecimento de credito agricola e hypothecario, só aproveitando aos grandes agricultores, notadamente aos agricultores de cacau.

São quasi desconhecidas as operações de *warrantagem*.

Só nas culturas de cacau, de canna e de tabaco se observam contractos de compra e venda na *folha* ou das *colheitas pendentes*.

Entregues os destinos dos productores nas mãos de exportadores, nacionaes e estrangeiros, dispõem elles como entendem dos generos principaes, dictando os preços.

Os meios postos em pratica pelos exportadores dos principaes productos agricolas nem sempre são rasoaveis, sobretudo em relação ao cacau, canna de assucar, café e funo.

O Syndicato Assucareiro, por exemplo, de posse de quasi todas as usinas de assucar da Bahia, paga por tonelada de canna ao agricultor, annualmente, importancia muito inferior á dos demais Estados assucareiros, de modo que a cultura tende a diminuir sensivelmente. E assim, sendo o assucar crystal, de primeira qualidade, vendido a razão de 80\$000 o sacco de 60 kilos os agricultores bahianos julgar-se-ão felizes, se as usinas lhes pagarem a tonelada á razão de 30\$000.

Classificação commercial dos productos agricolas

Observando-se, algumas vezes, fraudes de productores menos escrupulosos que, sem medir as consequencias do erro, adicionam aos seus productos, substancias extranhas e de grande densidade como areia, pedras, etc., no intuito de illudir aos commerciantes, é sem duvida, questão das mais importantes, o beneficiamento e limpeza dos productos agricolas, no estabelecimento da classificação commercial.

E os beneficiados gosam, naturalmente, de melhores cotações nos mercados, notando-se que, muita gente, caprichosa, já se esméra em apresental-os á venda nas melhores condições.

Relativamente á classificação do assucar e do algodão, são adoptadas as de Pernambuco e Parahyba. Sobre o tabaco, os exportadores criaram os typos denominados — fumo *patente* de *primeira* de *segunda* e *terceira*. Em relação ao cacau, os exportadores acabaram inutilizando os typos criados pelos agricultores, estabelecendo a tão decantada *baldeação*, consistindo na mistura de todos os typos existentes, dando em resultados a desvalorização dessa mercadoria nos mercados estrangeiros, como acabou de demonstrar o coronel Gacsler Netto, nosso agente propagandista nos mercados da Allemanha.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

As tarifas das estradas de ferro na opinião do Inspector Agricola não permittem o desenvolvimento da producção, e, como prova dessa asserção cita que, uma arroba de algodão, até 1920 pagava de transporte da estação da estrada de ferro em Joazeiro para a Capital \$300, paga hoje cerca de 1\$800, resultando como consequencia logica, a redução da cultura algodoeira nas margens do S. Francisco, hoje reduzida a menos de metade.

Não ha estradas de rodagem, nem carroçaveis, ligando centros productores a estações de caminhos de ferros. Estado immenso com perto de 500 mil kilometros quadrados de superficie, conta apenas 2.000 kilemetros de más estradas de ferro, em trafego.

Os transportes nas empresas de navegação, fluvial e maritima, são tambem elevados, concorrendo igualmente para retardar o progresso agricola e industrial do Estado.

Sobre o assumpto, afirma que são por demais deficientes os meios de que podem dispôr os agricultores para o transporte de seus productos.

Um sacco de cacau com 60 kilos paga de transporte, nos vapores da “Navegação Bahiana”, 2\$600 do porto de Ilhéos á Capital, preço relativamente maior que o cobrado pelo mesmo volume para os Estados Unidos da America do Norte.

O transporte de gado em pé, nas estradas de ferro, são tambem muito caros, tanto que da cidade do Bomfim para Calçada, na Capital, um boi vivo paga 32\$300, importancia equivalente a uma passagem de primeira classe sendo o percurso de 130 kilometros.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Os impostos, incidindo sobre os generos de producção e consumo, directos ou indirectos — são federaes, estaduais e municipaes. Os federaes e estaduais são geraes e os municipaes só difficilmente podem ser enumerados.

Os impostos sobre as propriedades agricolas em verdade são razoaveis, o mesmo se não podendo dizer em relação a outros que por elevados concorrem para o atrophiamiento do progresso agricola, estando nesse caso algumas das taxações sobre os productos destinados á exportação. Queixam-se dos impostos intermunicipaes de exportação e, em verdade, é elle um dos consideraveis entraves á regular circulação e commercio dos productos da lavoura.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Nenhuma medida, de iniciativa particular ou publica, tendente ao barateamento do custo da vida, foi tomada, e, afóra as *feiras* realizadas na Capital e outros centros povoados, não se conhece de organizações cooperativas ou não, visando o alcance desse *desideratum*. Entretanto, todas as utilidades, sob influencias varias e entre as quaes além dos factores apontados avulta o pequeno valor acquisitivo da nossa moeda e alta dos preços de artigos de exportação reflectindo-se sobre os salarios e cotações locais.

Na parte abrangida pelas nossas observações — a alimentação — teve o Serviço ensejo de apurar, durante o anno de 1921, em relação ao de 1911, que o indice no varejo para treze generos foi de 157,90 correspondendo ao augmento de 57,90 % no decennio ou 5,79 % annualmente, fazendo notar que nesse periodo os generos de producção agricola (arroz 90 %, assucar 25 %, feijão 200 %, farinha de mandioca 23,07 % e milho 125 %) foram augmentados em seus preços em 92,61 % e que os de origem animal (carne de vacca 50 %, de porco 53,84 %, de carneiro 50 %, toucinho 42,85 %, manteiga 77,77 %, requeijão 50 %, aves 42,85 %, e ovos 33,33 %) no mesmo periodo alcançaram em média 50,08 % de majoração nas respectivas cotações.

No quadro n. 1, — comparativo dos preços correntes a retalho na Capital e cidades de Bomfim, Ilhéos, Lençóes e Barra, entre os annos de 1921 e 1922, nota-se que foi de 6,37 % a aggravação média do custo da alimentação nesses mercados e que dos dezoenove generos apreciados, quinze subiram de 1,78 % a 14,85 % e apenas quatro mantiveram os preços correntes em 1921. Nos mercados de Barra e Lençóes os augmentos médios (2,73 % e 5,74 %) foram inferiores aos da Capital, — 5,84 % e nos de Ilhéos e Bomfim (7,52 % e 12,81 %) superiores.

O augmento médio annual dos preços na Capital até 1922 conservou-se igual ao de 1911 a 1921 que como vimos foi de 5,79% elevando-se entretanto a 5,84% considerados os demais mercados apreciados.

O quadro n. 2, — comparativo dos preços correntes nos mesmos mercados em 1922 - 1923 — mostra maior tendencia de augmento no custo da alimentação e em vinte generos, dezesseis tiveram os preços elevados de 3,99% a 50,45%, tres mantiveram os preços do anno anterior e apenas um baixou, mas... de 0,01%.

O augmento médio annual na Capital foi elevado a 6,14, attingindo a 6,46% considerando-se a média dos mercados estudados. E, comparando-se os indices, nota-se que apenas na cidade de Bomfim houve em 1923 uma pequena tendencia de baixa — 0,32% contra augmentos de 4% a 12,51% nos demais mercados.

MERCADOS	INDICES		DIFFERENÇA	
	1921 - 1922	1922 - 1923	+ %	- %
S. Salvador	105,89	109,89	4,00	—
Bomfim.	112,91	112,59	—	0,32
Ilhéos	107,52	113,28	5,76	—
Lençóes.	105,74	116,81	11,07	—
Barra	102,73	115,24	12,51	—
Média total	106,37	113,29	6,92	—

Índice dos preços do gêneros alimentícios nos mercados varejistas de S. Salvador, Bomfim, Ilhéos, Lenções e Barra — Bahia
1921-1922 (N. 1)

NUMERO DE ORDEM	GENÉROS	PREÇOS MÉDIOS					OSCILAÇÕES			
		1921	S. Salvador	Bomfim	Ilhéos	Lenções	Barra	1922	+	-
									%	%
1	Assucar.	100	110,00	125,00	114,28	100,00	125,00	114,85	14,85	—
2	Carne verde	100	100,00	125,00	120,00	120,00	100,00	113,00	13,00	—
3	Milho	100	110,00	125,00	100,00	100,00	125,00	112,00	12,00	—
4	Batatinha	100	125,00	120,00	100,00	100,00	—	111,25	11,25	—
5	Cebolas.	100	120,00	—	100,00	—	—	110,00	10,00	—
6	Sal	100	100,00	114,28	133,33	100,00	100,00	109,52	9,52	—
7	Bacalhau	100	101,35	—	109,09	113,63	—	109,02	9,02	—
8	Café.	100	110,00	111,11	100,00	111,11	100,00	108,44	8,44	—
9	Feijão	100	100,00	120,00	100,00	113,33	100,00	105,65	6,65	—
10	Queijo	100	—	125,00	—	—	—	106,65	6,65	—
11	Carne de porco	100	100,00	100,00	111,41	116,65	100,00	105,55	5,55	—
12	Farinha de mandioca.	100	100,00	100,00	125,00	100,00	100,00	102,00	2,00	—
13	Xarque	100	109,09	—	100,00	—	—	104,54	4,54	—
14	Carne de sol	100	—	108,33	—	100,00	100,00	102,77	2,77	—
15	Toucinho	100	—	107,14	100,00	100,00	100,00	101,78	1,78	—
16	Peixe fresco	100	100,00	—	100,00	—	—	100,00	—	—
17	Arroz secco	100	—	100,00	—	—	—	100,00	—	—
18	Arroz	100	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	—	—
19	Vinagre.	100	100,00	—	—	—	—	100,00	—	—
	Média total.	100	105,89	112,91	107,52	105,74	102,73	105,37	6,37	—

Índice dos preços de géneros alimentícios nos mercados varejistas de S. Salvador, Bomfim, Ilhéos, Lençóes — Bahia
1922 — 1923 (N. 2)

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS						OSCILAÇÕES		
		1922	S. Salvador	Bomfim	Ilhéos	Lençóes	Barra	1923	+	%
1	Asucar.	100	181,81	120,00	150,00	150,00	—	150,45	50,45	—
2	Queijo	100	—	112,00	—	—	146,66	129,33	29,33	—
3	Carne de sol	100	—	115,30	—	125,00	140,00	126,76	26,76	—
4	Cebolas	100	120,00	—	120,00	—	—	120,00	20,00	—
5	Arroz	100	116,66	120,00	114,28	128,58	114,28	118,76	18,76	—
6	Batatinha	100	120,00	100,00	150,00	100,00	—	117,50	17,50	—
7	Sal	100	100,00	125,00	125,00	125,00	110,00	117,00	17,00	—
8	Farinha de mandioca	100	100,00	100,00	120,00	125,00	125,00	114,00	14,00	—
9	Peixe fresco	100	120,00	—	100,00	—	120,00	113,33	13,33	—
10	Feijão	100	100,00	125,00	100,00	117,64	120,00	112,52	12,52	—
11	Rapadura	100	—	125,00	—	—	100,00	112,50	12,50	—
12	Café	100	100,00	100,00	120,00	100,00	122,22	108,44	8,44	—
13	Toucinho	100	—	106,66	110,00	115,38	100,00	108,01	8,01	—
14	Carne de porco	100	100,00	140,00	100,00	100,00	100,00	108,00	8,00	—
15	Milho	100	100,00	100,00	100,00	120,00	100,00	105,00	5,00	—
16	Bacalhau	100	99,99	—	100,00	112,00	—	103,99	3,99	—
17	Peixe secco	100	—	100,00	—	—	—	100,00	—	—
18	Carne verde	100	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	—	—
19	Vinagre	100	100,00	—	—	—	—	100,00	—	—
20	Xarque	100	90,00	—	109,99	—	—	99,99	—	0,01
	Média total	100	109,89	112,59	113,28	116,81	115,24	113,29	13,29	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado da Bahia (*)

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇO — (Cidade)
Assucar	Magalhães & Comp.	São Salvador.
Borracha	Alfredo H. de Azevedo.	» »
»	Tude Irmão & Comp	» »
»	Newcomb & Comp.	» »
»	Companhia Commercial São Sal- vador.	» »
»	Companhia Exportadora Brasileira	» »
»	E. Wilson.	» »
Cacau	F. Stevenson & Comp.	» »
»	Wildberger & Comp.	» »
»	Berhmann & Comp.	» »
»	Companhia Commercial Owerbeck	» »
»	Magalhães & Comp.	» »
»	Saback & Comp.	» »
»	Alexandre V. Uslar	» »
»	Hans Staltemberg	» »
»	Barreto de Araujo & Comp.	» »
»	Epifanio de Souza	» »
»	S. A. Nielsem	» »
»	Hugo Kaufman	» »
»	Duder & Comp.	» »
»	Agenor Gordilho.	» »
»	Bahia & Comp.	» »
»	Scaldaferri Irmão.	» »
Café	Companhia Commercial Owerbeck	» »
»	Magalhães & Comp.	» »
»	Tude Irmão & Comp.	» »
»	Saback & Comp.	» »
»	Wildberger & Comp.	» »
»	Scaldaferri Irmão.	» »
Couros e pelles	Rosback Brasil, C ^a	» »
» » »	Wildberger & Comp.	» »
» » »	Newman & Comp.	» »
» » »	E. Wilson & Comp.	» »
» » »	Frank & Comp.	» »
» » »	F. Stevenson & Comp.	» »
» » »	L. Lassarre	» »
» » »	L. Costa & Comp.	» »
Ccreacs	Studer & Comp.	» »
»	S. A. Moinho da Bahia.	» »
Côcos e coquilhos	Newcomb & Comp.	» »
» » »	Companhia Brasileira Exporta- dora	» »
» » »	Tude Irmão & Comp.	» »
» » »	C. Ravosana & Comp.	» »
» » »	S. S. Schindler	» »
» » »	A. Raponi & Comp.	» »
Chifres, fibras, mamona, plantas medicinaes	Stevenson & Comp.	» »
Idem idem.	Newcomb & Comp.	» »
» »	Alfredo H. de Azevedo.	» »
» »	Companhia Brasileira Exporta- dora	» »
» »	Tude Irmão & Comp.	» »

(*) Incompleta.

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇO — (Cidade)
Chifres, fibras, mamona, plantas medicinaes	João do Rego Filho	São Salvador.
Idem idem	Walter Meister	» »
» »	C. Ravosana & Comp.	» »
Manganez.	Lavigne & Comp.	» »
Madeiras	Octavio F. Branco	» »
»	E. Wilson & Comp.	» »
»	F. S. Martins.	» »
»	Franch & Comp.	» »
»	C. Rasovano & Comp.	» »
Minereos	Amaral Ferreira & Comp.	» »
»	Duder & Comp.	» »
Pedras preciosas	J. F. Vander Poll	» »
» »	Amaral Ferreira & Comp.	» »
» »	Duder & Comp.	» »
» »	Companhia Brasileira Exportadora	» »
» »	Barretto Araujo & Comp.	» »
Piassava	Companhia Commercial Owerbeck	» »
»	Saturnino Silva Ribeiro.	» »
»	Alfredo H. de Azevedo.	» »
»	S. S. Schindler	» »
»	F. Stevenson & Comp.	» »
»	Tude Irmão & Comp.	» »
»	Behmam & Comp.	» »

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

I — Circulação dos productos agricolas :

Generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Influencia da fertilidade das terras sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes

Exame e mecanismo dos mercados

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas. — Fretes

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação :

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado :



I — Circulação dos productos agricolas

Generos de consumo e abastecimento dos mercados

Os generos alimenticios de maior consumo no Espirito Santo são em grande parte produzidos no Estado e, a excepção da farinha de trigo, do azeite de oliveira e de outras especialidades de indústrias ainda não estabelecidas no meio, o abastecimento dos mercados espirito-santenseo poderia ser feito com os recursos de sua propria produção. Entretanto, mesmo cereaes e feijão, embora objecto de exportação, são em parte procedentes de outros Estados e especialmente do Rio Grande do Sul e S. Paulo. Minas exporta pelo porto de Victoria parte de sua produção que é drenada pela estrada de ferro Victoria-Minas. O desenvolvimento da cultura do feijão e da do milho, — generos de grande consumo em todo o Estado, dependendo de factores diversos, não é maior porque o cultivo do café e outras explorações mais lucrativas absorvem a attenção das populações ruraes. O custo da produção relativamente elevado, a necessidade da conservação desses productos, etc., e a concurencia de outros centros productores nos mercados locais, contribuem inegavelmente para a inferioridade da produção de feijão e milho, tanto mais quando o café está valorizado e dando margem a vultosos lucros.

Nos municipios cafeeiros do Estado e especialmente naquelles em que predominam nas fazendas os colonos italianos, quasi todos dedicados ao cultivo e trato dessa preciosa rubiaceae, os lavradores compram de tudo quanto necessitam para o custeio da casa e da propriedade, do feijão á farinha de mandioca. O café dá e de sobra para a satisfação de todas as necessidades.

Os colonos allemães, entretanto, previdentes e superiormente orientados, indicam o melhor e mais acertado caminho do progresso e da economia, plantando e produzindo — mais ou menos — de tudo quanto necessitam e podem vender.

O barateamento do custo da produção, exigindo modificações nos methodos de exploração das terras, encontra nos altos preços do café

entraves de certa monta, — quer pelos elevados preços dos salarios, quer pelas difficuldades do emprego de machinas agricolas de preparo do sólo e de tratos culturaes na zona das serras ou montanhosa, que é a principal productora de café no Estado. Entretanto, as colheitas são fartas e as terras ricas e adequadas á maioria das culturas. Zonas de excellentes terras e bem irrigadas têm permittido o successo da colonisação, occupando o Estado, na escala decrescente, o 6º lugar entre os colonisados, considerados o valor das terras, das bemfeitorias e dos machinismos e instrumentos agrarios pertencentes a estrangeiros.

A farinha de mandioca, genero tradicional no consumo e na producção espirito-santense, representou por muitos annos a principal exploração agricola do Estado. Atravessando phases de grande prosperidade, provocou o estabelecimento de novas fazendas e, registando progressivo augmento de exportação, chegou a assumir um papel preponderante na vida economica do Espirito Santo. Com o desaparecimento do braço escravo, — já em declinio desde o desenvolvimento da cultura do café, soffreu o cultivo da mandioca golpe de morte, e, luctando com o encarceramento da mão de obra, não mais reconquistou sua primitiva posição, havendo mesmo annos em que a farinha é importada. Ainda assim, quando o preço da farinha se eleva, a cultura da mandioca toma impulso, soffrendo, por isso, bruscas e sensiveis oscillações, mesmo de um anno para outro, os algarismos de sua producção.

Na zona littoranea, onde os factores climaticos são mais favoraveis ao cultivo da mandioca, é maior a producção de farinha, occupando lugar destacado entre os municipios productores os de S. Matheus, Barra de S. Matheus e Collatina. Quasi todos os municipios produzem farinha para o consumo e alguns, como os de Itapemerim, Piuma, Rio Novo, Anchieta e outros, fazem pequena exportação desse producto, que é um dos alimentos favoritos da população, principalmente da classe pobre.

O abastecimento de assucar é todo feito com os recursos da producção do Estado. A cultura da canna no Espirito Santo, feita desde os primordios de sua colonisação, constituiu com a da mandioca, exploradas na zona do littoral, a maior riqueza agricola capichaba, até que, com o desbravar do interior, cederam á do cafeeiro a prioridade economica, como base da fortuna publica e particular. O cultivo da canna prosperou muito no tempo dos jesuitas. Declinando com a prohibição do trafego africano, soffreu depois, com a abolição da escravatura, a maior

de suas crises. Estacionaria ainda em alguns centros productores é, lavoura desenvolvida no sul do Estado e especialmente nos municípios de Itapemerim, Cachoeiro do Itapemerim, Muqui, Ponte de Itabapoana e S. Pedro de Itabapoana. As cannas produzidas em alguns dos municípios do sul do Estado são vendidas ás usinas e em outros, sobretudo nos do norte, onde a industria do assucar está em Estado embryonario, são transformadas em rapaduras, assucar mascavo e aguardente, consumidos no proprio local da producção e exportados para o mercádo da capital. Existem no Estado a usina das Painceiras no município de Itapemerim, a Jabaquara no de Benevente e a Cascata no de S. Pedro de Itabapoana. A primeira distando 20 kilometros da barra do mesmo nome e á mesma ligada por estrada de ferro. e a ultima é servida pela estação de D. America, na Estrada de Ferro Leopoldina. O Estado é exportador de assucar.

O arroz é produzido em quantidade bastante para o consumo do Estado e ainda objecto de exportação. A batatinha é em grande parte importada, podendo, entretanto, ser exclusivamente de producção local. O abastecimento de fructos e hortaliças nas cidades é satisfeito com os recursos da producção local, importadas especialidades estrangeiras de limitado consumo.

O leite, o toucinho e as carnes verdes são produzidos no Estado. O xarque é importado do sul do paiz. A manteiga e a banha, objecto de industria domestica, são ainda em grande parte importadas.

O desenvolvimento da industria pastoril tem sido apreciavel, sobretudo em relação á criação de suinos, 803 por 1.000 habitantes, coeфициente superior ao do paiz e somente inferior aos alcançados pelos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Goyaz, Santa Catharina e Minas Geraes. Os municípios que possuem o maior rebanho suino no Estado são os de Cachoeiro do Itapemerim, Alegre, Linhares, Riacho, Santa Thereza, Boa Familia e Santa Izabel.

O rebanho bovino em 1920 correspondia ao coeфициente de 352 cabeças por 1.000 habitantes, superior ao de Pernambuco, e é maior nos municípios de Cachoeiro do Itapemerim, Alegre, S. Mathem e Santa Thereza. Ovinos e caprinos são criados em limitada escala, sendo maiores criadores os municípios de Santa Cruz, Nova Almeida, Itapemerim, Cachoeiro do Itapemerim, Pau Gigante e Santa Izabel.

Oscillações dos preços

As oscillações dos preços, subordinadas a influencias diversas, locais e externas, não podem ser rigorosamente observadas. Geralmente os preços dos generos agricolas de producção local, dentro dos limites das influencias do mercado do Rio de Janeiro, baixam depois de iniciadas as colheitas e primeiras entradas nos mercados e sobem a medida que vão escasseiando nos mercados consumidores e centros productores.

Os generos importados são influenciados em seus preços no varejo pelas cotações que vigoravam nos mercados fornecedores e reciprocamente pela abundancia ou não dos similares de producção local presentes no mercado.

A alta do café, base da economia particular e publica do Estado, influe poderosamente sobre os preços dos demais generos da producção agricola. Desviando-se todas as actividades, na zona productora, para essa preciosa rubiaceae, são as demais culturas de generos alimenticios reduzidas ou abandonadas, provocando, com a escassez das colheitas, a importação de quasi todos os generos de consumo em maior escala.

Influencia dos factores elimatericos sobre a variação dos preços

As épocas do plantio e das colheitas, como vimos, têm, pela escassez ou abundancia dos generos nos mercados, influencia sobre os preços e estão subordinadas ao correr das estações. Não estando o Estado sujeito ás alternativas em que vivem outros, só esporadicamente soffrendo os danos de maiores estiagens ou vultosas inundações, a influencia dos factores climaticos não tem decisiva importancia. Entretanto, na zona do littoral, sob outros aspectos, modificadas as condições actuaes pela drenagem e saneamento de vastas áreas inundadas e corrigidos os riquissimos alluviões ahi existentes, acidos e ricos em humus, não só se conquistaria grande área de terrenos proprios para cultivos varios e criação, como o melhoramento das condições de salubridade da zona e sua colonisação.

Influencia da fertilidade das terras sobre a variação dos preços

Mantida ou pouco reduzida na maioria dos terrenos cultivados, intacta em outros de afamada ou reconhecida capacidade productora,

a fertilidade das terras espirito-santenses, não influe de maneira apreciavel, ao menos, sobre a variação dos preços. Indirectamente, entretanto, essa influencia poderia ser apreciavel se o custo da produção fosse, tanto quanto possível, barateado pela adopção, nos terrenos proprios, da lavoura mecanica, que, reduzindo o numero de braços e melhorando as condições culturaes das terras, proporcionando menos custosas e sem duvida maiores colheitas, seria, em condições de favoravel competencia, de apreciavel influxo na formação dos preços nos mercados.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento médio annual da população espirito-santense, 0,0367 de 1872 a 1920, superior ao médio do Brasil e ao de todos os demais Estados, Districto Federal e Territorio do Acre, revela o surto desenvolvimento do consumo e capacidade de produzir e crear, tanto mais quanto o crescimento médio annual da população da capital, embora vultoso, foi de 1900 a 1920 muito inferior ao do Estado. A densidade da população 10,199 de habitantes por kilometro quadrado — inferior á dos Estados de Alagoas, Ceará, Minas Geraes, Parahyba do Norte, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catharina, S. Paulo e Sergipe — poderá ser consideravelmente augmentada com a exploração e colonisação das grandes áreas até agora desoccupadas e ainda, em grande parte, exigindo trabalhos serios de drenagem e saneamento.

Predominam as propriedades menores — maximo de 41 hectares — sobre o total das recenseadas no Estado em 1920, nos municipios de Alfredo Chaves, Benevente, Cachoeiro do Itapemerim, Cariacica, Conceição da Barra, Espirito Santo, E. S. do Rio Pardo, Guarapary, Itapemerim, Linhares, Nova Almeida, Pau Gigante, Piúma, Ponte de Itabapoana, Rio Novo, Santa Cruz, Santa Thereza, S. João do Muquy, S. Matheus, S. Pedro de Itabapoana, Serra e Vianna. As maiores — mais de 2.000 hectares — são encontradas nos municipios de Itapemerim, Cachoeiro do Itapemerim, Alegre, Espirito Santo do Rio Pardo, S. Pedro de Itabapoana, Victoria, Boa Familia, S. João do Muquy, S. José do Calçado e S. Matheus. A maior área média dos immoveis recenseados em 1920 foi alcançada pelo municipio de Victoria e a menor pelo de Cariacica.

Crises agricolas e commerciaes

Raramente ha crises agricolas e, quando se manifestam, é em consequencia da baixa do café.

São essas crises de maiores effeitos porque apanham sempre como que desprevenidos os lavradores da principal zona productora do Estado, que, só então, tratam de desenvolver, mais das vezes tardiamente, o cultivo do feijão, cereaes, mandioca, etc., bastante reduzidos durante os periodos da valorisação e dos preços altos do café. A industria de exploração das madeiras — objecto de animado commercio — tem suas maiores crises ligadas ao problema dos transportes. A actividade agricola do Espirito Santo, sobretudo nos periodos de maiores actividades nos trabalhos publicos e industrias extractivas, soffre as consequencias do desvio de braços para as construcções de estradas, etc., e, especialmente, para a exploração das madeiras, que dá margens a melhores remunerações. O saneamento de algumas regiões do littoral e valles dos maiores rios e medidas visando evitar a tendencia das populações ruraes se desviarem para as cidades e centros populosos são de maior alcance.

As crises agricolas e industriaes se succedem, simultaneamente, ás crises commerciaes, igualmente interessadas na questão dos transportes e dos fretes.

Exame e mecanismo dos mercados

Geralmente os agricultores de menores recursos, sobretudo os pequenos e médios, não dispondo senão de limitado credito, nas casas commerciaes locaes, para o custeio de suas lavouras, vendem os productos de suas colheitas ás proprias casas fornecedoras. Estas, beneficiando-os ou não, dispõem dos productos, quer vendendo-os aos agentes commerciaes, quer exportando-os directamente para os maiores centros, entre os quaes occupa o primeiro logar o mercado de Victoria.

Os grandes lavradores, entretanto, dispondo de capital, dispensam esses intermediarios e vendem, não só o café como os demais productos de suas culturas, directamente ás casas compradoras da capital e não raro exportam-nos para o mercado do Rio de Janeiro. É commum entre os fazendeiros productores de café a aquisição da parte que coube aos seus colonos pelo contracto de *meiação*, systema de parceria muito generalisado na cultura cafeeira do Espirito Santo.

Não ha feiras e nem cooperativas em prosperidade de qualquer natureza. As tentativas para o estabelecimento dessas instituições no Estado têm fracassado, concorrendo para o descredito dessas utilíssimas associações. E assim, os lavradores, embora com menores lucros, preferem transigir com os commerciantes locais, ao sujeitarem-se aos intermediarios «sempre promptos a lograrem os lavradores» a se aventurarem a novos fracassos.

Não são habituaes os negocios *na folha* ou das *colheitas pendentes*.

A *warrantagem* não é operação desconhecida no Estado, já havendo sobre o café, madeiras, etc.

Classificação commercial dos productos agricolas

A excepção do café, que está sujeito á mesma classificação adoptada no mercado do Rio de Janeiro, nenhum outro producto agricola obedece a uma classificação commercial judiciosa. Os consumidores, pouco exigentes, mantêm o commercio desinteressado dessa medida e os lavradores indifferentes á qualidade e aspecto dos generos de sua producção.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

O Espirito Santo é servido pelas estradas de ferro *Leopoldina e Victoria-Minas*. A primeira ligando-o ao Estado do Rio e Capital Federal e a segunda, de penetração, demanda a *Central do Brasil*, em Carrallinho, drena para o porto de Victoria os productos metallurgicos e agricolas de alguns municipios mineiros — Sant'Anna dos Ferros, Diamantina e Itabira.

O porto de Victoria, visitado em viagens regulares pelos navios das principaes companhias nacionaes de navegação, faz o commercio do Estado com os demais portos do paiz, — communica-se com os menores portos espirito-santenses, inclusive os fluviaes, pela Companhia de Navegação S. João da Barra-Campos e Empreza de Navegação Espirito Santo-Caravellas.

Os transportes fluviaes são feitos nos rios *Mucury*, navegavel até a cachoeira de Santa Clara, numa extensão de 198 kilometros; *S. Mathews*, numa extensão de 70 kilometros até a barra do mesmo nome; *Dóce*, com 222 kilometros de franca navegação, da loz até Fi-

gueira ; *Santa Maria*, 60 kilometros até a cidade de Cachoeira , *Benevente* e *Piraquê-Assú*, navegaveis ambos numa extensão de cerca de 30 kilometros ; *Itapemerim*, 40 kilometros até a cidade de Cachoeiro do Itapemerim, e *Itabapoana*, até a villa do mesmo nome, numa extensão de 66 kilometros.

As estradas de rodagem e os caminhos, mantidos em regulares condições de conservação, na maioria dos municipios, facilitam o transporte dos generos, em *carros*, mais usados nos trabalhos das fazendas, ou, como é mais commum, em *tropas*, para as estações ferro-viarias ou portos de embarque.

O custo dos transportes é geralmente elevado das fazendas para os mercados locais, portos de embarque ou estações e, destes para a capital, sobretudo nas estradas de ferro, nem sempre são equitativos. As queixas contra o agravamento do custo de fretes, apontados como factores de encarecimento da vida e até certo ponto como entrave ao desenvolvimento da producção, são razoaveis.

Os lavradores não se queixam menos das difficuldades criadas pela escassez de «praça» nas estradas de ferro que não dispõem do material rodante desejavel.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Incidem directamente ou não sobre os generos de producção e consumo impostos federaes, estadoaes e municipaes.

Os impostos municipaes variam de municipio para municipio e os estadoaes incidem sobre os generos destinados á exportação, café, assucar, arroz, etc.

Os impostos federaes, interessando á producção agricola, incidem especialmente sobre a aguardente e industria de lacticínios, gravando a manteiga e o queijo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O Espirito Santo não escapou á acção dos factores que têm contribuido para a elevação do custo da vida, registando nossas observações, que são limitadas aos principaes generos alimenticios, de 1911 a 1921, alta correspondente a 75,92%, em média, para o arroz, assucar, feijão, farinha de mandioca, milho, carne de vacca e de porco, qucinho e ovos.

Agora, comparados os preços correntes em 1921 e 1923, notamos que os mesmos generos no mesmo mercado — Victoria — foram augmentados sensivelmente no triennio — 35,23% em média, ficando a média annual de augmento nos preços desses generos, que, de 1911 a 1921, era de 7,59%, elevada a 8,55% até 1923.

Estendendo as investigações tambem ao mercado de Cachoeiro do Itapemerim e a um maior numero de generos, mostra o quadro abaixo — comparativo dos preços, nesse mercado e no de Victoria, correntes em 1921 e 1923 — verificamos que a tendencia de alta não é accentuada sòmente em relação aos generos citados.

Dos generos relacionados apenas dois, feijão e xarque, apresentaram-se em baixa, considerando-se a média dos preços, nesses mercados.

Isoladamente apreciados, mostra o mesmo quadro — o mercado da capital, em dezoito generos, apresentou um em baixa e o de Cachoeiro do Itapemerim, em dezeseite, dois. No primeiro o indice médio foi 135,80 e no segundo de 118,89, corespondentes ao augmento de 35,80% e 18,89% no triennio, respectivamente.

O indice médio alcançado pelos dois mercados foi de 129,27, ou 29,27% de augmento durante o mesmo periodo.

O augmento médio annual dos preços elevou-se de 1911 a 1923 a 8,09, ou mais 0,50% que o alcançado até 1921

Ao agravamento da elevação dos preços dessas utilidades não foram oppostas medidas apreciaveis, registando-se, entretanto, tentativas para o estabelecimento de feiras livres na capital e em outras cidades e centros povoados do Estado.

**Índice dos preços dos principaes generos alimenticios nos mercados varejistas de
Victoria e Cachoeiro do Itapemerim (Espírito Santo)**

1921-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS			OSCILLAÇÕES		
		1921	Victoria	Cachoeiro do Itapemerim	1923	+ %	- %
1	Café.	100	240,00	227,27	233,63	133,63	—
2	Assucar.	100	159,37	150,00	154,68	54,68	—
3	Queijo	100	154,00	—	154,00	54,00	—
4	Farinha de mandioca	100	157,14	150,00	153,57	53,57	—
5	Leite	100	142,85	150,00	146,47	46,47	—
6	Manteiga	100	150,00	111,76	130,88	30,88	—
7	Ovos	100	166,66	94,44	130,55	30,55	—
8	Milho	100	130,00	127,27	128,63	28,63	—
9	Toucinho	100	127,27	128,57	127,92	27,92	—
10	Batatinha	100	125,00	128,57	126,78	26,78	—
11	Arroz	100	112,50	117,64	115,07	15,07	—
12	Carnes verdes:						
	de vacca.	100	123,80	88,46	114,06	14,06	—
	de porco.	100	132,00	110,00	—	—	—
13	Banha	100	112,50	104,00	108,25	8,25	—
14	Bacalhau	100	105,26	103,22	104,24	4,24	—
15	Farinha de trigo	100	110,00	91,66	101,66	1,66	—
16	Feijão	100	108,33	62,50	85,41	—	14,59
17	Xarque	100	87,75	75,86	81,80	—	18,20
	Média total	100	135,80	118,89	129,27	29,27	—

III -- Relação das principaes casas exportadoras do Estado
do Espírito Santo

Assucaí.	Enças Ferreira & Irmão	Serra	Districto de Itapoé.
»	Lindolpho Rodrigues Pereira	»	»
»	Oliveiro Soares & Comp.	»	»
»	José Maria Pereira & Irmão	Cariacica	»
»	Virgilo Francisco Schwab.	»	Porto Velho.
»	J. Sarmiento & Comp.	»	Itanguá.
»	Olympio Azevedo Sarmiento	»	Porto de Cariacica.
»	Ferreiro & Ramos	»	—
»	Gomes & Bruzzi	»	—
Bebidas diversas.	Gomes & Bruzzi	Victoria	—
»	A. Rabello & Comp.	»	—
»	R. Walter.	»	—
»	Teixeira & Silva	»	—
»	M. Evaristo Pessôa & Comp.	»	—
»	Gobeira & Irmão	»	—
»	Cruz, Sobrinho & Comp.	»	—
»	Jorge Suaid & Irmão	»	—
»	Arens & Langen.	»	—
Cacáo .	Cruz, Socrinho & Como.	»	—
»	Vivaacqua, Irmãos & Comp.	»	—
Café e cereaes	A. Prado & Comp.	»	—
»	Paula & Barbosa	»	—
»	Hard, Rand & Comp.	»	—
»	Arens & Langen.	»	—
»	Cruz, Sobrinho & Comp.	»	—
»	Arbukle & Comp.	»	—
»	Oliveiro Soares.	»	—
»	Oliveira Santos & Filho	»	—
»	José Netta & Irmão.	»	—
»	J. Ferreira & Comp.	»	—
»	Antenor Guimarães & Comp.	»	—
»	Mafra & irmãos	»	—
»	Mesquita & Comp.	»	—
»	Vivaacqua & Irmão.	»	—
»	Borges & Machado.	»	—
»	Vieira Marques & Comp.	»	—
»	Mussi, Filhos & Comp.	»	—
»		Cachociro do Itapemerim	Estação de Castello.
»		»	»
»		»	»
»		»	»

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)	LOCAL
Café e cereaes	Cortolano Pereira de Jesus	Pau Gigante	Districto Accioly de Vasconcellos.
»	Agrippino Gonçalves	»	»
»	Guasti & Comp.	»	»
»	Luiz Barbosa da Silva.	»	»
»	Francisco Lyrio.	»	»
»	Irmãos Negri.	»	»
»	José Rebuzzi.	»	João Neiva.
»	Sarcinelli Antonio & Filho	»	»
»	Ettore Broto	»	»
»	Ernesto Alves	»	»
»	Pedro Gazir Filho.	»	»
»	Nelson Bustamante.	»	»
»	Faustini Giuseppe	»	»
»	Gustavo Bini.	»	»
»	Annibal Scomandi	»	»
»	Guilherme Baroni	»	»
»	Antonio Christino Josaphat	»	»
»	Vervloet, Irmãos & Comp.	»	»
»	Viuva Avancini & Filho	Santa Thereza	»
»	Paulo Bonino	»	»
»	Viuva Pretti & Filho	»	»
»	Antonio Roatti & Comp.	»	»
»	Viuva Pagani & Filhos	»	»
»	Pedro José Mançur.	»	Districto S. J. Petropolis.
»	Ambrosio Vercellini	»	»
»	Frittoli & Loss	»	»
»	Viuva Alberto Fante	»	»
»	Angelo Agostini & Comp.	»	de Taboccas.
»	Jeronymo Pretti.	»	de Tres Barras.
»		»	25 de de Julho.

Café e cereaes	Arthur Ferrari	Santa Thereza	Distrieto 25 de Julho.
João Baptista Ferrari	Santa Thereza	1º Distrieto.	
Joaquim Simões da Rocha	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Alberto Carvalho Silva	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Benedicto Gadioli	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Lulz da Rosa Rangel	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Martinho Antonio dos Rels	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Francisco B. Rangel Filho	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Augusto Antonio Suzana	Santa Cruz	1º Distrieto.	
José Socio da Rocha Loureiro	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Ignacio Ferreira da Rocha	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Deolindo Rocha.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Manoel Pereira da Fraga.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
João Francisco Borges.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Turbio Simões da Silva	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Antonio Loureiro do Nascimento	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Joaquim Domingues Caetano.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Ignacio Ribello da Rosa Loureiro	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Manoel Laurindo Silva Borges	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Antonio Ribeiro da Rosa Loureiro	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Graciano Ribeiro da Rosa Loureiro.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Joaquim Soares Loureiro	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Augusto José de Jesus.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Joaquim Barcellos Vieira.	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Ollindo Garcia	Santa Cruz	1º Distrieto.	
Cosme Andrade & Comp.	S. Mathens	1º Distrieto.	
João Miguel Jogaib.	S. Mathens	1º Distrieto.	
Bracone, Carneiro & Comp.	S. Mathens	1º Distrieto.	
Santos Neves & Filhos.	S. Mathens	1º Distrieto.	
Adeodato Santos	S. Mathens	1º Distrieto.	
José Pedro de Almeida	S. Mathens	1º Distrieto.	
Ignacio Lyrio Junior	S. Mathens	1º Distrieto.	
Julio Braham.	S. Mathens	1º Distrieto.	
A. Cunha & Filho	S. Mathens	2º Distrieto.	
Elisippo Rodrigues da Cunha	S. Mathens	2º Distrieto.	
Manoel Oliveira de Andrade.	S. Mathens	2º Distrieto.	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)	LOCAL
Café e cereaes	Oliverio Soares & Comp.	Cariacica	Porto Velho.
»	José Maria Ferreira & Irmão.	»	Itanguá.
»	Virgilio Ferreira Schwab.	»	Porto de Cariacica.
»	João Francisco Schwab	»	—
»	J. Sarmiento & Comp.	»	—
»	Olympio Azevedo Sarmiento.	»	—
»	Ferreira & Ramos	»	—
»	De Biasi & Comp.	Muniz Freire	—
»	Antonio Raymundo Deps.	»	Espirito Santo do Rio Pardo.
»	Francisco Senna.	»	»
»	Jacques de Lima Soares	»	»
»	Felix Abbibi.	Itapemerim	»
»	Freitas & Medina	»	—
»	Francisco Teixeira Garcia Gomes & Comp.	S. José do Calçado	Calçado.
»	Elias Jorge Feris	»	»
»	Joaquim Nunes de Moraes	»	»
»	Higino Rodrigues	»	»
»	Almeida Lopes & Comp.	Espirito Santo	—
»	Alfredo Feitoza.	Victoria	—
»	Antenor Guimarães & Comp.	»	—
»	Matra & Irmãos.	»	—
»	Mesquita & Comp.	»	—
»	Dahlinger & Comp.	»	—
»	Braconi, Carneiro & Comp.	»	—
»	Santos Neves & Filhos.	São Matheus	1º Districto.
»	José Benço	»	»
»	M. Evaristo Pessôa & Comp.	»	»
»	Teixeira & Silva.	Victoria.	—
Farinha, polvilho e tapioca (mandioca)			
Idem idem.			

Madeiras	Coriolano Pereira de Jesus	Pau Gigante	Districto	Aceioiy de Vasconcellos.
»	Guasti & Comp.	»	»	»
»	Irmãos Negri.	»	»	»
»	Sarcinelli Antonio & Filho	»	»	João Neiva.
»	Pedro Gazir Filho	»	»	»
»	Antonio Coutinho	Santa Cruz	»	»
»	Brazilino José Vieira	»	»	—
»	Pedro Tabachi	»	»	—
»	Zatta Giuseppe	»	»	—
»	Otto Netto	»	»	—
»	Amyntas Estantisio	»	»	—
»	Mathews Vasconcellos.	»	»	—
»	Dahlinger & Comp.	Vietoria	»	—
»	União Chimica Industrial Bruno Conti.	Cariacica	»	—
Sabão	Lizandro Nicoletti & Comp.	Vietoria	»	—
Tecidos de algodão.	Honorio Coutinho	»	»	—
»	Ferreira Guimarães & Fonseca	Cachoeiro do Itapemirim	»	—
»				

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

I — Circulação dos productos agricolas:

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas—Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação:

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.



I - Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

Os generos de primeira necessidade e de maior consumo na capital e demais municipios do Estado, variando as preferencias no consumo segundo os habitos e recursos das differentes classes sociaes, não esquecendo as exigencias locaes, que são, em muito, influenciadas pela natureza das explorações predominantes nos municipios ou zonas productivas, são: arroz, feijão, milho, farinha de mandioca, farinha de trigo, batatinha, fructos e hortaliças, assucar, café, carnes, banha, toucinho, leite, queijo, manteiga, aves, ovos, etc.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

A excepção do trigo, esses generos são produzidos no Estado, bastando, quasi todos, para o consumo da maioria dos municipios. Para o mercado de Nictheroy, entretanto, torna-se necessaria a importação de cereaes e outros productos, principalmente dos Estados do Rio Grande do Sul e Minas Geraes, em um total de cerca de 40%, sabido como a Capital Federal absorve, para o respectivo consumo, grande parte da produção do Estado do Rio.

A visinhança de uma grande metropole, como é o Rio de Janeiro, traz para a pequena capital visinha a circumstancia especialissima de ser a mesma uma simples secção do grande aggregado humano, simplesmente um bairro, sem as condições de mercado receptor e regulador dos preços dos productos.

Desta fórmula, a produção do Estado é absorvida pelo commercio do Rio de Janeiro, consumindo Nictheroy e mesmo outras cidades fluminenses uma parte minima desses productos e importando de outros Estados, mais das vezes, por intermedio do grande mercado, o restante necessario e de accôrdo com as relações e conveniencias do respectivo commercio.

Dos elementos informativos fornecidos pelo commercio da capital do Estado não se póde inferir se basta ou não a sua producção para o respectivo consumo ou se a mesma excede ás necessidades da população, porque, como ficou dito, a visinhança de grande emporio commercial, como é o Rio de Janeiro, com o seu grande movimento de importação e exportação, annulla, a respeito, todas as possibilidades de calculo.

As quatro zonas agricolas em que está dividido o Estado contribuem com os productos de suas explorações ruraes para o abastecimento da Capital Federal, de Nictheroy e dos demais centros consumidores fluminenses.

A *zona do littoral* cultiva canna e mandioca e em menor escala café, milho, feijão, arroz, arvores fructíferas e hortaliças, enviando aos mercados os productos dessas lavouras e tambem peixes, sal, carvão vegetal e lenha.

A industria da pesca e, em alguns municipios como Cabo Frio, Araruama e S. Pedro da Aldeia, a do sal, absorvem as melhores energias.

Nas proximidades da capital municipios ha que, desajudados em parte pela natureza de suas terras e condições de solubridade, com lavouras exiguas, preferem a industria extractiva do carvão e da lenha.

A *zona da baixada* cultiva canna, mandioca, cereaes, arvores fructíferas e hortaliças e é considerada como especialmente apropriada ao cultivo do arroz.

Exporta para os mercados consumidores arroz, assucar, aguardente, milho, feijão, carvão vegetal, fructas, hortaliças, ovos e aves. Realizado o saneamento, com a desobstrucção e rectificação dos cursos que formam o seu systema hydrographico, considerada não só a proximidade da Capital Federal como as condições topographicas e fertilidade de suas terras, outras seriam as condições de abastecimento dos mercados do Rio de Janeiro e Nictheroy e de prosperidade dos municipios de Nova Iguassú, Itaborahy, Sant'Anna de Japuhya e Rio Bonito.

Nas vastas e ferteis planicies de origem alluvial que formam a *zona do baixo Parahya* e abrangem quasi todo o municipio de Campos e parte dos de S. Fidelis, Macahé e S. João da Barra está situada a mais afamada região assucareira do sul do paiz.

A canna, com absoluta predominancia em toda a região e sobretudo no municipio de Campos, que é o privilegiado detentor da posição de maior productor de assucar no Brasil, não constitue na zona do baixo Parahyba exploração exclusiva.

Além de sua cultura, fazem a do milho, arroz, feijão, mandioca, etc.

O café nas faldas dos montes, sobretudo a oeste e margem esquerda do Parahyba, tem o seu dominio.

Os campos, dotados de pastagens naturaes apreciadas, nutrem avultado numero de animaes.

Na *zona serrana* a cultura dominante é a do cafeeiro que, embora sem o fausto de outr'ora, é ainda a região dessa preciosa rubiaceae no Estado do Rio.

Cultivam canna, mandioca, tabaco, arroz, milho, feijão, batatinha e fructos e flôres em alguns municipios.

A canna de assucar, em certos pontos adequados, se tem insinuado em substituição á lavoura cafeeira em declinio, para depois, como esta, ceder á industria pastoril, victoriosa na maioria dos municipios da região.

Essa industria, pela excepcional facilidade de collocação dos seus productos e sobretudo dos lacticinios no mercado do Rio de Janeiro, exigindo menores dispendios e pequenos esforços, se desenvolve á medida que se reduzem as áreas cultivadas.

Os cafezaes velhos não são substituidos por novos, que, pelas condições actuaes do sólo, exgottado e desnudo, sujeito á acção das enxurradas nas partes accidentadas, exigiriam a applicação de processos racionaes de cultivo.

O capim gordura, espontaneo e abundante, substitue as floradas alegres dos cafezaes, como planta triumphante e providencial dos morros e encostas resequidas dessa região fluminense.

A população pecuaria por 1.000 habitantes, verificada pelo recenseamento de 1920, foi, por especies, a seguinte: bovinos, 373; equinos, 76; asininos e muares, 26; ovinos, 21; caprinos, 27, e suinos, 329.

Dos 48 municipios fluminenses, 17 possuem mais de 21 bovinos por kilometro quadrado, e 14 mais de 21 suinos; os dez municipios de maior população bovina são: Campos, Valença, Parahyba do Sul, Cantagallo, Rezende, Itaperuna, Vassouras, Barra Mansa, Santo Antonio de Padua e Macahé.

Itaperuna é o maior criador de suínos; Campos, de ovinos; Cantagallo, de caprinos; Santo Antonio de Padua, de equínos; e Itaperuna, de asininos e muares.

Oscillações dos preços

As oscillações dos preços dos generos, não só no mercado de Nictheroy como na maioria dos demais, abastecedores que são da Capital Federal, acompanham as verificadas nessa grande metropole.

Os generos de produção local baixam, mais ou menos, depois de iniciadas as colheitas e á medida que os generos, em maiores *stocks* visíveis, apparecem nos mercados.

Nas épocas de plantio e tratos culturaes, escasseiando os productos da lavoura local nos mercados consumidores e centros productores, o inverso se verifica.

Além dessas causas de todos conhecidas, outras ha que determinam sensiveis alterações nos preços, duradouras umas e transitorias outras.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A transformação das explorações agricolas em pastoris na maioria dos municipios da *região serrana*, que, em consequencia das condições de suas terras, enfraquecidas pelo trabalho de longos annos de uma agricultura exgottante, reclamariam a restauração de sua fertilidade e processos outros de exploração; o pequeno desenvolvimento da lavoura mecanica, supprindo a escassez dos braços e reduzindo o custo da produção, em outros centros productores; e ó pouco desenvolvimento das culturas em alguns municipios littoraneos de terras inferiores e insalubres, são factores que influem desfavoravelmente sobre os preços dos generos alimenticios.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A densidade da população, 22,605 de habitantes por kilometro quadrado, estacionaria senão em declinio nas proprias zonas ruraes, é factor de influencia pouco apreciavel na variação dos preços.

O crescimento médio annual do povo fluminense, de 1872 a 1920, é, no paiz, sómente superior ao do Ceará e corresponde a 0,0136 por 1.000 annualmente.

O desvio das classes trabalhadoras a salario para os centros povoados, para outros Estados e sobretudo para a Capital da Republica, em busca de vida mais *commoda* e, muitas vezes, de illusorias remunerações, é sensivel e prejudicial á agricultura do Estado do Rio.

Mesmo em Nictheroy o crescimento médio annual da população, de 1909 a 1920, foi sómente inferior ao do Estado durante o mesmo periodo em 0,0023.

As pequenas propriedades agricolas, menos de 41 hectares, predominam nos municipios de Barra de S. João, Cabo Frio, Cambucy, Campos, Duas Barras, Iguassú, Itaborahy, Itaocara, Mangaratiba, Nictheroy, Petropolis, Rio Bonito, Sant'Anna de Japuhya, Santo Antonio de Padua, S. Fidelis, S. Gonçalo, S. Pedro da Aldeia, Saquarema e Sumidouro.

Em Nova Friburgo, num total de 1.037 propriedades ruraes recenseadas, 367 têm em média 23 hectares, e 421 cerca de 66 hectares.

As maiores propriedades ruraes que, pelo recenseamento de 1920, existem no Estado, com mais de 5.000 hectares, são em numero de 24, e encontradas:

N.	Municipio	Área média em hectares
5.	Macahé.	7.411 a 55.817
3.	Iguassú.	9.680 a 57.641
3.	Paraty.	7.065 a 10.545
3.	Campos	5.547 a 10.360
2.	S. João da Barra.	8.228
2.	Sapucaia	5.525
1.	Sant'Anna de Japuhya.	20.000
1.	Barra de S. João	11.000
1.	Itaborahy	8.100
1.	Cabo Frio	7.744
1.	Rezende	5.808
1.	Vassouras	5.445

O numero total das propriedades recenseadas se elevou a 23.699 e, dessas, 76,37 % são de áreas inferiores a 101 hectares.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Correndo normalmente as estações, a influencia dos factores climaticos é restricta e limitada, sobretudo em relação aos generos de producção local, baixando os preços depois de iniciadas as colheitas e intensificadas as entradas de seus productos nos mercados.

As estiagens, geralmente moderadas, pouco prejudicam as plantações; entretanto, annos ha em que, as inundações na região do baixo Parahyba, causam vultosos prejuizos que se reflectem desfavoravelmente nos mercados.

Crises agricolas e commerciaes

As crises que affectam á lavoura e ao commercio fluminense são devidas a causas multiplas e complexas.

Os preços baixos do assucar ou do café, levando o desanimo aos productores sempre em lucta com a falta de braços e difficuldades de embarque, de exportação das colheitas, são causa de crises mais ou menos duradouras e que attingem não só aos lavradores como aos commerciantes que com elles transigem.

Valorizados esses productos, lucta ainda o lavrador contra os dois factores apontados, aggravado o primeiro com a elevação dos salarios operarios na Capital Federal, desviando da lavoura os melhores braços, e, o segundo, provocando reclamações contra os transportes ferroviarios, pela retenção dos productos, especialmente do café, nas estações.

A cultura da canna e industria assucareira estão em crise por effeito dos danos das ultimas grandes enchentes do Parahyba.

As crises na industria pastoril, menos frequentes, attingem ao commercio dos lacticinios, quando a febre aphtosa, por exemplo, grassa nos rebanhos.

Exame e mecanismo dos mercados

As relações entre os maiores e menores centros commerciaes fluminenses não apresentam differenças apreciaveis das communs nos dos visinhos Estados.

As casas commerciaes do interior adquirem a producção dos pequenos lavradores com quem mantêm transacções e exportam o excesso das necessidades do abastecimento local para maiores negociantes das cidades e estações de embarque ou directamente para a Capital Federal.

Os pequenos lavradores residentes nas proximidades de alguns mercados como Nietheroy, Petropolis e Nova Friburgo e dedicados á pequena cultura — hortaliças, fructos e flôres —, vendem seus pro-

ductos directamente nos mercados ou «na porta» a intermediarios ou negociantes e exportadores desses productos para o mercado do Rio de Janeiro.

Os fructicultores, especialmente os productores de laranjas, vendem seus productos a intermediarios.

Esses negocios são feitos mais das vezes sobre os fructos pendentes, correndo a apanha e embalagem por conta dos cômpradores.

As vendas são feitas, mediante fôrma de pagamento previamente combinada, sobre a *estimativa global da producção ou a tanto por unidade*, — *caixa* ou *sacco* —, fiscalizando nesse caso o productor a colheita, separação e embalagem dos fructos.

A venda do leite pelos criadores é feita ás congeladoras locais e a exportação de seu producto para a Capital Federal por esses estabelecimentos.

Os agricultores de maiores recursos negociam os productos destinados á venda com os armazenistas-exportadores locais ou no Rio de Janeiro por intermedio de seus commissarios ou directamente.

Operações de *warrantagem* têm sido feitas sómente em relação ao assucar.

« Todo o esforço do agricultor, do criador e dos industriaes — disse o dr. Eduardo Cotrim — se esborôa de encontro á falta de credito agricola.

E' preciso dizer, sem subterfugios e com verdadeira consciencia de nossas responsabilidades, que á falta do credito agricola devemos mais de metade de nossas difficuldades, que nos ameaçam por vezes de *asphyxia* ».

« A falta desse elemento de trabalho força-nos a produzir pouco e sempre caro, de modo que nos tira a probabilidade de victoria no dominio da concurrencia. »

A iniciativa particular, entretanto, nestes ultimos annos, despertada com a propaganda official do Ministerio da Agricultura, a cargo desse Serviço, e, amparada na legislação federal (decreto n. 1.637, de 5 de janeiro de 1907) e estadual (lei n. 1.630, de 12 de novembro de 1919), procura remover essas difficuldades, fundando com os seus proprios recursos estabelecimentos de credito agricola e popular pelos sistemas Raiffeisen e Luzzatti.

O Estado do Rio de Janeiro é actualmente o maior centro «raiffeiseano» da America do Sul, considerado o vulto das operações realiza-

das pelas suas caixas de Nova Friburgo, Rezende, Quissaman, S. Fidelis, Nictheroy, S. Gonçalo, Itaocaã, Avellar, Bom Jardim, Cambucy e Cantagallo.

O banco de Petropolis, popular e agricola, é do systema Luzzatti.

Classificação commercial dos productos agricolas

O café e o assucar são classificados para exportação e consumo no mercado do Rio de Janeiro.

Os demais productos, nominalmente discriminados, não obedecem nos mercados fluminenses a uma classificação commercial judiciosa.

Visando regularisar e amparar o commercio e exportação de laranjas, o Ministerio da Agricultura, por portaria de 25 de dezembro de 1923, approvou as seguintes instrucções da Directoria Geral de Agricultura:

« Art. 1.º As laranjas devem ser classificadas em tres typos, a saber: *Brilhantes*, *Escolhidas* e *Enferrujadas*.

a) *Brilhantes* — Laranjas perfeitas, coloração typica e uniforme, perfeitamente maduras, sem mancha de especie alguma;

b) *Escolhidas* — Fructas não tão perfeitas, coloração menos viva, sem manchas;

c) *Enferrujadas* — Laranjas atacadas pela «melanose», pela «antracnose» (manchas lacrimosas), pelas «alga», pelos «phytoptus» (laranjas enferrujadas), pelos «cochonilhas», manchas de «fuliginose» (sooty fungus) e «fumagineas».

Art. 2.º Só será permittida a exportação de laranjas dos typos A e B e sómente a estas será dado o certificado de sanidade vegetal.

Art. 3.º Serão separadas no «refugo» e destruidas todas as fructas que apresentem signaes de moscas e de suas larvas ou de «tortrixitrana», as atacadas pelos bólores (*Penicillium-Lpa.*) e as laranjas machucadas na colheita.

Art. 4.º As laranjas deverão ser separadas pelo tamanho e só deverão ser exportadas as seguintes: 90, 100, 126, 150, 176, 200, 216 e 250.

Art. 5.º Não será permittida a venda de laranjas que tenham menos de 75 % de coloração madura.

Art. 6.º Toda a fructa para exportação deverá ser embrulhada em papel proprio, levando, além de outras indicações, a do Estado e Municipio de producção.

Art. 7.º As caixas de exportação deverão ter uma divisão central e as seguintes dimensões: comprimento da caixa: 66 centímetros, altura e largura (média interna) 29,3 centímetros, as testeiras e a divisão interna deverão ser de 20 millímetros, as faces, o fundo e a tampa serão feitas com duas ou tres taboas, deixando entre si espaço para ventilação — dous centímetros — e terão a espessura de seis a sete millímetros.»

Transporte dos productos agricolas

Fretes

O Estado é servido na zona do littoral por uma rêde de navegação fluvial interessando ao commercio de alguns municipios, sobretudo os do baixo Parahyba.

E dispõe, ligando seus portos á Capital Federal, de pequena navegação maritima de cabotagem que, não obstante as falhas de que se resente, facilita não só o commercio do sal e madeiras como dos productos de lavoura.

Os fretes fluviaes e na navegação maritima de cabotagem não entravam o desenvolvimento da producção.

Os transportes terrestres são difficultados pela falta de boas estradas de rodagem ligando os centros productores aos portos de embarque e estações ferroviarias.

As estradas existentes não são tambem regularmente conservadas.

Os transportes nessas estradas e caminhos, morosos e caros, feitos em carros de bois ou em tropas, deixam muito a desejar. Mesmo assim, graças á situação do Estado em relação ao Rio de Janeiro, — principal mercado do paiz — os transportes por estradas de ferro, contra os quaes levantam queixas, são os mais regulares.

O territorio fluminense possui 8,96 % do total da extensão ferroviaria do Brasil e, em relação á sua superficie, dispõe de maior kilometragem e trafego que os demais Estados.

Os fretes variam, para os mercados intermediarios e a Capital Federal, segundo as distancias, a natureza dos productos e meios empregados para os transportes. As despezas feitas pelos productos até o Rio de Janeiro são aggravadas pelos impostos, etc.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Incidem directamente ou não sobre os generos de producção e consumo impostos municipaes, federaes e estadoaes.

Os impostos municipaes, sob rubricás que variam de municipio para municipio, interessam á lavoura, industria e commercio.

Recaem sobre o beneficiamento e fabricação dos productos da lavoura e industria rural e sobre o commercio de todos os generos consumidos.

O Estado, com o systema tributario aggravado com sobre-taxas de café e assucar, principaes productos de sua exportação, cobra ainda impostos de exportação, territorial e viação, directamente interessando á vida rural.

Constam do systema de tributação fluminense, além das rubricas citadas, mais as seguintes:— sello, transmissão, industria e profissão, imposto sobre a lenha, taxas escolares, taxa judiciaria, imposto sobre electricidade, telephones, loterias e laudemicos.

Os impostos federaes, sob o ponto de vista agricola, interessam ao cultivo da canna para o fabrico de aguardente e alcool, a industria de lacticinios e, indirectamente, ao cultivo do tabaco.

E sob o ponto de vista de consumo, sobre os generos de importação, de accôrdo com as tarifas aduaneiras.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O augmento medio annual dos preços a varejo dos principaes generos alimenticios, sob a influencia de causas multiplas e complexas, (*) foi de 9,74 % nos mercados de Nictheroy, Campos e Barra Mansa, de 1911 a 1921 e elevou-se até 1923 a 9,86 % considerados maior quantidade de generos e mais os mercados de Cantagallo e Barra do Pirahy.

Em publicação anterior teve o Serviço oportunidade de divulgar os seguintes resultados de suas observações: «No Estado do Rio de Janeiro, o indice médio dos generos alimenticios no anno de 1921, em relação ao de 1911, foi de 197,40 correspondente ao augmento de 97,40 % no decennio, notando-se que no mercado de Nictheroy o indice foi de 182,42, no de Campos 210,58 e no de Barra 199,27.»

Agora, comparando-se, como mostram os quadros abaixo, maior numero de generos, obteve-se no triennio de 1921-1923, o indice médio de 124,90, equivalente ao augmento de 24,90 %. O maior augmento verificado foi no mercado de Nictheroy e o menor no de Cantagallo, entre os apreciados.

(*) Entre outras causas de difficil apreciação, apontou o r. A. Segadas Vianna, Prefeito Municipal de Nova Friburgo, em officio ao dr. Dulphe Pinheiro Machado, Superintendente do Abastecimento, depois de ouvir em reunião o commercio local, as seguintes:

«*Primeiro* — A falta de sinceridade de negociantes pouco escrupulosos, que se aproveitam da escassez de generos para explorarem a população com ganhos exorbitantes.

«*Segundo* — A escassez quasi completa dos generos produzidos nesta zona, devido ás grandes chuvas do verão, que muito prejudicaram e retardaram as colheitas de milho, feijão, arroz, verduras e mesmo batatas. Pelo mesmo motivo, devido ás grandes inundações, as criações de gallinhas foram muito damnificadas, sendo o *stock* quasi diminuto.

«*Terceiro* — A escassez de generos no paiz, provocando melhor collocação nos grandes centros, como o Rio de Janeiro, e prejudicando assim os pequenos centros do interior.

«*Quarto* — O pessimo serviço da Estrada de Ferro Leopoldina, retardando as mercadorias em viagem, ás vezes até 40 dias, maltratando a mercadoria de tal fôrma que chega-se a verificar faltas de 20 a 30 %, cobrando taxas addicionaes de vigilancia, baldeação, etc., tornando assim o frete quasi duplicado.

«*Quinto* — Pelos motivos acima, o commercio local abastece-se nas praças do Rio de Janeiro e Campos, ficando sujeito á alta de preços.»

Preços medios dos generos alimenticios de primeira necessidade nos mercados veregistas de Nictheroy, Cantagallo, Campos, Barra Mansa e Barra do Pirahy — 1921-1922-1923.

GENEROS	UNIDADE	NICTHEROY			CANTAGALLO			CAMPOS			BARRA MANSA E DO PIRAHY		
		1921	1922	1923	1921	1922	1923	1921	1922	1923	1921	1922	1923
Arroz	kilo	\$640	\$810	\$950	\$770	\$790	\$850	\$870	\$760	\$930	\$750	\$700	\$800
Assucar.	»	\$700	\$560	\$920	\$700	\$540	\$840	\$580	\$525	\$930	\$750	\$500	\$600
Bacalhão	»	\$3500	\$2700	\$2700	\$2700	\$800	\$2800	\$2350	\$2700	\$3000	\$2800	\$3000	\$3000
Banha	»	\$2200	\$2200	\$2700	\$2200	\$2900	\$2500	\$2300	\$2300	\$2700	\$2300	\$2100	\$2500
Batatinha	»	\$500	\$550	\$800	\$400	\$400	\$450	\$760	\$530	\$800	\$530	\$550	\$650
Café.	»	\$1530	\$2350	\$2950	\$800	\$1400	\$2200	\$1500	\$1200	\$2900	\$1200	\$1300	\$2500
Carne de vacca	»	\$1400	\$1400	\$1500	\$1150	\$800	\$900	\$1400	\$1100	\$1300	\$1200	\$1100	\$1100
» » porco	»	\$2200	\$2200	\$2500	\$1500	\$1500	\$1500	\$2500	\$2000	\$2100	\$2000	\$1900	\$2000
» » carneiro.	»	\$2400	\$2600	\$3150	\$1800	\$1800	\$1800	\$2300	\$1900	\$2100	\$2000	\$1600	\$2000
» » xarque	»	\$2300	\$2300	\$2850	\$2700	\$2350	\$2000	\$2700	\$1700	\$2300	\$2800	\$2400	\$2500
Farinha de mandloca	»	\$310	\$370	\$480	\$380	\$350	\$500	\$470	\$400	\$540	\$370	\$330	\$540
» » trigo	»	\$1050	\$1050	\$1050	\$1000	\$300	\$850	\$900	\$880	\$920	\$700	\$900	\$1000
Feijão	»	\$700	\$740	\$750	\$550	\$600	\$530	\$570	\$670	\$770	\$470	\$380	\$690
Manteiga	»	\$6300	\$7000	\$7500	\$6300	\$7000	\$6900	\$8230	\$8330	\$10300	\$4600	\$5500	\$8400
Milho	»	\$310	\$270	\$400	\$300	\$300	\$270	\$270	\$270	\$350	\$320	\$300	\$300
Queijos.	»	\$2500	\$3500	\$4250	\$2500	\$2500	\$2500	\$2230	\$2300	\$2800	\$2100	\$2100	\$3000
Toucinho	»	\$1800	\$1920	\$2100	\$1800	\$1800	\$1700	\$1900	\$1600	\$1800	\$1515	\$1500	\$1700
Ovos	duzia	\$1300	\$2300	\$1350	\$1200	\$2000	\$1700	\$1700	\$1500	\$1700	\$1500	\$1400	\$1500
Polvilho	kilo	\$950	\$960	\$900	\$800	\$800	\$900	\$750	\$760	\$850	\$800	\$900	\$1000
Oleos alimentares	litro	\$4950	\$4500	\$7200	\$3500	\$3000	\$8000	\$6700	\$6250	\$6750	\$5200	\$5200	\$5350

Índice dos preços dos gêneros alimentícios nos mercados varejistas do Nictheroy, Cantagallo, Campos, Barra Mansa e Barra do Pirahy, em 1921-1923

NÚMERO DE ORDEM	GÊNEROS	1921	PREÇOS MÉDIOS				1923	OSCILAÇÕES	
			Nictheroy	Cantagallo	Campos	B. Mansa e Pirahy		+	%
1	Café	100	190,32	275,00	193,33	208,33	216,74	116,74	—
2	Assucar	100	145,71	120,00	177,58	140,00	145,82	45,82	—
3	Ovos	100	169,23	141,66	100,00	160,00	142,72	42,72	—
4	Farinha de mandioca	100	154,83	131,58	114,90	145,94	136,81	36,81	—
5	Manteiga	100	125,00	111,29	121,21	182,60	135,02	35,02	—
6	Queijo	100	170,00	100,00	124,44	142,85	134,32	34,32	—
7	Batatinha	100	160,00	112,50	105,26	118,18	123,98	23,98	—
8	Feijão	100	107,14	100,00	114,92	146,80	117,21	17,21	—
9	Banha	100	122,72	113,63	117,33	103,69	115,60	15,60	—
10	Arroz	100	132,81	110,33	112,50	106,66	115,53	15,53	—
11	Toucinho	100	116,66	94,44	95,23	147,82	113,54	13,54	—
12	Milho	100	129,03	83,33	129,62	109,37	112,83	12,83	—
13	Polvilho	100	94,63	112,50	113,33	125,00	111,36	11,36	—
14	Oleos alimentares	100	145,45	84,21	105,96	100,96	109,14	9,14	—
15	Carne secca-xarque	100	123,93	100,00	92,00	89,28	101,30	1,30	—
16	Bacalhão	100	77,14	103,70	109,99	107,14	99,49	—	0,51
17	Carne verde	—	—	—	—	—	99,26	—	0,74
	de carneiro	100	131,25	100,00	105,00	100,00	—	—	—
	de porco	100	113,63	88,23	84,00	100,00	—	—	—
	de vacca	100	107,14	78,26	92,14	91,61	—	—	—
18	Farinha de trigo	100	99,05	85,00	102,22	100,00	96,55	—	3,44
	Média total	100	130,78	112,28	115,55	126,55	124,90	24,90	—

DISTRICTO FEDERAL

- I — Subsídios para o estudo da circulação dos productos agricolas
 - II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.
-

I — Subsídios para o estudo da circulação dos productos agricolas

No mercado do Rio de Janeiro, principal do Brasil, os generos alimenticios de maior consumo experimentaram em 1922 apreciaveis variações de preços, 25,72 % em média para os diversos artigos estudados.

A *diferença entre o maior e menor preço do anno* foi mais pronunciada nos generos nacionaes que nos importados do estrangeiro. O azeite doce hespanhol e portuguez e o sal «inglez» foram estaveis. O bacalháo variou de 11,11 a 13,98 %, registando seu menor preço nos mezes de agosto a outubro.

A farinha de trigo, de 8,43 a 12,94 %, attingindo ao minimo em janeiro e fevereiro e ao maximo em outubro, manteve-se acima do preço médio a partir de setembro, coincidindo o menor preço com o fim da colheita do trigo no Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Republicas do Prata.

A cebola não oscillou, entretanto, a batatinha, tambem em parte procedente do estrangeiro, mais para semente, experimentou variações de 37,03 % as especiaes e 40,00 % as regulares, verificando-se a alta de setembro a dezembro, a baixa de janeiro a abril e na primeira quinzena de agosto, mais ou menos correspondentes aos fins das colheitas desse producto (primeira baixa) nos Estados do Rio, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Minas, este tambem na segunda baixa, todos productores.

Os diversos typos de arroz encontrados no mercado oscillaram de preços entre 6,81 a 9,37 %, notando-se menores cotações de janeiro a junho e as maiores de julho a dezembro, isto de um modo geral, pois o arroz brilhado de 1ª mostrou tendencia para alta na segunda quinzena de fevereiro, o de 2ª em fins de abril e os especial, superior, bom e regular, de maior consumo, a partir de julho, correspondendo os maiores preços dos ultimos mezes do anno ás épocas de preparo do sólo, plantio e tratos culturaes nos principaes centros productores do sul do paiz.

A diferença entre o maior e o menor preço do assucar foi de 40,00 a 42,85 %, sendo mais caro nos dois ultimos mezes do anno, quando já se manifestava tendencia para alta verificada em 1923.

A farinha de mandioca, em seus typos 1^a, 2^a, 3^a e grossa, variou de 11,11 a 100,00 %, apresentando-se em alta de setembro a dezembro e em baixa de abril a agosto.

O feijão apresentou preços muito variaveis durante o anno: preto, 32 %; mulatinho, 77,27 %; branco, 120 %; manteiga, 76 % e de côres, 42,50 %. Os minimos foram registados respectivamente de fevereiro a abril e de agosto a outubro, de agosto a dezembro, maio e dezembro, abril e fevereiro a maio, pelas variedades referidas.

As baixas são tambem mais ou menos influenciadas pelos fins das colheitas «aguas» e «tempo» nos principaes centros fornecedores.

O milho foi mais barato de maio a setembro, isto é, nos primeiros mezes seguintes ás colheitas nos seus maiores centros de produção.

Os productos pastoris experimentaram tambem variações nos preços durante o anno, excepto a banha, a carne verde e o leite.

Assim é que a carne de porco salgada foi mais barata de julho a dezembro e mais cara em março.

O toucinho manteve-se com a elevação de 10 %, sobre o preço médio, de janeiro a março.

A carne secca ou xarque mostrou tendencia para baixa em fins de abril, attingindo ao menor preço de agosto a dezembro e a manteiga, em desordenadas oscillações durante o anno, marcou a diferença de 50 % entre o menor e o maior preço.

Nessa classe de productos a maior variação foi de 78,94 % para a carne de porco.

*
*
*

Pelos quadros 1 e 2 se pôde comparar os preços das vendas em grosso e a retalho, com mais ou menos 25 % em média de diferença entre uns e outros.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

O quadro n. 3 mostra que durante o anno de 1922 houve uma elevação média de 5,38 % sobre os preços a varejo ou retalho de 1921, emquanto o n. 4 demonstra eloquentemente grande tendencia de aggravação das principaes utilidades alimenticias durante 1923.

Comparados os preços no varejo ou retalho, correntes em junho de 1922 e 1923, verifica-se um augmento médio de 19,69 % em trinta e cinco artigos, equivalente ao indice de 119,69.

Em trabalho já divulgado teve o Serviço occasião de mostrar um augmento de 110,89 % nos preços dos generos alimenticios nesta Capital de 1911 a 1921 e que entre os generos agricolas produzidos no paiz o augmento oscillou entre 6,25 % e 94,44 % e os da pecuaria entre 51,21 % e 116,66, emquanto que os de importação foram augmentados no mesmo periodo de 117,68 % a 302,28 %.

O sal e o pão registavam alta de 140 %.

Em 1922 continuavam em alta sobre 1921 a maioria dos generos produzidos no paiz, e com tendencia de baixa todos os importados.

Assim, pôde-se verificar no quadro n. 3 que entre os generos nacionaes da classe dos vegetaes e seus productos foram accrescidos de 4,04 % a 66,66 % doces, fructas, fubá de milho, cebolas, arroz, farinha de mandioca, feijão, café moido e pão mixto; as hortaliças mantiveram os mesmos preços, entretanto as batatas e o milho diminuiram de 0,60 % e 2,84 %.

Na classe dos animaes e seus productos observam-se altas de 0,37 % a 22,66 % em linguiças, lombo de porco, banha, carne de porco salgada, gallinha, peixe, queijo, manteiga, leite, camarão e ovos; e baixas de 3,40 % a 21,11 % em salame, toucinho salgado, carne verde, xarque e assucar.

Dos generos importados, manteve-se em alta de 0,75 % sobre 1921 apenas o bacalhão.

O azeite doce, a farinha de trigo, o macarrão e o pão de trigo (parte do trigo é de produção nacional) apresentaram reduções de 1,66 % a 19,93 %.

Entretanto, ao que parece (vide quadro n. 4), em 1923 a tendência de baixa dos generos importados ficou reduzida ao azeite doce e ao bacalhão.

Os generos de produção agricola e derivados, com excepção da herva-matte, que soffreu uma redução de 5 % e da cangica de milho que manteve o mesmo preço de 1922, foram todos augmentados, de 1,73 % para o feijão a 104,31 % para o assucar.

O xarque continuou baixando.

A carne verde, o toucinho e diversas conservas de carne mantiveram seus preços, enquanto que a carne de porco, banha, manteiga, leite, ovos, etc., subiram de 2,56 % a 16 %.

Do exposto se evidencia maior encarecimento da vida, pois, não obstante as utilissimas medidas em pratica, reunidos os numeros citados, obtem-se um augmento annual médio de 13,59 % nas utilidades alimenticias, a partir de 1914, sendo: 110,89 % até 1921, 5,38 % em 1922 e 19,69 % em junho de 1923, ou sejam 135,96 % no decennio.

A respeito das causas da alta progressiva dos productos alimenticios, — 13,59 % por anno num decennio, — divergem profundamente as opiniões, não vindo a proposito nessa succinta exposição maiores divagações, certo como é «que uma serie de causas, multiplas e complexas, influe decisivamente no constante encarecimento dos generos de immediata necessidade».

Seria, sem duvida, a exemplo do que se está procedendo nos Estados por intermedio das Inspectorias Agricolas, conveniente um inquerito, na fórma das instrucções elaboradas por esta Directoria, sobre a circulação dos productos agricolas no Districto Federal.

A questão seria melhor esclarecida e se tornaria menos sujeita a controversias.

Os centros ruraes do Districto, de importancia apreciavel para o abastecimento da Capital, soffrerão naturalmente pelo menos o reflexo das multiplas causas que affectam á circulação das utilidades alimenticias nos considerados celleiros do Rio de Janeiro, sendo neste particular opportuno salientar o augmento da tributação sobre os artigos de

primeira necessidade, seja sob a fôrma de impostos ou de tarifas em fretes marítimos ou terrestres que incidem sobre o consumidor, assumpto que tem merecido especial attenção da Superintendencia do Abastecimento, tendo em vista o transporte das zonas productoras aos mercados desta Capital

Ao aggravamento da elevação dos preços das principaes utilidades, sobretudo alimenticias, não têm sido indifferentes nem o Governo nem o Povo.

O primeiro facilitando e amparando por todos os meios o fomento da producção e tomando medidas no sentido desta chegar ao consumidor por preços mais accessiveis e o segundo procurando, embora em pequena escala, o remedio nas cooperativas.

A acção official não passa despercebida á maioria dos consumidores, entretanto, pela natureza das instituições ao alcance dos particulares, — as cooperativas — aproveitam a um menor numero.

As feiras livres, creação da Superintendencia do Abastecimento, têm trazido beneficios apreciaveis, attenuando os effeitos da carestia, quer procurando approximar o productor do consumidor, quer forçando um certo retrahimento nos preços do commercio retalhista, tanto que os indices de 1922 com relação a 1921 não se equivalem nas differentes modalidades de commercio no varejo, mostrando os quadros ns. 4 e 5 que o das feiras livres foi superior ao dos retalhistas, muito embora sejam ellas bem mais barateiras, como prova o quadro n. 6, — comparativo de preços, no varejo, de alguns generos alimenticios nas fôrmas desse commercio nesta Capital em 1922:

O mesmo quadro mostra que o indice entre as *feiras livres e commercio retalhista* foi de 116,85 e entre a *cooperativa* (armazem da Associação dos Funcionarios Publicos Civis) 103,50; portanto, que *as feiras venderam por menos 16,85 % que os retalhistas e 3,50 % que a cooperativa.*

Por sua vez, mostra ainda o quadro n. 6, o indice entre a *cooperativa* e os *retalhistas* foi de 112,95, provando assim *ter a citada Associação proporcionado aos seus associados vantagens de 12,95 % nos preços de seus generos.*

N. 1 — Commercio retalhista do Rio de Janeiro

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	UNIDADE	COTAÇÕES MÊ-DIAS		INDICE	OSCILLAÇÕES		DIFF. ENTRE O PREÇO ANNO DE 1922
			1921	1922		+ %	- %	
1	Arroz brilhado de 1ª	kilo	\$930	\$370	415,05	15,05	—	8,00
2	» » 2ª	»	\$350	\$930	109,41	9,41	—	6,31
3	» especial.	»	\$830	\$930	112,04	12,04	—	8,88
4	» superior	»	\$760	\$850	111,31	11,31	—	7,31
5	» bom	»	\$680	\$750	110,29	10,29	—	8,34
6	» regular.	»	\$570	\$670	113,55	13,55	—	9,37
7	Assucar refinado de 1ª	»	\$1510	\$850	74,78	—	25,22	42,85
8	» » 2ª	»	\$1070	\$800	74,76	—	25,24	40,00
9	» » 3ª	»	\$800	\$660	82,50	—	17,50	40,00
10	Azoiito doce portuguez	litro	124480	108800	86,61	—	13,39	—
11	» » hespanhol	»	78980	78000	87,71	—	12,29	—
12	Bacalhão especial	kilo	\$3190	\$3090	96,86	—	3,14	13,98
13	» regular	»	\$2580	\$2700	104,65	4,65	—	11,11
14	Banha	»	\$2320	\$2300	100,87	0,87	—	—
15	Batatas especiaes	»	\$660	\$680	103,03	3,03	—	37,03
16	» regulares	»	\$480	\$540	112,50	12,50	—	—
17	Café moído.	»	\$2160	\$2500	115,74	15,74	—	—
18	Carne do porco salgada	»	\$3600	\$2680	103,07	3,07	—	78,91
19	» secca especial	»	\$2550	\$2100	82,35	—	17,65	23,33
20	» secca superior	»	\$2260	\$325	80,75	—	19,25	43,33
21	» secca regular	»	\$2100	\$320	77,14	—	22,86	60,00
22	Cobolas	»	\$350	\$800	94,11	—	5,89	—
23	Farinha de mandioca 1ª	»	\$430	\$170	109,30	9,30	—	11,11
24	» » 2ª	»	\$380	\$390	102,63	2,63	—	64,28
25	» » 3ª	»	\$330	\$380	115,15	15,15	—	76,92
26	» » grossa	»	\$240	\$330	137,50	37,50	—	100,00
27	» » trigo de 1ª	»	\$1180	\$960	84,95	—	15,05	11,82
28	» » 2ª	»	\$1050	\$880	83,80	—	16,20	12,94
29	» » 3ª	»	\$1030	\$360	83,49	—	16,51	8,43
30	Fcijão preto especial	»	\$660	\$720	109,09	9,09	—	31,34
31	» regular	»	\$520	\$640	123,07	23,07	—	33,33
32	» mulatinho.	»	\$580	\$660	113,79	13,79	—	77,27
33	» branco commum	»	\$540	\$920	170,37	70,37	—	120,00
34	» manteiga	»	\$820	\$1040	128,82	28,82	—	76,00
35	» de côres	»	\$720	\$340	130,55	30,55	—	42,50
36	Fubá minoso	»	\$520	\$520	100,00	—	—	16,66
37	» fino	»	\$420	\$410	97,61	—	2,39	5,00
38	» grosso	»	\$340	\$440	129,41	29,41	—	15,73
39	» commum	»	\$300	\$360	120,00	20,00	—	—
40	Manteiga	»	08480	7260	112,03	12,03	—	50,00
41	Milho branco	»	\$380	\$320	83,21	—	16,79	25,00
42	» amarello	»	\$340	\$330	97,05	—	2,95	33,33
43	» mesclado	»	\$320	\$320	100,00	—	—	26,66
44	Pão mixto	»	\$360	\$600	166,66	66,66	—	—
45	» de trigo redondo	»	\$300	\$800	75,47	—	24,53	—
46	» » comprido.	»	\$1180	\$1000	84,74	—	15,26	—
47	Sal do Norte	»	\$250	\$240	96,00	—	4,00	—
48	» de Cabo Frio	»	\$240	\$320	91,66	—	8,34	—
49	» estrangeiro	»	\$530	\$580	100,00	—	—	—
50	Toucinho	»	\$2040	\$2040	100,00	—	—	10,00
51	Carne verde	»	\$400	\$200	85,71	—	14,29	—
52	Loite	litro	\$800	\$950	118,75	18,75	—	—
					103,83	3,83	—	25,72

N. 3 — Commercio em grosso de generos alimenticios no Rio de Janeiro

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	UNIDADE	COTAÇÕES MÉDIAS		DIFFERENÇA EM 1922	
			1922	1921	+ %	- %
1	Arroz brilhado de 1 ^a	sacco	50\$000	46\$790	6	—
2	» » 2 ^a	»	45\$540	41\$080	9	—
3	» especial	»	45\$480	42\$140	7	—
4	» superior	»	40\$500	36\$420	10	—
5	» bom	»	35\$500	31\$750	10	—
6	» regular	»	31\$080	27\$400	11	—
7	Assucar refinado 1 ^a	kilo	\$740	1\$000	—	25
8	» » 2 ^a	»	\$700	\$950	—	27
9	» » 3 ^a	»	\$560	\$780	—	28
10	Azeite doce portuguez	lata	9\$000	10\$680	—	15
11	» » hespanhol	»	5\$000	6\$580	—	24
12	Bacalhão especial	caixa	151\$250	166\$440	—	9
13	» regular	»	129\$900	141\$000	—	7
14	Banha	kilo	2\$000	2\$000	—	—
15	Batatas especiaes	»	\$530	\$500	5	—
16	» regulares	»	\$400	\$350	12	—
17	Café moido	»	2\$000	1\$900	5	—
18	Carne de porco salgada	»	1\$720	2\$240	—	23
19	» secca especial	»	1\$800	2\$450	—	26
20	» » superior	»	1\$580	2\$080	—	24
21	» » regular	»	1\$400	1\$890	—	25
22	Cebolas	»	\$650	\$640	—	1
23	Farinha de mandioca 1 ^a	sacco	15\$480	13\$040	15	—
24	» » 2 ^a	»	14\$360	10\$880	24	—
25	» » 3 ^a	»	14\$230	11\$120	21	—
26	» » grossa	»	11\$820	9\$140	22	—
27	» » trigo 1 ^a	»	33\$800	41\$640	—	18
28	» » 2 ^a	»	32\$300	40\$290	—	19
29	» » 3 ^a	»	31\$300	39\$290	—	20
30	Feijão preto especial	»	32\$070	30\$680	4	—
31	» » regular	»	30\$100	23\$460	22	—
32	» mulatinho	»	30\$750	26\$980	12	—
33	» branco commum	»	45\$640	24\$160	47	—
34	» manteiga	»	54\$020	40\$770	24	—
35	» côres	»	49\$180	35\$940	26	—
36	Fubá de milho-mimoso	»	23\$140	21\$450	7	—
37	» » » fino	»	17\$960	16\$370	8	—
38	» » » grosso	»	15\$760	14\$280	9	—
39	» » » commum	»	14\$640	12\$920	11	—
40	Manteiga	kilo	6\$000	4\$880	18	—
41	Milho amarello	sacco	14\$770	14\$660	—	—
42	» branco	»	13\$670	16\$340	—	20
43	» mesclado	»	13\$130	13\$440	—	2
44	Sal do norte	»	7\$400	8\$680	—	14
45	» de Cabo Frio	»	7\$000	7\$000	—	—
46	» estrangeiro	»	14\$000	14\$000	—	—
47	Toucinho salgado	kilo	1\$740	1\$740	—	—

Nota — Caixa de Bacalhão 58 kilos.
 Sacco de arroz, feijão e sal 60 »
 » » farinha mandioca 45 »
 » » » trigo 44 »
 » » fubá de milho 50 »
 » » milho 62 »

N. 3 — Commercio de generos alimenticios no Rio de Janeiro

NUMEROS INDICES

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS ME- DIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1922	+ %	- %
1	Pão mixto	100	166,66	66,66	—
2	Café moido	100	131,47	31,47	—
3	Feijão	100	126,76	26,76	—
4	Ovos	100	122,66	22,66	—
5	Camarão fresco	100	120,83	20,83	—
6	Leite	100	118,75	18,75	—
7	Manteiga	100	116,60	16,60	—
8	Farinha de mandioca	100	114,63	14,63	—
9	Queijo	100	112,35	12,35	—
10	Arroz	100	111,99	11,99	—
11	Peixe fresco	100	110,43	10,43	—
12	Cebolas	100	109,55	9,55	—
13	Fubá de milho	100	108,87	8,87	—
14	Fructas nacionaes	100	107,45	7,45	—
15	Gallinha	100	105,80	5,80	—
16	Carne de porco salgada	100	105,80	5,80	—
17	Dôce (goiabada)	100	104,04	4,04	—
18	Banha	100	100,87	0,87	—
19	Bacalhão	100	100,75	0,75	—
20	Lombo de porco-salgado	100	100,42	0,42	—
21	Linguiças	100	100,37	0,37	—
22	Peixe salgado	100	100,00	—	—
23	Hortalças	100	100,00	—	—
24	Batatas	100	99,40	—	0,60
25	Sal	100	98,34	—	1,66
26	Azeite dôce	100	97,86	—	2,14
27	Milho	100	97,16	—	2,84
28	Salame	100	96,60	—	3,40
29	Farinha de trigo	100	95,20	—	4,80
30	Toucinho salgado	100	93,88	—	6,12
31	Macarrão	100	88,00	—	12,00
32	Carne verde	100	85,71	—	14,29
33	» scca-xarque	100	80,29	—	19,71
34	Pão de trigo	100	80,07	—	19,93
35	Assucar	100	78,98	—	21,11
		100	105,38	5,38	—

N. 4 — Índice dos preços dos generos alimenticios no Rio de Janeiro
em 1922-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS NO VAREJO		OSCILLAÇÕES	
		Junho — 1922	Junho — 1923	+ %	- %
1	Assucar	100	204,31	104,31	—
2	Cebolas	100	180,00	80,00	—
3	Farinha de mandioca	100	166,66	66,66	—
4	Tapioca	100	150,00	50,00	—
5	Café moído	100	150,00	50,00	—
6	Ervilhas partidas	100	145,45	45,45	—
7	Lentilhas	100	144,44	44,44	—
8	Fubá de milho	100	133,33	33,33	—
9	Temperos (diversos)	100	128,06	28,06	—
10	Massas para sopas	100	128,00	28,00	—
11	Arroz	100	125,54	25,54	—
12	Chá	100	121,42	21,42	—
13	Talharim	100	120,00	20,00	—
14	Ovos	100	116,00	16,00	—
15	Camarão secco	100	115,38	15,38	—
16	Lingua do Rio Grande	100	115,38	15,38	—
17	Leite	100	111,11	11,11	—
18	Farinha de trigo	100	111,11	11,11	—
19	Dôces	100	107,94	7,94	—
20	Mantciga mineira	100	107,84	7,84	—
21	Batatas	100	107,14	7,14	—
22	Banha	100	106,97	6,97	—
23	Sal	100	106,66	6,66	—
24	Milho	100	104,17	4,17	—
25	Carne de porco, salgada	100	102,56	2,56	—
26	Feijão	100	101,73	1,73	—
27	Cangica	100	100,00	—	—
28	Linguíça	100	100,00	—	—
29	Toucinho	100	100,00	—	—
30	Conservas de porco	100	100,00	—	—
31	Carne verde	100	100,00	—	—
32	Azeite doce	100	97,90	—	2,10
33	Carne secca-xarque	100	95,45	—	4,45
34	Herva matte	100	95,00	—	5,00
35	Bacalhão	100	89,65	—	10,35
		100	119,69	19,69	

N. 5 — Feiras livres

N. DE ORDEM	GENEROS	UNIDADE	COTAÇÕES MÉDIAS		INDICE	OSCILLAÇÕES	
			1921	1922		+	-
			%	%			
1	Aboboras	Uma	\$920	\$900	96,73	—	3,27
2	Agrião	2 a 3 molhos.	\$100	\$100	100,00	—	—
3	Alface	2 a 4 pés . . .	\$100	\$100	100,00	—	—
4	Arroz	Kilo	\$600	\$637	106,16	6,16	—
5	Assucar branco	\$790	\$660	83,54	—	16,46
6	Azeite doce	Lata	5\$350	6\$375	119,06	19,06	—
7	Bananas	3 a 8 fructos	\$150	\$150	100,00	—	—
8	Batata doce	Porção	\$100	\$100	100,00	—	—
9	Batatinha	Kilo	\$520	\$430	82,69	—	17,31
10	Café moído	>	1\$375	2\$025	147,20	47,20	—
11	Camarão fresco	4\$800	5\$800	120,83	20,83	—
12	Canna de assucar	Uma	\$150	\$150	100,00	—	—
13	Carne de porco salgada	Kilo	2\$180	2\$360	108,26	8,26	—
14	> secca — xarque	>	2\$100	1\$700	80,95	—	19,05
15	Cebolas	\$500	\$625	125,00	25,00	—
16	Côco da Bahia	Um	\$475	\$412	86,73	—	13,27
17	Ervilhas	Porção	\$100	\$100	100,00	—	—
18	Farinha de mandioca	Kilo	\$350	\$380	108,57	8,57	—
19	> > trigo	>	\$700	\$900	128,57	28,57	—
20	Feijão amendoim	>	\$700	\$800	114,28	14,28	—
21	> branco	>	\$500	\$800	160,00	60,00	—
22	> manteiga	>	\$750	\$875	116,66	16,66	—
23	> mulatinho	>	\$475	\$550	115,78	15,78	—
24	> preto	>	\$500	\$570	114,00	14,00	—
25	Fubá de milho	>	\$380	\$370	97,36	—	2,64
26	Galinha	Uma	3\$100	3\$280	105,80	5,80	—
27	Goiabada	Lata	1\$730	1\$800	104,04	4,04	—
28	Limas	Duzia	\$350	\$575	164,28	64,28	—
29	Linguças	Kilo	2\$650	2\$660	100,37	0,37	—
30	Laranja lima	Duzia	\$600	\$500	83,33	—	16,67
31	> selecta	>	\$525	\$580	110,41	10,41	—
32	Lombo de porco, salgado	Kilo	2\$330	2\$340	100,42	0,42	—
33	Macarrão	>	1\$250	1\$100	88,00	—	12,00
34	Manteiga fresca	>	5\$150	6\$240	121,18	21,18	—
35	Milho	>	\$270	\$290	107,40	7,40	—
36	Ovos frescos	Duzia	1\$500	1\$840	122,66	22,66	—
37	Pão	Kilo	1\$000	\$800	80,00	—	20,00
38	Peixe fresco	>	2\$300	2\$540	110,43	10,43	—
39	> salgado	>	1\$500	1\$500	100,00	—	—
40	Queijo de Minas	Um	2\$430	2\$750	113,16	13,16	—
41	> Parmezon	Kilo	6\$300	7\$000	111,11	11,11	—
42	> typo estrangeiro	Um	5\$000	5\$640	112,80	12,80	—
43	Quiabos	Porção	\$100	\$175	175,00	75,00	—
44	Sal	Sacco	\$700	\$740	105,71	5,71	—
45	Salame	Kilo	2\$650	2\$560	96,60	—	3,40
46	Tôcinho salgado	>	1\$800	1\$580	87,77	—	12,23
47	Tomates	Porção	\$100	\$100	100,00	—	—
48	Vagem	>	\$100	\$100	100,00	—	—
49	Chuchú	>	\$100	\$100	100,00	—	—
					108,62	8,62	

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS				INDICE				
		Unidade	Feiras livres	A. F. P. C.	Retalhistas	Feiras livres	A. F. B. C.	Retalhistas	A. F. P. C.	Retalhistas
1	Arroz sem brilho	Kilo	637	720	800	100	113,02	125,58	100	112,56
2	Assucar branco refinado	»	660	670	713	100	101,51	108,03	100	106,52
3	Azeite doce	Litro	6.375	6.020	8.900	100	94,43	139,60	100	145,17
4	Bacalhão especial	Kilo	—	2.600	2.700	—	—	—	100	103,84
5	Bauha	»	430	560	610	100	130,23	141,86	100	127,77
6	Batatinha	»	2.025	2.200	2.500	100	108,64	122,96	100	111,63
7	Café moído	»	625	—	800	100	—	126,40	100	114,32
8	Cebolas	»	2.360	—	2.680	100	—	113,55	—	—
9	Carne de porco salgada	»	—	2.080	2.100	—	—	—	100	100,99
10	» secca especial	»	1.700	—	1.800	100	—	105,88	—	100,00
11	» boa	»	380	390	390	100	102,63	102,63	100	100,00
12	Farinha de mandioca	»	900	900	9.0	100	100,00	100,00	100	100,00
13	» trigo	»	800	800	920	100	100,00	115,00	100	115,00
14	Feijão branco	»	875	870	1.040	100	99,42	118,84	100	119,42
15	» manteiga	»	550	540	660	100	98,18	120,00	100	121,82
16	» mulatinho	»	570	561	680	100	98,24	119,29	100	121,05
17	» preto	»	370	360	400	100	98,10	108,91	100	110,81
18	Fubá de milho	»	—	450	520	—	—	—	100	115,55
19	» minoso	»	6.240	6.260	7.260	100	100,32	116,34	100	116,02
20	Manteiga	»	290	280	320	100	96,55	110,34	100	113,79
21	Milho	»	900	—	900	100	—	100,00	—	—
22	Pão de trigo	»	7.000	7.500	—	100	107,14	—	—	—
23	Queijo Parmezon	Saeco	—	1.300	1.300	—	—	—	100	100,00
24	Sal inglez	Kilo	—	200	230	—	—	—	100	115,00
25	» grosso	»	1.600	1.700	2.000	100	106,25	125,00	100	118,75
26	Toucinho salgado	»	—	5 %	—	100	105,00	—	100	95,00
	Percentagem sobre as compras	»	—	—	—	100	103,50	116,85	100	112,93



ESTADO DE S. PAULO

I — Circulação dos productos agricolas

Aspectos economicos.

Generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Relações entre o commercio em grosso e a varejo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado

I — Circulação dos productos agricolas

Aspectos economicos

O Estado de S. Paulo, pelo seu crescente desenvolvimento, pela sua população já numerosa e de varias origens — com habitos diferentes e necessidades tambem diversas — quer em suas relações sociaes, quer nas de familia, e, pelo surto magnifico de suas lavouras e explorações outras — dispondo de meios de transporte sempre crescentes — produz de quasi tudo quanto necessita, consumindo de todos os generos oriundos de sua agricultura e de suas industrias, exportando para outros mercados nacionaes e estrangeiros — em natureza ou transformado — o excedente de sua producção que, nestes ultimos annos, é, além de volumosa, das mais variadas.

A cultura do café, base economica de todas as iniciativas de vulto, exploração que é a principal riqueza do Brasil, tem no Estado a sua maior área cultivada e, embora alcançando ali coefficiente médio de producção dos mais elevados — igualado sómente pelas lavouras do norte do Paraná — é feita sem prejuizo da criação de gado e do cultivo de cereaes, grãos leguminosos, canna de assucar, mandioca, tuberculos, fructos, hortaliças, etc., que o Estado produz para as necessidades do consumo, dando margem á exportação. O algodão e o tabaco occupam lugar de destaque entre as plantas cultivadas.

E' que acompanhando cuidadosamente as necessidades de sua população e conhecendo atravez da imprensa e por observações valiosas as dos centros nacionaes ou estrangeiros com os quaes transige, agricultura e industria irmanadas propugnam satisfazer as exigencias locais e, tanto quanto possível, supprir as necessidades alheias.

Povo laborioso e activo, acostumado ao trabalho e obediente ás leis, trabalhando com justificado orgulho pelo engrandecimento do Estado e do Brasil, estimulado em sua actividade, não só pelo conforto moral e material de que é cercado, como pelos meios de progresso á sua disposição — instrucção cada vez mais disseminada e estabeleci-

mento de meios rapidos de transporte para a boa collocação dos productos agricolas e industriaes — encontrando remuneração vantajosa em seus empreendimentos, não se limita a explorações restrictas e, desenvolvendo as áreas cultivadas, fundando novas culturas e industrias, não despreza possibilidades.

Os quadros que se seguem, referentes ao valor e producção das culturas de maior importancia economica, justificam o que vimos de dizer.

Produção agricola

GENEROS	UNIDADE	1918-1919	1919-1920	1920-1921	1921-1922
Café	Saccas. .	7.253.250	4.154.700	10.246.200	8.197.700
Algodão.	Arrobas .	11.025.980	4.588.299	5.756.506	2.915.220
Assucar	Saccos. .	489.425	528.821	566.897	729.459
Aguardente e alcool	Hectolitros	843.362	953.880	986.523	1.002.688
Tabaco	Arrobas .	130.316	215.509	207.699	174.100
Arroz em casca. .	Saccos. .	3.355.100	4.686.015	3.851.727	3.975.415
Feijão.	» .	3.522.780	2.859.377	1.755.150	1.678.330
Milho.	» .	13.775.500	15.963.900	17.630.400	16.666.900

Pelos preços medios correntes, nos respectivos annos, dos oito principaes generos agricolas paulistas, o valor da producção foi o seguinte:

GENEROS	1918-1919	1919-1920	1920-1921	1921-1922
Café.	543.993:750\$	378.908:640\$	610.675:520\$	795.176:900\$
Algodão.	121.285:780\$	43.588:841\$	53.247:680\$	43.728:700\$
Assucar.	24.671:630\$	33.971:161\$	23.496:092\$	24.235:971\$
Aguardente e alcool.	43.495:606\$	49.406:877\$	51.692:926\$	52.770:177\$
Tabaco:	5.212:640\$	6.880:719\$	7.269:465\$	9.140:250\$
Arroz	43.783:950\$	82.005:262\$	67.405:223\$	63.606:640\$
Feijão	44.034:750\$	40.031:278\$	48.266:625\$	35.244:930\$
Milho	123.979:500\$	183.584:850\$	185.119:200\$	150.002:100\$
Totaaes.	955.457:606\$	818.377:628\$	1.047.172:731\$	1.173.905:868\$

A produção de vinho atinge a 1.035.970 litros e a de uvas a 386.231 arrobas.

Outras culturas ainda de menor vulto, porém de importancia economica já provada e das quaes nos occuparemos linhas adiante — mandioca, fructas, hortaliças, etc. — interessando sobretudo ao consumo interno, já vão constituindo objecto de exportação e despertando pelas suas possibilidades o maior interesse.

A juta, de grande consumo na fabricação de saccaria, importada em elevada quantidade, já cultivada com successo no municipio de Presidente Prudente e diante dos testemunhos valiosos de experimentados profissionaes — está, sem duvida, despertando para o seu cultivo justificado interesse e nada desautoriza o desenvolvimento e successo de sua exploração.

E a alfafa, « a rainha das forragens », vê o seu cultivo na zona de Chavantes, representando o que ha de mais bello e intelligente no Estado em materia de trabalho mecanico.

O desenvolvimento da industria pastoril tem sido admiravel nestes ultimos annos, cabendo, pelo recenseamento de 1920, por 1.000 habitantes, 532 bovinos, 107 equinos, 71 asininos e muares, 21 ovinos, 55 caprinos e 639 suinos, notando-se que nos 204 municipios então recenseados a densidade de animaes por kilometro quadrado era a seguinte: — *bovinos*, 26 municipios possuindo de 0 a 5 cabeças, 41 de 6 a 10, 66 de 11 a 20 e 71 de 21 e mais cabeças por kilometro quadrado: — *equinos*, 168 municipios criando até 5 cabeças e 36 de 6 a 10 cabeças na mesma área: — *asininos e muares*, 186 municipios até 5 cabeças, 16 de 6 a 10 e 2 de 11 a 20 individuos por kilometro quadrado; — *suinos*, 16 municipios possuindo de 0 a 5 cabeças, 27 de 6 a 10, 57 de 11 a 20 e 104 de mais de 21 cabeças por kilometro quadrado.

A criação de ovinos em todos os municipios não attingia a mais de 5 cabeças por kilometro quadrado e a de caprinos estava distribuida até 5 cabeças em 187 municipios, de 6 a 10 cabeças em 14 municipios e de 11 a 20 cabeças apenas em tres municipios.

Pelo mesmo recenseamento o maior rebanho de bovinos era encontrado nos municipios de Rio Preto, Barretos e Olympia: de equinos, em Rio Preto, Jaboticabal e Tatuhy; de asininos e muares, nos municipios de Mogy das Cruzes, S. Paulo e Campinas; de ovinos, nos de

Rio Preto, S. M. Archanjo e Campinas; de caprinos, nos de Ribeirão Preto, Campinas e Itaporanga e de suínos nos de Rio Preto, Itaporanga e S. J. da Boa Vista.

A população pecuária apurada no Estado e seu respectivo valor em 1 de setembro de 1920 consta do quadro abaixo:

ESPECIES	NUMERO DE ANIMAES	VALOR
Bovina.	2.441.989	307.690:614\$000
Equina.	489.803	83.266:510\$000
Asinina e muar	326.079	73.041:696\$000
Ovina	96.885	1.647:045\$000
Caprina	252.711	4.296:087\$000
Suina	2.934.158	234.732:640\$000

Esse rebanho, estimado em maior numero de animaes e valor, não dispensa a importação, avaliada em cerca de 130.000 cabeças, procedentes de Matto Grosso, Minas e Goyaz.

O augmento dessa importação é devido ao desenvolvimento dos estabelecimentos frigorificos que, não obstante a concurrencia, iniciaram a exportação em 1914 com 1.415 kilos, attingindo aos volumes até 1921:

ANNOS	UNIDADE	CARNES CONGELADAS	CARNES EM CONSERVAS
1915	Kilos	7.946.945	93.325
1916	»	18.688.846	362.173
1917	»	29.134.755	1.097.187
1918	»	32.654.838	2.791.181
1919	»	33.033.736	2.877.745
1920	»	36.710.000	570.172
1921	»	24.673.330	734.668

O valor da produção industrial, compreendendo avultado e variado numero de artigos, tem augmentado consideravelmente nestes ultimos vinte annos, elevando-se de 69.752:000\$ em 1900 a 110.290:400\$ em 1905, a 189.070:000\$ em 1910, a 274.117:422\$ em 1915 e a 793.915:200\$ em 1920, para alcançar a 804.378:007\$ em 1921, não só, nestes dois ultimos annos, em consequência do desenvolvimento da industria como da elevação dos preços.

O commercio com os paizes estrangeiros, pelo porto de Santos, alcançou neste ultimo quinquennio os valores contidos no quadro abaixo:

ANNOS	VALOR A BORDO NO PORTO DE SANTOS			
	Importação		EXPORTAÇÃO	
	Mil réis papel	Equivalente em libras esterlinas	Mil réis papel	Equivalente em libras esterlinas
1918	257.699:609\$	13.756.510	371.446:420\$	20.005.365
1919	381.014:790\$	22.297.985	1.087.487:101\$	64.457.871
1920	613.456:564\$	36.838.795	860.476:150\$	53.250.301
1921	508.567:951\$	18.323.737	841.016:878\$	28.771.553
1922	471.141:991\$	13.876.123	1.150.575:281\$	33.862.887

O volume da importação de procedentes do estrangeiro, durante o anno de 1922, foi de 702.787 toneladas, contra 590.438 em 1921.

O total da importação por classes foi, no mesmo anno, o seguinte:

CLASSES	VALOR A BORDO	EQUIVALENTE EM LIBRAS
I. Animas vivos	406:653\$000	12.148
II. Materias primas e artigos com applicação ás artes e industrias	120.936:630\$000	3.569.477
III. Artigos manufacturados	225.421:821\$000	6.577.348
IV. Artigos destinados á alimentação e forragens.	124.376:881\$000	3.717.150
Total	471.141:991\$000	13.876.123

Os paizes que mais venderam ao Estado nesse anno foram os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Republica Argentina, Italia e Allemanha.

O volume das mercadorias exportadas em 1922 foi de 602.219 toneladas, contra 653.056 em 1921, sendo os valores, por classes, assim discriminados:

CLASSES	VALOR A BORDO	EQUIVALENTE EM LIBRAS
I. Animaes e seus productos	27.029:275\$000	779.198
II. Mineraes e seus productos	153:753\$000	4.543
III. Vegetaes e seus productos	1.123.392:353\$000	33.079.146
Total	1.150.575:281\$000	33.862.887

Do total da exportação concorreu o café com 93 % de tudo quanto S. Paulo mandou para o exterior.

Os maiores compradores foram os Estados Unidos, a França, a Hollanda, a Grã-Bretanha e a Italia.

Verifica-se pelos dados expostos que neste ultimo quinquennio, a differença entre a exportação e a importação, no commercio internacional do Estado, deixou os seguintes saldos:

ANNOS	MIL RÉIS PAPEL	EQUIVALENTE EM LIBRAS
1918	113.746:811\$000	6.248.855
1919	706.472:211\$000	42.159.886
1920	247.019:586\$000	16.411.506
1921	332.448:927\$000	10.447.816
1922	679.433:290\$000	19.986.764

A importação por cabotagem, pelo porto de Santos, em 1918, foi de 199.021.973 kilos no valor total de 175.201:721\$260 e em 1919 de 173.199.181 no valor de 145.720:499\$140 e a exportação que em

1918 era de 37.316.483 no valor de 96.814:587\$110 se elevou em 1919 a 47.942.328 kilos no valor de 100.424:310\$470, alcançando em 1920 ao volume de 54.565.076 kilos e valor de 135.627:019\$670.

As mercadorias exportadas por cabotagem são em grande maioria paulistas e parte estrangeiras.

Generos de consumo e abastecimento dos mercados —
Considerações

Os generos de consumo, especialmente os destinados á alimentação, — que, abundante, sadia e variada, differe em natureza e em composição segundo as preferencias, habitos e recursos das classes consumidoras—, são em quasi totalidade produzidos no proprio Estado.

O commercio de generos alimenticios com os paizes estrangeiros, feito sobretudo, senão exclusivamente, pelo porto de Santos, teve de 1920 e 1922 o seguinte movimento:

Bebidas

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Aguas mineraes de mesa.	181:681\$00	123:582\$000	14:188\$000
Bebidas alcoolicas e fermentadas.	1.151:193\$000	589:185\$000	845:448\$000
Cerveja	626:487\$000	48:257\$000	435:551\$000
Licores e xaropes	283:485\$000	138:290\$000	144:226\$000
Succo de uvas	62:129\$000	8:001\$000	35:658\$000
Vermouth, etc.	2.387:331\$000	1.119:072\$000	2.072:646\$000
Vinhos espumantes.	1.385:012\$000	355:221\$000	566:797\$000
Vinhos finos.	3.807:636\$000	2.274:124\$000	2.288:908\$000
Vinhos communs	18.985:384\$000	12.834:059\$000	14.286:591\$000
Não especificados	45:644\$000	27:030\$000	16:696\$000
Total.	28.916:931\$000	17.606:841\$000	20.709:209\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Aguas mineraes	185\$000	80\$000	—
Aguardente	90\$000	140\$000	824\$000
Bebidas não especificadas.	80\$000	18:577\$000	6:564\$000
Cerveja.	550\$000	574\$000	1:769\$000
Vinho	—	150\$000	60\$000
Alcool	130\$000	—	—
Total	1:035\$000	19:521\$000	9:217\$000

Cereaes, farinhas e grãos alimenticios

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Aveia	106:631\$000	82:967\$000	75:268\$000
Cevada	10:811\$000	71:384\$000	35:855\$000
Farinha de trigo	19.285:876\$000	8.189:288\$000	15.567:276\$000
» » milho	137:544\$000	10:349\$000	19:502\$000
» e feculas não especi- ficadas	223:716\$000	92:573\$000	340:602\$000
Feijão e favas	21:800\$000	19:756\$000	62:317\$000
Milho	12:179\$000	—	4:069\$000
Trigo em grão	38.889:574\$000	58.848:281\$000	60.699:873\$000
Não especificados	197:309\$000	320:536\$000	678:480\$000
Total.	58.885:199\$000	57.635:134\$000	77.423:242\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Arroz.	59.893:622\$000	7.811:977\$000	743:850\$000
Farinhas e feculas — araruta . .	5:774\$000	—	—
Farinhas e feculas — arroz . . .	22:500\$000	—	—
Farinhas e feculas — mandioca	6:315\$000	11:786\$000	335\$000
Farinhas e feculas — milho. . .	—	60:060\$000	—
Farinhas e feculas — polvilho . .	34:150\$000	11:250\$000	—
Farinhas e feculas — tapioca . .	4:460\$000	—	330\$000
Farinha de trigo	—	—	144:234\$000
Farinhas e feculas não especi- ficadas	13:400\$000	346\$000	106\$000
Feijão	7.584:637\$000	93:895\$000	1:072\$000
Lentilhas.	23:934\$000	15:155\$000	—
Milho.	15\$000	22:100\$000	39:600\$000
Sementes diversas.	5:841\$000	25:145\$000	3:920\$000
Total	67.594:648\$000	8.051:715\$000	933:507\$000

Conservas e extractos

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Azeitonas.	1.572:185\$000	507:124\$000	1.192:197\$000
Bacalhão	6.182:363\$000	4.493:502\$000	6.245:115\$000
Conservas e extractos de carne, não especificadas.	89:544\$000	49:192\$000	48:434\$000
Idem de fructas.	1.234:752\$000	37:297\$000	59:874\$000
> > legumes	1.399:461\$000	536:991\$000	1.040:350\$000
> > peixe	2.625:211\$000	1.717:844\$000	1.762:950\$000
Diversas	30:785\$000	1:687\$000	1:981\$000
Total.	12.134:301\$000	7.343:637\$000	10.350:900\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Banha.	5.552:549\$000	2.187:924\$000	2.113:254\$000
Carne em conserva.	1.425:093\$000	1.306:313\$000	429:127\$000
» vaccum resfriada e congelada	33.959:478\$000	27.395:790\$000	17.005:489\$000
Idem de porco	2.155:960\$000	1.942:122\$000	1.730:310\$000
Idem miudos.	417:504\$000	605:547\$000	310:469\$000
Xarque	457:720\$000	60\$000	—
Linguas	34:760\$000	149:724\$000	346:044\$000
Ostras.	18:520\$000	37:995\$000	55:706\$000
Tripas seccas e salgadas	158:103\$000	72.779\$000	99:149\$000
Diversas	2:915\$000	2:617\$000	900\$000
Total.	44.132:602\$000	33.700:875\$000	22.090:448\$000

Fructas de mesa

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Amendoas	424:806\$000	199:683\$000	661:741\$000
Avellãs	249:659\$000	99:428\$000	251:082\$000
Castanhas	140:031\$000	863:077\$000	532:857\$000
Maçãs.	73:438\$000	53:992\$000	9:673\$000
Nozes	535:154\$000	199:391\$000	570:255\$000
Pêras	59:690\$000	52:217\$000	57:733\$000
Uvas	553:793\$000	346:665\$000	741:188\$000
Diversas — seccas	1.808:536\$000	393:365\$000	991:721\$000
Diversas — verdes	199:135\$000	264:573\$000	508:246\$000
Total.	4.044:242\$000	2.472:391\$000	4.324:496\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Abacaxis	55:264\$000	48:283\$000	65:707\$000
Bananas	2.304:434\$000	2.711:641\$000	5.559:437\$000
Laranjas	68:290\$000	125:765\$000	151:279\$000
Não especificadas	300\$000	—	18:098\$000
Total.	2.428:288\$000	2.885:689\$000	5.794:521\$000

Legumes e verduras

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Seccas.	34:346\$000	35:151\$000	29:684\$000
Verdes	—	—	6\$000
Total.	34:346\$000	35:151\$000	29:690\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Tomate	—	36:044\$000	24:807\$000
Total.	—	36:044\$000	24:807\$000

Leite e seus derivados.

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Leite em conserva	78:556\$000	134:090\$000	18:559\$000
Manteiga	26:108\$000	6:047\$000	—
Queijo	1.994:137\$000	289:925\$000	690:795\$000
Total.	2.098:801\$000	430:063\$000	709:354\$000

	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Manteiga	2:666\$000	30:810\$000	1:600\$000
Queijo	950\$000	—	—
Total.	3:616\$000	30:810\$000	1:600\$000

Diversos

MERCADORIAS	VALOR DA IMPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Alhos	302:392\$000	209:445\$000	254:000\$000
Assucar	4:750\$000	730\$000	—
Azeite de oliveira	10.609:229\$000	2.013:194\$000	6.719:450\$000
Batatas.	301:379\$000	79:816\$000	180:948\$000
Biscoitos e bolachas	119:399\$000	37:424\$000	11:931\$000
Cebôlas	21:528\$000	23:120\$000	3:565\$000
Chá	346:075\$000	171:014\$000	521:935\$000
Chocolate.	41:409\$000	13:253\$000	11:665\$000
Confeitos e doces	55:092\$000	37:562\$000	27:617\$000
Especiarias	967:530\$000	197:861\$000	1.052:233\$000
Massa.	975\$000	74\$000	173\$000
Sal commum.	1.035:498\$000	232:521\$000	252:170\$000
Vinagre	60:937\$000	27:187\$000	62:721\$000
Não especificadas	257:542\$000	86:717\$000	111:124\$000
Total.	14.124:735\$000	3.129:918\$000	9.209:532\$000

MERCADORIAS	VALOR DA EXPORTAÇÃO		
	1920	1921	1922
Assucar branco . . .	1.715:314\$000	74:732\$000	38:820\$000
Café em grão . . .	671.363:457\$000	761.327:301\$000	1.071.741:464\$000
Herva matte . . .	35:626\$000	55:920\$000	28:695\$000
Diversos . . .	14:240\$000	38:360\$000	37:139\$000
Total . . .	673.128:637\$000	761.495:313\$000	1.071.846:118\$000

O movimento do commercio de generos alimenticios com os paizes estrangeiros, pelo porto de Santos, alcançou, em resumo, os seguintes valores em moeda brasileira:

ANNO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
1920	787.338:826\$000	119.238:555\$000
1921	805.220:967\$000	98.653:135\$000
1922	1.100.700:218\$000	122.756:424\$000

Excluido o café, factor da superioridade da exportação sobre a importação dos generos destinados á alimentação e abastecimento dos mercados do Estado e de alguns de Matto-Grosso, Goyaz, Minas e outros, verifica-se excesso de importação sobre a exportação, regulando esse 3.213:188\$ em 1920, 53.760:469\$ em 1921 e 93.797:670\$ em 1922. O trigo em grão e a farinha de trigo absorveram nesses annos, em média, 59,62% do valor total dos generos alimenticios importados do estrangeiro, ou 12,93%, tambem em média, do valor total da importação paulista do estrangeiro.

A lavoura de café representa a base de qualquer iniciativa e os alicerces de todo o progresso do Estado. A par dessa cultura, cujos resultados deixaram de ser a base economica e financeira regional, para ser aquella em que se assenta a fortuna do Brasil, cultivam-se em

todo o seu territorio cereaes que produzem com sobra para as necessidades proprias ; o assucar, oriundo de grandes culturas, fabricado por meio de machinismos os mais aperfeiçoados ; os grãos leguminosos, tuberculos, algodão, fructas e hortaliças, servindo ás vezes de objecto de exportação, como acontece com o arroz, a farinha de mandioca e as hortaliças, que são collocados nos mercados do Rio de Janeiro, sendo ainda o primeiro objecto de commercio de cabotagem.

Conforme a densidade da população e a natureza da exploração agricola, municipios ha, e dos mais importantes, que, apesar de possuirem terrenos capazes de produzirem certos generos reclamados pelas suas necessidades, importam de outros, como acontece com Ribeirão Preto, por causa da expansão de sua cultura de café, não permittindo agora, pela sua idade, cultura intercalar de outras plantas. Por sua vez, Rio Claro, S. Carlos, Amparo, S. Simão e outros, embora cogitem de outras produções, bem como Queluz, Mogy das Cruzes, Jacarehy, Sorocabana, Botucatu é quasi todos os do sul do Estado, tambem importam generos de consumo diário, não porque não haja absolutamente produção, mas porque é insufficiente.

Os municipios localizados nas zonas das estradas de ferro Sorocabana, ramal de Tybagy e Noroeste, produzem com certa sobra todos os generos necessarios, a par da lavoura de café, que constitue cogitação basica de seus agricultores.

Referentemente ás zonas novas da Sorocabana, enorme é o surto de progresso alli verificado, progresso estribado exclusivamente na lavoura e na exploração de madeiras.

Nessas zonas agricolas, principalmente, a cultura de cereaes não se tem desenvolvido mais porque as estradas de ferro não dispõem de material rodante sufficiente ao transporte da massa de produção, e talvez porque o systema de tarifas por tonelada-kilometro sobrecarrega demais os generos produzidos, fazendo com que cheguem aos grandes mercado; consumidores por um preço superior ao valor venal.

Nas nossas estradas de ferro a média da utilização da capacidade offercida no transporte de mercadorias é de 16 % e do peso util para o peso morto de 5 %.

E' verdade que este systema vem sendo modificado em S. Paulo pelo differencial, isto é, por uma redução de tarifas proporcionaes aos percursos.

Essa medida é a prova evidente do erro da forma das tarifas e não altera as condições do problema.

As nossas tarifas devem ser modificadas, adoptando-se as tarifas fixas ou de fretes para cada um dos productos de accôrdo com as possibilidades de lucros na producção.

Esta evolução economica é a unica medida capaz de resolver o problema de transporte agricola, para a lavoura e sua expansão num qualquer ponto do Estado, accudindo tambem aos *deficits* da viação ferrea, que se verifiquem.

A falta de material rodante nas estradas de ferro, oriunda do systema de tarifas, é a causa de se encontrar em seus armazens productos de primeira necessidade deteriorando-se por serem atacados pelo gorgulho, com prejuizos para o commercio.

A circulação dos productos agricolas nas zonas do Estado, se resente de algumas faltas, principalmente no que diz respeito a fructas e hortaliças, ante a difficuldade de transportes, dada a deficiencia absoluta de vagões apropriados a esse mister, ou devido á demora em chegarem á estação de destino.

A exportação de fructas e legumes para os mercados de S. Paulo e Rio de Janeiro é bastante intensa e praticada na sua quasi totalidade pelos proprietarios do valle do Parahyba, onde a propriedade está muito subdividida e, por causa disso, o preço aquisitivo das terras se tem elevado bastante, tratando-se embora de terras ha longos annos cultivadas.

Essa exploração a que os grandes proprietarios chamam de *quintanda*, em área que não excede de 24.200 metros quadrados, trabalhada geralmente a arado e adubada com adubos chimicos e estercor de curral, produz uma renda annual liquida, minima, de 2:000\$, renda essa não attingida pela mesma área de terreno cultivada com canna, café, ou outra cultura qualquer que necessite de certo numero de trabalhadores e emprego de avultados capitaes.

No sul do Estado, a lavoura principal é a do algodão, destinando-se ás fabricas de tecidos, sem comtudo satisfazer ainda as suas necessidades.

O producto é de boa qualidade e as condições lhe são propicias; porém o braço é escasso, para se alargar a cultura pouco conhecidos os meios de evitar a degenerencia da semente e o ataque das molestias que a perseguem.

O total do algodão produzido encontra sempre prompta collocação nas fabricas estabelecidas em Tatuhy, Sorocaba, Bury, etc.

O café produzido nos terrenos limitrophes com os Estado do Rio é exportado para essa praça, obtendo os preços de conformidade com a cotação official.

Os outros generos de pequena lavoura, como fructas, hortaliças, gallinhas, ovos, etc., exportados para o Rio, estão sujeitos aos preços impostos pelos intermediarios, que, gananciosos, não se pejam do uso de embustes, declarando ora o recebimento em menor quantidade, ora em menor peso, prejudicando o exportador, e locupletando-se do seu esforço.

Sobre este assumpto, tornar-se-ia muito conveniente que os poderes constituídos tomassem uma providencia, tendente a regular as relações em bases sérias entre o productor e o intermediario.

Muitos pequenos lavradores preferem lucros menores, vendendo os generos nos centros de producção, ou nas feiras livres dos municipios, que exportarem para o Rio ou S. Paulo, afim de não se sujeitarem ao arbitrio dos intermediarios.

Isto acarreta faltas de generos nos grandes mercados consumidores, elevação de preços e difficil obtenção, por parte da população pobre, do necessario á vida.

Nas zonas puramente cafeeiras, como no Noroeste, Sorocabana, Paulista e Mogyana, a mais de 150 kilometros de S. Paulo, a circulação dos productos agricolas faz-se exclusivamente entre municipios vizinhos, excepto em relação ao café, assucar e algodão.

A cultura da canna de assucar, nessas zonas, e a do algodão, são praticadas por poucos lavradores já estabelecidos antes da valorização do café.

Para o beneficio da canna de assucar existem grandes usinas com machinismos muito aperfeiçoados em Igarapava, Sertãozinho, Santa Rosa, Piracicaba, Campinas, Porto Feliz e Lorena.

A cultura do algodão, que obteve certo desenvolvimento depois da grande geada de 1918, ainda continúa a ser tratada, si bem que em menor área, porque seus preços tambem offerecem margem a grandes lucros, devido á enorme procura desse genero, por parte das fabricas disseminadas por todo o Estado, ainda importadoras dos Estados do Norte, por ser a producção do Estado insufficiente para abastecer-as.

A extensão territorial do Estado, a uberdade de suas terras, a amenidade de seu clima, a tenacidade de seus lavradores, os meios de transporte de que já dispõe, tanto em estradas de ferro como em magnificas estradas de rodagem, poderão fazer de S. Paulo o celeiro do Sul do Brasil, desde que sua actividade não se concentre apenas na cultura cafeeira, como aliás já vae acontecendo.

Poucos são os municipios que não produzem generos de primeira necessidade para o consumo proprio, havendo até, em relação a certos generos, como o arroz e a farinha de mandioca, regular exportação, para o mercado do Rio e para o estrangeiro.

Os mercados do Rio e S. Paulo são grandemente suppridos de leite, hortaliças e fructas provenientes de diversos municipios proximos.

As estradas de rodagem ligando os municipios entre si e as fazendas ás estações de estradas de ferro favorecem muito a circulação dos productos agricolas.

Nos proprios municipios de terra de boa qualidade, occupada com cafezaes de 30 annos de idade, como as das zonas das estradas de ferro Paulista e Mogyana, o uso da adubação está se generalizando, com o aproveitamento do estrume de curral e da palha do café, applicados por occasião das capinas, logo após a colheita, elevando-se o coefficiente de produção de 20 a 30 %. Na zona da Central do Brasil essa pratica está diffundida, ao lado da de cultura mecanica, em toda a extensão cultivada do valle do Parahyba, a par de certos caprichos na industria pastoril para obtenção do leite sufficiente ao funcionamento das fabricas de lacticinios estabelecidas em Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Cachoeira e Cruzeiro.

Tambem nas zonas cafeeiras não são poucos lavradores que, para supprirem a deficiencia de braços, usam tratar seus cafezaes com capina-deiras mecanicas, desde que a topographia do terreno assim o permitta.

Nas zonas do Noroeste e da Sorocabana, tal providencia não é em regra observada, porque em se tratando de terrenos novos e muito productivos, as culturas conhecidas prendem mais a attenção do lavrador, excepção feita no cultivo da alfafa em Chavantes, Ipaussu e adjacencias, visto que a propria natureza dessa cultura exige trabalhos puramente mecanicos.

Nas culturas de cereaes, porém, nem sempre assim acontece, mesmo porque, com excepção das zonas novas, a quasi totalidade dos terrenos por ellas occupados é onde se cultivava tambem em consociação o café.

Na zona sul do Estado, mais pastoril que agricola, toda a agricultura é feita em pequenas extensões; nos oasis de matto espalhados pelas extensas campinas, que caracterizam a região, tambem não é notavel o grande uso de machinas agricolas, mesmo no cultivo do algodão, que é a principal lavoura da zona. E' ahi que, sem methodo racional e aproveitando-se apenas dos dons naturaes, criam-se milhares de cabeças de gado vaccum, para o abastecimento de outros mercados, sem comtudo chegar a satisfazel-os.

O trabalho agricola mais ou menos intelligente é notado na zona da Estrada de Ferro Central do Brasil, onde a adubação, o revolvimento da terra e a selecção de sementes muito preoccupam os lavradores, e isso porque o terreno, um tanto exgottado e topographicamente adequado, permite e exige taes cuidados.

A cultura de alfafa na zona de Chavantes representa o que ha de mais bello e intelligente no Estado em materia de trabalho mecanico.

As novas estradas de rodagem, construidas segundo os preceitos technicos, cortando o Estado em toda sua extensão, ligando municipios longinquos ás estações ferro-viarias, cuja rêde põe em communicação rapida e commoda os sertões com a capital do Estado e da Republica, hão de necessariamente concorrer para o augmento da producção e consequentemente para augmento da capacidade de exportação do Estado.

Os preços de generos de primeira necessidade, durante o anno, soffrem oscillações, porém não tão grandes que abalem o systema de vida de cada um, a menos que, em determinada zona, não se manifeste algum serio phenomeno anormal nas culturas, como geadas, chuvas de pedra, etc.

Em tal caso os preços augmentarão de uma percentagem acima da commum, e isto mesmo não tão grande que abale a vida agricola, visto que os municipios não atacados soccorrem os flagellados, como sempre aconteceu.

Mesmo a grande geadá de 1918, que destruiu cerca de 60 % dos cafesacs do Estado e que se manifestou quasi com igual intensidade em todo elle, não trouxe a desorganização agricola e a perturbação economica que era de esperar, porque seus lavradores, com a tenacidade conhecida, e a confiança na prodigalidade da terra, estenderam

as culturas de algodão nos terrenos dos cafesaes queimados pelas geadas, e obtiveram com essa cultura, que se tornou remuneradora, a reconstrucção da lavoura destruida.

Um povo que tem a paciencia de esperar cinco annos que seus cafesaes comecem a remunerar trabalhos e despezas de formação; que não esmorece deante de phenomenos como o acima citado, atirando-se a outras culturas, em busca da sua fortuna abalada pela cessação brusca de producção, não pode temer faltas e nem concorrência de outros em materia de productos agricolas de primeira necessidade.

Por essa occasião houve lavradores que plantaram algodão duas vezes, em extensões de 500 e mais hectares, porque o *curuqueré* e outras molestias destruíram as primeiras plantações.

A extensão territorial cultivada, no vale do Parahyba, pode ser augmentada, si se levar a effeito a rectificação do leito desse rio, que, muito sinuoso e com pouca declividade, com suas enchentes annuaes, prohibe a exploração rural de suas margens, em todo o curso.

Felizmente o Congresso Estadual está actualmente discutindo um projecto nesse sentido, que, approvado, como certamente será, sua pequena lavoura terá maior expansão e os mercados do Rio de Janeiro e S. Paulo lucrarão com uma maior abundancia de generos e, consequentemente, terão uma reducção nos preços dos de primeira necessidade.

Como é nessa zona que existe a maior área cultivada em mandioca, essa cultura ainda mais deverá augmentar devido aos grandes lucros que está produzindo, principalmente si se conseguir introduzir, o que é facil, a fabricacão do pão mixto.

Os factores climaticos que podiam influir nas culturas, actuando por sua vez nos preços acquisitivos, conforme a maior ou menor producção, não são de temer, porque, por observações de mais de vinte e cinco annos em dezenas de postos meteorologicos disseminados por todo o Estado, pode-se ter confiança em sua regularidade, visto não se ter observado jamais alteraçã sensivel que venha perturbar seriamente a vida agricola do Estado.

A propria geada de 1918 cahiu em junho e só prejudicou o café porque, as demais culturas, ou já tinham produzido colheitas, ou ainda

não tinham sido estabelecidas, não alterando portanto a produção dos generos de primeira necessidade, cuja cultura é iniciada em setembro e terminada, no maximo, em maio.

Nos municipios em que é grande a densidade de população, a falta de braços para a lavoura não é tão sensivel, apesar da situação economica actual e da intensa actividade que se manifesta em todas as camadas sociaes.

Conservando até certo ponto o urbanismo, com o augmento consequente do consumo de generos de primeira necessidade.

Ainda assim, esta tem accudido ás necessidades, sem precisar de soccorros de outros Estados e mesmo do estrangeiro, como antigamente acontecia até com o milho, que vinha da Republica Argentina, e com o feijão e a farinha de mandioca, que eram importados do Rio Grande do Sul.

Como o Estado está perfeitamente dividido em quatro zonas climatologicas distinctas, seria preciso que em todas ellas houvesse perturbações, com prejuizos para as colheitas, para que a população urbana viesse a soffrer abalos que prejudicassem seriamente sua economia.

Aliás, esses phenomenos se têm observado com a cultura do arroz, que, não dispondo de humidade sufficiente, pela diminuição de quedas d'agua, em determinadas occasiões e em determinados lugares, não tem soffrido diminuição prejudicial em sua totalidade, porque essa falta não é observada em outras zonas de cultura.

Os preços acquisitivos de taes generos nessas condições, soffrem, é verdade, um augmento sensivel, mais como especulação mercantil, que se apegam a factos de pequena importancia para delles tirar todo partido.

Evidencia-se do exposto que as necessidades geraes do Estado são perfeitamente satisfeitas com seus recursos proprios; e nota-se franca tendencia para a polycultura como meio de se libertar das importações.

O xarque que era uma das bases de alimentação das classes pobres do Brasil, na sua quasi exclusividade importado do Rio Grande do Sul e da Republica Argentina, tem hoje seu volume de importação bastante reduzido, com o estabelecimento de xarqueadas e matadouros em Guaratinguetá, Caçapava, Osasco, Santos, Barretos e Franca, onde a par de carnes frigorificas, produzem esse genero em certa quantidade.

A farinha de mandioca, que é hoje genero de muita procura, e até de exportação, tem tido sua área cultivada muito desenvolvida, nos ultimos annos, por todo o Estado, o com tendencia para se desenvolver ainda mais, dovido ao acoroçoamento do Governo com o decreto n. 4.340, de fevereiro de 1922, e a consequente elevação do preço que, em um anno, passou de 12\$ a 18\$ por sacco de 45 kilos.

A farinha de mandioca preparada convenientemente, como se pratica em Casa Branca, na fazenda de Sant'Anna, e em Ribeirão Preto, na fazenda Guatapará, e como se deve praticar em diversos outros municipios que procuram estabelecer a cultura de mandioca em áreas relativamente grandes, servirá para augmentar a fortuna particular e para trazer uma sensivel redução na importação de trigo, porque supprirá de 30 a 40 % esse cereal na fabricação do pão, sem prejudicar suas condições alimenticias e no preparo de muitas massas alimenticias.

O commercio da capital do Estado, no que concerne aos generos alimenticios de primeira necessidade, e mesmo de alguns outros superfluos, abastece-se nos diversos municipios do Estado, importando sómente de outros e do estrangeiro bacalháo, kerozene e farinha de trigo, xarque e sal.

Tambem ainda não póde dispensar a importação do assucar, porque suas usinas não produzem o sufficiente ás exigencias da população.

Os generos derivados da industria são por sua vez importados, porque ainda nesse ramo de actividade não estão aparelhados de accôrdo com as necessidades da população, si bem que se encontrem em todo o Estado, disseminadas por todo o seu territorio, fabricas varias que produzem artigos reputados excellentes, o que sempre determina uma grande redução na importação de similares estrangeiros.

Tem-se estudado e constitue problema de cogitação do governo a substituição da gazolina de consumo no Estado pelo alcool desnaturado.

Ao par da sua lavoura, o Estado cria muito gado de diversas especies, principalmente vaccuns e suinos, como elemento especulativo.

Não ha fazenda alguma que não tenha essas especies, ao menos para o consumo proprio.

Como se faz muito uso de esterco de curral para a adubação de cafesaes, hortas e pomares, as propriedades mais importantes conser-

vam o gado preso, á noite, nos curraes, ou em estabulos, afim de aproveitarem as dejecções liquidas e solidas para o preparo do estrume; outros, constroem estabulos com todos os requisitos e grande capacidade, onde são conservados os animaes de custeio e as vaccas de leite.

Pode-se affirmar que não ha propriedade que não tenha pelo menos 10 cabeças de gado vaccum, entre bois de carros e vaccas leiteiras, e tres de gado suino no chiqueiro para occorrer ás proprias necessidades.

Si bem que o progresso dos transportes e as bôas estradas de rodagem tenham relegado o carro de boi para um plano muito secundario, prohibindo até o uso desse vehiculo, tende elle a desaparecer.

Para prevenir certas molestias que atacam periodicamente o gado vaccum, em todo o territorio do Estado, onde o numero de cabeças é de certo vulto, têm-se construido banheiros carrapaticidas e todos se previnem de vaccina contra as molestias da criação.

Os preços dos generos de primeira necessidade soffrem oscillações conforme a época do anno, oscillações essas que não são muito sensiveis entre municipios, porque, como se disse, elles se soccorrem mutuamente.

Na época das colheitas, esses generos são adquiridos por um preço rasoavel, para depois de quatro a cinco mezes subirem e alcançarem 20, 30 e 40 % a mais, sabido como é que, na primeira época, ha abundancia e falta de lugares proprios ao seu armazenamento.

Mais tarde ha escassez, devido ao systema de fretes que ora prohibe o alargamento das culturas, justamente nos lugares novos de grande productividade, offerecendo margem aos açambarcamentos pelos especuladores, que tudo fazem pãra adquirir grandes partidas de generos mais procurados, para o consumo immediato e para exportação, como a farinha de mandioca e o arroz.

As vendas são realizadas a dinheiro ou ordens sobre Bancos disseminados em todos os municipios de alguma importancia, ou sobre casas bancarias que operam nesse ramo de especulação e que se encontram em todas as cidades.

Para o pequeno lavrador o proprio commercio local serve de soccorro, emprestando a praso fixo as quantias necessarias ao custeio agricola, para depois reembolsar em especie ou dinheiro, a juros de 1 % ao mez.

Quando o pagamento é feito em especie, ou estipulam o preço por occasião do contracto, ou accéitam o preço corrente. Os pagamentos do trabalhador rural, empregado nos tratos dos cafesaes, são feitos annualmente, por occasião da terminação da colheita do café em outubro, havendo, porém, quem os realize de tres em tres mezes, conforme contracto; os empregados, porém, dessa cultura, como carroceiros, carreiros, camaradas de terreiro, são pagos mensalmente, e as turmas que accidentalmente cuidam dos talhões de café, sem empreiteiros, ou que praticam esse serviço, acudindo a desidia destes, recebem o salario após o serviço.

Os colhedores de café são pagos semanalmente. Nas outras lavouras os pagamentos são feitos logo após a terminação de qualquer serviço de cultura, quer este seja contractado por empreitada ou por dia, sendo tambem os demais pagos por mez.

Os generos são cotados segundo certas exigencias do commercio, não sendo sempre estas muito compatíveis com a qualidade do producto.

Assim alcança maior preço o arroz polido, que não é o mais alimenticio; a farinha de mandioca clara e um tanto carregada de polvilho, que não é tão agradável ao paladar como a melhor torrada, embora um pouco de cor creme; o feijão manteiga em certos mercados é preferido; o mulatinho em outros, e o preto por sua vez em outros, conforme o uso dos consumidores.

Os impostos municipaes, que incidem sobre a lavoura, não a perturbam; os estaduais, porém, quando se referem á exportação, têm atrophiado a expansão commercial do Estado, porque se tornam prohibitivos para certos effeitos, em vista de deixarem pouco lucro ao exportador; os federaes, principalmente em relação á aguardente, têm sido a causa da diminuição desse producto e do consequente augmento do seu preço acquisitivo.

Nas zonas da Mogyana e Paulista, as diversas praças commerciaes mais importantes são: S. Simão, Ribeirão Preto, Pirassununga e Casa Branca, que compram as mercadorias nas praças de S. Paulo e Santos, que, por sua vez, abastece os mercados de Ituverava, Cascavel, Rio Preto, Cajurú, Orlandia, etc.

Os artigos de exportação desses centros acima citados são comprados nas praças menores e exportados directamente para os centros commerciaes de S. Paulo e Santos.

O café, quasi todos os municipios mandam para Santos, para os seus correspondentes vendel-o, com a condição do commissario cobrar somente 3 % na venda.

Os lucros que as casas commerciaes diversas tiram variam muito, 5, 10, 20 % e até mais.

As compras das casas commerciaes são a praso de 30, 60, 90 dias e outras mercadorias de venda rapida são de conta corrente.

Existe no Estado um banco hypothecario, com o fim de fornecer dinheiro aos fazendeiros por meio de hypotheca sobre o immovel.

Até hoje nenhum municipio estabeleceu leis sobre o regulamento e determinação sobre os preços dos generos de primeira necessidade.

Os governos estadual e federal têm agido, nesse sentido, de um modo indirecto, criando, em diversos pontos do Estado, succursaes das Inspectorias Agricolas, com o fim de intensificar a producção dos productos de generos de primeira necessidade.

Comquanto todos os municipios desta zona sejam cortados por estradas de ferro, a crise de transporte se manifesta, accentuadamente, nos mezes de setembro a dezembro, em virtude da safra cafeeira e de sua limitação de embarque.

Principalmente no corrente anno, em que a lavoura de café produziu o seu maximo, mais se verifica a crise do transporte, observando-se na totalidade das estações de vias ferreas o abarrotamento desse producto, que se vê em saccas e saccas empilhadas nas mesmas estações em confusão com outros productos, como sejam cereaes, difficultando o transporte de materiaes de construcção e outros artigos que reflectem na vida economica dos municipios.

Essa crise é motivada pela falta de aparelhamento das estradas de ferro, e sérios prejuizos causam á lavoura, ao commercio e á industria, encarecendo os productos cultivados nos municipios.

Na zona do littoral do Estado os generos alimenticios de maior consumo em todos os municipios são: feijão, arroz, carne, banha, mandioca, milho, trigo, batata ingleza, café e verduras.

O feijão, o arroz, a batatinha e as hortaliças, são consumidos como vêm dos productores, uma vez limpos ou beneficiados á machina ou á mão.

O milho, o trigo e a mandioca são consumidos em fórmula de farinhas. A carne e a banha são productos da pecuaria e da industria.

Destes productos, á excepção do trigo importado da Argentina ou dos Estados do Sul do Paiz, são todos de producção local, em maior ou em menor quantidade, conforme o municipio.

Assim, no littoral, todos os municipios produzem arroz, feijão, mandioca, milho, café, batatinhas e hortaliças, sendo que alguns delles, como Iguape, Tiririca e Itanhaem, produzem arroz em quantidade para as suas necessidades internas e para exportação.

Apiahy, Faxina, S. Roque, Tatuhy, Tieté, Sorocaba, Itape-tinga, Porto Feliz, Iguape, Iporanga, Itaporanga, Capão Bonito, Piedade, Pilar e Una produzem feijão, milho, batatas, mandioca, para consumo e para exportação em pequena escala em certos annos.

Os municipios de Santos, Itanhaem, S. Vicente, S. Sebastião, Villa Bella, Caraguatatuba, Ubatuba e Cananéa são os unicos que necessitam de café importado; todos os outros produzem para o seu consumo, mesmo alguns delles para exportação.

A mandioca é produzida em todos os municipios; entretanto, a sua farinha é importada por quasi todos elles.

Este facto explica-se pela pouca importancia que os nossos grandes lavradores dão á cultura dessa utilissima euphorbiacea; realmente, a cultura da mandioca é feita por innumerous, mas pequenos lavradores, que della fazem um pouco de farinha para a alimentação da familia.

No littoral, principalmente, se fossem montadas machinas para fabricação de farinha, seria esta um dos seus productos de exportação, pois que, praticamente, já está demonstrado serem bastante regulares suas terras para tal cultura.

Quanto ao trigo, a falta de melhores experiencias officiaes, em Itararé, Faxina ou em Itapetininga, o particular não poderá arriscar seus capitaes em cultural-o.

Os municipios de Santos e de S. Vicente, o primeiro essencialmente commercial, produzem em grande quantidade a banana e em reduzida escala o arroz; importam todos os generos alimenticios.

Cebolas e alhos são importados por quasi todos os municipios; produzem-nos para o proprio consumo e para exportação os municipios de Una, Piedade e S. Roque.

As verduras, couve, repolho, alface etc. são produzidas em quantidade maior ou menor por todos os municipios, não havendo exportação ou importação em grande escala; de Itanhaem, entretanto, Santos importa algumas para o seu consumo.

A carne verde é encontrada em todos os municipios, com excepção dos municipios de Santos, que importa o gado em pé, São Vicente e Itanhaem, que importam a carne verde de Santos, todos os outros produzem em maior ou menor escala gado vaccum para as necessidades do proprio mercado.

Alguns, como Itararé, Faxina, Itapetininga, Campo Largo, exportam gado vivo.

A banha é importada por todos os municipios desta zona; mesmo Itararé, pois com regular exportação de gado suino importa banha em latas.

Preços — De uma maneira geral, os preços dos generos alimenticios de producção local são menos elevados logo após as colheitas, havendo mesmo occasião em que, nessa época, os preços não compensam os gastos feitos pelos lavradores para a sua producção.

Esvaziando-se os centros productores com a exportação dos productos para S. Paulo, ou para Santos (tratando-se do littoral), ha todos os annos a elevação dos preços.

Existem innumerous casos em que o lavrador vende o feijão de sua producção a 10\$ e 12\$ a sacca de 60 kilogrammas logo depois da colheita, com prejuizo, comprando-o mais tarde, pouco antes da nova colheita, a 35\$ e 40\$ a sacca.

Os factores climaticos exercem tambem grande influencia sobre os preços de todos os generos de producção interna.

Para o feijão, o arroz, o milho, essa influencia é exercida com certa regularidade e com razão, visto que, havendo anormalidade nos phenomenos meteorologicos, haverá diminuição nas safras, encarecendo realmente o producto ao lavrador, o que justifica a elevação nos preços de venda.

Para o café, servem os phenomenos meteorologicos de pretexto para os *trucs*, *bluffs* e mais motivos de movimentação no jogo da *bolsa*.

A's vezes tem acontecido que, simples telegrammas, passados do interior do Estado, sobre probabilidades de *geadas*, são motivo para os mercados de S. Paulo e de Santos elevarem de alguns tostões as cotações de arrobas de café.

Não quero, entretanto, com este exemplo, dizer que as anormalidades do tempo sirvam só para especulação dos preços do café: é real a influencia da menor produção sobre a oscillação para mais nesses preços.

O café é o genero que exerce maior e, mesmo, decisiva influencia sobre as condições economicas e financeiras em todo o Estado de São Paulo; e, por isso mesmo, os seus preços reflectem de maneira apreciavel sobre os preços dos demais generos, quando não apparecem causas mais graves.

As variedades e qualidades do producto são tambem factores que influem sobre os seus preços; assim, o arroz agulha, mattão e outros, alcançam melhores preços que o cattete, minghito, etc.

O feijão claro é melhor cotado que o seu similar barreado.

O café e, ultimamente, o algodão, classificados em typos conforme a sua qualidade, têm os seus preços para cada typo.

Inflúe grandemente na classificação dos productos, principalmente do café, do arroz, do algodão, a maneira mais ou menos caprichosa com que são beneficiados ou limpos, isto é, preparados para os mercados.

Geadas, chuvas em demasia, seccas prolongadas, fertilidades do sólo, densidade de população, são todos pequenissimos factores influindo nos preços dos generos de produção do Estado, quando se tem de comparal-os com outros factores bem mais complicados, repercutindo na sua actividade agrícola, commercial e industrial.

Refrimo-nos :

a) difficuldade de trabalho ;

b) difficuldade de transporte ;

c) irregularidade da exportação para o exterior do paiz ;

d) depreciação da nossa moeda.

Existem outros, não ha duvida; são estes, entretanto, os factores que mais e maiores influencias tem exercido sobre as grandes oscillações nos preços dos principaes generos agricolas da produção nacional.

a) As difficuldades do trabalho recahem directamente na lavoura, e trazem a diminuição da produção e a inferioridade do producto.

Apresentam-se sob duas fórmas principaes: a falta de braços para os diversos serviços agricolas, e a falta de technicos para a direcção desses mesmos serviços;

Esta ultima deverá ser resolvida pelo ensino technico profissional e aquella pela immigração e cultura mecanica.

b) As difficuldades do transporte trazem de tal maneira o desanimo, que, muitos agricultores do nosso interior, capazes de decuplicar e até de centuplicar suas lavouras, já pelos seus recursos, já pela uberdade de suas terras, como em Apiahy, Iporanga, Xiririca, Iguape, Piedade, Pilar, S. Miguel Archanjo, Itaporanga, Capão Bonito, Bom Successo, Una, Sarapuhy, Ribeira, S. Sebastião, Villa Bella, Ubatuba, Caraguatuba, Campo Largo, preferem plantar em pequenas superficies, de modo que as colheitas deem apenas para a subsistencia da familia ou pouco mais.

As difficuldades de transporte, que tanta influencia exercem na producção agricola, são sentidas ou pelo custo dos fretes, ou pela escassez desses mesmos transportes.

Nos logares servidos por estradas de ferro, a agricultura, em sólos apropriados, desenvolve-se, comportando os seus productos todas as actuaes e elevadas taxas de fretes; viação, impostos, etc.

Nos municipios não servidos por estradas de ferro, sem rios navegaveis, quanto mais longinquos tanto mais difficil será a producção, ou mesmo nulla, embora fertilissimas sejam as terras.

E é nesses logares onde vamos encontrar nossos patriciós, verdadeiros heróes incognitos, luctando com todos os sacrificios, trabalhando sem esperanças, cultivando sua pequena propriedade, produzindo algumas saccas de milho, de feijão, de arroz, para vendel-as a 4\$, 5\$ ou 6\$, sem lucro algum e, muitas vezes, com prejuizos.

A grande quantidade de milho, por exemplo, produzida em Apiahy, é vendida por preços insignificantes pelos productores aos commerciantes ou compradores, ou conduzido por pessimas estradas de rodagem, pagando 4\$ e 5\$ de carroto por sacca, para Itararé ou Faxina, onde já o producto alcança melhores preços.

Assim, as difficuldades do transporte apresentam-se sob dois principaes aspectos:

- a) Municipios servidos por estradas de ferro;
- b) Municipios não servidos por ellas;

Nos primeiros, as faltas maiores são:

1. Falta de material rodante;
2. Falta de espaço nas estações de embarque para alojamento de generos;
3. Fretes mais ou menos elevados.

Para semelhantes faltas sómente providencias vindas da nossa alta administração poderão ser efficazes.

Alóra o frete, que talvez não possa ser diminuido, devido ao estado actual financeiro de todo o mundo, as providencias poderão ser tomadas para que ao menos não aconteça o que acontece em certas estradas de ferro: não darem vasão aos generos de producção da zona por ellas atravessadas, acarretando com isso a differença enorme de preços que notámos entre os mercados productores e consumidores.

Para os municipios não servidos por estradas de ferro seriam precisas preliminarmente as estradas de rodagem, podendo trazer melhores resultados para o escoamento dos productos agricolas.

c) Irregularidades de exportação para o exterior.

A exportação é um dos factores que tem concorrido bastante para as oscillações nos preços dos principaes generos de producção nacional; nos annos de grande exportação, principalmente do arroz e do feijão, esses generos são bem cotados em Santos, elevando-se tambem os seus preços nos mercados consumidores.

Se pudessemos conseguir mercados firmes, compradores no exterior, como já os temos para o café, haveria sempre uma procura mais ou menos regular de taes productos, regularizando tambem nesses preços internos.

d) Depreciação da nossa moeda.

E' bem conhecido de todos o estado de desvalorização em que se acha a nossa moeda, principalmente se a compararmos com as dos paizes que actualmente maiores preponderancias exercem sobre os demais em questão financeira — os Estados Unidos e a Inglaterra.

Essa depreciação da nossa moeda concorre fatalmente, mesmo independentemente de valorização por meios officiaes, por *trusts*, por *cartels*, por syndicatos, etc., para a alta dos nossos productos agricolas, notadamente daquelles que seguem para os mercados estrangeiros.

Os fazendeiros, os compradores no interior, os commissarios em Santos ou em S. Paulo, os corretores de bolsa e toda a grande, influente e laboriosa classe dos negociantes em café, sentem satisfeitos os efeitos de uma tão phantastica alta nos mercados internos do café.

Infelizmente esses efeitos não se fazem sentir sobre todas as classes laboriosas do Estado, principalmente sobre a dos empregados do commercio e a dos funcionarios publicos.

A elevação nos preços do café reflecte-se, entretanto, de maneira mais ou menos notavel nos preços dos diversos generos de producção agricola. E isto é claro, uma vez que se conheça a importancia que representa para o Estado a producção do café.

Pela posição que occupa o café no meio economico-financeiro do Estado, os seus preços só por si reflectem forçosamente nos preços dos diversos generos de producção interna; e, de accôrdo com o cambio, trazem profunda modificação na organização do trabalho e do operariado, no commercio, na industria, na agricultura, nas finanças e, indirectamente, em todas as outras classes sociaes, que vivem na dependencia constante umas das outras. E essa influencia se faz sentir pelos seus efeitos melhores ou peiores, conforme as classês sobre que recahem.

Relação entre o commercio em grosso e a varejo

Existem nessa zona certas cidades onde os commerciantes varejistas fazem suas compras de generos do paiz directamente ao productor, e são as cidades pequenas, centro de municipios, povoados de pequenos agricultores, como S. Roque, Una, Piedade, Capão Bonito, Xiririca e outros; existem grandes centros commerciaes ou sédes de municipios, pouco desenvolvidos em sua agricultura, como Santos, Sorocaba, S. Vicente, Itanhaem, etc., onde os negociantes são forçados a comprar os generos, para vendas a retalho, dos intermediarios ou dos grandes negociantes, que adquirem partidas de cereaes em praças do interior, com fins especulativos.

As relações directas entre o productor e o negociante a varejo estão se tornando cada dia mais raras, concorrendo para isso os seguintes motivos:

a) os negociantes a varejo, no interior do Estado, dispõem, em geral, do capital estrictamente necessario para suas compras, proporcionaes ás vendas;

b) não pôdem elles dispor de empregados *compradores-viajantes* que percorram os diversos centros productores á cata de generos negociaveis;

c) a impossibilidade de fazerem adiantamentos os negociantes a varejo ao lavrador;

d) o grande numero de corretores, viajantes-compradores, zangões, etc., que percorrem o interior do Estado, effectuando compras, por conta propria ou de terceiros.

e) fazem casas commissarias de S. Paulo ou de Santos, adiantamentos de numerario ao lavrador.

Estes e alguns outros são os motivos que trazem inpecilhos ás negociações directas entre varejistas e os productores.

Existem ainda, principalmente nas pequenas cidades, commerciantes varejistas que vendem aos lavradores ou aos colonos, a prazo, por conta das colheitas, mas neste caso, na maioria das vezes, os pagamentos são feitos com o producto das colheitas.

De uma maneira geral, os generos alimenticios adquiridos pelo povo para a sua alimentação passam pelos seguintes intermediarios;

a) pelos compradores-viajantes ou pelos negociantes, no interior do Estado, que adquirem taes generos nos proprios centros productores;

b) casas atacadistas, negociantes *em grosso*, que effectuam suas compras por meio de intermediarios, ou directamente dos compradores ou dos negociantes do interior;

c) pelas casas mixtas, atacadistas e varejistas, negociantes, compradores e vendedores de grandes e pequenas porções de generos, que são adquiridos directamente, ou mais communmente por meio dos intermediarios, vendedores das casas atacadistas, commissarios, etc.;

d) pelas casas varejistas, negociantes a retalho, que fazem suas compras dos negociantes por atacado e a varejo.

Não se pôde preestabelecer a differença existente entre os preços dos generos ao sahirem dos productores e ao serem entregues á população.

Para essas differenças concorre uma infinidade de factores — carretos, frêtes, impostos, cambio, exportação, intermediarios, comissões, quantidades do producto, etc., outros tantos exercem a maior ou menor influencia sobre os preços de todos os generos.

Para os generos do paiz, *os intermediarios* exercem mais decisiva influencia, e desses intermediarios, são, sem duvida, as grandes casas atacadistas, — exportadoras ou não —, as que predominam.

E' logico que taes casas, nas épocas das colheitas, enviam seus viajantes-compradores aos centros de producção, e, naturalmente, fazem todos os esforços para realizar as compras pelo menor preço; uma vez feitas essas compras, procuram auferir lucros com a revenda e forçam por todos os meios ao seu alcance a alta dos preços.

Não ha, pois, limitação das porcentagens de lucros nesse negocio.

Os commissarios em S. Paulo e em Santos, com grandes casas, e que recebem generos em consignação ou para se encarregarem de suas vendas, costumam cobrar a commissão de 3 % sobre a importancia total da venda e mais \$100 de armazenamento por sacca, para cada mez.

Os negociantes a retalho costumam augmentar em média 20 % para os seus lucros.

Não ha, porém, porcentagem certa, porque quasi sempre uns negociantes acompanham os preços dos outros.

Em resumo, em face do problema da alimentação, apresentam-se tão variados factores, podendo cada um delles formar-se em outras tantas questões economicas de difficil solução.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

As unicas tentativas officiaes para o combate á carestia da vida que, só em relação aos principaes artigos de alimentação, attingiu, em 1923, ao augmento médio annual de 10,62 % a partir de 1911 e 10,35 % até 1921 — tem se limitado ao fomento da producção, com apreciavel proveito; creação de feiras livres; mercados municipaes — onde o lavrador pôde expôr directamente seus productos, mediante modica taxa de aluguel do compartimento occupado; algumas medidas de emergencia pela municipalidade da Capital e propaganda das instituições cooperativas de consumo, cuja idéa tem sido aproveitada apenas por algumas companhias de estradas de ferro ou por fabricas e outras instituições, com resultados ainda duvidosos.

De 1911 a 1921 — divulgámos em trabalho anterior que — « os generos de producção agricola foram augmentados de 36,84 % a 122,22 %, sendo o menor augmento no preço da farinha de mandioca e o maior no do assucar e que nos generos da industria pastoril a valorização oscillou de 58,43 % a 118,75 %, respectivamente, para os ovos e a manteiga ».

O indice médio para o Estado, naquelle periodo (obtido pela comparação dos preços do arroz, assucar, feijão, farinha de mandioca, milho, carnes verdes, toucinho, manteiga, queijo, aves e ovos, em 1911 e 1921) foi de 203,58, que corresponde ao augmento de 103,58 % no decennio ou 10,35 % annualmente.

Agora, mostra o quadro abaixo, — comparativo dos preços de maior numero de generos, em 1921 e 1923 — que o aggravamento do custo das utilidades alimenticias foi accentuado e correspondeu a 34,56 % no triennio ou ao indice 134,59.

Índice médio dos preços dos generos alimenticios de primeira necessidade nos mercados varejistas de Botucatu, Guaratinguetá, Itanhaem, S. Carlos, São Simão e S. Paulo (Estado de S. Paulo), 1921-1923.

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MÉDIOS		OSCILAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Café	100	218,75	118,75	—
2	Ovos	100	200,00	100,00	—
3	Batatinha	100	180,00	80,00	—
4	Leite	100	150,00	50,00	—
5	Diversos	100	145,27	45,27	—
6	Farinha de mandioca.	100	142,89	42,89	—
7	Banha	100	131,81	31,81	—
8	Assucar	100	129,28	29,28	—
9	Manteiga	100	126,76	26,76	—
10	Carnes seccas e em conserva.	100	125,97	25,97	—
11	Carnes verdes	100	125,25	25,25	—
12	Queijo.	100	125,00	25,00	—
13	Toucinho.	100	123,88	23,88	—
14	Arroz	100	116,66	16,66	—
15	Bacalhão	100	106,66	6,66	—
16	Milho	100	100,00	—	—
17	Feijão	100	100,00	—	—
18	Oleos alimentares	100	100,00	—	—
19	Farinhas e feculas diversas	100	99,04	—	0,96
	Média total.	100	134,59	34,59	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do S. Paulo

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Alcool	A. Guide & Comp.	Rua Carnot 10, S. Paulo.
	J. Rodrigues & Comp.	> Iaula Souza 72, idem.
Algodão	Rehder & Comp.	> S. Bento 33 A, idem.
	M. Earros & Comp.	> S. Bento 93, idem.
	Companhia Prado Chaves.	> S. S. Bento 29, idem.
	A. S. Michelet	> S. Bento 40, idem.
	Ferreira Junior & Co. r p.	> S. Bento 40, idem.
	L. G. de Souza l into.	> Alvares Penteado 15, sobrado, idem.
	Cunha Moraes & Comp.	Rua Alvares Penteado 32, idem.
	Assumpção & Comp.	Rua Alvares Penteado 21, sobrado, idem.
	Cajado, Cotrim & Comp.	Rua Alvares Penteado 27, idem.
	P. G. Meirelles.	Rua Libero Badaró 83-85, idem.
	Oscar Mors	Rua Libero Badaró 67, idem.
	N. Barros & Comp.	> Libero Badaró 27, idem.
	F. S. Hampshire & Comp.	> 15 de Novembro 20, idem.
	Favilla Lombardi & Comp.	Rua General Carneiro 61, idem.
	Henrique Metzger.	Rua General Carneiro 15, idem.
	Fogaça Rolim & Comp.	Rua Santa Rosa 38 A, idem.
	Alberto Abren.	> Oliveira 6, S. Paulo.
	N. Barros & Comp.	> Al. Cleveland 20, idem.
	Eugenio Schiebano & Comp.	Quintino Bocayuva 38 A idem.
	Garcia Ferreira & Castro.	Rua da Quitanda 2 A, idem.
	Padilha & Sá.	Rua da Quitanda 5, idem.
	Jackey & Comp.	Santos.
	Brasital & Comp.	Idem.
Machado & Parnarelli.	Idem.	
A. Faria & Comp.	Idem.	
Companhia Fiação e Tecidos S. Pedro	Idem.	
Souza Queiroz Lins & Comp.	Rua 15 de Novembro 103, sobrado, Santos.	
R. Alves Toledo & Comp.	Rua 15 de Novembro 127, idem.	
Companhia Paulista de Ex- portação	Rua 15 de Novembro 64, idem.	
Gustavo Trinks & Comp.	Rua 15 de Novembro 45, idem.	
S. Financière C. Franco Bré- silienc	Rua 15 de Novembro 67, idem.	
Jessouron Irmãos & Comp.	Rua 15 de Novembro 83, sobrado, idem.	
Ltd.		
Cunha Bueno Netto & Comp.	Rua Augusto Severo 10, idem.	
João de Siqueira & Comp.	> Santo Ant. 01-30, idem.	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Algodão . . .	Theodor Willé & Comp. . . J. Aron & Comp. (Inc.) . . . Sociedade Anonyma Casa Malta Grace & Comp. The Brasilien Transmarine Comp. Ed. Johnston & Comp. Ltd. R. Coit & Comp.	Rua St. Antonio 49, Santos. » Santo Antonio 58, idem. » Santo Antonio 81, idem. » Santo Antonio 45, idem. » Frei Gaspar 22, idem. » Frei Gaspar 24, idem. Praça Mauá 41, idem.
Amido	F. Matarazzo & Comp. Ltd.	Rua Direita 15, S. Paulo.
Anil	José P. de Magalhães . . .	Avenida B. Luiz Antonio 163, idem.
Assuear . . .	Alfredo Brum Braga Magalhães & Comp. Andrade Junqueira Francisco Spinelli	Rua Paula Souza 65, idem. » 15 Novembro 32, idem. » Direita 8 A, idem. » Duprat 13, idem.
Bananas . . .	Angelo Bigulco & Comp. . . J. Soares & Comp. Centro de Agricultores. A. Marinangeli	Santos. Idem. Idem. Idem.
Banha	Silva Lobo & Comp. C. Mecanica e Imp. de São Paulo Favilla Lombardi & Comp. Henrique Metzger Garcia da Silva & Comp. S A. G. Moinhos Gamba. Brazilian Warrant Company. Continental Products Comp. Companhia Commercial de S. Paulo. L. Perroni & Comp. Edmundo & Camillo Metzger. Nery & Comp. Jessouron Irmãos & Comp. Ltd Naumann, Gell & Comp. Nioac & Comp. F. S. Hampshire & Comp. F. Matarazzo & Comp. Ltd. Leite Santos & Comp. The Brasilian Transmarine Comp	Rua 15 de Novembro 22, so- brado, S. Paulo. Rua 15 Novembro 33, idem. » Gal Carneiro 61, idem. » Gal. Carneiro 15, idem. » S. Bento 43, idem. » S. Bento 73, idem. » S. Bento 54, idem. » A. Cleveland 30, idem. » Alvares Penteado 39, idem. Rua Boa Vista 60, idem. » Boa Vista 17, idem. » D. Pedro II 6, Santos. » 15 Novembro 88, idem. » 15 Novembro 75, so- brado, idem. Rua 15 Novembro 121, so- brado, idem. Rua 15 Novembro 145, idem. » Xavier da Silveira 122, idem. Rua Cidade de Toledo 10, idem. Rua Frei Gaspar 22, idem.
Batatas . . .	Whitacker, Brotero & Comp. José Constante & Comp. A. G. de Oliveira Campos & Poccio Nino Paganetto Nioac & Comp J. C. Mello & Comp.	» Santo Antonio 56, idem. » S. Bento 2, S. Paulo. » Frei Gaspar 84, Santos. » Gal. Camara 152, idem. » Antonio Prado 64, idem. » 15 Novembro 121, so- brado, idem. Rua 15 Novembro 93, so- brado, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Borracha . . .	Costellino Xenofonte . . .	Rua Vergueiro 476, S. Paulo
Café . . .	Companhia Prado Chaves.	> S. Bento 21, sob., idem.
	The Oversea Comp. of Brazil	
	Ltd.	Rua Libero Badaró 25, idem.
	A. Guelardi	> Libero Badaró 31, idem.
	J. Aron & Comp.	> Alvares Penteado 27, s. idem.
	A. Trommel & Comp . . .	Rua Alvares Penteado-25 A, idem.
	Cajado, Cotrim & Comp. . .	Rua Alvares Penteado 27, idem.
	Maurice Bloch Lepeltier &	
	Comp. :	Rua F. de Abreu 10, sobrado, idem.
	F. Matarazzo & Comp., Ltd.	Rua Direita 15, idem.
	A. Meyer & Comp.	> Direita 7, idem.
	J. Baptista & Comp.	> Direita, idem.
	Rossi Gasperini & Comp.	> Direita 86, idem.
	G. Tomaselli & Comp. . . .	> 15 de Novembro 43, idem
	Companhia Puglisi	Rua 15 de Novembro 24, idem.
	Antonio Corrêa & Comp. . .	Rua 15 de Novembro 44, idem.
	Mario Almeida Lemos.	Rua 15 de Novembro 41, idem.
	Siqueira Filho & Comp. . . .	Rua Protestantes 15, idem.
	Paschoal Gusso.	> G. Couto Magalhães 15, idem
	Cintra Souto & Comp.	Rua Boa Vista 27, idem.
	Horacio Dias & Comp.	> Brigadeiro Tobias 78, idem.
	Razuk & Comp.	Rua Brigadeiro Tobias 86, idem.
	Joaquim Gonçalves Dias . . .	Rua Washington Luiz 9 A, idem.
	Manoel Gomes Amaeho.	Rua Paula Souza 22, idem.
	Eurico Barros Souza	> Cruz Branca 85, idem,
	Cantex Soudhia & Comp.	> Duprat 12, idem.
	Prado Villela	Tarvessa do Comercio 52, idem.
	J. Aron & Comp. Ltd.	Rua Santo Antonio 58, Santos
	Theodor Wille & Comp.	Rua Santo Antonio 49, idem.
	Sociedade Anonyma Casa	
	Malta	Rua Santo Antonio 81, idem.
	Leon Israel & Comp., Ltd. . . .	> Santo Antonio 44 idem.
	Grace & Comp.	> Santo Antonio 46, idem.
	Sociedade Anonyma Levy.	> Santo Antonio 133, idem.
	Marques Valla & Comp.	> Santo Antonio 74, idem.
	Andrade Junqueira & Comp.	> Santo Antonio 66, idem.
	Henri Martinisson	> Santo Antonio 37, idem.
	Silva Ferreira & Comp.	> Santo Antonio 26, idem.
	Ed. Johnston & Comp., Ltd. . . .	> Frei Gaspar 24, idem.
	Arbakle & Comp.	> Frei Gaspar 18, sobrado, idem.
	Hard, Rand & Comp.	Rua Frei Gaspar 11, idem.
	Baccarat & Comp.	> Frei Gaspar 41, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Café	The Brazilian Transmarine Comp.	Rua Frei Gaspar 22, Santos.
	Naumann, Gepp & Comp.	Rua 15 de Novembro 15, sobrado, idem.
	Companhia Exportação Santos e Rio	Rua 15 de Novembro 50, sobrado, idem.
	S. A. Casa Michaelsem Wright Freitas, Lima, Nogueira & Comp.	Rua 15 de Novembro 7, idem.
	J. C. Mello & Comp.	Rua 15 de Novembro 93, sobrado, idem.
	De La Cour & Comp.	Rua 15 de Novembro 29, idem.
	Raphael Sampaio & Comp.	Rua 15 de Novembro 41, idem.
	S. Financière C. Franco-Brésilienne	Rua 15 de Novembro 67, idem.
	Jessonon Irmãos & Comp.	Rua 15 de Novembro 88, idem.
	Companhia Leme Ferreira	Rua 15 de Novembro 26, sobrado, idem.
	R. Alves Toledo & Comp.	Rua 15 de Novembro 127, idem.
	Wils Johnson & Comp., Ltd.	Rua 15 de Novembro 187, idem.
	Nioac & Comp.	Rua 15 de Novembro 121, sobrado, idem.
	Gustavo Trinks & Comp.	Rua 15 de Novembro 45, idem.
	Companhia Paulista de Exportação.	Rua 15 de Novembro 64, sobrado, idem.
	Cerquinho Rinaldi & Comp.	Rua Cidade Toledo 15, idem.
	Leite Santos & Comp.	» Cidade Toledo 10, idem.
	Enéa Malaguti & Comp.	» D. Pedro II 6, idem.
	Nery & Comp.	» D. Pedro II 6, sobrado, idem.
	João Ozorio	Praça Azevedo Junior 23, idem.
	Sociedade Anonyma Casa Pícone.	Praça Azevedo Junior 21, idem.
	Berent Friele.	Praia José Menino 235, idem.
	Companhia C. e Exportadora de S. Paulo	Santos.
	Harold Gross.	Idem.
	Companhia Prado Chaves.	Idem.
	Lima Nogueira & Comp.	Idem.
	Nioac & Comp., Ltd.	Idem.
	Prado Ferreira & Comp.	Idem.
	Barante Coffea & Comp.	Idem.
	S. Sthrickiney & Comp.	Idem.
	Franco Soares & Comp.	Idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Café.	Martins Wright & Comp. Ltd.	Santos.
	Camargo, Gonçalves & Comp.	Idem.
	Toledo, Assumpção & Comp.	Idem.
	Almeida Prado & Co. n. p.	Idem.
	Nassack & Comp.	Idem.
	Souza Queiroz & Comp. . .	Idem.
	Charles Meyer & Co. n. p. .	Idem.
	Zerrener Bulow & Comp. . .	Idem.
	Junqueira Carvalho & Comp	Idem.
	Antonio Alonso & Comp. . .	Idem.
	American Coffea & Comp. . .	Idem.
	A. Ferreira & Comp.	Idem.
	Sion & Comp.	Idem.
	Corrêa Malaguete & Comp. . .	Idem.
	Alon de Lima, Lemos & Co. n. p.	Idem.
Carnes e deriva- dos	F. Matarazzo & Comp. Ltd	Rua Xavier da Silveira 122, idem.
	Companhia Armour do Brasil	Rua Direita 7, idem.
	Continental Products Com- pany.	> A. Cleveland 30, idem.
	Medice & Comp.	> Francisca Miquelina 35, idem.
	Companhia Mecanica e Impor- tadora de S. Paulo. . . .	Rua 15 de Novembro 36, idem.
	Fowles & Comp.	Rua 15 de Novembro 22, idem.
	A. Tavolière & Comp. . . .	Rua Brigadeiro Machado 77, idem.
	Romani Simonini & Comp. . .	Rua 25 de Março 113, idem.
	D. José da Silva.	> Piratininga 27, idem.
	Achellies Fortunaro & Irmãos.	> do Theatro 28, idem.
Tackina & Giometto	S. Carlos	
Continental Products Com- pany.	Santos.	
Cereaes	Companhia Armour do Brasil	Idem.
	Grandes Moinhos «Gamba».	Rua de S. Bento 73, S. Paulo
	José Constante & Comp. . . .	> de S. Bento 2, idem.
	Companhia Prado Chaves. . . .	> de S. Bento 29, idem.
	V. Aliani	> de S. Bento 33, idem.
	L. Westin Vasconcellos	> de S. Bento 51, idem.
	Manoel de C. Correia.	> de S. Bento 14, idem.
	J. S. da Costa & Comp.	> de S. Bento 40, idem.
	A. Rodrigues & Comp.	> de S. Bento 34, idem.
	Brazilian Warrant & Comp.	> de S. Bento 54, idem.
	Favilla Lombardi & Comp. . .	> (il. Carneiro 61, idem.
	Henrique, Metzger	> (il. Carneiro 15, idem.
	Companhia Puglisi.	> 15 de Novembro 24, idem.
	José Leis Corrêa & Comp. . . .	Rua 15 de Novembro 34, idem.
	Silva Lobo & Comp.	Rua 15 de Novembro 22, sob. Idem.
Mario Almeida Lemos	Rua 15 de Novembro 41, idem	
Companhia Commercial de S. Paulo	Rua Alvaro Penteado 99, idem.	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Cereaes.	A. Trommel & Comp.	Rua Alvares Penteado 25 A, S. Paulo.
	Herm Stoltz & Comp.	Rua Alvares Penteado 12, idem.
	Schmidt Prost & Comp.	Rua Alvares Penteado 9, idem.
	Cajado Cotrim & Comp.	Rua Alvares Penteado 27, idem.
	Edmundo & Camillo Metzger.	Rua Boa Vista 17, idem.
	Fogaça Rolim & Comp.	» Santa Rosa 38 A, idem.
	Antonio Lerario.	» Santa Rosa 63, idem.
	F. Matarazzo & Comp. Lit.	» Direita 15, idem.
	Rossi Gasperini & Comp.	» Direita 86, idem.
	J. Baptista & Comp.	» Direita, idem.
	A. Meyer & Comp.	» Direita 7, idem.
	Maurice Cloch Lepeltier & Comp.	» F. de Abreu 10 B, sobrado, idem.
	L. Pagano & Comp.	Rua F. de Abreu 115, idem.
	The Oversea Comp. of Brasil Ltd.	» Libero Badaró 25, idem.
	O. Loureiro & Comp.	» Libero Badaró 69, São Paulo.
	Mac Donald & Comp.	Rua Libero Badaró 49, idem.
	A. Guelardi	» Libero Badaró 31, idem.
	Vicente Scapito	» Conselheiro R a mal h o 53, idem.
	Maria Borelli.	Rua Vandenkolk 51, idem.
	José Vaz	» Gusmões 2, idem.
	Reis Araujo & Comp.	» Protestantes 25, idem.
	Pedro Conçalves & Comp.	» da Conceição 67, idem.
	D. Agostinho Marques.	» Brigadeiro Tobias 98, idem.
	S. Glasser	Rua Brigadeiro Tobias 102, idem.
	J. A. Oliveira & Coelho	Rua Brigadeiro Tobias 65, idem.
	Horacio Dias & Comp.	Rua Brigadeiro Tobias 78, idem.
	Razuk & Comp.	Rua Brigadeiro Tobias 86, idem.
	Brandão & Comp.	Rua Washington Luiz 14, idem.
	Joaquim Gonçalves Dias	Rua Washington Luiz 9 A, idem.
	Ortiz & Comp.	Rua Antonio Prado 9, idem.
	Alves Lima, Lemos, & Comp.	» Miguel Carlos 13, idem.
	A Bueno & Comp.	» Miguel Carlos 15, idem.
	José Nietto	» Miguel Carlos 16, idem.
	Arantes & Barbosa.	» Miguel Carlos 8, idem.
	R. Razuk & Irmão	» D. Francisco Souza 31, idem.
	João Gordilho & Comp.	Rua D. Francisco de Souza 25, idem.
	Ramon Sanches & Comp.	Rua Carlos Garcia 32, idem.
	Felicio José	» Hahnemann 15, idem.
	Antonio Tugo	» Venancio Ayres, 20, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Cereacs. . . .	José Kuri & Comp.	Rua Carn t 12, S. Paulo.
	Nicola Gentil.	> 25 de Março 29, idem.
	Su ara & Saber	> 25 de Março 215, idem.
	Salvador Matito.	> Amaral Gurgel 14, Idem
	Wahtetz & Comp	> José Bonifácio 12 A, idem.
	Thomaz Ferreira	Rua Cesario Motta 64, Idem.
	Benedicto Cevalani.	> José Paulino 82, idem.
	Salvador Lombardo.	> Areal 10 A, idem.
	Eurico Barros Souza	> Cruz Branca 35, idem.
	Canfik Soubhia & Comp.	> Duprat 12, idem.
	Manoel Gomes Camacho	> Paula Souza 22, idem.
	Ramiro Franco & Comp.	> Paula Souza 3, idem.
	Augusto Fonseca	> Paula Souza 1 A, idem.
	J. Scarpello & Comp.	> Paula Souza 4 A, idem.
	Miguel Gutierrez	> Paula Souza 4 B, idem.
	Fernando Pesse.	> Paula Souza 52, idem.
	João Pestase & Irmão.	> Paula Souza 68, idem.
	Jacinto Laes Manso	> Paula Souza 70, idem.
	Mardon Pasquali & Comp.	> Paula Souza 88, idem.
	Martins Lenti & Brisolli	> Paula Souza 90, idem.
	João Peres Hermanns	> Paula Souza 89, idem.
	Fernando Grippe	> Paula Souza 87, idem.
	Tonetti Franciscano & Comp.	> Paula Souza 85, idem.
	Miguel Zaugari	> Paula Souza 81, idem.
	A. Pelegri & Irmão.	> Paula Souza 79, idem.
	Caetano Lombardi & Irmão.	> Paula Souza 77, idem.
	Virgilio Pasini	> Paula Souza 75, idem.
	Affonso Gadaclera	> Paula Souza 73, idem.
	Vicente Nasser	> Paula Souza 69, idem.
	Elpidio Alves Bastos	> Paula Souza 67, idem.
	Histo Martins & Comp.	> Paula Souza 63, idem.
	V. Bastalani & Irmãos.	> Paula Souza 55, idem.
	Brandini & Bertholdi	> Paula Souza 53 A, idem
	Orlando Sanchez & Comp.	> Paula Souza 51, idem.
	Moreira Viegas & Comp	> Paula Souza 39, idem.
	Nicliro Barra & Comp.	> Paula Souza 7, idem.
	Rasga & Faytes	> Paula Souza 5, idem.
	Angelo Sestini & Comp.	Avenida Tiradentes 34 A, idem.
	Pilla & Teixeira.	Avenida Tiradentes 108, idem.
	Teodor Wille & Comp.	Rua Santo Antonio 49, Santos
J. Aron & Comp.	Rua Santo Antonio 58, idem.	
Sociedade Anonyma Casa Malta	Rua Santo Antonio 81, San- tos	
Sociedade Anonyma Levy.	Rua Sauto Antonio 133, idem.	
Nossak & Comp.	Rua Santo Antonio 29, idem.	
Nioac & Comp.	Rua 15 de Novembro 121, sobrado, idem.	
Jessouron Irmãos & Comp.	Rua 15 de Novembro 88, sobrado, idem.	
Companhia Leme Ferreira.	Rua 15 de Novembro 20, sobrado, idem.	
Nauman, Gepp & Comp.	Rua 15 de Novembro 79, sobrado, idem.	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Cereaes	J. G. Mello & Comp.	Rua 15 de Novembro 93, sobrado, Santo .
	Souza Queiroz Lins & Comp.	Rua 15 de Novembro 103, sobrado, idem.
	Sociedade Anonyma Casa Michaelsen Wright.	Rua 15 de Novembro 7, idem.
	Freitas Lima, Nogueira & Comp.	Rua 15 de Novembro 55, idem.
	F. Conceição & Comp.	Rua 15 de Novembro 153, idem.
	Gustavo Trinks & Comp.	Rua 15 de Novembro 45, idem.
	S. Financière C. Franco Brésilienne.	Rua 15 de Novembro 67, idem.
	Raphael Sampaio & Comp.	Rua 15 de Novembro 41, idem.
	Wils Johnson & Comp. Ltd.	Rua 15 de Novembro 187, idem.
	R. Alves Toledo & Comp.	Rua 15 de Novembro 127, idem.
	Ed. Johnston & Comp. Ltd.	Rua Frei Gaspar 24, idem.
	The Brazilian Transmarine Company	» Frei Gaspar 22, idem.
	Baccarat & Comp	» Frei Gaspar 45, idem.
	Nery & Comp.	Rua D. Pedro II, 6, sobrado idem.
	Leite Santos & Comp.	Rua Cidade Toledo 10, idem.
	F. Vallejo	Ru General Camara 253, idem.
	Paschoal Gomes & Comp.	Rua Visconde do Rio Branco 26, idem.
	Xis o Martins & Comp.	Rua Visconde do Rio Branco 1, idem.
	Pinto Souto & Comp.	Rua Antonio Bento 242, idem.
	Nino Paganetto.	Rua Antonio Prado 64, idem
	Sion & Comp.	Santos.
	Correia Malaguete & Comp.	Idem.
	Aloin de Lima, Lemos & Comp	Idem.
	Companhia Commercial e Exportadora de S. Paulo	Idem.
	F. Matarazzo & Comp. Ltd.	Rua Xavier da Silveira 122, idem.
	Mathieson & Comp.	Avenida Anna Costa 149, idem.
João Ozorio	Praça Azevedo Junior 23, idem.	
A. Freire & Comp.	Praça da Republica 53, idem	
N. Pizarro & Comp.	Praça da Republica 23, idem	
Theodor Whille & Comp.	Largo do Ouvidor 2, idem.	
Couros.	Continental Productos & Comp.	» A. Clavel nd 30, São Paulo.
	Orozimbo & Comp.	Rua Santo Antonio 19, idem.
	Briphetti & Mattos.	» Guaycurús 23, idem.
	Camillo & Comp.	» Conceição 74, idem.
	R. Costa & Comp.	» Boa Vista 8, idem.
	Battalia Ambrozio & Comp.	» José Bonifacio 39, i tem.
	Araujo Ferraz & Comp.	» José Bonifacio 20, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Couros	S. J. Carone & Comp. . . . Ribciro Marques & Comp. . . . Angelo Ferro. Alves Loureiro & Comp. . . . Miguel Santanini (cortume). Produce & W rrant Company	Rua F. de Abreu 40, idem. > F. de Abreu 102 B, idem > José Paulino 150, idem. Largo de S. Bento 10, idem. Largo Matadouro 1, idem. Praça Antonio Prado 8, so- brado, idem.
	Decio G. Penteado.	Avenida Rangel Pestana 91, idem.
	Gabriel Andreoli	Avenida Rangel Pestana 141, idem.
	Cardamone & Comp.	Avenida Rangel Pestana 243, idem.
	G. C. Dickson & Comp.	Rua Santo Antonio 25, San- tos.
	Julio Sacramento Rocha	S. Carlos.
	Hugo Durgemfeld	Idem.
Colla	Barros & Comp.	Rua Itapctininga 52, S. Paulo
	Antonio P. de Almeida	Bairro de Santa Maria, Santos.
	Fackina & Giometto	S. Carlos.
Correias	Adan Engel	Rua Washington Luiz 25. S. Paulo.
Farinhas e Fe- culas diversas.	Guilherme Spigliato	Rua Sampson 112, idem.
	F. Matarazzo & Comp. Ltd.	Largo Arouche 51 A, idem.
	Argante Famuchi & Comp. . . .	Rua Paula Souza 82, idem.
	C. C. Dickson & Comp.	> M. Andrade 137, idem.
	The Rio de Janeiro Hus Mills & Granaires Ltd	> Boa Vista 13, idem.
	Gustavo Trinks & Comp.	> 15 de Novembro 45, Santos.
	Nioze & Comp.	Rua 15 de Novembro 121, sobrado, idem.
	Jessouron, Irmãos & Comp.	Rua 15 Novembro 88, idem.
	João de Siquiera & Comp.	> Santo Antonio 30, idem.
	Alencar da Cruz Leite.	S. Carlos.
	Arthur de Oliveira.	Idem.
	Joaquim Rodrigues Lima.	Idem.
Fructas diversas	F. Matarazzo & Comp.	Rua Direita 15, S. Paulo.
	Grandes Moinhos Gamba.	> S. Bento 73, idem.
	A. Marinangeli.	Avenida Anna Costa 25, Santos.
	Francisco Amadeu.	Idem.
	Angelo Bigulco & Comp.	Idem.
	J. Soares & Comp.	Praça Iguat. Martins 53, Idem.
	Centro de Agricultores	Rua S. Bento 2, idem.
	Castro & Alonso	> Amador Bueno 19, idem.
	João Benfanti & Comp.	> Senador Fcijo 300, idem.
	E. Johnston & Comp. Ltd.	> Frei Gaspar 24, idem.
	Nino Pagacetto.	> Antonio Prado 64, idem.
	Comp. Commercial de S Paulo	> J. Ricardo 35, idem.
Fumos e prepa- rados	Comp. Manufactureiras de Fumos «Veado»	Ladeira Santa Ephigenia 19, S. Paulo.
	Comp. Souza Cruz.	Rua 15 Novembro 5, idem.
	Evaristo Labarda	> Benjamim Constant 29, idem.
	João Bobadilha	> Silva Pinto 35, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Fumos e preparados . . .	M. Meconcaar	Rua Silva Pinto 42, S. Paulo
	Galli & Comp.	» Joaquim Nabuco, idem.
	José Robles Filho	» Piratininga 233, idem.
	Sabb to D'Anelo.	» Cel. Seabra 11, idem.
	Irmãos Salles & Comp.	» Hypodromo 176, idem.
	J. Carmo & Comp.	» Cel. Murso 12, idem.
	F. Trapani & Comp.	Avenida Rangel Pestana 37, idem.
	Clemente Teixeira da Silva.	Avenida Rangel Pestana 82, idem.
	Martins & Comp.	Avenida Rangel Pestana 320, idem.
	Graxas.	Companhia Industrial Ltd. . .
Angelo Pellegrini		» Major Diogo 74, idem.
Gado em pé Massas alimenticias	Soc. C. U. Pecuaria Brasileira.	» 15 Novembro 20, idem.
	G. Sabbato	» Major Diogo 112, idem.
	Berretini Peirotti	» Piratininga 158, idem.
	Moscarelli Savoni & Comp.	» Capitão Mattarazzo 139, idem.
	L. Abondanza & Filhos	Avenida S. João 787, idem.
	Domingos Puglieli.	S. Carlos.
	Ettori Mantovam	Idem.
	João Falco	Idem.
	Lourenço Milori.	Idem.
	Mauteiga de côco	Barsotti & Giorgi.
Madeiras		J. Gomes & Comp.
	Vasco Farnelli	» S. Bento 22, idem.
	Freitas, Lima. L da.	» S. Bento 14, idem.
	Ramos Pires & Comp.	» Libero Badaró 28, idem.
	J. Moraes Falcão	» Libero Badaró 12, idem.
Oleos e lubrificantes	Standard Oil Company.	» Larzan, idem.
	Companhia Brasileira de Oleo Standard.	» S. Bento 2 A, idem.
	Anglo Mexican Petroleum. . . .	» Libero Badaró 189, idem
	The Texas Company.	» Alvares Penteado 42, idem.
	Bourgeois Gianeza & Comp.	Rua Libero Badaró 131, idem
	Waldhanser & Comp.	» Senador Quciroz 29, idem.
	Companhia Industrial Ltd. . . .	Rua Cajurú 24, idem.
	Angelo Pellegrini	» Major Diogo 74, idem.
	Antonio Amalpi.	Avenida Rangel Pestana 303, idem.
	Tanfic Constante & Comp. . . .	Rua da Varzea 24, idem.
	Leonel Soares & Comp.	» Canindé 18, idem.
	Sebastião Sparapani	» Flores 8, idem.
	Scarrone & Comp.	Avenida Celso Marcia 387, idem.
	Krug & Comp.	Rua Alvares Penteado, 27, idem.
	Peters & Comp.	Rua Rego Freitas 9, idem.
	Henrique Metzger & Comp.	» Gal. Carneiro 15, idem.
	Companhia Industrias Textis.	» S. Bento 78, idem.
	Grandes Moinhos Gamba.	» S. Bento 73, idem.
	F. Matarazzo & Comp. Lit.	» Direita 15, idem.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Óleos e lubrificantes . . .	Leite Santos & Comp. . .	Rua Cidade Toledo 10, Santos.
	F. Matarazzo & Comp. . .	Rua Xavier da Silveira 122, Santos.
Plantas. . . .	Polycarpo P. Correia. . .	Rua Augusta 290, S. Paulo.
	Antonio Mendes. . . .	> Angelica 4, idem.
	Luiz Silva.	> Maria Antonia 69, idem.
	Antonio Seraphim Cardozo.	> Itambé 17, idem.
Sementes . . .	Galembeck & Comp. . .	> S. Bento 40, idem.
Sementes oleaginosas. . . .	Grandes Moinhos «Gamba».	> S. Bento 73, idem.
	Companhia de Indústrias	
	Textis	> S. Bento 78, idem.
	Henrique Metzger. . . .	> Gal. Carneiro 15, idem.
	F. Matarazzo & Comp. Ltd.	> Direita 15, idem.
	Fogaça Rolim & Comp. . .	> Santa Rosa 38 A, idem.
	F. S. Hampshire & Comp. .	> 15 de Novembro 20, sob. S. Paulo.
	Gustavo Trinks & Comp. .	Rua 15 Novembro 45, Santos
	J. C. Mello & Comp. . . .	> 15 de Novembro 93, sob. Santos.
	Whitacker Brotero & Comp.	Rua Santo Antonio 56, idem.
	Grace & Comp.	> Santo Antonio 46, idem.
	Soc. Anonyma Casa Malta.	> Santo Antonio 81, idem.
	Leite Santos & Comp. . . .	> Cidade Toledo 10, idem
	Ed. Johnston & Comp. Ltd.	> Frei Gaspar 24, idem.
	F. Matarazzo & Comp. Ltd.	> Xavier da Silveira 122, idem.
Vinhos e bebidas diversas. . .	Simonetti & Perosi. . . .	Rua Libero Badarô 1, São Paulo.
	Hugo Ferrareto	Rua Conceição 80, idem.
	E. Manograsso & Comp. . .	> Marina Crespi 40, idem.
	Maria Farrur.	> Itapira 57, idem.
	Armando Angiolino. . . .	> Cel. Seabra 48, idem.
	J. Cerruti & Comp.	> Almeida Lima 199, idem
	S. Janetti & Comp.	> Ipanema 41, idem.
	J. Serrano Cordeiro	> Carneiro Leão 105, idem
	Victorino Ferreira da Costa.	> Cruz da Figueira 41, idem.
	Companhia Mercantil Cruzeiro	Avenida Rangel Pestana 117, idem.
	F. Cecilio Ranieri & Comp.	Avenida Rangel Pestana 78, idem.
	José Basso	Rua Ministro Godoy 29, idem.
	M. Anastazzi	Rua Italianas 1, idem.
	Sylvio Mantanarlin. . . .	> Gal. Flores 74 A, idem.
	Zanotta, Lorenzi & Comp. .	> Tres Rios 61, idem.
	Francisco Pucci.	> V. da Patria 275, idem.
	Companhia Antarctica Paulista	> Boa Vista 7, idem.
	Miguel Galli.	S. Cartos.
	A. F. Ceri & Comp.	Idem.
	Ernesto Raphael & Comp. .	Idem.
	Guilherme Barne & Comp. .	Idem.
	Mario Pistelli	Idem.
	Nicola Faschini.	Idem.
Vime	Alexandre Durango	Avenida Rangel Pestana 413, S. Paulo.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO (Endereço)
Adubos. . . .	Fernando Hackradt & Comp.	Rua S. Bento 33, idem.
	J. V. Duarte & Comp. . . .	» Boa Vista 21 idem.
	M. ^o Lunw & Comp.	» Dr. Falcão 29, idem.
	Barros Camargo & Comp. . .	» Itapetininga 52, idem.
	Continental Products Comp.	Osasco.
	Sociedade Anonyma Voto-	Itapurunga.
	rantim	
	Sociedade Anonyma Artefactos	S. Paulo.
	de Ossos	Mogy das Cruzes.
	Fontana & Pascini	S. Paulo.
	Companhia Armour do Brasil.	Ipyranga.
	Adubos Fortuna.	
	Companhia Melhoramentos S.	S. Paulo.
	Paulo	S. Carlos.
	Facchini & Giometti	Cubatão—Santos.
J. B. Duarte.	Barra Funda — S. Paulo.	
S. P. C. Luiz de Queiroz. . .	S. Paulo.	
E. C. Industriaes «America».		
Insecticidas e fun- gicidas Machinas agricolas e de benefi- ciamento . . .	S. P. C. «Luiz de Queiroz».	Barra Funda — idem.
	Carlos Tonanni.	Rua Santa Ephigenia 57, idem
	P. Silva & Comp.	Rua Brigadeiro Galvão 200, idem
	Telles Irmão & Comp.	Rua Boa Vista 30, idem.
	Fratelli Grassanti	» José Bonifacio 40, idem.
	Ernesto Cocito & Comp. . . .	» do Carmo 11, idem.
	Pires Fontoura & Comp. . . .	» F. de Abreu 56, idem.
	S. A. Casa Arens.	» F. de Abreu 58, idem.
	Upton Rowles & Comp.	» F. de Abreu 90 A, idem.
	Ludovico Lazzati	» F. de Abreu 158, idem.
	Carlos Paglia.	» F. de Abreu 157, idem.
	Martins Barros & Comp. . . .	» F. de Abreu 23, idem.
	L. Silva & Comp.	» Libero Badaró 121, idem.
	M. Hipert & Comp.	Ladeira Ouvridor 2, idem.
	Kortenhas Stummel & Comp.	Largo Santa Ephigenia 14, idem.
	Julio Ricardo.	Rua Dr. Francisco Souza 8, idem.
	Antonio Talco	S. Carlos.
	Antonio Afaziano	Idem.
	Gabriel Machado	Idem.
	José Bento & Filho.	Idem.
Germano Fekn	Idem.	

ESTADO DO PARANÁ

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Transporte dos productos agricolas — Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado

I — Circulação dos productos agrícolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados

O mercado mais importante do Estado é o da capital. A alimentação é complexa e variada, segundo as condições diversas da vida de uma população formada de elementos naturaes ou descendentes de paizes differentes e que, quasi todos, conservam habitos e costumes das terras de origem.

Mas, de uma maneira geral, os principaes generos alimenticios são: feijão, batata, arroz, café, verduras, assucar, centeio, banha, farinha de trigo, de milho, de mandioca, ovos, manteiga, carne, leite, fructas, productos de salchicharia, xarque e muitos outros tirados da pecuaria e da agricultura.

Esses generos alimenticios constituem a base da alimentação da maior parte da população do Estado e são quasi todos produzidos nas proprias localidades do consumo.

Curityba é abastecida por varias colonias que a circumscrevem e que diariamente enviam para o consumo os productos de suas culturas e industrias ruracs. Entretanto, entre os generos alimenticios consumidos, alguns são importados no todo ou em parte.

O trigo, por exemplo, é importado da Republica Argentina, sendo beneficiado principalmente nos moinhos Matarazzo, de Antonina, e em seguida entregue ao commercio sob a fórma de farinha.

O assucar vem dos Estados do Norte, especialmente de Pernambuco e Alagóas; o café é proveniente em parte, e é a maior, do norte do Estado (municípios de Jacarésinho, Ribeirão Claro, Jaguarahyva, etc.), e em parte do Estado de S. Paulo.

A farinha de mandioca e o arroz são productos dos municípios do littoral paranáense.

Dentre os productos importados, encontram-se muitos podendo ser produzidos no proprio Estado e que vantajosamente concorreriam para eliminar ou reduzir a importação. Neste caso está o assucar.

A canna de assucar, donde elle é extrahido, encontra no littoral paranáense, já pelo clima quente, já pela fertilidade do sólo, excellentes condições para lucrativa exploração.

Sua cultura, no emtanto, está muito descurada nessa rica região do Estado.

Ha ali falta de capitaes e de braços. A relativa facilidade de vida que a população pobre encontra em outros serviços mais faceis e mais de accordo com o seu temperamento e com a sua reconhecida falta de iniciativa, accrescida de uma desconfiança innata pelos empreendimentos grandes e progressistas, tem contribuido para que a fertilissima região do littoral pouco concorra para a riqueza agricola e commercial do Estado.

O trigo tambem poderia ser cultivado no Paraná.

Em 1918 o Governo da União, de collaboração com o do Estado, procurou intensificar sua cultura nos municipios do sul e no da capital.

Obteve-se uma boa colheita e os resultados animaram sobremaneira aos colonos.

No anno seguinte, entretanto, não correndo bem as estações, houve insuccesso, seguido de desanimo e quasi total abandono da cultura.

Mas a lição ficou. O trigo medra no Paraná.

«A cultura feita naquelle anno, diz Alcides Munhoz, foi de *trinta e cinco* toneladas de sementes, obtendo-se uma colheita magnifica de *cincoenta mil* alqueires, ou sejam *vinte e nove mil saccos* com *um milhão setecentos e quarenta mil kilos*, de accôrdo com os dados colhidos pela Secretaria de Agricultura do Estado.»

«A producção foi quasi de *cincoenta* por um, proporção que não é attingida pelos paizes que mais se dedicam ao plantio do trigo, nos quaes a média oscilla entre *quinze e vinte* por um.»

E' de toda a oportunidade, agora que se cogita do reerguimento economico do paiz, tentar-se mais uma vez a intensificação do trigo no Paraná.

E estamos certo que um serviço bem dirigido e uma propaganda feita com escrupulo e criterio dentro em pouco conseguiriam chegar á realização desse *desideratum*.

O Paraná produz trigo e poderá produzi-lo, porque tem elementos para isso, não só para o consumo da sua população, mas, ainda, para exportar para os outros Estados da Republica.

Comprehende-se o alcance economico dessa realização.

De um lado, teriamos nos libertado da importação argentina e dos preços exorbitantes fixados pelos monopolizadores e, do outro, seria a nossa propria emancipação agricola a se delinear.

Dos municipios do Estado, os que mais se prestam ao plantio do trigo são, entre outros, os de Guarapuava, Palmas, Clevelandia, Curitiba e Ponta Grossa.

O Paraná produz tudo o que necessita para a alimentação do seu povo. Mas essa produção está muito aquém da sua capacidade.

A falta de uma estrada de ferro a Guarapuava tem sido o maior entrave ao progresso daquella fertilissima região do Estado, que, permanecendo quasi isolada,— asphyxiada está em seus surtos economicos. Ligue-se Guarapuava á linha S. Paulo-Rio Grande, que o trigo lá então plantado concorrerá com multiplas vantagens em relação ao procedente da Argentina.

Oscillações dos preços

O preço dos productos agricolas está subordinado a influencias de épocas de anno, de plantio, de tratos culturaes e de colheitas.

Assim é que a batatinha experimenta oscillações bastante accentuadas na sua cotação.

Nas épocas da colheita ha sempre decrescimo nos seus preços desde abril até maio, para a segunda safra, e desde janeiro a fevereiro, para a primeira colheita.

A grande exportação de batatas que se está fazendo agora para o norte do paiz tem influido para elevação das cotações desse producto nos mercados varejistas locais, comprando os exportadores toda a produção dos pequenos agricultores.

No mercado só se encontra batata cujo typo não serve para exportação. Comprehende-se, em taes condições, faltando o producto e conservada a procura, que os preços se agravem.

Na época de plantio e na dos tratos culturaes subsequentes a batata permanece em alta até a colheita.

Ha duas épocas de plantio para a batata: uma em dezembro ou janeiro, colhendo-se em abril ou maio, e outra em agosto ou setembro, colhendo-se em dezembro ou janeiro.

Assim como a batata, o feijão, o centeio, o milho e todos os demais productos da lavoura apresentam-se em baixa na colheita, elevando-se gradualmente em paralelo com a sua escassez progressiva.

O feijão offerece menor preço nas suas duas épocas de colheita: a primeira, de fevereiro até abril, e a segunda, de outubro a novembro.

O leite, ovos, etc., variam muito conforme a procura, elevando-se seu preço principalmente pelo inicio e fim do anno. A carne torna-se mais cara no inverno.

O preço dos productos importados não obedece a uma norma regular, nada se podendo prever quanto á sua cotação, dependente de condições commerciaes de momento, taes como falta de transportes, quer terrestres, quer maritimos, oscillações dos preços no local de origem, elevação de tarifas e impostos e de muitos outros factores da mesma natureza, entre os quaes se póde ainda notar a maior ou menor producção e a menor ou maior procura do genero no proprio local da producção.

O preço desses productos importados é dado, portanto, por estas varias diferenças occasionaes.

O trigo é que está mais sujeito á variação, oscillando seus preços de maneira muito accentuada.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Nociva ou favoravel á cultura, é a influencia do clima uma das causas mais apreciaveis da alta ou baixa dos productos alimenticios.

No Paraná ha uma tal irregularidade na marcha das estações e as chuvas se distribuem com taes anormalidades, que extraordinariamente difficil se torna querer estabelecer uma base precisa para as modificações a que os vegetaes ou animaes se expõem.

As geadas, quando sobrevêm muito cedo, occasionam prejuizos formidaveis na lavoura, chegando mesmo a ponto de se perder producções por completo. Já se têm observado prejuizos nos batataes de Curityba, nos cafezaes do norte do Estado e em quasi todas as culturas da época.

Normalmente, ou melhor, communmente, as primeiras geadas apparecem em maio. Vezes ha, porém, que apparecem antes: em principios ou meados de abril ou mesmo mais cedo; outras, entretanto, apparecem muito tarde e neste caso podem se prolongar até outubro.

Concebe-se que uma tal irregularidade torna as culturas num verdadeiro jogo incerto, em que ha muitas probabilidades de exito e outras tantas de insuccesso. Os preços variam segundo essas irregularidades.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A fertilidade das terras e o systema de sua exploração, mais ou menos economico e adiantado, influindo sobre a producção da unidade de superficie cultivada e respectivo custo, permite variações de preços nos centros productores e assim concorrem, certo que em inapreciavel escala, para a formação dos preços nos mercados consumidores.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A densidade da população é um dos elementos que agem da maneira mais variavel sobre os preços dos generos alimenticios.

Assim, numa população pequena de agricultores, como sóem ser os da maior parte dos municipios do Estado, em que quasi todos se dedicam ao cultivo da terra ou á pecuaria, claro está que as trocas commerciaes, que ahi se realizam, não assumem as proporções das dos grandes mercados, em que a procura sobrepuja a offerta.

O crescimento médio annual da população paranáense,—0,0361 de 1872 a 1920, é superior ao do paiz e somente menor que o alcançado pelo Amazonas, Espirito Santo e S. Paulo.

O desenvolvimento da população da capital foi, de 1872 a 1890, de 0,0375, subindo a 0,0732; de 1890 a 1900, para baixar a 0,0238 annualmente desse anno ao de 1920.

A densidade territorial da população, 2,722 de habitantes por kilometro quadrado, desconhecida embora a producção *per capita* na lavoura, é factor dos mais importantes na producção do Estado, tanto mais verificando-se que o crescimento médio annual da população total foi, de 1900 a 1920, superior ao da capital em 0,0146 de habitantes.

Crises agricolas e commerciaes

As crises agricolas observadas no Estado não merecem menção.

Ellas se manifestam isoladamente em municipios afastados, não attingindo senão por excepção a todas as culturas da época.

Deslocações de estações, chuvas prolongadas, geadas e outras condições desfavoraveis têm sido as maiores responsaveis pelos damnos causados ás colheitas.

Ao lado dellas collocam-se as molestias, os parasitas, as varias influencias morbigenicas dos agentes exteriores sobre a boa marcha das culturas.

Não ha, felizmente, nessas pequenas crises, correlação intima entre os productos, quer animaes, quer vegetaes.

A elevação no preço de um delles não influe apreciavelmente sobre a elevação do de outros.

Incidentalmente ha augmento nos prêços de varios productos ao mesmo tempo, sem que isso possa com segurança ser levado á conta de reciprocas influencias.

A falta de transportes é a principal causa das crises commerciaes.

Ha no Estado centros productores dos mais importantes, defficientemente ligados aos centros de consumo e que, com as chuvas prolongadas, se vêm tolhidos de mandar seus productos aos mercados, notando-se então uma altá do preço em virtude de desequilibrio entre as entradas e a procura dos generos alimenticios.

Exame e mecanismo dos mercados

Nos centros ruraes, o commercio dos generos de primeira necessidade é dos mais diminutos e, pôde-se mesmo dizer, ainda é assás primitivo.

Alguns, entretanto, pela proximidade dos centros consumidores e facilidade de ligação entre elles, disputam a primasia dos mercados ou impõem nesses os preços em havendo abundancia ou escassez das utilidades offerecidas ou procuradas.

As colonias que circumdam Curityba estão nesse caso.

A capital do Paraná é cercada de colonias agricolas que, distando poucos kilometros da cidade, derramam nesta quotidianamente todos os generos indispensaveis á alimentação dos seus habitantes.

A venda é feita pelos proprios colonos que percorrem em carroças as ruas da cidade, offerecendo seus productos de casa em casa.

Não ha impostos de commercio para elles.

Ao mesmo tempo que vendem o que trazem, compram nas casas commerciaes artigos de que necessitam (fazendas, ferragens, armarinhos e tambem alimentos, etc.); ha assim um simples e facil intercambio.

Não ha *feiras livres* no Estado.

A venda ambulante, feita todos os dias, livremente, pelas ruas de Curityba e de outras cidades paranáenses, substituindo-as vantajosamente, approximando o productor do consumidor, é um processo mais commodo para este, que tem a vantagem de adquirir a maioria dos generos de sua necessidade *na porta*.

Nesse commercio, caracteristico e regional, a colonia de Santa Felicidade é a que concorre com maior somma de productos.

Raramente ha intermediarios.

Os mascates syrios que vêm invadindo quasi todos os mercados do paiz, têm procurado por meios arditosos açambarcar esse commercio.

Para isto, vão ao encontro das carroças dos colonos antes que estas cheguem á cidade, comprando tudo quanto contém.

O costume do povo, porém, de comprar os seus legumes, ovos, leite, lenha, gallinhas e demais generos directamente dos colonos, tem impedido o successo desses «atravessadores».

Entretanto, os syrios conseguiram a monopolização dos fructos, comprando-os ainda na arvore.

Ainda assim ha em Curityba *quitandas*, na maioria de syrios, que comprando na porta aos colonos, fazem negocio de verduras, ovos, etc.

Curityba possui dois mercados para carne, peixe, ovos, legumes e todos os generos de que necessita a população.

O peixe vem do littoral, sobretudo de Paranaguá, e é vendido em maior escala polos *peixeiros* ambulantes.

Raramente ha commissarios entre o productor e o commerciante ou entre este e o consumidor.

O mesmo não se dá, porém, com os generos importados de outros municipios ou Estados e do estrangeiro.

O commissario faz a venda ás grandes casas importadoras, atacadistas revendedoras aos armazens de varejo, com ou sem intermediario.

Estes armazens é que fornecem á população os generos de primeira necessidade de que não dispõem ou não plantam os lavradores das colonias.

A differença de preços correntes em *grosso* e a *varejo*, variando dentro de certo limite, regulou em novembro e dezembro de 1923: banha 4 %, xarque 5 %, feijão 7 %, arroz 11 %, assucar 20 %, farinha de mandioca 28 % e farinha de trigo 60 %.

Não ha operações de warrantagem sobre a producção agricola.

No norte do Estado, na zona cafeeira, a venda das *colheitas pendentes* está começando a se generalizar.

A venda dos atacadistas aos varejistas é feita a praso de 30, 60, 90 ou mais dias, ou então á vista.

O consumidor tambem faz nos armazens varejistas suas compras em conta corrente ou «no caderno», saldando o debito no fim do mez.

A situação do agricultor não é das peiores, principalmente nas colonias do municipio de Curityba.

Ha em quasi todas as colonias, notadamente nas de polacos, sociedades que, promovendo exposições agricolas e espalhando ensinamentos e sementes entre os seus associados, insinuando novas explorações, orientando-os emfim, trabalham junto ao Governo pleiteando facilidades de aquisição de machinas e de sementes.

Essas sociedades estudam e resolvem, como podem, os problemas que mais de perto interessam aos seus associados, como crises agricolas, commerciacs, etc.

Não ha o credito agricola, permittindo maiores explorações.

As leis estadoaes e federaes, facilitando a instituição do credito á lavoura, pecuaria e industrias ruraes, excellentes em suas garantias, magnificas em seus fins, não foram ainda aproveitadas.

A iniciativa particular, não obstante o exemplo dos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, nada fez nesse sentido.

O agricultor tem medo de fazer transacções a credito com os agiotas, preferindo o *stato-quo* a se entregar ás mãos avaras destes.

E' commum, entretanto, adiantamentos das casas com que mantem transacções, importancias quasi sempre pouco elevadas, para o custeio dos trabalhos, mediante a obrigação de vender a estas casas toda a colheita.

E' uma boa maneira de evitar prejuizos totaes, diz o inspector agricola, mas nem sempre vantajosa para o agricultor.

Classificação commercial dos productos agricolas

Por mais exigente que seja o consumidor, tem sempre que se sujeitar ás imposições do commercio.

Os generos são na maioria de má qualidade, mas os preços sobem cada vez mais; dia a dia se torna mais precaria a situação do consumidor.

As posses dos consumidores, sendo variaveis em limites dilatados, não permitem que se possa dizer quaes os gostos ou preferencias que elles dispensam aos generos que contribuem para a sua manutenção.

Cada qual vive de conformidade com o que ganha ou com o que pode dispor.

E em Curityba ha uma grande população pobre que, vivendo precariamente, cada vez mais está sob a dependencia do commercio, contra o qual não pode lutar, sujeitando-se ás suas imposições.

Mesmo havendo da parte do consumidor preferencia para este ou aquelle typo de producto, só de modo relativo se pode uniformizar ou melhor unificar esta preferencia de una população mais ou menos grande, constituida por individuos de todas as castas, de condições de vida differentes.

Assim como ha os que só consomem generos de primeira ordem, os ha tambem que se contentam com os de ultima.

Isto é o que ha de mais relativo.

A classificação de productos que juntamos representa o que ha na praça com relação a generos alimenticios de primeira necessidade e no ambito desta classificação é que a preferencia do consumidor se manifesta neste ou naquelle sentido.

E' a seguinte :

Assucar, *crystal de Pernambuco, crystal de Aracajú, somenos, demerara, mascavinho Norte, mascavinho Sul, mascavo Norte, mascavo Sul*, 2º jacto; 3º jacto e refinado de 1ª, 2ª e 3ª;

Feijão, *prcto superior, mulatinho do Estado e mulatinho de São Paulo*;

Farinha de trigo, *Cruzeiro, Surpreza, Lili e Claudia*;

Farinha de mandioca, *fina, Suruhy e bijou*;

Café em grão, do Rio, *typos 7 e 4*, do Estado, *superior, bom, regular e escolha*;

Sal, *Mossoró grosso e Cabo Frio grosso*.

Os productores locais, bem como os industriaes de beneficio, procuram entregar ao mercado productos que possam conseguir uma cotação vantajosa, mas nem todos se esmeram muito na sua elaboração.

Um facto curioso se observa com o café.

Ha em Curityba varias torrefacções e moinhos de café, sendo, entretanto, bem raro no mercado o café puro, a maior parte apresenta café misturado com milho, referindo o proprietario de um dos mais importantes destes estabelecimentos, *que a população, na quasi totalidade, prefere o café assim misturado, chegando mesmo a rejeitar, alguns freguezes, o typo puro.*

Transporte dos productos agricolas

Fretes

A falta ou deficiencia de transporte é o impecilho de maior monta á regular circulação da producção no Estado.

A viação ferrea não foi traçada consultando aos interesses do Paraná.

Assim é que a zona norte, notavel pela ottima qualidade de suas terras, quasi todas *rozadas* e que se prestam admiravelmente á cultura do café, não está ligada á Curityba ou ao porto de Paranaguá, escoando toda a riqueza dessa zona para o Estado de S. Paulo, com o qual está em comunicação por estradas de ferro e de rodagem.

Além disto, a deficiencia do material rodante nas demais linhas ferreas é tambem um grande factor que concorre para o abandono das terras férteis de outras zonas.

Tratar da viação ferrea no Paraná é um problema que se impõe como indispensavel para o desenvolvimento da sua agricultura e quiçá de suas industrias e aptidões.

Com relação á situação dos principaes centros productores em ligação aos mercados consumidores, já vimos que, para uns, ha estradas de ferro, para outros, estradas de rodagem e que por fim havia muitos que estão quasi completamente abandonados, isolados por falta de um meio de comunicação que lhes facilite o intercambio commercial.

Quanto aos meios que são empregados para o transporte das mercadorias, variam desde o simples animal até os wagons de estrada de ferro.

É ainda muito commum, no Estado, o transporte em *cargueiros*.

As carroças de toldo são também muito usadas e além dellas costumam empregar ainda as pequenas carroças de duas rodas.

O *caminhão-automovel* já usado em regular escala para o transporte da herva matte beneficiada, desperta interesse no seu emprego para os demais productos.

Os cargueiros primitivos, dispendiosos e assás morosos, convém para lugares afastados dos centros populosos em que faltam estradas bem conservadas.

As carroças, exigindo melhores estradas, prestam excellentes serviços.

São meios de circulação que não podem ainda ser dispensados.

O transporte pela estrada de ferro só se faz em pequena, relativamente, extensão do territorio paranaense.

Com effeito, só uma parte do Estado é servida por estrada de ferro, estando a mais rica zona sem este grande factor do progresso.

A estrada de ferro S. Paulo-Rio Grande é a mais importante das vias ferreas que cortam o Paraná, porém ella nem de longe satisfaz ás exigencias do intensivo movimento de cargas que tem e não satisfaz ainda, porque corre ás vezes, muito longe de regiões de reconhecida importancia.

O maior movimento que têm quasi todos os vehiculadores de productos é devido á herva matte e á madeira.

Não obstante, não se pode dizer, que o transporte das mercadorias se resinta permanentemente de uma falta que lhe antolha os passos.

Os fretes das estradas de ferro não são exorbitantes para os productos agricolas, mas são um pouco elevados, essa elevação porém não concorre para o esmorecimento dos agricultores e productores e consequente atrophia ou anniquilamento da industria ou da agricultura.

Somente o consumidor vem a soffrer a influencia da elevação das tarifas, por augmento no custo dos productos de que necessita, augmento que quasi nunca está em relação com os dos fretes, mas vae muito além.

Conseguimos na estrada de ferro os seguintes dados a respeito de alguns fretes dos productos agricolas, mas estes dados não são constantes, variando segundo as differentes tarifas numa mesma distancia:

Tonelada de milho por kilometro paga	\$060
Idem de feijão	\$060
Idem de batata	\$060
Idem de assucar	\$360
Idem de arroz	\$060
Idem de trigo	\$100
Idem de café	\$100
Idem de xarque	\$100

Impostos sobre os generos de producção e de consumo

Impostos directos e indirectos, federaes, estadoaes e municipaes incidem sobre os generos de producção e de consumo.

O Paraná, neste particular, acompanha a maioria dos Estados da União em que os impostos, não raro se multiplicam incessantemente e incessantemente são creados novos, cada vez mais aggravando a situação dos productos e do consumidor.

Os *deficits* orçamentarios são compensados com o augmento dos impostos.

Uma tal situação, comprehende-se, é de malefica influencia sobre o progresso agricola e industrial do Estado.

Os agricultores pagam annualmente de imposto estadual 2% sobre valor venal correspondente a cada terreno, conforme o decreto n. 606 de 28 de junho de 1912.

O imposto territorial é cobrado de accordo com uma divisão, comprehendendo quatro classes, constituídas por municipios.

Ha ainda o imposto de exportação a que estão sujeitos quasi todos os productos, sendo que além delle ainda é cobrado o adicional de 20%.

As prefeituras municipaes cobram impostos sobre fabricas, serra-rias, estabulos, casas commerciaes, etc.

II -- Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O aumento dos preços das principais utilidades alimenticias também no Paraná se vem fazendo sentir, registando observações relativas aos annos de 1911 e 1921 a 1923 altas na maioria dos generos apreciados.

De 1911 a 1921 o aumento medio registado em dois mercados por 12 generos de avultado consumo foi de 83,04% equivalente a 8,30% annualmente, desprezadas as oscillações para mais ou para menos e não observadas, correspondeu ao indice de 183,04, no decennio.

Durante o mesmo periodo as percentagens de aumentos verificados foram as seguintes, em media, para os generos abaixo: ovos 111,21%, carnes verdes 114,43%, farinha de mandioca 105,33%, milho 102,50%, queijo 96,66%, toucinha 89,37%, assucar 41,87%, feijão 26,58% e arroz 18,89%.

Agora, mostra o quadro abaixo, comparativo dos preços correntes em 1921 e 1923, em quatro mercados, que o aumento medio no triennio foi de 19,12% alcançado por 18 artigos dos quaes apenas um baixou de 6,63% e outro manteve inalteravel o preço obtido em 1921.

Assim até 1923 o aumento medio annual a partir de 1911 igualou-se a 7,85%.

Indice dos preços dos principaes generos alimenticios nos mercados varejistas de Curitiba, União da Victoria, Castro e Jaguarihyva

1921 — 1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Batatinha.	100	148,57	48,57	—
2	Farinha de mandioca	100	146,66	46,66	—
3	Assucar	100	140,00	40,00	—
4	Queijo.	100	133,33	33,33	—
5	Manteiga.	100	132,56	32,56	—
6	Banha.	100	125,00	25,00	—
7	Café	100	123,44	23,44	—
8	Leite	100	120,00	20,00	—
9	Bacalhão	100	118,33	18,33	—
10	Farinha e feculas diversas	100	114,73	14,73	—
11	Oleos alimentares	100	113,33	13,33	—
12	Toucinho.	100	111,42	11,42	—
13	Milho	100	108,69	8,69	—
14	Feijão.	100	105,00	5,00	—
15	Ovos	100	103,57	3,57	—
16	Arroz	100	103,25	3,25	—
17	Carnes seccas	100	100,00	—	—
18	» verdes	100	93,37	—	6,63
	Media total.	100	119,12	19,12	—

Relação das principaes casas exportadoras do Estado
do Paraná

Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Paraná

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Alcool.	Viuva Brانبiła & Filhos	Morretes.	Rua Ractilif.
Artefactos de vidro.	Solheid & Comp.	Curityba.	Praca Tiraden es.
Artigos de couro.	Gloger & Comp.	»	Rua Commendador Araujo.
»	Kosopo & Wolf.	»	Rua Riachuelo.
»	Waltés & Comp.	»	Praca Municipal.
Banha.	João de Lara.	»	Rua José Bonifacio.
»	Julio Garmatter & Comp.	»	Bariguy.
»	Guilherme Withers & Comp.	Jaguariahyva.	
»	Industrias Reunidas Francisco Matarazzo.	Curityba.	Alto do Cabral.
Biscuitos.	Paulo Gütznér.	»	Rua Primeiro de Março.
Brinquedos.	José Gravina & Irmão.	»	Travessa Lourenço Pinto.
Cereaes	Angelo Vercesi & Comp.	»	Rua Barão do Rio Branco.
»	Frederico & Rechulski.	»	»
»	Miguel Flaks.	»	Rua Iguassú.
Cerveja.	S. A. Companhia Cervejaria Atlantica.	An'ouina.	
Farinha de trigo.	Industrias Matarazzo do Paraná.	Curityba.	Rua Aquidaban.
Herva matte beneficiada	Ascanio	»	Rua Quinze de Novembro.
»	Guimarães & Comp.	»	Praca Senador Correia.
»	Nicolau Mäder & Comp.	»	Rua Marechal Floriano.
»	Jordão Mäder	»	Rua Ractilif.
»	J. Cimas & Comp.	»	Praca Dr. Santos Andrade.
»	Macedo & Filho.	»	Rua Coronel Dulcídio.
»	Viuva Manoel Macedo & Comp.	»	Avenida Batel.
»	B. R. de Azevedo & Comp.	»	»
»	Leão Junior & Comp.	»	» João Gualberto.
»	Francisco Fido Fontana.	»	»
»	Viuva Correia	»	Rua C. de Carvalho.

He va	Xavier de Miranda	Rua Commendador Araujo.
>	Da Veiga & Comp.	Avenida João Gualberto.
>	David Carneiro & Comp.	Rua Commendador Araujo.
>	Alfredo de Almeida	
>	Leopoldo de Almeida & Portes.	
>	Bernardo Savio	
>	A. B. dos Santos Ribas	
>	S. A. Zacharias	
>	B. França & Comp.	
>	Gelck & Miró	
>	Trevisant & Comp.	
Louças	Zacharias de Paula Xavier.	Rua Graciosa.
>	Miuva Sanson	
Madeiras	J. O. Esteves & Comp.	Rua Aquidaban.
>	João Eugenio & Comp.	Rua Primeiro de Março.
>	Agostinho Souza & Comp.	Rua Quinze de Novembro.
>	Junqueira Mello & Comp.	Rua Barão do Rio Branco.
>	A. Miranda & Comp.	Praça Tiradentes.
>	Luiz Romaguera	Rua Commendador Araujo.
>	Mauricio Caillet	
>	Leão & Boges	Rua Garibaldi.
>	Ivo Leão & Comp.	Avenida Batel.
>	Paulo Maingué	
>	Firmino Gabriel Dias	
>	Industriales Telles Pusch Ltd.	
>	Dr. Jeronymo Cabral	
>	Pereira & Comp.	
>	Lutegal Marques de Souza	Colonia Mineira.
>	Manente & Burzio	Thomazina.
>	Betega & Irmãos	Portão.
>	Zaganelli & Irmão	
>	A. Glasser	Ponta Grossa.
>	A. B. Santos Ribas	
>	Guntherme Weiss	Curityba.
Phosphoros	Junqueira Mello & Comp.	
>	Azambuja & Comp.	
		Praça Tiradentes.
		Rua Commendador Araujo.

Curityba.....
 >
 Rio Negro.
 Ponta Grossa.
 > >
 > >
 > >
 Curityba.....
 Colombo
 Curityba.....
 >
 >
 >
 >
 >
 >
 >
 Pirahy.
 Castro.
 >
 Colonia Mineira.
 Thomazina.
 >
 Portão.
 Ponta Grossa.
 >
 Curityba.
 >
 >

Rua Commendador Araujo.
 Avenida João Gualberto.
 Rua Commendador Araujo.

Rua Graciosa.
 Rua Aquidaban.
 Rua Primeiro de Março.
 Rua Quinze de Novembro.
 Rua Barão do Rio Branco.
 Praça Tiradentes.
 Rua Commendador Araujo.
 >
 Rua Garibaldi.
 Avenida Batel.
 >
 >

Praça Tiradentes.
 Rua Commendador Araujo.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Phosphoros.....	Wenceslau Glasser & Filho.....	Curityba.....	Avenida Pedro II.
»	Olívio Carnacialli.....	»	Villa Mimosa.
»	Koeller & Assenburg.....	Araucaia.	Avenida Graciosa.
Pianos.....	F. Essenfelder.....	Curityba.....	Bariguy.
Presuntos.....	Guilherme Withers.....	»	Rua Barão do Rio Branco.
»	Constante & Comp.....	»	Rua Barão do Rio Branco.
Telhas.....	Guilherme Withers.....	»	» S. Azul.
»	Taborda & Irmão.....	»	Fazendinha.
»	Alberto Klemz & Comp.....	»	Rua Marechal Floriano.
»	Francisco Klemz.....	»	Bariguy.
»	Ignacio de Paula França.....	»	
»	Sylvio Colle.....	»	
»	Adolpho Frederico Hey.....	»	

ESTADO DE SANTA CATHARINA

I — Circulação dos productos agricolas.

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Inflúencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Crises agricolas e commerciaes.

Transporte dos productos agricolas. — Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.

I — Circulação dos productos agrícolas

Generos alimenticios de maior consumo

Os generos alimenticios de maior consumo no mercado de Florianópolis, principal de Santa Catharina, como nos demais centros urbanos do Estado, são, com pequenas variações, os seguintes: arroz, assucar, aves, banha, batatinha, café, carne verde, carne secca, carne de porco, farinha de mandioca, farinha de trigo, fubá de milho, feijão, leite, manteiga, milho, pão, peixe, queijo, toucinho, ovos, etc., importando a Capital para seu consumo quasi todas essas utilidades.

Procedencia dos géneros de consumo e abastecimento dos mercados

A ilha produzindo insufficientemente para o consumo de sua população, não pode o mercado de Florianópolis prescindir de se abastecer no continente, embora o municipio concorra, alem do café e da cebola, com parte do assucar, arroz, bananas, farinha de mandioca, feijão, leite, peixe, ovos e verduras consumidas.

Os municipios de S. José, Palhoça, Biguassú, etc., supprindo a escassez da produccão da ilha, abastecem a Capital desses generos.

Blumenau e outros municipios coloniacos enviam manteiga, queijo, conservas, etc., e, os centros pastoris do planalto sul do Estado, fornecem gado de côrte, xarque, queijo, etc.

O peixe é abundante em toda a costa e alimento precioso na região littoranea catharinense.

O assucar branco é, em sua maior parte, importado de outros Estados, concorrendo Itajahy e Joinville com o restante.

A importação de vinho e do xarque, outr'ora avultada, do Rio Grande do Sul, tem decrescido, em virtude do desenvolvimento da exploração desses productos.

A producção do trigo, por pequena ainda, é toda consumida nos centros productores do Estado, contribuindo, — certo que em inapreciavel escala, — para a diminuição da importação da farinha de trigo e do trigo em grão, o emprego já antigo e generalizado, da associação da farinha de mandioca para o preparo do pão mixto, — o de «rala».

O fubá de milho, como o inhame, cará, etc., misturados com a farinha de trigo, entram commumente no fabrico do pão, sobretudo nas regiões coloniaes.

A habilidade domestica nessas regiões, reflectindo-se nas demais, tem contribuido de modo o mais efficaz para a substituição parcial da farinha de trigo por productos locais de mais facil aquisição.

O azeite de oliveira, até certo ponto substituível, é importado do estrangeiro.

Os seus succedaneos têm sido o azeite fino de algodão, importado de S. Paulo e o de amendoim, consumidos em pequena escala.

O cultivo da oliveira, a se julgar pelas experiencias feitas, encontra no Estado possibilidade de exito, tanto que na chacara do major Lauro Linhares, em Florianopolis, onde existem alguns pés, estes vêm fructificando admiravelmente, desde alguns annos, produzindo, ainda o anno passado, uma arvore de dez annos, nada menos de oito litros de fructos.

O sal é totalmente importado do norte do paiz.

Oscillações dos preços

As épocas do anno em que os géneros de producção e consumo soffrem em seus preços maiores oscillações variam de anno para anno, observando-se, porém, notavel influencia, das épocas correspondentes ao plantio, tratos culturaes e colheitas, das mais accentuadas exportações, da maior abundancia ou relativa escassez dos productos no mercado e ainda dos factores externos, — nessas oscillações.

Examinando-se as cotações mensaes correntes no commercio vareigsta notam-se apreciaveis oscillações, que são naturalmente o reflexo da acção de differentes factores internos e externos.

Essas são mais accentuadas nos generos produzidos no Estado que nos importados de outras praças do paiz e do estrangeiro, como se

pode observar no quadro seguinte, representativo da diferença por cento entre o menor e o maior preço corrente em tres periodos diversos.

GENEROS	DIFERENÇA % ENTRE O MENOR E O MAIOR PREÇO DO PERIODO (*)		
	1921	2º semestre 1922	1º semestre 1923
Arroz.	18,19	78,75	5,55
Assucar da terra	24,00	33,34	50,10
» importado	37,91	31,96	37,35
Araruta	f	—	20,00
Bacalhão.	6,67	f	f
Banha	11,12	5,81	20,00
Café	15,39	20,00	28,19
Carne verde	16,67	—	—
» de porco.	33,34	7,70	7,70
» secca.	—	10,00	14,29
Farinha de mandioca	29,17	18,61	30,77
» de trigo	33,34	f	f
Feijão	17,15	42,85	20,00
Fubá de milho.	40,00	10,00	33,35
Herva matte	f	14,29	14,29
Linguiga.	20,00	15,63	16,67
Manteiga	31,43	13,80	25,44
Milho	38,89	33,48	37,15
Ovos.	45,45	20,00	15,39
Aves	f	22,23	31,82
Azeite doce.	16,67	f	f
Polvilho.	50,00	37,50	45,67
Queijo	37,15	31,89	14,29
Tapioca	f	65,67	11,12
Toucinho	5,56	f	f
Vinho nacional	—	—	—
Leite.	14,29	12,50	—
Media	25,82	26,45	21,62

Em 1921 os menores preços foram registados de janeiro a abril e dezembro para o assucar importado, de novembro e dezembro e maio a junho para o assucar grosso produzido no Estado, arroz de maio a outubro, batatinha de janeiro a abril, café de junho a julho, farinha de mandioca de junho a julho, farinha de trigo de setembro a dezembro, feijão de janeiro a abril e de julho a setembro, milho de julho a dezembro, polvilho de janeiro a maio e dezembro, banha de janeiro a março, queijo de novembro a dezembro e janeiro, toucinho de janeiro a fevereiro e outubro a dezembro, carne fresca de julho a dezembro, carne de porco

(*) — f indica a falta de informações sobre o preço corrente no periodo e o traço (—) que não houve oscillação.

de março a maio, manteiga de março a agosto, ovos em janeiro e fevereiro e linguiça no correr dos mezes de janeiro, fevereiro e dezembro.

A carne secca ou xarque manteve o mesmo preço durante todo o anno e o leite tem os seus preços elevados de \$100 a \$200 em litro no inverno.

A partir de julho de 1922 a junho de 1923, isto é, no periodo de um anno, vimos que estes artigos tiveram oscillações, menos accentuadas que em 1921. A aguardente teve os menores preços de setembro a janeiro e os maiores de março a maio, tendo a baixa coincido com o periodo principal da safra.

Assucar teve os preços baixos de agosto a novembro e alta de fevereiro a maio.

O assucar de 1^a, 3^a e grosso, tem tido em cada mez uma alta de preços de julho de 1922 para cá.

Embora o assucar grosso seja produzido no Estado, a sua cotação é influenciada pela alta ou baixa de preços das praças assucareiras.

No arroz, os menores preços foram de julho a outubro e os maiores foram constatados em fevereiro a maio.

O arroz é colhido de março a maio, porém, entra em consumo depois de junho, quando está mais ou menos secco, razão porque continuam elevados os preços na época da colheita.

A banha teve menor preço de julho a novembro e os maiores de fevereiro a abril.

O café beneficiado teve os menores preços de outubro a dezembro e os maiores de março a julho, tendo coincido a baixa com a época da expedição do café já beneficiado.

A carne verde manteve-se todo este periodo com os mesmos preços (1\$000 o kilo).

A carne secca (xarque) esteve em baixa de setembro a fevereiro e em alta nos outros mezes.

A farinha de mandioca teve o menor preço de julho a setembro e em alta de janeiro a fevereiro, tendo a baixa coincido com a safra que a motivou.

O milho teve os seus mais baixos preços de julho a setembro, época esta que normalmente o milho baixa, elevando-se a sua cotação de outubro a janeiro, tendo baixado novamente com a entrada do milho novo, de

fevereiro a abril, subindo em maio-junho, motivado pelo mau tempo que impossibilitou o transporte deste producto para o mercado consumidor.

Os ovos tiveram seus preços baixos de agosto a dezembro e altos em abril e maio.

Assim varios artigos tiveram alta e baixa motivada pela maior ou menor procura nas praças importadoras do Estado como Paraná, São Paulo e Rio, tal se dando com o assucar grosso, a farinha de mandioca, arroz, etc., que não havendo exportação, ha baixa no Estado.

Em outros como o café em grão, milho, fumo em corda, a baixa é motivada pelo maior ou menor *stock* existente na praça.

Os generos produzidos no Estado, como é natural, são mais baratos nos pequenos centros que nos grandes, sendo justamente ao contrario com os productos de importação como o xarque, o assucar de primeira, etc.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A fertilidade das terras catharinenses, mantida ainda em grandes extensões territoriaes, afamada em algumas, influiria de modo apreciavel na variação dos preços se fosse generalizado o barateamento do custo da producção e facilitado os transportes.

A redução do custo da producção está naturalmente dependendo de um maior emprego de machinas nas explorações agricolas, convindo lembrar que a sub-divisão da propriedade não é um obstaculo ao alcance desse *desideratum*.

O pequeno agricultor, predominante nas regiões coloniaes,—principaes celleiros do Estado, — não dispondo como o grande dos meios de acquisição e uso de machinas, etc., para suas explorações, attendendo por outro lado aos poucos dias de trabalho de algumas dellas no cultivo de pequenos áreas, poderá empregal-as lucrativamente recorrendo á *associação*, unica forma que permite a compra e o uso commum das machinas necessarias.

O municipio de Florianopolis, devido á pouca fertilidade de suas terras, já está exigindo para o cultivo, sobretudo de cereaes, o emprego da adubação, o mesmo se dando em relação a outros municipios do Estado, parte de S. Bento, etc., contribuindo isso para encarecimento dessa producção em taes pontos. Esse factor é, entretanto, atenuado pela facilidade do cultivo de outras plantas, como mandioca, batatas, etc.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Embora não seja decisiva a influencia dos factores climaticos sobre a variação dos preços, elles, ás vezes, se fazem sentir, particularmente nos municipios littoraneos onde o impaludismo e a anquilostomiase diminuem o coefficiente productivo *per capita*, tambem aggravado pelo desvio de braços para as pescarias, sobretudo na ilha.

As seccas são estiagens de pequenos, senão inapreciaveis, effeitos e as geadas, toleraveis na ilha e importantes centros productivos, só excepcionalmente causam danos que se reflectam sobre os preços em consequencia da redução da producção agricola.

Annos ha, entretanto, de avultados prejuizos; as inundações, attingem zonas productoras da importancia de Blumenau e outras,— são os das enchentes.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

Crescendo a população catharinense de 0,0324 de 1870 a 1890, de 0,0122 de 1890 a 1900 e de 0,0381 desse anno ao de 1920 e attingindo sua densidade a 15,361 de habitantes por kilometro quadrado, collocando Santa Catharina em quinto lugar em relação aos demais Estados, é natural certa influencia desse factor sobre a variação dos preços,—attenuadas embora pelo pequeno augmento annual da população de Florianopolis (0,0127 de 1900 a 1920, dando á Capital, nesse porticular, o decimo oitavo lugar entre as demais, iclusive a Federal) e operosidade dos habitantes.

Os municipios de Blumenau e Joinville, mais populosos que o de Florianopolis, são um exemplo de trabalho fecundo e productivo.

Exame e mecanismo dos mercados

A differença de preços entre o commercio de *varejo* e em *grosso* é muito variavel, sendo aquelle mais elevado de 10 a 15 0/0, conforme o artigo. Os commerciantes compram directamente dos colonos ou dos intermediarios, nas feiras, artigos produzidos nos municipios vizinhos e dos grandes commerciantes ou atacadistas, artigos de importação.

Na praça de Florianopolis não ha cooperativas; os agricultores vendem seus generos directamente na feira ou a intermediarios, conhecidos por «pombeiros», que reúnem os productos, trazendo-os tambem á feira.

Nos municipios de Urussanga, Blumenau, Araranguá e outros, contam-se algumas cooperativas de producção, compra e venda de productos agricolas, pastoris, etc., não gosando as mesmas de qualquer favor por não estarem legalmente constituídas, funcionando antes como sociedades anonymas.

Não ha *bolças de mercadorias*. As feiras já existem ha muitos annos, funcionando regularmente todas as terças-feiras e proporcionando aos seus clientes economias de 5 a 15 % nas respectivas compras.

O commercio varejista, abastecendo-se de determinados artigos nas feiras, tem os seus preços assim directamente sob a influencia das mesmas.

As unicas medidas tomadas pelo poder publico para o augmento e melhoria da producção são as postas em pratica pelo Ministerio da Agricultura e ultimamente pelo Governo do Estado que tem creado postos zootechnicos e estações de monta, em proveito da pecuaria.

Classificação commercial dos productos agricolas

Os consumidores locais são pouco exigentes. Contentam-se com os productos existentes mesmo se relativamente inferiores. Destinam quasi sempre os melhores productos á exportação para mercados mais exigentes como S. Paulo e Rio da Janeiro. O arroz fino e lustroso, por exemplo, é todo exportado, não sendo encontrado no mercado varejista entre os generos de consumo.

Não ha classificação official adoptada, consagrando o uso para a maioria dos productos, o de *primeira e segunda*, fazendo excepção o asucar que é classificado em *primeira, segunda, terceira, crystal e grosso*.

Crises agricolas e commerciaes

Os entraves á exportação são os maiores factores das crises commerciaes.

As agricolas são geralmente locais e excepcionalmente geraes, felizmente sem gravidade.

O desequilíbrio, ás vezes apreciavel, entre a producção e o consumo dos productos agricolas é antes uma consequencia do desvio de braços da lavoura para industrias e obras publicas e da escassez de recursos para o custeio e desenvolvimento dos trabalhos agricolas que a causas outras de maior gravidade.

O credito agricola seria, sem duvida, o maior incentivo á producção—, vindo a proposito lembrar aos productores, independentes de outros recursos almejavéis, a facilidade de sua organização pelos systemas Raiffeisen e Luzzatti que, embora carecedores de pessoas esforçadas e emprehendedoras, não apresentam em seu funcionamento maiores difficuldades.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

A principal medida a ser tomada para facilitar a boa collocação dos productos é a conservação das vias de transporte existentes e a abertura de outras melhorando os centros productores.

Os fretes são ora elevados e ora razoaveis, regulando nas estradas de rodagem \$013 a \$015 por arroba o por kilometro. Não são de maior monta as queixas contra as tarifas ferroviarias, entretanto, avultam em relação a não corresponderem, as linhas existentes, ás necessidade do Estado.

As pequenas embarcações, á vela, cobram em media \$050 por arroba dos ancoradouros de S. José, Palhoça e Biguassú para Florianopolis. E os productos exportados para os portos de Paranaguá, Santos e Rio de Janeiro pagam os seguintes fretes: milho e feijão (saccos de 60 kilos) respectivamente, 2\$, 2\$600 e 3\$ e farinha de mandioca (sacco de 45 kilos) 1\$800, 2\$250 e 2\$500, havendo abatimento por tonelada de 20 % para Paranaguá e 2\$500 para Santos e Rio.

Imposto sobre os generos de consumo

Os impostos que incidem sobre os generos de consumo, são os denominados *de consumo*, cobrados em sello para a manteiga, café em pó, queijo, aguardente, vinho, etc., e outras estadoaes e municipaes.

Os impostos sobre viação cobrados pelo Estado, isto é, pela passagem de tropas, carretas, em determinado ponto das estradas de rodagem, além dos impostos que pagam os vehiculos ao Estado (imposto de capital) e ao municipio. Além destes, indirectamente, o imposto territorial á razão de 1 % sobre o valor locativo do terreno.

A falta de braços com o desvio da mão de obra para a industria e obras publicas, occasiona tambem indirectamente a escassez da producção agricola do Estado, havendo assim a alta dos generos.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Em trabalho já divulgado mostrou esse Serviço que o augmento medio verificado nos preços de alguns generos alimenticios, de 1911 a 1921, foi de 81,44 % correspondente ao indice 181,44 no decennio, indice que foi elevado a 200,95 considerando-se tambem a aguardente.

Agora, comparando-se os preços no varejo de maior numero de generos durante os dois ultimos semestres de 1921 e 1922, obteve-se o indice de 110,31 ou um acrescimo de 10,31 % como se pode ver no quadro abaixo, mostrando que de 19 generos, nove mantiveram-se em alta de 8,33 % a 90 %, dois conservaram seus preços anteriores e oito experimentaram baixas de 5,19 % a 21,25 %.

Indice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista de Florianopolis em 1921-1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILAÇÕES	
		2º semestre de 1921	2º semestre de 1922	+ %	- %
1	Farinha de mandioca.	100	190,00	90,00	—
2	Arroz	100	162,50	62,50	—
3	Café beneficiado.	100	150,00	50,00	—
4	Queijo	100	123,33	23,33	—
5	Leite.	100	115,38	15,38	—
6	Feijão	100	114,28	14,28	—
7	Polvilho	100	112,72	12,72	—
8	Assucar da terra.	100	109,52	9,52	—
9	Milho	100	108,33	8,33	—
10	Carne de vacca	100	100,00	—	—
11	Vinho	100	100,00	—	—
12	Batatinha	100	94,81	—	5,19
13	Banha	100	90,90	—	9,10
14	Carne de porco	100	90,71	—	9,29
15	Fubá de milho.	100	90,47	—	9,53
16	Assucar importado	100	89,09	—	10,91
17	Linguiça	100	88,88	—	11,12
18	Carne secca (xarque)	100	86,36	—	13,64
19	Ovos.	100	78,75	—	21,25
	Media total	100	110,31	10,31	—

Assim sendo, a aggravação annual que era de 8,14 %, de 1911 a 1921 baixou até 1922 a 7,64 %. Mas essa ligeira melhoria foi muito passageira, pois o indice entre julho de 1922 e de 1923 é de 116,00 para 24 generos, equivalente ao augmento 16,00 % vindo portanto accrescer a aggravação annual, igualando-a a 8,21 %.

E' pois manifesta a tendencia de encarecimento, notando-se que dos 24 generos apreciados no quadro seguinte, doze experimentaram elevações de 4,18 % a 83,33 %, nove não soffreram apreciaveis oscillações e apenas tres tiveram seus preços reduzidos de 7,63 % a 14,29 %.

Indice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista de Florianopolis em 1922-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		Julho de 1922	Julho de 1923	+ %	- %
1	Assucar importado	100	183,33	83,33	—
2	» da terra	100	177,77	77,77	—
3	Milho.	100	172,72	72,72	—
4	Ovos.	100	133,33	33,33	—
5	Batatinha	100	133,33	33,33	—
6	Farinha de mandioca.	100	128,57	28,57	—
7	Banha.	100	125,00	25,00	—
8	Arroz.	100	115,38	15,38	—
9	Café em pó.	100	115,38	15,38	—
10	Banana	100	114,28	14,28	—
11	Fubá de milho.	100	111,11	11,11	—
12	Gallinaceos.	100	104,18	4,18	—
13	Carne verde.	100	100,00	—	—
14	» de porco.	100	100,00	—	—
15	» secca (xarque).	100	100,00	—	—
16	Linguiça.	100	100,00	—	—
17	Manteiga.	100	100,00	—	—
18	Queijo	100	100,00	—	—
19	Amendoim	100	100,00	—	—
20	Vinho Nacional.	100	100,00	—	—
21	Leite	100	100,00	—	—
22	Feijão.	100	92,37	—	7,63
23	Araruta	100	91,61	—	8,39
24	Herva matte.	100	85,71	—	14,19
	Media total.	100	116,00	16,00	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado de Santa Catharina

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Aguardente . . .	Guilherme Schramm . . .	Joinville.	
Alcool	Konder & Comp.	Itajahy.	
Amido	Lorenz & Comp.	Blumenau.	
»	Humberto Zanella & Comp.	Laguna.	
»	Cabral & Irmão	»	
»	João Cardoso da Rocha	»	
Araruta	Lorenz & Comp.	Blumenau . . .	Benedicto No- vo.
Arroz.	Francisco Nappi	Florianopolis	
»	Malburg & Comp.	Itajahy.	
»	Konder & Comp.	»	
»	Pinho & Comp.	Laguna.	
»	Gustavo Sallingen & Comp	Blumenau.	
»	Sylvio Seoz.	»	Rodeio
»	Eurico Fontes	»	Gaspar.
»	Bortolluzzi & Irmão	Araranguá . . .	Nova Veneza.
»	Francisco Roberto da Silva	Biguassú.	
»	José Augusto de Farias	»	
»	Alb. Collin & Filhos	Joinville.	
»	Wendel & Irmão	»	
Assucar	Eduardo Horn	Florianopolis .	
»	Cyriaco Atherino & Irmão	»	
»	Malburg & Comp.	Itajahy.	
»	Moreira & Willerding	»	
»	Konder & Comp.	»	
»	Paulo Scheiffer & Comp	»	
»	Bauer & Comp.	»	
»	João Bayer & Comp.	Tijucas.	
»	Benjamin Gallotti	»	
»	Jacintho Tasso.	Laguna.	
»	Francisco Manoel Fonseca	»	
»	Antonio Baptista da Silva	»	
»	Eurico Fontes	Blumenau . . .	Gaspar.
»	Maria C. Hoeschel	»	Idem.
»	Viuva Adolp. Altenburg	»	Idem.
»	Wehmmunt & Goertner	»	
»	Alberto Leo Schmidt	»	
»	Fazenda Piraceiraba	Joinville.	
Bananas	Procopio Gomes	»	
Banha	José Aurelino de Aguiar	Tubarão.	
»	Romulo Landrini	»	
»	Pinho & Comp.	Laguna.	
»	Saul Ulysséa	»	
»	Cabral & Irmão	»	
»	Jacintho Tasso.	»	
»	Francisco Manoel Fon- seca	»	
»	Humberto Zanella & Comp.	»	
»	Yensen & Comp.	Blumenau	
»	Sociedade Cooperativa de Hansa	»	Hansa.
»	Sociedade Cooperativa de Hammonia	Blumenau . . .	Hammonia.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Banha	Hermann Weeg	Blumenau	Rio do Testo . .
»	Adolpho Buhr	»	Idem.
»	Carlos Schroder	»	Indayal.
»	Frederico Hardt	»	Idem.
»	Lorenz & Comp	»	Benedicto No- vo.
»	Paul & Comp.	»	
»	Gustavo Saillingen & Comp.	»	
»	Frederico Blohn	»	
Café	Rosa, Ncvcs & Comp.	Florianopolis.	
Canoinhas de ma- deira	Southern Brasil Lumber Colonisation Comp.	Tres Barras.	
Carne.	José Aurelino de Aguiar. Pinho & Comp.	Tubarão.	
»	»	»	
Cêra	Cabral & Irmão	Laguna.	
Ceramica	Felix Brandão & Comp.	Florianopolis.	
Cereaes	Eduardo Horn	»	
»	João Muller.	»	
»	Joaquim Garcia Netto.	»	
»	Oliveira Carvalho & Comp.	»	
»	Luiz de Oliveira Carvalho Costa & Carvalho	»	
»	Cyriaco Atherino & Irmão Depper & Comp.	Joinville.	
»	Palumbo & Comp.	Itajahy.	
»	Teixeira & Irmão	Laguna.	
»	João Cardoso da Rocha Saul Ulysséa	»	
»	Cabral & Irmão	»	
»	Luiz Fonseca	»	
»	Jacinto Tasso.	»	
»	Francisco Manoel Fonseca Humberto Zanelia & Comp	»	
»	Antonio Baptista da Silva Dino G. Ferreira	»	
»	João Lebarbe & Filho. Thomaz Netto & Filho	»	
»	Costa & Comp	Palhoça.	
»	José Martins Cabral	Tubarão.	
»	Bessa & Filho	»	
»	Manoel Antonio Machado Manoel Patricio de Lima	»	
»	João Corrêa de Souza.	»	
»	Severiano Albino Corrêa José Gomes Moura	»	
»	Olavo Lemos	»	
»	Benjamin Cunha	»	
»	João Cardoso Bittencourt Hitro Berthoni	Orleans.	
»	Pinho & Comp.	»	
»	Joã Berssani	»	
»	João Guizoni	»	
»	Romulo Landrini	»	
Cervejas	Alfredo Dud	Joinville.	
»	Adolpho Czenay	»	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Chifres	Antonio Augusto Lehmkühl	Florianopolis	Estreito.
»	Juvenal Fiuza Lima	»	»
»	João Nunes Netto	Laguna.	»
Colla.	Gotthard Kaessemold Jr. ^o	Joinville.	»
Couro	Rosa, Neves & Co p. . . .	Florianopolis .	»
»	Constantino Garofallis & Comp	»	»
»	Antonio Augusto Lehmkühl	Florianopolis .	Estreito.
»	Juvenal Fiuza Lima	»	»
»	João Bayer & Comp	Tijucas.	»
»	João Nunes Netto	Laguna.	»
»	Costa & Comp.	Palhoça.	»
»	João Kaspeaide	Blumenau	Benedicto Novo.
»	Carlos Rohbarths	»	Idem.
»	Ernesto Schoenfeld	»	Indayal.
»	Huseher & Irmão	»	»
»	Walter Thomason	»	»
»	G. Walther	Joinville.	»
»	Ertzinger & Comp.	»	»
»	Richlin & Comp.	»	»
»	A. Schlemann & Comp.	»	»
»	Luiz Pizzolati	Orleans.	»
»	Eduardo Horn	Florianopolis	»
Farinha de mandioca	Costa & Carvalho.	»	»
Idem	Luiz Fonseca	Laguna.	»
»	Eduardo Horn	Florianopolis.	»
»	Pinho & Comp.	Laguna.	»
»	João Cardoso da Rocha.	»	»
»	Saul Ulysséa	»	»
»	Cabral & Irmão	»	»
»	Jacinto Tasso.	»	»
»	Francisco Manoel Fonseca	»	»
»	Humberto Zanella & Companhia.	»	»
»	Antonio Baptista da Silva	»	»
»	João Lebarbechon & Companhia.	»	»
»	Thomaz Netto & Filho	»	»
»	Costa & Comp.	Palhoça.	»
Farinha de trigo	Rosa, Neves & Comp.	Florianopolis.	»
»	Constantino Garofallis & Comp.	»	»
»	João Müller.	»	»
»	Cyriaco Atherino & Irmão	»	»
Fumo	Sociedade Cooperativa Rodeio	Blumenau	Rodeio.
»	Sociedade Cooperativa do Cedro.	»	Cedro.
»	Carlos Weeg	»	Pomerode.
»	» Schroeder	»	Indayal.
»	Lorenz & Comp	»	Benedieto Novo.
»	Sylvio Scoz.	»	Rodeio.
»	Bendolli Speredio.	»	Benedieto Novo.

PRODUCTOS	FIR MAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Fumo	André Largura	Blumenau	Bella Alliança.
»	A. Schlemann & Comp.	»	»
Madeira	Malburg & Comp.	Itajahy.	»
Manteiga	Paul & Comp.	Blumenau.	»
»	Yensen & Comp.	»	»
»	Gustavo Sallingen & Com- panhia.	»	»
»	Frederico Blohn	»	»
»	Sociedade Cooperativa de Hansa	»	Hansa.
»	Sociedade Cooperativa Pomerode.	»	Pomerode.
»	Hermann Weeg	»	Rio do Testo.
»	Carlos Weeg	»	Pomerode.
»	Adolpho Buhr	»	Rio do Testo.
»	Max Wulf Junior	»	Massaranduba.
Matte	Nicolau Maer & Comp.	Joinville.	»
»	A. Schlemann & Comp.	»	»
»	H. Jordan & Comp.	»	»
Queijos	Saul Ulysséa	Laguna.	»
»	Paul & Comp	Blumenau.	»
»	Yensen & Comp.	»	»
»	Frederico Blohn	»	»
»	Sociedade Cooperativa de Hansa	»	Hansa.
»	Sociedade Cooperativa Pomerode.	»	Pomerode.
»	Sociedade Cooperativa do Cedro	»	Cedro.
»	Sociedade Cooperativa de Hammonia	»	Hammonia.
»	Hermann Weeg	»	Rio do Testo.
»	Frederico Hardt	»	Indayal.
»	Carlos Hardt	»	Idem.
»	Max Wulf Junior	»	Massaranduba.
Sabão	G. Wetzel	Joinville.	»
Sagú	Lorenz & Comp.	Blumenau	Benedicto No- vo.
Tapioca	Antonio Augusto Lehm- kuhl	Florianopolis	Estreito.
Tecidos de algodão	Lepper & Irmão	Joinville.	»
Velas	G. Wetzel	»	»
Vinho	Costa & Comp.	Palhoça.	»

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

I — Circulação dos productos agricolas.

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do solo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Cassificação commercial dos productos agricolas.

Transportes dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado.

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

A alimentação do povo sul rio-grandense — sadia, abundante e variada — tem sua composição modificada, para as classes sociaes, de accordo com os seus habitos e preferencias, maior ou menor facilidade de aquisição dos productos, etc. E' constituída de generos em natureza e transformados, reposando sua base, geralmente, na maior exploração local.

Consumidos no Estado, em escala variavel, segundo as preferencias e condições locais, são o arroz, assucar, aveia, aves, batatas, banha, bacalháo, cebola, centeio, cevada, café, carne de vacca, carne de porco, carne de carneiro, conservas diversas, ervilhas, feijões, farinhas (mandioca, milho, trigo, etc.), fructas, herba matte, hortaliças, leite, lentilhas, linguiça, manteiga, ovos, peixe fresco e secco, queijo, toucinho, xarque, etc.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

A maioria, quasi totalidade, dos generos consumidos no Estado é nelle proprio produzida em quantidade sufficiente, havendo excesso de alguns, escassez de poucos e falta somente de um reduzido numero.

O sal é importado do Rio Grande do Norte, o assucar é em sua maioria procedente de Pernambuco e Estado de Rio, o café de S. Paulo e parte da manteiga e queijo consumido vem de Minas Geraes. Recebidos do estrangeiro são tambem alguns generos, destacando-se o azeite doce fornecido por Portugal, França, Hespanha e Italia; trigo, Argentina e Uruguay; aveia em flócos, da Inglaterra e America do Norte; bacalháo, do Canadá, Terra Nova e Noruega; sardinha, de Portugal; e vinho, da Argentina, Portugal, França e Italia, fornecendo esse paiz e a Suissa algum queijo e leite condensado.

Os generos alimenticios importados em maior escala são os constantes do quadro abaixo:

GENEROS	1920		1921	
	Kilos	Valor official	Kilos	Valor official
Farinha de trigo . . .	19.395.473	10.732:622\$	15.580.650	10 306:915\$
Trigo em grãos . . .	5.620.851	2.142:187\$	10.497.253	4.909:773\$
Vinhos	836.977	1.114:554\$	207.817	347:369\$
Bacalhão.	108.622	235:686\$	14.332	55:866\$

O valor total da importação do Estado que em 1920 era de 144.489:000\$ baixou em 1921 a 122.814:000\$ enquanto que o da exportação se elevou de 197.793:072\$200 a 214.959:313\$650, no mesmo periodo.

Faltam dados sobre o valor total dos artigos de alimentação importados, sendo muito inferior ao da exportação, attendendo-se a que foi em 1920 de 137.986:043\$180 e em 1921 de 149.669:480\$410.

Exceptuando-se o café que encontra forte e valioso concorrente no matte cujo consumo attinge a cerca de 40.000.000 de kilos no Estado e não encontra condições favoraveis ao seu cultivo, pode-se dizer que o Rio Grande do Sul tem capacidade para produzir todos os generos alimenticios necessarios ao seu consumo.

A cultura da canna, não podendo — é certo — competir com a dos principaes centros assucareiros do paiz, encontra condições favoraveis ao seu desenvolvimento, não só no valle do Uruguay como nos municipios de Conceição do Arroio, Torres, Santo Antonio da Patrulha, etc., productores de aguardente e rapaduras. O desenvolvimento de seu cultivo depende dos resultado das investigações da estação experimental de Conceição do Arroio e de melhores meios de transporte no valle do Uruguay.

A industria de lacticinios é incipiente e limitada aos municipios coloniaes, encontrando-se no Estado especimens de aprimoradas raças leiteiras. O leite condensado tem o consumo limitado e o fabrico do

queijo e da manteiga vae se desenvolvendo, figurando esse entre os productos de exportação. A produção pecuaria, entretanto, concorreu em 1921 com 41,90 % do total da exportação do Estado.

Os quadros abaixo mostram em relação ás especies que directamente interessam á industria da carne, não só a quota por habitante e as oscillações annuaes da produção e valor, como o consumo da carne por habitante, desde 1907 até 1921.

Quadros da produção, valor e consumo da carne no Rio Grande do Sul, segundo a Repartição de Estatística do Estado — 1907-1921

ANNOS	BOVINOS				SUINOS			
	Numero de cabeças por habitante	Augmento relativo sobre cada anno anterior — %		Consumo em kilos por habitante	Numero de cabeças por habitante	Augmento relativo sobre cada anno anterior — %		Consumo em kilos por habitante
		Numero	Valor			Numero	Valor	
1907. . . .	4,3	—	—	55,6	0,8	—	—	1,3
1908. . . .	—	4,8	12,6	55,7	—	12,6	12,5	1,3
1909. . . .	—	1,2	18,8	56,6	—	11,1	11,1	1,3
1910. . . .	—	1,6	19,1	56,8	—	10,1	10,1	1,4
1911. . . .	—	5,1	24,6	55,8	—	11,0	11,0	1,4
1912. . . .	—	2,6	16,2	38,9	—	12,8	12,8	1,4
1913. . . .	—	4,4	8,8	38,6	—	14,3	12,9	1,3
1914. . . .	—	5,1	11,4	39,3	—	12,8	14,3	1,6
1915. . . .	—	1,5	6,5	39,5	—	20,0	19,9	1,8
1916. . . .	—	3,4	14,7	39,0	—	23,6	23,6	1,9
1917. . . .	—	4,8	27,9	37,0	—	13,2	69,1	2,7
1918. . . .	—	2,6	3,4	38,2	—	4,9	3,6	3,5
1919. . . .	—	3,0	9,6	38,0	—	7,7	10,6	5,4
1920. . . .	—	2,7	2,8	40,6	—	17,3	20,6	5,4
1921. . . .	4,6	6,2	4,5	39,9	2,9	4,6	4,3	5,8

ANNOS	OVINOS				CAPRINOS			
	Numero de cabeças por habitante	Augmento relativo sobre cada anno anterior — %		Consumo em kilos por habitante	Numero de cabeças por habitante	Augmento relativo sobre cada anno anterior — %		Consumo em kilos por habitante
		Numero	Valor			Numero	Valor	
1907.	1,7	—	—	0,9	0,03	—	—	Não foi calculado.
1908.	—	14,6	14,4	0,9	—	8,3	8,1	
1909.	—	8,8	11,5	0,8	—	5,7	5,7	
1910.	—	8,1	8,1	0,8	—	6,1	6,1	
1911.	—	7,8	7,3	0,8	—	6,9	24,7	
1912.	—	8,7	26,8	0,8	—	9,1	9,1	
1913.	—	4,7	12,6	0,8	—	17,7	26,6	
1914.	—	1,4	1,7	0,9	—	17,2	17,8	
1915.	—	1,9	8,7	0,9	—	10,0	9,0	
1916.	—	1,4	11,8	0,9	—	5,0	5,0	
1917.	—	8,5	129,1	0,9	—	14,7	40,5	
1918.	—	2,6	2,9	1,0	—	1,0	7,2	
1919.	—	2,1	5,8	0,9	—	3,7	5,6	
1920.	—	4,9	3,7	1,1	—	5,2	4,8	
1921.	2,5	4,4	4,0	1,3	0,08	5,5	6,1	

O commercio externo da industria animal, no que diz respeito á exportação de generos alimenticios, concorre com 40 % do total contra 59,9 % fornecidos pelos vegetaes e seus productos para a alimentação nos mercados externos, nacionaes e estrangeiros.

A aveia em flocos, com o consumo tendendo a se generalizar, é industria nascente e prometedora, occupando-se de seu preparo duas pequenas fabricas uma em Porto Alegre e a outra em S. Leopoldo. O desenvolvimento dessa industria está dependendo da intensificação do cultivo desse cereal, para a produção de grão, até agora feito de preferencia para forragem.

A cultura do trigo, objecto de constantes preocupações, é um problema que vem merecendo estudo e atenção do Governo Federal, occupando-se a estação experimental de Alfredo Chaves da adaptação e selecção das variedades proprias ao meio, mostrando o quadro seguinte o volume da importação da farinha e trigo em grão num decennio:

ANNOS	IMPORTAÇÃO	
	Farinha de trigo — kilos	Trigo em grão kilos
1912	35.235.095	13.848.234
1913	34.264.137	11.219.449
1914	30.383.024	10.690.435
1915	31.793.225	6.447.343
1916	32.629.216	12.299.130
1917	13.099.865	1.199.465
1918	37.272.938	16.183.239
1919	28.522.489	11.434.858
1920	19.395.473	5.620.851
1921	15.580.650	10.497.253
Média annual	27.817.613	9.944.025

A estimativa da produção em 1920-1921 foi de 128.100.000 kilos, 1921-1922 de 133.837.300 kilos e de 1922-1923, de 76.625.000 kilos, attribuido o decrescimo à ferrugem.

A produção média do triennio igualou-se pela estimativa a 112.854.100 kilos, exportando em 1920 o Estado 84.875 kilos de farinha e 217.700 kilos de trigo em grão, descendo em 1921 a exportação de farinha a 50.096 kilos e attingindo a de trigo em grão a 463.588 kilos.

A importação de vinhos é limitada a especialidades e muito inferior ao volume e valor da exportação. A redução dessa importação está na dependencia da intensificação do cultivo de videiras finas.

O azeite doce, em parte substituído pelo de amendoim, ao que parece, pôde vir a ser produzido no Estado, attendendo-se a que a oliveira vegeta e fructica bem em alguns municipios, restando apurar si a cultura offerece vantagens sob o ponto de vista economico.

O bacalháo encontra no peixe secco apreciavel concurrente, diminuindo sua importação annualmente. A exportação do peixe secco attingiu em 1920 a 1.839.265 kilos e em 1921 a 2.030.637 kilos.

Oscillações dos preços

Durante o anno de 1921 a differença entre os maiores e menores preços correntes no mercado varejista da Capital regulou: arroz 20 %, assucar 47,50 %, bacalháo 28,57 %, banha, 5.88 %, batatinha 33,33 %, farinha de mandioca 17,85 %, farinha de trigo 18,18 %, feijão 20,48 %, milho 26,31 %, azeite de oliva 6,66 %, idem de algodão 10 %, ovos 16,66 %, polvilho 20 %, queijo 20 %, toucinho 5,55 %, carne verde de vacca 40 % e xarque 20 %.

Os demais generos apreciados e que foram manteiga, azeite de dendê, carne de porco e de carneiro, tiveram durante o anno seus preços inalteraveis.

Em 1922, continuando a vida economica do Estado em condições mais ou menos identicas ao anno anterior, essas oscillações foram naturalmente regularés.

Entretanto, observações mais amplas, sobre os mercados varejistas de Porto Alegre, Pelotas, Garibaldi, Cruz Alta e Alegrete, mostram que de janeiro a setembro de 1923 as differenças médias por cento entre os menores e maiores preços correntes no periodo foi de 33,45 % para 47 generos em Porto Alegre, 47,50 % para 46 generos em Pelotas, 61,51 % para 48 generos em Garibaldi, 70,57 % para 42 generos em Cruz Alta e 60,78 % para 45 generos em Alegrete, ou sejam 54,76 % a média nos referidos mercados.

Os numeros seguintes mostram por producto e mercados essas oscillações:

GENEROS	OSCILLAÇÕES (*)					
	Porto Alegre	Pelotas	Garibaldi	Cruz Alta	Alegrete	Média parcial
Cebolas.	112,50	125,00	525,00	300,00	25,00	217,17
Carne de porco salgada.	25,00	128,57	60,00	70,00	471,42	150,99
Batatinha	75,00	250,00	66,66	66,66	140,00	119,69
Ovos.	100,00	68,75	150,00	125,00	140,00	116,75
Manteiga	23,66	45,45	50,00	33,33	350,00	101,08
Carne verde, de porco	75,00	20,00	33,33	66,66	300,00	83,89
Cevada	f	105,88	100,00	100,00	20,00	80,17
Batata doce	f	150,00	—	100,00	50,00	75,00
Aveia	100,00	50,00	177,77	—	40,00	73,55
Lentilha.	60,00	20,00	50,00	16,66	200,00	69,33
Bolachas	42,85	66,66	40,00	169,23	25,00	68,74
Vinho	30,31	62,50	66,66	150,00	33,33	68,56
Ervilhas.	50,00	9,09	60,00	212,50	9,00	68,13
Polvilho.	71,42	43,75	12,50	190,00	5,00	67,93
Assucar.	78,72	57,83	81,67	62,42	51,67	66,46
Leite	33,33	77,77	20,00	50,00	150,00	66,22
Centeio.	60,00	f	100,00	25,00	66,66	62,91
Salame	7,14	37,50	79,48	129,11	33,33	57,31
Amendoim	12,50	40,00	151,00	20,00	50,00	54,70
Farinha de milho.	—	50,00	66,66	128,57	20,00	53,04
Pão	—	—	200,00	33,33	16,66	49,99
Farinha de centeio	66,66	f	—	80,00	f	48,88
Alho	77,77	66,66	50,00	20,00	—	42,88
Graxa	40,00	5,88	150,00	f	12,50	41,67
Queijo	—	114,28	12,50	81,13	—	41,58
Linguiça	30,00	11,11	40,00	106,89	—	39,60
Vinagre.	50,00	26,66	50,00	35,00	33,33	38,99
Toucinho	—	31,25	100,00	41,66	11,11	38,80
Farinha de trigo	20,00	20,00	95,83	34,73	20,00	38,11
Cangica de milho.	33,33	25,00	25,00	f	60,50	35,83
Xarque	16,66	86,66	21,42	38,45	6,66	33,97
Cangica de trigo	50,00	16,66	33,33	f	33,33	33,33
Bacalhão	21,21	9,67	6,25	100,00	25,00	32,42
Café.	6,25	19,58	37,37	70,60	25,83	31,92
Feijão	33,84	42,49	38,09	17,14	37,61	31,83
Sal	—	48,88	—	66,66	33,33	29,77
Arroz	—	12,50	21,20	66,66	33,33	26,73
Oleos alimentares	29,99	39,12	42,41	6,25	13,96	26,34
Carne verde, de vacca	53,57	16,66	12,50	27,09	14,28	24,82
Milho	—	33,33	—	50,00	33,33	23,33
Tremoço	16,66	—	50,00	f	f	22,22
Trigo em grão.	12,50	12,50	20,00	—	60,00	21,10
Gallinha.	—	66,66	11,11	11,11	14,28	20,63
Farinha de mandioca	25,00	—	25,00	25,00	20,00	19,00
Herva matte	20,00	25,00	—	13,33	25,00	16,66
Banha	—	12,82	20,00	24,13	5,26	12,44
Carne verde, de carneiro	12,50	33,33	—	f	—	11,45
Peixe secco	—	—	—	f	f	—
Média total.	33,45	47,50	61,51	70,57	60,78	54,76

(*) O f indica a falta de informações sobre o respectivo preço e o signal — que não houve nenhuma variação de preço no período.

A elevação desordenada das oscillações nesse ultimo periodo, como se vê no quadro acima, representativo das differenças por cento entre os maiores e menores preços correntes de janeiro a setembro deste anno, é, até certo limite, consequencia do movimento revolucionario, certa como é a reflexão de seus effeitos nos mercados internos sobretudo, não só pelos entraves creados á circulação commum dos productos, como também pelo desvio de energias da lavoura para o campo de batalha, natural recrudescimento do movimento emigratorio, etc., podendo ainda provocar maior aggravação da situação economica o possivel desequilibrio originario da redução da producção, mantido o consumo.

As épocas do anno em que normalmente os generos agricolas de producção local são mais baratos corresponde a de após as “colheitas” o mesmo se podendo dizer dos de origem animal em relação ás de maior intensidade das “safras”.

O feijão costuma ser mais barato de janeiro a abril, a farinha de mandioca de abril a agosto, o milho de fevereiro a junho, o trigo de janeiro a março, o arroz de março a junho, o xarque de janeiro a junho, os ovos de julho a fevereiro e o leite e a manteiga de outubro a abril.

Determinam variações de preços, além das causas estudadas nesse trabalho, outras de menor vulto.

A abundancia ou escassez dos generos de producção e consumo e a situação favoravel ou não do commercio externo do Estado, são factores de preponderante influencia na formação dos preços locais.

Os preços alcançados pelos generos de exportação nos mercados importadores se reflectem sobre os locais, baixando ou elevando-os nos centros productores e exportadores do Estado.

As variações nos preços dos generos ou genero de maior consumo local não influem de modo apreciavel senão por effeito das causas acima apontados sobre a cotação dos demais.

Influencia dos factores climatericos sobre as variações dos preços

As seccas ou estiagens prolongadas, chuvas excessivas provocando grandes enchentes, — inundando as culturas — e as geadas intensas, são factores prejudiciaes á producção e de alterações de preços.

A previsão das consequencias de seus effeitos por si só influem nos mercados desfavoravelmente.

As seccas e as geadas prejudicando as pastagens e culturas por ellas alcançadas determinam crises na industria pastoril pela má engorda dos rebanhos e reduzem ou anniquilam as colheitas attingidas.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

A natureza das terras de alguns centros productores, em relação ás culturas nelles exploradas, é factor não desprezível na apreciação das variações dos preços das principaes utilidades alimenticias no Rio Grande do Sul.

Alguns municipios e entre elles os de terrenos accidentados e mais ou menos pedregosos, outr'ora bons productores de cereaes, têm hoje muita terra com a capacidade productiva diminuida e assim aggravado sobremodo o custo da producção cerealifera.

Não sendo em grande parte praticavel o emprego das machinas agricolas nesses terrenos já enfraquecidos, não se podendo de modo eficiente reduzir o custo da producção desses generos, é natural sejam os preços directamente influenciados por esse factor.

Corrobora o exposto o movimento emigratorio de alguns municipios coloniaes, sobretudo de colonos italianos e descendentes, para as colonias novas de outros pontos do Estado, Santa Catharina e Paraná.

Em outros municipios e especialmente nos dedicados ao cultivo do arroz a situação é diversa, prestando-se os terrenos ao emprego o mais amplo da lavoura mecanica e irrigação, tornando o coeffericiente de producção mais elevado e reduzindo o custo dos trabalhos culturaes, importando num menor custo de producção e permittindo, deixando lucro ao productor, chegar o arroz ao consumidor em boas condições de preços.

O mesmo se pode dizer em relação a outras culturas que, mesmo em sendo feitas em terrenos de pequena capacidade productiva, exigindo adubos, etc., mas de topographia favoravel ao trabalho das machinas de preparo do sólo, tratos culturaes, etc., de uso mais ou menos generalizado no Estado, dão margem a um custo de producção regular e a preços razoaveis.

Em relação á criação não é menos importante a fertilidade e a topographia das terras de campo, no tocante á qualidade do producto nelles criados.

O gado criado em campos cobertos de boas espécies forrageiras, campos de terras próprias ao desenvolvimento dessas espécies e ao cultivo de outras reconhecidamente vantajosas, é superior e preferido, alcançando maiores preços que os da mesma raça procedentes de campos pobres.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento medio annual da população sul-riograndense, de 0,0338 de 1872 a 1920, inferior ao da Capital, que de 0,0098 de 1872 a 1920 se elevou a 0,0346 desse anno ao de 1900 para attingir em 1920 a 0,0463, collocando Porto Alegre em segundo lugar em relação ás demais capitaes, inclusive a Federal, logo abaixo de Bello Horizonte, comparado ao augmento da densidade da população do Estado, que em 1872 era de 1,889 e em 1890 de 3,794, subiu a 4,458 em 1900 para attingir em 1920 a 9,227 de habitantes por kilometro quadrado, dá com exactidão idéa do desenvolvimento da população do Estado.

Segundo o *Anuario Estatístico*, a densidade da população por municipio em 1921 era: Porto Alegre 92,19; Taquary 37,63; São Leopoldo 36,31; Estrella 32,85; Bento Gonçalves 30,86; Caxias 29,87; Garibaldi 29,60; Pelotas 28,98; Taquara 27,45; S. Sebastião do Cahy 27,37; Monte Negro 26,86; Gravatahy 26,23; Alfredo Chaves 25,39; Guaporé 24,22; Venancio Ayres 23,77; Antonio Prado 22,35; Santo Antonio 21,34; Ijuhy 20,73; Santa Cruz 17,80; Torres 17,27; Laggado 16,49; Encantado 16,23; Rio Grande 14,97; Triumpho 12,14; Santa Maria 11,60; Viamão 9,64; Cachoeira 9,07; Rio Pardo 8,88; S. Lourenço 8,56; Conceição do Arroio e Cangussú 8,06; Santo Amaro 8,00; S. Luiz Gonzaga 7,43; S. Jeronymo 7,16; Jaguarhy 7,10; Passo Fundo, 6,81; Soledade 6,46; Erechim 6,25; Dores de Camaquam 6,23; Jaguarão 6,08; Bagé 5,94; S. Vicente 5,46; Cruz Alta 5,35; Encruzilhada 5,33; Santiago do Boqueirão 5,24; Livramento 5,05; Lagôa Vermelha e S. Francisco de Assis 4,99; Uruguayana 4,76; Julio de Castilhos 4,73; S. João de Camaquam 4,66; Quarahy 4,58; Caçapava 4,54; Pinheiro Machado 4,40; Rosario 4,35; S. Sepé 4,34; S. José do Norte 4,13; Alegrete 4,08; Piratiny 3,86; Palmeira 3,83; S. Gabriel 3,78; S. Borja 3,76; S. Francisco de Paula 3,50;

Lavras 3,43; Herval 3,37; Santo Angelo 3,33; Arroio Grande e Vacaria 3,19; Santa Victoria 3,05; D. Pedrito 3,04; Itaquy 2,88 e Bom Jesus 2,08.

Assim, dos setenta e um municipios sul-riograndenses, vinte e cinco têm mais de 10 habitantes por kilometro quadrado, notando-se que destes municipios treze possuem mais de dois terços de suas propriedades agricolas com áreas inferiores a 41 hectares, oito mais de metade e somente quatro não atingiram ainda essa média.

O augmento da densidade da população, provocando a subdivisão da propriedade territorial e concorrendo para o melhor aproveitamento da terra por culturas ao alcance do pequeno lavrador, multiplas e variadas, interessando de preferencia a alimentação, com maior e mais variada produção agricola, vem influindo poderosamente para que o Rio Grande, produzindo quasi todas as utilidades alimenticias consumidas pela sua população, seja o abastecedor de importantes mercados nacionaes, exportando tambem para o estrangeiro.

Nos centros productores do Estado, especialmente nos municipios colonizados, a aquisição da alimentação, por ser maior e mais variada a produção dos generos alimenticios, *não é objecto de maiores preocupações dos consumidores*, reflectindo-se favoravelmente essa situação nos municipios de pequena densidade de habitantes, dedicados em grande escala á industria pastoril, graças á relativa facilidade de circulação dos productos em quasi totalidade do Estado.

Crises agricolas e commerciaes

As crises agricolas, parciaes e mais ou menos raras, são originarias de seccas ou estiagens prolongadas, excesso de chuvas ou apparecimento de pragas ou molestias, atacando a uma ou mais especies cultivadas, prejudiciaes á produção. A industria pastoril, sujeita á acção dos mesmos factores, experimenta tambem suas crises.

Mas, de consequencias maiores, affectando á economia particular e publica, gravando o commercio o a industria, — a lavoura e a pecuaria, surgem crises originarias no proprio Estado, em relação ás difficuldades de embarques e nos mercados externos, — nem sempre accessiveis á collocação de alguns productos sujeitos á concorrência de similares de outras procedencias, como succede aos sub-productos da pecuaria e a herva matte.

Excepcionalmente, factores de ordem politica, convulsionando o Estado e arrastando os partidos á lucta armada, desviam energias da actividade economica e originam crises como a actual e de consequencias as mais lastimaveis.

Exame e mecanismo dos mercados

Os preços dos generos de producção local variam de um para outro mercado, accentuando-se essa variação nos generos importados, sempre mais caros nos mercados distantes dos maiores centros importadores.

Os negocios em torno dos productos agricolas são feitos de formas variaveis.

O pequeno lavrador em geral leva, elle proprio, seus generos aos centros populosos, vendendo-os aos pequenos negociantes, — nos “mercados” e nas “portas”, aos consumidores.

Os medios productores vendem aos commerciantes locais e estando mais das vezes endividados, eliminando indirectamente a concorrência, nem sempre alcançam preços compensadores.

Os de maiores recursos, grandes productores, procuram as sédes dos municipios ou maiores mercados e ahi vendem seus productos em melhores condições.

Transigem com os intermediarios dos maiores centros ou mesmo com o commercio em grosso directamente.

Esse, adquirindo generos agricolas ou coloniaes, abastece ao commercio varegista e faz a exportação.

O commercio varegista do interior é fornecido pelo em grosso da capital e de outras cidades, de modo a poder vender com differenças, para mais, nunca menores de 15%.

Na formação dos preços levam em consideração, além de outras causas naturaes, a escassez de entradas no mercado, a estimativa da producção segundo os factores climaticos, etc.

Os grandes commerciantes mantêm intermediarios e commissarios que, nas épocas das colheitas e safras, percorrendo os centros agricolas, adquirem grande parte da producção, não havendo contractos nessas transacções.

As vendas são feitas como combinadas, a prazo, a dinheiro ou a troco de outras mercadorias.

Não ha feiras para os productos agricolas.

São communs, entretanto, nos principaes centros criadores, exposições-feiras de animaes para a venda de reproductores.

Além do fomento da producção, estimulado pelo Ministerio, as medidas tomadas e dignas de registo são de iniciativa particular.

Já existem regularmente organisadas, marcando os primeiros passos para a solução do problema do credito agricola, dezenove caixas ruraes, typo Raiffeisen, operando em diversos municipios coloniaes.

E, facilitando a collocação dos productos agricolas, varias cooperativas que, mediante pequenas despezas para seus associados, reúnem seus productos, vendendo-os aos atacadistas dos maiores centros ou exportando-os directamente.

Os insuccessos registados, em consequencia do desvirtuamento do systema, não justificam esmorecimento, entretanto, mostram a necessidade de homogeneidade nos principios.

Classificação commercial dos productos agricolas

As exigencias dos consumidores, manifestadas não só em relação á natureza como ao beneficiamento e preparo dos productos, são, tanto quanto possivel, correspondidas pelos productores, compensados que são com as differenças de preços a favor dos generos preferidos.

Os cereaes bem escolhidos, expurgados de impurezas e isentos de carunchos ou gorgulhos e em se tratando do arroz, de grãos inteiros e polidos, herva matte fina, aromatica e saborosa, banha refinada, etc., obtêm sempre melhores preços nos mercados, por serem os preferidos pelos consumidores.

Os generos, á excepção dos classificados em maiores praças e da herva matte, que tem classificação segundo a fórmula de seu preparo e habitos locaes, são especificados nominalmente e segundo a natureza, preparo e beneficiamento, chamados *de primeira, segunda*, etc.

Transporte dos productos agricolas

FRETES

A excepcional situação do mercado de Porto Alegre, em relação ás communicções, torna-o o principal centro de convergencia dos productos do Estado.

Por estrada de rodagem communica-se com os municipios de Viamão, a 24 kilometros; Gravatahy, a 33; Santo Antonio, a 80; Conceição do Arroio, a 106; Dores de Camaquan, a 125, e Torres, a 198.

Pela rêde de navegação, principal factor de sua prosperidade, está a capital ligada, além de a outros municipios, com os quaes tem communicações ferroviarias, com as sédes dos municipios de Triumpho, a 71 kilometros; S. Jeronymo, a 72; Santo Amaro, a 100; Taquary, a 110; Estrella, a 169; Lageado, a 175; Pelotas, a 233; Rio Grande, a 293; S. José do Norte, a 299 e Jaguarão, a 467.

Ainda por navegação, mas com o auxilio de estradas de rodagem, está Porto Alegre ligada ás sédes dos seguintes:

MUNICIPIOS	DISTANCIAS EM KILOMETROS		
	Estrada de rodagem	Navegação	Total
Venancio Ayres.	27	125	152
S. João de Camaquan	60	132	192
Encantado	33	175	208
Guaporé	99	175	274
S. Lourenço	73	233	306
Cangussú.	80	233	313
Piratiny	138	233	371

Ligadas por estradas de rodagem, de ferro e navegação estão á capital as seguintes sédes de municipios:

MUNICIPIOS	DISTANCIA EM KILOMETROS			
	Estrada de rodagem	Estrada de ferro	Navegação	Total
Arroio Grande	46	49	233	328
Herval.	24	101	233	359
Pinheiro Machado	30	137	233	400
Santa Victoria	223	19	293	535
Lavras.	46	266	233	545
D. Pedrito	59	266	233	558

Por estrada do ferro está em communicação directa com as sédes dos municipios: de S. Leopoldo, a 34 kilometros; Montenegro, a 77; Taquara, a 89; Garibaldi, a 158; Bento Gonçalves, a 172; Caxias,

a 194; Rio Pardo, a 208; Santa Cruz, a 237; Cachoeira, a 274; Santa Maria, a 389; Julio de Castilhos, a 462; Jaguaray, a 514; Cruz Alta, a 550; Rosario, a 561; S. Gabriel, a 579; Ijuhy, a 604; Alegrete, a 621; Santo Angelo, a 659; Livramento, a 669; Passo Fundo, a 744; Uruguayana, a 763; Erechim, a 801; Itaqui, a 864, e S. Borja, a 988.

Ainda por ligação ferroviaria, porém com o auxilio de estradas de rodagem, são feitas as communicações com as sédes dos municipios abaixo:

MUNICIPIOS	DISTANCIAS EM KILOMETROS		
	Estrada de rodagem	Estrada de ferro	Total
S. Francisco de Paula	39	89	128
Alfredo Chaves	37	172	209
Antonio Prado.	54	194	248
Encruzilhada	73	208	281
Lagôa Vermelha	149	172	321
Vaccaria.	132	194	326
Caçapava	97	274	371
Bom Jesus	186	194	380
S. Sepê	59	333	397
S. Vicente	20	481	501
Santiago do Boqueirão	85	481	566
S. Francisco de Assis	19	554	573
Palmeira	65	615	681
S. Luiz Gonzaga	200	488	688
Quarahy.	106	621	727
Soledade.	84	690	774

A cidade de Bagé dista de Porto Alegre 461 kilometros, via Pelotas, e 709, via Santa Maria, sendo a distancia de Pelotas a Bagé, por estrada de ferro, 228 kilometros.

Encurtando as distancias, barateando os transportes, o problema das communicações vem sendo objecto de constantes e justas atenções dos governantes, sendo dignos de nota os trabalhos de abertura de canaes, creando novas linhas de navegação, corrigindo e melhorando

outras, prolongamento e construcções de novos trechos ferroviarios, de estradas de rodagem ligando centros productores ás estações de estrada de ferro e aos portos de embarque, obras do porto, etc.

Municipios até ha pouco sem outras vias de transporte que as estradas carroçaveis, como os de Conceição do Arroio e Torres, estão hoje ligados a Porto Alegre com auxilio de um pequeno trecho ferroviario entre Palmares e Conceição pela navegação, graças ao ligamento das lagôas por meio de canaes.

O serviço de navegação para a capital é feito pelo Guahyba, que a liga á lagôa dos Patos, e pelos rios: Jacuhy, navegavel até Cachoeira; Cahy, até Montenegro; Sinos, até perto de Sapiranga; Gravatahy, até a villa do seu nome, e Taquary, tributario do Jacuhy, até o municipio de Guaporé. Por menores embarcações, tambem o Vaccacahy, acima de Cachoeira, é, em boa parte, navegavel. Pela lagôa dos Patos e canal é a capital ligada aos portos de Pelotas e Rio Grande, regularmente visitados por navios de "barra a fóra" das companhias que mantêm linha a Porto Alegre, ou que servem ao Estado sómente pelo porto do Rio Grande.

Servindo á navegação interior, pelas vias citadas, transportando passageiros e cargas, pequenas embarcações, deslocando 45 toneladas as maiores, pertencentes ás companhias *Arnt*, *Barrense*, *Michaelsen*, *Dreher*, etc., attendem, com a possivel regularidade, ás maiores necessidades locais.

Os vehiculos que transitam nas estradas de rodagem obedecem a typos regionaes, dependentes quasi sempre das condições economicas de cada localidade.

O carro primitivo, de rodas fixas no eixo giratorio, e com capacidade para cerca de 500 kilos, tirado por uma ou duas parelhas de bois, vae se tornando raro, porém é ainda empregado com relativa frequencia, sobretudo no nordeste do Estado. Pesados carroções, sem mólas, carregando de 150 a 200 arrobas, tirados por sete a nove muares, montado o ultimo da esquerda pelo guia, são usados nas estradas geras da maioria dos municipios colonizados.

Algumas vezes os muares são substituidos pór equinos ou bovinos. Carroças de quatro rodas, leves e de capacidade para 60 a 80 arrobas, são muito usadas pelos colonos allemães, que as preferem, não só pelo facto de permittirem maior velocidade, puxadas que são por cavallo^s bem tratados e bons trotadores, como tambem por damnificarem menos

as estradas. Em toda a região situada ao sul do rio Camaquan e fronteiras do Uruguay e Argentina os vehiculos são semelhantes aos de uso mais generalizado nessas Republicas, empregando o "jugo de conjunctas".

Carros a bois, com capacidade para 100 arrobas e tirados por cinco juntas, são encontrados morosamente trilhando ao lado das carroças e carroções mais velozes, com ou sem molas, a muares ou equinos.

As estradas de rodagem, dando embora transito a esses vehiculos destinados ao transporte de cargas, diligencias e automoveis para a condução de passageiros, deixam em sua maioria, especialmente no inverno, muito a desejar.

Os fretes nessas estradas variam, para um mesmo peso e distancia, de uma para outra região, segundo a natureza e typo do vehiculo e as estradas.

Nas zonas colonizadas são, apesar de geralmente mais accidentadas, menos elevados que nos centros criadores.

Nas linhas de navegação o preço da tonelada kilometrica varia de \$058 a \$300.

As tarifas ferroviarias, variando com a natureza dos productos e as distancias, são as seguintes, para as classes:

A (ferragens, machinas, combustiveis, madeiras, etc.)

B (arroz beneficiado, assucar, farinha, sal, matte, xarque, couro, etc.)

C (banha, toucinho, queijo, cerveja, tabaco.)

D (fructas frescas, nacionaes) por tonelada e por kilometro:

DISTANCIAS	A	B	C	D
0 a 100 kilometros.	270\$	\$200	\$200	\$180
101 a 200 >	220\$	\$150	\$150	\$160
201 a 300 >	\$160	\$140	\$130	\$120
301 a 400 >	\$150	\$130	\$110	\$120
401 a 500 >	\$120	\$125	\$090	\$080
501 em diante	\$100	\$120	\$070	\$080

Impostos sobre generos de producção e consumo

Incidem directa ou indirectamente sobre os generos de consumo impostos federaes, estaduais e municipaes, variando estes ultimos consideravelmente de um para outro municipio.

Os impostos federaes recaem sobre a industria de lacticinios, banha, vinho, aguardente, tabaco, e ainda sobre as fabricas. São impostos indirectos, não contribuindo directamente o lavrador para os cofres da União.

O Estado, além do imposto territorial, 0,25 % sobre o valor venal dos terrenos, taxa as fabricas e outros estabelecimentos filiados á agricultura com impostos annuaes, além do *ad-valorem* de exportação. Pode-se, entre outros, citar os seguintes impostos annuaes: fabrica de aguardente, em grande escala, 100\$; de alcool, em grande escala, 80\$; de vinhos naturaes, 30\$; de assucar, 200\$; de farinha de mandioca 20\$; refinarias da banha, 200\$; xarqueadas, em grande escala, 200\$, beneficiamento de fumo, 180\$; de arroz de 1ª classe, 260\$; de herva-matte, mais de 50 arrobas 65\$; fabrica de manteiga 40\$; de queijos, 30\$; etc. etc.

Os impostos municipaes difficilmente podem ser enumerados em suas multiplas rubricas.

Alguns municipios cobram, do agricultor-proprietario o imposto agricola, regulando, nos de Erechim, Ijuhy e outros, 10\$ a 15\$ annuaes.

Os vehiculos são taxados em todos os municipios, adoptando esses o imposto *ad-valorem* "taxa de estatistica" correspondente ao de exportação, e no valor medio aproximado de 1 % para os maiores centros productores.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Em trabalho já divulgado, a título de um primeiro ensaio sobre o estudo do custo da vida em relação aos artigos de alimentação, mostrou o Serviço que de 1911 a 1921 o índice obtido, pela comparação dos preços então correntes no mercado varejista de Porto Alegre, foi de 209,91, — equivalente ao aumento de 109,91 % no decennio ou de 10,99 % annualmente nos preços dos quatorze generos estudados, fazendo notar que o aumento médio, durante o decennio, nos preços dos principaes generos alimenticios, foi de 75 % arroz, 93,75 % asucar, 110 % feijão, 15 % farinha de mandioca, 130 % milho, 140 % carne de vacca, 150 % carne de porco, 125 % carne de carneiro e toucinho, 100 % manteiga, 120 % queijo e 62,50 % ovos.

Agora, mostra o quadro abaixo, — comparativo dos preços, de dezenove generos, correntes no mesmo mercado durante o segundo semestre de 1921 e igual periodo de 1922, o índice 92,88, equivalente à baixa de 7,12 % em 1922.

Dos dezenove generos, sete subiram de 3,44 % a 65,85 %, tres permaneceram com os preços inalteraveis e nove desceram de 3,17 % a 46,30 %.

Índice dos preços de generos alimentícios no mercado varejista de Porto Alegre — 2º semestre de 1921-1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1922	+ %	- %
1	Farinha de mandioca.	100	165,85	65,85	—
2	Queijo	100	125,00	25,00	—
3	Feijão	100	114,27	14,27	—
4	Manteiga	100	112,50	12,50	—
5	Polvilho.	100	106,00	6,00	—
6	Café	100	104,18	4,18	—
7	Banha	100	103,44	3,44	—
8	Arroz.	100	100,00	—	—
9	Assucar	100	100,00	—	—
10	Milho	100	100,00	—	—
11	Batatinha	100	96,83	—	3,17
12	Toucinho	100	95,94	—	4,06
13	Azeite doce.	100	93,33	—	6,67
14	Bacalhão.	100	89,18	—	10,82
15	Carne de porco.	100	85,00	—	15,00
16	Ovos.	100	76,12	—	23,88
17	Farinha de trigo	100	75,00	—	25,00
18	Carne de vacca	100	70,45	—	29,55
19	Xarque	100	53,70	—	46,30
	Média total	100	92,88	—	7,12

Essa situação, entretanto, influenciada pelos factores estudados, foi passageira, pois comparados os preços correntes de janeiro a setembro de 1921 e identico periodo de 1923, verifica-se alta de 22,44 % em média para vinte generos e que, destes, treze foram agravados de 7,82 % a 120,29 % e apenas sete tiveram os preços diminuidos de

5,99 % a 43,66 %. E assim o aumento médio annual dos preços que, de 1911 a 1921, foi de 10,99 %, baixou em 1922 a 9,34 % para attingir em 1923 a 11,81 %.

Indice dos preços de generes alimenticios no mercado varejista de Porto Alegre — Janeiro a setembro de 1921-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1923	+ %	- %
1	Farinha de mandioca.	100	220,29	120,29	—
2	Feijão	100	193,45	93,45	—
3	Polvilho.	100	151,06	51,06	—
4	Assucar	100	150,32	50,32	—
5	Batatinha	100	145,67	45,67	—
6	Queijo	100	145,42	45,42	—
7	Manteiga	100	143,87	43,87	—
8	Milho	100	140,84	40,84	—
9	Café	100	134,61	34,61	—
10	Ovos.	100	122,04	22,04	—
11	Arroz.	100	116,66	16,66	—
12	Banha	100	111,94	11,94	—
13	Toucinho	100	107,82	7,82	—
14	Farinha de trigo	100	94,21	—	5,79
15	Carne de carneiro.	100	91,33	—	8,67
16	> > porco	100	90,00	—	10,00
17	Oleos alimentares.	100	88,37	—	11,63
18	Bacalhão.	100	85,21	—	14,79
19	Carne de vacca	100	59,42	—	40,40
20	Xarque	100	56,34	—	43,66
	Médias totaes	100	122,44	22,44	—

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Alfafa	Frederico Ortmann.	Santo Angelo.	
»	» Schenepfleiter.	»	
»	Theodoro Duré.	»	
»	Ernesto Nedemberg	»	
»	Roberto Frey.	»	
»	Felix Aguiar.	»	Rio Branco.
»	Flores & Filhos.	»	»
»	Ramão Luciano de Souza & Filhos.	»	»
»	Ilgenritz & Gewher	»	»
»	Motta & Comp.	»	»
»	Alberto Raabe	Porto Alegre.	Galeria Municipal, 109.
»	Alfredo Dillenburg & Comp.	»	R. Voluntarios da Patria, 172.
»	João Kelling.	»	P. Visconde do Rio Branco, 15.
»	Oscar Germany & Comp.	»	Galeria Municipal, 59.
»	Olívio Giavarine	Passo Fundo.	
»	Atta & Irmãos	Cruz Alta.	
»	Achylles Porciuncula	»	
»	Alexandre Sorio Sobrinho	»	
»	Lopes Bastos & Comp.	»	
»	Arthur S. Oliveira	»	
»	Brenner & Comp.	»	
»	Bucco & Irmãos.	»	
»	Carlomagno & Dias.	»	
»	Escnsto Hermay.	»	
»	João F. Peukert.	»	
»	Juvenal V. Real.	»	
»	Jacob De Bernardi	»	
»	Giavarine & Irmãos	Passo Fundo.	
»	Lancealdo Ramos	Cruz Alta.	
»	Lucio Mattos.	»	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Artefactos de couro . . .	Carlos J. Becker & Comp.	Porto Alegre.	Rua Marechal Floriano.
» » »	J. H. dos Santos & Comp.	»	Dr. Flores, 44.
» » »	Luiz Ferreira & Comp.	»	Marechal Floriano, 11.
Azêite . . .	José Picoral . . .	»	Hoffmann, 65 A.
Banha . . .	Alfredo Dillemburg & Comp.	»	Voluntarios da Patria, 172.
» » »	A. Rizo & Irmão . . .	»	Galeria Municipal, 93.
» » »	Antonio Bento & Comp.	»	Rua das Flores, 8 A.
» » »	A. P. Maztembackr . . .	»	Torreão do Mercado, 2.
» » »	A. J. Renner & Comp.	»	Rua Vigário José Ignacio, 44.
» » »	Bircht, Woermke & Limau	»	Triumpho.
» » »	C. Torres & Comp.	»	Voluntarios da Patria, 62.
» » »	Criveltaro & Difini . . .	»	» » » 98.
» » »	Carlos H. Oderich & Comp.	»	Galeria Municipal, 81.
» » »	Casa Francalanza . . .	»	Rua Voluntarios da Patria, 393.
» » »	Dal Molin Irmãos & Comp.	»	» » » 152.
» » »	E. Maristany Junior . . .	»	» » » 74.
» » »	Edmundo Dreher & Comp.	»	Triumpho, 6.
» » »	Frederico Graf . . .	»	Galeria Municipal, 11.
» » »	H. Fett & Irmão . . .	»	Rua Voluntarios da Patria, 146.
» » »	Vescovi, Stongo & Comp.	»	P. Porto.
» » »	Viuva Alípio Cesar & Comp.	»	Rua Voluntarios da Patria, 165.
» » »	Heuser & Comp.	Santa Cruz.	» » » 102.
» » »	A. Evers & Comp.	»	
» » »	C. Torres & Comp.	»	
» » »	Frederico Goelzer & Comp.	»	
» » »	Jacob Doern Filho & Comp.	»	
» » »	Goelzer & Comp.	»	
» » »	A. Welsch & Comp. Ltd.	Rio Pardo.	
» » »	Aita Irmãos & Comp.	Cruz Alta.	
» » »	Frederico Ortman . . .	Santo Angelo	
» » »	» Schenepfleiter . . .	»	
» » »			Villa Thereza.
» » »			Col. N. Wurtemberg.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Cadeiras	Casa Francalanza	Porto Alegre.	Rua Voluntarios da Patria, 593.
Chales	Chaves & Almeida.	»	» Uruguay, 4.
Chapéos	F. Rheingantz & Comp.	Pelotas.	»
»	Casa Francalanza	Porto Alegre.	» Voluntarios da Patria, 393.
»	F. Chapéos Kesler & Comp.	»	» » 138.
Calçados	Adans & Comp.	»	» Vigario José Ignacio, 44.
»	Carlos J. Becker & Comp.	»	» Marccchal Floriano.
»	J. H. dos Santos & Comp.	»	» Dr. Flores, 44.
»	Silveira Martins	»	» Dr. Barros Cassal, 41.
»	Lorgus Zimer & Comp	S. J. do Montengro.	»
»	Luiz Hach.	»	»
»	Jorge Kuhn	»	»
»	F. M. Araujo & Comp.	Pelotas.	»
Canos	Alberto Bins.	Porto Alegre.	» Voluntarios da Patria, 339.
Caramellos	Ernesto Neugbauer.	»	» Praça 15 de Novembro.
Cebolas.	Edmundo Dreher & Comp.	»	» Rua Triumpho, 6.
»	José Verdi	»	» da Conceição, 15.
»	Loureiro & Machado	Pelotas.	»
»	Nunes & Comp.	Porto Alegre.	» Galeria Municipal, 11.
Cêra.	Cataldo Selso	Uruguayana.	»
Cereaes.	Albino Cunha	Erechim	Boa Vista.
»	João Victorio Reis	»	»
»	Raimundo Cauduro.	»	»
»	Danião de Souza Ramos.	»	»
»	Alexandre Bukoski.	»	Erebango.
»	Boleslão Sobsak.	»	Barro.
»	Carlos Mustitaga	»	»
»	Francisco Schicklenoski	»	13 de Maio
»	Luiz Langaro & Comp.	Passo Fundo.	Barro.
»	Angelo Pretto	»	»
»	João Langaro	»	»

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Couro.	Bertolini Folanetto	Passo Fundo.	Carasinho.
»	Mariano Petraco.	»	»
»	Dietrich & Harioz	» S. J. do Montenegro.	»
»	Luiz Hach & Comp.	»	»
»	Jorge Kuhn	»	»
»	A. T. Duarte & Xavier	» Pelotas.	»
»	Federsen Tompsem & Comp.	»	»
»	W. F. Spaienberg & Filhos.	»	»
»	Francisco Mendes de Mattos.	»	»
»	Prosper Alvibat.	»	»
»	Mendes & Tompsen	»	»
»	Guilherme Bottermund.	»	»
»	Viuva Spareinberg & Filhos	»	»
»	J. H. Guilherme Sieburger	»	»
»	Sicco, Firpo & Moreira	»	»
»	Barros Coelho & Comp.	»	»
»	Gomes Silva & Comp	»	»
»	Julio Hadler	»	»
»	A. Jaeger & Comp.	» Porto Alegre.	» Caminho Novo.
»	Augusto Hiekthein & Filhos	»	» Rua Vigario José Ignacio, 80.
»	Corbeta, Fermignoni & Comp.	»	» Voluntarios da Patria, 315.
»	Carlos J. Becker & Comp.	»	» Marechal Floriano.
»	Ebinger, Baugartner & Comp.	»	» das Flores, 25.
»	Evaristo Lopes dos Santos	»	» do Triumpho, 6.
»	Edmundo Dreher & Comp.	»	» das Flores, 8.
»	Fraeb & Comp.	»	» Voluntarios da Patria, 168.
»	Guilherme Lududig.	»	» Dr. Flores, 44.
»	José Berta.	»	» Marechal Floriano, 11.
»	J. H. dos Santos & Comp.	»	» Dr. Flores, 56-A.
»	Luiz Ferreira & Comp.	»	» Dr. Barros Cassal, 41.
»	Paulo M. Bauster	»	»
»	Silveira Martins.	»	»

Correias	Casa Nova & Comp.	Pelotas.	Rua 7 de Setembro, 100.
Escovas	Carvalho & Teixeira	»	Galeria Municipal, 109.
Famílias	Adolpho G. Luce Junior	Porto Alegre.	Rua Voluntarios da Patria, 172.
	Casa Francalanza	Garibaldi.	Galeria Municipal 95.
	Alberto Raabe	Porto Alegre.	Rua das Flores, 8-A.
	Alfredo Dillenburg & Comp.	»	Torreão do Mercado, 2.
	A. Rizo & Irmão	»	
	Antonio Bento & Comp.	»	
	A. P. Matzenbackr.	»	
	Domingos Loss.	Garibaldi.	
	Arthur Renner	S. J. do Montenegro.	
	Albino Cunha	Pelotas.	
	Bircht, Woermke & Lilau.	Porto Alegre.	Rua Triunpho, 2.
	Canta & Comp.	»	Rua Voluntarios da Patria, 145.
	Credy & Schmit.	»	» Sete de Setembro, 92.
	C. Torres & Comp.	»	» Voluntarios da Patria, 62.
	Carlos H. Oderich & Comp.	»	Galeria Municipal, 81.
	Casa Francalanza	»	Rua Voluntarios da Patria, 393.
	Edmundo Dreher & Comp.	»	» Triunpho, 6.
	J. Lopes & Comp.	»	» Marechal Floriano, 26.
	Julio Fett & Comp.	»	» Triunpho, 18.
	João Truculo & Comp.	»	» Voluntarios da Patria, 257.
	Paulo Menegassi	»	Galeria Municipal, 25.
	Pedro Ellerá & Comp.	»	» » 97.
Fazendas	Pedro Surreaux & Comp.	Uruguayana.	
Fechaduras	Casa de Correção.	Porto Alegre.	Rua General Salustiano.
Felção	Frederico Ortmann.	Santo Angelo.	
	Frederico Schenapfleiter	»	
	Theodoro Dure.	»	
	Roberto Frey.	»	
	Ernesto Nedemberg	»	
	Felix Aguiar	»	
	Flores & Filhos.	»	
	Ramão Luciano de Souza & Filhos.	»	
	Hgenfritz & Gewher	»	
	Motta & Comp.	»	
	R. Machivello.	»	
Ferragens	A. J. Renner & Comp.	Uruguayana.	Rua Vigario José Ignacio, 18.
Fiambras	Carlos H. Oderich & Comp.	Porto Alegre.	Galeria Municipal, 81.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Fiambres	Casa Francalanza	Porto Alegre.	Rua Voluntarios da Patria, 393.
»	Corbeta, Fermignoni & Comp.	»	» » » 315.
»	Dal Molin, Irmaos & Comp.	»	» » » 152.
»	Ebinger, Baungartner & Comp	»	» das Flores, 25.
»	Evaristo Lopes dos Santos	»	Mercado, chalet 11.
»	Francisco Sirangelo	»	Rua das Flores, 31.
»	J. R. de Almeida	»	» da Conceição, 16.
»	José Verdi	»	» Voluntarios da Patria, 157.
»	João Truculo & Comp.	»	Banca do Mercado.
»	José Corsentoni.	»	Mercado, 59.
»	Luiz Antunes & Comp.	»	Rua da Conceição, 4 A.
»	Morandi & Fava	»	»
»	Antonio Paganelli & Filhos	Garibaldi.	»
»	Alberto Bins.	Porto Alegre.	» Voluntarios da Patria, 339.
Fogões.	Gaudencio Nunes da Conceição & Comp.	Quarahy.	
Fructos do paiz	Mario Faicão & C.	Livramento.	
»	Queirolo Irmaos.	»	
»	Antonio Barredas Balivé	»	
»	José Souto	»	
»	Gaudencio N. Conceição & Comp.	Alegrete.	
»	A. Bertoni & Comp.	Pelotas.	
»	Antoni Carlotto	Garibaldi.	
»	Armando Peterlongo	»	
»	Francisco Sirangelo	Porto Alegre.	Mercado, chalet 11.
»	Pempilio Ferreira	»	Rua 7 de Setembro, 109.
Fumo	Romeu & Comp.	Pelotas.	
»	José Rodrigues Gomes	»	
»	Garibaldi Centilini.	»	
»	F. C. Riter	»	
»	João Leopoldo Kisbn	S. J. do Montenegro.	
»	Pedro J. Muller.	»	
»	Francisco Eichner	Erechim	Rio Novo.

PRODUCTOS	IRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Herva-matte	Gustavo Otto	Passo Fundo.	
»	Polydoro Albuquerque Martins.	»	
»	Honorato Lima.	»	
»	Companhia Matte Brasileira.	»	
»	Santo Bordinon	Erechim.	Erechim.
»	Candiota Irmão & Lubisco	Porto Alegre.	Rua 7 de Setembro, 2 A.
»	Ceroni & Stügel	»	Caminho Novo.
»	Carlos Lubisco & Comp.	»	Rua 7 de Setembro, 54.
»	Edmundo Dreher & Comp.	»	Rua Triumpho, 6.
Lã	Fabrica Rio Guahyba	»	
»	Silveira Martins.	»	
»	Francisco Fernandes de Souza	»	Rua Dr. Barros Cassel, 41.
»	Antonio Dórá	Quarahy.	
»	Carús & Sá Brito	Uruguayana.	
»	Barros Coelho & Comp	Alegrete.	
»	A. T. Duarte & Xavier	»	
»	Francisco Mendes de Mattos.	Pelotas.	
»	Sicco, Firpo & Moreira.	»	
»	Octavio Dias & Comp.	»	
»	Peirique Coelho & Comp.	»	
Laranjas	Kraehe Comp	Porto Alegre.	
Linguas.	José Moreira Ribas.	Pelotas	
»	Mc. Call & Comp	»	
Madeiras	Conrado Rodrigues & Comp.	Passo Fundo.	
»	Luiz Langaro & Comp.	»	
»	J. Pereira & Comp.	»	
»	Bastos & Comp.	»	
»	A. Loureiro & Comp	»	
»	João Langaro.	»	
»	João Saltur	»	
»	Francisco Cerratti	»	
»	F. Scheffer & Comp	»	

Estação do Pulador.

Alvaro Schelle Quadros.
 Antonio Moreira de Souza
 Platão Motta & Comp.
 A. Camargo & Comp.
 Jovino Marques & Comp.
 Langaro Lemos & Comp.
 Alfredo Dillenburg.
 Adolpho Stangle
 Henrique Stangle
 Scarpelin & Irmão.
 Jorge Glashter.
 Antonio Mendes Filho.
 Alfredo Matte
 Pedro Pekeika.
 Henrique Krabber.
 F. J. Goelner
 Pedro Gemelli
 Antonio Moreira de Souza
 Isnael Valandro.
 Alfredo Albrechet
 Annes & Irmão.
 Adão Alfredo Kock.
 Carlos Matte Sobrinho
 Antonio J. Pereira.
 Raymundo Schenkel
 Scharif Bastos & Comp.
 Frederico G. Goellen.
 João Annes Lopes
 Hugo Barruch
 Lino de Quadros
 Santos Meneghetti.
 Eduardo Caporal
 Alvisio Closs
 Miguel Pluto de Moraes
 Luiz Langaro & Comp.
 Francisco Ceratti
 João Carlos Willig.
 Ernesto Fritscheer.
 Manoel Alves Leite.

da Coxilha.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇOS
Madeiras	Graciano Escutiago	Passo Fundo.	Estação da Coxilha.
»	Angelo Grando.	»	»
»	Potiro Guerra	»	»
»	José Caporal.	»	»
»	A. Loureiro & Comp.	»	»
»	Innocencio Schleder	»	»
»	Ettore Fabris	»	»
»	João Cappetti	»	»
»	José Ciocari.	»	»
»	Araujo & Filho.	»	do Sertão.
»	Londero & Comp.	»	»
»	Adão Kerm & Comp.	»	»
»	Amador Araujo & Comp.	»	»
»	Engradio de Menezes.	»	»
»	Sudbrack & Comp.	»	»
»	Rosaldo Scherer & Comp.	»	»
»	Alfredo Dilenburg & Comp.	»	»
»	Camerino & Camara	»	»
»	Fernando Sudebrack	»	»
»	Gustavo Stangeler.	»	»
»	Adolpho Stangeler.	»	»
»	Augusto Vargas.	»	»
»	Stangler & Lengler.	»	»
»	Luiz Sudebrack.	»	»
»	Albino Gerhardt	»	»
»	Julio Hanch & Comp.	»	»
»	Francisco Weidlich & Comp.	»	»
»	Constantino Pelligrini.	»	»
»	Hartmann & Irmão.	»	»
»	Brenner & Comp.	»	»
»	Santiago Matiatti.	»	»
»	Graeff & Irmãos	»	»
		»	Carasinho.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Madeiras	Francisco Garcia & Comp.	Bagé	
»	Camerino & Camara	Uruguayana.	
»	Manoel Osorio Menezes	Livramento.	
»	Virgilio Bellarmino Coelho	»	
»	Martins Ribeiro & Comp.	»	
»	Antonio Pastro & Filhos	Porto Alegre.	Rua Garibaldi, 83,
»	J. Julio Hanke	»	
»	Achilles Calleffi & Comp.	Erechim	Boa Vista.
»	Agostinho Passoelo	»	»
»	Alberto Langaro	»	Capoeré.
»	Bottega Michelin & Comp.	»	Boa Vista.
»	Carlos Demoliner	»	»
»	Christiano Becker	»	Parada Becker.
»	Eurydes Castro & Comp.	»	Boa Vista.
»	M. O. Sambonato	»	Capoeré.
»	Otto Fillmann	»	Boa Vista.
»	Otto Roche,	»	»
»	Pedro Lunardi & Barbieri	»	Balisa.
»	Raul F. Cunha	»	Boa Vista.
»	Reichmann & Irmãos	»	»
»	Zancelli Pagnoncelle	»	»
»	Seger & Irmãos.	»	»
»	Vaentim Gauer Sobrinho.	»	»
»	Antonio Ascari	»	Parada Gauer.
»	Angelo Parodi	»	»
»	Archangelo Giacomazzi	»	»
»	Bastos, Quadros & Comp.	»	»
»	Bernardão & Irmãos	»	»
»	Carlos Domingos Grivicich	»	»
»	Engracio Menezes & Comp.	»	»
»	Ernesto Ochs	»	»
»	Ernesto Peruzzolo.	»	»

Madeiras	Ernesto Trogilado	Erechim.
»	Francisco Santi	»
»	Francisco Para	»
»	Ferrucio Gallina	»
»	Fiacomette Faniol & Comp.	»
»	Hugo Buarck	»
»	Jerônimo Dal Igua.	»
»	João Nascimento	»
»	José Morandini	»
»	Luiz Piccoli	»
»	Lourencon & Balbinot	»
»	Renato Pereira-Gomes	»
»	Benenció Nascimento	»
»	Simão Bairar	»
»	Selonio Zandonaj	»
»	Fraquillo de Carli	»
»	Abrão Panglender	»
»	Angelo Parodi	»
»	Alberto Langaro	»
»	Banco Provincia	»
»	Damam & Irmão	»
»	Gregorio Jachap.	»
»	Handero & Coup.	»
»	Henrique Borgmann	»
»	Heiva Janovich	»
»	Isaac Pereira	»
»	Mario Thevenet.	»
»	Mathias Mussulinc.	»
»	Pedro Aita	»
»	Ramão Cardoso.	»
»	Antonio Sirena	»
»	Antonio M. Souza.	»
»	André Rocha Avila	»
»	Attilio Luuardi	»
»	Alfredo Cachoeira.	»
»	Angelo Piazza	»
»	Carlos Bartuen.	»
»	Eduardo Hartmann.	»
»	Quirino Peccini	»
	Erebango.	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	»	»
	Barro.	»
	»	»
	»	»
	»	»
	Balsa.	»
	Barro.	»
	»	»

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Madeiras	J. Pereira & Comp.	Erechim	Barro.
»	João W. Nunes.	»	»
»	» Tomazzin	»	Balisa.
»	» Zortéa	»	»
»	» Boedignon.	»	Barro.
»	» José Sponchiado.	»	»
»	» Luce Rosa & Comp.	»	»
»	» Luiz Mazuchin	»	Balisa.
»	» Otto Enel.	»	Barro.
»	» Paulo Costa.	»	»
»	» José Bonaldo.	»	Balisa.
»	» João Massignan.	»	Barro.
»	» Alberto Steglich.	»	»
»	» Augusto E. C. Bauermann	»	Bôa Vista.
»	» Bos & Irmãos	»	»
»	» Francisco Panichi	»	»
»	» Jorge Glassherter	»	»
»	» Nicolau Reus.	»	»
»	» Alexandre Sorio Sobrinho	»	»
»	» Ascanio O. Pinto	Cruz Alta.	»
»	» A. S. Oliveira & Comp.	»	»
»	» Albino Bauermann.	»	»
»	» Aristarcho Siqueira.	»	»
»	» Brenner & Comp.	»	»
»	» Bucco & Irmãos.	»	»
»	» Carlomagno & Dias.	»	»
»	» Ernesto Hermay.	»	»
»	» Germano Zenkner	»	»
»	» João F. Peukert.	»	»
»	» Jorge Glasherster	»	»
»	» Lopes Bastos & Comp.	»	»
»	» Rodolpho Stumpf	»	»
»		Ijuhy.	»

Madeirasas	Scarpellini & Irmãos	Cruz Alta.	
	Sylvio Sottomaior	»	
	Manoel Bastos	»	
Manteiga	Carlos H. Oderich & Comp	Porto Alegre.	C. G. Ozorio.
	Ceroni & Stingel	»	Galeria Municipal, 81.
	José Verdi	»	Caminho Novo.
	Berto & Pizzato.	»	Rua da Conceição, 16.
Massas Alimenticias.	Raphael Dellaglio	Garibaldi.	
Materiaes de Construção.	Hector Alvarez.	Cruz Alta.	
Mel.	Hector Alvarez.	Livramento.	
Metaes.	J. R. de Almeida	Porto Alegre.	Rua das Flores, 31.
Milho	Levis Dexheimer & Comp.	»	Hoffmann, 33.
	Frederico Ortmann.	S. Angelo.	
	Schenepteffer	»	
	Theodoro Duré.	»	
	Roberto Frey.	»	
	Ernesto Nedemberg	»	
	Felix Aguiar.	»	
	Flores & Filhos.	»	
	Ramão Luciano de Souza & Filho	»	
	Ilgenritz & Gewher	»	
	Motta & Comp	»	
Moveis.	Antonio Pastro & Filhos	Porto Alegre.	Rua Garibaldi, 83.
	Walter Gerdau	»	Voluntarios da Patria, 707.
	João C. Colavin	Passo Fundo.	
	Nascimento Rocha	»	
Ovos	Antonio Paganelli & Filhos	Garibaldi.	
	» Carloto.	»	
	Berto & Pizzato.	»	
	Alberto Paganelli	»	
	J. S. Mascarenhas.	Porto Alegre.	Rua dos Andradas.
	José Zanini	»	Banea do Mercado.
	» Corsentoni.	»	»
Objectos de Vidro	Fabrica de Vidros Navegantes	»	Rua Voluntarios da Patria, 677.
Papel e Papelão	Companhin Fabrica de Papel e Papelão	»	das Flores, 8—A.
Pedras.	C. Albino Sperò	»	7 de Setembro, 64.
	Edmundo Drelier & Comp.	»	Triumpho, 6.
Pelless	Sicco, Firpo & Moreira	Pelotas.	
Perfumarias	P. Fernandes	Porto Alegre.	
Productos Pharmaceuticos.	Soc. Med. Souza Soares Limitada.	Pelotas.	Rua dos Andradas, 14.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Queijos.	Franzoni & Filhos	Garibaldi.	
»	Berto & Pizzato.	»	
»	Alberto Paganelli	»	
»	A. J. Renner & Comp.	Porto Alegre.	Vig. José Ignacio, 18.
»	Candista Irmão & Lubisco	»	Rua Sete de Setembro, 2 A.
»	Francisco Sirangelo	»	Mercado Chalets, 11.
»	J. R. de Almeida	»	Rua das Flores, 31.
»	José Verdi	»	» da Conceição, 16.
»	João Truculo & Comp.	»	» Voluntarios da Patria, 257.
»	Luiz Antunes & Comp.	»	Mercado, 59.
Resíduos de xarqueada.	Silveira Martins.	»	Rua Dr Barros Cassal, 41.
»	Edmundo Dreher & Comp.	»	» Triumpho, 6.
Sabão	Roberto Neumann & Filhos	Pelotas.	
»	F. C. Lang & Comp.	»	
»	Luiz Beltrão Barbosa	»	
»	Evaristó Lopes dos Santos	»	
Salames	Antonio Paganelli	Garibaldi.	
Tecidos	A. Torres Meira	Porto Alegre.	Rua Marechal Floriano, 39.
»	A. J. Renner & Comp.	»	Vig. José Ignacio, 18.
»	Comp. Fiação e Tecidos Porto Alegreense.	»	Rua Sete de Setembro, 129.
»	» Commercial e Manufatura.	»	» dos Andradas, 207.
»	Fabrica Rio Guahyba	»	
»	Guilherme Ludwig.	»	
»	Comp. Fabril Porto Alegreense	»	
»	Comp. Fiação e Tecidos Pelotense.	»	
»	Frederico Ortmann.	Pelotas.	Vig. José Ignacio, 22 A.
»	» Schenepfleiter	S. Angelo.	
Trigo	Theodoro Duré	»	
»	Roberto Frey	»	
»	Ernesto Nedemberg	»	
»	Felix Aguiar.	»	
»	Flores & Filhos.	»	Rio Branco.

Trigo	Ramão Luciano de Souza & Filhos	Santo Angelo	Rio Branco
>	Ilgenfritz & Gewher	>	>
>	Motta & Comp.	>	>
>	Francisco Franzoni	>	>
Vellas	Roberto Neumann & Filhos	Garibaldi	
>	F. C. Lang & Comp.	>	
>	Luiz Beltrão Barbosa	Pelotas	
>	Alberto Paganelli	>	
Vinhos	Casa Francalanza	Garibaldi	
>	Francisco Guglielmo & Filho	>	
>	A. Rizo & Irmão	Uruguayana	
>	Antonio S. Barcellos Filho	Porto Alegre	Galeria Municipal, 95.
>	Candiota Irmão & Lubisco	>	Rua Sete de Setembro, 29.
>	Casa Francalanza	>	> 2 A.
>	Dal Molin Irmãos & Comp.	>	> Voluntarios da Patria, 393.
>	Evaristo Lopes dos Santos	>	> 152.
>	Edmundo Dreher & Comp.	>	
>	G. Russelet	>	
>	Irmão Levino	>	Rua Triumpho, 6.
>	Luiz Antunes & Comp.	>	> Voluntarios da Patria, 455.
>	José Verdi	>	
>	Luiz Ceroni & Comp.	>	Mercado, 53.
>	Marandi & Fava	>	Rua da Conceição, 16.
>	Oscar Germany & Comp.	>	> Sete de Setembro, 69.
>	Oscar Rossato & Filhos	>	da Conceição, 4 A.
>	Pompilio Ferreira	>	Galeria Municipal, 59.
>	Antonio Paganelli & Filhos	>	Com. Azevedo, 41.
>	Armando Peterlongo	>	Rua Sete de Setembro, 109.
>	Francisco Franzoni	>	
>	Franzoni & Filhos	Garibaldi	
>	Edmundo Dreher & Comp.	>	
>	Olympio dos Santos Farias	>	
>	Nery & Comp. Limitada	Porto Alegre	Rua Triumpho, 6.
>	Moreira & Filhos	Pelotas	
>	Heleodoro Oliveira & Comp.	>	
>	Peró Arregué & Comp.	>	
>	Hippolyto Souza & Comp.	Uruguayana	
>	Xarqueada Cruz Alta	Bagé	
>	Luiz Lorea & Porvetti	Cruz Alta	
>		Pelotas	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Xarque	Wairich, Irmão & Azevedo	Julio de Castilhos.	Tupaceretan.
»	Ozorio, Abreu, Terra & Comp.	»	Galeria Municipal.
»	Carlos H. Oderich & Comp.	Porto Alegre.	
»	Evaristo Lopes dos Santos	»	
»	Frederico Link	»	Rua Quinze de Novembro, 39.
»	Irmãos Canto.	»	Galeria Municipal, 75.

ESTADO DE MINAS GERAES

I — Circulação dos productos agricolas:

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Exame e mecanismo dos mercados.

Transporte dos productos agricolas. Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação:

Carestia e custo da vida.

Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado:

PRODUCTOS

FIRMAS

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo

Alimentação simples em sua composição — farta, sadia e variada —, a do povo mineiro differe, em sua predominante, nas zonas naturaes e agricolas em que se divide o Estado e mesmo nos centros productores nellas comprehendidos, segundo a principal producção regional, os habitos e os recursos das classes sociaes ruraes e urbanas.

Alguns generos, como o feijão, o milho, o toucinho ou a banha e as hortaliças, são de consumo generalizado no Estado e accessiveis a todas as classes sociaes.

Constituem, com pequenas modificações subordinadas aos factores referidos, o sustento do pobre, e figuram em todas as mesas, nas fazendas e nas cidades.

A farinha de mandioca, si bem que largamente consumida, não goza, sobretudo entre os trabalhadores ruraes de algumas zonas, de apreciavel preferencia e o seu consumo só augmenta quando se manifesta escassez de milho, importando na falta de fubá para o angú e de farinhas diversas desse precioso cereal.

Entretanto, nas margens do S. Francisco e de outros rios que banham regiões afastadas e pouco cultivadas, o peixe e a farinha de mandioca, como em todo o littoral brasileiro, são os generos de maior consumo e sustento predilecto da população.

O *capiau* das margens do S. Francisco e de outros rios piscosos, em consequencia da facilidade de obtenção do alimento, é pouco exigente e com esses productos, café, etc, «tem satisfeito sua aspiração quotidiana».

O arroz é de consumo generalizado entre as classes médias e abastadas e, sobretudo, nos centros onde não é objecto de regular cultivo, a *cangiquinha* de milho, vez por outra, o substitue, concorrendo para a redução do seu consumo entre as populações ruraes.

O consumo da carne de vacca é maior nas cidades e centros populosos e o da carne de porco é vultoso não só nos centros ruraes de maior criação, como em quasi todos os municipios do Estado.

A carne de carneiro é pouco apreciada e a de caprinos é de reduzido consumo mesmo entre as populações ruraes.

O café é de uso corrente em todas as habitações mineiras e a sua falta constitue objecto de preocupações — «dores de cabeça» — sobretudo nos centros productores.

E' então entre os pobres substituido pela «agua doce», o chá mineiro e outras bebidas adocicadas, pela manhã.*

Dahi a importancia do consumo do assucar em seus varios typos.

O assucar batido ou «instantaneo» e a rapadura substituindo pela economia de sua fabricação e mesmo maior rendimento ao de «fôrma» ganhou terreno nesses ultimos annos, especialmente em alguns municipios da zona da Matta.

A rapadura é de largo consumo nas margens do S. Francisco.

O assucar branco, refinado, etc., mais caro, tem o consumo limitado ás classes mais abastadas.

A farinha de trigo é de uso commum na maioria dos centros povoados, sendo maior o seu consumo nas regiões onde o preparo de macarrão, talvez por influencia estrangeira e, sobretudo, italiana, tem se desenvolvido com a acceitação desse producto por todas as classes sociaes, mesmo a dos trabalhadores ruraes.

O xarquê é consumido em todo o Estado em maior ou menor escala.

Ovos e aves são de consumo generalizado.

Leite, manteiga e queijo têm maior consumo nos centros productores e entre as classes mais abastadas das cidades e centros povoados.

Os oleos alimentares, sobretudo azeite doce, e outros generos de menor importancia na ordem do consumo, alguns destinados mais a objecto de gozo e luxo, são muito consumidos.

O consumo das fructas é maior nos municipios encravados na zona sul do Estado, entretanto, Bello Horizonte, Juiz de Fôra e outros mercados mineiros dispõem de boas fructas para o consumo de suas populações.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

O mercado da capital, por sua natureza economica, como por sua natureza politica, é abastecido de generos de primeira necessidade pela produção dos municipios circumvisinhos.

Sob o ponto de vista economico, a pratica da agricultura no municipio de Bello Horizonte está impossibilitada pela natureza dos seus terrenos dotados de grande proporção de silica e ferro e manifesta deficiencia de humus.

Os productos da horticultura que se faz em terrenos artificiaes e os de pomicultura, cujas arvores encontram um bom cubo de terra á exploração, porque o sólo é profundo, são os unicos que o municipio pôde fornecer para o seu proprio consumo.

Sob o ponto de vista politico, sendo Bello Horizonte a capital do Estado, — séde de administrações estadual, federaes e municipal, — os serviços da totalidade da população são desviados para outros misteres que não o cultivo do sólo.

Dos productos citados como sendo de primeira necessidade para a alimentação, o municipio só produz banha, sufficiente ás exigencias, e ovos em pequena quantidade, pois para complemento do consumo os recebe das zonas do Sertão e do Oeste.

Assim mesmo a materia prima para o fabrico da banha procede de outros municipios, pois não ha criação de suinos em Bello Horizonte.

Quanto aos demais generos alimenticios, o municipio se abastece, quasi que em peso, em outros logares, produzindo apenas alguma batatinha, arroz e feijão em quantidade levemente apreciavel.

Dos artigos assignalados como de primeira necessidade para o consumo, o arroz provém principalmente dos altos sertões do municipio de Pirapóra e tambem do Triangulo Mineiro; o assucar, dos municipios de Sete Lagôas e Santa Luzia e do Estado do Rio de Janeiro, e até de Pernambuco, por intermedio da praça da Capital Federal, quando ha escassez nos momentos de crise, que o Estado de Minas atravessa em seguida ao exgottamento de sua safra insufficiente para o abastecimento proprio; a batatinha e a batata são fornecidas por todos os municipios circumvisinhos, situados em diferentes pontos; o café provém, em maior quantidade, de Itabira do Mato Dentro; as carnes de vacca, do

porco e de carneiro são fornecidas, em maior quantidade, pela zona do Oeste, donde procede o respectivo gado, mas pôde também provir do Sertão ou Norte de Minas; a farinha de mandioca provém principalmente de Santa Barbara e Sete Lagôas, e a de milho, de Pedro Leopoldo e Santa Luzia; a farinha de trigo, de praças estrangeiras por intermedio do Rio; o feijão é fornecido pelos municipios mais proximos do Oeste, como Contagem, Santa Quitéria, Pará, etc., e do Sertão, como Santa Luzia, Pedro Leopoldo e Sete Lagôas; o leite e a manteiga procedem, assim como o queijo de primeira, da zona situada na Mantiqueira, comprehendendo os municipios de Barbacena, Carandahy e Palmyra, se bem que os municipios circumvisinhos da Oeste, como Contagem, Santa Quitéria, Pará, Itaúna e os da linha do Sertão, como Santa Luzia e outros situados á margem da via-ferrea de bitola estreita, que vae de Bello Horizonte a Lafayette, também concorrem para o abastecimento; os ovos para complemento do consumo da cidade procedem mais ou menos dos mesmos municipios acima referidos; o toucinho provém principalmente do Pará e Itaúna; e o xarque, do Estado do Rio Grande do Sul, em maior escala, se bem que seja também fornecido por alguns municipios productores do proprio Estado.

Desses productos procedem de praças fóra de Minas, mas do paiz, o xarque, que o Estado produz com insufficiencia para o consumo, e o assucar, cujo mercado periodicamente todos os annos experimenta uma crise. Parece que essa crise se dá não tanto porque seja deficiente para o consumo a producção circumvisinha, mas porque na occasião das safras se exporta quasi todo o assucar, cuja falta se vem a sentir em mezes posteriores, sendo então imprescindivel importal-o para o proprio abastecimento.

As causas que determinam essa pressa dos productores, de se desembaraçarem do seu assucar, devem residir principalmente em 'difficuldades financeiras, em se tratando de um producto facilmente deterioravel e em se illudirem nas offertas regulares que encontram, sem repararem convenientemente na alta infallível que ulteriormente se dará.

Quanto ao xarque, a causa *mater* de não ter ampliação conveniente o seu preparo no Estado, parece ser a falta de circulação de dinheiro pela sua estagnação constante em depositos diversos, pois a situação do

Estado é inteiramente favoravel á sua industria por causa do desenvolvimento da pecuaria e da facilidade de collocação dos seus productos.

Finalmente, só o trigo é o genero de consumo que nos provém de praças estrangeiras, e isso mesmo por falta de iniciativa particular e publica, porquanto o Estado possui zonas cerealíferas de primeira ordem, talvez as mais importantes do paiz, que abrangem os municipios de Santa Luzia, Pedro Leopoldo e Sete Lagóas, principalmente, onde já existe a cultura do trigo em pequena escala, por tradição e não por simples experiencia recente.

Comquanto Minas não produza trigo em quantidade apreciavel, o fabrico do *pão mixto*, pela associação da farinha de mandioca e de milho, vae em crescente accettazione, de fórma a concorrer para minorar a carga de importação do trigo no paiz.

O abastecimento dos demais mercados, em linhas geraes, é, em relação aos generos de primeira necessidade, feito com os recursos da producção local e dos centros productores circumvisinhos, importados de outros municipios do Estado, mais afastados, ou dos Estados visinhos e sobretudo da Capital Federal e de S. Paulo para alguns municipios limitrophes, consultadas as conveniencias de fretes e transportes, os que escasseiam nos centros consumidores e productores ou que por sua natureza procedem de outros pontos do paiz ou do estrangeiro.

A extensão territorial do Estado e sobretudo conveniencias de transportes e fretes, nas proximidades de mercados fluminenses, paulistas, do Rio de Janeiro, este especialmente em relação aos primeiros, etc. dá logar a compras, fóra do Estado, de generos de sua producção para o abastecimento local.

O municipio de Theophilo Ottoni, por exemplo, não dispendo de facilidades de compensadora exportação dos generos alimenticios de sua producção, descura-se da sua melhoria e não raro da propria producção, ás vezes insufficiente para suas necessidades, é obrigado então a importar farinha de mandioca — genero fabricado no municipio por processos os mais rotineiros — de Helvecia, centro productor do municipio de Caravellas no Estado da Bahia.

O municipio, entretanto, dispõe de terras magnificas para o cultivo da mandioca, canna, etc. Especialidades como o assucar branco refinado, etc. recebe Theophilo Ottoni e outros municipios distantes do mercado do Rio de Janeiro.

Alguns productos, e entre elles até mesmo o feijão, em parte importados do sul do paiz — Rio Grande do Sul e Santa Catharina, via Rio de Janeiro, — têm pelo desenvolvimento da producção ou talvez melhoria das condições de circulação restringidas as importações.

A banha, por exemplo, figurando entre os productos de exportação, industria desenvolvida em alguns pontos do Estado que dispõem de bem aparelhadas fabricas, é ainda em grande parte de outras procedencias.

O toucinho salgado, entretanto, ao que parece, não soffre concorrência apreciavel, nos mercados do Estado.

E' notavel a preferencia pelo toucinho fresco, mas o salgado, quando bem conservado e apresenta-se com bom aspecto, goza de preferencia sobre a banha.

Considerada porém a facilidade de conservação da banha e o seu acondicionamento, o melhor e mais racional aproveitamento do porco, a redução do volume a transportar e as possibilidades do commercio externo desse producto, não só em relação aos mercados do paiz como do estrangeiro, avulta a necessidade do desenvolvimento dessa industria e derivados, tanto mais quando o Estado de Minas Geraes possuindo o maior rebanho suino do Brasil e não ainda o maior numero de porcos por 1.000 habitantes (*) dispõe de todos os recursos para o incremento da suinocultura.

Minas, em relação á industria de lacticinios, tem conquistado notavel progresso, e não só abastece os seus mercados de leite, manteiga e queijos como faz desses productos objecto de animado commercio, sobretudo com o Rio de Janeiro.

O xarque, como vimos, embora já largamente preparado em alguns municipios do Estado, não logrou melhor acceitação que o precedente do Rio Grande do Sul e, máo grado o desenvolvimento da

(*) Segundo o ultimo recenseamento o Estado de Minas Geraes possuia em 1920 um total de 4.239.731 suinos, correspondendo a 827 cabeças por 1.000 habitantes. Emquanto que o Rio Grande do Sul possuia por 1.000 habitantes 1.543, o Paraná 1.135, Goyaz 948 e Santa Catharina 918.

O municipio de maior rebanho suino no Brasil é o de Caratinga, nesse Estado, com 491.552 cabeças, numero superior ao verificado em cada um dos Estados seguintes: Alagoas, Amazonas, Ceará, Espirito Santo, Goyaz, Maranhão, Matto Grosso, Pará, Parahyba, Pernambuco, Piahy, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe e Districto Federal e Territorio do Acre.

criação de bovinos (**), não pôde ser considerada sua industria, por enquanto, victoriosa, — concorrendo para isso factores complexos.

A industria do peixe secco e salgado, nas margens do S. Francisco, já permite exportação para outros pontos do Estado, certo que em pequena escala, de Pirapóra pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

O azeite doce não encontra, entre os oleos alimentares produzidos no Estado, succedaneo apreciavel.

A producção de oleo de caroço de algodão, vultuosa em Pirapora, é destinada aos centros exportadores do paiz e, impuro como é, não tem nenhum emprego na alimentação local.

O sal é importado das regiões salineiras do paiz em grande escala não só para o uso domestico como para a « salitração » do gado.

Oscillações dos preços

Variando sob a influencia de factores nem sempre apreciaveis, as oscillações dos preços se manifestam dentro de um mesmo anno sem a mesma gradação para todos os mercados e são sensiveis ou subordinadas a estreitos limites, ás vezes inapreciaveis, segundo a natureza e procedencia dos generos.

Os quadros juntos, mostrando os preços mensaes dos generos de primeira necessidade em alguns mercados do Estado, inclusive da Capital, permitem a apreciação das oscillações e sem duvida a relação existente entre os menores preços dos generos de producção local e a época das respectivas safras, de fartura e abundancia dos productos nos mercados, não obstante ser accentuada a acção de outros factores.

Fóra dessas épocas, escasseia os generos nos centros productores e, consequentemente, ficam reduzidas as entradas nos mercados por elles abastecidos, diminuindo a offerta e augmentando a procura, forçando, não raro, importações de mercados distantes com maiores dispendios de transportes, os preços se elevam.

(**) Em 1920 possuia o Estado 1.245 bovinos por 1.000 habitantes contra 11.482 em Matto Grosso, 5.901 em Goyaz, 3.889 no Rio Grande do Sul e 1.715 no Piauhy. A sua população bovina, entretanto, é somente inferior á do Rio Grande do Sul e attingiu naquelle anno a 6.875.878 cabeças. A criação de ovinos e de caprinos é relativamente insignificante e no mesmo anno era respectivamente de 236.030 e 158.058.

A população equina era de 927.172 e a asinina e muar de 293.744.

O consumo externo dos productos do Estado exerce influencia poderosa sobre as oscillações nos preços quando as exportações determinam apreciavel escassez nos mercados locais.

Os preços correntes no mercado do Rio de Janeiro, que se abastece em grande parte da produção mineira, exercem pelo facto acima referido, e, ainda como exportador para o Estado, influencia reflexiva sobre os mercados locais.

Do mesmo modo Bello Horizonte, Juiz de Fóra e outros importantes centros commerciaes do Estado, sobretudo esta ultima cidade em relação a certos productos de sua prospera vida industrial, influem sobre os menores mercados com os quaes transigem em maior escala.

Os generos de produção local experimentam maiores oscillações que os de importação.

No municipio de Theophilo Ottoni, entretanto, fixados os preços maximos da carne verde de vacca, sem osso, em 1\$ e da de porco, secca e salgada, em 1\$800 por kilo, não mais se verificou oscillações nos preços desses artigos.

A cotação do café sobretudo nos mercados compradores exerce influencia reflexiva sobre os mercados locais, provocando a alta, excepcional animação nos centros commerciaes, e, a baixa, frieza nas respectivas operações de compra e venda.

Em menor escala a alta ou baixa do principal genero de exportação local, agricola ou pastoril, provoca animação ou desanimo no commercio e se por entraves offerecidos á exportação se verifica excessos sobre as necessidades locais baixam os preços dos respectivos productos a niveis inferiores.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

Nas ricas zonas cerealiferas de Santa Luzia, Pedro Leopoldo e Sete Lagôas e em alguns municipios da Matta, Triangulo e Sul do Estado, sobretudo na primeira que é a do Centro, a fertilidade do sólo começa a exercer, muito pouco embora, influencia sobre a variação dos preços.

A lavoura, a principio extensiva, hoje se realiza com todas as regras elementares do bom amanho da terra, por força de necessidade de regularisação das colheitas já exigindo o concurso da adubação.

Na zona da Matta, com a crise que atravessou a lavoura cafeeira e o conseqüente abandono de terrenos intensamente cultivados por lavoura e methodos de trabalho exhaustivos, foram transformados em pastagens de capim gordura, em alguns municipios e sobretudo nos que pela sua situação enviam leite ao mercado do Rio de Janeiro, a industria pastoril, não obstante o preço das terras e o systema de criação dominante, reduziu as áreas cultivadas em detrimento da produção agricola.

Em outros, entretanto, pela alta não só do café, como dos demais productos da lavoura, afirma o Agronomo A. Grangier, «é a pura verdade dizer que cada dia que se passa manifesta-se mais intensa a febre da produção, tendo duplicado ou mesmo triplicado para certos productos nestes ultimos seis a oito annos».

Nesses municipios de «terrenos novos», progressivamente povoados em detrimento dos acima referidos como pastoris por estarem grande parte de suas terras «exgottadas», os «mantimentos» são sempre mais baratos.

Na zona do Triangulo essa influencia se manifesta particularmente em relação ao arroz cujo cultivo tem prosperado, extraordinariamente, nas suas excellentes terras das margens do rio Grande e outros de sua rêde hydrographica.

No Sul a influencia, si bem que pouco apreciavel, é manifestada em relação ao custo da produção e á escassez de braços em detrimento das áreas cultivadas.

Nas regiões do Oeste e Leste do Estado, nesta mais do que naquella, é muito relativa pela acção de outros factores a influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Em alguns municipios do norte, como Theophilo Ottoni e em outros de menor densidade de população rural ou afastados de transportes não permittindo facilidade de exportação, para a maioria dos agricultores, «terra fertil é aquella que á matta ainda não foi derrubada para sua primeira plantação».

E assim distanciadas do mercado local, dia a dia, as terras em cultura, faltando estradas para o facil transporte dos productos sempre e cada vez mais encarecidos, inflúe, nessa concepção, a fertilidade das terras sobre o agravamento dos preços.

Influencia dos factores climaticos sobre a variação dos preços

De modo geral os factores climaticos são favoraveis ás culturas.

Entretanto, as irregularidades ultimamente manifestadas, mais numas zonas que em outras, concorrem, sob qualquer dos seus aspectos, de maneira sensivel para a variação dos preços.

Ora são as estiagens que se prolongam e damnificam as culturas reduzindo as safras, ora são grandes «aguaceiros» provocando enchentes e inundações dos terrenos marginaes de alguns dos principaes rios do Estado e prejudicando as culturas não só directamente como indirectamente aos respectivos productos, estorvando a sua circulação pelo embaraço occasionado nas vias de communicações, quer ferreas, quer de rodagem.

As «chuvas de pedra», não raro, causam prejuizos apreciaveis, sobretudo nos cafezaes em flôr.

As geadas não causam como em S. Paulo e demais Estados do Sul maiores danos.

Grandes seccas, produzindo o exodo das populações ruraes para os centros povoados em busca de recursos, impedindo culturas e dizimando os rebanhos, como acontece no nordeste brasileiro, são desconhecidas em Minas Geraes.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

A densidade territorial da população mineira, 10,243 de habitantes por kilometro quadrado, é ainda inferior á dos Estados de Alagoas, Ceará, Parahyba do Norte, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catharina, S. Paulo e Sergipe e o seu crescimento médio annual 0,0218 de 1872 a 1920 foi mais accentuado a partir de 1900 com a média annual de 0,0254.

A população de Bello Horizonte, em virtude de razões que dispensam referencias, teve maior crescimento de 1900 a 1920 que nas demais capitaes brasileiras.

E' um factor de influencia relativa sobre a variação dos preços; parecendo, todavia, apesar dos esforços do lavrador no sentido de multiplicar os serviços dos braços disponiveis e de, em alguns pontos, o

trabalho das machinas reduzir os braços na agricultura e industrias consequentes, que o crescimento do numero de habitantes das cidades em relação ao dos centros ruraes, aumentando os consumidores em detrimento dos produtores, é uma das consideraveis causas das oscillações dos preços.

No sul do Estado, estendendo-se até a da Matta, do Triangulo e outras as consequencias desse factor, a acção de alliciadores paulistas e até paranaenses tem desviado da lavoura, seduzidos por promessas de melhores dias e problematicas fortunas, os melhores braços.

E com o exodo para os Estados de S. Paulo e Paraná, a população rural escasseou sobremaneira e desse despovoamento advieram falta de braços para as culturas, diminuição das áreas cultivadas e redução de colheitas e alta nos preços dos productos da lavoura.

Na zona da Matta, vimos atraz, o desvio de braços de um municipio para outro é accentuado e se estende até a do Leste em procura dos municipios de Caratinga e Mauhuassú, arrastados por informações nem sempre verdadeiras e de onde mais das vezes não conseguem voltar por escassez de recursos.

E assim fazendeiros ha que são forçados para attender ás exigencias da colheita de café e outros serviços, como construcção de estradas, etc., a recorrer nessas épocas de maiores aperturas, aumentando salarios, a trabalhadores das zonas do Centro e do Oeste que como empreiteiros ou mediante prévia combinação se abalam á execução desses trabalhos.

Essas turmas de «mineiros», disciplinados, ordeiros e trabalhadores, terminados os trabalhos, regressam aos seus lares em Lagôa Dourada, Carandahy, S. João d'El Rey, etc.

« Resolvo os meus maiores apertos de pessoal para a colheita de café, etc., diz o coronel Arruda Camara, fazendeiro em Maripá, com o auxilio precioso dessas *turmas de mineiros* ».

Os trabalhos de mineração quando animados desviam da lavoura bom numero de braços e ainda em outubro do anno findo «as jazidas de pedras preciosas» do Jaboty, em Theophilo Ottoni, provocaram quasi abandono das pequenas propriedades productoras de cereaes, correndo grande parte do braço trabalhador em procura de recursos, mais faceis, conquistados pelo «azar das catas».

Crises agricolas e commerciaes

As crises agricolas geralmente parciaes têm origens varias e complexas e vão surgindo em consequencia da desvalorisação do principal producto agricola regional, como o café, em relação aos seus centros productores, tabaco, cereaes, assucar, etc., são pouco duradouras e se acham em funcção principalmente das irregularidades climaticas, pragas ou molestias nas plantas e escassez de braços, pois que a falta de transporte, de modo relativo, quasi não se faz sentir nos tempos normaes, excepto para lavradores de municipios muito afastados de estradas de ferro, poucos em relação á grande maioria servida por regulares meios de communicação.

Nos municipios servidos por communicações fluviaes é ainda o correr das estações o principal factor de desequilibrio influindo sobre a regularidade da navegação.

A industria pastoril segundo a acção dos mesmos factores, desvalorisação, estado sanitario dos rebanhos, etc., está sujeita a crises maiores ou menores.

E as crises agricolas ou pastoris, acarretando desequilibrio entre a producção e consumo, dão logar a crises commerciaes muito mais complexas em face da dependência das praças do Estado em relação aos grandes mercados do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Classificação commercial dos productos agricolas

Quanto á classificação commercial dos productos agricolas não ha originalidade a assignalar, prevalecendo para o café, assucar, milho, arroz, feijão, fumo, etc., as adoptadas no mercado do Rio de Janeiro.

A classificação é feita pelo comprador não comprehendendo bom numero de productores as vantagens que poderiam decorrer em seu beneficio a observação das exigencias dos mercados importadores.

Exame e mecanismo dos mercados

Variando pouco de zona para zona o mecanismo das transacções commerciaes podem ser resumidos em traços geraes para todo o Estado.

O commercio atacadista do Rio de Janeiro e de S. Paulo, o primeiro com muito maior raio de acção e influencia que o segundo,

servindo de preferencia ás praças que lhes ficam mais proximas nas do Sul e do Triangulo e o commercio em grosso dos principaes mercados mineiros, entre os quaes Juiz de Fora, pelo seu desenvolvimento industrial e situação, tem posição destacada não só em relação á zona da Mata como a outros a que estende suas transacções; Bello Horizonte, na do Centro, Sertão, etc.; Uberaba, no Triangulo; Piraporas nas margens do S. Francisco; Itajubá, Varginha, Tres Corações no Sul e outros do Estado abastecem aos negociantes retalhistas, mantendo, sobretudo os dois grandes primeiros mercados referidos, viajantes percorrendo e auscultando as necessidades da freguezia, facilitando sobremodo as transacções commerciaes de compra e venda.

As differenças entre o commercio em grosso e a varejo variam segundo a natureza dos artigos entre 5, 10, 15, 20% e até mais em alguns casos, considerado os dispendios de transportes até a casa retalhista e os impostos a que estão sujeitos.

As vendas em grosso são quasi todas a praso de 30, 90 e até 120 dias conforme a natureza do artigo, situação do mercado e sem duvida o credito a que faz jús o negociante ou contra o conhecimento dos despachos.

O commercio varejista vende a dinheiro ou a praso e em condições muito variaveis.

O mecanismo das transacções do grande, médio e pequeno agricultor, considerados nesse numero menores proprietarios e meeiros e «colonos» das fazendas, com o commerciante e o consumidor está subordinado ás condições locais, exploração predominante e outros factores que concorrem directa ou indirectamente para suas variações.

Nas proximidades dos maiores centros populosos, por exemplo, alguns artigos, como leite, verduras, etc., são vendidos directamente aos consumidores.

Outros, entretanto, como cereaes e *mantimentos* diversos, são adquiridos pelos consumidores nas casas varejistas.

O lavrador, nesse caso, ao envez de operar com o consumidor o faz com o negociante a quem mais das vezes está preso por fornecimentos necessarios ao cresteio de suas lavouras.

Os «colonos» e os meeiros nas fazendas, e segundo a *disciplina* de cada uma, fazem suas vendas ao fazendeiro, cominante mais proximo, etc., variando o mecanismo das transacções consideravelmente.

Em algumas fazendas de vultuoso movimento, em relação á producção de feijão e milho especialmente, são tomadas medidas tendentes a evitar faltas desses artigos para o consumo durante o anno e assim o fazendeiro após as colheitas adquire, mais das vezes, ao preço corrente na occasião, de seus « colonos » e meeiros, o excesso das colheitas.

Outros, entretanto, adquirem a producção para revenda, visando maiores lucros nessas transacções.

Em relação ao café, o « meeiro » vende-o mais das vezes ao patrão, ora no *cabeçalho do carro* após a apanha e ora em *côco* depois do *seque*.

Beneficiado é tambem vendido o café do meeiro quando ha machina na fazenda, descontadas então as despezas desse serviço e tambem do *seque* e dos transportes, etc., por occasião da venda, feita geralmente, mediante prévio entendimento, pelo proprio fazendeiro.

Os proprietarios de pequenas lavouras vendem commummente o café em côco e no proprio sitio ou nas estações se dispõem de conducção.

Existem nos centros productores, povoados, cidades e estações ferroviarias visinhas, compradores de café e outros productos da lavoura e os médios e grandes productores ou transigem com elles ou fazem exportações directas para os maiores mercados.

As vendas são geralmente feitas a dinheiro, notando-se, entretanto, que alguns productos, não influindo, é certo, de modo apreciavel no mecanismo dos mercados, sobretudo nos centros ruraes, frequentemente são barganhados ou dados em « voltas » nesse systema de negocios.

Não ha operações de warrantagem sobre a producção agricola e os negocios sobre os fructos pendentes não são frequentes.

Entretanto, vendas antecipadas, mediante contractos, são communs em relação ao café, arròz, etc.

O mecanismo dos negocios sobre os lacticinios é o corrente no visinho Estado do Rio.

De um modo geral se pôde dizer que á excepção de algumas cooperativas, de influencia inapreciavel, não existem instituições garantindo a producção e venda em melhores condições, por qualquer processo.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

Com restricções em relação aos municipios afastados das estradas de ferro e vias fluviaes de navegação, os meios de transporte, numas zonas mais do que outras, favorecem ao escoamento dos productos.

As estradas de rodagem embora deficientes ou mal conservadas em uns municipios são em outros objecto de particular cuidado e, reunidos os esforços de interessados com os dos poderes publicos, vão progressivamente melhorando, quer com o reparo das existentes, quer com a abertura de novas.

As tropas, pouco a pouco, recuam sempre e mais das estradas de penetração e do progresso.

As queixas contra os transportes ferroviarios não são geraes e incidem mais sobre umas do que outras estradas e se referem não só á escassez de carros como á morosidade dos serviços.

A navegação fluvial, sobretudo no rio S. Francisco, que é, em Pirapora, ligada á Estrada de Ferro Central do Brasil e interessa sobremaneira a economia do Estado, exige melhoria de suas condições para permittir um trafego mais assiduo e regular, sobretudo no tempo das seccas.

Os fretes são geralmente considerados pesados e, senão entravam o desenvolvimento da produção, concorrem, em relação aos cereaes, batatas, etc., generos de primeira necessidade e que dão margem a pequenos lucros, para que o commercio de exportação desses productos não desperte maior interesse.

Impostos sobre os generos de produção e consumo

Além dos impostos federaes são cobrados impostos estadoaes e municipaes.

Entre os impostos estadoaes interessa á produção agricola o de *exportação, sobre taxa do café e imposto territorial*, além de outros indirectos sobre *feiras, viação, etc.*

Os municipaes, sob rubricas diversas, incidem indirectamente sobre a produção agricola, taxando estabelecimentos de beneficiamento e preparo dos productos, vehiculos para transportes, etc. e directamente quando incidem sobre as propriedades como o imposto agricola.

O café, o fumo e a canna de assucar, quando se trata do fabriço de aguardente, são as culturas sujeitas ás maiores tributações.

As exigencias impostas pelo «fisco» têm contribuido para o fechamento de pequenas fabricas de lacticinios no Triangulo, quer pela organização de livros de escripturação, quer pela necessidade da selagem dos productos até então isentos de maiores taxações.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

O augmento médio annual dos preços dos principaes generos alimenticios no Estado, de 1911 a 1923, foi de 8,92%, contra 8,95% até 1921.

De 1911 a 1921 divulgou este Serviço em trabalho anterior que o indice dos preços no mercado de Bello Horizonte foi de 193,93, no de Diamantina 153,71, no de Ubá 224,02, no de S. João d'El Rey 192,12, no de Uberaba 193,41 e no de Itajubá 179,24.

Agora mostra o quadro junto, comparativo dos preços, durante os annos de 1921 e 1923 em cinco desses mercados, que no triennio, considerado maior numero de generos, os indices obtidos foram de 120,06 em Bello Horizonte, 120,26 em Ubá, 121,37 em Itajubá, 129,72 em S. João d'El Rey e 130,50 em Uberaba ou em média, 124,38 que corresponde ao augmento de 24,38% no periodo.

Índice dos preços dos principais generos alimentícios nos mercados varejistas de Bello Horizonte, Ubá, Itajubá, S. João d'El Rey e Uberaba (Minas Geraes) em 1921-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS						OSCILAÇÕES				
		1921	Bello Horizonte	Ubá	Itajubá	S. João d'El Rey	Uberaba	1923	+	%	-	%
1	Café.	100	160,58	142,85	142,85	254,54	200,00	180,16	80,16			—
2	Assucar.	100	158,62	192,00	175,00	190,47	156,25	174,46	74,46			—
3	Batatinha	100	145,45	113,63	171,87	140,00	116,66	137,52	37,52			—
4	Queijo	100	158,82	138,09	141,02	108,69	136,36	136,25	36,25			—
5	Manteiga	100	146,07	135,38	130,00	—	116,66	132,02	32,02			—
6	Polvilho	100	115,51	166,66	112,07	107,69	153,84	131,15	31,15			—
7	Feijão	100	114,54	100,00	119,29	150,00	146,55	126,07	26,07			—
8	Arroz	100	123,51	121,42	134,28	112,14	136,36	125,54	25,54			—
9	Farinha de mandioca.	100	108,10	143,15	105,71	160,00	100,00	123,51	23,51			—
10	Ovos	100	111,96	120,00	123,07	123,07	88,35	113,29	13,29			—
11	Carnes verdes	100	105,51	102,50	106,81	118,57	124,16	111,51	11,51			—
12	» seccas	100	94,11	118,00	100,00	—	132,50	111,15	11,15			—
13	Milho	100	89,28	86,66	104,16	75,00	200,00	111,02	11,02			—
14	Oleos alimentares	100	124,86	83,57	101,44	120,60	118,75	109,84	9,84			—
15	Banha	100	97,58	111,20	104,16	104,04	120,00	107,39	7,39			—
16	Bacalhão	100	121,42	89,09	104,61	110,76	97,29	104,62	4,62			—
17	Toucinho	100	85,71	94,76	102,77	100,00	125,00	101,64	1,64			—
18	Farinha de trigo.	100	100,00	105,26	105,68	100,00	80,60	98,13	—			1,82
	Média total.	100	120,06	120,26	121,37	129,72	130,50	124,38	24,38			—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado
de Minas Geraes

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS
Aguardente.	Almeida, Cruz & Comp. Lmt.	Rua Espirito Santo, Bello Horizonte.
»	Pinto Bochart & Comp.	Rio Branco.
»	João Augusto de Oliveira	B. Macedo.
»	Almeida & Comp.	Lafayette.
»	Pereira, Diniz & Comp.	Curvello.
»	Raul & Comp.	»
»	Viuva Tertuliano Penna & Souza	»
»	Nascimento e Irmão	Pirapóra.
»	José Burli	»
»	Manoel José de Souza	»
»	Altino França.	»
»	Usina Paraizo.	»
»	J. Correia.	»
»	Almeida, Cruz & Comp. Lmt.	»
Alcool	J. Correia.	Bello Horizonte.
»	Companhia Vieira Martins	Rua Espirito Santo, Bello Horizonte.
»	Moraes Sarmento & Comp	» dos Carijós
»	Usina Pedrão.	Ponte Nova.
»	Sociedade Assucareira de Rio Branco	S. J. Nepomuceno.
»	Usina Paraizo	Estação de Pedrão.
»	Alvarenga & Comp.	Rio Branco.
»	Silva & Comp.	Sete Lagóas.
»	João Augusto de Oliveira.	Juiz de Fora.
»	Companhia Algodoeira do Prata	Barbacena.
»	A. Collaço Veras.	B. Macedo.
»	Arthur Vianna & Comp.	Patos.
»	Maciel Barbosa & Comp.	Rua Tupinambás, Bello Horizonte.
»	José Ramos de Oliveira.	Avenida Commercio, 205, Bello Horizonte.
»	Pacifico Pinto da Fonseca	Rua dos Caetés
»	Julio M. Guimarães.	Rua Tupinambás.
»	Raul & Comp.	Cercado.
»	João de Paula & Comp.	Pirapóra.
»	Miguel Olive	Curvello.

Algodão.	Ribeiro & Costa.	Montes Claros.
>	Randolph Gonçalves Simões.	Sete Lagoas.
Artefactos de couro	A. Collaço Veras.	Rua Tupinambás. Bello Horizonte.
>	Arthur Vianna & Comp.	Commercio, 205. >
>	Antonio Alves & Cuiro.	Rua Tupinambás. >
Arroz	A. Collaço Veras.	Tupinambás. >
>	Parella & Anastasia.	Avenida Paraná. >
>	Pereira Carvalho & Comp.	Praça Rio Branco. >
>	Carlos, Coelho & Comp.	>
>	João de Paula & Comp.	Curvello. >
>	Aristides Nogueira Machado	Itaúna.
>	João Peixoto & Comp.	Uberabinha.
>	Enlacio Natal & Correia	Sacramento.
>	Leocicio Cardoso & Comp.	Conquistista.
>	Eduardo Marques & Comp.	Uberaba.
Assucar.	N. A. Santos & Comp.	Rua Rio de Janeiro Bello Horizonte.
>	Parella & Anastasia	Avenida Paraná >
>	Pereira, Carvalho & Comp.	Praça Rio Branco. >
>	A. Sampaio & Irmão	Avenida S. Francisco. >
>	Gonçalves Borges & Comp.	Praça Rio Branco. >
>	Usina Sete Lagoas.	Sete Lagoas.
>	J. Andrade & Ramos	>
>	Randolph Gonçalves Simões.	>
>	M. J. Mendonça & Comp.	Araçá.
>	Joaquim Andrade	>
>	Romeu Nunes Moreira.	Curvello.
>	Pedro Paulo Machado	>
>	Pereira Diniz & Comp.	Sete Lagoas.
>	João Campo Pitanguy	Sete Lagoas.
>	Usina Paraiizo	Estação de Pedrão.
>	Usina Pedrão	Ponte Nova.
>	Companhia Vieira Martins	S. J. Nepomuceno.
>	Morais Sarmento & Comp.	Rio Branco.
>	S. Assucareira do Rio Branco	Bicas.
>	Americo Ribeiro & Comp.	Praça Rio Branco. Bello Horizonte.
>	Pereira, Carvalho & Comp.	Avenida Paraná. >
>	Parella & Anastasia.	Praça Rio Branco. >
Bauila	Gonçalves Borges & Comp.	Avenida do Commercio. Bello Horizonte.
>	Rocha Moreira & Comp.	>
>	A Sampaio & Irmão	Avenida S. Francisco. >

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇOS
Banha	João Sampaio & Comp.	Avenida S. Francisco. Bello Horizonte.
»	Camardel & Calabria	Matadouro. »
»	Carlos Coelho & Comp.	Praça Rio Branco. »
»	Nereu de Almeida	Avenida Paraná. »
»	Luiz Gonzaga de Souza	Colonia Alvaro da Silveira. »
»	Antonio Altrivo	Cajuru.
»	Nicola Leite	B. Despacho.
»	José Luiz de Moura.	Cordisburgo.
»	João Nicola	Abaeté.
»	Joaquim Antunes Tavares.	Itauna.
Batatas	Bernardino Rodrigues Carval.	Rio Acima.
»	Afonso Britto	Cachoeira do Campo.
»	João Clemente Faria	Rio Acima.
»	José Gonçalves Sacramento	Engenho Correia.
»	José Jorge & Filho	»
Café.	João José da Cunha Junior	Bello Horizonte.
»	Juventino & Comp.	Santa Barbara.
»	João Demétrio de Amorim	»
»	Rocha & Irmão	»
»	Manoel Sampaio.	Brumadinho.
»	Duarte Baptista & Comp.	Vespasiano.
»	Eugenio Furletti.	Serto.
»	Loureiro & Filho	Rio das Velhas.
»	Pereira Diniz & Comp.	Curvello.
»	João Campos Pitanguy.	»
»	Cezario Martins.	»
»	J. Teixeira Guimarães & Comp.	»
»	Vieira Camões & Comp.	Bicas.
»	Bertholdo Machado & Comp.	Maripá. Guarará.
»	Camões & Gomes	»
Biscoutos	Francisco Mendes de Freitas.	Avenida Oyapock. Bello Horizonte.
»	A. Vianna & Comp.	Rua Tupinambás. »
»	Paulo Simoni.	Praça da Estação. »
»	Antonio J. Cardoso	Rua dos Guaycurus. »
Cereaes.	Arthur Vianna & Comp.	Avenida Commercio. »

Cercaes.	A. Sampaio & Irmão	Avenida S. Francisco, Bello Horizonte.
»	João Sampaio & Comp.	»
»	Costa e Martins & Comp.	Praça Rio Branco, Bello Horizonte.
»	F. Lima & Comp.	Bello Horizonte.
»	Pereira Carvalho & Comp.	Praça Rio Branco, Bello Horizonte.
»	Carlos Coelho & Comp.	»
»	Conçalves Borges & Comp.	»
»	Nereu de Almeida	»
»	Antonio A. Martins Junior.	»
»	Perrella & Anastasia	»
»	Rochella, Moreira & Comp.	»
»	Vianna & Irmão	»
»	Manoel de Souza Pinto	do Commercio, Bello Horizonte.
»	Ceramica Portuguezza	»
Ceramica	Ceramica João Pinheiro	S. Francisco.
»	Vintena & Comp	do Contorno.
»	Cordeiro & Lima	Cacté.
»	S. A. Cervejaria Polar.	Barbacena.
»	Paulo Simoni.	»
»	Companhia Cervejaria Americana	Avenida Oyapock, Bello Horizonte.
»	João Costa & Comp.	Praça da Estação.
»	Arthur Vianna & Comp	Juíz de Fóra.
»	Carlos Coelho & Comp	Avenida Paraná, Bello Horizonte.
»	Pereira, Carvalho & Comp.	do Commercio, Bello Horizonte.
»	Francisco Fernandes	Praça Rio Branco, Bello Horizonte.
Fumo	Piotta & Comp.	Rua da Bahia, Bello Horizonte.
»	Mendes & Moraes	Ubá.
»	Guimar Rodrigues da Cunha	S. G. Pará.
»	Antonio Pyramo Fernandes	Uberaba.
»	Arthur Savassi	S. B. Suassuly.
»	R. Barros & Irmão	Rua Goyaz, Bello Horizonte.
»	Carlos Coelho & Comp.	R. Tupinambás, Bello Horizonte.
»	Gonçalves Borges & Comp.	Praça Rio Branco, Bello Horizonte.
»	Pereira Carvalho & Comp.	»
»	Nereu de Almeida	»
»	Perrella & Anastasia	Avenida Paraná.
»	João Sampaio & Comp.	»
»	Mascarenhas & Comp.	S. Francisco, Bello Horizonte.
»	J. A. Carvalho & Comp.	Curvello.
»	Companhia Leitaria Leopoldinense	Itauna.
»		Leopoldina.

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDERECOS
Milho	Pereira, Carvalho & Comp.	Praça Rio Branco. Bello Horizonte.
»	Silva Teixeira & Comp.	Mattosinhos.
»	José Augusto de Abreu.	»
»	Fernando Pezini.	»
»	Carlos Alves dos Santos	»
»	Vinva Castro Lanares	»
»	A. Elhan & Irmão.	»
»	Alves Carvalho & Comp.	Pedro Leopoldo.
»	Amando Filho.	»
»	José Belizario Vianna	»
»	Bahia, Azevedo & Comp.	»
»	Annibal Fernandes	»
»	Virgilio Fernandes	Dr. Lund.
»	Antonio Maximiano dos Santos	Nova Granja.
»	Silva & Comp.	Vespasiano.
»	Schene Correia Lima	»
»	Randolpho Gonçalves Simões.	Sete Lagôas.
»	Joaquim Andrade.	Araçá.
»	Romeu Nunes Moreira	»
»	Pedro Paula Machado	»
»	Pereira Diniz & Comp.	Curvello.
Tecidos de algodão	Juventino & Comp.	Rua Caetés. Bello Horizonte.
»	Manoel de Paula Gontijo	»
»	Gontijo & Irmão.	»
»	Leal, Silva, Conte & Comp.	Rua Curitiba. Bello Horizonte.
»	Victorino & Assumpção.	Rua dos Carijós. Bello Horizonte.
»	Londouro Vasconcellos & Comp.	Rua S. Paulo.
»	S. A. Lima & Comp.	Praça Rio Branco.
»	Martins Cotta & C.	Rua da Bahia. Bello Horizonte.
»	Antonio J. Almeida	Rua S. Paulo.
»	Amarante Oliveira & C.	Avenida Amazonas. Bello Horizonte.
»	Companhia Industrial Bello Horizonte	Praça da Estação.
»	Companhia Minas Fabril	Calafate. Bello Horizonte.

ESTADO DE GOYAZ

I — Circulação dos productos agricolas:

- Generos alimenticios de maior consumo.
- Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.
- Oscillações dos preços.
- Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.
- Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.
- Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.
- Crises agricolas e commerciaes.
- Exame e mecanismo dos mercados.
- Classificação commercial dos productos agricolas.
- Transporte dos productos agricolas — Fretes.
- Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação:

- Carestia e custo da vida.
- Indice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado:

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios do maior consumo

O consumo das utilidades alimenticias na Capital e no Estado varia segundo os habitos e recursos das respectivas classes sociaes e attinge de preferencia aos generos seguintes: arroz, assucar, aves, bacalhão, batatinha, carnes de vacca e de porco—fresca e secca, café, doces — especialmente marmellada—, farinha de mandioca e de trigo, feijão, fubá de milho, leite, manteiga, milho, ovos, peixes, sal, toucinho, etc.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimentos dos mercados

Exceptuando o bacalhão, a farinha de trigo, o sal e generos de menor consumo, como azeitonas, azeite doce, chá, matte, vinhos, etc. todos os demais são produzidos no Estado, em totalidade ou em parte.

O municipio de Goyaz concorre para o abastecimento da Capital com uma boa parte dessas utilidades e se mais desenvolvida fosse a sua producção agricola esta seria bastante ás necessidades locais.

O municipio de Curralinho envia á Capital alguns dos generos de seu consumo; o de Annapolis, café; Jaraguá, alho e cebola; Anicuns, batatinha e tabaco; Santa Cruz e Catalão, manteiga, e, Santa Luzia e Bomfim, marmellada em caixetas.

A manteiga, tambem procedente de Minas, poderia ser exclusivamente de producção local se houvessem no municipio de Goyaz installações adequadas ao seu fabrico, exigindo então cuidados em relação á alimentação das vaccas leiteiras para obtenção de boa producção de leite por occasião do rigor da estação secca.

Excellentes pastagens de capins gordura, jaraguá e papuam, com o concurso espontaneo de varias leguminosas forrageiras, permitem, sem duvida, o alcance desse *desideratum*.

A cultura do marmelleiro, vantajosa em Santa Luzia e Bomfim, não encontra nas proximidades da cidade de Goyaz condições de favorável prosperidade.

A importação de bacalhão é pequena, tendendo a diminuir em consequencia não só do seu elevado preço (6\$ em média cada kilo) como da concurrencia do pirarucú e outros peixes do rio Araguaya.

A produção de vinho é reduzida e inferior.

Na zona Norte do Estado o trigo foi cultivado, ao que informam, com relativo successo e ainda agora os municipios de Corumbá e Cavalcanti fazem essa cultura em pequena, senão inapreciavel, escala; entretanto, mesmo mais desenvolvida, não será cultura de avultada importancia, capaz de uma concurrencia victoriosa á farinha desse cereal, — importada via S. Paulo para a Capital e via Minas para outros pontos; os fretes e os entraves aos transportes, como o beneficiamento do producto, são obstaculos consideraveis, mesmo em se considerando chegar actualmente o producto ao principal centro consumidor 73,8 % mais caro que em S. Paulo.

O sal grosso, producto de avultado consumo, encontrará sempre no Estado excellentes mercados.

Oscillações dos preços

Geralmente depois de iniciadas as colheitas ha baixa nos preços dos generos agricolas nos mercados consumidores não só em face da maior abundancia como porque, diminuindo os trabalhos agricolas nas fazendas, a folga dá margens a remessas mais frequentes dos productos aos centros povoados.

Observações relativas aos mercados da Capital, Santa Luzia, Catalão e Ypameri, mostram que o arroz é mais barato de abril a junho; a batatinha de janeiro a março; café de julho a setembro; milho e feijão, de junho a setembro e a farinha de mandioca, experimentando pequenas oscillações, é mais barata durante os mezes seccos do anno.

O leite na época das seccas, por escasso, attinge nesses mercados ao dobro e mais dos preços correntes na das “aguas”. Concorre para

essa variação o estado das pastagens e a época de maior parição que vae de setembro a outubro, correspondendo a diminuição natural da lactação aos mezes seccos de maio a setembro.

O preço do leite influencia o da manteiga, consumindo a Capital na época da escassez da produção local o artigo enlatado procedente de Santa Cruz, Catalão e Estado de Minas.

O queijo, da mesma fôrma, tem os seus preços directamente influenciados pela abundancia ou escassez de leite.

A moagem da canna determina pequenina baixa nos preços do assucar e da aguardente.

Carnes de vacca e de porco como o toucinho variam pouco durante o anno.

O milho quando escasseia determina elevações apreciaveis nos preços de todas as utilidades, importadas ou não.

E' o sustento dos muares e equinos empregados nos transportes, a principal alimentação dos suinos de engorda e alimento de grande consumo humano.

O seu encarecimento altera desfavoravelmente os frêtes das "tropas", reflectindo-se igualmente sobre o dos "carreiros".

As oscillações experimentadas em seus preços pelos productos, nacionaes ou estrangeiros, importados de outros Estados, são devidas, além da causa acima apontada, aos factores que actuam nos mercados de origem.

A animação dos trabalhos nos "garimpos" do Garça determinou alta do café e outros generos, influindo desfavoravelmente no mercado da Capital, desviados que foram em grande parte os "tropeiros" para aquelle ponto, melhorando a situação depois de iniciadas as colheitas.

Attenúa as variações dos preços na Capital e demais centros povoados as entradas semanaes e mesmo diarias de "cargueiros" e "carreiros" portadores de generos dos centros productores.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

O cultivo da terra, pouco ou nada melhorado em seus processos e não concorrendo nenhum factor para a redução do custo da produção dá logar a que a influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços passe despercebida.

influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

Embora o crescimento médio annual da população, de 1872 a 1920, tenha sido de 0,0246 no Estado — superior ao alcançado pelo paiz e somente menor que o do Amazonas, Districto Federal, Espirito Santo, Matto Grosso, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catharina e S. Paulo, a densidade da população — 0,685 de habitantes por kilometro quadrado — por pequena ainda, nenhuma influencia exerce sobre a variação dos preços.

Goyaz está, neste particular, em decimo oitavo logar em relação aos outros Estados, emquanto sua Capital, no que diz respeito ao crescimento médio annual de sua população — 0,0234 de 1900 a 1920, occupa o decimo terceiro logar comparada com as demais, inclusive a Federal.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

Os factores climaticos normalmente influem, como ficou referido sobre os preços do leite, queijo e manteiga. Essa influencia, entretanto, attinge a maior numero de generos quando os periodos normaes de estiagens se prolongam em seccas como a de 1914 ou quando as chuvas, por excessivas, impedem o trabalho regular nas culturas, como em 1895.

De 1919 a 1921, em virtude da “hespanhola” — epidemia que assoberbou todo o Estado — houve variações apreciaveis nos preços de todas as utilidades e até importação de generos de producção local, como a banha, então originaria do Rio Grande do Sul e Minas Geraes.

Crises agricolas e commerciaes

O rythmo das crises agricolas e commerciaes, parciaes ou não, não nos é possível registrar, escapando ás nossas observações. Entretanto, ora dependendo de factores climaticos — seccas prolongadas ou chuvas excessivas — ora de taes manifestações nos centros productores e mercados de outros Estados que transigem com o de Goyaz, reflectindo-se sobre os generos importados e exportados, como é mais commum, dos entraves á boa circulação dos productos, ellas se manifestam com maior ou menor intensidade, mais ou menos espaçadas desde muitos annos. A's crises agricolas e pastoris se succedem as commerciaes.

Em relação ás crises oriundas do máo correr das estações citam as de 1893 por excesso de chuvas, alcançando o toucinho 38 por kilo e a de 1914, extensiva á lavoura e á pecuaria, em consequencia de prolongada secca.

De 1919 a 1921 registou-se, como vimos, a erise geral originaria da epidemia "hespanhola". E em relação aos transportes ellas avultam com a escassez do milho, excesso de chuvas, etc.

Manifestado o disequilibrio entre a produção e o consumo, ou melhor, entre as entradas de generos nos mercados e suas necessidades, sempre aggravado pela escassez e morosidade dos transportes — sensivelmente diminuidos nos periodos de maior actividade agricola — esse só deeresee, á proporção da entrada de generos em maior quantidade, somente depois de iniciadas as safras do anno seguinte.

O elevado preço dos fretes para as regiões afastadas da cidade e centros populosos, principaes mercados consumidores, só naquellas excepcionaes occasiões, de escassez de generos, permitiriam aos productores longinquoos enviar parte de suas colheitas ás praças em crise.

Exame e mecanismo dos mercados

Os preços correntes, em grosso ou a varejo, dos generos de alimentação e consumo, variam de um para outro mercado — manifestando-se a diversidade segundo a situação dos mercados em relação á proximidade ou afastamento dos centros productores — em se tratando de productos locais — e, das estações ferroviarias — de generos de importação.

A differença de preços entre o commercio em grosso e a varejo — influenciada pela natureza do producto — é, ás vezes, bastante accentuada.

No mercado da Capital regula de 30 a 30 % e em outros é maior ainda, regulando no de Santa Luzia 33 % para o feijão, 48 % para o assucar, 60 % para o café e a farinha de milho, 61 % para o milho e 66 % para o arroz e a farinha de mandioea.

Não ha, póde-se dizer, grande differença no modo do grande, médio e pequeno productor dispor de suas colheitas. Entretanto, o primeiro, mediante prévia negociação, em geral, remette directamente as safras aos compradores. Outras vezes, como o médio e o pequeno lavrador, vende aos poucos.

O pequeno productor, dispondo de *cargueiros*, leva os productos aos mercados e ahí os vende indistinctamente aos commerciantes ou directamente aos consumidores pela cotação do dia.

Não são usadas as vendas de productos nas “folhas” ou de colheitas “pendentes”. As negociações são feitas quasi sempre a dinheiro a vista e algumas vezes de forma mixta — a dinheiro e a troco de mercadorias.

Nos negocios com os commissarios, em se tratando de maiores vendas, sobretudo de arroz em casca, usam transacções a praso de noventa dias.

Os consumidores, fugindo ao lucro do intermediario e assim beneficiando aos medios e pequenos agricultores, preferem adquirir os generos de que necessitam, no mercado municipal, directamente ao productor.

Classificação commercial dos productos agricolas

A falta de exigencias, como do estímulo da concurrencia nos mercados locais, é factor, sem duvida, poderoso para que os productos não sejam classificados quando destinados ao commercio.

As preferencias manifestadas, imprecisas ou mal definidas, permitem ser acceitos todos os productos, desde que não estejam deteriorados. Naturalmente é o genero de melhor aspecto o preferido e assim procuram os productores, nada obstante certas e até agora insuperaveis difficuldades, obtel-os, esperando melhor remuneração.

Em Santa Luzia dão relativa preferencia para o consumo ao café em grão, *velho*; farinha de milho, *bem torrada* e *de beijú*; farinha de mandioca, *fina* e *bem torrada*; assucar, *secco* e *claro*; arroz, *alvo*, *pouco quebrado*, e feijão, *sadio* e *limpo*.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

O Estado de Góyaz, com a superficie de 747.311 kilometros quadrados, carece, para o seu engrandecimento, de vias de communição rapidas e economicas, permittindo o aproveitamento de suas multiplas riquezas. Terras uberrimas, cobertas de extensas mattas virgens e pastagens magnificas, povoadas por 3.020.769 bovinos e dispondo em seu sub-solo de minas ou jazidas de ferro, manganez,

argillas de valor commercial apreciavel, talco, crystal de rocha, micas de variegados matizes, graphite, amiantho, prata, ouro, etc., e pedras preciosas, citando-se, além das turmalinas e outras, o diamante.

Melhor se pôde aquilatar do valor economico da agricultura, pecuaria e riqueza mineralogica goyana pelos numeros abaixo, representando a exportação pela estrada de ferro, servindo até agora sómente a tres municipios, num percurso de 235 kilometros em trafico, durante o anno de 1922:

MERCADORIAS	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR
<i>Animaes e seus productos</i>			
Bois	Cabeças	13.737	1.236:330\$000
Vaccas	»	295	20:650\$000
Suinos gordos	»	3.839	311:540\$000
» magros	»	1.515	60:600\$000
Courros salgados	Kilos	3.608	66:748\$000
Pelles cruas	»	44.928	80:880\$400
» curtidas	»	4.498	26:988\$000
Sola	»	93.958	281:874\$000
Artigos de sola e de pelles	»	900	5:400\$000
Toucinho salgado	»	15.975	15:975\$000
Banha	»	3.036	6:872\$000
Xarque	»	871.501	958:651\$100
Linguas defumadas	»	6.545	7:854\$000
Ossos	»	103.251	15:937\$650
Sebo	»	173.971	191:368\$100
Chifres e unhas	»	5.584	1:116\$800
Manteiga	»	24.000	96:000\$000
Queijo	»	43.615	87:230\$000
<i>Vegetaes e seus productos</i>			
Arroz em casca	»	5.904.859	1.470.214\$750
» beneficiado	»	689.662	344:831\$000
» "quirera"	»	117.242	46:896\$800
Algodão em caroço	»	108.502	108:502\$000
Assucar	»	19.154	7:661\$900
Batatas	»	4.544	1:363\$200
Café	»	797.848	1.436:126\$400
Doces diversos	»	13.292	15:950\$400
Feijão	»	824.901	207:475\$250
Fumo em corda	»	150.126	450:378\$000
Mamona	»	3.341	668\$200
Milho	»	4.608	460\$800
Madeiras em toras	Metros cubicos	1.343	73:865\$000
» serradas	»	780	78:000\$000
» taboas de proba	Duzias	257	7:710\$000
<i>Mineraes e seus productos</i>			
Crystal de rocha, bruto	Kilos	31.717	63:434\$000

Essa exportação corresponde especialmente á producção dos municipios servidos pela estrada de ferro e de alguns circumvisinhos, privados, como estão, os mais afastados dessa via, de exportarem seus productos por serem os transportes até as estações, além de escassos e demorados, onerosos.

Os arigos exportados pelo Estado são cõduzidos dos centros productores aos mercados intermediarios em tropas de muares e carros de bois.

Os pontos de concentraçõ dos productos, assim transportados, são: as estações da Estrada de Ferro de Goyaz, especialmente a terminal, Tapiocanga; as cidades de Uberabinha, Patos, Pirapora e Januaria, no Estado de Minas; as de Correntina, Barreiras e Santa Rita do Rio Preto, no da Bahia; Carolina, no Maranhão, e Belém, no do Pará.

Uberabinha recebe pelo porto de Santa Rita do Parahyba (ponte Affonso Penna) diversos productos, attingindo a exportação do Estado por esse porto, em 1922, aos numeros seguintes:

MERCADORIAS	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR
<i>Animaes e seus productos</i>			
Bois	Cabeças	45.142	4.062:780\$000
Vaccas	»	1 712	119:840\$000
Cavallos	»	197	29:550\$000
Suinos gordos	»	231	18:480\$000
» magros	»	396	15:840\$000
Couros crús	Kilos	809	1:456\$700
Touçinho.	»	2.538	2:583\$000
<i>Vegetaes e seus productos</i>			
Arroz em casca	»	315.957	88:467\$960
Algodão em caroço.	»	9.966	9:966\$000
Café	»	40.917	73:650\$000
Feijão	»	3.670	917\$500
Fumo em corda	»	3.659	10:977\$000

Os bovinos das zonas do centro e sudoeste do Estado, directamente adquiridos nas fazendas pelos boiadeiros, passando a maioria pela ponte Affonso Penna, são destinados quasi todos a “invernadores” paulistas e vendidos para as xarqueadas e frigorifico de Barretos, no Estado de S. Paulo.

As cidades de Patos e Pirapora importam de preferencia gado em pé e Januaria couros de bovinos, pelles de caça, carne secca, borracha de mangabeira e crystal de rocha.

Os mercados bahianos, Correntina, Barreiras e Santa Rita do Rio Preto recebem, além de sub-productos da caça, borracha de mangabeira e pennas de ema. Carolina, no Maranhão, importa tambem gado bovino, carne secca, couros, pelles de caça e borracha de mangabeira.

E Belém, no Pará, pelos rios Araguaya e Tocantins, recebe de Goyaz couros, pelles de caça, carne secca, borracha de mangabeira, caúcho, e, em pequena escala, castanha do Pará.

O Tocantins, ao que affirmam, é navegavel numa extensão de 1.030 kilometros; o Araguaya na de 1.426 e o das Mortes, seu affluente, na de 500 kilometros.

A navegação do Tocantins, que desde 1.774 é feita por canoás, foi ultimamente, por iniciativa do coronel Frederico Lemos, feita em lancha a vapor de Belém a Porto Nacional, nesse Estado.

A navegação do Araguaya foi iniciada em 1669, em canoás, por Manoel Brandão e Gonçalo Paes, — havendo noticias de que Thomaz de Souza Villa Real desceu mais tarde, em 1791, esse rio, levando um carregamento de couros e crystal de rocha para o mercado de Belém.

Em 1868, graças á iniciativa do general Couto Magalhães, foram as aguas do Araguaya navegadas por embarcações a vapor.

Essa navegação, auspiciosamente principiada, foi suspensa com a retirada da subvenção de 40:000\$ annuaes, então concedida pela União, em 1898.

Em 1922 surgiu novamente esse systema de navegação, mantido até hoje, embora sem regularidade.

Diversas estradas para automoveis, utilizadas na maioria para o transporte exclusivo de passageiros, e outras, — as do sudoeste, em pequena escala —, tambem para o de mercadorias em auto-caminhões

fazendo o transporte dos productos importados da cidade de Uberabinha para algumas cidades dessa zona goyanna e “garimpos” do Garça e de generos da lavoura desses centros productores para aquelle mercado.

Existem actualmente, entre outras, as estradas seguintes:

Goyaz (capital) a Curralinho	42 kilometros
Curralinho a Roncador	320 »
Santa Rita do Paranahyba a Trindade	232 »
» » » » » Mineiros	494 »
» » » » » Burity Alegre.	42 »
Bella Vista a Caldas Novas	102 »
» » » Bomfim.	70 »
Bomfim a Formosa	282 »
Burity Alegre ao entroncamento da de Santa Rita do Paranahyba a Morrinhos.	48 »
Annapolis a Curralinho	155 »
» » Pyrenopolis.	92 »
Rio Verde a Rio Bonito	142 »
Ypameri a Formosa	432 »
» » Caldas Novas.	64 »
Roncador a Annapolis	203 »
Anhanguera a Corumbahyba.	60 »

Projectadas estão outras, destacando-se a de Goyaz a Registo, na margem do Araguaya, e a que, partindo de Porto Nacional, na margem do Tocantins, passa em Natividade, Conceição, Taguatinga e alcança a cidade de Barreiras, no Estado da Bahia.

A Estrada de Ferro de Goyaz, com 235 kilometros em trafego no Estado, tem sua construcção em proseguimento.

Na opinião do inspector, será de grande vantagem para o Estado a execução do projecto de prolongamento da Estrada de Ferro Tocantins, — do Estado do Pará, onde trafega de Alcobaça a Breu Branco; e da Estrada de Ferro Central do Brasil, penetrando em Goyaz pela cidade de Formosa, ligando ao Rio de Janeiro e Belém do Pará.

O plano de ligação da Estrada de Ferro Oeste de Minas com a Estrada de Ferro de Goyaz, — de Patrocínio a Ouvidor, no ramal de Catalão, uma vez executado, encurtará consideravelmente a distancia da Capital Federal.

E o prolongamento da Goyaz ás margens do Araguaya trará reaes beneficios ao Estado.

A companhia ferroviária S. Paulo-Goyaz, trafegando de Bebedouro a Olympia, no primeiro desses Estados, terá passagem pelo Triangulo Mineiro para penetrar em territorio do ultimo.

Pela Estrada de Ferro de Goyaz, como já se viu, são exportados bovinos, mas não em grande quantidade, em virtude da escassez de material rodante “gaiolas” e da difficuldade de obtenção em Araguary de “gaiolas” na Estrada de Ferro Mogyana.

As tarifas dessa estrada, embora tidas como elevadas, não entram o desenvolvimento da producção, convergindo as queixas antes para as difficuldades de embarque, por escassez de obtenção de praça por parte dos exportadores.

Os carros de bois, de eixo movel, rodas cortantes, com o peso approximado de 600 a 900 kilos, para trafegarem normalmente (tres a quatro legoas por dia), precisam ser tirados por 10 juntas de bois e são os maiores inimigos das boas estradas.

A sua lotação varia, naturalmente, segundo os artigos transportados e regula de 1.200 a 1.800 kilos.

As tropas de muares são constituídas por lotes de 10 animaes e cada muar transporta de 120 a 180 kilos.

Os fretes nesses meios de transporte absorvem de 10 a 70 % e ás vezes mais do valor dos productos.

A natureza dos productos agricolas nada influe sobre o valor do frete das tropas de muares, pois este é cobrado por kilo; ha, porém, algumas excepções para os objectos de muito volume e pouco peso, taes como caixões com chapéos, calçados, etc., que pagam maior frete por kilo para compensar a insufficiencia do peso na carga do animal.

Nos carros de bois os fretes commummente são cobrados pela lotação e portanto variaveis.

A lotação de um carro que transporte apenas ferragens ou sal é de 1.800 kilos, levando apenas arame farpado é de 1.575 kilos, gazolina 1.470 kilos, farinha de trigo 1.760 kilos.

Como volumes indenticos variam de peso de artigo para artigo, o frete por unidade (kilo) será tão mais barato quanto maior fôr o peso especifico da mercadoria transportada em carro de bois.

Com os artigos acima mencionados o preco de frete, da ultima estação da Estrada de Ferro de Goyaz á Capital (300 kilometros), por

kilo, será : sal ou ferragens \$250, farinha de trigo \$255, arame farpado \$286 e gasolina \$306 ; estes fretes foram calculados tomando-se por base o carro a 450\$000.

Os “carreiros” cobram 400\$ a 500\$ pela viagem de Tapiocanga (ponto terminal da Estrada de Ferro de Goyaz) á Capital ; de regresso áquella estação levam 3\$ por arroba, abrindo assim excepção á cobrança por lotação.

Em tropas de muares o frete é de 7\$500 por arroba de Tapiocanga-Goyaz e 3\$500 de Goyaz-Tapiocanga.

Os fretes cobrados pelos “carreiros” e “tropeiros” são sujeitos a variações ás vezes bastante bruscas, motivadas por escassez de milho (para as tropas), máo estado das pastagens e quando ha affluencia de carga para determinado ponto, — como, por exemplo, — para zonas de mineração em florescencia.

A escassez de milho e o máo estado das pastagens, tornando mais caro o preço desse cereal e um tanto insufficiente a alimentação dos animaes, concorrem para o encarecimento dos fretes, pois alguns “carreiros” e “tropeiros” não fazem viagem para não sacrificar os animaes e outros, mais ganhadores, se prevalecem disso para augmentar o valor dos fretes.

Nas zonas de mineração florescente as mercadorias alcançam preços elevados, algumas vezes fabulosos, o que permite o pagamento de um frete bastante vantajoso, attrahindo os *tropeiros* e *carreiros* para esses locais.

Presentemente, pela animação reinante no *garimpo do Garça*, verifica-se esse acontecimento nos transportes de mercadorias da estação final da Estrada de Ferro Goyaz á Capital e outros pontos do Estado.

O frete de um carro de bois daquella estação á Capital subiu de 350\$ a 500\$ para 700\$ e o de tropa de muares de 7\$500 para 8\$ (com tendencia para mais) por 15 kilos.

Pelo exposto, conclue-se que os meios de transporte de mercadorias no Estado não podem satisfazer plenamente e com vantagem ás necessidades das classes productoras, porquanto, além de caros, não ha serviço regularizado, nem estabilidade no custo dos fretes.

Impostos sobre os generos de producção e consumo

Os impostos que incidem directa ou indirectamente sobre os principaes generos de producção e consumo são em grande numero, considerando que os governos federal, estadual e municipais taxam directamente esses generos.

Os impostos federaes que directamente attingem os generos de lavoura e pecuaria são: o da manteiga, \$080 por kilo, o do queijo ou requeijão, \$100 por kilo, de aguardente \$240 por litro.

Não ha impostos estaduaes directos sobre os generos de lavoura ou pecuaria e os que mais de perto os attingem e ás industrias conexas são:

I. *Rural* — De 2\$200 por propriedade de valor até 1:000\$000 e 2\$200 por conto de réis ou fracção de conto excedente. Não se poderá cobrar de uma propriedade mais de 110\$, nem menos de 2\$200.

II. *Alambique* — 110\$ annualmente.

III. *Cortume* — 110\$ e mais \$400 por metro cubico de tanques ou tinas de cortir e \$500 por operario até o maximo de 120\$000.

IV. *Serraria* — 110\$ as movidas a vapor ou agua e 33\$ as braçoes, annualmente.

As seguintes taxas são cobradas pelo Estado pelos automoveis e caminhões que transitam da Capital á cidade de Currallinho:

a) Por automovel de aluguel: 10\$ de ida e 10\$ de volta.

b) Por automovel particular: 6\$ de ida e 6\$ de volta.

c) Por automovel ou auto-caminhão vasio: 6\$ de ida e 6\$ de volta.

d) Taxa de \$050 por kilo de mercadorias transportadas em automovel ou auto-caminhão.

Os impostos de exportação cobrados pelo Estado são: boi ou novillo, cabeça, 9\$; vacca ou novilha, cabeça, 13\$; cavallo, cabeça, 6\$000; suino gordo, cabeça, 8\$; suino magro, cabeça, 4\$; ovino, cabeça, 1\$; pelles crúas, kilo \$200; sóla, kilo, \$200; couro salgado, um, 2\$500; toucinho, kilo, \$080; carne de porco, kilo, \$080; xarque, kilo, \$080; sêbo, kilo, \$040; ossos, chifres, etc., kilo, \$010; manteiga, kilo, \$200; queijo, kilo, \$050; fumo em corda, kilo, \$240; borracha, kilo, \$200; arroz em casca, kilo \$020; arroz beneficiado, kilo, \$020; arroz quirera, kilo, \$010; feijão, kilo, \$015; polvilho, kilo, \$020; mamona, kilo, \$012;

assucar, kilo, \$040; rapadura, kilo \$010; café, kilo, \$060; doces, kilo, \$060; algodão, kilo, \$010; taboas, duzia, 2\$200; ripas, duzia, \$250; madeira em toras, metro cubico, \$500; madeira serrada, metro cubico, 1\$200, e crystal de rocha, bruto, kilo, \$150.

O municipio de Goyaz cobra directamente sobre os generos de lavoura e de pecuaria os seguintes impostos: aguardente até 25° litro \$183, de mais de 25° a 30° \$275, de mais de 30° \$366; sobre fumo em corda \$500 por kilo.

Os demais generos pagam 5% e mais o adicional de 10% sobre o valor da venda do producto.

Esse municipio cobra por carro de bois, a titulo de *trilho*, que vem á Capital trazer generos de lavoura, 3\$300 e 11\$ quando transporta generos comestiveis e manufacturados, provenientes de outros Estados.

Os impostos do municipio de Santa Cruz, attingindo directa ou indirectamente os productos agricolas e pecuarios, são : 150\$ sobre cada engenho que fabrique aguardente; 30\$ sobre cada engenho que fabrique assucar e rapadura, sómente; 20\$, sobre serrador de taboas no engenho; 20\$ sobre invernada de aluguel; 20\$ por pasto de aluguel; 5\$ de taxa de cada marca de criação; \$500 sobre produção de bezerras; \$500 sobre produção de burros ou potros; 3\$ sobre *trilho* de carro de bois; 10\$ de licença para vender generos alimenticios, não sendo negociante estabelecido; 60\$ sobre licença para ter córte de capados, não sendo estabelecido com açougue; 50\$ sobre licença para comprar cereaes, sendo o capital empregado de um até cinco contos de réis; 100\$ sobre licença para comprar cereaes, sendo o capital empregado superior a 5:000\$; 50\$ sobre compradores de gado vaccum, sendo o capital empregado inferior a 5:000\$; 100\$ sobre compradores de gado vaccum, sendo o capital inferior a 5:000\$; 30\$ sobre compradores de capados, sendo o capital applicado inferior a 5:000\$; 80\$ sobre compradores de capados, sendo o capital applicado superior a 5:000\$; 30\$ sobre compradores de porcos magros, sendo o capital inferior a 5:000\$; 50\$ sobre compradores de porcos com capital de 10:000\$; 30\$ sobre vendedores de animaes de raça, inclusive reproductores em partida; 20\$ sobre compradores de fumo em partida; 50\$ sobre licença para conservar porteiras abertas pelas estradas; 15\$ por carroção na cidade ou zona rural; 30\$ sobre licença para ter carro de bois ferrado a *piões*, e 20\$ por carro não ferrado a *piões*.

No municipio de Trindade os impostos são: 20\$ sobre propriedades de 1ª classe, comprehendendo fabricantes de aguardente; 15\$ sobre propriedades de 2ª classe que tiverem renda annual de 800\$ a 1:000\$, abrangendo os fabricantes de assucar; 10\$ de 3ª classe, com renda annual de 500\$ a 800\$; 5\$ de 4ª classe, com renda annual de 400\$ a 600\$; 2\$500 de 5ª classe, com renda annual de 300\$000 a 360\$; 200 de taxa para cada carga de fumo em corda fabricado em outro municipio e vendido em Trindade; 500 por 15 kilos de marmelada fabricada em outro municipio e vendida no de Trindade; 500 sobre cada muar ou cavallar que trazer mercadorias fretadas para o municipio; 4\$ sobre carro de bois que conduzir mercadorias para a villa de Trindade, de qualquer especie, e 5\$ para vender leite na villa.

No municipio de Palmeiras os impostos são: 5\$ para vender leite; sobre criadores de bovinos: 100\$ para os de 1ª classe, que possuem 1.000 rezes, 50\$ para os de 2ª classe, com 500 rezes; 30\$ sobre os de 3ª classe, com mais de 300 rezes, 20\$ os de 4ª classe, de 100 rezes, 8\$ os de 5ª classe, de 50 a 99 rezes; 5\$ sobre os de 6ª, menos de 50 rezes; taxa de 30\$ sobre cada alambique; de 2\$ sobre cada barril de aguardente fabricado no municipio e de 3\$ de fabrico de outro municipio e vendido nesse; taxa de 1\$ sobre cada animal carregado com mercadorias para o municipio; taxa de 5\$ sobre carro de bois que trazer cargas para o municipio: 2\$ sobre cada *ferro* ou *carimbo* de criadores, que são obrigados a registal-o na Intendencia; 500 sobre sacco de sal vendido ou introduzido no municipio, pago pelo vendedor, recebedor ou comprador; 20\$ sobre cada cortume; 400 sobre cada arroba de café; 200 sobre cada arroba de assucar fabricado em outro municipio e vendido nesse; 1\$ sobre cada rolo de fumo em corda vendido ou revendido.

O municipio de Annapolis cobra os seguintes impostos: 30\$ por serraria, machinas de beneficiar arroz ou café, accionadas a força hydraulica, electrica ou a vapor; 15\$ por cortume ou olaria; 30\$ por fabrica de bebidas; 50\$ por venda de aguardente, não sendo negociante estabelecido; 5\$ registro de "ferro" para marcação de gado; 5\$ sobre cada muar conduzindo carga para o municipio; 2\$ sobre vendedores de touros de raça e muares bravos ou mansos (por cabeça) provenientes de outros municipios; 2\$ por venda de cada decimo de aguardente proveniente de outro municipio; 300 por venda de arroba

de café proveniente de outro município; 7\$500 aforação de cada hectare de terra pertencente ao município, situado fóra do perimetro urbano; 20\$ por engenho de canna; \$200 sobre a venda de cada rolo de fumo em corda.

São os seguintes os impostos cobrados pelo município de Curralinho: taxa de 20\$ sobre cada cortume; 2\$ sobre cada individuo, varão maior de 21 annos; 100\$ sobre propriedade rural de primeira classe, 60\$ sobre propriedade de segunda classe, 40\$ sobre de terceira classe, 20\$ sobre a de quarta classe, 10\$ sobre a de quinta classe e de 5\$ sobre a de sexta classe; taxa de 20\$ para vender leite; taxa de 5\$ sobre cada animal empregado na conducção de lenha; taxa de 40\$ sobre cada carro de bois ferrado com “peões”, empregado na conducção de lenha; taxa de 30\$ sobre cada carro chapeado, carroça ou carretão empregado no serviço de transporte na séde do município; taxa de 2\$ sobre cada suino em pé vendido na cidade de Curralinho; taxa de 8\$ sobre cada barril de aguardente vendido no município; taxa de 2\$ sobre cada carga de fumo em corda vendida na cidade de Curralinho ou povoação do município; taxa de \$300 sobre cada meio de sóla vendido na cidade ou povoação do município; taxa de \$200 sobre cada pelle de anta, onça e matteiro e de \$100 sobre cada pelle de outras caças vendidas na cidade ou povoações; taxa de 3\$ sobre cada carro de bois do município que conduzir generos do paiz para a cidade de Curralinho ou povoação e 10\$ sobre os de fóra que conduzirem mercadorias de outros Estados; taxa de 1\$ sobre cada animal que conduzir mercadorias de outros Estados para o município; taxa de 1\$ sobre cada cabeça de gado bovino e de 2\$ sobre cada muar ou cavallar de outro município e neste vendido, pago pelo vendedor e, na falta, pelo comprador; taxa de 1\$ sobre cada duzia de taboas de qualquer qualidade vendida na cidade de Curralinho ou povoação; taxa de 1\$ sobre cada 15 kilos de borracha vendida ou introduzida no município e mais a taxa de 10 % adicional sobre todos os impostos.

No município de Formosa os impostos são: bemfeitorias no valor de 1:000\$, para *incremento* da industria algodoeira, 1/2 % e mais 2\$ por conto de réis ou fracção; sobre alambique 3\$; commerciante em gado muar, bovino, suino e cavallar 50\$; engenho de moer canna 15\$; gado abatido para o consumo publico: bovino 5\$ e suino 3\$; sobre “panno” de toucinho 1\$200; sobre arroba de carne secca 1\$;

commerciante de pelles curtidas ou não 40\$, e se já estabelecido em outro ramo de negocio 20\$; sobre rôlo de fumo 1\$; sobre arroba de café beneficiado \$500 e por 80 litros em côco, \$500; exportação de café beneficiado ou em côco, 2\$ pelas medidas referidas; exportação ou “retirada” de “panno” de toucinho ou de duzia de queijos, do municipio, 2\$; cortumes 20\$, do municipio 5\$; criadores de gado bovino, cavallar ou suino, de 10 a 50 cabeças 15\$; 51 a 100, 25\$; 101 a 150, 40\$; 151 a 200 cabeças, 50\$ e mais 10\$ pelo excesso sobre lote ou fracção de 100 cabeças.

O municipio de Planaltina, cobra : criadores até 100 rezes 7\$, até 200 10\$, até 300 rezes 15\$, até 400 20\$, e 30\$ até 500 rezes; sobre o valor dos generos de consumo vendidos na villa 5 %; engenho de moer canna 8\$; carro existente no municipio 10\$, procedente de outro municipio 6\$; animaes de carga descarregando na séde \$500; sobre reproductor bovino vendido 10\$; fumo vendido, rolo 3\$; idem sacca de farinha de trigo 6\$; gado abatido para o consumo 3\$ por cabeça de bovino ou suino, e fabricante de aguardente, inclusive bebidas fermentadas, 20\$000.

Cobra o municipio de Crystallina, sobre criadores de primeira classe 50\$, de segunda classe 25\$, de terceira classe 12\$, de quarta classe 5\$ e de quinta classe 3\$; cortume 20\$; carro existente no municipio 5\$; olaria 10\$; engenho de canna, primeira classe 20\$ e segunda classe 10\$; venda de suino em pé \$500, abatido para consumo 2\$; idem vacca ou boi respectivamente 3\$ e 1\$; cavallo vendido para fóra do municipio 2\$ e muar 3\$; comprador de borracha 5\$; por arroba de café, toucinho ou carne secca \$100; por carga de fumo \$500; pipote de aguardente 1\$; meio de sola \$100; arroba de peixe salgado \$500; sacca de sal pelos vendedores não negociantes no municipio \$100 e comprador de crystal de rocha 5\$000.

O municipio de Santo Luzia cobra: gado abatido para o consumo publico: bovino 4\$, suino 3\$; por meio de sola importado de outro municipio \$500; carro “ferrado” 3\$, “desferrado” 2\$; engenho de canna fabricando assucar, rapadura e aguardente 30\$, somente assucar e rapadura 10\$; fabricantes de vinhos, licores, gazozas, etc., 5\$; olaria 5\$; arroba de café importado, \$500; sacca de sal, de farinha de trigo, rôlo de arame e caixa de kerozene vendidos na cidade por negociantes não estabelecidos, \$250; fumo procedente de outro municipio,

\$500 por arroba, de producção local \$250 ; arroba de borracha vendida no municipio \$500, aluguel de praça no mercado, primeiras 24 horas 1\$, até 48 horas 1\$500 e dahi em diante 1\$ por dia ; sobre vacca vendida para fóra do municipio 7\$. Os criadores pagam por 10 a 50 cabeças 5\$, 51 a 100 10\$, dahi a 300 cabeças 25\$, até 500 ditas 50\$ e dahi em diante 80\$000.

Os demais municipios e de accordo com as respectivas leis annuaes cobram impostos que variam, como nos referidos, segundo as necessidades e explorações locaes.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

Na cidade de Goyaz e demais mercados do Estado a vida tem encarecido apreciavelmente, notando-se que, em relação á alimentação, teve esse Serviço ensejo de mostrar, publicando um primeiro ensaio, que de 1911 a 1921 o indice dos preços de alguns generos elevou-se a 181,27 ou que a elevação desses preços alcançou a 81,27 % no decennio. Nesse periodo, o feijão e o queijo, productos de avultado consumo, tiveram seus preços reduzidos, respectivamente, de 15,62 % e 20,00 %, enquanto o assucar foi augmentado de 191,50 %, os ovos de 166,66 %, a manteiga de 110 %, o toucinho de 81,81 %, a carne de vacca de 80 %, a de porco de 75 %, a farinha de mandioca de 75 %, o milho de 50 % e o arroz de 24,80. A aguardente foi tambem augmentada de 212,50 %.

Observações relativas ao maior numero de generos mostram, como se vê no quadro abaixo, comparativo dos preços correntes no mercado da Capital em 1921, 1922 e 1923, que em 1922 houve sobre 1921 um augmento médio de 2,31 % nos preços e em 1923 elevação de 26,67 % sobre 1922. A tendencia de baixa manifestada em 1922 não teve duração, pois enquanto, nesse anno, entre 22 generos, apenas cinco estavam em alta, no seguinte, em 1923, somente sete desses mesmos generos mostram tendencia de baixa.

O augmento médio annual que de 1911 a 1921 foi de 8,12 %, baixou em 1922 a 7,41, para se elevar em 1923 a 9,18 % annualmente.

**Índice dos preços de generos alimenticios no mercado de Goyaz (Capital) em
1921-1922-1923**

NÚMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS			OSCILLAÇÕES					
		1921	1922	1923	1921-22		1922-23		1921-23	
					+ %	- %	+ %	- %	+ %	- %
1	Café	100	240,00	240,00	140,00	—	—	—	140,00	—
2	Feijão	100	95,00	235,00	—	5,00	140,00	—	135,00	—
3	Peixe secco	100	135,55	212,22	35,22	—	76,67	—	112,22	—
4	Polvilho	100	150,15	210,21	50,15	—	60,06	—	110,21	—
5	Arroz	100	83,33	192,30	—	16,67	108,97	—	92,30	—
6	Manteiga	100	140,00	175,00	40,00	—	35,00	—	75,00	—
7	Queijo.	100	166,66	175,00	66,66	—	8,34	—	75,00	—
8	Rapadura.	100	100,00	127,00	—	—	27,00	—	27,00	—
9	Carne secco	100	93,33	125,00	—	6,67	31,67	—	25,00	—
10	Milho	100	81,25	125,00	—	18,75	43,75	—	25,00	—
11	Cebola.	100	100,00	117,64	—	—	17,64	—	17,64	—
12	Farinha de trigo.	100	100,00	107,52	—	—	—	—	7,52	—
13	Aves	100	100,00	103,00	—	—	3,00	—	3,00	—
14	Farinha de milho	100	100,00	100,00	—	—	—	—	—	—
15	Carne de vacca	100	100,00	100,00	—	—	—	—	—	—
16	Batatinha.	100	63,33	87,50	—	36,67	24,17	—	—	12,50
17	F. de mandioca.	100	65,00	87,50	—	35,00	22,50	—	—	12,50
18	Assucar	100	73,33	75,00	—	26,67	1,67	—	—	25,00
19	Peixe fresco.	100	100,00	74,01	—	—	—	25,99	—	25,99
20	Carne de porco.	100	62,00	66,66	—	38,00	4,66	—	—	33,34
21	Toucinho.	100	32,00	52,00	—	68,00	20,00	—	—	48,00
22	Ovos	100	70,00	50,00	—	30,00	20,00	—	—	50,00
	Média total.	100	102,31	128,98	2,31	—	26,67	—	29,98	—

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado de Goyaz

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇO
Aguardente.	Elyseu de Araujo Mello.	Santa Luzia.
»	Salustiano Alves Meirelles.	»
Algodão.	A. Sant'Anna & Comp.	Goyaz.
»	Commissarios Fróes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi.	»
»	Commissarios Vianna & Comp.	»
»	Helu & Comp.	» de Urutahy.
Arreios.	Bevinhati Salgado & Comp.	Planaltina.
»	João Margon	Catalão.
Arroz	Antonio Luiz de Pina.	Annapolis.
»	Commissarios Fróes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi.	»
»	Commissarios Vianna & Comp.	»
»	Seraphim Roque	Ypameri.
»	Marot & Cia.	»
»	Casemiro Leonardo	»
»	José Pedro Thomé.	Estação de Urutahy.
»	Helu & Comp.	»
»	David Isaac.	»
»	Nicolau Carneiro	» Goyaudira.
»	Antonio de Oliveira.	Catalão.
Assucar.	Antenor de Amorim.	Bella Vista.
»	Antonio Luiz de Pina.	Annapolis.
Café.	»	»
»	Commissarios Fróes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi	»
»	Commissarios Vianna & Comp.	»
Calçados	Bevinhati Salgado & Comp.	Planaltina.
»	João Margon	Catalão.
Chifres.	Luiz Sampaio	»
»	Antonio Vaz.	»
Crystal	Gustavo Leiser.	Villa Christalina.
»	Bevinhati Salgado & Comp.	Ypameri.
»	Augusto Hans Leiser.	Villa Christalina.
Couros	Speridião Calixto.	Santa Luzia.
»	Jorge Elias Abdon.	»
»	José Elias Salomão	»
»	Felippe Salomão	»
»	Bevinhati Salgado & Comp.	Planaltina.
»	Salviano Monteiro Guimarães.	»
»	Cachid Saddi	Formosa.
»	Augusto Hans Leiser.	Villa Christalina.
»	A. Sant'Anna & Comp.	Goyaz.
»	Rocha Lima.	»
»	Commissarios Fróes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi	»
»	Commissarios Vianna & Comp.	»
»	Dante Galasse.	Ypameri.
»	Luiz Sampaio	Catalão.
»	Antonio Vaz.	»
»	Açilio Ferreira.	Estação Anhangüera.
Fumo	José Silverio de Faria.	Bella Vista.
»	Pedro Umbelino de Souza.	»
»	Antenor de Amorim.	»
Geléas	Elyseu de Araujo Mello.	Santa Luzia.
»	Salustiano Alves Meirelles.	»

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇO
Geléas	Angelino Alves Rariz.	Santa Luzia.
»	Antonio Alves Meirelles Corriola.	» »
Goiabada	Elyseu de Araujo Mello.	» »
»	Salustiano Alves Meirelles.	» »
»	Angelino Alves Roriz.	» »
»	Antonio Alves Meirelles Corriola.	» »
Madeiras	Abilio Ferreira.	Estação Anhangüera.
Manteiga	Marot & Comp.	Ypameri.
»	José Pedro Thomé.	Estação de Urutahy.
»	Oliveira Jocinho Chaves.	Villa Christalina.
Marmellada	Elyseu de Araujo Mello.	Santa Luzia.
»	Salustiano Alves Meirelles.	» »
»	Angelino Alves Roriz.	» »
»	Antonio Alves Meirelles Corriola.	» »
»	Modesto Camello de Mendonça	» »
»	D. Rachel Pimentel Barbosa	» »
»	D. Engracia e Mello Alves.	» »
Marmello em calda.	Elyseu de Araujo Mello.	» »
» » »	Salustiano Alves Meirelles.	» »
» » »	Angelino Alves Roriz.	» »
» » »	Antonio Alves Meirelles Corriola.	» »
Milho	Seraphim Roque	Ypameri.
»	José Pedro Thomé.	Estação de Urutahy.
Ossos	Antonio Vaz.	Catalão.
»	Abilio Ferreira.	Estação Anhangüera.
Pelles	A. Sant'Anna & Comp.	Goyaz.
»	Commissarios Frôes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi	» »
»	Luiz Sampaio	Catalão.
»	João Margon	» »
»	Abilio Ferreira.	Estação Anhangüera.
»	Spiridião Calixto	Santa Luzia.
»	Jorge Elias Ab ton.	» »
»	José Elias Salomão	» »
»	Felippe Salomão	» »
»	Bevinhati Salgado & Comp.	Planaltina.
»	Salviano Monteiro Guimarães.	» »
»	Cachi Saggi	Formosa.
Queljos	Bevinhati Salgado & Comp.	Villa Christalina.
Sebo.	Dante Galasse.	Ypameri.
»	Luiz Sampaio	Catalão.
»	Antonio Vaz.	» »
»	Abilio Ferreira.	Estação Anhangüera.
Sóla.	Rocha Lima.	Goyaz.
»	Luiz Sampaio	Catalão.
»	Bevinhati Salgado & Comp.	Planaltina.
Toucinho	Pedro Umbelino de Souza.	Bella Vista.
»	Antenor de Amorim	» »
»	Commissarios Frôes & Irmão.	Estação Tapiocanga.
»	Commissario Cecilio José Rassi	» »
»	Commissarios Vianna & Comp.	» »
Xarque	Bevinhati Salgado & Comp.	Ypameri e Planaltina.
»	Dante Galasse.	Ypameri.
»	Luiz Sampaio	Catalão.
»	Antonio Vaz.	» »
»	Abilio Ferreira.	Estação Anhangüera.

ESTADO DE MATTO GROSSO

I — Circulação dos productos agricolas

Principaes mercados consumidores.

Generos alimenticios de maior consumo.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços.

Exame e mecanismo dos mercados.

Classificação commercial dos productos agricolas.

Crises agricolas e commerciaes.

Transporte dos productos agricolas — Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida.

Índice dos preços, a varejo, dos principaes generos alimenticios.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado



1 — Circulação dos productos agricolas

Principaes mercados cousumidores

As praças commerciaes que mais importancia apresentam no Estado são as de Cuyabá e Corumbá, seguindo-se depois as situadas na linha da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Essas praças, de reduzido commercio atacadista, são mercados de generos de primeira necessidade.

O commercio atacadista ou em grosso é dedicado ao assucar e aos productos de exportação, como gado, herva matte e borracha, estando o commercio dessa ultima em decadencia.

Generos alimenticios de maior cousumo

Nessas praças os generos alimenticios de maior consumo são : o arroz, assucar, carne, farinha de mandioca, feijão, sal, toucinho e trigo ; mantendo-se em plano inferior, em consequencia de preços elevados, a batatinha, café, leite, manteiga, queijo e ovos, que não entram na alimentação das classes pobres.

Procedencia dos generos de consumo e abastecimento dos mercados

Dos generos de maior consumo alguns são importados dos municipios vizinhos dos principaes centros consumidores; outros de outras praças do paiz e do estrangeiro e, finalmente, poucos são de producção local:

A cidade de Cuyabá, apezar da regular producção de seu municipio, recebe grande parte dos generos para o seu abastecimento, sobretudo toucinho e assucar, dos municipios de Rosario d'Oeste, Diamantina,

Livramento, Poconé e Santo Antonio do Rio Abaixo, sendo este e o de Rosario d'Oeste seus maiores fornecedores de toucinho, carne e assucar.

Os municipios de Coxim, Caceres e, em parte, Cuyabá e Santo Antonio do Rio Abaixo, através de multiplas difficuldades de transporte, concorrem para o abastecimento da praça de Corumbá, com os generos de producção local necessarios ao seu consumo.

Os municipios visinhos de S. Paulo produzem o bastante para o consumo, auxiliam o abastecimento dos centros que lhes ficam mais proximos e dedicam-se especialmente á exportação da herva matte, do gado em pé e do xarque para fóra do Estado.

O café e a batatinha são importados de S. Paulo e o trigo é, em parte, procedente desse mercado e dos da Argentina e Uruguay.

Matto Grosso, possuindo climas e altitudes variados, póde produzir em grande escala e boas condições, não só os productos dos climas tropicaes, como tambem a vinha e fructos outros de zonas temperadas e frias, e assim se abastecer de sua propria producção, quando condições naturaes favorecerem esse desenvolvimento.

O café, que é cultivado em pequena escala no municipio de Campo Grande, não se desenvolvendo bem em alguns pontos foi, até a abolição do braço escravo, cultura prospera em outros, como Cuyabá, planaltos de S. Lourenço, Rio das Garças e cabeceiras do Araguay.

O trigo e muitos fructos de paizes frios encontram nessas regiões meios favoraveis ás suas explorações.

O desenvolvimento da producção e a exploração de novas fontes de riqueza agricola, retardado ainda pela escassez de productores, depende, outrossim, de amparo dos productos da lavoura e da pecuaria, pelo credito e facilidade de escoamento para os centros consumidores.

Oscillações dos preços

Dentro de um mesmo anno os preços dos generos de primeira necessidade variam consideravelmente sob a influencia de multiplos factores, — mostrando o quadro abaixo as differenças entre as maiores e menores cotações, no varejo, registadas no mercado da capital em dois annos de observações.

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	ANNOS		MÉDIA ANNUAL
		1921	1922	
1	Cebola	—	78 %	78 %
2	Farinha de milho	—	75 %	75 %
3	Feijão	63 %	61 %	62 %
4	Milho	66 %	50 %	58 %
5	Farinha de mandioca	53 %	55 %	54 %
6	Assucar	65 %	39 %	52 %
7	Arroz	52 %	51 %	51 %
8	Trigo	—	50 %	50 %
9	Queijo	31 %	70 %	51 %
10	Leite	46 %	50 %	48 %
11	Ovos	52 %	40 %	46 %
12	Carne verde	36 %	50 %	43 %
13	Toucinho	40 %	42 %	41 %
14	Café	28 %	54 %	41 %
15	Polvilho	25 %	50 %	38 %
16	Batatinha	50 %	25 %	37 %
17	Sal	—	37 %	37 %
18	Xarque	20 %	50 %	35 %

Não foram feitas com a mesma precisão identicas observações sobre outros mercados ; entretanto, por informações colhidas a grosso modo, sabe-se que, na praça de Corumbá, alguns generos, os produzidos no proprio Estado, são mais caros que em Cuyubá cerca de 5% a 30 %; verificando-se o inverso até 40 % com os considerados de importação procedentes de S. Paulo.

Os mezes do anno em que os generos de producção matto-gros-sense experimentam maiores preços precedem geralmente ás épocas das colheitas, determinantes de baixas nos generos agricolas. A maior ou menor abundancia de pastagens, reguladas pelas chuvas e estiagens, é que influem sobre os productos da pecuaria, sobretudo leite, queijo e manteiga, mais caros na estação secca do anno.

O inicio das colheitas e sua duração no Estado, o periodo das safras dos generos da lavoura, variavel com os productos, vae de março a maio para o arroz e o milho ; de junho a setembro, o assucar ; de abril a julho, em duas épocas, feijão ; maio a julho, café ; e janeiro a março, batatinha, accentuando-se a elevação dos preços antes dessas épocas.

Assim, influenciados tambem por outros factores de menor monta, observou-se os maiores preços da cebola, de fevereiro a abril ; da farinha de milho, em janeiro, outubro e novembro ; do milho, em fevereiro ; feijão, janeiro a maio ; farinha de mandioca, maio a novembro ;

assucar, dezembro a maio; arroz, agosto a fevereiro; trigo, maio a julho; café, julho a setembro, em consequencia de influencia de sua valorização; polvilho, janeiro e maio a julho; a batatinha, de março a setembro, coincidindo, portanto, os maiores preços com os ultimos mezes precedentes das colheitas.

A procedencia do producto não influe senão em relação ás distancias percorridas, nas oscillações dos preços, tornando-se, ás vezes, apreciavel em consequencia da escassez de generos produzidos nas proximidades dos mercados, unicos que poderiam fazer vantajosa concurrencia.

Os generos importados soffrem a influencia dos preços correntes em seus mercados de origem, sobretudo quando a época permite facilidade de importação, e do mesmo modo as cotações obtidas pelo matte, gado em pé, carne, etc., nos mercados importadores, concorrem, nem sempre de modo apreciavel, para as oscillações dos preços das utilidades alimenticias consumidas no Estado.

Influencia dos factores climatericos sobre a variação dos preços

As enchentes em Matto Grosso são factores climaticos sobremodo prejudiciaes, causando damnos nunca comparaveis aos das estiagens.

Não só difficultam e impedem mesmo a circulação dos productos agricolas dos centros productores para os consumidores, como, peor ainda, destroem as plantações por ellas attingidas.

As colheitas de milho e arroz, muito prejudicadas por esse flagello, experimentam, por isso mesmo, esses productos, oscillações desordenadas nos mercados, alcançando o dobro e mais dos preços communs nas épocas das safras, em annos taes, no mesmo periodo.

As estiagens, mais ou menos prolongadas, offerecem obstaculos á navegação fluvial e contribuem dessa fôrma para alterações nos preços dos generos de consumo.

O leite, o queijo etc., encarecem e se tornam quasi sempre escassos em consequencia do máo estado das pastagens, então damnificadas.

Influencia da fertilidade do sólo sobre a variação dos preços

As terras matto-grossenses, de afamada fertilidade e elevada capacidade productora, não influem directamente na formação dos preços, pois não concorrem ainda por si só para o encarecimento do custo da produção.

Ha muita terra boa e de primeira ordem ainda inaproveitada, esperando, sem duvida, economicos meios de transporte para virem a ser cultivadas.

A fórma de exploração agricola corrente, aggravada pelo problema dos braços e dificuldades de transporte dos afastados centros productores para os mercados consumidores, encarecendo o custo da produção, é que concorre e de modo decisivo para a relativa estabilidade da produção e oscillação dos preços nos mercados.

Influencia da densidade da população sobre a variação dos preços

O crescimento médio annual da população, de 1872 a 1920, collocando Matto Grosso em oitavo logar no paiz e acima da média geral, mostra bem o seu desenvolvimento, 0,0299 annualmente, e sem duvida justificarla uma manifesta influencia desse factor na formação dos preços se a densidade da população do Estado não fosse, como é, insignificante, a menor do Brasil, 0,179 de habitantes por kilometro quadrado.

O augmento médio annual da população da Capital, naturalmente inferior ao de Corumbá, que de 1890 a 1900 foi de 0,0680, baixou em 1920 a 0,0217, estando Cuyabá neste particular em decimo quinto logar em relação ás demais capitães, inclusive a Federal.

Não se pôde com a necessaria segurança avaliar a produção agricola *per capita*; entretanto, registando-se melhoramentos culturaes, certo que em reduzida escala, nas lavouras da canna e do arroz de alguns municipios, é natural que o crescimento annual da população, contraposto á sua pequena densidade, só venha influindo e de modo pouco apreciaavel sobre os preços de alguns generos produzidos no Estado, isto porque os entraves oppostos á exportação limitam a produção da maioria dos generos alimenticios ás necessidades do consumo.

Exame e mecanismo dos mercados

Os dois maiores mercados do Estado, Cuyabá e Corumbá, são abastecidos pela produção de seus próprios municípios e principalmente de outros, exportando esse ultimo para os mercados platinos e paulistas parte do que adquire.

Os mercados de Ponta Porá, Bella Vista, Porto Murtinho, etc., são exportadores de gado e herva matte.

As relações entre os grandes, medios e pequenos lavradores com os commerciantes divergem.

Consideram grandes e medios lavradores aquelles que, pela capacidade de sua produção, dispõem de elementos proprios para permittir á produção melhor collocação nos mercados.

Esses, afora a criação, dedicam-se especialmente á exploração da herva-matte e ao cultivo da canna.

São os que vendem em grosso e nos proprios mercados internos, quando não nos externos, aos commerciantes-capitalistas, fornecedores dos negociantes.

Os menores lavradores ou os pequenos productores transigem com esses negociantes menos abastados e directamente com os “mascates” proprietarios de pequenas lanchas que adquirem productos *in loco*, revendendo-os nas praças.

Não foram ainda praticadas operações de warrantagem sobre a produção agricola.

Os contractos de compra e venda na folha ou das colheitas pendentes não são usuaes, entretanto é commum os pequenos lavradores abastecerem-se a credito, ficando na obrigação de vender a parte disponivel de sua produção aos seus fornecedores, após a colheita.

Desse modo fica, sem duvida, boa parte desses productores á mercê dos fornecedores ou “patrões”, pois estes, quando mais gananciosos, fazem o fornecimento a preços elevados, ás vezes dobrados, sob a allegação da espera de até um anno para o reembolso do capital em mercadorias á menor valia.

Esse systema sobremodo prejudicial á economia dos pequenos productores e reflexivamente dos consumidores, encontra, infelizmente, amparo nas difficuldades de transporte e nos proprios impostos municipaes de entradas dos productos nos mercados.

Os negociantes e os "maseates", syrios em grande maioria, são os que dispõem de *tropas* e de *lanchas* para transportar os productos adquiridos aos mercados mais ou menos afastados, e para que esse serviço fosse feito pelo proprio pequeno productor, os fretes discrecionarios, naturalmente impostos, absorveriam os lucros.

A Municipalidade de Cuyabá vem desenvolvendo, fazendo jús a louvores, certa acção no sentido de estimular a procura do mercado pelo pequeno productor; entretanto, sendo elevado o imposto cobrado sobre o valor do producto ao preço do dia, o alcance desse *desideratum* depende naturalmente da adopção desse imposto sómente para os intermediarios ou, ao menos, de sua diminuição para os productores directamente attrahidos ao mercado.

Alguns municipios isentam de impostos os productos da pequena lavoura.

Os pagamentos são em mercadorias e a dinheiro, havendo municipios, como Rosario, Livramento, Diamantino e outros, em que, depois da depreciação da borracha, tornou-se a moeda de tal inodo escassa que predomina o regimen da permuta.

Classificação commercial dos productos agricolas

Em taes condições, não admira que os productos da lavoura e da pecuaria pouco se imponham pela qualidade, dentro do proprio Estado, onde a exigencia do consumidor é minima e as concurrencias são devidas antes ao preço da unidade que á qualidade e beneficiamento do producto.

Não ha, pois, classificação commercial adoptada para os productos agricolas; entretanto, a concurrencia que soffrem nos mercados externos os generos de exportação mostra eloquentemente a necessidade dessa medida.

O commercio do gado em pé é um exemplo.

Minas, S. Paulo e especialmente o Rio Grande do Sul levam vantagens avultadas sobre Matto Grosso, nessa mercadoria.

Crises agricolas e commerciaes

O rythmo das crises commerciaes e agricolas no Estado tem escapado á observação; entretanto, com maior ou menor intensidade se manifestam desde muitos annos.

O desequilíbrio entre a oferta e a procura e entre a produção e consumo é, antes, devido a causas objectivas que subjectivas.

O productor sensato, mal servido de meios de transporte e sem facilidade de credito que estimule sua actividade, não se arrisca a produzir mais do que pôde vender e consumir, e se tal acontece é em consequencia do imprevisto.

As crises agricolas surgem ora devido ás enchentes destruidoras das colheitas, ora a superprodução em alguns municipios que se vêm privados de meios para a exportação.

Annos ha de sensível escassez de generos nos principaes centros consumidores, emquanto, á mingua de transporte, se perdem nos productores; são os de prolongadas estiagens que difficultam a navegação fluvial, ou de abundantes aguaceiros que, inutilizando as estradas e caminhos, impedem o transporte dos productos da lavoura para os portos e mercados consumidores.

Os productos da industria extractiva, destinados á exportação, sob a influencia das cotações obtidas nos mercados importadores, estão sujeitos a crises intensas e de consequencias as mais desastrosas.

E' o case da borracha — outr'ora fonte de consideravel opulencia de zonas hoje votadas ao mais calamitoso abandono.

A industria pastoril, embora contribuindo com cerca de metade da exportação total do Estado, está a exigir maior attenção. Sofre as consequencias de vantajosas concurrencias nos mercados importadores, e além dos entraves offerecidos á sua exportação, é dizimada annualmente por inimigos como a aphtosa nos bovinos, no planalto, e a peste de cadeiras nos equinos, nos pantanaes, concorrendo mais que todos os outros factores para as crises que a têm assoberbado.

O desenvolvimento de sua exploração e commercio exige não só facilidades de transporte como melhoramento dos rebanhos.

O criador, em geral, não é agricultor; compra quasi todos os generos para o seu consumo, e assim a phase de promissora prosperidade experimentada nas épocas de gado a bom preço é sempre succedida, aggravada pela imprevidencia dos grandes dispendios, por crises tremendas.

A herva matte tem sua exploração em quasi totalidade nas mãos de poderosa companhia; é industria florescente, constituindo o valor de sua exportação mais ou menos a quarta parte do total da do Estado.

A ipecacuanha, depois da desvalorização da borracha, sobretudo, tornou-se exploração de relativo vulto, a ella dedicando-se parte do pessoal até então seringueiro e caúcheiro, — os que resistiram ao movimento emigratorio dos trabalhadores adventicios.

A immobilização de capitaes com a montagem de usinas para o fabrico do assucar e do alcool não deu, máo grado a falta de meios circulantes, origem a crises de maior monta.

As “aperturas” dos usinciros são devidas á escassez de bons e permanentes trabalhadores e não a crises commerciaes.

As usinas estão relativamente bem situadas e os seus productos são na totalidade consumidos no Estado, dependendo os preços da maior ou menor safra, que, por sua vez, está sujeita aos effeitos das enchentes.

A zona sul do Estado importa ainda, via S. Paulo, grande parte do assucar que consome.

Ha annos passados eram tambem causas de crises—flagello dos lavradores—as revoluções politicas e falta de garantias individuaes em alguns pontos.

Felizmente taes anormalidades sociaes cessaram, para a grandeza moral e economica de Matto Grosso.

Da facilidade de exportação depende em sua maior parte a solução das crises agricolas e da valorização dos productos da industria extractiva e pastoril a menor probabilidade das crises commerciaes. Esses elementos reunidos á fertilidade e clima das terras matto-grossenses attrahirão, sem duvida, o desejado braço, offerecendo favoraveis condições ao emprego de capitaes.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

O maior entorpecimento da vida economico-social de Matto Grosso é a escassez de communicações que facilitem os transportes para os centros commerciaes internos e externos.

O problema, em face da complexidade dos factores em jogo, avultando a extensão territorial e pequena densidade da população, só pôde ser resolvido muito lentamente.

Felizmente a partir de 1905 vem sendo razoavelmente encarado.

O centro e o norte do Estado vivem ainda segregados. O sul, entretanto, já tem o problema em parte resolvido pela E. F. Noroeste do Brasil, apesar dos municipios de Nioac, Bella Vista e Sant'Anna do Paranyha soffrerem ainda em sua mais ampla extensão os effeitos do isolamento.

Os transportes, que eram feitos sómente por navegação fluvial e pessimos caminhos, são hoje tambem por estradas de ferro e de rodagem, embora absolutamente insufficientes.

A navegação é o factor de maior importancia economica do Estado, dispondo esse de extensa e magnifica rêde fluvial.

O rio Paraná, exigindo ainda cuidados sanitarios, especialmente por occasião de sua vasante, serve ao sudoeste do Estado e proporciona, com os seus afluentes, para mais de 1.000 kilometros navegaveis, sendo:

Confluencia do Rio Grande e Paranyha ao salto de	
Urubú-Pungá	70 kilometros
Urubú-Pungá a Sete Quedas	520 »
Nos rios Pardo e Anhandahy até Porto Alegre.	205 »
No Ivinhema e afluentes até Porto de Iguassú, no rio	
Brilhante.	160 »
De Amambuhy Guassú até Epitacio Pessôa.	70 »

ou, segundo A. Marques (*Matto Grosso — seus recursos naturaes — seu futuro economico*):

De Jupia ao salto de Sete Quedas.	600 kilometros
Nos rios Pardos e Anhanduhy	310 »
No rio Ivinhema	300 »
No rio Brilhante.	80 »
No rio Amambuhy.	110 »

Essa rêde fluvial é servida por embarcações da Companhia São Paulo-Matto Grosso com tres a quatro vapores que transportam passageiros e productos de abaixo de Urubú-Pungá a E. F. Noroeste, percorrendo 1.000 kilometros.

Serve-se dessa via fluvial a Empreza Matté-Laranjeira.

O rio Paraguay, ramificado pelos principaes centros productores do Estado, é navegavel durante todo o anno, permittindo seus afluentes navegações regulares no tempo das aguas.

As principaes linhas de navegação dessa rêde são: — *Corumbá a Montevidéo, Corumbá a Porto Esperança, Corumbá a Cuyabá, Corumbá a S. Luiz de Cáceres e Corumbá a Porto Murtinho.*

As distancias navegaveis são:

Da foz do Apa á barra velha de S. Lourenço.	764 kilometros
Barra de S. Lourenço á de Sepotuba	420 >
Barra de Sepotuba á barra do Cuyabá.	151 —
Barra do Cuyabá á Capital	477 >
Rio Miranda	280 >
Rio Aquidauanna, affluente do Miranda	161 >
Rio Taquary.	220 >

Os rios Jaurú, Piquiry, S. Lourenço e outros só são navegaveis por pequenas embarcações.

Nessa importante rêde de navegação fluvial trafegam, além das lanchas e pequenas embarcações particulares, vapores do Lloyd Brasileiro e da Companhia Argentina de Navegação Nicolas Mikanovich Ltd., que fazem a linha Corumbá-Montevidéo, passando por Assumpção e lanchas da Agencia Geral de Despachos, Boaibad & Irmão, etc., dentro do Estado.

Accidentalmente é o porto de Corumbá visitado por vapores argentinos e paraguayos.

Os productos do extremo norte são por via fluvial transportados pelos rios Guaporé-Mamoré e afluentes, francamente navegaveis até alcançar as aguas do Madeira, num percurso superior a 1.300 kilometros.

O rio Araguaya será o escoadouro dos productos do nordéste do Estado para Belém.

A navegação do rio Cuyabá, uma das arterias de maior importancia para o Estado, está a exigir a maior attenção.

O esboroamento de suas margens vem, dia a dia, prejudicando suas condições de navegabilidade, tornando difficil e incerta a navegação e desse modo definhando a economia de toda a enorme região a que serve de forçado escoadouro.

As viagens são mais facéis de novembro a maio, mezes chuvosos, porém nos ultimos mezes das seccas a navegação só é permittida a embarcações de reduzido calado.

Actualmente servem ao Estado a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a Madeira-Mamoré. A primeira, numa extensão de 804 ki-

lometros construidos no Estado, servindo aos municipios de Tres Lagôas, Campo Grande, Aquidauana, Miranda e Porto Esperança, é o maior escoadouro dos productos matto-grossenses para os mercados paulistas.

O ponto terminal será a cidade de Corumbá. E a segunda, situada no extremo norte, com um total de 364 kilometros, quasi toda em territorio do Estado, marginando o encachoeirado dos rios que lhe deram o nome, além de receber pelo rio Beni, na Villa Murтинho, productos bolivianos, liga a parte navegavel dos rios Madeira e Mamoré.

E' insufficiente para tão vasto territorio a kilometragem de vias ferreas, havendo, porém, diversas concessões para construcções que, uma vez executadas, trarão estímulo á colonização e producção de Matto Grosso.

No livro *Matto Grosso, seus recursos naturaes — seu futuro economico* A. Marques relaciona as estradas de rodagem, estradas carroçaveis e caminhos existentes no Estado, considerando entre as primeiras, por permittirem viagens de automoveis, etc., durante as seccas, as seguintes:

Tres Lagôas a Campo Grande	420	kilometros
Campo Grande ao Porto 15 de Novembro.	296	»
Campo Grande a Entre Rios	216	»
Campo Grande a Ponta Porã (fronteira do Paraguay)	360	»
Campo Grande a Aquidauana	150	»
Campo Grande a Bella Vista (fronteira do Paraguay)	468	»
Campo Grande a Miranda.	220	»
Campo Grande a Pantanal.	420	»
Aquidauana a Miranda.	67	»
Aquidauana a Nioac	102	»
Miranda a Ponta Porã (fronteira do Paraguay)	340	»
Margarida a Porto Murтинho (fronteira do Paraguay)	121	»
Margarida a Bella Vista (fronteira do Paraguay)	82	»
Nioac a Bella Vista (fronteira do Paraguay)	102	»
Bella Vista a Porto Murтинho (fronteira do Paraguay)	210	»
Corumbá a Ladario	6	»
Corumbá a Urucum.	20	»
Corumbá a Porto Suarez (Bolivia)	30	»
Cuyabá a Coxipó	6	»
Cuyabá a Santo Antonio do Rio Abaixo	31	»

As estradas carroçaveis e que, nem sempre, sem difficuldades e riscos permittem o trafego de vehiculos de carga são:

Cuyabá a Livramento	30	kilometros
Cuyabá a Chapada	60	>
Cuyabá a Rosario	132	>
S. Luiz de Caceres a Tapirapóan	154	>
Tapirapóan a Aldeia Queimada	42	>
Aldeia Queimada a Juruena	201	>
Aldeia Queimada a Capanema	130	>
Poconé a Cassange	47	>

Entre os caminhos que dão accesso a muares e bois de carga entre as povoações mais afastadas cita:

Cuyabá a Poconé	105	kilometros
Cuyabá a Registo do Araguaya	480	>
Cuyabá a S. Lourenço	239	>
Cuyabá a S. Luiz de Caceres	213	>
S. Luiz de Caceres a Matto Grosso	338	>
Rosario a Diamantino	60	>
Diamantino a Barra dos Bugres	186	>
Diamantino a Guajará-Mirim	1.500	>
Campo Grande a Coxim	320	>
Campo Grande a Sant'Anna do Parahyba	555	>
Coxim a Sant'Anna do Parahyba	390	>
Tres Lagôas a Sant'Anna do Parahyba	195	>

A Empreza Matte-Larangeira ligou Ponta Porã a differentes pontos do rio Paraná por estradas para o transporte de seus productos.

As condições naturaes do Estado facilitam sobremodo a construcção e conservação das estradas.

Os fretes variam muito na navegação fluvial e nos transportes em cargueiros e carretas. Uma carga pesando cerca de quatro arrobas paga ás vezes até \$750 por legua percorrida.

Na navegação fluvial regulam de Cuyabá a Corumbá \$100 por kilo, de S. Luiz de Caceres \$100 por kilo, de Coxim (rio Taquary) 18 por alqueire e de Porto Esperança, tambem a Corumbá, \$060 por kilo.

Na Noroeste do Brasil os fretes são bem supportados, convergindo as reclamações para deficiencia de vagões de carga, sempre sensiveis.

Imposto sobre os generos de consumo

Directamente não incidem sobre os generos de consumo multiplos impostos. Elevados, alguns determinam justas queixas não só dos productores como dos consumidores.

Os impostos federaes são os mesmos de toda parte. Os estaduaes incidem sobre a exportação e são em sua maioria *ad-valorem*, regulando de 3% a 15% para os generos de producção agricola, industria pastoril e extractiva.

Os impostos municipaes differem com as municipalidades, adoptando, algumas, taxas sobremodo pesadas, em detrimento da producção.

II — Custo da vida em relação aos artigos de alimentação

Carestia e custo da vida

De 1911 a 1921 a vida encareceu de modo apreciável, no Estado, notando-se, em relação á Capital, um augmento médio annual de 5,84 % sómente na alimentação.

A partir de 1922 verificou-se uma pequena tendencia de baixa nos preços dos generos alimenticios, tanto que o augmento médio annual desceu a 5,39 % até o segundo semestre de 1923.

Ao aggravamento dos preços das principaes utilidades não foram oppostas medidas de efeitos immediatos; entretanto não se pôde negar a influencia de certas medidas tomadas pelos poderes publicos e alguns particulares no sentido de provocar a procura dos mercados por productores arredios, concorrendo desse modo, não só para o estímulo da producção, como tambem para minorar o custo da vida em relação aos artigos de alimentação.

A inspeccoria agricola, interessada em facilitar o desenvolvimento da producção, tem empregado esforços no sentido de permittir ao producer a venda dos productos em boas ou, pelo menos, melhores condições.

Nesse sentido não ha descurado a propaganda do cooperativismo agricola e das feiras livres para os maiores centros consumidores, sobretudo a Capital.

O Estado tem procurado solução para o problema dos transportes, — o de influencia decisiva na vida economica de Matto Grosso, — já tendo feito algumas concessões.

E os particulares, zelando pelos proprios interesses, tambem já alguma cousa fizeram pelo combate á carestia da vida. E' o caso da firma Curvo & Irmãos, forçando a baixa da carne verde, de \$800 para \$500 o kilo.

O gado em pé era cotado a \$0\$ pelos mercantes, e isto trazia certas difficuldades á industria do charque, expellido por essa firma.

Nos municipios do norte havia completa paralyzação do negocio de gado, por falta de procura, e assim, aproveitando-se dessa circumstancia, estabeleceram quatro açougues na praça e passaram a fazer as acquisições naquelles centros, abrindo-lhes o mercado.

Alguns generos de importação, como o café e o sal, têm os seus preços mantidos em alta, por ser limitado o commercio a poucas casas importadoras. O assucar está não só sujeito ás organizações capitalisticas, como tambem a causas outras já estudadas.

Os productos da lavoura, de 1911 a 1921, augmentaram suas cotações de 18,33 % a 113,33 %, e os da pecuaria, com excepção do toucinho, que manteve a mesma cotação de 1911, de 8,33 % a 150 %.

Agora, mostra o quadro abaixo, comparativo dos annos de 1921 e 1922, relativa tendencia de baixa, tanto que, de 15 generos, sete obtiveram altas de 3,38 % a 78,95 % e oito experimentaram baixas de 6,67 % a 44,32 %.

Indice dos preços dos generos alimenticios no mercado varejista de Cuyabá, de 1921-1922

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILLAÇÕES	
		1921	1922	+ %	- %
1	Café.	100	178,95	78,95	—
2	Polvilho	100	158,23	58,28	—
3	Assucar.	100	142,50	42,50	—
4	Batatinha	100	137,84	37,84	—
5	Carne secca	100	136,30	36,30	—
6	Leite	100	115,63	15,63	—
7	Carne verde	100	103,33	3,33	—
8	Bacalhau	100	93,33	—	6,67
9	Ovos	100	93,15	—	6,85
10	Toucinho	100	81,30	—	18,70
11	Arroz	100	80,00	—	20,00
12	Milho	100	74,64	—	25,36
13	Queijo	100	68,42	—	31,58
14	Farinha de mandioca	100	62,22	—	37,78
15	Feijão	100	55,68	—	44,32
	Média total.	100	105,44	5,44	—

O augmento médio foi, como mostra o quadro acima, de 5,44 % em 1922, observando-se maior tendencia de baixa nos generos de produção local.

Comparando-se agora os preços correntes durante o primeiro semestre de 1922 e 1923, observa-se continuar a tendencia de baixa, pois o augmento foi apenas de 0,86 %.

Índice dos preços de generos alimenticios no mercado varejista de Cuyabá entre o 1º semestre de 1922-1923

NUMERO DE ORDEM	GENEROS	PREÇOS MEDIOS		OSCILAÇÕES	
		1922	1923	+ %	- %
1	Cebola	100	141,17	41,17	—
2	Café.	100	131,03	31,03	—
3	Queijo	100	121,75	21,75	—
4	Leite	100	106,03	6,03	—
5	Feijão	100	105,40	5,40	—
6	Ovos	100	105,00	5,00	—
7	Batatinha	100	104,34	4,34	—
8	Toucinho	100	102,56	2,56	—
9	Arroz	100	100,00	—	—
10	Assucar.	100	100,00	—	—
11	Bacalhau	100	100,00	—	—
12	Carne secca	100	94,73	—	5,27
13	Fubá de milho	100	90,00	—	10,00
14	Milho	100	90,00	—	10,00
15	Polvilho	100	83,33	—	16,67
16	Farinha de mandioca	100	76,92	—	23,08
17	Carne verde	100	62,50	—	37,50
	Média total	100	100,86	0,86	—

Nota-se nesse quadro que, de 17 generos, oito foram accrescidos de 2,56 % a 41,17 %, tres conservaram os preços anteriores e seis tiveram seus preços diminuidos de 5,27 % a 37,50 %.

O exame dos numeros indices obtidos

1911-1921.	153,40
1921-1922.	105,44
1922-1923.	100,86

revelando baixa, indica, sem duvida, uma relativa melhoria no custo da alimentação, concorrendo para isso, além dos factores apontados, poderosamente, os prejuizos resultantes da exportação de alguns generos agricolas para o mercado de Corumbá.

Os fretes e impostos, e sobretudo o difficil transporte, absorvem os lucros.

III — Relação das principaes casas exportadoras do Estado do Matto Grosso

PRODUCTOS	FIRMAS	ENDEREÇO
Algodão	Antonio Torquato	Cuyabá.
Borracha	Alexandre Ador & Comp.	>
>	Arthur Josetti.	>
>	Orlando, Irmãos & Comp.	>
Couros e pelles	Curvo & Irmãos.	>
> > >	Orlando, Irmãos & Comp.	>
> > >	M. Cavassa Filho & Comp.	Corumbá.
> > >	Mouaco & Comp.	>
> > >	Curvo & Irmãos.	>
> > >	G. C. Dickinson & Comp.	>
> > >	Pereira Sobrinho & Comp.	>
> > >	Garzoni & Comp.	>
> > >	Nicola Calabria & Comp.	>
> > >	Milken Lottzi & Primo	>
> > >	Tenu Geraisati.	>
> > >	José Dule & Comp.	Caceres.
> > >	Moalli & Grosso Ledoema	Porto Murtinho.
Ipecacuanha	Orlando, Irmãos & Comp.	Cuyabá.
>	Curvo & Comp.	Caceres.
>	José Dule & Comp.	>
Minerios	Henrique Hesslein.	Cuyabá.
Xarqe, etc. . . .	Curvo & Irmãos	>
> >	Curvo & Irmãos	Corumbá.
> >	G. S. Dickson & C.	>
> >	Moalli & Grosso Ledoema	Porto Murtinho.



TERRITORIO DO ACRE

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados.

Oscillações dos preços e suas causas.

Crises agricolas e commerciaes.

Exame e mecanismo dos mercados.

Transporte dos productos agricolas — Fretes.

Impostos sobre os generos de produção e consumo.

II — Relação das principaes casas exportadoras do Territorio

I — Circulação dos productos agricolas

Generos alimenticios de maior consumo e abastecimento dos mercados

Os generos alimenticios de maior consumo são: farinha de mandioca, feijão, arroz, carne, peixe, café, assucar, rapadura, banha, sal e, indirectamente, milho.

Esses generos eram importados em sua quasi totalidade, antes de 1915, por intermedio das praças de Belém e Manáos, que a seu turno os importavam de varios pontos do paiz e do estrangeiro, sendo que até o feijão, de producção facil e remuneradora, era importado todo de Portugal.

A borracha até então mantendo bom preço dava para tudo. Depois daquelle anno, a lavoura local, se enriquecendo com os braços que, abandonando a extracção da gomma elastica, então em baixa accentuada, começou a fornecer muitos daquelles generos, chegando, depois de 1917, a fornecer para o consumo do municipio: todo o feijão e milho, quasi toda a farinha, muito assucar de typo baixo e succedaneos, algum arroz e café.

A carne e o peixe eram e são ainda, em parte, fornecidos por lavradores que criam e pescam quando ha oportunidade.

Continúa, entretanto, a importação de quasi todo o café, algum assucar branco, arroz, farinha d'agua e banha, sempre por intermedio das praças referidas, e gado bovino em pé, da Bolivia.

Todos os generos importados, á excepção do sal, poderiam ser produzidos no Territorio em quantidade sufficiente, não só para o consumo proprio como para a exportação, dependendo da intensificação da producção, que só poderá ser feita quando houver braços, que, mesmo nos tempos da bella perspectiva de remuneradores lucros na extracção da borracha, a lavoura não fique desanparada delles.

Isso, porém, é um facto que só se poderá dar pela evolução natural da população, visto não se poder presumir que a corrente immigratoria estrangeira, agora que a fonte habitual de fornecimento de braços á Amazonia — o Nordéste — está fechada para esse effeito, com as promissoras providencias ali encetadas contra as seccas, modifique sua direcção, dirigindo-se para essa zona que, além de seus defeitos naturaes, tem sido muito calumniada, deixando de dirigir-se para outras circumscripções nacionaes, onde, innegavelmente, melhor se adaptam.

Oscillações dos preços e suas causas

As oscillações das cotações dos generos obedecem a varios factores, — geraes uns e privativos outros da zona —, merecendo maior attenção os sêguintes:

As grandes variações dos preços da borracha, cuja extracção, quando esse preço é elevado, attrahe para si todos os braços disponíveis, causando o abandono da lavoura, cujos supprimentos têm de ser substituidos por generos importados, os quaes, devido ao frete fluvial, são vendidos muito caros, ou quando esse preço é baixo e não compensa os extractores, voltam-se todos para a lavoura, resultando uma superprodução que, á falta de meios de exportação, traz a superabundancia no mercado e consequente baixa.

As grandes enchentes dos rios amazonicos — que em indeterminados annos inundam as grandes varzeas adjacentes onde são feitas, geralmente, as plantações, — destruindo grande parte dellas, dão logar a muita falta de feijão, milho e farinha até julho, outubro e novembro, respectivamente, épocas em que, devido ás novas e abundantes plantações feitas nas excellentes praias alluviaes, ha grandê fartura desses generos e consequente baixa.

Não chegando as enchentes em alguns annos para cobrir as praias, deixando-as cheias de matto, irregulares e improprias para serem livremente plantadas de feijão, milho e de mandioca, ha redução da área cultivada e escasseando a producção verifica-se alta desses generos.

As condições climaticas dos mezes de junho, julho e agosto (épocas das seccas), muito variaveis, — uns annos amenizadas por algumas chuvas e *friagens* chuvosas, beneficas á lavoura das praias

nesse periodo, outros annos com escassez ou ausencia de taes phenomenos, como no presente, em que houve 33 dias consecutivos de sol em junho e julho, prejudicando as plantações, — regulam a falta ou abundancia de certos productos agricolas locais.

As condições excepcionaes do Acre, não podendo exportar productos de baixo preço por não comportarem os altos fretes fluviaes correntes na região e nem importal-os na época das seccas, quando ha escassez delles, porque os fretes citados tornal-os-iam carissimos, limitam a produção ás necessidades do consumo.

Não dispondo os agricultores de meios para immunizarem seus productos, muitos sujeitos á deterioração, quer pela grande quantidade de insectos e fungos existentes e que lhes são nocivos, quer pelas injurias de um clima quente e humido, vendo-se obrigados a disporem, logo após a colheita, de seus productos, o que provoca repentina baixa delles, vendendo-os aos commerciantes que podem acondicional-os em frisqueiras, receptaculos de vidro de capacidade de 24 e 25 litros, e que arrolhados e lacrados garantem contra a deterioração, sendo este o unico meio que tem dado positivos resultados para aquelle fim, mas que não está ao alcance dos lavradores, pois custando actualmente 8\$ cada frisqueira, torna-se muito dispendiosa a conservação de cereaes por tal systema.

Todos os factores citados acima, conjugados irregularmente e sem uma sequencia periodica, fazem com que as oscillações dos preços dos generos sejam grandes, ás vezes bruscas e não obedecendo a épocas determinadas do anuo nem ás condições dos mercados externos, conforme se passa a considerar.

O feijão plantado, em sua maior parte, nas praias e cuja variedade a ellas mais adaptavel — o feijão de corda nu ervilhaca — tomou o nome de *feijão de praia*, nos mezes de abril e maio, começa a apresentar-se ao consumo em julho, dependendo sua maior ou menor colheita da boa ou má formação de praias e das condições climaticas dos mezes de junho, julho e agosto.

Foi vendido até 1915, nos aureos tempos da alta cotacão da borracha, sempre a 1\$500 e a 2\$ na cidade e a 2\$ e a 4\$ nos seringaes.

Dessa época para cá vem baixando devido ao grande numero de pessoas que, abandonando a industria extractiva da borracha, se dedicaram á lavoura.

Em 1917 e 1918, nos mezes de julho, agosto, setembro e outubro, deu sómente \$100 por kilo, não só devido a esse mesmo factor como pelas condições climaticas, dos mezes de junho, julho e agosto, favoraveis ás plantações dessa leguminosa.

Nesses annos, não obstante os altos preços alcançados fóra, por falta de meios de exportação, manteve-se sempre baixo e a colheita foi em parte inaproveitada.

Continuou a baixar em 1919, 1920 e 1921, exceptuados pequenos periodos fóra da safra, em que tinha pequena reacção para alta, chegando a ser cotado em agosto, setembro e outubro de 1922 a \$50 o kilo, para as compras dos commerciantes aos productores, devido á concorrência de todas as difficuldades economicas que então se congregaram contra o Acre.

Dahi para cá vem subindo de preço, sendo vendido em agosto presente, pelo commerciante ao consumidor, a varejo, a 1\$200 por kilo.

Essé preço, que se pôde considerar alto, com a chegada da nova safra, está em tendencia de baixa, que virá certamente, mas que será pequena e não se accentuará, pois a colheita não pôde ser grande devido á falta de braços e não ter havido boas praias por ausencia de grandes cheias nos rios, aggravadas as condições climaticas dos mezes de junho a agosto, extremamente rigorosas para a lavoura.

A farinha, producto da mandioca, que dá admiravelmente, sendo plantada em "roçados" e "praias altas", naquelles cerca de 75% e nestas de 25%, tem tambem oscillado muito em suas cotações durante os ultimos annos.

As "alagações" (inundações), cobrindo todas as praias altas, onde mais se planta mandioca, destruindo muitos mandiocaes, determinaram falta e natural alta do preço da farinha até os mezes de dezembro desses annos, época em que, desmanchados muitos mandiocaes plantados nas boas praias deixadas por aquellas alagações, em abril e maio, houve pequenas baixas nas cotações do producto.

E' de relevancia notar que existem na região variedades de mandioca podendo produzir boa farinha até seis mezes após a plantação.

Nas épocas de escassez de farinha nos annos citados ella deu até 25\$ por alqueire de 40 litros, muitos se abstando de seu consumo, visto a precariedade da economia particular; naquelle tempo em plena crise acreana.

Depois disso, em virtude dos factores economicos citados, ella tem vindo baixando de cotação, chegando, nos começos do presente anno, quasi a não achar comprador a 2\$500 por alqueire.

Presentemente está em alta, não só pela falta de quem se dedique á lavoura, como porque este anno as enchentes foram pequenas e não deixaram praias em condições de plantar-se mandioca.

Alfóra esses factores extemporaneos, reproduzidos com alguma frequencia, geralmente a farinha começa a baixar em dezembro com a entrada de “farinha das praias” e de “roçados”, mantendo-se nessa baixa até agosto, quando exgotado seu *stock* e não tendo os lavradores tempo de “desmancharem” mandioca, por estarem então distrahiridos com os trabalhos de novos roçados, ella começa subir gradativamente até dezembro, quando fecha o cyclo da evolução natural de suas cotações.

O arroz foi colhido em pequena quantidade este anno, devido não só ao desanimo dos lavradores em plantal-o na expectativa de preços infimos, até \$250 por kilo em fevereiro e março do anno passado, beneficiado penosamente em pilões manuaes, e, de maior ataque da “sécca”, molestia que tem por agente uma pequena lagarta que, seccionando-lhe a haste, faz seccar a parte de cima do logar em que foi atacada.

Planta-se o arroz de setembro a dezembro e a força maior de sua incursão no mercado é em fevereiro e março.

Actualmente está sendo vendido a varejo, pelos commerciantes, a \$800 por kilo, producto da safra passada, da qual são os actuaes detentores.

O milho tem a sua producção mais estavel, pois sendo plantado sempre em roçados, excepto pequena quantidade em praias, de setembro a dezembro, neste mez excepcionalmente, fica a coberto dos inconvenientes das “alagações” e tem o seu cyclo vegetativo em um periodo de tempo de condições climaticas mais firmes e regulares, embora muito chuvoso, extremamente favoraveis.

Cômeça a apparecer no mercado em fevereiro, baixando então de preço progressivamente até junho, quando sobe de novo até outubro, época da entrada de algum milho de praia, nos annos em que o ha, mantém um pouco o seu preço, que por mais que quasi o mesmo até a entrada da safra seguinte, em fevereiro.

O milho, pelas mesmas causas citadas, esteve quasi sem preço em começo de 1921, quando foi comprado, por favor e a *troco*, por 1\$ oito mãos, ou cerca de 56 kilos de milho debulhado.

Actualmente está em grande alta, já pelo esgotamento da safra passada, já em consequencia dos factores enumerados, sendo cotado a \$600 o kilo, devendo subir até novembro, pelo menos, porque este anno ha muito pouco milho de praia.

O assucar consumido é de duas origens: a maior parte, comprehendendo assucar de typo baixo, rapadura e pouco assucar turbinado, de producção local, e a menor parte, sómente comprehendendo assucar branco turbinado, é importada de Pernambuco, por intermedio das praças fornecedoras do Territorio e sendo consumido exclusivamente pelas classes mais abastadas e em usos especiaes. Antes de 1915 esse artigo era todo importado.

Depois daquelle anno, com a crise da borracha e o accrescimo superior ao exigido para o consumo, chegando a fornecer todo o assucar baixo exigido pelo consumo local e mesmo mais, pois era commum em 1921 e 1922 cannaviaes seccando por não convir aos lavradores o preço do assucar inferior, attendendo-se que os regularmente claros, mas não purgados, chegaram a ser vendidos a \$250 por kilo e isto mesmo e quasi sempre a *troco*.

Actualmente está sendo vendido a \$600, havendo probabilidades de alta.

Ha em Senna Madureira duas usinas, embora pequenas, bem montadas e fabricando cada uma, annualmente, 10.000 kilos de assucar turbinado de qualidade apreciavel.

O café consumido é quasi todo importado do Rio por intermedio das praças fornecedoras do Territorio, dependendo seu preço das condições nesse mercado.

Accrescido dos lucros commerciaes e fretes acreanos, é sempre vendido com apreciavel differença. Pequena parte do consumo é feita com café de producção local, bastante inferior áquelle, devido talvez á falta de pratica dos lavradores em tratá-lo durante o seccamento e ser elle beneficiado em pilões manuaes e não escolhido, sendo sempre vendido cerca de 20% mais barato que o do Rio. O café é um artigo que pôde ser plantado em quantidade para o con-

sumo e exportação nessa zona, annullando o seu preço corrente o maiores impecilhos que obstem outras culturas menos remuneradoras.

Os cafeeiros, embora duren relativamente pouco, carregam bem e precocemente (até durante o segundo anno depois de transplantado).

Seus fructos, porém, não amadurecem igualmente, exigindo colheitas parciaes.

O nomadismo que a alta ou baixa da borracha imprime á população acreana, que ora se dedica em peso á lavoura, ora a abandona para se dirigir aos seringaes, impede, porém, a cultura regular do café.

Uma cultura permanente não pôde ser feita por agricultores temporarios.

O peixe é um dos productos de producção local que, embora não seja originariamente agricola, mas sendo sempre pescado pelos agricultores ribeirinhos, influe na economia particular delles, e, além disso, sendo um dos principaes generos alimenticios da zona, merece attenção.

Soffre esse artigo as maiores oscillações em suas cotações porque ellas dependem da presença ou ausencia de "piracemas" nos rios.

As "piracemas" são grandes cardumes de peixes, de uma só ou de varias especies, que na época das vasantes dos rios e muito excepcionalmente nas cheias sobem os mesmos e que têm, ás vezes, algumas milhas de comprimento, fornecendo durante toda a sua viagem, cujo fim se desconhece, farto pescado ao habitante das margens, que, vendendo o que lhe sobra, traz tal barateamento nesse artigo que chega a ficar sem preço no mercado. Nos annos em que não ha "piracemas" escasseia o peixe no mercado, determinando essa escassez grande alta em seus preços, como no presente, em que tem sido sempre vendido no Mercado Publico a 2\$, por kilo, *in natura*.

Em regra, elle começa a baixar em junho, época do inicio das "piracemas" e mantem-se em baixo preço até dezembro, quando se enchem os rios, trazendo falta de peixe e consequente alta, que é mantida até junho seguinte. Este anno, não obstante o apparecimento de algumas "piracemas" regulares, o peixe se tem mantido alto, a 2\$ o kilo, isto devido á melhoria das condições financeiras dos

consumidores e tambem, actualmente, á extracção da borracha, está demandando actividade. Importam algum pirarucú, salgado e secco, do baixo Amazonas, sendo vendido presentemente a 3\$ o kilo, como o peixe salgado e secco de producção local, artigos esses que antes de 1915 foram sempre vendidos a 1\$ e a menos, por egual quantidade.

Quanto á carne "de caça", sempre fornecida de animaes sylvestres (antas, queixadas, canellas-ruivas, veados, caetetés, pacas, cotias, etc.), de preço pouco oscillante durante o anno, costuma soffrer pequena depressão de dezembro a março, pois nesse periodo, cessado o fabrico de borracha e desoccupados os lavradores do plantio dos roçados, muitos costumam entregar-se á caça, para aproveitarem o tempo.

Essa regra teve uma excepção no periodo 1922-1923, devido ao alto preço alcançado pela castanha do Pará, cuja extracção é feita em maior escala naquelles mezes, e que distrahiu, pelo seu bom preço, muitos braços de outros misteres, havendo portanto alguma falta de carne de caça no mercado, alcançando assim 2\$ por kilo, quando costuma ser vendida, ás vezes, até a \$500 peia mesma quantidade.

A carne de porco, importada toda em pé do baixo Amazonas antes de 1915, é hoje fornecida por porcos de criação local.

Nos passados annos de crise deu o minimo de 1\$500 por kilo e agora está sendo vendida a 2\$500, igual quantidade, devido aos varios factores economicos influindo para a alta de tudo.

A carne de cabrito e de carneiro é sempre bem vendida a 3\$ e a 3\$500 e provém toda de animaes de criação local.

A carne de vacca, outrora proveniente exclusivamente de animaes importados do baixo Amazonas e da Bolivia, em concorrência, e durante a crise acreana, dos incipientes rebanhos locais sacrificados ás prementes necessidades, com a melhoria das condições financeiras volta a ser importada, em pé, da Bolivia.

Está sendo vendida a 2\$500, quando antes de 1915 o foi por 4\$ e 5\$, e depois disso, nas épocas precarias, até a 1\$000.

Uma boiada comprada na Bolivia chega após tres mezes de viagem e por isso, não obstante ser adquirida baratissima, chega ao destino por bom preço, cerca de 180\$ cada boi de 200 kilos de carne magra e selvagem.

São bois grandes e de grandes armações e que engordados têm chegado a dar 400 kilos de carne gorda e boa. Os marechantes, embora as despesas, entre impostos e corte, orçam, por 50\$, ganham muito, pela falta de concorrência.

O sal é importado, inglês ou norte-riograndense, predominando o da última procedência. Como se trata de um artigo barato e o frete de verão viria encarecê-lo desproporcionalmente, é importado na época da cheia dos rios, quando ha navios até Senna Madureira.

Acontece, ás vezes, em tempo das seccas, haver falta desse imprescindível artigo e então os commerciantes aproveitam a occasião e conseguem vendê-lo, por alguns dias, como em setembro de 1921, a 1\$500 e a mais por kilo.

Fôra dessa excepcional emergência é sempre vendido num preço médio que orça por \$500 o kilo, como presentemente.

O pão de trigo só entra na alimentação em pequena quantidade.

O crescimento médio annual da população do Territorio não foi apurado; entretanto, a densidade da população, 0,608 de habitantes por kilometro quadrado, superior á dos Estados do Amazonas e Matto Grosso, attendendo-se as condições locais, é, sem duvida, indicio de progresso, mesmo que, por pequena ainda, não concorra para uma relativa estabilidade commercial.

A fertilidade das terras, em face do estado de sua exploração, em nada influe sobre a variação dos preços.

Crises agricolas e commerciaes

Nas crises agricolas quem soffre é a lavoura, tendo o commercio sua base economica fundada na borracha.

O desequilibrio entre a produção e o consumo, é sempre determinado pela alta da borracha, que afasta da lavoura muitos braços, deixando-a sem elementos, mas que permite com vantagem o supprimento de tudo que é necessario pela importação.

Quándo ha maior produção que consumo, pelas causas expostas, isto é, superabundancia de braços em relação ás necessidades de produção, más condições financeiras da população, isto é, devido igualmente á cotação da borracha em baixa. Então, os productos agricolas ficam quasi sem cotação, embora em outros pontos do paiz sejam seus

preços altamente remuneradores; não podem ser exportados devido aos altos fretes fluviaes, e em taes contingencias os lavradores, ou vendem seus productos em pessimas condições, ou os perdem totalmente nos “roçados”.

As crises amazonicas só têm uma origem: a baixa da borracha, problema bastante complexo e no qual não tem preponderante influencia nem a taxa cambial nem a maior ou menor produção na zona amazonica e que, parece, deve ser estudado nos centros revendedores e consumidores do estrangeiro.

Exame e mecanismo dos mercados

As relações commerciaes entre o productor e o revendedor são “as do necessitado com as do usurario”, pois os lavradores, sem capitães, desorganizados, sem instituições que os amparem e guiem, sem meios de preservarem seus productos da inutilização, vêem-se obrigados a dispor delles seja como fôr, sujeitando-se geralmente á *venda a troco*, engenhoso mecanismo usado pelo commercio, que paga assim suas compras com mercadorias em que ganha 20, 30 e 40%, pois a taxa de lucros commerciaes no Acre é proverbialmente elevada. No mercado local os pequenos lavradores vendem parte de seus productos, sendo ali todos tributados pela Intendencia Municipal.

Não são usadas *vendas na folha* ou *fructos pendentes*, salvo excepções, quer por contracto verbal, quer por escripto. O consumidor no Acre é pouco ou quasi nada exigente e sendo a população composta de filhos de todos os Estados brasileiros e de cerca de 20 paizes estrangeiros, ha paladares para tudo.

Predominando, porém, entre elles, os filhos do Nordeste brasileiro, ou seus descendentes, a farinha de mandioca representa a base da alimentação, como no logar donde são originarios, sendo ella preferida, nas zonas ruraes, *grossa*, e nas cidades, *fina*.

O feijão de uma só côr é sempre mais apreciado, *vermelho* ou *branco*, sendo de praia, e *pardinho*, sendo de arranca, que é a qualidade mais procurada, mas que tem o seu consumo reduzido pela sua pouca produção e consequente carestia.

Não houve até hoje iniciativa alguma que procurasse combater a carestia da vida, fosse particular, fosse publica, nem foram creadas

bolsas de mercadorias, feiras livres, etc., tendo sómente sido creada, por iniciativa da Inspectoria Agricola, uma Caixa Rural, systema Rail-feisen, cujo estado ainda incipiente não permite os resultados que se pôdem esperar.

Essa repartição, no intuito de orientar os interessados sobre as cotações dos principaes generos importados e a se exportar do Territorio e que affectam a economia local, mantém um serviço de informação permanente dos preços correntes nas praças de Manáos e de Belém.

Quanto ás medidas a serem postas em pratica no sentido de garantir uma boa venda nos principaes mercados compradores, relativamente á borracha, prendem-se á solução do intricado problema de sua baixa ou alta.

A fundação de mesas de rendas alfandegadas no Acre, diz o Inspector Agricola, permittindo as vendas desse artigo aos olhos do productor, é medida de bom alvitre, pois feitas em Manáos e Belém, como é actualmente, desde o engraxate retirando fragmentos dos volumes de borracha até os grandes commerciantes, com suas classificações ou *beneficiamentos*, e contas de vendas cheias de quebras, prejudicam o productor.

Relativamente aos productos agricolas, nas épocas de alta da borracha, como agora, torna-se desnecessaria qualquer medida áquelle respeito, determinando essa alta deficiencia da producção ante o consumo, por causas já expostas, elles são sempre bem vendidos; nas épocas da baixa da borracha, quando ha producção superior ao consumo, os productos agricolas só poderiam ser exportados si obtivessem fretes comportaveis pelos seus valores, e mais ainda, si contasse nas praças, — local, de Manáos e Belém, — com a eliminção de desca-bidas especulações.

Transporte dos productos agricolas

Fretes

Os meios de transporte no Acre, fluviaes ou terrestres, são sempre caros e máos.

Si em navios de pequeno calado e fraca tonelagem, propios para a navigação de seus rios, elles são merces e caros, em *motores* pequenos barcos de tractores de com uso interna, annexos, elles ainda o são mais, e em barcos a remos ainda mais.

Si terrestres, embora os caminhos, não cuidados e sem pontes, pondo em risco de vida os animaes que os trafegam, sejam transitaveis na época das seccas, na das chuvas tornam-se em grandes e interminaveis charcos, que só têm solução de continuidade para dar logar a trechos inundados.

Os inconvenientes da viação só poderão melhorar quando, intensificada a população, convenha construir-se estradas cujo trafego esteja em relação ao custo e o productor encontre o consumidor mais á mão.

Actualmente, e não raro, um pequeno lavrador sahe de casa e volve a ella depois de 20 dias de viagem em canôa, com um ou dois remadores, para conseguir vender 150\$ ou 200\$, acontecendo, ás vezes, perder nessa viagem devido ás más condições do mercado.

Para a exportação alcançou a Inspectoria Agricola do 21º Districto da *The Amazon River Steam Navigation Company Limited* a seguinte tabella provisoria para fretes de cereaes, etc., no intuito de desenvolver a agricultura nos altos rios :

De *Senna Madura* para *Manãos* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada (1.000 kilos)	45\$000
Jarina a granel ou em saccos, por tonelada	60\$000
Algodão em fardos, por 40 pés cubicos.	80\$000

De *Empreza* para *Manãos* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada.	45\$000
Jarina a granel ou em saccos, por tonelada	60\$000
Algodão em fardos, por 40 pés cubicos	80\$000

De *Xapury* para *Manãos* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada	60\$000
Jarina a granel, por tonelada	75\$000
Algodão em fardos, por 40 pés cubicos	100\$000

De *Senna Madura* para *Empreza* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada	25\$000
---	---------

De *Senna Madura* para *Xapury* :

Assucar, arroz, feijão, milho e farinha, por tonelada	35\$000
---	---------

De *Cruzeiro do Sul* e cidade de *Seabra* para *Manãos* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada	45\$000
Jarina a granel, por tonelada	5\$500
Algodão em fardos, por 40 pés cubicos	85\$000

De *S. Felippe* e portos intermediarios para *Manãos* :

Assucar, arroz, milho, feijão e farinha, por tonelada	35\$000
Jarina a granel, por tonelada	40\$000
Algodão em fardos, por 40 pés cubico	65\$000

De *S. Felippe* á cidade de *Seabra* :

Assucar, arroz, feijão, milho e farinha, por tonelada	30\$000
---	---------

De *Cruzeiro do Sul* á cidade de *Seabra* :

Assucar, arroz, feijão, milho e farinha, por tonelada	30\$000
---	---------

As taxas dessa tabella só serão applicadas a embarques de generos de producção local, mediante attestado do Sr. Inspector Agricola.

Essa concessão, embora vantajosa, não deu os resultados esperados e, não obstante serem os fretes cobrados o minimo talvez que a Companhia podia no momento conceder, continúa a Inspectoria pleiteando a approvação de uma nova tabella, que é a seguinte:

Para productos agricolas, em saccos ou volumes de 60 kilos :

De *Senna Madureira*, *Rio Branco*, *Cruzeiro do Sul* :

Cidade de <i>Seabra</i> e <i>Xapury</i> a <i>Manãos</i>	1\$500
Das mesmas procedencias a <i>Belém</i>	1\$700
De <i>Senna Madureira</i> a <i>Rio Branco</i> (Empreza).	\$700
De <i>Senna Madureira</i> a <i>Xapury</i>	\$900
De <i>Xapury</i> a <i>Rio Branco</i> (Empreza).	\$400
De <i>Cruzeiro do Sul</i> á cidade de <i>Seabra</i>	\$700

Com a consecução da tabella de fretes acima a favor, a ferrovia ficará mais apta que actualmente a dar escomento aos seus productos em caso de maior producção que consumo, e ao fôr necessário. Nos productos agricolas e nas mesmas condições da tabella acima deverá ser incluído o algodão, cuja producção tem sido consideravel no Territorio e que póde ter grande incremento.

Para a importação são adoptadas as seguintes tabellas:

Fretes de alguns generos de primeira necessidade, importados pelo municipio de Senna Madureira, segundo as tabellas da "Amazon River", durante a época de rios cheios

GENEROS	VOLUME	PESO — KILOS	FRETES ATÉ ESSA CIDADE	
			De Belém	De Manáos
Arroz	Sacca	75	10\$500	9\$000
Xarque.	Fardo	100	—	12\$000
Pirarucú	>	30	—	5\$000
Banha	Caixa	75	15\$500	11\$500
Farinha de mandioca	Encapado	30	3\$000	2\$400
> > trigo.	Sacca	45	9\$000	7\$000
Sal	>	25	2\$100	1\$800
Café.	>	60	8\$500	6\$500

Observações — O encapado contém um alqueire de 40 litros.

Fretes dos mesmos generos do porto de Manáos ao de Senna Madureira, durante a época das vasantes dos rios, na qual só ha navegação em navios até Bocca do Acre e dahi em diante em motores

GENEROS	VOLUME	PESO — KILOS	FRETES		TOTAL
			De navios até Bocca do Acre	De motores até S. Madu- reira \$150 por kilo	
Arroz.	Sacca	75	8\$000	11\$250	19\$250
Xarque	Fardo	100	10\$000	15\$000	25\$000
Pirarucú.	>	30	4\$000	4\$500	8\$500
Banha	Caixa	75	10\$000	11\$250	21\$250
Farinha de mandioca.	Encapado	30	2\$500	4\$500	7\$000
> > trigo	Sacca	45	6\$000	6\$750	12\$750
Sal	>	25	1\$500	3\$750	5\$250
Café	>	60	5\$500	9\$000	14\$500

Fretes de alguns generos de primeira necessidade de Mandios até os seringaes situados nos rios Yaco e Parús, em época de vasanto dos rios, nos quaes os mesmos têm de ser feitos por moteres desde a Bocca do Acre até os ditos seringaes

GENEROS	VOLUME	PESO — KILOS	FRETES		TOTAL
			Até Senna Madureira, inclusive frete de motor, acima de Bocca do Acre	Dessa cidade até o seringal, em moteres, \$150 por kilo	
Arroz	Sacca	75	19\$250	11\$250	30\$500
Xarque.	Fardo	100	25\$000	15\$000	40\$000
Pirarucú	>	30	8\$500	4\$500	13\$000
Banha	Caixa	75	21\$250	11\$250	32\$500
Farinha de mandioca	Encapado	30	7\$000	4\$500	11\$500
> > trigo.	Sacca	45	12\$750	6\$750	19\$500
Sal	>	25	5\$250	3\$750	9\$000
Café.	>	60	14\$500	9\$000	23\$500

Impostos sobre os generos de produção e consumo

Os impostos cobrados são os seguintes:

Municipaes — Fôro de terras pertencentes ao Património Municipal:

Na zona urbana, metro corrente, de frente, \$200; zona suburbana, 1.000 metros quadrados, \$100; zona rural, 1.000 metros quadrados, \$015 e na área do Mercado, metro quadrado, \$300.

Impostos cobrados no Mercado Publico — Assahy, garrafa \$020; abacaxi, unidade \$020; arroz descascado, kilo \$020; as-sucar, kilo \$020; azeite vegetal, litro \$010; bacaba, garrafa \$020; bananas, cento \$100; banca de verduras, uma, por mez, 10\$000; banca de café, uma, por mez 10\$000; carne de porco, kilo \$050; carne de carneiro, kilo \$300; carne de cabrito, kilo \$100; caça

fresca, kilo \$100 ; caça salgada, kilo \$050 ; côco verde, um \$100 ; castanha, kilo \$100 ; cebola, kilo \$500 ; feijão, sacca \$100 ; farinha, alqueire \$100 ; farinha de milho, kilo \$010 ; farinha de banana, kilo \$020 ; farinha de tapioca, kilo \$020 ; farinha de araruta, kilo \$020 ; galinha, uma \$200 ; gergelim, kilo \$020 ; gerimun (abobora), duzia \$100 ; jaboty, um \$200 ; leitão em pé, um \$500 ; laranja, cento \$100 ; lima, cento \$050 ; limão, cento \$100 ; mel de assucar, garrafa \$100 ; milho verde, mão \$010 ; mel de canna, garrafa \$010 ; mamão, duzia \$100 ; melancia, duzia \$100 ; macacheira (mandioca mansa), sacca \$100 ; oleo de patauá, garrafa \$040 ; oleo de copahyba ou andiroba, garrafa \$040 ; ovos de gallinha ou de tartaruga, duzia \$020 ; peixe fresco, kilo \$050 ; peixe salgado, kilo \$100 ; queijo, kilo 1\$200 e rapadura, kilo \$010 .

Cada boi abatido para o consumo paga: imposto de mercado 12\$; carreto (monopolio municipal), 5\$000 ; os marchantes pagam 100\$ de Industria e Profissão ; sendo que os bois importados pagam de entrada no municipio 2\$ por cabeça. Os porcos, além do imposto de mercado, pagam 2\$ de matadouro, 1\$ de carreto e importado 1\$, de entrada no municipio .

A castanha do Pará paga 3 % *ad valorem*, sendo exportada.

Os impostos federaes de exportação são sobre a borracha 10 % e sobre a castanha também 10 % *ad valorem*, cobrados nas alfandegas de Manáos e Belém .

II — Relação das principaes casas exportadoras
do Territorio do Acre

II — Relação das principaes casas exportadoras do Territorio do Acre

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREGO
Borracha	Pinho Certo filial	Senna Madureira	Avenida Centenario, 8.
»	Atala & Mifet.	»	» 42.
»	Faryde Caram.	»	» 14.
»	José Fares & Irmão	»	» 60.
»	Yemua Alloin.	»	» 24.
»	José Jacob Chama	»	» 30.
»	Habib Francis.	»	» 34.
»	José Jorge & Irmãos.	»	» 36.
»	Francisco Rage	»	» 44.
»	Raymundo Magalhães	»	» 1.
»	Felizardo & Comp.	»	» 21.
»	Rodrigues de Almeida	»	» 50.
»	Antonio Alvares Pereira	»	» 27.
»	Antonio Miguel	»	» 54.
»	Francisco Barreira Nanan	»	» 66.
»	Jomat & Comp.	»	» 70.
»	João Vicente	»	» 84.
»	Souza & Comp.	»	»
»	Elias Kury	Alto Purús	Rua Purús, 15.
»	Alexandre Bardalies.	»	» Xapury, 7.
»	Rodolpho Bader	»	Carolina.
»	José Faustino de Albuquerque.	»	Minas Geraes.
»	Roberto Barbosa.	»	Moacyr.
»	Pedro Joaquim de Sant'Anna	»	Sobral.
»	Claibony Furtado.	»	Triumpho.
»	Viuva Almeida & Filhos	»	Funi.
»	Meirelles & Comp	»	Fronteira do Cassianá.
»	Francisco Theophilo da Motta	»	Porto Mamoriá.
»	Frederico Jana	»	Bocca do Chandless.
»	Lima & Comp.	»	Reintegro — Chandless.
»	Albano Mesquita.	»	Aracaju.
»		»	S. Braz.

Borracha	Adelino Mattos	Alto Purus	Livre-nos-Deus.
"	Alexandre & Comp.	"	Santa Cruz.
"	Nunes & Irmão	"	Porto Central.
"	Manel Firmino de Carvalho	"	Reducto.
"	Amphristo V. Fernandes	"	Itatinga.
"	Domingos Ribeiro de Magalhães	"	Mamoero.
"	Fernandes & Meirelles	"	Samauma.
"	Antonio Honorato da Silva.	"	Nova Alegria.
"	Antonio Marinho Falcão	"	Liberdade.
"	José Jacundo de Magalhães	"	Santo Antonio.
"	Annibal E. Saralva	"	Castello.
"	Aboud & Irmão.	"	Nazareth.
"	Manoel Martins Nobre	"	Catiana.
"	Jacintho Alves dos Santos	"	Soledad.
"	Manoel Nogueira Dias	Rio Macauhá	Santa Luzia.
"	Orlando Domingues.	"	Apuhy.
"	Vicente Ferrelra Gadelha	"	Triumpho.
"	Miguel Pinheiro Castello	"	Repouso.
"	Manoel Luiz de Lima	"	Capital.
"	Francisco Victoriano Sobrinho	"	Valença.
"	Maria Carneiro da Silva	"	Natal.
"	Figatti & Irmão	"	Reforma.
"	Demetrio Padilha	"	Iracema.
"	Antonio d'Almeida Sampaio	Cayaté	Guarabará.
"	Anna Chaves	Yaco	Antapá.
"	J. V. de Menezes	"	Tabatinga.
"	João Baptista de Alcantara.	"	Catamaray.
"	Josephia Jorge Vieira.	"	Palmares.
"	Manoel Gomes da Silva	"	Nova Olinda.
"	Raymundo Nonato Brasil	"	Boa Esperança.
"	Moyes A. de Souza.	"	Curytiba.
"	J. Gadelha & Irmãos.	"	Bomfim.
"	Lucio Telles de Carvalho	"	Baturité.
"	Abilio S. Diniz	"	Campo Osorio.
"	Clarindo Pereira da Silva	"	S. Sebastião.
"	Newton Mendes	"	Vale-Quem-Tem.
"	J. A. Cavalcante	"	S. Pedro.
"	Adelbert H. Alpen, Ltd.	"	Natal.
"	R. M. de Almeida	"	

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Borracha	J. Cancio Fernandes.	Rio Yaco	Oriente.
»	F. Hoyos y Hernano	»	Florescencia.
»	F. C. B. Brazil	»	Santa Clara.
»	Joaquim de Oliveira Campos.	»	Mercês.
»	Viuva Escosso Vieira & Filhos	»	S. João.
»	Francisca Floripes Freire Ladeira	»	Bocca do Macauhá.
»	Maximino Ladeira	»	S. José. Centenario, 8.
Castanha do Pará	Pinho Certo, filial	Senna Madureira	Avenida Centenario, 24.
»	Yemna Alloin.	»	»
»	José Jacob Chama	»	»
»	Habib Francis.	»	»
»	José Jorge & Irmãos.	»	»
»	Francisco Rage	»	»
»	Raymundo Magalhães	»	»
»	Felizardo & Comp.	»	»
»	Rodrigues de Almeida	»	»
»	Antonio Alvares Pereira	»	»
»	Antonio Miguel	»	»
»	Francisco Barreira Nanan	»	»
»	Jonat & Comp.	»	»
»	João Vicente	»	»
»	Elias Kury.	»	»
»	Sousa & Comp.	»	»
»	Atala & Milet.	»	»
»	José Fares & Irmão	»	»
»	J. V. de Menezes	Rio Yaco	Rua Xapury, 7.
»	João Baptista de Alcantara.	»	Purus, 15.
»	Joseph Jorge Vieira.	»	Avenida Centenario, 42.
»	Raymundo Nonato Brazil	»	»
»	Moyses A. de Souza	»	Amapá.
»	J. Gadelha & Irmãos.	»	Tabatinga.
»	Lucio Telles de Carvalho	»	Canamary.
»	Abilio S. Diniz	»	Nova Olinda.
»	Clarindo Pereira da Silva	»	Boa Esperança.
»		»	Gurytba.
»		»	Bomfim.
»		»	Baturité.
»		»	Campo Osorio.

Castanha do Pará	Newton Mendês	Rio Yaco	S. Sebastião.
»	J. A. Cavalcante.	»	Vale-Quem-Tem.
»	Adelbert H. Alden, Ltd.	»	S. Pedro.
»	R. M. de Almeida	»	Natal
»	J. Cancio Fernandes.	»	Oriente.
»	F. Hoyos y Hermiano	»	Florescencia.
»	F. C. B. Brazil	»	Santa Clara.
»	Joaquim de Oliveira Campos	»	Mercês.
»	Viuva Escossio Vieira & Filhos	»	S. João.
»	Francisca Floripes Freire Ladeira	»	Bocca do Macauhá.
»	Maximino Ladeira	»	S. José.
Couros de boi	Pinho Certo, filial	Senna Madureira	Avenida Centenario, 8.
»	Jose Jacob Chamma.	»	» 30.
»	Antonio Alvares Pereira	»	» 27.
»	Aboud & Irmão.	Alto Puris	»
»	Anna Chaves	Rio Yaco	Castello.
»	J. V. Menezes	»	Guanabara.
»	João Baptista de Alcantara.	»	Anapá.
»	Josepha Jorge Vieira.	»	Tabatinga.
»	Raymundo Nonato Brazil	»	Rio Canamary.
»	Moyés A. de Souza.	»	Nova Olinda.
»	J. Gadelha & Irmãos.	»	Boa Esperança.
»	Lucio Felles de Carvalho	»	Curytiba.
»	Abilio S. Diniz	»	Bomfim.
»	Clarindo Pereira da Silva	»	Paturité.
»	Newton Mendes	»	Campo Osorio.
»	J. A. Cavalcante.	»	S. Sebastião.
»	Adelbert H. Alden, Ltd..	»	Vale-Quem-Tem.
»	M. R. de Almeida	»	S. Pedro.
»	J. Cancio Fernandes.	»	Natal.
»	F. Hoyos y Hermiano	»	Oriente.
»	F. C. B. Brazil	»	Florescencia.
»	Joaquim de Oliveira Campos	»	Santa Clara.
»	Viuva Escossio Vieira & Filhos	»	Mercês.
»	Francisca Floripes Freire Ladeira	»	S. João.
»	Maximino Ladeira	»	Bocca de Macauhá
»	Pinho Certo, filial	Senna Madureira	S. José.
»	Partide Caram	»	Avenida Centenario, 8.
»	Yenna Alloin	»	» 14.
Couros de veados.	»	»	» 24.

PRODUCTOS	FIRMAS	CIDADE OU MUNICIPIO	ENDEREÇO
Couros de veados.	José Jacob Chama	Senna Madureira	Avenida Centenario, 30.
»	Habib Francis.	»	» 34.
»	José Jorge & Irmãos.	»	» 36.
»	Francisco Rage	»	» 44.
»	Raymundo Magalhães	»	» 1.
»	Felizardo & Comp.	»	» 21.
»	Rodrigues de Almeida	»	» 50.
»	Antonio Alvares Pereira	»	» 27.
»	Antonio Miguel	»	» 54.
»	Francisco Barreira Nanan	»	» 66.
»	Jonat & Comp.	»	» 70.
»	João Vicente	»	» 84.
»	Elias Kury.	»	»
»	Souza & Comp.	»	Rua Xapury, 7.
»	Atala & Millet.	»	Rua Purús, 15.
»	José Fares & Irmão	»	Avenida Centenario, 42.
Madeiras	Eduardo Pereira & Irmãos.	Séde em Manáos.	» 60.
»	Villas Boas & Comp.	»	»
»	Rodolpho de Vriz	»	»
»	Cunha & Comp.	»	»
»	Meirelles & Pedroso.	»	»

Estas firmas só têm relações com as praças de Manáos e Belém, sendo toda a exportação feita via Senna Madureira.

NOTA BIBLIOGRAPHICA

O presente trabalho foi organizado com subsidios de informações reunidas, segundo instrucções da Directoria, contidas em originaes de autoria dos seguintes technicos das Inspectorias Agricolas:

Ajudante Raymundo Ferreira Montenegro (substituindo o inspector), Amazonas;

Inspector Enéas Calandrini Pinheiro, Pará;

Inspector Franklin Ribeiro Viégas, Maranhão;

Inspector Evandro Rocha, Piauhy;

Inspector Humberto Rodrigues de Andrade, Ceará;

Ajudante Ormino Rodrigues Vidigal (substituindo o inspector), Rio Grande do Norte;

Inspector Diogenes Caldas, Parahyba do Norte;

Ajudante Raymundo Fernandes e Silva (trabalho com o visto do; Inspector Paulo Ferreira de Souza), Pernambuco;

Inspector Bento Ferreira, Alagôas;

Inspector Manoel Peretti da Silva Guimarães, Sergipe;

Inspector Ervidio de Souza Velho, Bahia;

Inspector Paulo Americo Silvado, Espirito Santo;

Inspector Jacintho Antonio de Mattos, com a collaboração dos ajudantes Antonio Lomardo e Alfredo de Souza Monteiro, Estado do Rio de Janeiro o

Ajudante Rogerio de Camargo (substituindo o inspector), com a collaboração dos ajudantes Casemiro Guimarães Junior, Paulo Bruhns Filho, Generaldo Machado e Henrique de Azevedo Junior, S. Paulo;

Inspector Alberto de Moraes A uiar, Paraná;

Inspector João Baptista Camargo, Santa Catharina;

Inspector Luiz Gonzaga Gomes de Freitas e ajudante José Augusto Ignacio Cabral, Rio Grande do Sul;

Inspector Francisco Leite Alves Costa e ajudantes Victor Malmann, Alexandre Grangier, Godofredo dos Santos, João Baptista Zolini, Alexandre Leite de Figueiredo e Newton Beleza, Minas Geraes;

Inspector Eduardo Claudio da Silva e ajudantes Euler Coelho e Alvaro Guimarães, Goyaz.

Ajudante Julio Ferreira de Aguiar (substituindo o inspector) Matto Grosso;

Inspector Liberalino Salles Gadelha, Territorio do Acre.

Inspector Antonio de Arruda Camara, em exercicio na Directoria

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1925



M. FAZENDA

D.A. - NRA - GB

59042

COM. INVENTARIO

PORT. 114/73



Este livro deve ser devolvido na última data carimbada.

20 MAI

Imp. Nacional —

2629-45

338.1

B823

2629-46

338.1

B823

Brasil. Minist. da Faz. Serv. de
AUTOR

inspecção e fomento agricolas
TITULO

Circulação dos productos agricolas

Devo ver em

NOME DO LECTOR

2629-45

345
Meyer Rosental
Meyer Rosental

2629 - 45

